Bibliotheca da Imprensa da Universidade de Coimbra

O INSTITUTO

VOLUME XXVII — SEGUNDA SERIE

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE COIMBRA

O INSTITUTO

VOLUME XXVII — SEGUNDA SERIE

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA

VOLUME XXVII

Julho de 1879 a Junho de 1880

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1880

COLLABORADORES DO VOLUME XXVII DO INSTITUTO

Abilio Augusto da Fonseca Pinto
Adolpho Ferreira Loureiro
Adolpho Frederico Moller
Adriano de Paiva Faria Leite Brandão
Alberto Telles de Utra Machado
Antonio de Macedo Papança
Antonio José Gonçalves Crespo
Antonio José Gonçalves Guimarães
Antonio José Viale
Antonio Maria Seabra d'Albuquerque
Antonio Pereira de Paiva Pona
Antonio Pereira Pimentel de Brito Corte-Real
Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro
Augusto Antonio da Rocha
Augusto Filippe Simões
Augusto Sarmento
Domingos Manuel Pereira de Carvalho Abreu
Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão
Francisco Augusto Corrêa Barata
Francisco de Castro Freire
Henri Faure
Guilhermino Augusto de Barros
Jacintho Candido da Silva Junior
João de Deus
Joaquim Augusto de Sousa Refoios
Joaquim d'Araujo
Joaquim dos Sanctos e Silva

José Braz de Mendonça Furtado
José Pereira de Paiva Pitta
José Silvestre Ribeiro
L'abbé Th. Blanc
Luiz Carlos Simões Ferreira
Manuel Emygdio Garcia
Sergio de Castro
Thuemen (F. Barão de)

(fallecidos)

André Falcão de Rezende
Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu
Francisco Antonio de Mello
José Augusto Cabral de Mello
José Freire de Serpa Pimentel (Visconde de Gouvêa)
Lord Byron
Manuel Maria da Silva Bruschy
Manuel Matthias Vieira Fialho de Macedo
Sulpice Gaubier de Barrault.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME XXVII

A *** (poesia), 230.

Abastecimento de aguas em Coimbra (O projecto de), 203.

Adamastor (O), (poesia), 490.

Aguas (As) alcalino-gazosas do Bem-Saude, 330, 392, 418, 472.

Allocução do presidente do Instituto (Tri-centenario de Luiz de Camões), 508.

Boletim bibliographico, 139, 399, 404, 453, 454.

Bom (O) juizo de um povo, 409.

Breve estudo dynamico sobre o primado universal da egreja christã, 55, 145, 241, 361.

Bussaco (Gomes d'Abreu no), 39, 86.

Camões (poesia) (Tri-centenario de Luiz de Camões), 603.

Cartas (Saudações no final das), 431.

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez, 33, 81, 124, 173, 267, 340, 424, 482.

Catharina de Athayde (poesia) (Tri-centenario de Luiz de Camões), 544.

Congratulation (Tri-centenario de Luiz de Camões), 580.

Contributiones ad floram mycologicam lusitanicam, 15, 65, 162, 251, 320, 368.

Direito civil, 193, 297.

Discurso (extracto) (Tri-centenario de Luiz de Camões), 511.

Discurso (Tri-centenario de Luiz de Camões) 514, 528, 565, 585.

Elogio historico do socio Francisco Antonio de Mello, 231.
Elogio historico do socio Henrique José de Castro, 177.
Elogio historico do socio João de Vasconcellos Pereira Coutinho de Mendonça Falcão, 132.
Elogio historico do socio Jorge Arthur d'Oliveira Pimentel, 345.
Elogio historico do socio Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, 273.
Épitre (poesia) (Tri-centenario de Luiz de Camões), 604.
Faculdade de Medicina de Edimburgo (Intolerancia scientifica), 388.
Foral (O) da villa de Penacova codificado e annotado, 111.
Gomes d'Abreu (V. Bussaco).
Homme (L') dans Camoëns (Tri-centenario de Luiz de Camões), 610.
Ictericia grave — sua pathogenia, 27, 73, 119, 152, 224, 260, 314, 381, 414.
Lamartine, 436, 497.
Leitura (A) dos Lusiadas (poesia) (Tri-centenario de Luiz de Camões), 601.
Luiz (A) de Camões (poesia) (Tri-centenario de Luiz de Camões), 600.
Mineralogia (Algumas reflexões sobre a natureza da especie em), 305.
Ode (poesia), 269, 343.
Ode II do liv. II de Horacio (poesia), 428.
Ode XXV do liv. II da lyrica de Horacio (poesia), 396.
Oração de sapiencia, 457.
Pathogenia (V. Ictericia).
Pena (A) de morte, 187.
Penacova (V. Foral).
Percement (Le) de l'isthme de Panama au seizième siècle, 444.
Presentimento (poesia), 130.
Primado universal (V. Breve estudo dynamico).
Questões de finanças, 1, 49, 97.

Quinze (Aos) annos (poesia), 37.
Retrato (O) do Jau por Balzac (Tri-centenario de Luiz de Camões), 622.
Retrato (Um) de Camões ainda não descripto (Tri-centenario de Luiz de Camões), 620.
Sarau litterario (Tri-centenario de Luiz de Camões), 505.
Stanzas to a lady (poesia) (Tri-centenario de Luiz de Camões), 608.
Telescopia (A) electrica, 169.
Thomé Cacheiro (Additamento ao brazão d'este titulo), 92.
Uma (A) senhora (poesia) (Tri-centenario de Luiz de Camões), 609.
Verso (Um) de Camões (poesia) (Tri-centenario de Luiz de Camões), 602.

Faltam nº 2 3, 4, 7 e 10 a 12

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

VOLUME XXVII — JULHO DE 1879

SEGUNDA SERIE — N.º 1

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SUMMARIO

Pag.

QUESTÕES DE FINANÇAS — por **Domingos Manuel Pereira de Carvalho Abreu** 1

CONTRIBUTIONES AD FLORAM MYCOLOGICAM LUSITANICAM — por **F. de Thuemen** 15

ICTERICIA GRAVE — SUA PATHOGENIA — por **J. A. de Sousa Refoios** 27

CATALOGO DAS PLANTAS MEDICINAES QUE HABITAM O CONTINENTE PORTUGUEZ — por **Adolpho Frederico Moller** 33

AOS QUINZE ANNOS DA MENINA MARIA IGNACIA ROCHA BORGES (poesia) — por **A. Macedo Papança** 37

GOMES D'ARREU NO BUSSACO — por **A. A. da Fonseca Pinto** 39

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

QUESTÕES DE FINANÇAS

SUMMARIO: — Noção geral do imposto; exposição e critica das principaes theorias. — Classificação dos impostos em directos e indirectos. — Valor economico e financeiro d'esta classificação. — Characteristicas d'uns e outros. — Impostos merecida ou immerecidamente incluidos em cada uma d'aquellas categorias nos tres primeiros artigos do rendimento do Estado, segundo o orçamento geral portuguez para o exercicio de 1878 a 1879.

PRIMEIRA PARTE

Noção geral do imposto; exposição e critica das principaes theorias

Nas sciencias sociaes nada ha mais importante, e ao mesmo tempo mais difficil, do que definir; e, em assumpto de tal tomo e tão fecundo em problemas do maximo interesse scientifico e social, a definição do phenomeno que se pretende analysar é, sem duvida, de subida transcendencia.

Na sua *Theoria do Imposto* [1], dizia Proudhon: «Emquanto uma cousa não é chamada pelo seu verdadeiro nome, emquanto a idêa não achou o seu termo proprio, a sua definição, ha incerteza na theoria, e por consequencia erro na sua applicação..... Toda a theoria do imposto está na sua definição.»

Esta these, que, referida ás definições scientificas, verdadeiras syntheses de theorias ou de systemas, parece d'uma exactidão

[1] A pag. 288 e 289, notas A e B.

incontestavel, não póde applicar-se ás definições empiricas, que têm só por fim dar uma idêa geral do definido, exclusivamente fundada sobre a practica ou experiencia do phenomeno.

Passando em revista as theorias ou definições mais notaveis que se têm dado do *imposto,* emittiremos sobre cada uma a nossa humilde opinião.

I

Theoria do imposto-seguro

Esta theoria, que, no dizer de Proudhon, Emilio Girardin se appropriou tornando-a sua, foi acceita por J. Garnier, Thiers, e ainda por Batbie e outros economistas-financeiros.

Na sua obra — *O imposto* [1] — define-o Girardin — «o premio de seguro pago por todos os membros d'uma sociedade, chamada — nação —, para se assegurarem o pleno gozo de seus direitos, a efficaz protecção de seus interesses e o livre exercicio de suas faculdades, pondo para este fim em commum uma porção determinada da sua força, a qual constitue a força collectiva.»

J. Garnier diz tambem, no seu *Tractado de Finanças* [2], «que se as attribuições do Estado fossem reduzidas ao que deveriam ser, o imposto racional podia ser definido — o premio de seguro pago pela garantia de segurança.» Foi esta definição que elle propoz para ser acceita no Congresso do imposto em Lausanne, sendo comtudo rejeitada por não querer a maioria dos membros d'este congresso entrar na analyse d'uma questão previa, que iria influir nas decisões posteriores.

Thiers, no seu livro — *Da propriedade* [3] — semelha egualmente a sociedade a uma companhia de seguros. «O principio natural em

---

[1] Sexta edição, pag. 229.

[2] Pag. 16.

[3] No fim da pag. 348.

materia de imposto é, diz o grande estadista, como numa companhia de seguros contra o incendio, pagar o risco em proporção do valor garantido, e qualquer que seja a natureza d'este valor.»

Leroy-Beaulieu—*Tractado da Sciencia das Finanças*[1]—critica este modo de considerar o imposto como um premio de seguro, notando-lhe dois defeitos: 1.º reduzir as funcções do Estado ás d'um simples *gendarme,* quando os orçamentos de todas as nações demonstram que as suas attribuições são muito mais extensas; 2.º equiparar as companhias de seguro ao Estado, sendo aliás innegavel que aquellas sociedades procedem d'um modo inteiramente diverso no caso de perda total ou parcial da propriedade segurada. A companhia de seguro indemnisa o proprietario, embolsando-o do valor do immovel destruido pelo incendio, inundação ou qualquer outro acontecimento fortuito; o Estado assegura apenas a garantia dos direitos de cada um, e não a reparação dos damnos causados pelos flagellos naturaes ou mesmo por factos dos outros homens.

Á primeira observação poderia talvez oppor-se o reparo de que Leroy-Beaulieu não vê no imposto o que elle deve ser, mas simplesmente o que é, apoiando a sua critica unicamente sobre os factos e confundindo assim a theoria com a practica.

A censura não é de todo o ponto immerecida; e por isso, e para não entrarmos agora na discussão da finalidade do Estado, que não reputamos indeclinavel para o desempenho do nosso proposito, não perfilhamos a impugnação derivada dos actuaes orçamentos, nem sempre defensaveis sob o ponto de vista da justiça e da sciencia.

Basta, porém, o segundo argumento de Beaulieu para demonstrar a falsidade da similhança entre o imposto e um premio de seguro. O Estado garante a realisação de direitos e não de valores materiaes.

Comparar uma sociedade ou uma nação com uma companhia de

---

[1] Pag. 107.

seguros é uma concepção anti-philosophica, mesquinha e erronea, como lhe chama Léon Walras na sua *Theoria critica do imposto* [1].

Se a analogia procedesse, deveriam todos os membros d'uma nação pagar o imposto proporcionalmente á protecção que recebessem do Estado, do mesmo modo que numa companhia de seguros os associados pagam um premio proporcional aos valores garantidos: e assim os miseraveis, indigentes e desvalidos, que maior protecção recebem dos poderes publicos, com maior quota de imposto deveriam contribuir para as despesas geraes, e os que a não podessem pagar não tinham direito aos beneficios do Estado, nem podiam mesmo ser considerados como cidadãos ou membros d'elle.

Estes corollarios, que decerto não acceitam os defensores da theoria criticada, mas que d'ella logica e inevitavelmente se deduzem, são a mais brilhante refutação do imposto-seguro.

Leroy-Beaulieu, notando a differença entre a protecção emanada do Estado e as garantias prestadas por uma companhia de seguros, não procura comtudo destruir a supposta analogia na sua base fundamental.

A diversidade, porém, não existe só na maneira de garantir.

As duas sociedades não differem unicamente em que o Estado garante a realisação de direitos e a sociedade de seguros — a conservação de valores materiaes: differem tambem e principalmente quanto á sua natureza e fim, podendo uma falsa analogia neste ponto originar os mais graves e perigosos erros.

E para se conhecer que de feito não tem sido esteril, bastaria ler algumas paginas da notavel obra de Leroy-Beaulieu, que é sem duvida o tractado mais completo da sciencia das finanças.

O apreciado escriptor, discutindo a questão — se o imposto deverá ser proporcional ou progressivo — combate denodadamente os defensores do imposto progressivo.

Antes, porém, de o refutar por uma vigorosa demonstração in-

---

[1] A pag. 17 da Introducção.

directa, apontando os seus grandissimos defeitos e inconvenientes, bem como as inconsequencias em que irresistivelmente se têm abysmado os seus propugnadores, procura assentar o principio que deve presidir á distribuição do imposto.

Rejeita a theoria denominada — *da egualdade do sacrificio;* mas, ou porque quizesse levar muito longe a refutação, ou porque se deixasse conduzir pelo seu genio eminentemente practico, que a cada passo revela na sua obra, é certo que, seduzido por uma falsa analogia, assentou um principio inteiramente contrario áquelle, mas não menos repugnante com a noção de Estado.

Affirma o auctorisado financeiro que, theoricamente, o systema mais logico e mais equitativo é aquelle em que cada cidadão é obrigado a pagar uma quota tributaria, proporcional ás vantagens que aufere das despesas do Estado, e á sua parte de responsabilidade no estabelecimento da divida publica.

Para provar que é uma pura idealisação a theoria — *da egualdade do sacrificio* — compara o Estado ás companhias de seguros, ás companhias dos caminhos de ferro, e até ás industrias particulares!

Porventura não seria verdadeiramente singular e extranho que um commerciante quizesse vender as suas mercadorias, não por um preço uniforme, sendo a mesma a quantidade e a qualidade dos objectos vendidos, mas por um preço que augmentasse proporcionalmente á fortuna do comprador?

Leroy-Beaulieu não duvida de que o Estado se encontre em condições identicas, e por isso não receia affirmar que o poder social deveria exigir de cada cidadão individualmente o justo preço dos serviços que recebe e a parte de responsabilidade que lhe incumbe nas dividas da sociedade a que pertence.

O illustre financeiro esforça-se por tornar bem clara e definida a situação em que se colloca.

Depois de estabelecer aquelle principio deduzido d'uma falsa assimilação, procura verificar se é ao systema da progressividade ou ao da proporcionalidade que elle aproveita.

A conclusão a que chega é a seguinte: — as vantagens que para os cidadãos resultam dos serviços publicos não são em proporção constante com a sua fortuna, estão muito longe de augmentar proporcionalmente á elevação da riqueza, e em geral a protecção concedida á classe mais pobre é relativamente muito mais dispendiosa para o Estado.

Sem nos fazermos cargo de averiguar se serão rigorosamente exactas as premissas em que Leroy-Beaulieu baseia esta sua affirmação, não podemos comtudo duvidar de que ella seja mais ou menos verdadeira.

Fazendo agora a applicação do principio que, segundo o parecer do distincto financeiro, deve presidir á distribuição do imposto, achamos que o unico justo e legitimo, em face da sciencia, seria o imposto progressivo, não na razão directa do augmento da riqueza, mas na razão inversa d'essa elevação, de modo que a sua taxa, crescendo successivamente ao passo que diminuia a fortuna do contribuinte, viria finalmente recahir com o seu peso maximo sobre aquelles que nada podiam pagar!!

Tão extranhos corollarios bastam para fulminar a theoria que lhes serve de base.

Leroy-Beaulieu confessa que o principio da equivalencia entre o serviço prestado pelo Estado a cada individuo e o imposto correspondente não póde ser applicado, e carece de ser practicamente substituido por outro, em virtude do qual cada individuo só contribue para as despesas publicas proporcionalmente ás suas faculdades. D'este modo aquelle principio ficaria completamente esteril, pois que nunca poderia servir de base para a distribuição do imposto.

A melhor prova da falsidade d'um principio destinado a ter uma realisação practica é a impossibilidade da sua applicação.

Se o principio da equivalencia entre a porção de imposto, que pesa sobre cada individuo, e o serviço correspondente não póde ser applicado, é porque é antinomico com a natureza e fim da instituição que appellidamos Estado.

Fórma-se esta collectividade para tractar dos interesses geraes dos seus membros. Os serviços que estão a cargo do Estado não são vendidos por este a cada cidadão, mas prestados a todos em virtude do pacto social que os une e que com elles fórma a vasta corporação em que todos se acham comprehendidos.

Todos podem exigir a garantia dos seus direitos e aproveitar-se dos serviços verdadeiramente publicos.

É verdade que áquelle direito corresponde o dever correlativo de contribuir para as despesas publicas; mas este dever só se effectiva em proporção com as faculdades de cada individuo.

A base fundamental sobre que assenta a organisação do Estado é a estreita alliança e solidariedade na realisação do fim commum dos associados. Todos os cidadãos, quer possam ou não contribuir para as despesas geraes do Estado, têm egual direito de se utilisarem dos serviços verdadeiramente publicos.

A collectividade social é obrigada a prestar a todos os seus membros os serviços que são por natureza geraes e publicos, emquanto que a imposição tributaria tem de ser fixada proporcionalmente á fortuna e faculdades de cada individuo.

É portanto singularmente erronea a analogia que se pretende estabelecer entre o imposto e o premio de seguro, e mais repugnante é ainda a comparação d'aquelle com o preço das mercadorias nos contractos commerciaes.

A sociedade de seguros, ao contrario do Estado, acolhe apenas sob a sua égide aquelle que pagar o preço da segurança prestada, e este preço não acompanha a fortuna individual, mas varia só conforme o valor das garantias concedidas ou segundo a importancia do risco.

Julgo desnecessaria mais larga demonstração para provar a falsidade da theoria que assemelha o Estado a uma companhia de segurança e equipara o imposto ao premio de seguro.

II

Theoria de Proudhon

Este insigne escriptor, embora tantas vezes inconstante em suas opiniões, escreveu uma theoria do imposto, verdadeiramente notavel e justamente apreciada no mundo scientifico.

Acceitando a noção de imposto, que o simples senso commum póde indicar, e a unica que, segundo elle diz, é auctorisada pelo direito moderno — *a quota parte que cada cidadão tem a pagar para a despesa dos serviços publicos* — deduziu d'essa noção tres principios fundamentaes para determinar a nátureza do imposto.

O primeiro principio é que — o imposto ou, mais exactamente, o orçamento da receita e despesa do Estado póde ser considerado uma verdadeira troca. O que o Estado pede aos cidadãos em dinheiro, trabalho ou productos deve ser o equivalente exacto dos serviços que lhes presta.

Esta formula, que é a synthese de toda a theoria de Proudhon para determinar a natureza do imposto, foi vivamente criticada por alguns economistas e financeiros.

A nosso ver todos se illudiram; tomando a nuvem por Juno, em logar de lhe darem uma interpretação razoavel, procuraram notar-lhe defeitos que não tinha.

Joseph Garnier [1] julga verdadeira a theoria de Proudhon, affirmando, porém, que a definição ou formula que a resume não é completamente justa, não podendo o imposto ser equiparado a uma troca, porque não é um acto, mas sim o preço d'um serviço recebido em troca.

É preciso fazer justiça a Proudhon. Dizendo que o imposto era uma troca, elle quiz excluir como incompativeis com esta noção e inconciliaveis com os direitos de soberania, liberdade e pro-

---

[1] Cit. *Tractado de Finanças*, pag. 326.

priedade dos cidadãos as idêas de tributo, indemnisação, aluguer, etc., e significar que as contribuições não podem ser impostas arbitrariamente, mas fixadas em virtude d'uma troca, effectuada entre os particulares e uma pessoa collectiva, denominada Estado. Evidentemente não foi seu intento affirmar que o imposto fosse unicamente o conteúdo d'esta troca, mas sim um dos seus termos.

Para o provar basta só recorrer ao simples bom senso, e quasi se torna desnecessario interpellar o livro de Proudhon. Póde, porém, ver-se confirmada esta interpretação, aliás a unica racional, a pag. 40 da sua *Theoria do imposto,* onde se diz que, «para fallar com maior exactidão, não é o imposto, mas o systema de despesas e receitas do governo que deve julgar-se uma troca.»

O illustrado lente, o sr. dr. Antonio dos Sanctos Pereira Jardim, nos seus *Principios de Finanças*[1], combate a definição de Proudhon directamente e nas suas consequencias.

Directamente, pelos seguintes fundamentos: 1.º «A troca, em materia de imposto, não existe nem entre os individuos, nem entre cada um e o Estado; este garante a propriedade, mantém a ordem e executa a justiça pelo total das quotas tributarias; e por isso os individuos trocam a somma das quotas pelo resultado obtido, resultado que cada um isoladamente não obteria, nem ainda uma só parte»; 2.º «porque entre os particulares e o Estado não póde haver debate em relação a cada um dos serviços mencionados no orçamento, nem ha livre concorrencia, e por isso os serviços do Estado constituem um monopolio.»

Salvo o profundo respeito que tributamos ao illustrado professor, é nossa opinião que nenhuma d'estas objecções destroe a formula de Proudhon.

Este escriptor diz bem claramente[2]: «do mesmo modo que para certas utilidades, a troca se faz de pessoa a pessoa, de fa-

---

[1] § 155.º

[2] A pag. 40 da sua obra.

milia a familia; assim, para outras utilidades a troca se realisa entre o conjuncto dos particulares e uma pessoa collectiva, que é o Estado.» É a esta passagem da Theoria de Proudhon que o sr. dr. Jardim se refere transcrevendo-a no § 152.º dos seus *Principios de Finanças,* mas com uma alteração que modifica profundamente o sentido. Quando ahi se diz que no systema de Proudhon «a troca se faz entre o individuo e uma pessoa collectiva, que se chama Estado», a palavra *individuo* deveria estar no plural e não no singular.

De resto, pouco importa que a troca se faça entre cada individuo e o Estado ou entre esta collectividade e todos os particulares; em qualquer dos casos é o imposto o pagamento dos serviços prestados pelo Estado aos cidadãos, constituindo assim o acto que o origina uma verdadeira troca.

Isto mesmo reconhece o proprio sr. dr. Jardim, quando formúla a primeira objecção.

A resposta á segunda tambem nos parece facil.

Se se consideram um monopolio os serviços que o Estado presta, só porque, attendendo á sua natureza e ás circumstancias sociaes, devem estar a cargo d'aquella collectividade e não dos particulares, concordamos plenamente; mas, se se pretende demonstrar que a troca effectuada entre o Estado e os particulares, com respeito aos serviços publicos, differe fundamentalmente de qualquer outra troca e não está sujeita ás mesmas leis naturaes, seguiremos então opinião opposta.

Parece-nos que não poderá negar-se que aquella troca é regida pela lei da offerta e procura, e que a fixação do preço é o resultado do livre debate, do mesmo modo que nas trocas realisadas entre os particulares. Se os mandatarios dos cidadãos podem recusar aos orgãos do poder executivo os impostos que pedem para cumprimento da missão que lhes foi confiada, do mesmo modo podem estes, pela sua parte, resignar o encargo da administração, visto não terem chegado a um accordo com os representantes da nação relativamente ao preço dos serviços sobre que versava o debate.

Tambem não póde negar-se a este acto o character de troca, por não haver uma discussão especial para cada um dos serviços publicos. A especialisação de todos estes serviços em grupos ou do total da despesa do Estado em diversos artigos, a fim de serem votados separadamente pelas assemblêas legislativas, é uma garantia politica importantissima. É preciso, porém, não exaggerar este principio, que não póde ter uma applicação completa. Procurar-lhe uma realisação maior, do que aquella que elle naturalmente deve ter, seria, como muito bem diz um escriptor, entregar a administração publica ao poder legislativo.

Mas só pelo simples facto de não poder haver debate em relação a cada serviço especialmente, sendo apenas possivel para cada grupo de serviços, deixará o acto da fixação das despesas e receitas de ser uma perfeita troca? Por identidade de razão poderia dizer-se que o contracto que recahisse sobre differentes productos ou serviços perdia a sua natureza de contracto. Não pretendemos negar que haja naquelle acto alguma particularidade que o characterise, distinguindo-o de qualquer troca; nada vemos, porém, que possa auctorisar a recusar-lhe a natureza geral de contracto ou troca.

Depois de atacar d'um modo directo a definição de Proudhon, o sr. dr. Antonio Jardim procura ainda impugnal-a, como já dissemos, nas suas consequencias. Allega que, «descendo o Estado á categoria de mero permutador, resultariam daqui os seguintes corollarios: — o individuo mais fraco, precisando de maior protecção, teria de pagar maior imposto para remunerar proporcionalmente o serviço recebido, — o paralytico deveria ser o maior contribuinte; — e finalmente os indigentes, não tendo meios, deveriam ser expulsos da nação ou negar-se-lhes toda e qualquer protecção.»

Estariam verdadeiramente contidos na Theoria de Proudhon estes corollarios e seriam sufficientes para a tornar inadmissivel na hypothese de que o Estado tivesse de fazer a troca com cada um dos particulares individualmente. Não é este, porém, o sen-

tido em que deve ser tomada a formula de Proudhon, como já nos parece ter demonstrado. A troca debate-se entre o Estado d'um lado e todos os particulares conjunctamente do outro; cada um d'elles deverá depois pagar uma quota tributaria proporcional ás suas faculdades, e os que nada tiverem nada podem ser obrigados a pagar, conservando, porém, o direito á protecção, da qual gozam pelo simples facto de serem cidadãos, de fazerem parte d'uma determinada associação politica.

Leroy-Beaulieu [1] parece julgar inexacta esta definição pelo motivo de que os impostos não são unicamente o preço dos serviços actualmente recebidos do Estado, mas tambem d'outros já anteriormente prestados ás gerações passadas e não poucas vezes de despesas inuteis e até nocivas, feitas pela geração actual ou pelas passadas. O principio da solidariedade de todos os habitantes d'uma mesma nação, e das gerações successivas de cada nação, legitima, no dizer d'aquelle eminente financeiro, o estabelecimento de taxas, que não são o preço d'um serviço social correspondente, mas a expiação de faltas collectivas anteriores. Julgamos que estas objecções não attingem o fim para que foram produzidas.

Em primeiro logar, de nada vale allegar-se que o imposto serve muitas vezes para pagar despesas inuteis ou prejudiciaes. Em theoria procura determinar-se o que deve ser, que nem sempre corresponde ao que é. As trocas realisadas entre os particulares, sem que, na opinião dos individuos extranhos ao contracto, haja equivalencia entre os objectos trocados, perderão a natureza de trocas?

O imposto, theoricamente, é o preço dos serviços feitos pelo Estado, e, mesmo practicamente, emana d'um acto que é incontestavelmente uma troca.

Mas, accrescenta-se ainda, como admittir, segundo esta theoria, que uma parte importante dos impostos seja empregada não em

---

[1] Cit. *Tractado da Sciencia das Finanças*, pag. 105 e seg. do tomo 1.º

retribuir serviços actuaes, mas serviços passados, e não poucas vezes applicada ao pagamento dos juros e amortisação de dividas contrahidas pelas gerações anteriores para despesas inuteis ou perniciosas? «Não conduzirá esta concepção do imposto, como o simples preço de serviços sociaes equivalentes, á theoria do repudio das dividas nacionaes? [1]»

O principio que justifica o pagamento das dividas publicas, a nosso ver, não é contrariado pela theoria que defendemos. Qual elle seja, dil-o o escriptor cujas objecções procuramos combater. —O Estado é um ser moral que se perpetúa através das gerações que se succedem e que obra em nome de todos os cidadãos.

Responde pelas obrigações que contrahiram as gerações passadas do mesmo modo que o herdeiro pelas dividas do seu antecessor, que legitimamente representa.

Mas que opposição póde haver entre este principio e a theoria que considera o imposto uma troca de serviços? Longe de se contrariarem, aquelle completa ou desenvolve esta, pois que a troca tanto póde existir no momento presente como no tempo já decorrido, ficando a geração actual obrigada ao cumprimento d'um contracto celebrado com as que a precederam. Além de que, se as despesas feitas pelas gerações anteriores foram realmente uteis, em geral aproveitam tambem ás que lhes succederam; isto póde dizer-se até das que tiverem sido applicadas á sustentação de guerras, cujo fim foi a manutenção da independencia nacional. É, porém, escusado recorrer a este argumento.

Adduzem por ultimo os adversarios da theoria de Proudhon: quando d'estas despesas não resultar nunca um proveito real para a nação, como será possivel justifical-as? É a fórma final que reveste esta objecção, a que nos parece termos já respondido, porque, segundo o principio da solidariedade das gerações successivas que formam uma nação, não é preciso distinguir as despesas actuaes das anteriormente feitas.

---

[1] Leroy-Beaulieu, obra já cit., pag. 106.

Em conclusão: não descobrimos o motivo por que a formula de Proudhon despertou a opposição que lhe tem sido feita, em o nosso entender, injustamente. A doutrina, que ella traduzia, não era nova no dominio da sciencia; o seu auctor confessa [1] que já antes J. B. Say tinha considerado o imposto por esta fórma, e póde dizer-se que esta idêa está contida em quasi todas as definições que d'elle se têm apresentado; apenas não tinha ainda sido reduzida a uma formula. É só neste ponto, aliás importante, que Proudhon se considera innovador.

Para não alongar demasiadamente os limites d'este insignificante trabalho, não procuraremos analysar os outros dois principios da theoria de Proudhon, porque o não julgamos indispensavel para assentar uma noção de imposto, e porque isso nos desviaria para outras questões. Parecem-nos acceitaveis, devidamente interpretados; sendo, porém, arduo o encargo de quem os quizesse conciliar com as opiniões que noutra parte emittiu o mesmo escriptor.

(Continúa) DOMINGOS MANUEL PEREIRA DE CARVALHO ABREU.

---

[1] Nota A á pag. 40 da sua obra.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

CONTRIBUTIONES AD FLORAM MYCOLOGICAM LUSITANICAM

PREAMBULO

No *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes,* de Lisboa, foi publicada a primeira serie de cogumelos de Portugal. Esta segunda serie é a continuação d'aquella. Comprehende 240 especies, entre as quaes se contam 65 especies novas, numero superior á quarta parte da totalidade.

São indicados tambem representantes de dois novos generos da tribu dos Ascomycetos — o genero *Henriquesia* dos Hysterineos e *Heptameria* dos Cucurbitareos.

Os exemplares estudados foram colhidos pelos srs. dr. J. A. Henriques, Ad. Fr. Moller, P. Gastão Mesnier, Estacio da Veiga e M. Ferreira, aos quaes dirijo os meus sinceros agradecimentos.

É de esperar-se que, se o zelo actual dos collectores não abrandar, em poucos annos se poderá ter conhecimento bastante completo da flora mycologica d'este bello paiz, tão interessante e ainda bem pouco conhecido, pelo menos no que diz respeito á mycologia.

Vienna, março de 1879.

F. Barão de Thuemen.

CONTRIBUTIONES AD FLORAM MYCOLOGICAM LUSITANICAM

SER. II

(Ser. I. conf. in «Jornal de sciencias mathematicas, physicas e naturaes» N.º XXIV. Lisboa—1878.)

PERONOSPOREI

180. **Phythophthora infestans.** De By. in Journ. Roy. Agricult. Soc. II. Vol. XII. 1876. I. no. 23.—*Peronospora infestans.* De By. in Ann. sc. nat. 1863. XX. Tab. 5.
In *Solani nigri* Lin. foliis vivis. Rarissime. Choupal pr. Coimbra. 1.79. N.º 238. Leg. Ad. Fr. Moller.

SPORIDESMIACEI

181. **Torula conimbricensis.** Thuem. nov. spec.
T. acervulis epiphyllis, tenuissimis, laxis, effusis, atris, suborbiculatis in macula concava, subinflata, magna, rufo-fusca; sporis concatenatis, globosis, obsolete echinulatis, fuscis, 5 mm. diam. in catenulis subbrevibus, quinque-octosporis.
In *Agaves americanae* Lin. foliis languidis emortuisve. Coimbra. 12.78. N.º 300, 306. Leg. Moller.

182. **Torula janthina.** Thuem. nov. spec.
T. caespitibus confluentibus, densissimis, aterrimis, solubilibus, non inquinantibus; sporis globosulis, catenulas

longas, ramosas, subcurvatas formans, impellucidis, fusco-violaceis vel janthinis, sine nucleo medio, 5–8 mm. diam.

In *Ficus caricae* Lin. cortice subvivo. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 11.78. N.º 222. Leg. Moller. — Adest saepe Algarum forma mihi ignota.

183. **Torula Welwitschiae.** Thuem. nov. spec.

T. caespitibus tenuissimis, orbiculatim late effusis, laxis, cinereis, non detergibilibus; sporis simplicibus vel interdum etiam bicellularibus, catenulas breves, tri-quinquesporas formans, subdiaphanis, sordide fuscidulis, 4.5–5 mm. diam.

In foliis submarcidis *Welwitschiae mirabilis* Hook. fil. Coimbra in Museo botanico. 1878. N.º 77. Leg. Moller.

Obs. Propter sporis interdum bicellularibus non Torulae species vera et fortasse generis novi typus!

184. **Antennaria elaeophila.** Montg. in Bull. Soc. centrale d'Agric. Paris Ser. II. 4. p. 767.—Id. Sylloge plant. cryptog. p. 290.

Ad *Oleae sativae* Lam. folia viva. Baleia pr. Coimbra. 8.78. N.º 95. Leg. Moller.

5.b **Gyrocerus Celtis.** Montg. Sylloge plant. cryptog. p. 308.

In foliis vivis *Sponiae sinensis* Decaisne. Coimbra. 12.78. N.º 236. Leg. Moller.

185. **Sporidesmium Hydrangeae.** Thuem. nov. spec.

S. caespitibus minutis, epiphyllis, dense gregariis, griseo-olivaceis in macula arescendo-albicante, orbicularia, lentiformia, purpureo-violaceo cincta; sporis clavatis, vertice subobtuso-rotundatis, basi angustatis, sex-octocellularibus, fumoso-griseis, subpellucidis, 45 mm. long.,

16 mm. crass.; pedicello brevissimo, valde caduco, hyalino.

Ad *Hydrangeae Hortensiae* De C. folia viva languidave. Coimbra in horto botanico. 10.78. N.° 156. Leg. Moller.

186. **Sporidesmium Amygdalearum.** Pass. in Thuemen Mycotheca universalis no. 474.

In foliis vivis *Persicae vulgaris* Mill. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 11.78. N.° 205. Leg. Moller.

187. **Sporidesmium Phytolaccae.** Thuem. nov. spec.

S. caespitibus amphigenis sed plerumque epiphyllis, minutis, atris, punctiformibus in macula ochracea, arida, late zonato ochro-fusco cincta, postremo expallescentia; sporis late clavatis, vertice dilatatis, multicellularibus, griseo-fuscidulis, 50–60 mm. long., 18–25 mm. crass.; pedicello brevi, griseo, arcuato.

Ad folia viva *Phytolaccae decandrae* Lin. Choupal pr. Coimbra. 12.78. N.° 234. Leg. Moller.

188. **Conisporium inquinans.** Dur. et Montg. Fl. Alger. I. p. 327. —Montg. Sylloge plant. crypt. p. 308.

Ad culmos delapsos, subputridos *Donacis arundinaceae* Beauv. Coimbra. 1.79. N.° 337. Leg. Moller.

189. **Gymnosporium inquinans.** Berk. in Welwitsch Enum. Fungi coll. in Portugal. p. 6.

In *Donacis arundinaceae* Beauv. culmis foliisque emortuis. Coimbra. 3.79. N.° 381. Leg. Moller.

8.b **Melanconium sphaerospermum.** Lk. in Linné Spec. plant. c. Willdenow. VI. 2. p. 91.

Ad culmos aridos *Donacis arundinaceae* Beauv. Valle das Sette fontes pr. Coimbra. 8.78. N.° 99. Leg. Moller.

190. **Melanconium Donacis.** Thuem. nov. spec.—*Melanconium sphaerospermum* Lk. *var. Donacis* Thuem. in Rabh. Fungi europ. no. 1573.

M. caespitibus ellipticis, longis, numerosis, erumpentibus, longe diu epidermide tectis, postremo liberis pulverulentisve, aterrimis; sporis plus minusve globosis vel etiam saepe ellipsoideis, fuligineis, cum nucleo medio concolori magno, 5–8 mm. diam.

Ad culmos emortuos subputridos *Donacis arundinaceae* Beauv. Baleia pr. Coimbra. 8.78. N.° 97. Leg. Moller.

191. **Coniothecium didymum.** Dur. et Montg. Fl. Alger. I. p. 329. —Montg. Sylloge plant. cryptog. p. 299.

Ad *Agaves americanae* Lin. folia subputrida. Baleia pr. Coimbra. 2.79. N.° 357, 358. Leg. Moller.

DEMATIEI

9.b **Cladosporium herbarum.** Lk. Obs. mycol. II. p. 37.

In caulibus emortuis *Brassicae oleraceae* Lin. N.° 137., *Verbenae* sp. N.° 153., *Dipsaci sylvestris* Lin. N.° 419 et *Brassicae* spec. N.° 428.—ad folia arida *Brassicae oleraceae* Lin. N.° 136., *Rhois typhinae* Lin. N.° 186., *Eryngii bromeliaefolii* Delar. N.° 290., *Goetheae cauliflorae* Nees ab Es. N.° 334., *Bambusae mitis* Poir. N.° 369, 370.—in capsulis aridis *Papaveris Rhoeadis* Lin. N.° 471.—in cortice subemortuo *Psidii pomiferi* Lin. N.° 455.—Coimbra. Leg. Moller.

192. **Cladosporium herbarum.** Lk. **var. Brassicae** Thuem. Herb. mycol. oeconom. no. 57.—*Dematium Brassicae* Pers. Syn. fung. p. 699.

Ad *Brassicae oleraceae* Lin. folia languida. St. Clara pr. Coimbra. 3.79. N.° 434. Leg. Moller.

193. **Cladosporium inconspicuum.** Thuem. nov. spec.
C. caespitibus hypophyllis, orbiculatis, sparsis, aterrimis, limitatis, in pagina superiore maculam orbiculatam, arescendo-griseolam, fusco cinctam formans; hyphis longis, interdum ramosis, articulatis, dilute fuscis, 5 mm. crass., subrectis, tenuibus; sporis acrogenis, simplicibus, ovoideo-ellipticis, utrinque acutatis, pallidissime griseolis, 10 mm. long., 4 mm. crass.
In foliis vivis *Styracis officinalis* Lin. Coimbra in horto botanico. 10.78. N.º 159. Leg. Moller.

194. **Cladosporium Roesleri.** Catt. in Boll. Comiz. agr. Vogherese 1876.—Thuemen, Pilze des Weinstockes. p. 168.—*Cladosporium pestis* Thuem. in Oester. Botan. Zeitschr. 1877. p. 12.
Ad *Vitis viniferae* Lin. folia viva languidave. Presa do Carro pr. Coimbra. 11.78. N.º 202. Leg. Moller.

195. **Cladosporium epiphyllum.** Nees ab Es. Syst. d. Pilze. II. p. 67.
Ad folia emortua *Phytolaccae decandrae* Lin. Choupal pr. Coimbra. 12.78. N.º 234. Leg. Moller.

10.b **Cladosporium Fumago.** Lk. Obs. mycol. II. p. 37.
In foliis vivis *Pelargonii zonalis* Willd. Coimbra in horto botanico. 1.79. Sine N.º—Ad folia viva *Musae chinensis* Sweet. Coimbra in caldariis horti botanici. 5.78. N.º 5. Leg. Moller.

196. **Cladosporium Typharum.** Desm. in Westd. Cryptog. Belg. no. 1394.
In *Typhae latifoliae* Lin. foliis emortuis. Alcarraques pr. Coimbra. 3.79. N.º 411. Leg. Moller.

197. **Fusicladium orbiculatum.** Thuem. Fungi austriaci no. 774.—

Id. in Oester. botan. Zeitschr. 1876. p. 12.—*Cladosporium orbiculatum* Desm. in Ann. sc. nat. 1849. XI. p. 275.

Ad folia languida *Sorbi Aucupariae* Lin. Coimbra in horto botanico. 8.78. N.º 135. Leg. Moller.

198. **Fusicladium pyrinum.** Fuck. Symb. mycol. p. 357. **var. Pyracanthae** Thuem. Mycotheca universalis no. 874.

In foliis vivis *Crataegi Pyracanthae* Pers. Fonte da Mãosinha pr. Coimbra. 5.79. N.º 470. Leg. Moller.

199. **Helminthosporium donacinum.** Thuem. in Flora. 1879. p. 125. —Id. Mycotheca universalis no. 1166.

Ad folia emortua *Donacis arundinaceae* Beauv. Coimbra. 7.78 et 1.79. N.º 344. Leg. Moller.

200. **Helminthosporium Solani.** Dur. et Montg. Fl. Alger. I. p. 356. —Montg. Sylloge plant. cryptog. p. 305.

In *Solani Dulcamarae* Lin. ramulis subputridis. Foz da Mizarella pr. Coimbra. 3.79. N.º 397. Leg. Moller.

201. **Helminthosporium gracile.** Wallr. Fl. german. cryptog. II. p. 164.

In *Iridis germanicae* Lin. foliis vivis. Conchada pr. Coimbra. 4.79. N.º 457.—In foliis emortuis *Iridis foetidissimae* Lin. Baleia pr. Coimbra. 4.79. N.º 462. Leg. Moller.

202. **Helminthosporium Phytolaccae.** Thuem. nov. spec.

H. caespitibus amphigenis, laxis, late effusis, tenuissimis, velutino-aterrimis, plus minusve orbiculatis; hyphis longis, gracillimis, curvatis, simplicibus, longe articulatis, 6 mm. crass., sursum sensim dilatatis, fuscis; sporis late clavulatis, vertice rotundato-dilatatis, basi

angustatis, triseptatis, dilute cinereis, 40 mm. long., 8–12 mm. crass.

In *Phytolaccae decandrae* Lin. foliis emortuis prostratis. Choupal pr. Coimbra. 12.78. N.º 234. Leg. Moller.

203. **Macrosporium Brassicae.** Berk. in Engl. Flora. v. p. 339.—Cooke, Handb. Brit. Fungi. p. 577.

In *Brassicae oleraceae* Lin. caulibus, siliquis et foliis languidis emortuisve. St. Clara pr. Coimbra. 8.78. et 3.79. N.º 138, 434. Leg. Moller.

204. **Macrosporium peponicolum.** Rabh. in Sitzungsber. naturf. Ges. Isis zu Dresden. 1867. p. 101. Tab. VI.—Id. Fungi europaei no. 1285.

In *Cucurbitae Peponis* Lin. epicarpio subemortuo. Zombaria pr. Coimbra. 2.79. N.º 364. Leg. Moller.

205. **Macrosporium Gynerii.** Thuem. nov. spec.

M. caespitibus amphigenis, valde tenuissimis, late effusis, laxis, confluentibus, sordide cinerascentibus; hyphis longissimis, subnodulosis, vix septatis, rectis, continuis, gracillimis, fuscis; sporis late clavatis, vertice dilatato-rotundatis, basi in pedicello brevi angustatis, sex—octocellularibus, ad septa minime constrictis, fuscis, 30 mm. long., 15 mm. crass.

Ad vaginas foliaque emortua *Gynerii argentei* Nees ab. Es. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 1.79. N.º 289. Leg. Moller.

206. **Macrosporium phomoides.** Thuem. nov. spec.

M. caespitibus primo phomaeformibus vel punctiformibus, subfirmis subepidermalibusve, demum subeffusis, laxis, minutis, pulverosis, opaco nigro-griseis; hyphis longis, flexuosis, pauciramosis, fuligineis, crassis, multi-et bre-

viarticulatis, articulis subinflatulis; sporis longe clavatis, vertice rotundatis, basi angustatis, tri—quadri—transversim—, uni—longitudinaliter septatis, ad septa subconstrictis, subpellucidis, fuligineis, pedicellatis, 28 mm. long., 11–12 mm. crass.

In caulibus subputridis *Datiscae cannabinae* Lin. Coimbra in horto botanico. 3.79. N.º 427. Leg. Moller.

207. **Macrosporium Ensetis.** Thuem. nov. spec.

M. caespitibus epiphyllis, tenuissimis, effusis, laxis, atris, confluentibus, interruptis; hyphis brevibus, flexuosotortuosis et geniculatis, subramosis, longiarticulatis, fuligineo-fuscis, subdiaphanis; sporis clavatis, vertice dilatato-rotundatis, basi valde angustatis, octo—duodecimcellularibus, ad septa transversalia constricta, fuligineofuscidulis, 32–40 mm. long., 18–24 mm. crass.

Ad folia emortua *Musae Ensetis* Bruce. Coimbra in horto botanico. 1.79. N.º 346. Leg. Moller.

208. **Cercospora Plantaginis.** Sacc. in Michelia. I. p. 267.

In foliis vivis *Plantaginis lusitanicae* Lin. Coimbra. 1.79. N.º 338. Leg. Moller.

209. **Cercospora Calendulae.** Sacc. in Michelia. I. p. 267.—Id. Mycotheca veneta no. 1054.

Ad folia viva *Calendulae officinalis* Lin. Coimbra. 1.79. N.º 321.—In *Calendulae arvensis* Lin. foliis vivis languidisve. Coimbra. 1.79. N.º 309. Leg. Moller.

210. **Cercospora Scorpiuri.** Thuem. nov. spec.

C. maculas plus minusve orbiculatas, epiphyllas, griseoroseas, fusco auguste cinctas, subtus indeterminatas pallidas formans; acervulis dense gregariis, minutissimis, obscure griseis; hyphis brevibus, crassis, multi-et brevi-

articulatis, cinereis; sporis cylindricis, rectis, utrinque obtuso-rotundatis, obsolete bi-triseptatis, ad septa non constrictis, fuligineis, 20–22 mm. long., 9 mm. crass.

In *Scorpiuri muricatae* Lin. foliis vivis. St. Clara pr. Coimbra. 3.79. N.º 432. Leg. Moller.

211. **Cercospora beticola.** Sacc. in Nuovo Giorn. Botan. Ital. VIII. 1876. p. 189.—Id Mycotheca veneta no. 597.

Ad *Betae vulgaris* Lin. folia viva. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 11.78. N.º 230. Leg. Moller.

212. **Cercospora rosaecola.** Pass. in Thuemen, Herb. mycol. oeconomicum no. 333.

In *Rosae scandentis* Brot. foliis vivis. St. Antonio dos Olivaes pr. Coimbra. 12.78. N.º 255. Leg. Moller.

213. **Cercospora Solani.** Thuem. nov. spec.

C. caespitibus amphigenis, dense gregariis, tenuissimis, laxis, subvelutinis, obscure olivaceis, late effusis, sino macula sed in partibus obscurioribus foliorum; hyphis longis, arcuatis, griseis; sporis subrectis, cylindraceis, vertice subobtusis, quinque—sexseptatis, ad septa non constrictis, 100–120 mm. long., 6 mm. crass., diluto griseis.

In foliis vivis *Solani nigri* Lin. Choupal pr. Coimbra. 1.79. N.º 238. Leg. Moller.

214. **Cercospora Smilacis.** Thuem. nov. spec.

C. caespitibus minutis, amphigenis, nigro-fuscis, gregariis in macula orbiculata, disciformia, ferruginea, pallido cincta, subarescentia; hyphis brevibus, griseo-fuligineis, rectis, longe septatis, 6–8 mm. crass.; sporis bacillari-cylindraceis, subrectis, utrinque angustatis acutatisve, octo—decemseptatis, achrois, 60 mm. long., 4 mm. crass.

Ad folia viva *Smilacis mauritanicae* Lin. Entre Cellas e as Sette fontes. pr. Coimbra. 5.78. N.º 21. Leg. Moller.

215. **Cercospora Mercurialis.** Pass. in Thuemen, Mycotheca universalis no. 783.—*Phyllosticta Mercurialis* Desm. in Rabh. Fungi europaei no. 1945.

Ad folia viva *Mercurialis annuae* Lin. Penedo da Meditação pr. Coimbra. 5.79. N.º 465. Leg. Moller.

216. **Ramularia obovata.** Fuck. Symb. mycol. p. 103.

In foliis vivis *Rumicis pulchris* Lin. Coimbra. 1.79. N.º 308, 330, 374. Leg. Moller.

217. **Ramularia Parietariae.** Pass. in Rabh. Fungi europaei no. 2066.

In *Parietariae officinalis* Lin. foliis vivis. Coimbra. 1.79. N.º 283. Leg. Moller.

218. **Oidium Tabaci.** Thuem. nov. spec.

O. caespitibus amphigenis, late effusis, paginam fere totam folii obducens et cum indumento arachnoideo, tenuissimo, albido obtegens; hyphis brevibus, simplicibus, pauciseptatis, subrectis, achrois; sporis cylindrico-ellipsoideis, utrinque subacutatis, continuis, intus grumulosis, moniliformibus, hyalinis, 11–14 mm. long., 4–5 mm. crass.

Ad folia viva *Nicotianae Tabaci* Lin. Coimbra in horto botanico. 10.78. N.º 155. Leg. Moller.

21.b **Oidium erysiphoides.** Fr. Syst. mycolog. III. p. 432.

Ad *Humuli Lupuli* Lin. folia viva. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 6.78. N.º 47.—In foliis vivis *Trifolii incarnati* Lin. Coimbra in horto botanico. 6.78. N.º 24.—In *Aquilegiae* spec. cultae foliis vivis. Coimbra in horto botanico. 8.78. N.º 110. Leg. Moller.

219. **Oidium Tuckeri.** Berk. in Moniteur Belge. 1850. IX. p. 2383. —Thuemen, Pilze d. Weinstockes. p. 1.
In foliis vivis *Vitis viniferae* Lin. Coimbra. 8.78. N.° 113. Leg. Moller.

220. **Oidium leucoconium.** Desm. in Ann. sc. natur. 1829. XIII. p. 102. Tab. 6. Fig. 1. 2.
In *Rosae burgundicae* Hort. foliis petiolisque vivis. Coimbra in horto botanico. 5.78. N.° 3, 28. Leg. Moller.

221. **Cylindrium Cordae.** Sacc. in Nuovo Gior. Botan. Ital. VIII. 1876. p. 186.—Id Mycotheca veneta no. 358.—*Fusidium cylindricum* Cda. Icon. fung. I. 1. Tab. 1. Fig. 52.
Ad *Lapsanae communis* Lin. folia viva. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 5.79. N.° 477. Leg. Moller.

222. **Fusoma inaequale.** Preuss. in Linnaea. XXVI. p. 706.
In *Barkhausiae intybaceae* De C. (*Crepis intybacea* Brot.) foliis vivis. Coimbra. 1.79. N.° 324. Leg. Moller.

223. **Polydesmus elegans.** Dur. et Mntg. Fl. Alger. I. p. 360. Tab. 20. Fig. 5.—Mntg. Sylloge plantar. cryptog. p. 304. —Id. in Ann. sc. natur. 1845. III. p. 346.
Ad folia emarcida subputridave *Agaves americanae* Lin. Baleia pr. Coimbra. 2.79. N.° 356. Leg. Moller.

(Continúa) F. DE THUEMEN.

ICTERICIA GRAVE — SUA PATHOGENIA [1]

INTRODUCÇÃO

A expressão — *ictericia grave,* pela epocha relativamente recente em que appareceu e pelo pouco que significa nosologicamente, dá-nos um testemunho authentico de quão pouco se tinha avançado na pathologia hepatica até ao meado do seculo que vai correndo.

Nem isso nos deve admirar.

O estudo completo d'um estado morbido exige um conhecimento cabal e positivo da anatomia e physiologia do orgão ou orgãos affectados, como condição indispensavel para a apreciação das alterações somaticas e perturbações funccionaes, que constituem a molestia.

O que se sabia, porém, de histologia e physiologia do figado?

Embora a anatomia microscopica fosse esboçada por Marcello Malpighi (1628–1694) e Anton von Leeuwenhoek (1632–1723),

---

[1] O trabalho, que se segue, constituiu a dissertação apresentada pelo auctor para o acto de licenciatura. Segundo a legislação vigente, é o ponto assignado pela Faculdade e tem de ser trabalhado no curto espaço de vinte dias. Sirva pois a escassez do tempo como desculpa aos muitos defeitos da obra, que por certo ficaria inedita se não fossem as instancias d'um meu antigo Professor e bom amigo, a quem uma extrema benevolencia acompanhou sempre na apreciação d'este escripto.

Se não vai publicado tal qual foi apresentado á Faculdade de Medicina, são tão insignificantes as alterações, que se póde considerar um e o mesmo.

Castello-Branco, 26 de agosto
de 1879.

O AUCTOR.

é certo que o desenvolvimento scientifico da histologia é tão recente como póde avaliar-se reflectindo que só em 1839 Schwann a fundou definitivamente, attribuindo á cellula o papel que lhe compete como sendo a unidade morphologica essencial de todo o ser vivo.

A verdadeira histologia pathologica, que nos permitte representar perante o espirito as differentes phases de evolução por que passaram os elementos anatomicos até chegarem ao estado que a necropsia nos revela, começou em Muller e desenvolveu-se successivamente pelos trabalhos de Remak, Reichert, Bayle, Laennec, Lobstein, Virchow, Hölliker, Donders, etc., isto é,—de medicos contemporaneos.

Com relação á histologia normal do figado, é certo que Evepfer e Malpighi o consideravam já como sendo formado de partes similares—*lobulos, acinos, (insulæ hepatis),* avançando assim mais além da idêa que desde Galeno se fazia—de que a substancia, que se encontrava a constituir o figado, era principalmente sangue concretado e sêcco depois da morte; mas os primeiros conhecimentos anatomicos, rigorosamente exactos, sobre a estructura lobular do figado foram dados na Inglaterra por Kiernan [1] em 1833, o qual representou os lobulos hepaticos como figurando as folhas d'uma arvore ligadas pelo seu peciolo aos ramos, representando estes as ramificações da veia hepatica.

A descoberta da cellula hepatica e o seu primeiro estudo deve-se a Purkinje e a Henle.

A rêde dos capillares biliares era já suspeitada por Kiernan, Beale e Natalis Guillot; mas a sua demonstração completa por meio de injecções regulares e methodicas deve-se a Gerlach e a Brucke (1859), sendo successivamente esclarecida por Andrejevie (1861), Mac Gillavry (1864), Eberth e Chrzonszezewsky (1866), e mais ainda pelos trabalhos de Hering (1866), que tornou mais claro o resultado dos seus trabalhos por um schema, conhecido

---

[1] Kiernan—*Philosophical Transactions,* 1833.

ainda hoje pelo nome de — schema de Hering, adquirindo constantemente novos desenvolvimentos até á memoria de Legros (1870).

Isto pelo que diz respeito á histologia do orgão. Com relação ao seu funccionalismo reinou durante quasi dezeseis seculos nas paginas dos livros classicos e na linguagem das escholas a physiologia que Galeno assignara ao figado d'um modo intuitivo sem observações rigorosas nem experiencias precisas: 1.° como fóco do calor animal; 2.° como a séde de sanguificação, trabalho executado á custa dos materiaes que as veias mesaraicas lhe forneciam.

Esta physiologia do figado era ainda a unica admittida por Harvey (sec. 17), quando a descoberta dos vasos lacteos ou chyliferos por Aselli em 1622 levantou uma viva reacção, como acontece quasi sempre todas as vezes que uma descoberta importante e inesperada é lançada á circulação no mundo scientifico; no primeiro enthusiasmo absorve todas as attenções, reina com uma soberania absoluta, fazendo esquecer por momentos verdades já adquiridas, até que em epocha posterior sejam novamente resuscitadas e tomem logar ao lado da verdade nova.

O figado foi destituido de tão notaveis funcções, e o seu papel ficou reduzido a segregar bilis.

A opposição de Riolan á reacção produzida pela descoberta de Aselli provocou d'um medico francez — Bartholin — uma carta em que chegou a fazer o epitaphio do figado, dizendo — *o figado vive ainda para segregar bilis, mas, como orgão sanguificador, morreu para sempre e não voltará mais.*

..... Facilis descensus Averni
Sed revocare gradum, etc. [1]

Bartholin foi um falso propheta.

Segundo a sciencia hodierna o figado não só exerce as funcções que Galeno lhe attribuia, mas é encarregado d'outras ainda.

---

[1] *Defensio vasorum lacteorum et Lymphaticorum adversus Riolanum.* Hafniae, 1655, pag. 8.

A physiologia do figado está complicadissima; seu estudo mais rigoroso é muito recente, e tão recente que nalguns pontos se está fazendo ainda. O quadro seguinte resume as principaes funcções, actualmente attribuidas ao figado:

Modificações na parte plasmatica e cruorica do sangue que o atravessa	Diffluencia na fibrina Destruição de globulos rubros.
Formação de substancias que depois são arrastadas pela circulação das veias supra-hepaticas	Assucar Uréa Acido urico.
Secreção de bilis: Compostas não existentes no sangue e formadas no figado	Saes biliares Pigmento biliar.
Secreção de bilis: Substancias simplesmente eliminadas do sangue	Cholesterina Substancias gordas Differentes saes mineraes Agua.

É, além d'isso, o figado considerado como uma barreira á circulação de alguns venenos ingeridos; e é elle que segundo as experiencias de Lautenbach e Schiff é encarregado de destruir uma peçonha que constantemente se fórma no organismo. E que de acções chimicas estarão ainda para se descobrir neste orgão, tão volumoso, tão complexo, tão vascularisado (duplamente), e que tão cedo se desenvolve no feto?!

Póde dizer-se que de todos esses factos o que está mais bem determinado é—a funcção glycogenica do figado, começada a estudar por Cl. Bernard em 1847, e em que se tornou tão notavel este distincto physiologista que a morte feriu ha poucos mezes: —dos trabalhos de Lehmann e do methodo de Malassez para contar os globulos do sangue conclue-se que no figado ha uma

destruição de globulos rubros, e suppõe-se que o pigmento biliar deriva de hemoglobulina, embora se não possa por ora acompanhar chimicamente essa transformação: — a maior diffluencia da fibrina no sangue das supra-hepaticas explica, como Lehmann julgou, que o figado destroe a fibrina; — é geralmente acceito que os saes biliares não são preformados no sangue, onde ao contrario existe a cholesterina que o figado elimina.

Ha comtudo por ahi ainda divergencias, e muito para estudar no futuro.

Discute-se ainda se o figado é uma só glandula, embora complexa, ou se representa o conjuncto e encaixamento de duas, distinctas pela sua origem e desenvolvimento embryologico, pelas suas funcções e pelo typo glandular que reproduzem.

A questão de formação da uréa e acido urico no figado é uma questão da actualidade, para a qual se invocam factos experimentaes e observações clinicas que seguem as variações da uréa nos differentes estados de irrigação do figado e nas variadas alterações pathologicas das cellulas hepaticas; defendida por Brouardel e por Charcot, tem trazido á tela da discussão factos que já tinham sido observados por Prévort e Dumas, Bouchardat, Parkes, Murchisson, Meissner, etc. [1]

Fallando da diabetis, escreve Cl. Bernard: — *chaque progrès fait dans la physiologie de la fonction glycogénique est suivi d'un progrès parallèle dans la connaissance scientifique du diabète, et nous pouvons ajouter que c'est à dater seulement de la découverte de la glycogenèse animale que la médecine a réellement trouvé la base physiologique sur laquelle pourra s'édifier une théorie rationelle et scientifique de la maladie diabétique* [2].

As palavras, que acabo de citar e que são altamente verdadeiras, tem completa applicação ás outras molestias do figado.

---

[1] Vide — *Gaz. heb.*, 1877, n.° 1 e n.° 3; Charcot — *Maladies du foie et des reins*, 1877; Vulpian — *Clinique médicale de la Charité*, 1879.

[2] Cl. Bernard — *Leçons sur le diabète*, 1877.

Como havemos de interpretar a pathogenia dos differentes symptomas, das differentes alterações nos liquidos, sanguineo e biliar, se não conhecermos a physiologia dos differentes elementos constitutivos da glandula hepatica e as modificações que lhes imprimem as diversas alterações morbidas a que estão sujeitas?

Comtudo havemos de encontrar com similhante origem grandes obstaculos na *pathogenia da ictericia grave,* que é a segunda parte d'este trabalho.

Agora occupemo-nos da primeira parte, para seguirmos exactamente a ordem por que se acha escripto o enunciado que nos foi dado.

(Continúa) J. A. DE SOUSA REFOIOS.

CATALOGO DAS PLANTAS MEDICINAES QUE HABITAM O CONTINENTE PORTUGUEZ

(Continuado do n.º 12, vol. XXVI, pagina 594)

Compositae. *Vaill.*

CICHORIUM DIVARICATUM. Schousb.

(Cichorium Intybus. β. divaricatum. D. C.; C. pumilum. Jacqu.; C. Endivia. β. pumilum. Vis.)

Almeirante.

Hab. a parte meridional do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

CICHORIUM ENDIVIA. L.

(Cichorium Endivia var. sativa. Willd.)

Chicorea, Escarolla.

Planta originaria da India oriental e muito cultivada no paiz.

Flor. no estio.

P. u. a raiz e folhas.

Emp. como depurativo e refrigerante.

TRAGOPOGON PRATENSIS. L.

Barba de bode dos prados.

Hab. nos arredores de Bragança, e em outros pontos de Trás-os-Montes.

Flor. em junho e julho.

P. u. a raiz.

Emp. como emolliente. Pouco usada.

TRAGOPOGON PORRIFOLIUS. L.

Barba de bode hortense, Salsifi dos Francezes.

Planta originaria de quasi toda a Europa; entre nós cultiva-se nas hortas.

Flor. na primavera e estio.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usada.

SCORZONERA HISPANICA. L. [1]

Escorcioneira ordinaria, ou maior.

Hab. nas proximidades de Miranda do Douro, e em outros pontos de Trás-os-Montes; assim como na parte septemtrional da Beira.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz.

Emp. como emolliente, peitoral, sudorifica, tonica e depurativa. Pouco usada.

SONCHUS OLERACEUS. L. [2]

Serralha.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, e em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. a planta.

Emp. como refrigerante, diuretica, empregada contra a hepatite, nephrite, etc. [3]

---

1 Variedades: α. latifolia. Koch.; β. glastifolia. Wallr.; γ. crispatula. Bss.

2 Variedades: α. triangularis. Wallr.; β. lacerus. Wallr.; γ. integrifolius. Wallr.

3 «Esta planta tem sido usada como *lithontriptica* com grande vantagem pelo nosso, hoje defuncto, e nunca assaz chorado mestre, o dr. Caetano José Pinto, e é actualmente pelo outro nosso mestre, e lente jubilado, o sr. Bento Joaquim de Lemos, eminente practico em Coimbra» (dr. J. J. de Figueiredo —*Flor. Pharm.*).

LACTUCA SATIVA. L.

(Lactuca capitata et crispa. D. C.; L. laciniata. Roth.)

Alface hortense.

Planta indigena da India oriental, e no paiz cultiva-se muito nas hortas.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida [1].

Emp. como sedativa, hypnotica e antiscorbutica.

LACTUCA VIROSA. L.

Alface brava maior, Alface virosa.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, no Bussaco, e em toda a parte septemtrional do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como narcotica e diuretica [2].

TARAXACUM OFFICINALE. Wigg. [3]

---

[1] Vulgarmente chamada *Alface espigada*. Rejeitam-se as folhas externas.

[2] «Não se lhe substitua, sem indicação especial, a *Alface brava menor*, Lactuca Scariola. L. (L. sylvestris. Lamk.)»—(*Pharmacopêa portugueza*, 1876).

O succo concreto obtido, por incisões transversaes, na epocha da florescencia no caule das Alfaces hortense e virosa, recebe o nome de *Lactuario*, preparado obtido por Aubergier, pharmaceutico em Clermont (França). O Lactuario tem propriedades analogas ás do opio sem ter os inconvenientes d'este ultimo medicamento.

Depois dos trabalhos de Aubergier, presididos por Chevallier e approvados pela Academia, é da *Lactuca altissima*, Bieb. que se extrahe o melhor lactuario: esta especie de alface é indigena do Caucaso, mas encontra-se já cultivada e introduzida noutros paizes.

Do caule das Alfaces, mas com especialidade do da especie *hortense*, obtem-se um outro preparado conhecido debaixo do nome de *Thridacio*.

Alguns pharmaceuticos preparam a *Agua de Alface* com a Alface hortense quando a nossa Pharmacopêa recommenda para este fim a especie virosa.

[3] Variedades: α. genuinum. Koch.; β. lividum. Koch.; γ. alpinum. Koch.

(Taraxacum Dens-leonis. Desf.; Leontodon Taraxacum. L.; L. vulgare. Lamk.)

Taraxaco, Dente de leão.

Hab. nos arredores de Coimbra, e em muitos outros pontos ao norte do reino.

Flor. na primavera e estio.

P. u. toda a planta [1].

Emp. como tonico e estomachico. Ha tambem quem o tenha considerado como diuretico, depurativo, ligeiramente laxante, antiscorbutico e febrifugo.

ANDRYALA INTEGRIFOLIA. L. α. *corymbosa*.

(Andryala corymbosa. Lamk.; A. parviflora. α. latifolia. Bss.; A. sinuata. Rchb.; A. lanata. Vill. ?)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa, Setubal e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as folhas.

Emp. a infusão das folhas dizem ser muito util na diarrhea. Pouco usada.

HIERACIUM PILOSELLA. L. [2]

Pilosella das boticas, Orelha de lebre.

Hab. nas serras do Gerez, da Estrella e Marão.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. como adstringente, litontriptica e febrifuga. Pouco usada.

(Continúa) ADOLPHO FREDERICO MOLLER.

---

[1] Deve ser colhida antes da floração.

[2] Variedades: α. pulchellum. Scheele.; β. pilosissimum. Fr.; γ. incanum. D. C.; δ. grandiflorum. Fr.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

Aos quinze annos

DA MENINA

MARIA IGNACIA ROCHA BORGES

Eu desejo fazer-te um bom presente;
Vamos portanto os dois
Sob este sol formoso, alegre e quente
Pedir aos rouxinoes

Que nos balcões em flor, como criados
De Deus — o seu patrão,
Nos mostrem os productos delicados
Da ultima estação.

Ahi tens tu nos ramos das ginjeiras
Joias de bons quilates;
Vou portanto comprar-te umas pulseiras
De ginjas escarlates.

E porque é ponto assente que as mulheres
São um tanto vaidosas,
Quero dar-te um collar de malmequeres
Com pinjentes de rosas.

Mas que não sejam tudo coisas de arte;
Tambem pelas florestas
Ha oiro bom de lei... vou já comprar-te
Uns brincos de giestas.

Para os anneis ha jorros de brilhantes
Ahi por essas matas,
Que nascem das gargantas soluçantes
Abertas nas cascatas.

E se preferes antes os anneis
De verdes esmeraldas,
Eu t'os arranco á hera das vergeis
E á murta das espaldas.

Sempre gostei de ver nas raparigas
Que são, como as crioulas,
Morenas e gentis, c'rôas de espigas
Tecidas com papoulas.

Vou adornar-te assim! — Os rouxinoes
De entre as comas dos cedros perfumados,
Contam que o seu patrão,
Ao ver-nos, disse a rir para nós dois:
«A rainha da ultima estação
E o mais humilde e bom dos seus criados.»

Reguengos. A. Macedo Papança.

GOMES D'ABREU NO BUSSACO [1]

(A Augusto Mendes Simões de Castro)

I

Meu amigo. Conheço o Bussaco ha largos annos, e não só a cêrca dos carmelitas mas tambem a cinta de povoações e logarejos que o circumdam e lhe matizam as faldas. Luso e Bussaco foram em tempos já remotos o centro das minhas digressões e o retiro das minhas ferias grandes.

Mas fazem differença as duas epochas; cinco lustros de intervallo alteraram tudo radicalmente. Luso é hoje uma aldeia elegante, o Bussaco uma formosa mata modelo; e noutro tempo a primeira era uma pinha de cabanas toscas afogadas em viçosas seáras, o segundo uma floresta espessa de sombras crepusculares. Os mesmos banhos tão afamados parecem outros; vemos um palacete em vez d'uma choupana, tinas de marmore, para onde jorram as aguas por torneiras de bronze, em vez de tanques de madeira, onde brotavam espontaneas as lymphas salutiferas.

---

[1] Trasladamos do *Guia historico do Bussaco* do sr. Augusto Mendes Simões de Castro, nosso consocio, os trechos de algumas cartas de Gomes d'Abreu, que foi tambem socio do Instituto, e que merecem ser archivados no nosso jornal como memorias d'um homem distincto. As lettras, que foram cultivadas por elle, a politica, em que tanto sobresahiu, o seu honrado character, desinteresse e abnegação, e até a sua morte em paiz extrangeiro por uma dedicação pouco vulgar, tornaram o seu nome sympathico a todos os portuguezes e a sua fama vinculada á nossa historia.

Estas cartas foram escriptas ao correr da penna, sem nenhumas pretenções litterarias, e revelam por isso desleixo natural que só póde ser extranho ás caturrices classicas. Vislumbram todavia nellas lampejos de patriotismo e amenidades locaes muito apreciaveis, os primeiros para os que amam a sua patria e as segundas para os que conhecem o Bussaco.

Levanta-se tambem hoje um soberbo obelisco, commemorando as glorias do nosso exercito em 1810; mas o monumento que as recordava era dantes a capella das Almas, destelhada pelas explosões e esburacada pelas balas.

Quando me dirijo ao Bussaco pelo caminho de ferro da Mealhada, ou em commoda carruagem pela estrada de macadam, em vez de me bifurcar na alimaria asinina que noutros tempos me conduzia por máos caminhos e ingremes ladeiras, ainda assim, apezar das commodidades que gózo, lembro-me com saudade dos incommodos preteritos, e quasi que prefiro a antiga rusticidade do povoado, a mata fechada e a capella-monumento.

E porque será assim?!... Será pelos perfumes da mocidade, que então me inebriavam a alma, pelas tintas mimosas que me coloriam o quadro da vida?... É por isso, é. E a montanha tambem era nova, assim como a aldeia. E parece que envelheceram ambas, e que as enfeitaram e arrebicaram para lhes disfarçarem as rugas senís!...

Quando sahimos da cidade para viver vida montezinha, parece-me contrasenso transportarmos comnosco os palacios e regalos urbanos; e, peior ainda, abatermos as arvores seculares para desbastar o caminho ás traquitanas de luxo. Uma casa nobre numa varzea de milho não é menos desproporcionada que uma casa de colmo em calçada sumptuosa; o desequilibrio é o mesmo. E derrubar as florestas e desfazer as sombras, entornar o sol no intimo recesso dos bosques é desacato capital, que a razão reprova e o bom gosto condemna.

E fui-lhe fallar em bom gosto... Não ha cousa mais avessa ás obras modernas do Bussaco... Crucificaram-no, coitado, depois de o terem arrastado pela via da amargura. A *Fonte Fria* foi o seu calvario.

II

Foi ha vinte e tantos annos que Gomes d'Abreu residiu no Bussaco. Andava accesa a guerra civil da junta do Porto, e o nosso monte era asylo accommodado para quem se não involvia

na lucta fratricida. Carteou-se com um amigo e condiscipulo, e d'essas cartas, escriptas com singular naturalidade e graça, foi-nos permittido extractar algumas, que apresentamos neste livro.

Como se vê, Gomes d'Abreu não se preoccupa muito com o sitio que habitava; a guerra era alvo de attenções para todos, e os espiritos concentravam-se neste assumpto, que respeitava ao paiz inteiro.

Copiamos os pontos mais interessantes, que pelo auctor e localidade devem ser muito apreciados.

***

Luso, nas faldas do Bussaco, 22 de março de 1847.

Meu caro... Pelo meiado de dezembro chegou-me uma comichão de curiosidade; não sei que instincto me chamava a vir visitar as solidões do Bussaco. E como era deliciosa a fresca sombra da outr'ora cêrca dos carmelitas descalços naquelles bellos dias em que a neve se ia derretendo por essas ruas da Lusa Athenas! Já vês que não podia ser mais apropriada a estação para visitar pela primeira vez estes bellos sitios, onde reina o silencio das sombras.

Sabes para que faço este preambulo? É para que não notes partir eu dahi sem me despedir do meu caro.... Para vir fazer uma visita ao Bussaco só um pobre lamecha, dos que faziam testamento para ir a Lisboa nos bons tempos do velho Portugal, é que cahiria na patetice de despedir-se dos amigos.

Mas vai se não quando, ou por Deus ou pelo demo (se é verdade o que dizem os manicheus, qual dos dois governa agora não o sei) pozeram-se as cousas de modo que julguei mais acertado andar por estas serranías do que retirar-me para a minha patria, ondè tudo andava em polvorosa, ou recolher-me a essa cidade, donde o firman do prelado academico não tardaria em expulsar todo o bicho escholastico. Eis ahi tens a razão por que me tenho aqui demorado.

Não sei se o Alves da Silva te participou a minha resolução. Elle tinha tambem destinado vir fazer-me companhia, mas a final tomou as de Villa Diogo, e segundo me consta lá embarcou por fim no *Zargo* demandando as praias do Funchal.

E eu neste interim por aqui tenho vivido, não esquecido dos amigos, mas incommunicavel para todos. Politica é cousa de que não sei, senão cá de uns segredos que tenho guardados comigo —uma manía de caturra, alguma utopia de pedaço d'asno? Talvez.

Mas seja como for, tenho-me entretido de um modo esquipatico (outro mais polido havia de chamar-lhe romantico). Quando faz sol, galgo a serra, encarapito-me nos rochedos, apanho pedrinhas, atiro rebolos pelas mais ingremes ladeiras, faço excavações, converso com as innocentes pastorinhas da serra, meço o comprimento e altura das rochas, faço os meus apontamentos geognosticos, etc.; e no meio de tudo isto passo por um doudo, ou pelo menos por um semi-doudo, para com esta boa gente. Até já um pobre velho me queria á fina força conduzir para casa d'elle; e foi necessario que eu fallasse muito sério, e désse duas grossas pitadas de rapé, para que o homem se persuadisse de que realmente eu não era um mentecapto vagueando por estas serranías. Quando chove, estendo á noite esta fragil humanidade numa tenue enxerga cosida ao chão, e ahi ou leio quatro frioleiras dos nossos sabios, ou escrevo algumas reflexões em fórma de diario com o titulo de *Album de Ernestina*. Esta *Ernestina* é, como pódes ajuizar, uma entidade abstracta, porque lá a respeito de realidades femininas não servem cá para o velho. O ideal é o meu elemento; mais claro —gósto de viver no mundo das idêas.

Todavia ha, segundo me parece, por ahi além um mundo real, de que ouço dizer muita cousa, mas não sei nada. Tenho lido uns *Boletins*... symbolo da insipidez, e por elles ainda fico ignorando mais do que sem elles.....

Muitas vezes do alto da *Cruz Branca* tenho olhado por um oculo para Coimbra, como que a procurar com a vista o amigo que muito préso, e resolvi por este meio indagar noticias d'elle.....

Manda-me por tanto dizer como tens passado, em que te occupas, e se teremos esperanças de ver em breve acabar esta maldicta guerra para podermos ver-nos..... Tudo quanto digo são expressões sinceras de um amigo saudoso, ou, se quizeres, pachochadas de um pobre diabo quasi louco, ou louco de todo. Boas noites; não ha papel para mais. Dá-me as tuas noticias, que as desejo como teu do coração...

*
* *

28 de março de 1847.

Meu caro... *O solitario do Bussaco volveu emfim os olhos para o mundo! Lá do silencio das serras e da solidão dos bosques lembrou-se do amigo!* [1]

O solitario do Bussaco volveu emfim os olhos para o mundo, porque nesse mundo, tantas vezes praguejado pelo solitario, ainda existem entes caros ao seu coração. O solitario do cimo das serras do Bussaco por mais d'uma vez olhou em roda do horizonte, contemplou a seus pés os vastos prainos da provincia da Beira, e a sós com o seu orgulho pisava a terra com despezo, essa terra abjecta e vil, lodaçal immundo, onde fervem os odios, as calumnias e as intrigas. Por mais d'uma vez cuidou que, ao comprimir com a planta o mais elevado cabeço da serra, esmagava a fronte d'esse mundo perverso, e qual outro Triboulet comprazia-se de dizer: aqui tenho sob meus pés, monarcha orgulhoso, a tua fronte coroada. O solitario do Bussaco ia então a lançar uma maldição sobre esse mundo, mas foi-lhe embargada a voz por uma subita lembrança... Oh! não era o cadaver do rei dissoluto que o pobre bobo tinha a seus pés; era o cadaver de Branca, o corpo ainda quente de sua querida filha... Tambem não era a cabeça d'esse mundo barbaro que o solitario calcava com a planta; era a pobre e innocente serra do Bussaco, donde avistava ao longe os zimborios dos edificios de Coimbra.

[1] Palavras textuaes, copiadas da resposta que teve a primeira carta.

E o solitario lá tinha um amigo nessa bella cidade, a quem tambem iria abranger a maldição, que seus labios estavam a ponto de proferir, porque esse amigo vivia naquelle mundo! E a voz lhe ficou pegada nas fauces, e em vez da maldição seus labios só poderam proferir uma prece ao Eterno, uma prece ardente por esse mundo mesquinho, porque—*lá do silencio das serras e da solidão dos bosques lembrou-se do amigo!*

E lembrou-se tambem da terra, a que estão presas as mais doces recordações da infancia, e contemplava essa terra, a mais bella do bello mas infeliz Portugal, dividida em tres bandos, retalhada pelas espadas de seus oppressores, regada de sangue, e tanto sangue innocente, todo sangue de seus filhos! E elle contemplou muitos de seus companheiros da infancia, contemplou um irmão, talvez a essas horas cahindo sob os golpes das espadas de cannibaes.

Oh! o solitario não pôde contemplar o mais; o solitario já não queria ser solitario, queria ver os homens, mas homens e não verdugos mais ferozes que tigres. Elle tinha sêde de amizade, porque só os seus amigos são os homens em cujos braços quereria lançar-se....

Cançado de chorar sobre as ruinas da sua patria, o solitario quiz converter-se de Heraclito em Democrito; quiz zombar de tudo. Mas no momento em que viu letras do seu amigo, aviva-ram-se-lhe as recordações do passado e as dores do presente. E elle abraçou e beijou essas letras, e guardou-as como precioso thesouro que todos os dias irá abrir na cava d'um rochedo.

O velho solitario aqui vive, não tão solitario que não tenha a companhia de dois amigos, mas vive e viverá no mundo ideal. E desde hoje empraza o seu amigo ausente a que cumpra a sua palavra e venha habitar com elle, ao menos alguns dias, nestas ermas solidões.

Não terá elle para offerecer-lhe senão uma pequena e frugal ração de carne salgada ou bacalhau nos dias de abstinencia, porque não ha melhor cousa neste retiro, uma fatia de pão, as mais das vezes duro de muitos dias, uma cama ao rez do soalho; mas a

solidão do Bussaco ensina a ser sobrio e a soffrer com paciencia as privações.

Meu caro..., aqui te espero no caso de teres de sahir dahi; vindo tu já disposto para soffrer algumas privações, podemos aqui viver alguns dias excellentemente....

Muito estimo que passes felizmente as festas das Alleluias em companhia da tua familia, a quem me recommendarás. Eu passal-as-hei lendo, orando, passeiando e conversando com a minha *Ernestina* ideal: serranas ou cidadoas não são para mim. Nas minhas reflexões me concentro todo, personificando-as nesse doce pseudonymo...

*
* *

3 de abril de 1847.

Meu caro... Recebo a tua, que estimo como pódes presumir. Mui gratas me foram as noticias que me dás....

Quanto a politica, aqui, a esta elevada serra, não chegam as ondas d'esse mar tempestuoso; entretanto ha dias tenho notado que alguma celeuma parece ter saltado por cima das cabeças de alguns povos não distantes das faldas d'esta montanha.

Anda por ahi um—*ruge-ruge*—que não sei o que quer dizer. Fallam a cada passo em expedições sahidas do Porto por mar e terra, prognosticam uma breve retirada do Saldanha..., emfim tantas e tantas cousas, quando até aqui tudo era indifferença, que eu extranho isto, e supponho terem occorrido graves acontecimentos. O que for soará. O que te sei dizer é que os povos todos por ahi se escandalisaram muito com o barbaro procedimento practicado para com o Campos e seus sequazes. Por mais que o mentiroso *Boletim* diga o contrario, este povo, que ainda é christão, antes quer ver forcas levantadas em nome da lei, barbara embora, do que assassinatos barbaros e covardes.

E a fallar a verdade eu acho-lhe razão. Direi o mesmo que Eugenio Sue nos *Mysterios de Paris*. Ao menos (mas era dantes) os povos da peninsula são coherentes. Entenderam que a pena

de morte era necessaria para cohibir os criminosos, e então elles a revestem de todo o apparato necessario para produzir uma impressão profunda. Quando se vê uma cidade toda abalada, os sinos dobrando de espaço a espaço o toque de finados, a irmandade da Misericordia dispondo um funeral pela alma do padecente, então é natural que todo o homem se entregue por um pouco á reflexão, e creia que foi bem horrivel o crime, o qual assim sepulta no silencio e no luto uma cidade inteira, porque a justiça se vê na dura necessidade de punir esse crime.

Porém, como se faz em París, levar o padecente fechado num carro, e ahi, ao amanhecer, ao abrigo das sombras, cortar-lhe a cabeça é assim uma cousa á maneira de assassinio, é horrivel, é indesculpavel, é barbaro.

Taes são pouco mais ou menos as idêas de Eugenio Sue. Se a pena de morte é uma necessidade, se a ordem das sociedades não póde conservar-se sem ella, então o modo por que as execuções se practicavam entre nós seria o unico racional.

Mas que dirá hoje Eugenio Sue, quando souber que já entre nós não só não ha o apparato necessario para imprimir terror, mas que nem fórma de processo, nem consolação alguma para o desgraçado? Sem o ouvirem, sem attenderem talvez ás justas razões que minorariam a gravidade do seu delicto, sem se lhe concederem os auxilios da religião, unicos que no momento da morte podem dar valor para a soffrer com resignação, assassinarem-no barbaramente não é nem de cannibaes. Eugenio Sue dirá, como dizia Victor Hugo ha doze annos: «A pena de morte já hoje não póde existir na França, nem em paiz algum civilisado: fiquem lá com ella, não os selvagens, que d'estes alguns a aboliram já, mas um povo que ainda fica mais abaixo—a Russia,—ou outro ainda abaixo d'este—a Hespanha...»—Eugenio Sue accrescentaria—e Portugal.—

Mas deixemo-nos de maçadas, que o mundo ha de correr como tem corrido.....

***

9 de maio de 1847.

Meu caro... Recebi a tua, escripta sexta-feira, que apreciei quanto deves saber. A desejada paz vai-se demorando indefinidamente, e eu estou cada vez mais ancioso por ella.

Meu caro... Tenho até já meus receios de que ainda para outubro se não abra a universidade. Já passa de guerra para uma nação tão pequena, tão pobre e tão espezinhada. Olha, já me aborrece tudo quanto não seja uma verdadeira paz. Estes dias tenho soffrido accessos de hypocondria, que me têm feito avaliar até certo ponto o que ha de soffrer um pobre diabo d'um *beef,* debaixo do melancolico céu de Londres, e dominado pelo seu celebre *spleen*. Ao menos a mim resta-me o elevado cume da serra do Bussaco, que, á excepção de uns dias como têm estado esta semana, sempre vale mais do que as abafadas margens do Tamisa. Ainda esta tarde, possuido d'uma zanga, que mal posso descrever-te, subi por estas ladeiras, fui á portaria do convento, e dalli, engatinhando por uma alcantilada rocha, fui encarapitar-me lá em cima, sósinho, encostado a uma cylindrica capellinha. De lá estive contemplando o vasto horizonte que se estendia a meus pés, vi o sol meio escondido já nas aguas do Oceano, e por sobre elle pendendo um dourado docel de nuvens, que aos lados terminavam em ricos festões, quaes não possue tão bellos o mais opulento monarcha da terra. De lá lancei tambem os olhos para essa cidade, saudei o convento de Sancta Clara, saudei os paços das escholas, onde tantas colicas tenho curtido, e dois pensamentos contrarios se cruzaram em minha mente, rapidos como o relampago. Lembrou-me que esse templo de Minerva está sendo profanado pelos immundos e barbaros servidores de Marte, que talvez se tenham proferido mil blasphemias no mesmo logar, onde nós em sagrada liça muitas vezes procuravamos decifrar os enigmas da sciencia, penetrar os seus mysterios.

Este pensamento dilatou minha alma por todas as quatro partes do mundo, porque o meu espirito lá foi abraçar-se com amigos que alli existem, com quem muitas vezes me sentei nos malfadados bancos das sabbatinas...

Nesta saudação, que dirigi aos paços das escholas, neste mystico abraço, com que alli me suppuz estreitar os meus amigos, senti um allivio á minha melancolia; pareceu-me que a essa hora te estava vendo a contemplares as alturas do Bussaco, que as tuas vistas se encontraram com as minhas, mas nesse momento se perderam sem se conhecerem, porque o sol já estava debaixo do horizonte alumiando povos mais felizes que nós, quero dizer—os selvagens da America.

Descí então para este pobre albergue, já menos triste, e ancioso de fallar-te, de conversar comtigo ao menos com o auxilio da invenção de Cadmo, que segundo me parece assim dizem que era a graça do primeiro inventor das letras.

E que irá agora por esse mundo politico do nosso Portugal?... Ha, ou não ha armisticio entre as forças belligerantes? As *botas* são sem numero. Andou hoje por aqui um almocreve das petas, que dava Casal batido em Castro Daire pelo Povoas, e mil outras d'este cunho.

Não te esqueças de mandar-me dizer o que souberes de novo.

(Continúa).

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

PUBLICAÇÕES OFFERECIDAS AO INSTITUTO

Foram recebidas e se agradecem as obras seguintes:

Elementos de Pedagogia para servirem de guia aos candidatos ao magisterio primario, coordenados por José Maria da Graça Affreixo e Henrique Freire, contendo toda a legislação vigente relativa á instrucção primaria — Lisboa, 1875.

Relatorio dos trabalhos geodesicos, topographicos, hydrographicos e geologicos do reino pertencente ao primeiro semestre de 1876 e anno economico de 1876–1877 — Lisboa, 1878, 1 folheto.

Rapport sur les travaux géodésiques, topographiques, hydrographiques et géologiques du Portugal, 1878 — Lisbonne, 1878, 1 folheto.

Supplemento á collecção dos tratados, convenções, contractos e actos publicos celebrados entre a corôa de Portugal e as mais potencias desde 1640, por Julio Firmino Judice Biker, primeiro official, chefe de repartição, archivista e bibliothecario do ministerio dos negocios extrangeiros, socio correspondente do Instituto de Coimbra, tomo 16.º — Lisboa, 1878.

Memoria sobre o estabelecimento de Macau, escripta pelo visconde de Santarem, abreviada relação da embaixada que el-rei D. João V *mandou ao Imperador da China e Tartaria* — Relatorio de Francisco de Assis Pacheco de Sampaio a el-rei D. José I, dando conta dos successos da embaixada a que fôra mandado á côrte de Pekin no anno de 1752, publicação feita por Julio Firmino Judice Biker, socio correspondente do Instituto de Coimbra — Lisboa, 1879, 1 volume brochado.

O systema nervoso e a intelligencia — Dissertação inaugural, por Felix Moura — Porto, 1879.

O brasão do appellido de Machado (jornal heraldico), por A. M. Seabra d'Albuquerque — Coimbra, 1879.

REDACTORES

Francisco de Castro Freire (Conselheiro), Presidente
Abilio Augusto da Fonseca Pinto
Antonio de Assis Teixeira de Magalhães (Dr.)
Antonio José Gonçalves Guimarães (Dr.)
Augusto Filippe Simões (Dr.)
José Epiphanio Marques (Dr.)
Luiz da Costa e Almeida (Dr.)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente e Ilhas	1$560
Para Coimbra	1$500
Numero avulso	160

A correspondencia litteraria deve ser dirigida interinamente a Abilio Augusto da Fonseca Pinto, rua do Corpo de Deus, 58; a de administração e gerencia, ao gabinete do Instituto — Coimbra.

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

VOLUME XXVII — AGOSTO DE 1879

SEGUNDA SERIE — N.º 2

5

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SUMMARIO

Pag.

QUESTÕES DE FINANÇAS — por **Domingos Manuel Pereira de Carvalho Abreu** 49

BREVE ESTUDO DYNAMICO SOBRE O PRIMADO UNIVERSAL DA EGREJA CHRISTÃ — por **Antonio Pereira Pimentel de Brito Côrte-Real** 55

CONTRIBUTIONES AD FLORAM MYCOLOGICAM LUSITANICAM — por **F. de Thuemen** 65

ICTERICIA GRAVE — por **J. A. de Sousa Refoios** 73

CATALOGO DAS PLANTAS MEDICINAES QUE HABITAM O CONTINENTE PORTUGUEZ — por **Adolpho Frederico Moller** 81

ESTANCIAS (poesia) — por **Augusto Sarmento** 85

GOMES D'ARREU NO BUSSACO — por **A. A. da Fonseca Pinto** 86

THOMÉ CACHEIRO — por **A. M. Seabra d'Albuquerque** 92

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

QUESTÕES DE FINANÇAS

SUMMARIO: — Noção geral do imposto; exposição e critica das principaes theorias. — Classificação dos impostos em directos e indirectos. — Valor economico e financeiro d'esta classificação. — Characteristicas d'uns e outros. — Impostos merecida ou immerecidamente incluidos em cada uma d'aquellas categorias nos tres primeiros artigos do rendimento do Estado, segundo o orçamento geral portuguez para o exercicio de 1878 a 1879.

(Continuado do n.º 1, pagina 14)

III

Theoria de Menier

Na opinião de Menier, o imposto representa «as despesas geraes de exploração do capital nacional [1].» Vê-se claramente que esta formula é destinada a fundamentar a theoria que considera o capital como a base da imposição ou a materia collectavel.

Vem nella implicita, como em quasi todas as definições que se tem dado do imposto, a idêa de troca. São, porém, muito vagos e indefinidos os termos — exploração do capital nacional —, que, tomados no sentido ordinario e litteral, revelam uma concepção singularmente erronea ácerca do fim do Estado, cuja missão, muito mais nobre e elevada, se não reduz ao desempenho de serviços

[1] *Théorie et application de l'impôt sur le capital*, pag. 86.

materiaes; e, interpretados mais racionalmente e conforme os verdadeiros principios, nada accrescentam á formula de Proudhon, muito mais rigorosa e precisa.

IV

Outras theorias e opiniões

Além das theorias que ficam indicadas e das formulas que as resumem, muitas outras se tem apresentado. No dizer de alguns, em nenhum assumpto se póde com mais razão applicar o aphorisma — *tot capita quot sententiae*. Quer-nos, porém, parecer que a falta de unidade neste ponto provém principalmente da diversidade de aspectos, sob que tem sido considerado o imposto, e que a divergencia está mais na fórma do que no pensamento.

As definições do imposto que differem quanto ao fundo não procuram simplesmente dar uma noção geral do definido; são antes formulas syntheticas, corollarios de opiniões differentes relativamente á solução das complicadissimas questões que suscita o systema tributario. Assim, das definições que analysamos, a primeira e a ultima são syntheses de doutrinas diversas, emquanto que a de Proudhon, formada com os elementos que o senso commum nos fornece, exprime uma idêa que se acha incluida em quasi todas as definições, e designadamente nas de Sully [1], Montesquieu [2], Mirabeau [3], Adam Smith [4], J. B. Say [5], Courcelle-Seneuil [6], Pradier

---

[1] Cit. por M. Joseph Garnier — *Traité de Finances*, pag. 17.

[2] *Esprit des lois*, liv. 13.º, cap. 1.º

[3] Cit. por M. Joseph Garnier — obra cit., pag. 17.

[4] *La richesse des nations*, traduzida do inglez por Blavet, tomo 4.º, cap. 2.º

[5] *Traité d'Économie Politique*, tomo 2.º, liv. 5.º, cap. 11.º, e *Cours d'Écon. Pol.*, 8.ª parte, cap. 4.º

[6] *Traité théorique et pratique d'Économie Politique*, tomo 2.º, pag. 215.

Fodéré [1], Baudrillart [2], de Joseph Garnier [3], Parieu [4], M.me Clémence Royer [5], Passy [6], Adrião Forjaz [7], Ferreira Borges [8] e Leroy-Beaulieu [9], que enunciam o mesmo pensamento fundamental, com mais ou menos exactidão.

Parieu, definindo o imposto — uma arrecadação antecipadamente feita pelo Estado na fortuna ou no trabalho dos cidadãos para satisfazer as despesas publicas, — é combatido por Proudhon, que o inculpa de haver deduzido a sua definição da velha theoria — do soberano e do seu dominio imminente sobre as pessoas e sobre as cousas —. Mas basta ler os periodos da obra de Parieu, extractados por Proudhon em apoio da sua censura, para se mostrar que esta critica carece de fundamento e é perfeitamente sophistica. Confundindo soberania com soberano, admira-se Proudhon de que Parieu repute o estabelecimento dos impostos um attributo da soberania, e, adulterando a interpretação das palavras d'aquelle insigne publicista, obstina-se em obrigal-o a dizer o contrario do que elle claramente exprime. A palavra Estado, empregada por Parieu, significa o complexo dos poderes publicos, que não se consubstanciam na pessoa do soberano; e não descobrimos por isso o motivo em que Proudhon podesse razoavelmente fundar-se para qualificar — *do direito divino* — aquella definição.

A critica que Parieu tinha feito á theoria de Proudhon [10], e que em verdade não era mais fundada, explica, se não desculpa, a

---

1 *Précis de Droit Politique et d'Économie Sociale*, cap. 3.º, pag. 81.

2 *Manuel d'Économie Politique*, 3.ª edição, pag. 471.

3 Obra cit., pag. 15.

4 *Traité des impôts considérés sous le rapport historique, économique et politique*, liv. 1.º, pag. 4.

5 *Théorie de l'impôt*, tomo 1.º, pag. 27.

6 *Dictionnaire d'Économie Politique*, verbo *impôt*.

7 *Elementos de Economia Politica*, § 226.º

8 *Principios de Syntelologia*, pag. 1.

9 Obra cit., tomo 1.º, pag. 109.

10 Cit. obra, nota á pag. 4 e 5 do liv. 1.º

*

d'este. Com effeito Parieu censura a formula de Proudhon, dizendo que se existe a troca em materia de impostos é forçada pelo poder publico e nem sempre é vantajosa para os contribuintes.

Ora já vimos o valor da segunda objecção, analoga á de Leroy-Beaulieu, e o da primeira não se lhe avantaja. Que razão haverá para considerar forçada e não livre a troca feita entre o Estado e os contribuintes? Será porque tem força obrigatoria, depois de realisada pelos legitimos representantes dos cidadãos? Pelo mesmo motivo podia dizer-se que não eram consentidos os contractos que as partes celebrassem por intermedio de pessoas que tinham escolhido para as representarem.

Como estes dois escriptores, poderiamos citar muitos outros que se combatem, professando doutrinas muito similhantes, por não dizer identicas. A diversidade de termos, a multiplicidade de aspectos e o ponto de vista mais empirico ou mais abstracto, sob que se considera o imposto, são as razões que principalmente têm originado a divergencia, que se nota nos modos de o definir.

V

A nossa opinião

Se tivessemos de formular uma definição de imposto rigorosa e scientifica, que dependesse da resolução dos variados e complexos problemas relativos á imposição e distribuição das contribuições, achar-nos-hiamos grandemente embaraçados por uma espantosa diversidade de systemas e opiniões que se chocam e luctam para alcançar a verdade.

Felizmente o nosso encargo não é tão amplo nem tão espinhoso: incumbe-nos apenas dar uma noção de imposto, sem nos importarmos com a determinação de qual seja o melhor e mais racional systema de contribuições.

Para nos desempenharmos d'esta tarefa distinguiremos o ponto

de vista economico do financeiro. No sentido economico definimos o imposto — o preço dos serviços comprehendidos na esphera d'acção do Estado — e, sob o aspecto financeiro e geral, — a parte com que cada cidadão deve contribuir, proporcionalmente ás suas faculdades, para a formação da receita publica d'um Estado —. Esta definição que é na sua generalidade applicavel a qualquer fórma de governo, não se nos affigura difficil de justificar.

O Estado é um ser collectivo que não póde existir nem realisar o seu fim, se as necessidades não forem satisfeitas. Aos membros d'esta sociedade, a quem elle concede protecção, beneficios e garantias, cabe fornecer-lhe os elementos de vida de que carece, e nenhum póde ser isento do cumprimento d'esse dever.

Os privilegios muitas vezes concedidos a certas classes ácerca do pagamento do imposto originaram a idêa de o considerar «um roubo feito pelo Estado aos particulares,» e de comparar o fisco a um «monstro, sanguesuga enorme, vampiro sedento d'ouro, prata e cobre que devora o dinheiro do povo.» É o modo como se exprime Lamartine, no *Conselheiro do povo* [1], procurando characterisar aquelle erro.

Os cidadãos devem pois contribuir para as despesas da nação a que pertencem, mas só em harmonia com os seus haveres. Pelo facto de serem membros d'um Estado assiste-lhes o direito de receber a protecção e serviços que estão a cargo d'aquella collectividade, e incumbem-lhes tambem deveres correlativos, para que a sociedade que formam possa conservar-se e cumprir o seu destino. Entre estes está incluida a obrigação de pagar o imposto, proporcionalmente aos recursos de cada um. Os que não podem pagar, por falta de meios, ficam desobrigados do cumprimento d'esse dever, porque — *ad impossibilia nemo tenetur* —, mas nem por isso perdem o direito de exigir os serviços que o Estado lhes póde prestar, sendo portanto erronea, como mais desenvolvida-

---

[1] Sexta serie, liv. 2.º, cap. 5.º, § 1.º

mente já demonstrámos, a opinião de que o imposto pago por cada individuo deve corresponder ao serviço recebido.

O desconhecimento do principio que deve presidir á distribuição dos impostos, isto é, a sua proporcionalidade com as faculdades dos contribuintes, e a alliança do mesmo principio com outros que o contradizem são, a nosso ver, a mais fecunda origem dos erros e contradicções em que cahem os mais distinctos financeiros, quando se occupam da resolução do problema denominado — a justiça absoluta do imposto.

O sabio auctor dos — *Principios de Finanças* —, tendo dicto, na critica feita á theoria de Proudhon, que a troca em materia de imposto não existe nem entre os particulares, nem entre cada um d'estes e o Estado (doutrina que acceitamos e que não consideramos offensiva d'aquella theoria, como tentámos demonstrar), affirma depois, tractando dos characteres do imposto, que este deve corresponder ao serviço recebido. Se a equivalencia se entendesse com respeito a cada cidadão, haveria entre elle e o Estado uma verdadeira troca, e ficava annullado o principio anteriormente estabelecido. Neste caso, sem embargo do muito respeito que professamos pelas opiniões de tão abalisado escriptor e nosso venerando mestre, seriamos forçados a dissentir do seu alvitre, aliás auctorisadissimo.

Talvez se acoime de empirica a nossa definição; mas foi assim, já o dissemos, o modo por que interpretamos a tarefa que nos foi commettida. Uma definição scientifica, que contivesse a determinação da materia collectavel e dos principios que devem regular a distribuição contributiva, implicaria a necessidade de resolver previamente as innumeraveis questões que se ventilam em toda esta materia, e o nosso encargo seria então, por assim dizer, illimitado, pois que á synthese teria de preceder a analyse, como á cupula antecede o edificio, de que é remate.

(Continúa) DOMINGOS MANUEL PEREIRA DE CARVALHO ABREU.

BREVE ESTUDO DYNAMICO SOBRE O PRIMADO UNIVERSAL DA EGREJA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 10, vol. XXVI, pagina 471)

SECÇÃO SEGUNDA

«EXPOSIÇÃO E CRITICA SUMMARIAS DO FEBRONIANISMO»

CAPITULO PRIMEIRO

«Exposição summaria do Febronianismo»

Febronio no seu *Tractado do governo da Egreja e do poder do Papa com relação a este governo* tem a pretensão a estabelecer os verdadeiros principios ácerca da indole já do Poder ecclesiastico em geral, já mui especialmente do Primado universal. Mas prevendo a revolução que o seu livro ia produzir no mundo catholico, fez preceder a sua obra de quatro epistolas, todas modeladas por um mesmo pensamento fundamental — preparar o terreno em ordem a melhor garantir a acceitação do seu livro.

A primeira epistola é dirigida ao Papa Clemente XIII; nella pondera o auctor que a verdadeira e principal causa dos schismas e divisões no povo christão (catholico e differentes seitas protestantes) era o poder exaggerado que então exercia o Papado, o facto de os direitos do Primado terem sido multiplicados e levados assim fóra dos seus limites naturaes. E, como *criterio* d'estes limites naturaes assigna os *direitos do Primado nos primeiros seculos* — a epocha florescente da Egreja, como elle diz: o Primado de então é que era o verdadeiro Primado, aquelle que J. C. quizera e instituira; esse é que era verdadeiramente de *direito divino*.

A segunda epistola é dirigida aos reis e principes christãos. Nella pondera o auctor a grande conveniencia e o grande bem que importa aos seus Estados, que não haja guerras, e que ao contrario nelles reine perpetua paz. Mas, diz elle, infelizmente as tem havido, e bem cruentas, e ainda as ha e haverá emquanto subsistir o actual estado de cousas. Ora a principal causa d'este estado de cousas é o despotismo, o poder sem limites do Primado; este é que gera as discordias no seio dos differentes Estados christãos; por tanto, conclue Febronio, deveis vós, reis e principes, empenhar-vos seriamente na reducção do Primado aos primeiros tempos da Egreja, visto estar daqui pendente a tranquillidade dos povos christãos, e pois dos vossos Estados. Se muitos Estados e povos sáem da Egreja, não é tanto por não terem fé em C. e na sua doutrina, mas para se verem livres do jugo de Roma.

A terceira epistola é dirigida a todos os bispos da Egreja Catholica. Nella lhes lembra Febronio que reparem bem no seu poder *actual,* que comparem o poder episcopal de hoje com o dos tempos florescentes da Egreja; e que d'essa comparação verão quanto o seu poder está hoje cerceado. E que, estudando por outro lado a causa d'este cerceamento, verão que não consiste em ser isso necessario para o bem da Egreja, mas que attendendo ao tempo em que foram privados d'esses direitos, e por quem o foram, convencer-se-hão de que houve uma verdadeira usurpação pelo Pontifice. Exhorta-os pois a que reivindiquem esses *seus* direitos, visto fazerem nisto um relevante serviço á Egreja, porquanto é principalmente por causa do despotismo de Roma que muitos têm sahido do seu gremio.

A quarta epistola é dirigida a todos os doutores de Theologia e de Direito Canonico. Nella lhes repete Febronio as idêas de que se acha possuido, e conclue exhortando-os a que o coadjuvem neste seu intento [1].

---

[1] Nesta epistola o que ha de mais importante, são alguns trechos que Febronio cita dos ultramontanos radicaes, pelos quaes se evidenceia como estes consideram o Primado — o poder papal.

Depois de ter assim disposto favoravelmente os animos de todos os elementos de alta preponderancia social, passa Febronio a expôr e a fundamentar largamente a sua doutrina.

Está dividida a sua obra em nove capitulos, cada um dos quaes se subdivide em differentes secções e estas em numeros [1].

---

[1] O primeiro capitulo tem a inscripção referida no texto; o segundo inscreve-se — «*Do Primado que ha na Egreja, e de seus direitos legitimos*»; o terceiro inscreve-se—«*Do augmento dos direitos do Primado de Roma, e dos meios accidentaes, innocentes, criminosos, que o occasionaram*»; o quarto inscreve-se—«*Das causas chamadas vulgarmente maiores*»; o quinto—«*Das leis ecclesiasticas, do direito de as promulgar para a Egreja universal, e das appellações para o Soberano Pontifice*»; o sexto—«*Dos concilios geraes*»; o setimo—«*Da auctoridade dos bispos, segundo o Direito divino*»; o oitavo—«*Da liberdade da Egreja, do direito e dos meios de a restabelecer*»; e finalmente o capitulo nono e ultimo inscreve-se—«*Dos meios de restabelecer a liberdade ecclesiastica.*»

Não nos permittem a estreiteza do tempo e os apertados limites d'uma Dissertação escolar entrar com Febronio numa discussão minuciosa sobre cada um d'estes capitulos da sua obra; por isso consideraremos mais detidamente apenas os tres primeiros, como sendo aquelles que melhor accentuam o systema geral do auctor, e mêsmo porque é principalmente nestes tres capitulos, e sobretudo no segundo e terceiro que Febronio tracta do Primado. O capitulo primeiro além de nos fazer conhecer o systema d'este escriptor sobre o governo *geral* da Egreja, influe tambem para accentuarmos melhor o seu modo de ver ácerca da indole do Primado. Neste capitulo com effeito deduz Febronio, como veremos, o principio da superioridade do concilio ecumenico sobre o papa, e pois sobre o Primado. Por isso tractaremos d'este capitulo tambem detidamente, e até mesmo referiremos a elle todos os demais elementos da doutrina de Febronio que se acham *dispersos* por toda a obra, mas que contribuem a accentuar a sua theoria geral sobre o governo *geral* da Egreja. Quanto aos demais capitulos, é certo que nelles e sobretudo no quarto e quinto *(causas maiores; appellações)* se tractam questões que tambem immediatamente respeitam ao Primado, mas não nos é possivel quanto a estes restantes capitulos passar d'um relance de vista geral sobre o assumpto, abstendo-nos completamente da exposição e critica de detalhes.

No primeiro capitulo que se inscreve—«*Da fórma externa do governo que J. C. estabeleceu na sua Egreja*»—, propõe-se Febronio determinar a indole do governo *geral* da Egreja, assim como no capitulo segundo se propõe mui especialmente determinar a indole do *Primado*. Para isso, formúla Febronio a seguinte regra—«*que é pelas EE. e só pelas EE. que se deve characterisar o governo da Egreja*»—; e depois formúla mais a seguinte regra a observar-se na sua interpretação—devem as EE. ser interpretadas não segundo as subtilezas dos Doutores e Theologos (sobretudo modernos), mas segundo a interpretação que lhes têm dado os SS. PP., a Tradição e os concilios geraes. Que quanto aos SS. PP., não havendo unanimidade, se prefiram os mais antigos aos mais modernos, e que se esclareça a sua interpretação pela Tradição, Canones dos concilios geraes e Historia principalmente antiga.

Comtudo Febronio não despreza a auctoridade da *razão*, mas quer que ella raciocine não sobre dados *a priori*, mas tomando para base a doutrina das EE. e da Tradição.

Taes são as regras admittidas por Febronio para ponto de partida. São effectivamente exactos estes principios que elle estabelece para base da sua argumentação, mas depois faz uma errada applicação d'elles, como havemos de ver; e com effeito, se este escriptor tivesse permanecido sempre fiel a estas regras, certamente que mui diversas teriam sido as conclusões a que teria chegado.

Posto isto, passa Febronio a resolver a questão enunciada no citado capitulo primeiro.

Póde considerar-se este capitulo dividido em duas partes [1]: uma parte meramente *critica, demolidora,* e outra *doutrinal, organisa-*

---

[1] Não é que Febronio tenha effectivamente dividido este capitulo em duas partes; neste capitulo como em geral em todos expõe Febronio a sua doutrina com a maxima confusão, e sobretudo sem ordem nem methodo; e por isso é que nós tanto neste logar como no decurso d'este trabalho alteramos muito a ordem da exposição das materias seguidas por este escriptor.

dora; na primeira discute Febronio a opinião dos que characterisam o governo da Egreja de *monarchia absoluta* (ultramontanos), e na segunda é que propriamente expõe e fundamenta a sua doutrina sobre esta questão.

A) Critica que faz Febronio do Ultramontanismo

Impugna Febronio a theoria da *monarchia absoluta* da Egreja pela seguinte fórma: aprecia os textos das EE.[1] sobre que os seus partidarios pretendem baseal-a, e faz ver que é falsa a interpretação que dão áquelles textos, porquanto, segundo elle, por —Pedro— deve entender-se não só o apostolo Pedro, mas os demais apostolos. E por conseguinte, conclue Febronio, se nas EE. nada se encontra que prove a fórma *monarchica* na Egreja, e pelo contrario d'ellas se deprehende que o *poder* não fôra dado só a Pedro mas a todos os apostolos, segue-se que o governo da Egreja não é *monarchico,* porquanto é da essencia da monarchia residir o poder *num só,* não sendo os demais governantes senão *mandatarios* ou *vicarios* do monarcha.

B) Doutrina de Febronio sobre o governo *geral* da Egreja

Póde ainda decompôr-se esta segunda parte em duas: uma, em que Febronio expõe a sua doutrina ácerca da indole do governo geral da Egreja, considerado em si mesmo, como um Poder Espiritual distincto do Poder Temporal, é o que poderemos chamar —«doutrina de Febronio sobre o Direito Ecclesiastico Publico *Interno*»—; outra em que este escriptor expõe a sua doutrina ácerca da indole do governo geral da Egreja, mas considerado nas suas relações com o Poder Temporal, é o que poderemos chamar —«doutrina de Febronio sobre o Direito Ecclesiastico Publico *Externo*»—.

---

[1] Matt., XVI, 18; Luc., XXII, 32; João XXI, 15.

a) Doutrina de Febronio sobre o Direito Ecclesiastico Publico *Interno*

Reduzimol-a aos seguintes *topicos:*

1.º) «*Sujeito do Poder Ecclesiastico geral — o episcopado.*»

Entende Febronio que todos e cada um dos bispos tem um poder *ordinario* e *proprio* que lhes fôra conferido immediatamente por C., e pois de direito *divino;* e funda-se na auctoridade das EE., na disciplina observada no concilio dos apostolos, e em muitas passagens dos SS. PP.[1] Daqui com effeito deduz elle:

a) Que Pedro não fôra o *unico* fundamento, sobre que C. edificara a sua Egreja, que não fôra a elle *só* que C. dera o poder de ligar e desligar, e por tanto que não fôra elle *só* o unico e immediato *sujeito* do Poder Ecclesiastico;

b) E que ao contrario o Poder Ecclesiastico fôra dado por C. a *todos* os apostolos, e depois por successão a *todos* os bispos.

Logo, conclue, *todos* os bispos têm poder *ordinario,* recebido immediatamente de C., e não *sómente* o bispo de Roma.

2.º) «*Indole d'este poder ordinario dos bispos, considerados individualmente.*»

Entende Febronio que este poder episcopal vai até mesmo envolver uma jurisdicção geral sobre toda a Egreja, tendo cada bispo o direito de dispensar soberanamente, de julgar em materia de heresia, de consagrar e mesmo constituir bispos, de cumprir ordens mesmo noutras dioceses, etc., etc.

3.º) «*Indole do poder ordinario dos bispos, considerados collectivamente.*»

---

[1] É sempre fundando-se na auctoridade das EE. e em geral na auctoridade da primitiva disciplina, que Febronio pretende demonstrar todas as suas proposições.

Entende Febronio que é no concilio e só no concilio que se realisa d'um modo completo a *soberania* da Egreja. E com effeito, diz elle [1], o Poder Ecclesiastico, residindo em todo o episcopado (1.º topico), segue-se que a Egreja representada no concilio geral, é que é verdadeiramente *soberana,* e pois *superior ao Pontifice.* Demais, diz elle, e só o concilio é que é verdadeiramente *infallivel* [2]. E d'este duplo principio—*soberania* absoluta e *infallibilidade* do concilio—deduz Febronio os seguintes corollarios:

a) Que no concilio o Pontifice Romano não é senão um bispo, como os demais bispos, com egual mas não superior auctoridade, e pois do mesmo modo que elles, quando considerados individualmente, *inferior ao concilio.* Funda-se mesmo Febronio na theoria geral das assemblêas, em que o presidente e demais funccionarios lhes estão subordinados, não sendo senão ministros d'ellas;

b) Que por conseguinte o concilio ainda mesmo que o papa não assista a elle, nem por isso deve ser considerado como um

---

[1] Não é que Febronio se exprima por esta fórma, mas é como se assim dissesse. E esta observação fazemol-a não só para o caso presente, mas em geral para todos aquelles logares, onde se leia—«diz Febronio»—, ou expressão equivalente.

[2] De facto, na secção nona d'este capitulo demonstra Febronio a infallibilidade da Egreja (concilio), já *a priori*, já fundando-se em argumentos de auctoridade. *a*) *A priori*, ponderando a necessidade d'este dom na Egreja, sem o qual poderia ella, mesmo com as melhores intenções, ir adulterando a doutrina de C.; e por tanto, conclue que J. C., se fundou a Egreja, não podia deixar de a ter dotado d'aquelle dom, visto que sem elle não se poderia conservar *perpetuamente* a integridade da doutrina. *b*) E por outro lado, tal é o que se deduz de differentes passagens das EE. e testemunho dos SS. PP. Logo, conclue Febronio, a infallibilidade está na Egreja (concilio ecumenico).

Por outro lado, Febronio na secção decima d'este mesmo capitulo primeiro combate a infallibilidade papal: 1) porque, se o governo da Egreja não é monarchico, fica por isso mesmo prejudicada; 2) porque não é util á Egreja; 3) porque muitos catholicos não a admittem (tal é Bossuet); 4) e porque pela historia dos concilios se vê que a Egreja jámais a reconhecera.

corpo acephalo, porquanto o Primado é *na* Egreja e não *acima* d'ella;

c) Que pois o concilio e só o concilio, como verdadeiramente soberano e infallivel, é que tem direito a exercer *irreformavelmente* os direitos seguintes: 1) direito de terminar as controversias, definindo pontos de fé e moral; 2) direito de condemnar as heresias; 3) direito de promulgar leis universaes; 4) direito de dispensar ou relaxar estas leis; 5) direito de receber appellações de toda a parte; 6) e pois direito de receber *appellações do papa;* 7) direito de conhecer das causas maiores, tal como disposição de bispos, etc.; 8) e pois tambem direito de *depôr o papa;* etc., etc.....[1]

4.º) «*Indole geral do Primado perante o Poder Ecclesiastico geral.*»

Do que deixamos exposto, facilmente se deprehende que Febronio deve considerar o Primado d'um modo muito restricto. E com effeito entende elle:

Que o Primado não é senão uma simples *preeminencia,* similhante á do metropolita sobre os seus suffraganeos, em ordem a não invadir ou estorvar os direitos episcopaes.

O papa, diz elle, tem sem duvida um direito de inspecção e direcção geral sobre todas as Egrejas, mas não póde reclamar *nenhuma jurisdicção;* não é um tribunal de *ultima* instancia, nem um monarcha *absoluto,* nem um doutor *infallivel;* não póde pois sem o assentimento da Egreja fazer leis *irreformaveis* e *obrigatorias* para todos os fieis, nem por conseguinte sanccionar a sua execução com a pena de *excommunhão.* Como chefe da Christandade, é superior a cada bispo em particular, tem sobre cada um individualmente considerado a *majoritas,* mas não sobre o corpo episcopal em seu conjuncto, unico verdadeiro soberano da Egreja.

Por esta razão o papa não tem poder algum contra os canones,

---

[1] Vej. parte 1.ª d'esta Dissertação, cap. 3.º, *serie geral dos direitos do Primado,* no *Instituto,* n.º 9 do vol. XXVI.

porquanto não os póde dominar, visto terem o cunho *da soberania do concilio;* ao contrario, deve ser o primeiro a dar o exemplo da sua observancia, e a velar pela sua execução geral sobre toda a Egreja.

Tal é a indole geral do Primado, segundo Febronio; mas observa em seguida este escriptor. É certo que actualmente, graças ás complacentes *concessões* dos bispos, e principalmente ás *extorsões* dos papas, o Primado se tem enriquecido no decurso dos seculos d'um grande numero de prerogativas, mas é precisamente por isso que é necessario reconduzir a Egreja ao seu estado normal, — tal qual havia sido constituido pelos quatro primeiros concilios ecumenicos. Ora para se attingir este resultado, conclue Febronio, o meio mais efficaz é que os bispos recusem a promulgação ás bullas pontificias todas as vezes que pareçam causar obstaculo á *liberdade* da Egreja.

5.º) (Synthese dos anteriores). «*Indole geral do governo da Egreja, considerado em si mesmo*»; isto é

«Que J. C. dera o poder das chaves a toda a Egreja, a qual o exerce por seus ministros, entre os quaes o bispo de Roma, ainda que o primeiro, não é menos subordinado á unidade [1].»

Em verdade, diz Febronio, as chaves (ou o que vale o mesmo, o poder ou governo da Egreja), tendo sido dadas a *todos* os apostolos (1.º topico), não lhes foram dadas como a pessoas *determinadas,* d'outro modo com effeito teriam perecido com elles, mas como a *ministros* e *representantes* da Egreja; por tanto é rigorosamente a Egreja que nunca morre, e não cada um dos seus ministros, que possue as chaves: nesta é que reside a *propriedade* do poder, o seu *exercicio* esse é que é distribuido pelos differentes ministros d'ella. A Egreja tem pois o poder *secundum originem et virtutem, radicaliter et principaliter;* os ministros da Egreja só *secundum usum, usualiter et usufructualiter.*

---

[1] Vej. Febronio, obra cit., cap. 1.º, secç. 6.ª

Logo, conclue Febronio, cada ministro tendo o poder só *usufrualiter,* está subordinado á Egreja, sómente a qual tem o poder *radicaliter;* logo o poder do Pontifice (Primado), como sendo tambem só *usufructualiter,* está do mesmo modo subordinado ao corpo da Egreja: daqui a—soberania *absoluta* dos concilios.

b) Doutrina de Febronio sobre o Direito Ecclesiastico Publico *Externo*

Reduzimol-a aos dois seguintes topicos:

1.º) «*O Poder Ecclesiastico, como essencialmente espiritual, é distincto do Poder Temporal.*»

2.º) «*Mas o Poder Ecclesiastico deve estar até certo ponto subordinado ao Poder Temporal.*»

E com effeito entende Febronio que o Poder Temporal deve ter direito a intervir nos actos da administração ecclesiastica: assim recommenda aos principes entre outros meios a cooperarem na convocação frequente de concilios ecumenicos, e para elles recorrerem dos decretos pontificios, a exercerem os direitos do *beneplacito,* a estabelecerem os chamados recursos á corôa, de recusa de obediencia, etc.

Vê-se pois claramente qual era o pensamento de Febronio: todo o seu empenho era conquistar para o episcopado uma ampla *liberdade* ecclesiastica perante o Pontificado; mas, como via que os bispos não tinham de *per si* poder sufficiente para levarem a effeito esta conquista da sua *independencia* do Primado, esta como que *insurreição* contra o Primado, por isso chamou em auxilio da sua empresa o Poder Temporal: daqui essa serie de direitos que concede aos principes e imperantes seculares relativamente á auctoridade pontifical. Ora é facil de ver que por esta fórma ficando o chefe da Egreja, o primeiro orgão do Poder Ecclesiastico, completamente dependente da auctoridade secular, fica por isso mesmo todo o Poder Ecclesiastico em geral mais ou menos subordinado ao Poder Temporal.

(Continúa) ANTONIO PEREIRA PIMENTEL DE BRITO CÔRTE-REAL.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

CONTRIBUTIONES AD FLORAM MYCOLOGICAM LUSITANICAM

(Continuado do n.º 1, pagina 26)

MUCEDINEI

224. **Polyactis cana.** Cooke, Handb. British Fungi p. 600 no. 1799.
—*Botrytis cana* Kunz. et Schm. Myk. Hefte I. p. 83.
—Berk. in English Flora v. p. 342.
Ad caules putridos dejectos *Ricini communis* Lin. Coimbra in horto botanico. 4.79. N.º 449. Leg. Moller.

225. **Polyactis vulgaris.** Lk. Obs. mycol. I. p. 14. Fig. 22.—*Botrytis vulgaris* Fr. Syst. mycol. III. p. 394.
In polline *Araucariae excelsae* Ait. Coimbra in horto botanico. 5.79. N.º 497. Leg. Moller.

HYMENULACEI

226. **Leptostroma quercinum.** Lasch in Klotzsch, Herb. mycolog. no. 1075.
Ad folia emortua prostrata *Quercus Suberis* Lin. Baleia pr. Coimbra. 3.79. N.º 406. Leg. Moller.

227. **Leptostroma Castaneae.** Sprgl. Syst. vegetal. IV. p. 538.
Ad folia arida *Castaneae sativae* Lam. Zombaria pr. Coimbra. 1.79. N.º 276. Leg. Moller.

228. **Leptostroma litigiosum.** Desm. in Ann. sc. natur. 1843. XIX. p. 338.

In *Pteridis aquilinae* Lin. stelis emortuis. Ingote pr. Coimbra. 5.79. N.º 502. Leg. Moller.

229. **Ectostroma Quercus.** Desm. in Ann. sc. natur. 1849. XI. p. 276.

In *Quercus Suberis* Lin. foliis vivis sublanguidisve. Foz da Mizarella pr. Coimbra. 3.79. N.º 440. Leg. Moller.

230. **Ectostroma Maclurae.** Thuem. nov. spec.

E. pseudoperitheciis epiphyllis, numerosis, valde irregularibus, plano-convexulis, rugulosis, nitidis, primo aurantiacis, demum fuscis, postremo griseo-atris, subtus ochroleucis e cellulis polyedris ferrugineis composito; sporae —.

In *Maclurae aurantiacae* Nutt. foliis vivis. Choupal pr. Coimbra. 9–12.78. N.º 243. Leg. Moller.

231. **Ectostroma Lauri.** Fr. Syst. mycol. II. p. 602.—*Xyloma Lauri* De C. Fl. franc. VI. p. 156.

Ad folia languida aridave *Lauri nobilis* Lin. St. Antonio dos Olivaes pr. Coimbra. 12.78. N.º 268. Leg. Moller.

332. **Ectostroma Liriodendri.** Fr. Syst. mycol. II. p. 602.—*Leptostroma Liriodendri* Lk. Handb. d. Gewachskunde III. p. 345.

In foliis vivis *Liriodendri tulipiferae* Lin. Coimbra in horto botanico. 8.78. N.º 89. Leg. Moller.

233. **Gloeosporium Cydoniae.** Mntg. in Cast. Cat. plant. Mars. Supl. p. 59.—Id. Sylloge plant. cryptog. p. 96.

Ad folia viva languidave *Cydoniae vulgaris* Pers. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 6.78. N.º 80. Leg. Moller.

234. **Gloeosporium Mollerianum.** Thuem. nov. spec.

G. acervulis sparsis, raro confluentibus, applanato-disciformibus, sordide fusco-purpureis, plus minusve orbiculatis, mediis; sporis bacillari-ellipsoideis, rectis vel minime arcuatis, utrinque subobtusatis, simplicibus, uniquadriguttulatis, achrois, 14–18 mm. long., 4–5 mm. crass.; basidiis fasciculatis, tenuibus, brevibus, curvatis, hyalinis.

In epidermide emortua *Phytolaccae decandrae* Lin. Choupal pr. Coimbra. 1.79. N.° 278. Leg. Moller.

235. **Gloeosporium sphaerelloides.** Sacc. in Michelia I. p. 216.

Ad folia viva *Acaciae Melanoxyli* R. Br. Pouzada circa Sernache dos Alhos pr. Coimbra. 12.78. N.° 249. Leg. Moller.

236. **Gloeosporium Juglandis.** Sacc. in Michelia I. p. 220.—*Leptothyrium Juglandis* Lib. Cryptog. Arden. exsicc. no. 164.

Ad *Juglandis regiae* Lin. folia viva. Coimbra. 6.78. N.° 69. Leg. Moller.

237. **Gloeosporium ampelophagum.** Sacc. in Rivista d. Viticoltura ed Enologia Italiana 1877 p. 494.—Id. in Michelia I. p. 217.—Thuemen, Pilze des Weinstockes p. 9.—Id. in Jornal de Horticultura pratica do Porto 1878 p. 241. —*Ramularia ampelophaga* Pass. La Nebbia di Moscatello 1876.

Ad folia et sarmenta viva *Vitis viniferae* Lin., nec non ad uvas immaturas. Coimbra. 7.78. N.° 68. Leg. Moller. —Setubal. 1878. Leg. Lambert.—Porto. 1878. Leg. Duarte de Oliveira Jun.—Nomen vulgatum in Lusitania «Carvão» vel «Morão.»

*

238. **Gloeosporium Ostryae.** Thuem. nov. spec.

G. acervulis epiphyllis, gregariis, minutis, sublenticularibus, nigro-fuscis in macula arescendo-ferruginea, irregularia, non limitata, subtus dilute fusca; basidiis longis, arcuatis, dilute fuscidulis, fasciculatis; sporis cylindrico-ellipsoideis, utrinque rotundatis, bi-quadriguttulatis, subrectis vel arcuatulis, continuis, hyalinis, 5–7 mm. long., 2.5–3 mm. crass.—Fortasse fungus pycnidium *Gnomoniae Ostryae* De Not. Sfer. Ital. 1. p. 42. Tab. 49.

In foliis vivis *Ostryae virginicae* Lam. Coimbra in horto botanico. 8.78. N.º 132. Leg. Moller.

239. **Gloeosporium Pisi.** Oudems. Contrib. fl. mycol. Neerland. 1. p. 19 et 33.—*Ascochyta Pisi* Lib. Cryptog. Arden. exsicc. no. 12.—*Ascospora Pisi* Fuck. Symb. mycol. p. 94.

Ad *Pisi sativi* Lin. legumina subviva. Coimbra. 5.79. N.º 464. Leg. Moller.

240. **Vermicularia Eryngii.** Fuck. Symb. mycol. p. 374.—*Excipula Eryngii* Cda. Icon. fung. 1. no. 294.

In caulibus petiolisque aridis *Eryngii campestris* Lin. In collibus St. Clara pr. Coimbra. 3.79.

241. **Illosporium aurantiacum.** Lasch in Rabh. Fungi europaei no. 74. *non* Fuck. Enum. Fung. Nassoviae no. 206.

In *Xanthoriae parietinae* Th. Fr. thallo apotheciisque ad corticem *Fraxini excelsioris* Lin. Coimbra. 3.79. N.º 362, 364. Leg. Moller.

242. **Cicinnobolus Cesatii.** De By. Beitrage z. Morph. u. Phys. d. Pilze 1. p. 71. — Thuemen, Pilze d. Weinstockes p. 178.

Ad folia viva *Vitis viniferae* Lin. in *Oidio Tuckeri* Berk. (N.° 219 huj. enum.) paresitans. Coimbra. 8.78. N.° 113. Leg. Moller.

USTILAGINEI

31.b **Ustilago Carbo.** Tul. in Ann. sc. natur. 1847. p. 78.
In *Hordei hexastichi* Lin. ovariis vivis. Quinta das Maias pr. Coimbra. 5.79. N.° 474. Leg. Moller.

UREDINEI

243. **Puccinia Amphibii.** Fuck. Symb. mycol. Nachtr. II. p. 15.
In foliis vivis *Polygoni amphibii* Lin. Alcarraques pr. Coimbra. 3.79. N.° 447. Leg. Moller.

244. **Puccinia Menthae.** Pers. Syn. fung. p. 227.
Fungus stylosporiferus—Uredo Menthae Strauss in Ann. Wetterar. II. p. 99.
In *Menthae rotundifoliae* Lin. *var. hirsutae* Brot. foliis vivis. Ceira pr. Coimbra. 6.78. N.° 46. Leg. Moller.

245. **Puccinia coronata.** Cda. Icon. fung. I. p. 6. Tab. 2. Fig. 96.
Ad *Avenae barbatae* Brot. folia viva. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 6.78. N.° 67. *(Uredo* et *Puccinia propria)* —Ad folia viva *Holci lanati* Lin. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 6.78. N.° 66. *(Uredo* et *Puccinia propria)* —In *Hordei hexastichi* Lin. foliis vivis. Quinta das Maias pr. Coimbra. 5.79. N.° 573. Leg. Moller.

48.b **Puccinia Andropogonis.** Fuck. Symb. mycol. p. 59.
Ad culmos vivis *Andropogonis hirti* Lin. Baleia pr. Coimbra. 8.78. N.° 94. Leg. Moller.

246. **Puccinia Malvacearum.** Mntg. in Gay, Fl. chilens. VIII. p. 43. —Id. Sylloge plant. cryptog. p. 314.
In *Malvae rotundifoliae* Lin. foliis vivis. Coimbra. 4.79. N.º 480. Leg. Moller.

247. **Gymnosporangium clavipes.** Cooke et Peck in Journ. Queckett Microscop. Club. II. 1871. p. 258.—Cooke in Grevillea III. p. 189.—*Gymnosporangium fuscum* Gasparini in Radiconto della R. Acad. d. science d. Napoli 1848. no. 41. *non* Duby.—*Tremella mesenteriformis* Brot. Fl. Lusit. II. p. 433.
In *Juniperi phoeniceae* Lin. ramulis vivis. Coimbra in horto botanico. 2.79. Leg. Moller.

248. **Phragmidium asperum.** Wallr. Fl. german. cryptog. II. p. 188. *Fungus stylosporiferus*—*Uredo Ruborum* De C. Fl. franc. II. p. 234.
In *Rubi fruticosi* Lin. foliis vivis. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 5.78. N.º 19. Leg. Moller.

41.b **Phragmidium Rosarum.** Fuck. Symb. mycol. p. 47.—Rabh. Handb. Deutschl. Kryptog. Flora p. 32. no. 311.
In foliis vivis *Rosae albae* Lin. Coimbra. 11.78. N.º 225. Leg. Moller.

249. **Melampsora populina.** Tul. in Ann. sc. nat. 1854. II. Tab. 7. Fig. 10.
Ad folia emortua *Populi albae* Lin. Coimbra in horto botanico 8.78. N.º 139.—In *Populi moniliferae* Ait. (*P. canadensis* Burgsdf.) foliis subputridis. Coimbra. 1.79. N.º 279. Leg. Moller.

250. **Cronartium Paeoniae.** Cast. Cat. plant. Mars. p. 211.
Ad *Paeoniae corallinae* Retz et *P. edulis* Retz. folia viva. Coimbra in horto botanico. 6.78. N.º 51. Leg. Moller.

251. **Pileolaria Therebinthi.** Cast. Cat. plant. Mars. p. 204. Tab. 11.
In foliis vivis *Pistaciae Therebinthi* Lin. Coimbra in horto botanico. 5.78. N.º 2. Leg. Moller.

252. **Coleosporium Senecionis.** Fr. Sum. veget. Scand. p. 512.
Ad *Senecionis vulgaris* Lin. folia viva in arvis pr. Coimbra. 3.79. N.º 386. Leg. Moller.

253. **Uredo Vincae.** De C. Fl. franc. II. p. 70.
In *Vincae mediae* Hoffmsg. et Lk. foliis vivis. Matta de Alcarraques pr. Coimbra. 3.79. N.º 446. Leg. Moller.
Obs. Sori semper hypophylli, longe diu epidermide tecti, verrucosi firmique. An *Pucciniae Berkeleyi* Pass. (P. *Vincae* Berk. *non* Cast.) fungus stylosporiferus?

254. **Uredo Castagnei.** Rav. in Curtis Catalog.—Thuemen, Mycotheca universalis no. 439.
Ad folia viva *Persicae vulgaris* Mill. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 11.78. N.º 205. Leg. Moller.

33.b **Caeoma Ricini.** Schlchtd. in Linnaea I. p. 612.
In foliis vivis *Ricini spectabilis* Blume. Coimbra in horto botanico. 5.78. N.º 13. Leg. Moller.
Obs. Fortasse *Melampsorae* species fungus stylosporiferus!

255. **Aecidium Calystegiae.** Desm. in Ann. sc. natur. 1847. VIII. p. 14.
In *Calystegiae sepii* R. Br. foliis vivis. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 6.78. N.º 44. Leg. Moller.

TREMELLINI

256. **Dacryomyces castaneus.** Rabh. Handb. Deutschl. Kryptog. Fl. p. 53 no. 524.—Fr. Hym. europ. p. 699.

In ramulis putridis *Citri Limoni* Risso. Felgueiras. 4.78. N.º 40. Leg. J. A. Henriques.—Species valde incerta!

257. **Tremella mesenterica.** Retz in Vetenskab. Akad. Handl. 1769. p. 249.—Fr. Hymen. europ. p. 691.—*Tremella chrysocoma* Bull. Champig. Tab. 164.

Ad arborum frondosarum ramulos. Coimbra. 2.79. Leg. Moller.

AGARICINI

258. **Schizophyllum commune.** Fr. Syst. mycol. I. p. 303.—Id. Hymen. europ. p. 492.

In arborum frondosarum truncis ramisque. Coimbra. 5.78. N.º 32. Leg. Moller.

(Continúa) F. DE THUEMEN.

ICTERICIA GRAVE

(Continuado do n.º 1, pagina 32)

PRIMEIRA PARTE

Ictericia grave ou *maligna* [1] — *ictericia typhoide* [2] — *ictericia hemorrhagica essencial* [3] — *atrophia amarella aguda do figado* [4] — *hepatite parenchymatosa* [5] — *hepatite diffusa* e *acholia* [6]: — eis as differentes denominações por que é e tem sido conhecida a molestia que vamos estudar.

As nomenclaturas constituem em cada ramo scientifico um bom meio para avaliar do estado de perfeição da sciencia: é assim por exemplo que a actual nomenclatura de histologia pathologica, que designa as differentes producções morbidas por nomes derivados dos tecidos normaes que ellas reproduzem, revela um progresso real sobre a antiga nomenclatura que pelas semelhanças exteriores com vegetaes ou animaes designava os differentes neoplasmas por nomes taes como — tuberculo, fungus, tumores fungosos, napiformes, polypo, etc.

A mudança nas designações, por que tem sido conhecida a molestia que nos occupa, revela tambem um aperfeiçoamento successivo.

O nome de — *ictericia grave* ou *maligna* — é o que menos diz (por que não diz nada) sobre a natureza da molestia: foi por isso

---

1 Ozanam, 1849 — *De la forme grave de l'ictére essentiel.*

2 Lebert, 1862 — *Memoria in Arch. de méd.*

3 Monneret, 1862 — *Memoria in Arch. de méd.*

4 Rokitansky, 1843; Von Dusch, 1854; Frerichs, 1858.

5 Virchow.

6 Jaccoud, 1872.

que elle foi o primeiro empregado para designar um estado morbido que só pelas apparencias era conhecido: é elle tambem o que mais convém quando, como no caso actual, se quer indicar o syndroma morbido para ser estudada a lesão que lhe corresponde e mais especialmente a pathogenia de seus symptomas, sem comtudo se lhe querer antecipadamente attribuir qualquer natureza.

Fóra, porém, d'estas condições é esta designação a peior de todas. A ictericia não chega a ser uma molestia, é um symptoma; consiste sempre na diffusão da materia córante da bilis por todo o organismo, denunciando-se mais facilmente na urina (pela côr d'esta ou pela acção do acido azotico), na coloração amarella da conjunctiva ocular e da pelle (seguindo a ordem da sua mais facil determinação clinica).

Quer seja produzido por uma compressão externa sobre o canal choledoco ou hepatico (tal é o caso de tumores cancrosos do pyloro, da cabeça do pancreas, do figado, abcessos, kystos dos orgãos ambientes, bridas cicatriciaes do peritoneu, etc.);—quer seja devido á obturação dos mesmos canaes por um calculo ou cellulas epitheliaes (nas angiocholites catarrhaes) ou mais raramente por um entozoario;—quer esteja ligado a uma molestia infecciosa (febres intermittentes, remittentes, febre amarella, febres biliosas, etc.);—quer seja determinado por um envenenamento pelo phosphoro, arsenico, antimonio, alcool, chloroformio, ether ou materias septicas;—quer seja uma complicação rara de algumas molestias, como a pneumonia, queimaduras extensas da pelle, etc.;—quer appareça rapidamente após uma emoção moral forte;—quer seja o resultado d'uma propagação da inflammação do cordão umbilical do infante;—quer seja, segundo alguns pathologistas, o producto d'uma transformação *heterotopica* de hemoglobulina em bilirubina:—é certo que em todos os casos o symptoma—*ictericia* é sempre o mesmo, sem gravidade que lhe seja propria, e tendo por isso um prognostico variavel, intimamente ligado á lesão que lhe deu origem e profundamente dependente d'essa mesma lesão.

A injecção intravenosa de bilis produz ictericia sem revelar symptomas graves e compromettedores da vida, desde que se tomem as precauções devidas; um individuo póde viver icterico durante muitos mezes (ictericia chronica) sem grande desarranjo na saude.

Se as injecções intravenosas de bilis, practicadas por Magendie, produziam a morte rapida, era isso devido a embolias capillares, que Frerichs soube evitar em vinte experiencias privando a bilis dos corpos solidos em suspensão antes de fazer a injecção; as experiencias de Feltz e Ritter tambem não produziam accidentes nos cães, em que não excederam a dóse de 8 grammas [1].

A materia córante da bilis póde ser introduzida no organismo em quantidades enormes sem produzir accidentes.

Se o symptoma *ictericia,* isto é, se a presença do pigmento biliar no sangue em quantidade sufficiente para córar os tecidos, transsudando através das paredes dos vasos, não produz alteração da saude, o que significa a designação de — *ictericia grave?*

Representa o atrazo da sciencia na epocha em que lhe deu tal nome; revela bem claramente que se tractava apenas *d'um diagnostico symptomatico* sem que se emprehendesse chegar a fazer um *diagnostico pathogenico.*

Reconhecia-se o symptoma *ictericia;* e por que ás vezes após este symptoma appareciam phenomenos nervosos — como delirio, convulsões e coma, e finalmente a morte, addicionava-se-lhe o epitheto de — *grave* ou *maligna.*

A sciencia ficava com mais um nome, registava o facto de que o doente morria icterico e com symptomas nervosos; mas nada tinhamos de positivo e util a não ser — o despertar para o futuro a curiosidade scientifica de distinguir pathogenicamente este estado morbido, que pela terminação se afastava de tantos casos benignos de ictericia.

A designação de — *ictericia typhoide* não nos representa nem

---

[1] Picot — *Les grands processus morbides*, 2.° vol., pag. 511.

mais, nem menos que a precedente; e a de—*ictericia hemorrhagica* é insufficiente, porque a epistaxis, pelo menos, é tão commum nos differentes casos de ictericia, que o facto da hemorrhagia não póde servir para distinguir um genero de ictericia, quanto mais que póde apparecer ainda a hematuria, sem comtudo se manifestarem os phenomenos nervosos de ataxia e coma, terminando pela morte; e por outro lado se as hemorrhagias multiplas, as petechias e as echymoses apparecem em mais de metade dos casos de ictericia grave [1], d'ahi mesmo se conclue que por vezes falta esse symptoma.

E se ao que fica já dicto junctarmos que a lesão caracteristica da molestia póde seguir a sua evolução regular, e que nos ultimos dias a ictericia póde desapparecer sem que os symptomas nervosos se attenuem (como aconteceu no caso que Jaccoud refere na Clinica citada) temos uma razão que de per si é sufficiente para fazer abandonar a designação de—*ictericia grave, maligna, typhoide* ou *hemorrhagica;* porque então já não existe a ictericia quando se manifestam os symptomas graves, malignos ou typhoides.

A designação de—*atrophia amarella aguda* representa já um progresso importante; vai-se examinar o figado para explicar a molestia pela lesão que a originou; comtudo esta designação refere-se a um facto que nem sempre se dá: as observações de Budd, Hanlon e Monneret [2], bem como a de Neuschler [3] provam que as alterações histologicas que caracterisam a molestia podem dar-se e matar o doente, sem que o figado se apresente diminuido de volume, atrophiado; o primeiro caso, que Trousseau refere na sua Clinica, comprova-o egualmente. Por isso, esta denominação deve ser abandonada.

As designações de—*hepatite parenchymatosa* ou *diffusa* não podem acceitar-se sem algumas reflexões. O termo *hepatite* de-

---

1 Picot — *Loc. cit.*, 2.º vol., pag. 505.

2 Trousseau — *Cliniq. de l'Hotel-Dieu*, 3.º vol., pag. 303.

3 Jaccoud — *Cliniq. de l'hopital Lariboisiére*, pag. 542.

signa inflammação no figado — processo morbido essencialmente *activo*. Ainda que na molestia, de que fallamos, se tractasse d'uma inflammação bem caracterisada, eu não empregaria o termo de — *exsudato parenchymatoso* sem fazer notar com Picot [1] e Cornil e Ranvier [2] que a expressão é impropria e que a chamada — *inflammação parenchymatosa* corresponde antes á degeneração granulo-gordurosa — que constitue um processo morbido *passivo*.

Ainda que a *ictericia grave* se apresente com marcha aguda, eminentemente aguda, e acompanhada d'um movimento febril, a principio pouco accentuado mas elevando-se depois rapidamente com uma ascensão quasi vertical até uma temperatura excessiva; ainda que, segundo affirma Frerichs, ha tambem a formação d'um exsudato intersticial; é certo que este exsudato não é constante, e que a lesão caracteristica da ictericia grave é a *degeneração granulo-gordurosa*.

É preciso, porém, não confundir esta degeneração com a *infiltração* gordurosa.

Existem normalmente nas cellulas hepaticas gottas de gordura que as infiltram; esta infiltração varía no estado physiologico dentro de certos limites, augmentando por exemplo na mulher e nas femeas dos animaes durante a lactação, em todos os individuos no periodo digestivo; — augmenta notavelmente, ultrapassando os limites physiologicos, em quasi todas as molestias chronicas, susceptiveis de produzirem uma cachexia — taes são a phthisica pulmonar, a tuberculose dos ossos, as suppurações prolongadas, a escrophulose avançada, etc., constituindo então o chamado — *figado gordo*. As cellulas hepaticas estão então sobrecarregadas de gordura; as que se acham transformadas em cellulas adiposas perderam as propriedades funccionaes caracteristicas da cellula hepatica, mas em todo o caso não morreram, não se destruiram; são cellulas adiposas.

---

[1] Picot — *Loc. cit.*, 1.º vol., pag. 512.

[2] Cornil et Ranvier — *Manuel d'histol. pathol.*, pag. 873.

A cellula *infiltrada* de gordura conserva o seu nucleo, e não se destróe, não se desfaz em detritos [1].

Chame-se embora a isto degenerescencia ou regressão gordurosa; não discutiremos aqui a impropriedade dos termos: — mas o que é preciso é distinguir, independentemente do nome, esse facto do que se passa na *ictericia grave* e que é diverso.

Na chamada — *hepatite parenchymatosa* as cellulas soffrem a alteração designada em histologia pathologica por — *tumefacção turva;* ao lado d'essas encontram-se outras, de lesão mais avançada, que apresentam já o protoplasma molle, diffluente e deixando-se romper com facilidade, e outras já rotas, tendo deixado sahir o nucleo; — e em todas essas phases, sempre a tendencia para a destruição das cellulas que ultimamente se fragmentam, se dividem e se perdem em detritos (Cornil e Ranvier). É uma necrobiose.

Estas alterações da cellula hepatica não apparecem unicamente na *ictericia grave;* observam-se em todas as molestias infecciosas, acompanhadas d'um gráu thermico elevado e persistente, taes como — a febre typhoide, a variola, a variola hemorrhagica principalmente, a escarlatina, a erysipela, algumas das molestias enfeixadas outr'ora sob a denominação commum de — febre puerperal, etc.

O que caracterisa, porém, anatomicamente a *ictericia grave* é — que aquella alteração é geral, extende-se rapidamente a todas ou a quasi todas as cellulas hepaticas, tornando impossivel a manutenção da vida.

Para Jaccoud os termos — *acholia* e *atrophia parenchymatosa* são synonymos [2]; o primeiro exprime um effeito, o segundo exprime a causa unica e constante d'esse effeito; o primeiro tem uma significação clinica, o segundo uma significação anatomica.

---

1 Cornil e Ranvier — *Loc. cit.*, pag. 875.

2 Jaccoud — *Cliniq. cit.*, pag. 527.

Mas se é verdade que os symptomas graves da atrophia aguda estão ligados á suppressão funccional das cellulas hepaticas, não póde comtudo haver-se por demonstrado que o resultado d'essa suppressão seja a *acholia*.

Seja-o porém embora;—a acholia é o resultado final da suppressão do funccionalismo das cellulas hepaticas; mas essa suppressão póde effectuar-se por differentes processos:—ou por que uma compressão exaggerada e permanente sobre as cellulas hepaticas as aperta, constringe e suffoca—ou por que estas, transformando-se em cellulas adiposas, perderam a actividade funccional que lhes pertencia e privam o organismo de operações importantes que só nas cellulas hepaticas podem effectuar-se—ou finalmente por que as cellulas hepaticas são mortas, destruidas segundo o processo morbido já apontado, e essa destruição é geral, extende-se a todo o figado.

Este ultimo caso é que constitue uma especie morbida—a *ictericia grave*.

A steatose hepatica póde ser produzida pelo phosphoro, arsenico, antinomio, etc.; a par das alterações hepaticas, o veneno diffunde-se por todo o organismo e o resultado que se observa é forçosamente complexo, devido á steatose do figado e á acção geral do veneno; isto por um lado.

Mas até mesmo quando a steatose geral do figado, supprimindo as actividades funccionaes das cellulas hepaticas, produza effeitos analogos aos da *ictericia grave*, a differença subsiste ainda:—num caso, supprime-se a funcção das cellulas por que estas se transformaram sem morrerem, e noutro caso além da suppressão por um processo differente temos ainda a presença dos detritos mortos das cellulas que se destruiram; no primeiro caso, ainda a nitidez da causa, e no segundo a obscuridade d'ella.

Se este trabalho tivesse por titulo—*envenenamento biliar do sangue, envenenamento por acholia* ou *envenenamento cholesteremico*, eu seguiria Jaccoud e faria os tres grupos: 1.º *acholia por he-*

patite destructiva; 2.º *acholia por steatose;* 3.º *acholia por causa mechanica* [1].

A steatose do figado é anatomica e clinicamente distincta da *ictericia grave;* só no envenenamento pelo phosphoro é frequente a ictericia, acompanhando então a steatose: os symptomas são porém de origem multipla, como já fiz notar.

Concordamos pois com a opinião de Niemeyer [2] — que a *hepatite diffusa* se não póde assemelhar ao envenenamento pelo phosphoro. Por isso se ha de achar supprimida esta causa na etiologia.

Mas no fim de toda esta analyse parece natural o perguntar: — qual é pois a denominação que resta para a molestia?

A molestia deve definir-se pela lesão primitiva donde derivam todos os outros symptomas, toda a vez que haja uma lesão univoca.

Querendo conservar o nome de — *hepatite parenchymatosa* não com o sentido litteral, mas com o que lhe apontam Cornil e Ranvier, poderei chamar á molestia — *hepatite parenchymatosa diffusa,* reunindo assim duas denominações que se completam; ou então — *destruição diffusa das cellulas hepaticas* ou *necrobiose diffusa das cellulas hepaticas,* para evitar a confusão que podia haver com a steatose, se lhe chamassemos degenerescencia granulo-gordurosa.

O processo anatomico é essa mesma *destruição;* os symptomas graves do segundo periodo são devidos a uma intoxicação do sangue, resultado d'esse processo anatomico.

Não nos anticipemos porém, que isso pertence á segunda parte d'este trabalho.

Façamos a descripção typica da molestia, começando pela sua etiologia.

(Continúa) J. A. DE SOUSA REFOIOS.

---

1 Jaccoud — *Cliniq. cit.*, pag. 527 e 534.

2 Niemeyer — *Pathol. int.*, 1.º vol., pag. 823.

CATALOGO DAS PLANTAS MEDICINAES QUE HABITAM O CONTINENTE PORTUGUEZ

(Continuado do n.º 1, pagina 36)

Campanulinae.

Lobeliaceae. *Juss.*

LOBELIA URENS. L.
(Rapunculus galeatus. Moris).
Lobelia urente, queima lingua.
Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos do paiz.
Flor. em maio e junho.
P. u. a raiz.
Emp. como antisyphilitica e vulneraria [1]. Pouco usada.

Campanulaceae. *Juss.*

CAMPANULA RAPUNCULUS. L. [2]
(C. elatior. Hffgg. et Lk.)
Rapuncio ou Raponico.
Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos do paiz.
Flor. em maio e junho.
P. u. a raiz.
Emp. como adstringente e vulneraria. Pouco usado.

---

[1] Póde substituir a *Lobelia* syphilitica. L., e a *L. inflata.* L. ambas oriundas da America septemtrional.

[2] Variedades: α. racemoso-paniculata, β. cymoso-spicata.

Caprifoliaceae.

Lonicereae. *Juss.*

LONICERA PERICLYMENUM. L.

Madresylva das boticas.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e quasi em todo o reino.

Flor. em junho e julho.

P. u. toda a planta.

Emp. Rondelet e Hoffmann reputaram as flores como cordiaes, bechicas e antispasmodicas, as folhas como tonico-adstringentes, os fructos como emeto-catharticos e a casca como antisyphilitica [1]. Pouco usado.

LONICERA CAPRIFOLIUM. L.

Madresylva caprina.

Hab. com a precedente.

Flor. em junho e julho.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente [2]. Pouco usado.

VIBURNUM OPULUS. L. [3]

Rosa de Gueldres, Novelleiro, Sabugueiro da agua.

Hab. nos campos de Coimbra, juncto á ponte da Cidreira, e em outras partes. Nos jardins cultiva-se muito a sua variedade β.

---

1 Em Coimbra o povo emprega a raiz da Madresylva em cozimentos contra a Blennorhagia.

2 Tanto a *Madresylva caprina*, como a *Madresylva ordinaria* ou *das boticas* podem servir do mesmo modo que as flores de *Sabugueiro* em infusão como diaphoreticas: é esta a opinião de Scroder referida pelo sr. dr. Figueiredo na sua *Flora alimenticia e pharmaceutica*, a pag. 59.—(*Mat. Med.* do dr. Beirão).

3 Variedade. β. roseum. R. et S.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas e os fructos.

Emp. as folhas como emeto-catharticas. Nos fructos esta ultima propriedade é muito mais activa.

Robert e Tournefort attribuiram ao hydrolato das folhas d'esta planta a propriedade de destruir os calculos da bexiga. Pouco usado.

VIBURNUM TINUS. L.

Folhado.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, nas serras da Estrella e Gerez; assim como em quasi toda a parte septemtrional do paiz.

Flor. de janeiro a abril.

P. u. as folhas e fructos.

Emp. a infusão como febrifugo [1]. Pouco usado.

SAMBUCUS EBULUS. L.

Engos.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Torres Vedras, Cintra, serra da Estrella e em outros sitios na Beira e Extremadura.

Flor. em junho e julho.

P. u. toda a planta.

Emp. como purgativa, diuretica e resolutiva [2]. Pouco usado.

SAMBUCUS NIGRA. L. [3]

Sabugueiro ordinario.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz, umas vezes espontaneo, outras cultivado.

---

[1] Na Galliza é um medicamento bastante vulgar.

O illustrado chimico hespanhol, D. Antonio Casares, descobriu em 1856 nesta planta um principio immediato a que chamou *viburnino*.

[2] As bagas podem empregar-se na falta das do Sabugueiro ordinario.

[3] Variedade. β. laciniata (S. laciniata. Mill.)

Flor. na primavera.

P. u. as cymeiras [1] e bagas.

Emp. as cymeiras como emollientes, resolutivas e diaphoreticas, é um dos sudorificos mais populares entre nós; as bagas como diaphoreticas e aperitivas [2].

(Continúa) ADOLPHO FREDERICO MOLLER.

---

[1] Vulgarmente chamadas flores.

[2] Á casca do Sabugueiro tem-se attribuido virtudes medicinaes, Boerhave e Sydenham applicaram-na como emeto-cathartica nas ascites; Texidor y Cos a considera como diuretica e cathartica empregando-a contra as hydropesias; Lindley como hydragoga, cathartica e emetica; Chernoviz como purgativa. A casca interior é a que se emprega, sobre tudo a dos ramos novos e a da raiz.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

ESTANCIAS

Dizes bem — é um tormento
Cavar nas ruinas d'outr'ora;
Para o amor que se chora
Não se encontra esquecimento.

Tu és a mesma, bem vejo,
O mesmo tambem eu sou;
Se alguma cousa mudou,
Não foi, não; o meu desejo.

Não foi a luz dos teus olhos,
Nem da minha alma o fervor;
Foi o tempo... murcha a flor,
E em pé consente os abrolhos!

Não é pois um vão tormento
D'esse passado a lembrança;
Do perdão se resta a esp'rança,
P'ra que dar no desalento?...

Março de 1867. AUGUSTO SARMENTO.

GOMES D'ABREU NO BUSSACO

II

(Continuado do n.º 1, pagina 48)

18 de maio de 1847.

Não te parece que te vou a desforrar do silencio, tanto tempo guardado pelo anacoreta do Bussaco? Já talvez te enfado; mas olha: sem eu o esperar tem-me apparecido esta portadora, que de ha dias vai sendo frequente em visitar essa cidade, e então não me soffre o animo deixal-a partir sem procurar noticias tuas.

Meu caro... Nos primeiros tempos do meu retiro, desde que uma ensanguentada bandeira se desenrolou sobre o infeliz povo da nossa patria, não me esquecia eu de perguntar por ti, sabia que vivias pacifico nessa cidade de Pallas, e com isso me satisfazia. No meio da solidão do Bussaco, abraçado com esta serra alcantilada e ingreme, com estes cabeços soberbos, a sós com a minha crença, com os meus pensamentos, com os meus votos pela ventura da patria, com a imagem de um ser mystico, innocente como os anjos, brilhante como a luz, rapido como a sombra, que eu me figurava desenhado nos ares, quando subia ás alturas da serra, com quem conversava de noite, quando confiava ao papel as impressões de cada dia, eu vivia num mundo, que não era o mundo dos positivistas, o mundo dos guerreiros... oh! enganei-me no nome: o mundo dos assassinos, dos verdugos da patria, dos perversos, para quem a lei é uma decepção, a honra um prejuizo, a virtude um phantasma, a moral uma irrisão, a religião um escarneo. Eu vivia como a timida avesinha, que se esconde de dia e noite nas florestas do Bussaco.

Hoje despertei d'este doce encanto, e o meu despertar foi bem amargo: a saudade é quem me obriga a procurar noticias do amigo,

porque desci d'aquelle bello mundo ideal, d'aquelle mundo de doces illusões, para o mundo da realidade.

Adeus, meu bom amigo; manda-me noticias tuas, e assim aquellas que souberes ácerca do estado das cousas politicas.

***

11 de junho de 1847.

Meu caro... Queres que de longe conversemos sobre o estado dos negocios da nossa infeliz patria! Mas que posso eu dizer-te, eu que, amamentado com as doces recordações da nossa historia, enchia-me outr'ora de orgulho só porque havia nascido na terra dos filhos de Viriato, porque havia sido embalado no berço de heroes, cujos feitos tão maravilhosos foram, que mereceram passar por fabulosos nos seculos posteriores? Derramar lagrimas sobre as ruinas da nossa patria eis o apanagio dos portuguezes velhos e castiços, dos homens que presam a nacionalidade, dos amantes da independencia e liberdade d'este malfadado paiz. Não nos resta senão remontarmos ao passado, morrer para o presente, e apenas esperar no futuro. A vida no mundo presente, no mundo real, é um tormento, um martyrio, e quasi um inferno para as almas que se não vergam sob o peso da infelicidade e antes quebram que torcem. Deixemos este presente, que é terrivel e medonho... Ao menos eu, que tenho a solidão do Bussaco para escutar meus gemidos, posso lamentar no meio d'ella as infelicidades do nosso Portugal; mas os que vivem nas cidades como tu, não têm remedio senão fazer descer as lagrimas até o coração, abafar lá os seus gemidos, para escaparem ao apodo de revolucionarios, inimigos de Deus e do throno. Eu tambem irei habitar no meio d'essas cidades, mas com o ar da estupidez fixo no rosto vivirei como se não tivera olhos para ver, nem ouvidos para ouvir.

Eu era portuguez, porque portuguez me crearam, de portuguez me fizeram a alma os livros cavalleirosos da nossa historia, e só o nome de portuguez era para mim o maior titulo de nobreza:

hoje envergonho-me de ter nascido nesta terra de escravos, que, se ainda nella existem almas livres, na ilha dos bretões se estão forjando as cadeias que lhe hão de marcar os pulsos com indeleveis vergões... Maldição sobre os traidores, que nos entregam aleivosamente aos extrangeiros...

Onde estão esses heroes de Aljubarrota, que ao nome de extrangeiros se alevantaram todos como um só homem, anathematizaram uma rainha casada com extrangeiro, e sem receiarem os prejuizos da nobreza de nascimento fizeram subir ao throno de Portugal um bastardo por sangue, mas legitimo, mil vezes legitimo pelas suas virtudes, valor e patriotismo? Esses bravos estão escondidos no pó das campas, e hoje não poderemos dizer como Camões

... que tambem dos portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes;

mas sim

Muitos traidores houve muitas vezes.

Eis a razão por que já não ha Aljubarrotas: tambem não Alvares Pereiras.

Meu bom amigo, tambem digo como tu: quero já já e já a paz. Curvarei a cabeça ao jugo como victima resignada: vivirei, como se não soubera nada do que na nossa patria se tem passado, como se fôra o typo da estupidez. Nem abrirei sequer os olhos para tentar lobrigar a escassa luz, que bruxuleia ao longe no pavoroso horizonte do futuro. Manda-me dizer o que souberes relativo ao termo d'este drama fatal.

***

13 de junho de 1847.

Meu caro... As tuas amaveis letras foram como sempre um lenitivo aos meus pezares, um correctivo ás hypocondriacas meditações, que o máo fado da nossa patria faz nascer em minha alma. Ao menos ainda poderemos legar aos nossos vindouros alguns do-

cumentos de nossa antiga honra, transmittir-lhes uma, embora pequena e muito pequena, mas sempre preciosa porção de gloria, que já de nossos paes herdámos bem cerceada, porque as nossas nobres recordações, recordações grandiosas e sem mancha, essas datam de mais longe, de quando os povos e os reis faziam as leis em pleno senado, quando havia conselheiros, que diziam aos reis —e quando não, elles procurarão outro.—Tempos de verdadeira liberdade! tempos de franqueza, honra e virtude! tempos barbaros na phrase dos manequins centralisadores do nosso seculo, mas tempos que ainda fazem pular de orgulho o meu coração! tempos saudosos que não voltarão mais, porque a nossa raça está, sobre degenerada, enfatuada das suas estupidezes, a que chama conhecimento do espirito do seculo! Abracem-se esses parasitas abjectos com a realidade, com as tendencias do seculo tão estupido como enfatuado, que eu ficarei abraçado com as nobres recordações do passado, como a hera que ainda se apega ás paredes dos muros de Muma-Dona, do castello de Martim de Freitas, do mosteiro da Batalha.

Adeus, meu caro: desculpa estas massadas; é comtigo e com as solidões do Bussaco que desabafo minhas dores.

Se houver alguma cousa de novo manda-m'o dizer. O Diario nega que a esquadra não fosse entregue ao governo; que tranquibernia é esta? Chegou hoje algum postilhão com noticias importantes da terminação da guerra? Consta por aqui isso. A Deus.

III

Meu amigo. Ahi ficam archivadas no seu livro memorias d'um homem notavel, e em epocha em que elle não era ainda conhecido. Escriptas na veneranda serra, têm cabimento neste logar e o honram muito. Devem ser lidas com interesse por todos sem excepção, e com enternecimento e saudade pelos amigos que ainda se lembram d'elle.

O que nestas curtas paginas mais se estima, o que vai direito á alma, a illuminal-a como chamma de celeste alvor, é o amor da patria que ressumbra de cada linha, de cada palavra, de cada letra... Este affecto sancto, que não é exclusivo d'um partido, torna Gomes d'Abreu bemquisto de todos os seus conterraneos.

E que tambem cabe no peito de todo o portuguez conhecia-o e apreciava-o elle quando endereçava estas cartas a um homem liberal, que não ama com menos ternura esta nossa formosa terra. Este condiscipulo bem amado era o doutor Joaquim Augusto Simões de Carvalho, hoje lente cathedratico da faculdade de philosophia e nesse tempo estudante de medicina naquelle afamado curso, a que pertenciam, entre outros distinctissimos, Gomes d'Abreu, Alves da Silva, Pereira Caldas e Ferreira Moutinho.

IV

A sombra dos cedros da mata sacro-sancta inspirou as cartas de Gomes d'Abreu. O cedro diz excellencia, e por isso poderiamos dizer d'elle: *cedro digna locutus* [1]. É esta a arvore da solidão: *dabo in solitudine cedrum,* como canta Isaias, e por isso tem ella despertado o genio dos visitadores do Bussaco.

Quem diria a Gomes d'Abreu, quando transitava pelas devezas da selva e percorria a via sagrada,

> Ibam forte via sacra, sicut meus est mos,
> Nescio quid meditans... [2]

---

[1] Pers. Sat. 1, 42. Era este um antigo proverbio em Roma, *fallou cousas dignas de se adornarem com cedro.* As boas sentenças, poesias e epigrammas que mais se estimavam escreviam-se em taboas com guarnições de cedro, que foi sempre a mais estimada madeira dos antigos. Ou então, como o cedro é incorrupto, pois nem bicho o toca nem o tempo lhe tira o cheiro, reputavam-se immortaes como o cedro as cousas mais dignas. Veja-se Fr. Isidoro de Barreira no seu livro das *Plantas e Flores.*

[2] Hor. Sat. 1, 9, vv. 1 e 2.

quem lhe diria a elle o papel que havia de representar na scena politica, papel de admiravel abnegação, esse exilio voluntario que lhe abriu a sepultura em solo extrangeiro?!...

Meu amigo. Fez bem Gomes d'Abreu. Sacrificar a amizade a um estoicismo estolido é de homem sem coração. Amava, fez-se martyr do amor; nem pautou por outro codigo a norma do seu procedimento.

> **Eu não vos persuado a que estreiteis**
> **O coração na estoica disciplina,**
> **Onde livre de affectos vos mostreis [1].**

Gomes d'Abreu fez-se cortesão da desgraça... e isto basta para seu elogio. Acreditava piamente na restauração da velha monarchia, e sacrificou-se por ella. Lembrar-se-ia ainda na terra do seu desterro das solidões do Bussaco?....

A. A. da Fonseca Pinto.

---

[1] Cam. Eleg. x.

THOMÉ CACHEIRO

(ADDITAMENTO AO ARTIGO DO BRASÃO D'ESTE TITULO)

Lemos ha dias um artigo no n.º 8 do *Boletim de Bibliographia,* e depois uma *nota* no livro *Historia e Sentimentalismo,* e em ambas as partes o sr. Camillo Castello Branco nos faz a honra de se occupar d'uma pequena curiosidade que baptizáramos com o nome de *Jornal heraldico.*

Sobre o appellido de *Cacheiro,* Brasão de que tractámos no primeiro numero, fez-nos s. ex.ª os seguintes reparos:

1.º — Não se chamou *Thomé* Cacheiro, mas sim *Thomaz* Cacheiro;

2.º — Não foi *Sancho de Avila* mas o *Duque d'Alba* que perseguiu D. Antonio;

3.º — Não embarcou D. Antonio no porto de *Vianna,* mas no porto de *Setubal.*

Pedimos licença ao nosso mestre e amigo para responder a estes tres pontos, e tractaremos de o fazer quanto as nossas pequenas forças o permittirem.

Manuel de Faria e Sousa, um dos homens mais eruditos do seu seculo, e que sempre gozou de boa reputação litteraria, foi o unico escriptor que escreveu do facto em que baseámos o nosso primeiro numero dos *Brasões Portuguezes.* Este illustrado escriptor disse o seguinte:

«Yá desengañado entero, y cosi sin compañia passó a Viana. Seguido de su adversario se halló en notable aprieto una noche a la margen del rio Lima adonde no avia remedio para poderle passar. Entre los pocos que le seguian era uno Tomé Cacheyro hombre fidelissimo, y animoso. Arrojose a la agua nadando cõ èl puesto en los hombros, y pusole en la otra arena. Sucedió esto

a tiempo que por el ayre fue vista correr un llama, o estrella de maravillosa luz.»

«Entre pocos, y desechados papeles que en una plaça de Madrid se vendiã, alcãçamos un Blason de armas bien iluminadas passado al proprio Tomé en Paris, escrito elegantemente por el Secretario Diego Botello, rubricado por el Conde de Vimioso, firmado de D. Antonio cõ titulo Real.»

«Las figuras del escudo eran una mãno saliendo de un rio cõ una Corona bien asida, y en el ayre una Estrella [1].»

Ora, sendo este Faria e Sousa o auctor que escreveu mais proximo da epocha em que teve logar este facto, e que assevera que alcançara em Madrid o *brasão bem illuminado,* entendemos que mais credito deviamos dar a este escriptor do que a D. Antonio Caetano de Sousa, que mais tarde escreveu a *Historia Genealogica,* livro que não podemos reputar como *escriptura,* já por ser combatído por muitos escriptores, já porque nós mesmo o temos por varias vezes encontrado em erro.

Seja pois o nosso heroe *Thomé Cacheiro,* o portuguez fidelissimo, que acompanhou a París o infeliz principe e da sua mão recebeu o pergaminho, em que lhe mandou perpetuar o feito por elle obrado nas bellas margens do rio Lima.

Responderemos ao segundo ponto.

Quando o sr. D. Antonio se fez acclamar rei de Portugal em Santarem, já o Duque de Alba marchava para o Alemtejo [2].

Sahiu logo de Lisboa *Sancho de Avila* com 400 cavallos e quasi 6000 infantes em seguimento do novo rei [3].

Aproximando-se de Coimbra mandou o vigario dos conegos regrantes de Sancto Agostinho, D. Jorge Barbosa, dois nobres fidalgos, D. Theotonio de Mello, sobrinho do monteiro-mór do reino, Manuel de Mello e D. Simão Tavares, ao caminho por onde vinha

---

[1] Faria e Sousa — *Europa Portuguesa,* tomo III, pag. 86.

[2] Manuel Severim de Faria — *Noticia de Portugal,* pag. 55.

[3] Faria e Sousa — *Europa Portuguesa,* tomo III, pag. 85.

Sancho de Avila com o seu exercito a pedir salvo conducto e carta de seguro para o seu real mosteiro de Sancta Cruz.

Foram bem recebidos do general, que logo lhe mandou passar o seguro que pediam e lhes deu quatro soldados com um capitão para guardarem as portas do mosteiro [1].

E chegando o sr. D. Antonio á cidade do Porto, facilmente o poz em fugida *Sancho de Avila,* um dos melhores capitães das armas hespanholas [2].

Um auctor francez, fallando da entrada do sr. D. Antonio na cidade do Porto, escreveu que elle se defendera corajosamente contra as tropas *enviadas pelo Duque de Alba,* e que só a traição de alguns dos seus habitantes o fez sahir para Vianna [3].

Envagelista Ortensi, que escreveu em 1582, diz o seguinte:

«Et percioche a farlo meglio bisognava andar dietro a Don Antonio, & perseguitarlo, & già si andava dicendo, che era rimaso con alcune genti di guerra nella città di Avero, & d'intorno alla città di Oporto facendo sempre danno.»

«Havendo intentione il Duca in ciò, & ordine, commandò che il mastro di Campo Don Sanchio di Avila, come pesona di tanto valore, & isperienza, & giudicío, per questo andasse a perseguitarlo con gran parte della cavalleria, & con numero convenevole di gente da guerra ordinatamente.»

«Ilche si fece marchiando per la detta via di Avero, & Oporto, il Mastro di campo generale con la sua gente... ect. [4]»

Se foi erro nosso dizer que em perseguição do sr. D. Antonio fôra *Sancho de Avila,* temos na verdade muitos escriptores que nos acompanham neste erro.

---

1 D. Nicolau de Sancta Maria — *Chronica dos Conegos Regrantes de Sancto Agostinho*, liv. x, pag. 365.

2 Faria e Sousa — *Epitome de las historias*, parte IV, cap. IX, pag. 255.

3 Ferdinand Denis — *Portugal*, pag. 300.

4 Ortensi — *Successi delle guerra di Portogallo.* In Venetia, MDLXXXII, pag. 43.

Vamos responder ao ultimo ponto de accusação do nosso trabalho.

Quando escrevemos—*o rio Lethes deu passagem ao sr. D. Antonio para França*—não foi nossa intenção dizer que pelo rio Lima embarcara para França.

Se não houvesse um Thomé Cacheiro que o passou para o lado de Vianna, de certo que não iria para França, mas seria apanhado e seguiria a mesma sorte d'esses poucos fieis portuguezes que banharam com o seu sangue as praças de Lisboa, e que o cruel Filippe appellidou de traidores para assim os sacrificar.

Depois de ter estado escondido em Vianna e andar errante é que os seus amigos o levaram a Setubal, e naquelle porto embarcou para França, fugindo d'este modo ás pesquisas da policia hespanhola, desgraçadamente coadjuvada por traidores portuguezes.

Porém não faltaram escriptores que o fizeram sahir por Vianna, e outros pelo Porto. Entre outros mencionaremos dois.

Ferdinand Denis escreve: «... contraignirent le prieur à abandonner cette ville (Porto) et à se réfugier dans le port de Viana, d'où il espérait gagner la France. Ce fut alors qu'il écrivit à Catherine de Médicis, en lui peignant sa triste position. Sa lettre, écrite d'un style plein de véhemence, ne fut pas inutile, et la reine vint à son aide.»

«On lui expédia un navire afin qu'il pût gagner la France [1].»

Teixeira de Vasconcellos escreveu o seguinte: «D. Antoine quitte le Portugal le 6 janvier de l'année 1581, après un court séjour à Porto, et le 6 août il arriva à Eu, où il fut reçu en roi par la famille royale de France [2].»

Findamos aqui, e julgamos ter respondido como entendemos aos tres pontos em que o sr. Camillo funda a accusação do nosso modestissimo artigo—*Os brasões portuguezes*—*Thomé Çacheiro*.

Pedimos desculpa, mas só pretendemos justificar as nossas

---

1 Ferdinand Denis—*Portugal*, pag. 300.

2 Teixeira de Vasconcellos—*Les Contemporains*, pag. 553.

asserções para que se nos não impute leviandade na investigação dos nossos trabalhos. Bem sabemos que é grande o arrojo, tendo de responder ao sr. Camillo Castello Branco, cujo nome é uma gloria nacional das letras patrias; mas, se ha erro na nossa exposição, quinhoamol-o com outros, a cuja auctoridade nos encostamos, e que nos serviram de guia.

Não abrimos campo a discussões, nem as nossas forças permittiam a lucta; mas defendemo-nos explicando a razão do que escrevemos. Leve-se-nos em conta a boa vontade de atinar para minorar os nossos defeitos.

A. M. Seabra d'Albuquerque.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

PUBLICAÇÕES OFFERECIDAS AO INSTITUTO

Foram recebidas e se agradecem as obras seguintes:

Formulas para a avaliação da superficie e da capacidade das abobadas de barrete de clerigo e de aresta, deduzidas por Godofredo Edmundo Alegro, capitão de engenheria. Lisboa, 1878.

Relatorio da directoria do gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro, 1878.

A medicação tonica e sua interpretação physiologica—Dissertação inaugural, por Joaquim Augusto de Sousa Refoios, licenciado em Medicina, bacharel em Philosophia e socio effectivo do Instituto. Coimbra, 1879.

Homenagem ao distincto explorador da Africa, Serpa Pinto, major do exercito portuguez. Porto, 1879.

A civilisação, a educação e a phthisica, conferencias feitas em o Instituto de Coimbra, por Augusto Filippe Simões, lente substituto da faculdade de Medicina da universidade de Coimbra e socio effectivo do Instituto da mesma cidade. Coimbra, 1879.

Conferencias no Instituto de Coimbra, feitas nas noites de 3 e 24 de maio de 1879, por José Epiphanio Marques, lente cathedratico da faculdade de Medicina da universidade de Coimbra e socio effectivo do Instituto da mesma cidade. Coimbra, 1879.

Pereira Caldas—Monumentos epigraphicos de Roma, excalçadores da memoria do Papa S. Damaso, prodigio vimaranense. Braga, 1879.

F. Martins Sarmento—Observações á Citania do sr. dr. Emilio Hübner. Porto, 1879.

REDACTORES

Francisco de Castro Freire (Conselheiro), Presidente
Abilio Augusto da Fonseca Pinto
Antonio de Assis Teixeira de Magalhães (Dr.)
Antonio José Gonçalves Guimarães (Dr.)
Augusto Filippe Simões (Dr.)
José Epiphanio Marques (Dr.)
Luiz da Costa e Almeida (Dr.)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente e Ilhas	1$560
Para Coimbra	1$500
Numero avulso	160

A correspondencia litteraria deve ser dirigida interinamente a Abilio Augusto da Fonseca Pinto, rua do Corpo de Deus, 58; a de administração e gerencia, ao gabinete do Instituto — Coimbra.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

QUESTÕES DE FINANÇAS

(Continuado do n.º 2, pagina 54)

SEGUNDA PARTE

Summario: — Classificação dos impostos em directos e indirectos. — Characteristicas d'uns e outros. — Valor economico e financeiro d'esta classificação. — Impostos merecida ou indevidamente incluidos em cada uma d'aquellas categorias nos tres primeiros artigos do rendimento do Estado, segundo o orçamento geral portuguez para o exercicio de 1878 a 1879.

I

A classificação dos impostos em directos e indirectos é a que offerece actualmente maior interesse aos economistas e financeiros. Trava-se entre elles uma lucta renhida e persistente para decidir qual d'estas duas ordens de impostos deverá ter a preferencia, e para averiguar se os estados poderão prescindir de algumas d'ellas ou se deverão admittil-as a ambas. Póde dizer-se a classificação capital dos impostos adoptada pelos tractadistas e pelos orçamentos das nações.

Pois que a natureza e effeitos dos dois grupos de impostos de que é formada esta classificação são muito differentes, forçoso é separal-os para poder reconhecer-se, em theoria, quaes sejam os mais vantajosos, e, practicamente, avaliar os systemas financeiros das diversas nações.

Se a theoria conseguir assentar como seu ideal qualquer d'estas classes de impostos, devem elles estar bem discriminados nos orçamentos para que se vão lentamente eliminando os que as lucubrações scientificas rejeitam. O que não póde fazer-se d'um só golpe realisar-se-ha em virtude de successivas e repetidas reformas. Até Leroy-Beaulieu, que no systema mixto encontra vantagens e tem por impossivel a abolição dos impostos indirectos nas circumstancias actuaes das nações, admitte a possibilidade da suppressão das contribuições indirectas num paiz qualquer [1].

Seja, porém, qual for a decisão da sciencia neste ponto, quando mesmo ella fosse favoravel ao systema mixto de impostos directos e indirectos, a sua classificação nos orçamentos seria ainda necessaria para que, pela filiação das diversas contribuições em qualquer d'estes grupos, podessem conhecer-se os effeitos de cada uma d'ellas, contrabalançando-os uns com os outros a fim de realisar um systema de impostos mais ou menos justo.

Da importancia ou antes da indispensabilidade d'esta classificação deduz-se a necessidade d'um criterio que lhe sirva de base. Entre os financeiros ha grande divergencia emquanto ao modo de characterisar aquellas duas classes de impostos. Nos orçamentos não ha tambem uniformidade neste ponto. A collocação dos diversos impostos no grupo dos directos ou dos indirectos varía não só d'uma para outra nação, mas até nos orçamentos da mesma nação, como já entre nós tem acontecido.

A nosso ver é Leroy-Beaulieu que faz uma distincção mais rigorosa e scientifica entre os impostos directos e indirectos. Permitta-se-nos portanto copial-o:—«Com o imposto directo o legislador propõe-se attingir immediatamente, do primeiro jacto, e proporcionalmente á sua fortuna ou ás suas rendas, o verdadeiro contribuinte: supprime todo o intermediario entre elle e o fisco, e procura uma proporcionalidade rigorosa do imposto com a fortuna ou as faculdades de cada um.

---

[1] *Obra cit.*, tomo 1.º, no fim da pagina 231.

«Com o imposto indirecto o legislador não mira immediatamente ao verdadeiro contribuinte, nem procura impôr-lhe um encargo estrictamente proporcional ás suas faculdades: propõe-se affectal-o unicamente por meio de repercussão: colloca intermediarios entre elle e o fisco, e renuncia a uma estricta proporcionalidade do imposto em casos particulares, contentando-se com uma proporcionalidade aproximativa em geral [1].»

Segundo esta definição teremos de filiar nos impostos directos o imposto sobre a renda dos immoveis, o imposto mobiliario e o pessoal, ou, antes, industrial, o imposto sobre as successões e doações e a contribuição sumptuaria.

Entre os indirectos collocaremos os direitos das alfandegas, as contribuições sobre objectos de consumo, o imposto do sello e o do registo sobre as transmissões da propriedade a titulo oneroso.

Esta classificação, separando as contribuições em dois grupos, une em cada um d'elles aquellas que têm effeitos, vantagens e inconvenientes ou infermidades, na phrase de Leroy-Beaulieu, geralmente identicos, facilitando uma apreciação rigorosa dos dois systemas de impostos.

Vê-se que d'um dos lados estão os impostos mais proporcionaes, equitativos e economicos, e do outro aquelles que outra ordem de considerações mais practicas póde porventura auctorisar, ao menos temporariamente.

Para demonstrar mais cabalmente a exactidão d'esta distincção seria preciso examinar em detalhe as qualidades e defeitos de cada uma das contribuições que se incluem nas duas categorias; mas essa analyse, sobre alongar demasiadamente os limites d'este pobre trabalho, não nos parece necessaria para provar que a base em que Leroy-Beaulieu assenta a sua classificação é solida, e que as characteristicas que d'ella emanam são as mais importantes.

Não nos faremos cargo de discutir aqui, por alheia ao nosso proposito, a preferencia entre os impostos directos e os indirectos.

---

[1] *Obra cit.*, tomo 1.º, pag. 214.

Diremos apenas que, adoptando a divisão d'aquelle notavel escriptor, nem por isso abraçamos todas as doutrinas que elle sustenta para defender os impostos indirectos, dos quaes a necessidade se nos afigura ser a melhor, se não a unica justificação.

II

Releva expor agora como outros escriptores têm characterisado as duas especies de impostos.

Podem reduzir-se a duas as opiniões por elles emittidas: uma apoia a classificação na incidencia do imposto, outra em characteres secundarios e accessorios relativamente ao modo como é feita a taxação.

Poucos são os financeiros que adoptam a primeira, e aquelles que a acceitam não firmam a classificação exclusivamente sobre a incidencia, mas recorrem tambem aos characteres differenciaes que encontram no estabelecimento do imposto. Joseph Garnier baseia esta classificação na incidencia e tambem nos outros characteres expostos por diversos escriptores [1]. O mesmo póde dizer-se de Baudrillart [2].

Os escriptores que nos parece tomarem mais francamente para base da classificação dos impostos em directos e indirectos — a incidencia — são Stuart Mill [3] e Rau [4].

As duas opiñiões que indicamos devem analysar-se separadamente porque são inconciliaveis.

Segundo o primeiro d'estes dois alvitres, imposto directo seria o que recahisse immediatamente sobre o verdadeiro contribuinte; indirecto o que é pago por um individuo que apenas o adeanta ao Estado, recebendo-o depois d'outros que são os que definitivamente o pagam.

---

1 *Cit. obra*, pag. 47, 48, 76 e 77.

2 *Manuel d'Économie Politique*, pag. 489.

3 *Principes d'Économie Politique*, liv. 5.º, cap. 3.º, § 1.º

4 Cit. por Parieu, *obra cit.*, pag. 10.

A distincção, assim estabelecida, fica assente sobre uma base movel, ou, dizendo melhor, fica sem base; e, em vez de classificação, teremos a confusão dos dois ramos de impostos.

A incidencia, repercussão e diffusão dos diversos impostos não podem determinar-se d'um modo geral e abstrahindo das circumstancias; antes variam para cada caso, em virtude do desenvolvimento ou decadencia d'um paiz ou localidade, e por effeito das variadissimas circumstancias que podem influir sobre os phenomenos economicos da offerta e procura.

Os impostos de consumo, que naturalmente parece deverem ficar a cargo do consumidor, em circumstancias menos normaes são pagos pelos commerciantes ou vendedores, que não querem elevar o preço das mercadorias, com receio de que diminua o seu consumo.

A facilidade com que Ricardo suppunha que elles podiam passar para uma outra industria, quando os seus lucros baixassem, encontra muitas vezes obstaculos quasi invenciveis. Basta notar que cada profissão ou industria demanda uma educação differente.

A variabilidade da incidencia do imposto é ainda mais pronunciada nos directos. Citaremos apenas o imposto sobre as casas ou edificações de qualquer especie, cuja incidencia varía, acompanhando as phases por que passa a relação entre a offerta e a procura. Este imposto recahirá no todo ou em parte sobre o proprietario, logo que a prosperidade ou a população d'um paiz ou localidade diminua, quando apparecerem as crises, revoluções ou quaesquer outras circumstancias que produzam o abaixamento da concorrencia que se fazem os locatarios. «Para que este phenomeno se manifeste nos centros mais prosperos basta, como observa Baudrillart, um simples deslocamento na população. Por effeito d'elle, muitas cidades e mesmo quarteis de grandes cidades, outr'ora animados e brilhantes, são hoje apenas habitados por pessoas que gozam d'uma renda mediocre [1].»

---

[1] *Obra cit.*, pag. 493.

Neste caso é claro que os alugueis baixam por ter afrouxado o pedido, não podendo os proprietarios incluir naquelles o valor do imposto nem dar outra applicação aos capitaes empregados na construcção das casas. O escriptor que ha pouco citámos accrescenta ainda: se o proprietario vende o seu immovel, a questão não é mudada, porque o comprador tomará seu logar pura e simplesmente.

Supponhamos o contrario, isto é, que a actividade industrial, a vida social progride numa localidade; então a procura de habitações nesse logar augmenta, e aos proprietarios é facillimo fazer recahir o imposto sobre os locatarios. O mesmo phenomeno se nota, quando num bairro ou quartel d'uma cidade apparece o luxo e a ostentação, e a actividade social progride; os locatarios, a quem a necessidade ou qualquer outro motivo força a procurar casas neste pequeno centro, vêem-se obrigados a ceder ás exigencias dos proprietarios, sujeitando-se a uma renda muito elevada.

Daqui se infere que o imposto que onera os predios urbanos é pago, ora pelo proprietario, ora pelo locatario. A tendencia natural, porém, deve fazel-o recahir sobre o locatario, pois que o imposto entra nas despesas de conservação do predio, e é uma lei economica — que o preço corrente dos productos das diversas industrias, em circumstancias normaes, tende constantemente a fluctuar ou a gravitar em torno d'um ponto central, que são as despesas de producção, isto é, as despesas feitas com um objecto antes de ser exposto á concorrencia dos que pretendem utilisar-se d'elle, e em que se incluem por tanto os gastos que demanda a sua conservação.

O mesmo que dissemos d'este imposto sobre as casas podiamos dizel-o de quasi todos os outros impostos directos, cuja incidencia é regulada pelas mesmas leis economicas, e por isso é necessariamente muito variavel.

Supponhamos agora que queremos dar ao problema da incidencia uma solução uniforme e geral, a unica que lhe póde ser dada em theoria, em conformidade com a lei economica que ha

pouco citámos. Diremos — que o imposto, em geral ou em circumstancias normaes, vai sempre incidir no fim d'um espaço de tempo mais ou menos longo sobre o consumidor, de modo que o productor apenas o adeanta ao estado, como diz Thiers, sendo na realidade supportado por todos na proporção do que cada um consome. Resolvido assim d'um modo geral o problema da incidencia, e pondo de parte as circumstancias ou os embaraços que practicamente a fazem variar, da mesma maneira como as circumstancias que acompanham os phenomenos naturaes os diversificam, fazendo variar a applicação das leis que os regem; tendo dado, diziamos nós, esta solução ao problema da incidencia, a opinião que baseia sobre ella a classificação dos impostos fica inteiramente prejudicada, visto que realmente ha apenas, segundo este fundamento, uma classe de impostos, pois que todos recahem sobre o consumidor.

A nossa argumentação resume-se, portanto, no seguinte dilemma; quer se pretenda basear a classificação na incidencia considerada practicamente, ou em theoria e d'um modo geral, a distincção de diversas classes de impostos é impossivel; no primeiro caso, porque a incidencia varía da mesma maneira em cada um dos impostos; no segundo, porque, realisando-se do mesmo modo nos diversos impostos, não póde separal-os em grupos.

III

Ao grupo dos que fundam sobre characteres accessorios a distincção dos impostos em directos e indirectos pertencem Parieu [1], Mac-Culloch [2], Hoffmann [3], Thiers [4], Garnier [5] e outros economistas e financeiros, aliás distinctos.

---

1 *Obra cit.*, liv. 1.º, pag. 11 e 12.

2 Cit. por Parieu, *obra cit.*, liv. 1.º, pag. 9.

3 Cit. por Parieu, *obra cit.*, liv. 1.º, pag. 12 e 13.

4 *De la propriété*, pag. 368 e 371.

5 *Obra cit.*, pag. 47, 48, 76 e 77.

Não analysaremos separadamente as opiniões de cada um d'elles; porque, sendo as *nuances,* que as distinguem, meramente accessorias e os resultados quasi identicos, entendemos dever antes synthetisar e apreciar em globo os alvitres de todos.

Os characteres, que estes escriptores mencionam para base da classificação, referem-se já ao modo por que é feito o pagamento, já ao objecto sobre que o imposto recahe.

Impostos directos, dizem elles, são os que se pedem nominativamente e cujo pagamento é feito regular e periodicamente; são os estabelecidos sobre a propriedade ou trabalho, como se exprimem Mac-Culloch e Thiers, ou sobre a posse ou relações permanentes, na phrase de Hoffmann. Indirectos — os que não pesam sobre um contribuinte nominalmente designado, nem são percebidos periodicamente, mas por occasião de certos factos ou actos, ou, como dizia Mac-Culloch, para comprar a liberdade de usar de certos objectos ou privilegios.

Leroy-Beaulieu chama a este modo de characterisar o imposto — a definição administrativa —, por ser conforme á classificação do orçamento francez e opposta a que elle denomina scientifica [1].

O seu defeito principal é basear-se em characteres muito secundarios e não ir, como nota Leroy-Beaulieu, ao fundo das cousas. Ser um imposto percebido regular e periodicamente, ou sem prasos certos e regulares e apenas por occasião de taes ou taes factos, não são em verdade characteres bastante importantes para servirem de base a uma classificação, nem têm uma relação tão estreita com a natureza do imposto, como as characteristicas indicadas por Leroy-Beaulieu para base da sua distincção, que por isso adoptamos.

Para demonstrar *a posteriori* quanto é vicioso o criterio, em que se esteia a chamada divisão administrativa, basta pôr em relevo algumas das consequencias que d'ella se derivam. Assim, por exemplo, o imposto sobre as successões e doações deve, se-

---

[1] *Cit. obra,* tomo 1.º, pag. 213 e 214.

gundo o mesmo principio, ser classificado como indirecto, porque é percebido por occasião d'um facto, sem periodicidade nem regularidade alguma. Se alguns, dos que acceitam para fundamento da distincção os characteres a que alludimos, filiam este imposto entre os directos, são verdadeiramente inconsequentes e contradictorios.

Joseph Garnier [1] enuncia entre os impostos directos aquelles que recahem sobre as mutações ou transmissões da propriedade, o imposto do sello, as multas, etc. Não haverá manifesta antinomia entre as characteristicas que elle estabelece para discriminar os impostos directos dos indirectos e a applicação que d'ellas faz, quando as enumera? Póde objectar-se-nos que é uma regra de hermeneutica interpretar os logares mais obscuros pelos mais claros. A definição que Joseph Garnier dá de impostos directos e indirectos, bem como a determinação das bases que devem presidir a esta classificação não traduzem de certo o pensamento d'este escriptor, aliás bem revelado na distribuição que faz dos diversos impostos pelas duas grandes categorias. Mas que importa que se colloquem taes impostos entre os directos e taes outros entre os indirectos, se não se justifica ou fundamenta essa distincção?

É certo que o imposto sobre as successões e doações, segundo a opinião que estamos analysando, é necessariamente indirecto, já emquanto ao seu objecto, que é um facto ou acto, já emquanto á fórma do pagamento. Entretanto, como o proprio Garnier confessa, nenhum imposto é mais directo do que este, porque elle vai affectar uma determinada fortuna directamente e proporcionalmente ao seu valor, e o individuo que o paga não póde fazer repercutir este encargo sobre um terceiro, nem mesmo em parte. Fica por tanto evidente a falsidade do systema architectado por esta eschola para a classificação das contribuições.

Não nos occuparemos da distincção feita pelos physiocratas,

---

[1] A pag. 81 do cit. livro.

que consideravam directos os impostos que affectavam directa e immediatamente o producto liquido das terras, e indirectos todos os outros que, segundo o seu modo de ver, tambem indirectamente recahiam sobre a propriedade agricola. Esta classificação, baseada na theoria que reputava a propriedade territorial o unico elemento de riqueza, não tem hoje significação na sciencia.

IV

Para concluir resta-nos applicar ao nosso orçamento a classificação que adoptamos, indicando quaes são os impostos que nella estão devida ou indevidamente classificados como directos ou indirectos.

Os artigos 1.º, 2.º e 3.º do orçamento da receita para o exercicio de 1878 a 1879 podiam servir de thema a outras observações; limitar-nos-hemos porém áquella analyse, por ser a unica que prende com o nosso trabalho.

ARTIGO 1.º

Impostos directos

O primeiro grupo de impostos que neste artigo me suggere alguns reparos é o direito de mercê.

A nosso ver, para os incluir na classificação dos impostos em directos e indirectos, é preciso fazer distincção entre mercês honorificas e lucrativas. Os impostos sobre as mercês lucrativas ou sobre as nomeações para os differentes empregos publicos são directos, porque affectam directamente uma renda, proporcionalmente ao seu valor presumido. Os impostos sobre as mercês honorificas não são estabelecidos com o fim de attingirem uma determinada renda ou fortuna e de lhe serem proporcionaes: não affectam um contribuinte nem a sua fortuna directamente, mas

por occasião d'um facto, a concessão da mercê, que elle póde recusar, subtrahindo-se ao pagamento do imposto.

Por isso, em conformidade com a classificação que deixamos estabelecida, entendemos que estes impostos devem ser incluidos na categoria dos indirectos.

Em seguida figuram no orçamento differentes especies de emolumentos que hoje são percebidos pelo Estado. É para notar que, estando alli collocados entre os impostos directos estes diversos emolumentos, appareçam depois filiados nos indirectos os emolumentos geraes das alfandegas de Lisboa e Porto.

Variarão de natureza os emolumentos pelo simples facto de serem pagos nas alfandegas de Lisboa e Porto? Não percebemos.

O que nos parece é que todos estes impostos devem pertencer á classe dos indirectos. Os emolumentos podem considerar-se como uma remuneração de serviços prestados pelos empregados publicos aos particulares ou cidadãos, e não estão numa relação de proporcionalidade rigorosa com a fortuna dos contribuintes. A proporcionalidade, se existe, é relativamente aos serviços prestados pelo estado, do mesmo modo que nos outros impostos indirectos que versam sobre actos, como o do sello e o do registro sobre as transmissões por titulo oneroso. As mesmas considerações justificam a mudança dos impostos sobre as matriculas e cartas do logar que a divisão administrativa lhes assigna, entre os impostos directos, para a classe dos indirectos.

Os ultimos grupos de contribuições que o orçamento inclue nas directas são as multas e os tres por cento de collectas não pagas á bocca do cofre, que tambem podem considerar-se uma verdadeira multa.

As multas têm uma natureza particular e differente dos diversos impostos; mas, olhando-as simplesmente pelo lado financeiro, são contribuições que é forçoso alistar em qualquer dos dois grupos de impostos — directos ou indirectos.

No orçamento vêm comprehendidas no primeiro grupo, parece-nos que injustamente, porque ellas não ferem o contribuinte

ou a sua fortuna d'um modo directo, nem lhe são proporcionaes, derivando de factos eventuaes e de todo o ponto extranhos ás faculdades dos multados.

Quanto aos outros impostos mencionados no artigo 1.º, bem collocados nos parecem entre os indirectos, e, como taes, os incluimos já na enumeração que fizemos de diversas contribuições que deviam pertencer ao grupo dos directos, segundo a classificação que abraçamos.

Permitta-se-nos apenas fazer ligeirissimas observações com respeito a um d'esses impostos — a contribuição sumptuaria — lançado sobre os criados, ou mais propriamente sobre o amo, em razão do numero dos seus criados, e sobre os cavallos e vehiculos, ou antes, sobre o dono d'elles.

São directas estas taxas, porque recahem directamente e sem intermediario sobre um contribuinte, sendo o numero dos criados, cavallos e vehiculos uma presumpção ou indicio, mais ou menos exacto, da renda dos cidadãos. Leroy-Beaulieu distingue entre cavallos e trens particulares e os de aluguer, considerando directas as taxas lançadas sobre os primeiros, e indirectas as que recahem sobre os segundos [1].

Não ha duvida que o motivo da imposição sobre os cavallos e trens particulares, destinados ao commodo pessoal dos seus proprietarios, é muito differente do que justifica as taxas sobre os cavallos e trens de aluguer, exclusivamente empregados no serviço d'uma industria. Mas essa differença não auctorisa de modo algum a collocação d'estas taxas na classe dos impostos indirectos. Quer se comparem ás contribuições mobiliarias, quer ás industriaes, porque com qualquer d'ellas têm grande analogia, o seu logar proprio é sempre no quadro das directas, pois que directamente recahem sobre uma renda presumida: e assim as classifica o nosso orçamento, comprehendendo-as no imposto industrial.

---

[1] *Obra cit.*, tomo 1.º, pag. 240 e 241 e nota 1.ª

ARTIGO 2.º

O nosso orçamento menciona neste artigo, como formando um grupo distincto, a contribuição de registo e o imposto do sello, que nalguns orçamentos anteriores vinham incluidos nos impostos directos.

A contribuição de registo é classificada pela administração franceza como imposto indirecto, e pelo sr. dr. Jardim [1] como imposto directo. Neste ponto dividem-se as opiniões dos financeiros, entendendo uns que tem a natureza d'um imposto directo e outros que é antes uma contribuição indirecta.

Leroy-Beaulieu, partindo da sua rigorosa classificação, resolve facilmente esta difficuldade, distinguindo, como já tive ensejo de notar, a contribuição de registo sobre as transmissões gratuitas da que onera as mutações da propriedade por titulo oneroso. Em harmonia com esta distincção, os impostos sobre as transmissões por titulo lucrativo, visto que pesam directa e proporcionalmente sobre uma determinada fortuna, são directos; os que têm por base as transmissões por titulo oneroso são indirectos, porque não procuram taxar um augmento de riqueza; são, como o imposto do sello, uma remuneração dos serviços que o estado presta, garantindo certos actos, e por conseguinte — verdadeiras contribuições indirectas.

Nos diversos orçamentos, e particularmente no nosso, é facil notar uma grande incerteza, uma hesitação constante na classificação dos impostos. Uma contribuição que num anno é considerada directa, no anno seguinte é incluida nas indirectas, e mais tarde póde apparecer até formando um grupo distincto d'aquellas duas especies de impostos.

Os nossos financeiros, em logar de basearem aquella classificação num determinado criterio, parece que procuram fazer dos impostos distribuições caprichosas ou simplesmente filhas do acaso.

---

[1] *Principios de Finanças*, pag. 153.

ARTIGO 3.º

Impostos indirectos

Parecem-nos deslocados os direitos de tonelagem que são analogos aos estabelecidos sobre os vehiculos. Como estes, elles recahem directamente sobre a riqueza mobiliaria e estão sujeitos á lei da proporcionalidade.

Quando neste artigo do orçamento se mencionam os emolumentos geraes das alfandegas de Lisboa e Porto, deveriam tambem mencionar-se, como já dissemos a proposito do artigo 1.º, todos os outros emolumentos que vêm especificados entre os impostos directos. Esta separação singular, a não se attribuir a um descuido, é de difficil explicação.

O imposto de pescado está tambem, a nosso parecer, injustamente collocado entre os impostos indirectos, porque é inteiramente similhante á antiga dizima dos fructos da terra. Como a contribuição industrial, o imposto do pescado é estabelecido proporcionalmente á renda d'uma industria particular. Este imposto não recahe propriamente sobre o consumo, mas sobre a producção.

Todos os outros, que em geral se reduzem a impostos sobre serviços ou sobre o consumo, estão, na nossa opinião, legitimamente agrupados pelo artigo 3.º do orçamento na classe dos indirectos.

DOMINGOS MANUEL PEREIRA DE CARVALHO ABREU.

O ANTIGO FORAL DA VILLA DE PENACOVA [1] CODIFICADO E ANNOTADO

DIREITO FISCAL

1.º

Quem tiver uma junta de bois só ou de parceria com outro pagará um moio [2].

2.º

Por cada um boi que exceder a duas juntas pagará dois quarteiros, um de trigo, outro de milho.

§ 1.º Não tendo por onde pague a jugada [3], dê um quarteiro.

§ 2.º Se grangear trigo e milho, pague metade de cada um dos generos.

§ 3.º O quarteiro será de dezeseis alqueires *de direito*.

3.º

O cavador que semear trigo, milho ou cevada pague uma teiga [4] do pão que recolher.

4.º

Serão livres os bens que os cavalleiros possuirem fóra.

---

[1] Concelho imperfeito da quinta formula. Alexandre Herculano—*Historia de Portugal*, vol. II, pag. 68, nota 1.ª, e IV, pag. 100 e 306, 307 e 308.

[2] Sessenta e quatro alqueires.

[3] Direito real sobre a lavoura de um jugo de bois. Viterbo—*Elucidario*, v. *Jugada*.

[4] Quatro alqueires pela teiga jugadeira. Viterbo, *obra cit.*, v. *Teiga*.

5.º

Os cavalleiros irão com os seus malados (clientes) [1] ao fossado [2] de El-Rei.

6.º

Se os cavalleiros e os seus homens fizerem alguma calumnia [3] (damno) pagal-a-hão.

7.º

Se ao cavalleiro morrer o seu cavallo antes do S. Miguel, ficará isento, mas na colheita seguinte, ou dará cavallo ou jugada.

8.º

A viuva do cavalleiro conservará as honras do marido, e se tiver filho capaz, este será cavalleiro.

§ unico. Mas se casar com peão, pagará o fôro de peão.

9.º

O peão pagará a dizima do vinho, mas o contador não irá ao lagar, e ficará sentado onde é costume.

§ unico. Mas pagará a pena de furto, provando-se pelo inquerito de homens bons que roubara o vinho.

10.º

O peão de Penacova será obrigado a fazer uma jornada por anno, de maneira que volte para casa no mesmo dia.

---

1 Alexandre Herculano—*Historia de Portugal*, 3.ª edição, pag. 327 e 480, nota III á pag. 337 do vol. IV.

2 Expedição militar de guerra offensiva em geral e a obrigação especial imposta aos cavalleiros villãos de irem a ella com armas e cavallo. Alexandre Herculano, *obra cit.*, vol. IV, pag. 68, nota 1.ª Obras de fortificação e preza de searas, segundo Viterbo, *obra cit.*, v. *Fossado.*

3 Desaguisado—*Versão do seculo* XIV, existente na Torre do Tombo. Calumnia, calumpnia, calonha, coomha, coima, mulcta, damno, pena. Viterbo, *obra cit.*, e *Supplemento*, etc.

11.º

Deverá fazer tambem o seu fossado [1].

12.º

O peão que quizer ser cavalleiro dará ao senhor da terra uma fogaça de dois alqueires, um almude de vinho e um capão [2].

13.º

Os cavalleiros e peões farão cubas e casas no castello de Penacova ao senhor da terra que a todos dará de comer e aos mestres salario [3].

14.º

O almocreve fará uma carreira ao senhor da terra.

15.º

Do *Pégo de Serem* [4] fará o senhor da terra o que lhe aprouver.

16.º

O senhor da terra haverá o seu relego [5] nos tres mezes de janeiro, fevereiro e março.

17.º

Se pelo inquerito de homens bons se provar que alguem vende vinho durante o relego, até duas vezes pague 4 soldos, e á terceira quebrem-lhe os arcos da pipa.

---

[1] Vide nota 2 da pagina antecedente.

[2] Alexandre Herculano, *obra cit.*, vol. IV, pag. 327.

[3] Estes serviços chamavam-se *anúduva*. Alexandre Herculano, *obra cit.*, vol. IV, pag. 307 e 308.

[4] Este —*Pégo de Serem*— derivado talvez de *pelagus serenum* é hoje a rendosa propriedade denominada —*Chão de Serem*—, formada pelas contínuas alluviões do Mondego.

[5] Monopolio da venda de vinho por tempo determinado.

18.º

Quem quizer levará o vinho na sua cavalgadura a vender fóra da terra, o qual não reconduzirá para a villa.

19.º

O homem que cultivar a sua vinha dará aos trabalhadores senhas [1] (suas) dinheiradas de vinho [2] para beberem.

20.º

Dos peixes do mar que até ao mez de maio conduzirem pelo rio Mondego darão a decima parte ao senhor da terra.

21.º

O mordomo e official *(servicialem)* não serão ahi postos sem sua vontade [3].

22.º

Os monteiros que forem ao *monte,* darão ao mordomo um lombo do *veado* que matarem.

23.º

Os que forem a outra montaria, ainda que façam outra calumnia [4], nada pagarão.

24.º

Quem tiver um barco com aljarife [5] pague a decima, e ao alcaide a sua alcaidaria.

25.º

Os carniceiros e pescadores de fóra paguem ao alcaide a sua alcaidaria.

---

1 *Senhas*, contracção de *singulae*. Viterbo, *obra cit.*, v. *Senhas, as, senos, as.*

2 Um dinheiro de vinho a cada um.

3 Alexandre Herculano, *obra cit.*, vol. IV, pag. 307.

4 Necessidade — *Versão cit.*

5 Algerife ou algerive, rêde de arrastar, varredoura. Bluteau — *Vocabulario.*

26.º

Os pescadores que vierem d'essa parte darão ao juiz uma dinheirada melhorada do pescado [1] ou um dinheiro.

27.º

Os que comerem nas vodas, nas missas e nas confrarias darão ao mordomo um pão, uma assadura, uma posta de carne e uma infusa de vinho.

§ unico. E pelo que deram os que ahi comerem ficarão isentos de alguma calumnia [2] que façam.

DIREITO PENAL

1.º

O que matar um homem dentro da villa pagará 60 soldos, e se o matar fóra 30 soldos.

2.º

O que fizer sangue, com vozeiro por inquerito de homens bons, pagará 15 soldos.

3.º

Quem der uma punhada pagará 1 soldo, e uma bofetada 5 soldos.

4.º

O que arrombar uma porta pagará o dobro do que tirar, e se nada tirar pague 15 soldos.

6.º

O que na villa puxar por armas com sanha, e não ferir com ellas, perderá as armas.

---

[1] Um dinheiro de peixe melhorado.

[2] Necessidade — *Versão cit.* Privilegio assaz extravagante e singular, como observa Alexandre Herculano, *obra cit.*, vol. IV, pag. 308.

7.º

Quem ferir com ferro moluto (moído) [1] pague 30 soldos.

8.º

Quem arrombar uma casa com ferro moído [2], provada a verdade do facto pelo inquerito de homens bons, pague 30 soldos.

9.º

O que puzer.... na bocca d'outro, por inquerito de homens bons pagará 60 soldos.

10.º

O que fizer algum furto pagará 9 soldos por cada um.

11.º

Quem matar o mordomo ou o juiz ou o serviçal, o que tal fizer, com tudo o que possuir ficará em poder do senhor da terra [3].

E o que ferir (chagar) far-lhe-hão o mesmo.

12.º

Quem fizer rouso, provando-se pelo inquerito de homens bons, pague 60 soldos [4].

13.º

O homem da villa que faltar á portagem pagará a pena de furto, e o de fóra o duplo.

§ unico. A portagem será a costumada de tempos antigos.

---

1 Ferro moluto, moúdo, mudo, moído, isto é aguçado em mó, ou rebolo de pedra. Viterbo, *obra cit.*

2 Nota supra.

3 *Versão do seculo* XIV, existente na Torre do Tombo: quem matar juiz ou moordomo ou sseruiçal moira por ende e o que ouuer sseia no poder do senhor da terra.

4 *Versão cit.* Rauso, rauxo, rosse, roxo, rouso, rousso, rouxo. Delictos de abuso e violencia contra a honra das mulheres. Viterbo, *obra cit.*, v. *Rauso.* Alexandre Herculano, *obra cit.*, vol. IV, pag. 398.

14.º

Quem desjuigar [1] algum homem, pelo inquerito de homens bons pagará 60 soldos.

15.º

Quem cortar agua de rega pagará 60 soldos [2].

16.º

O que atalhar os caminhos, provando-se pelo inquerito de homens bons, pagará 70 soldos.

17.º

Quem mudar marco, pelo inquerito de homens bons pague 60 soldos.

DISPOSIÇÕES GERAES

1.º

Tudo isto será com vozeiro [3].

2.º

As cousas que ficam escriptas, e não outras, arrecadará o mordomo.

3.º

Se alguma cousa se omittiu por esquecimento, de futuro se accrescentará [4].

---

[1] Injuriar?

[2] Mudar agua foradiça — *Versão cit.*

[3] Por meio de advogado ou procurador. Viterbo, *obra cit.*, v. *Vozeiro.*

[4] As disposições dos n.os 16 e 17 da parte penal foram inseridas no foral depois das assignaturas regias. Em Penacova, pagava-se tambem a colheita, jantar ou parada do rei, e todavia o seu foral, assaz particularisado ácerca de tributos, não encerra uma unica disposição sobre tal objecto. Alexandre Herculano, *obra* e *vol. cit.*, pag. 407; e a pag. 435 sobre portagens e contribuições annexas de alcaidaria e de julgado.

4.º

Por esse motivo não será quebrantada esta carta.

5.º

E quem a guardar haja a benção de Deus.

Feita no mez de dezembro, era de 1230 (1192).

Eu El-Rei com minha mulher a rainha D. Dulce, com os meus filhos e as nossas filhas, a roboramos.

Gonçalo mendes mordomo do paço test. dom Jo. fernandes alcaide de Coimbra test. dom Martinho fernandes test. mestre Mendo medico de El-Rei e P. gomez medico da rainha test. dom Martinho arcebispo de Braga conf. dom Pedro bispo de Coimbra conf. dom Julião notario de El-Rei conf. dom Sueiro bispo de Lisboa conf. Pedro presbytero homariz notario da rainha a escreveu.

Esta carta de foral foi confirmada em Coimbra a 6 de novembro, era de 1255 (1217), por D. Affonso II, sua mulher a Rainha D. Urraca, e os infantes seus filhos D. Sancho, D. Affonso e D. Leonor.

JOSÉ PEREIRA DE PAIVA PITTA.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

ICTERICIA GRAVE

(Continuado do n.º 2, pagina 80)

Etiologia

A hepatite parenchymatosa diffusa é rara na infancia, duvidando-se mesmo da sua manifestação nos individuos d'essa edade; molestia, relativamente rara, é comtudo mais frequente na mulher do que no homem. A edade de vinte a trinta annos e o estado de gravidez predispõem para a molestia.

Niemeyer [1], depois de reproduzir a objecção que apresentou Liebermeister para que se não considere esta molestia como uma *inflammação parenchymatosa,* faz notar em seguida a coincidencia de que — a gravidez crie uma predisposição para as inflammações parenchymatosas do rim e para um estado analogo no figado.

Esta aproximação não póde, a meu ver, defender-se.

A gravidez não é causa frequente de nephrite parenchymatosa; se, referindo-nos ás observações feitas no Hospital da Universidade, compararmos a frequencia do mal de Bright consecutivo a cachexias palustres com a extrema raridade da molestia nas puerperas, chegaremos a uma conclusão bem opposta.

A presença de albumina na urina das mulheres gravidas é frequente, e desapparece espontaneamente depois do parto; esta terminação e a ausencia dos symptomas que caracterisam o mal de

---

[1] Niemeyer — *Pathol. int.*, 1.º vol., pag. 823.

Bright são motivos mais que sufficientes para negarmos nestas condições a existencia da molestia.

As alterações que a gravidez produz no sangue da mulher — diminuição de globulos rubros, algum augmento de fibrina, diminuição de albumina, mas hyperalbuminose relativamente aos globulos (Gubler), e que são outros tantos meios para a alimentação do feto [1]; e além d'isso a congestão dos rins por causa mechanica (Jaccoud [2]) dão-nos a explicação satisfactoria da albuminuria, a qual em casos raros póde dar secundariamente uma nephrite parenchymatosa.

No figado das mulheres gravidas o que é mais commum é a existencia d'uma infiltração gordurosa transitoria [3] que nada tem com a *destruição diffusa das cellulas hepaticas.*

Só uma cousa póde haver de commum entre o rim e o figado bem como com os outros orgãos, e é — uma perturbação nutritiva em proveito do novo organismo que se desenvolve — o feto.

É assim que eu noto que apparece kyestina na urina das mulheres gravidas e que similhantemente se fórma uma pellicula na urina dos tuberculosos (onde ha por certo uma nutrição incompleta), e que a infiltração gordurosa das cellulas hepaticas tambem é commum nos tuberculosos.

Estreitar mais as analogias, não me parece muito facil nem seguro no estado actual da sciencia.

O que fica porém averiguado é que a gravidez é causa de *hepatite diffusa;* Frerichs faz notar que d'entre vinte e duas mulheres, atacadas de ictericia grave, onze estavam gravidas [4].

A hepatite diffusa póde apparecer como molestia *primitiva* e *secundaria.*

---

1 Cazeaux — *Accouchements,* pag. 123 e seguintes, pag. 494 e seguintes.

2 *Dicc. de med. et de chir. pratiques* — Art. — *albuminuria.*

3 Cazeaux — *Thèse de Paris.*

4 Frerichs — *Maladies du foie* — traduit de l'allemand par Duménil, 1877, pag. 262.

Em ambos os casos os pathologistas são concordes em deduzir das observações feitas — que todas as causas de depauperação organica, capazes de produzir uma perturbação nutritiva em toda a economia, quer por falta de receita quer por excesso de despesa, são causas predisponentes da molestia. Taes são — a alimentação insufficiente, a miseria, os excessos venerios, o debóche e o alcoolismo. Comprehende-se bem que no alcoolismo, além da acção geral sobre o systema nervoso e sobre toda a economia, devemos attender tambem á acção local sobre o figado; por que todo o alcool absorvido pelas veias mesaraicas o vai atravessar.

Após a acção lenta d'estas causas predisponentes, que infelizmente são muito communs, ou todas reunidas ou separadas, em centenares de individuos, apparece num ou outro a molestia, sem que se possa precisar bem uma nova causa que a desperte, e que chamaremos occasional (Chomel) ou determinante (Jaccoud).

Manifesta-se ás vezes a molestia, d'um modo primitivo, num grupo de individuos que vivem num mesmo logar e nas mesmas condições hygienicamente deploraveis (prisões, casernas, etc.); mas não se tem podido até hoje averiguar se o seu apparecimento é provocado por um agente infeccioso que actue sobre todos elles ao mesmo tempo, ou se é o resultado da longa preparação e lenta alteração do organismo pela influencia das más condições hygienicas, communs a todo o grupo.

Manifesta-se porém, algumas vezes, em individuos sãos e que parece não terem soffrido miserias, assim como resulta das observações de Hanlon e Griffin [1].

Póde tambem apparecer em virtude d'uma emoção moral triste (Budd, Vvilks), sem outra causa apreciavel.

Nos casos em que a molestia é secundaria nota-se a existencia das mesmas causas predisponentes, notando tambem que essas mesmas causas predispõem ás vezes para a molestia a que a he-

---

[1] Trousseau — *Cliniq. cit.*, 3.º vol., pag. 311.

patite diffusa é consecutiva: isto é verdadeiro ao menos para as endocardites ulcerosas.

Resulta das observações de Virchow e Oppolzer que as endocardites vegetantes e ulcerosas do coração esquerdo podem dar logar á atrophia aguda do figado ou por obturação embolica da arteria hepatica ou por embolias capillares disseminadas no tecido do figado [1].

Manifesta-se a hepatite diffusa consecutivamente ao typho, á granulose miliar, á angiocholite suppurada e sclerose do figado.

Não faço figurar na etiologia os venenos steatogenicos, pelos motivos que já expuz.

Anatomia pathologica

O exame macroscopico do orgão apresenta-nos o figado geralmente diminuido de volume, podendo ás vezes ter o volume normal quando a molestia durou pouco tempo: a diminuição de volume tem principalmente logar no sentido vertical.

O figado acha-se diminuido de consistencia (o que se aprecia muito bem apanhando-o nas duas mãos e imprimindo-lhe movimentos d'uma para a outra) e sem o aspecto granitico que lhe é proprio no estado normal; apresenta-se uniformemente córado de amarello, semelhando a côr do rhuibarbo, e diminuido de peso.

A membrana envolvente (capsula de Glisson e peritoneu) encontra-se turva e enrugada em virtude da diminuição do figado.

Córtes practicados na espessura do figado revelam na superficie da secção a mesma côr uniformemente amarella e a mesma falta de cohesão, deixando penetrar o dedo com muita facilidade.

O exame histologico revela como lesão mais importante — a das cellulas hepaticas, que podem encontrar-se nas differentes phases da sua necrobiose: — a tumefacção turva, o amollecimento do protoplasma e a fregmentação da cellula em detritos onde se

---

[1] Jaccoud — *Cliniq. Lariboisière*, pag. 500.

notam algumas gottas de gordura. Frerichs diz ter encontrado muitas vezes um exsudato intersticial; mas não vejo que este facto seja confirmado pelas observações mais recentes.

As injecções practicadas pela arteria hepatica e pela veia porta não attingem a veia hepatica do centro do lobulo, como acontece normalmente; o liquido da injecção espalha-se pelo lobulo nos espaços deixados vasios pela destruição das cellulas hepaticas.

Os canaes biliares apresentam-se permeaveis; contêm ainda bilis, assim como a vesicula tambem; a bilis está por vezes descórada.

Nos orgãos nervosos centraes não se encontra alteração notavel.

A mucosa gastro-intestinal, o peritoneu e a pelle apresenta petechias ou mesmo echymoses.

O baço apresenta-se geralmente augmentado de volume: o coração com steatose, e o sangue negro e diffluente como nas pyrexias graves.

Os pulmões estão normaes ou com hypostases.

Os rins apresentam, como em todos os casos de ictericia, pigmento biliar nas cellulas dos tubos e dos corpusculos de Malpighy; mas além d'isso apresentam ás vezes a degenerescencia granulo-gordurosa.

A urina tem pigmento biliar e é por vezes albuminosa.

Nalguns casos, referidos por Budd, Monneret, Robin e Feltz, e que foram dignosticados como *ictericia grave* durante a vida, não se encontraram lesões [1]; comtudo não póde affirmar-se que estes casos sejam de verdadeira *ictericia grave,* segundo considerações que hei de apresentar a proposito do diagnostico.

(Continúa) J. A. de Sousa Refoios.

---

[1] Pīcot—*Loc. cit.*, 2.º vol., pag. 508; Cornil et Ranvier—*Loc. cit.*, pag 888.

CATALOGO DAS PLANTAS MEDICINAES QUE HABITAM O CONTINENTE PORTUGUEZ

(Continuado do n.º 2, pagina 84)

Contortae.

Oleaceae. *Lindl.*

Olea europaea. L. [1]

Oliveira.

Arvore indigena do Oriente, e cultivada em quasi todo o paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. folhas, casca e fructos [2].

Emp. as folhas e casca como tonicas e febrifugas, os fructos fornecem um oleo precioso a que chamamos *azeite de oliveira* que tem diversas applicações em medicina e pharmacia.

Phillyrea latifolia. L. [3]

Aderno.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Cintra, Thomar, Alcobaça, Bussaco e em outros pontos do paiz.

Flor. de janeiro a março.

P. u. as folhas.

Emp. como diureticos [4]. Pouco usado.

---

1 Variedades: α. Oleaster. D. C.; β. sativa. D. C.

2 Vulgarmente chamados azeitonas.

3 Variedade. β. obliqua. Ait.

4 Temos ainda no paiz a *Phillyrea angustifolia.* L. (Lentisco bastardo) e a *Ph. media.* L. (Aderno) que gozam das mesmas propriedades medicas.

LIGUSTRUM VULGARE. L.

Alfenheiro.

Hab. nas vizinhanças de Bragança, nas do Sabor e em outros pontos de Trás-os-Montes.

Flor. de maio a julho.

P. u. as folhas.

Emp. como tonico e adstringente. Pouco usado.

FRAXINUS EXCELSIOR. L.

Freixo.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. em janeiro e fevereiro.

P. u. a casca e as folhas.

Emp. a casca como tonica e febrifuga, as folhas como catharticas e diureticas [1]. Pouco usado.

SYRINGA VULGARIS. L.

Lilaz.

Planta originaria do Oriente e muito cultivada no nosso paiz nos jardins e hortas.

Flor. de fevereiro a abril.

P. u. as folhas, casca e fructos.

Emp. as folhas e casca como tonicas, os fructos como febrifugos [2]. Pouco usado.

---

[1] Segundo Lindley nos paizes quentes esta arvore produz o *Manná*. O manná é o succo concreto, obtido por incisões da casca do Fraxinus Ornus. L. e do F. rotundifolia. Lamk.

[2] Alguns medicos extrangeiros recommendam os fructos e as sementes do Lilaz como um remedio valioso para curar as febres intermittentes.

Deverão empregar-se os fructos antes da sua maturação.

Apocynaceae. *Lindl.*

VINCA MEDIA. Hffgg. et Lk.

(N. major. Brot. non L.)

Congossa maior, Pervinca.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de março a maio.

P. u. as folhas.

Emp. como levemente adstringentes e tonicas; tambem ha quem lhe tenha attribuido virtudes purgativas, diaphoreticas e antiscorbuticas [1]. Pouco usado.

NERIUM OLEANDER. L.

Sevadilha [2], loendro, espilradeira.

Hab. a parte meridional do Alemtejo (Brot.) e cultiva-se muito pelos jardins.

Flor. de julho a outubro.

P. u. as folhas e casca.

Emp. em Hespanha empregam-nas como antipsoricas em pó, extracto, cozimento, oleo e pomada (Texidor y Cos). Tambem se lhe tem attribuido virtudes esternutatorias vermifugas e antiepilepticas [3]. Pouco usado.

---

1 As mulheres do povo consideram as folhas de Congossa como lactifugas.

2 Não se confunda com a Sabadilla officinarum. Brandt. (Asagraea officinalis. Lindl.) planta oriunda do Mexico e da familia das Melanthaceas á qual nas pharmacias tambem chamam Cevadilha.

3 Esta planta é altamente venenosa, todas as partes que a constituem contém veneno narcotico-acre. Tem já havido casos de envenenamento por se ter assado carne em espeto feito com a madeira d'esta planta. Libantius cita um caso de ter fallecido um individuo por ter dormido com flores d'esta planta no quarto; Morgagni diz ter succumbido uma mulher, nove horas depois de ter bebido vinho misturado com o succo da Sevadilha; Grognier

Asclepiadeae. *Jacq.*

CYNANCHUM ACUTUM. L. β. Monspeliaca. Dcsne.
(C. Monspeliacum. L. Scammonea Valentina. Clus.)
Escamonea de Montpellier, ou E. de Mompelher.
Hab. em Vallada e Santarem, juncto ao Tejo e em outros pontos da Extremadura, Beira e Trás-os-Montes.
Flor. em julho e agosto.
P. u. a resina-gomma obtida por incisões na raiz.
Emp. como purgante-drastico [1]. Pouco usado.

VINCETOXICUM OFFICINALE. Mnch.
(Asclepias Vincetoxicum. L.; Cynanchum Vincetoxicum. R. Br.)
Herva contraveneno.
Hab. no Gerez.
Flor. em maio e junho.
P. u. a raiz.
Emp. como emetica e purgativa, tambem ha quem a repute sudorifica e diuretica [2]. Pouco usado.

VINCETOXICUM NIGRUM. Mnch. [3]
(Asclepias nigra. L.; Cynanchum nigrum. R. Br.)

---

assevera terem morrido cavallos em poucos minutos por ter comido as folhas d'esta planta; Pelican suppõe que os seus effeitos paralisam os movimentos do coração; Leukowsky tirou d'esta planta umas substancias a que chamou *Oleandrina* e *pseudo curarina.*

[1] Esta planta por uma incisão obliqua na parte superior da raiz dá um succo, que, inspissado pela cocção, se torna uma substancia mais pesada e mais negra que a *Escamonea* do Convolvulus scamonea. L., mas d'uma virtude purgante mais debil; e por isso talvez mais digna do uso therapeutico (dr. J. J. de Figueiredo—*Flor. pharm.*)

[2] Antigamente era considerada esta planta como antidoto dos venenos e é d'ahi que lhe vem o seu nome vulgar.

[3] Variedade. β. latifolium. Lge.

Vincetoxico negro.

Hab. no Penedo da Meditação e Eiras, nas vizinhanças de Coimbra, assim como na Beira, Douro e Minho.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Gentianeae. *Juss.*

GENTIANA LUTEA. L.

Genciana maior, ou das boticas, Argençana dos pastores.

Hab. no Cantaro gordo, Cantaro delgado e Cimadouro dos cães, na Serra da Estrella (Hffgg. et Lk.)

Flor. em junho e julho.

P. u. a raiz.

Emp. como tonica, estomachica, anthelmintica e febrifuga.

ERYTHRAEA CENTAURIUM. Pers. [1]

(Gentiana Centaurium. L.; Chironia Centaurium. D. C.)

Fel da terra, Centaurea menor.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de junho a agosto.

P. u. o caule e as summidades floridas.

Emp. com tonico e febrifugo; tambem se póde empregar como vermifuga e estomachica [2].

---

1 Variedades: β. grandiflora. Pers. (E. major. Bss.; E. grandiflora. Biv.; E. Boissieri. Wk.); γ. suffruticosa. Griseb.

2 Outras duas especies d'esta familia se podem talvez empregar em medicina, que são *Gentiana Pneumonanthe.* L. e a sua variedade *Depressa* (Genciana azul) que habita a Serra da Estrella, assim como a *Erythraea ramosissima.* Hffgg et Lk., que se encontra nas vizinhanças de Coimbra. A primeira podendo substituir a G. lutea. L. e a segunda a E. centaurium. Pers.

LIMNANTHEMUM NYMPHOIDES. Lk.

(L. peltatum. Gmel.; Menyanthes nymphoides. L.; M. natans. Lamk.; Villarsia nymphoides. Vent.)

Golfão pequeno.

Hab. nas vallas e pegos dos campos de Coimbra e em outros pontos do paiz.

Flor. de julho a outubro.

P. u. as folhas.

Emp. como tonicas, adstringentes e emeto-catharticas [1]. Pouco usado.

(Continúa) ADOLPHO FREDERICO MOLLER.

---

[1] Póde empregar-se na falta do *Menyanthes trifoliata*. L. (Trevo da agua ou dos charcos, Trifolio fibrino) cujas virtudes medicas são analogas. O Trevo da agua habita em quasi toda a Europa. Não nos consta que habite em Portugal apezar de Texidor e Cos dizer na sua *Flor. pharm.* que se encontra na nossa provincia de Entre Douro e Minho.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

PRESENTIMENTO

Morrer! Vou pois morrer quando a ventura
Talvez meus dias me dourasse ainda!
Quando, exhausto meu calix de amargura,
Talvez que a vida me sorrisse linda!

Agora, quando a flor da mocidade
Me perfuma de aromas a existencia;
Quando tudo a viver me persuade,
Quando o porvir tem magica apparencia;

Quando em éstos de fervida poesia
Me escalda o seio o fogo dos amores;
Irei dormir na campa núa e fria,
Na escura campa, involta de terrores!

Eu, eu, que sinto o pensamento, a idéa
A ferver-me na mente escandecida;
Que sinto palpitar em cada veia
O sangue, ardente do calor da vida;

Hei de jazer inerte, immovel, mudo,
Sob uma lousa solitaria e triste;
E dizer um adeus ao mundo e a tudo
Quanto de bello sobre a terra existe!

Morrer tão moço! A luz da minha aurora
Mal desponta, Senhor, mal brilha apenas;
Mas eu vejo que o brilho já descora,
Mas eu sinto que á morte me condemnas!

Do meu tremendo sacrificio em paga
Virá ella cerrar-me os olhos baços;
De mim em torno como um spectro vaga,
E já me segue lentamente os passos!

Funchal — janeiro de 1867.

LUIZ CARLOS.

ELOGIOS HISTORICOS [1]

I

ELOGIO HISTORICO

DO SOCIO

João de Vasconcellos Pereira Coutinho de Mendonça Falcão

PELO SOCIO

Manuel Maria da Silva Bruschy

Invocar a memoria dos mortos, para pronunciar o seu nome com saudade, relatar os seus meritos, é provar que a morte não corta todos os laços; é testimunhar que a loisa do sepulchro não occulta senão o que havia de terrestre em um ser que bem mereceu dos seus similhantes: é lavar a humanidade do labéu da

---

1 Como alguns *elogios historicos* dos socios do Instituto fallecidos não chegaram a publicar-se neste jornal, que é o jornal da sociedade, resolvemos archival-os aqui, começando hoje pelo primeiro que se recitou, o qual foi impresso na *Revista Academica* de 1845, precedido das linhas seguintes: «No dia 18 do mesmo (mez de maio) teve logar a sessão extraordinaria para a leitura do elogio historico do sr. João de Vasconcellos Pereira Coutinho Mendonça Falcão pelo sr. Manuel Maria da Silva Bruschy. Estiveram presentes quasi todos os membros d'este Instituto residentes em Coimbra, e foi numerosissimo o concurso dos espectadores, que vieram presenciar a solemnidade da sessão, primeira d'este genero em o nosso Instituto. O abalisado merito do orador e da oração correspondeu plenamente á magnitude da perda que choravamos. Foram d'uma e outra claro testimunho a grave seriedade e profundissima tristeza dos concorrentes.»

ingratidão; é um dever sagrado de toda a corporação, cujo fim for a cultura das lettras. D'este modo a vida intellectual não acaba, porque o nome e feitos de um finado podem servir de exemplo para os vivos. D'este modo ligamos o passado com o presente, unimos com laços fraternaes os que foram com os que ainda são obreiros da obra mais pura e mais util que possa dar-se — a cultura das lettras e da virtude cimentada na amizade.

O Instituto cumpre hoje esta missão, e, a exemplo de todos os corpos litterarios, destina esta sessão para memorar a perda do primeiro dos seus socios que provou não bastarem mocidade, virtudes, talentos, e uma aurora esperançosa de fertil e brilhante carreira litteraria para eximir-se da lei fatal da morte; porque, se estes titulos bastassem, senhores, não teriamos hoje de lamentar a eterna ausencia do nosso socio e meu amigo, o sr. João de Vasconcellos Pereira Coutinho de Mendonça Falcão!...

Este nome, senhores, de que a minha bocca não póde separar o epitheto de amigo, porque este affecto não se extingue, porque o coração palpita mais apressado ao pronuncial-o, porque a dôr da sua perda é cada vez mais pungente, porque metade da minha alma, metade da minha vida me foi roubada, este nome de amigo, cuja pronunciação é uma blasphemia na bocca do egoista, é a desculpa do meu arrojo... A nenhum outro elle teria concedido o logar que eu hoje occupo, e por isso não foi a vaidade que me levou a solicitar o privilegio de fallar d'elle perante o Instituto, invoquei os direitos da amizade, e o Instituto, concedendo-me essa honra, cedeu a uma nobre inspiração, escutou a voz do seu finado socio bradando do fundo do sepulchro — concedei ao meu maior amigo o privilegio de derramar em vossa presença as lagrimas da saudade —.

Não espereis de mim senão sentidos gemidos por tal perda. Possuís todos corações mui nobres, e as cordas harmoniosas das vossas almas têm de certo vibrado com o sentimento da amizade, para que eu não espere que os meus pobres pensamentos deixem de ser desculpados.

Ligados pelo amor das lettras, não formamos um oceano agitado pelas violentas tempestades das paixões humanas; esta nossa sociedade assemelha-se a um lago placido e puro alimentado por torrentes impetuosas de imaginações poeticas, socegadas e crystallinas, fontes de saber, a que se mistura um humilde riacho a cuja corrente concedestes o favor de ser escutado, porque murmura as lembranças de um arroio, que, estancado a poucos passos da sua nascente, tanto promettia.

Em nome da amizade espero a vossa indulgencia.

Nascera o nosso lamentado socio aos 8 de março de 1815 nas abas da serra da Estrella, proximo ás margens d'este nosso Mondego.

Foi seu pae o nosso socio, o sr. Agostinho de Mendonça Falcão, nome querido das Musas e bem conhecido pelo seu saber: mas não só possue saber, porque é um d'esses homens sempre raros, mas talvez nunca tanto como em nossos dias, que reunem á nobreza do sangue e virtudes raros talentos e conhecimentos alliados com uma modestia digna de citar-se, e uma rigidez de principios de éras, que hoje por incriveis reputamos fabulosas.

Lembro-vos, senhores, estas circumstancias, porque é minha convicção (e a vida do nosso consocio prova) que poucas cousas decidem tanto dos destinos futuros do homem, como as primeiras impressões physicas e moraes recebidas na infancia.

Invoco o testimunho dos que conhecestes e tractastes o nosso finado socio, e que conheceis as bellezas severas das asperas serranías do paiz dos Herminios, as suas ferteis quebradas, a singeleza de costumes patriarchaes, as poeticas e melancolicas perspectivas das alcantiladas margens do Mondego, para que me digais se não concordais comigo em que uma infancia passada em tal paiz, sob um tal pae, e entre taes gentes devera ter um influxo mui poderoso nas idéas e sentimentos do resto da vida do nosso socio?

Nas montanhas o homem faz de contínuo o parallelo da sua pequenhez com as alturas que o rodeiam, tem de contínuo ante

os olhos um quadro vivo da peregrinação terrestre, variedade das vistas, precipicios tremendos abrindo-se inopinadamente sob os passos, e prestes a sorver o caminhante incauto; sendas fragosas e resvaladiças, nas quaes o menor descuido póde arrojar o caminhante mais robusto, emfim a morte e a vida luctando de contínuo.

Mas ao mesmo tempo o sol surge mais cedo, e vem doirar os seus pincaros em quanto que nos planos tudo jaz ainda em trevas; o horizonte é mais extenso, e o montanhez, sobrepujando as nuvens ennovelladas, vê impavido um oceano de fogo agitar-se sob seus pés e arrojar ás planicies o incendio e ruinas de involta com o bramido do raio, cujo estrondo apenas elle apercebe.

Nestas alturas o homem está desprendido da terra e proximo do céo. As suas meditações devem ser graves e solemnes como os objectos que o rodeiam; elevadas, sublimes e puras como as regiões em que está pairando o pensamento.

Emfim as montanhas abrigam o ninho da aguia, são o throno do raio, e a origem dos rios; isto é, reunem o que em toda a natureza creada se conhece de mais elevado, mais terrivel e mais proveitoso.

O nosso socio era digno de uma tal patria. Singeleza e brios de filho das montanhas foram os dotes com que a natureza bafejou a sua infancia, e que, aperfeiçoados pela educação e preceitos de seu pae, o tornaram tão digno das sympathias de quantos o conheceram e tractaram.

Infelizmente a natureza fôra mesquinha em repartir-lhe os dotes do corpo, e desde a sua mais tenra juventude começaram de apparecer os symptomas da enfermidade que pouco e pouco lhe minou a existencia, e que lhe ceifara mãe e irmão, e que pelo haver arrebatado lhe poupou a dôr de ver murchar-se no viço dos annos a sua tão querida irmã.

Este progresso constante da morte tornara grave o nosso socio ainda entre os folguedos e passatempos da juventude. Permitti-me, senhores, que vos guie ao intimo d'aquella alma, e que com a

chave da amizade vos patenteie os soffrimentos que por mais de metade da sua existencia lhe ralaram o viver.

A braços com a morte, seguro de que ella não tardava, medindo os seus progressos passo a passo, minuto por minuto, aquella alma tão sensivel, aquella imaginação tão vivaz, aquelle coração tão feito para a amizade não tiveram illusões. Encarou por largo tempo o inimigo que se adeantava, conheceu-o, e sem o desprezar loucamente soube avalial-o. A vida não foi para o nosso socio um engano, nem a morte inesperada.

Já lá vão quinze annos que elle me escrevia: — não posso viver muito, esvae-se-me a vida mais depressa do que eu mesmo posso imaginar. E nas ultimas lettras que traçou com mão moribunda escrevia-me ainda: — d'esta vez realisa-se o que ha muito espero, e *morro*. Viver morrendo foi a terrivel agonia physica e moral dos annos que para o commum dos homens vão de saude, vigor e illusões!... Quadro tremendo, que para ser encarado sem sossobrar se requer alma mui grande. Quão poucos haveriam deixado de succumbir ao desespero ou abatimento! Mas d'esses poucos era elle...

Em meio de taes soffrimentos era o seu cuidado a cultura das lettras e da amizade.

Hoje que a sua bocca gelada me não póde impôr silencio, como por tantas vezes me impoz para que callasse as suas boas obras... hoje que seria uma ingratidão, se eu como amigo e socio não alevantasse a minha voz, hoje que devo rasgar o véo com que a sua modestia se queria cobrir, invocarei o testimunho de quantos me escutam para que me apontem uma só acção que o deslustrasse como amigo, como parente ou como collega. E como podia fazer tal quem me escrevia: — leio, porque os livros me não são ingratos — ... façam os homens o que quizerem, eu só lhes pagarei com o bem que podér... — Quem escreve isto no momento em que um amigo falso o trahira? É esta a expressão da sua vingança e da sua colera! Senhores, quem professa taes principios tem o seu elogio feito.

Cortado de dores e angustias, nunca deixou os seus queridos livros, e na escolha do genero de leitura a que muito em especial se dedicou mais e mais se manifestam os dotes do seu talento. Severo no seu gosto, laborioso nas suas investigações, profundo no seu meditar, era o estudo da nossa litteratura classica, historia, e antiguidades o que mais o deleitava.

Se a modestia e timidez, inseparaveis do verdadeiro talento, o não houvessem levado a rasgar e queimar o fructo de largas horas, roubadas ao cuidado da sua debil saude, nós possuiriamos hoje abundantes provas do que levo dicto.

No emtanto alguma cousa escapou, e o seu romance do *Figueiredo das Donas,* inserto no n.º 2 da *Chronica Litteraria,* mostra o que poderia dar de si aquelle arbusto tão esperançoso, se tão prestes o não derribara o tufão da morte.

Não devo esquecer que elle, publicando aquelle seu pequeno trabalho, cedeu ao unico sentimento capaz de vencer a sua modestia; era esse sentimento o cumprir um dever como socio d'este Instituto.

Não era o nosso socio homem que pensasse poder pertencer a uma corporação sem que auxiliasse o seu andamento com contingentes ainda além das suas forças. Julgava elle que entre nós escasseiam trabalhos reflectidos ácerca dos nossos antigos romances tão cheios de riquezas historicas e poeticas, e que de nenhuma parte devia partir o impulso de similhantes investigações senão do centro d'esta nossa Universidade.

Uma outra circumstancia julgo dever lembrar a este Instituto, e é que, ferido com o ultimo golpe mortal, quiz vir a este nosso theatro applaudir um triumpho litterario de auctor e actores todos socios nossos. Representava-se o drama os — *Dous Renegados* do nosso socio, o sr. Mendes Leal, e era executado pelos nossos socios, Fonseca, Costa Pereira, Gama Lobo e Guimarães. Veio moribundo, mas pôde, transpondo o limiar da eternidade, saudar a aurora gloriosa da existencia d'este theatro, e o seu adeus ás lettras foi animando a litteratura dramatica da nossa patria...

Tres dias depois escrevia duas cartas, uma para a familia, e outra para o amigo; e passados outros tres dias descançava no seio da eternidade! Os seus ultimos actos foram dedicados a este Instituto, á familia e ao amigo, e hoje o Instituto e o amigo provam que a memoria do homem que como elle viveu e cumpriu a sua missão, não morre, mas existe gravada no coração de quantos tiveram a dicta de conhecel-o....

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia, por José Silvestre Ribeiro, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Tomo VIII. Lisboa — Typographia da Academia Real das Sciencias, 1879.

I

De 31 de julho de 1871 é a data do prologo do primeiro tomo d'esta importantissima obra, a mais vasta, a mais util, a mais gloriosa para a nação portugueza, que nos modernos tempos ha sahido dos nossos prelos.

Doía-se o fino patriotismo de seu esclarecido auctor, que, sendo entre nós quasi vulgar o conhecimento do que se ha passado em França, na Belgica, na Inglaterra, e em outros paizes, com respeito ás diversas manifestações da sua actividade intellectual e artistica, neste nosso, que tão brilhantes paginas offerece na sua historia scientifica e litteraria, nos seus fastos maritimos e coloniaes, não houvesse uma obra, em que nacionaes e extranhos podessem conhecer as differentes phases da civilisação portugueza desde os primordios da monarchia até aos nossos dias.

Logo que as luzes da philosophia vieram illuminar a historia, empenharam-se todos os escriptores d'ella em investigar, principalmente, as vicissitudes do destino do homem na sociedade.

E, porque na sociedade exercem poderosa influencia os progressos das lettras e a cultura do espirito, em conhecer estes progressos e esta cultura em cada nação, e em cada epocha, para os avaliar em todas as suas circumstancias, se têm empenhado os escriptores eminentes de todos os paizes.

Em o nosso póde asseverar-se que, antes dos trabalhos do sr. José Silvestre Ribeiro, tudo estava por fazer sob este respeito. De noticias legislativas, historicas, artisticas e criticas, relativas ao maximo numero dos nossos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos, possuiamos apenas indicações avulsas, incompletas e imperfeitas. O estudioso, que desejasse amplial-as, a respeito de qualquer d'elles, seria obrigado a consultar, com improbo trabalho, um sem-numero de escriptos, procurando as especies correlativas por elles fortuitamente disseminadas, e coordenando-as depois sob os seus particulares intuitos.

E, quando nestes escriptos, depois de diligencias longas e enfadosas, nada encontrava, que respondesse ao seu intento, era-lhe forçoso ir desentranhal-as dos diplomas dos archivos, se fosse tão feliz, que logo se lhe deparassem.

Pesquizar e coordenar, pois, taes noticias, e convertel-as em corpo de doutrina bem deduzida, era empresa sobremaneira ardua. Requeria, além de atilamento não vulgar, paciente e inquebrantavel perseverança, vasta erudição, e severa critica.

Não fugiram ao claro entendimento do illustre academico as gravissimas difficuldades, que seria necessario vencer; mas, se

As almas baixas o temor demonstra [1],

um nobre ousío denuncía altivos espiritos. O do sr. José Silvestre Ribeiro era naturalmente impellido a contrastar todo o genero de obstaculos, que a outrem menos decidido se antolhariam invenciveis. E logrou, com effeito, contrastal-os com admiravel galhardia.

Ahi estão já publicados oito volumes da *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia.*

Ahi estão patentes á admiração dos leitores curiosos tres mil novecentas sessenta e seis paginas de erudição recondita, de varia

---

[1] *Degeneres animos timor arguit.* (Virg. Æn. Lib. IV, v. 13.)

e selecta doutrina, de noticias originaes, completamente desconhecidas ainda dos mais accurados investigadores da historia e litteratura patria.

II

Logo que se publicou o primeiro tomo da *Historia dos estabelecimentos scientificos,* nos impozémos o grato encargo de informar os leitores dos assumptos, que em cada um d'elles se fosse tractando. Chamavamos a sua attenção particular para os capitulos que nos pareciam mais importantes, ou pela originalidade, ou pela exuberancia e formosura da doutrina.

E, porque nos dominava sincero empenho de que a obra se aperfeiçoasse, quanto fosse possivel, como de transcendente proveito que era para a litteratura patria, honra e decoro para o nosso paiz, ousámos fazer-lhe ligeiros reparos em objectos de menos substancia, reparos aliás recebidos com boa sombra, e considerados com extrema benevolencia.

Ao nosso exemplo, e com o mesmo fim, concorreram outros escriptores, offerecendo rectificações, rarissimas em proporção da multiplicidade de especies, que enriquecem a obra.

Estabeleceu-se um como tribunal, para assim o dizermos, de censores amigos, reunidos pelo interesse e amor das letras patrias, tão respeitaveis como os academicos Innocencio Francisco da Silva, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Antonio Joaquim Silva Tullio, Joaquim Martins de Carvalho, que, esmerilhando a obra, notavam o que lhes parecia digno de correcção ou emenda.

Recebia, d'est'arte, a *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos* um certo character de segurança e credito, empenhando-se tão doutos escriptores em arredar o menor desvio da verdade e da exactidão, que a podesse inquinar.

Recommendava, porém, a excellencia da obra approvação mais auctorisada, a da Academia Real das Sciencias, que, á custa da sua fazenda, a imprimia, e, sob os seus auspicios, a mandava publicar.

III

Os creditos que a *Historia dos estabelecimentos scientificos* tinha adquirido no paiz transcenderam os seus limites. M. Leo Quesnel pôde ler os dois primeiros tomos, e na *Revue Politique et Littéraire,* de Paris, publicou sobre elles um extenso e mui notavel artigo.

Eis aqui os dois primeiros periodos da conclusão:

«L'ouvrage de M. José Silvestre Ribeiro est une mine de renseignements qui sera fort précieuse pour les érudits de tous les pays. Un pareil livre dispense de bien recherches fastidieuses dans les bibliothèques, e ces deux volumes, où rien n'est omis sur un sujet assez diffus en lui-même, prouve qu'on fait encore dans notre siècle des *œuvres de benedictins* [1].»

É, na verdade, incontestavel a magnitude do serviço que á nação portugueza tem prestado o sr. José Silvestre Ribeiro com a sua *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal.*

Arrancando ao esquecimento um sem-numero de institutos, providencias e escriptos, dignos de especial commemoração, habilitou nacionaes e extranhos a conhecer as successivas phases da vida intellectual dos nossos conterraneos através das edades.

Temos no devido apreço todas as manifestações da actividade e intelligencia d'um povo, quer se empenhe em vencer nos campos da batalha seus inimigos, quer procure influir nos conselhos das nações para desenvolver o seu commercio, sustentar a integridade do seu territorio, e defender a propria dignidade.

Não seremos nós, que devemos tudo o que somos aos esforços magnanimos de nossos antepassados, que ousaremos sem pejo menoscabar as glorias militares, ou deprimir o patriotismo e solercia de nossos diplomatas.

---

1 *Revue Politique et Littéraire*, num. 13, septembre 1876. *Le mouvement intellectuel en Portugal.—Les établissements scientifiques, littéraires et artistiques.*

Consideramos, todavia, de mais directa e immediata utilidade as noticias das providencias, com que procurámos subir aos montes da perfeição intellectual, pela cultura das artes e sciencias, do que as dos prodigios de gentileza, obrados outr'ora pelos nossos maiores, entre os horrores da guerra, ou a narração das complicadas combinações de uma diplomacia sisuda e prudente.

Lenta é a marcha da civilisação das nações; para seguir a de Portugal, em todos os seus periodos, é optimo itinerario a *Historia* do sr. José Silvestre Ribeiro.

Acham-se neste itinerario (permitta-se-nos denominal-o assim) assignaladas, com brilhantes notas, as estradas reaes percorridas, naquelle incessante caminhar, por este povo nobilissimo.

É aquella *Historia* um padrão magnifico, pelo qual podem aferir-se os progressos intellectuaes de um povo generoso, que, havendo conquistado a admiração universal pelo arrojo de suas empresas maritimas, grangeou, tambem, o direito á estima de todas as nações pelo empenho, com que ha cultivado as artes e sciencias.

Póde ainda considerar-se como um directorio, que nos instrue ácerca de todas as fadigas, que durante seculos temos consumido, para occupar o logar eminente, em que estamos collocados. Não só aponta os meios, a que nos havemos soccorrido para cultivar a intelligencia; mas indica as necessidades, que foi trazendo a observação de melhorar, reformar e ampliar o ensino, imprimindo-lhé direcção adequada, e correspondente ás successivas necessidades dos tempos.

Comprehendem-se no tomo VIII noticias pertencentes ao reinado da senhora D. Maria II (1834–1853). E, como no tomo VII não pôde concluir-se a restante e mais avultada exposição do assumpto, que nelle se encetara com a epigraphe *Jornalismo scientifico, litterario e artistico,* d'aquelle reinado, corre neste agora a continuação e conclusão d'este formosissimo capitulo.

É muito para admirar a solicitude, com que o illustre academico organisou tão curioso trabalho. Nelle comprehendeu a menção de

alguns jornaes, que na ordem alphabetica eram anteriores ao ultimo do tomo VII, e que não poderam entrar na primeira serie.

Após os ordinarios e costumados indices, privativos do tomo VIII, segue-se o *indice geral de todos os assumptos, de que se tracta nos oito tomos, de que se compõe já a obra.*

Com este valiosissimo subsidio ficam habilitados os estudiosos para facilmente buscarem neste repositorio, como se fosse um diccionario, as especies que mais lhe interessarem.

Por este copioso *indice* reconhecerão ainda, quão avultado é o numero de objectos, sobre os quaes encontrarão mais ou menos importantes noticias, noções ou esclarecimentos.

Está, felizmente, proxima da conclusão esta magnifica obra.

Desejamos que em breve ponha glorioso remate a este celebre monumento elevado ás lettras portuguezas seu preclarissimo auctor, vinculando o seu nome á publicação mais vasta, mais util, mais recommendavel e memoravel dos tempos modernos.

Portalegre, 30 de setembro de 1879.

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

BREVE ESTUDO DYNAMICO SOBRE O PRIMADO UNIVERSAL DA EGREJA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 2, pagina 64)

CAPITULO SEGUNDO

«Critica summaria do Febronianismo»

Não podemos entrar numa discussão minuciosa com Febronio, apreciando não só a sua *doutrina,* mas os *argumentos* (por via de regra historicos ou de auctoridade), com que pretende sustental-a; por isso limitamo-nos ás seguintes considerações geraes ácerca do *Febronianismo* em geral.

1) Quanto á refutação que faz Febronio da fórma *monarchico-absoluta* na Egreja, estamos plenamente de accordo com este escriptor. E com effeito, já tivemos occasião de demonstrar (§ 32.º de Schenkl) que o governo da Egreja não é *monarchico,* mas d'uma fórma especial e *sui generis,* que se poderia chamar *Christocracia.* Discordamos porém quanto á interpretação que dá Febronio aos citados textos de S. Mattheus, S. Lucas e S. João, porquanto já provámos noutro logar (§ 19.º de Schenkl) que a interpretação dada a estes textos pelos SS. PP. era outra, entendendo por Pedro *sómente* o apostolo d'este nome, e não *todos* os apostolos [1]. O poder

[1] Vê-se pois que Febronio não permaneceu fiel ás regras que estabelecera de principio, e que voluntariamente se havia imposto. E não foi só neste logar mas em muitos que deixou de as observar.

episcopal não é com esses textos que se prova, mas com outros [1]; aquelles servem só para provar a instituição divina do *Primado* e não a do poder *episcopal* em geral.

2) E por conseguinte concordamos tambem com Febronio quanto á doutrina do primeiro topico — «*que o poder ecclesiastico geral não fôra dado só a Pedro, mas a todo o apostolado*—[2].»

3) Discordamos porém de Febronio quanto á *area* e *intensidade* que assigna ao poder episcopal. Com effeito, já demonstrámos que o poder dos bispos é em geral circumscripto ás suas respectivas dioceses (§ 14.º de Schenkl, e primeira Dissertação, lemma 6.º). E demais, demonstrámos tambem que o poder episcopal, embora *ordinario,* não é *independente,* devendo estar sempre *subordinado* ao Primado universal, mas, note-se, ao Primado universal não como o considera Febronio, mas como sendo essencialmente de *jurisdicção,* isto é, como sendo a suprema auctoridade *doutrinal, sacerdotal* e *governamental* (§§ 19.º, 175.º–187.º de Schenkl, e parte primeira d'esta Dissertação, secção unica, capitulo segundo).

4) Quanto ao modo como Febronio considera a auctoridade do concilio, já em si mesmo (terceiro topico), já relativamente ao Papa (terceiro e quarto topicos), diremos:

a) O concilio sem o Papa não póde funccionar, e por isso as suas decisões nestas circumstancias carecem completamente de authenticidade; é o que já demonstrámos a proposito do § 180.º, nota †, de Schenkl. Quanto mais que é um principio geral de Direito Publico applicavel a todas as assemblêas ou corpos collectivos, e pois tambem á Egreja, que estas sem presidente não podem funccionar;

b) Não é o concilio que é *infallivel* mas o *Papa.*

---

[1] Esses textos são: Luc., VI, 13 e 14; Matth., X, 1; XVIII, 1, 17, 18; João, XX, 21; Marc., III, 13; 1.ª Cor., IV, 21; V, 9; XI; XII, 28; Eph., IV, 2, 11; Act., VI, 3; XIV, 20; XV, 4, 41; Gal., I, 1, 8; V, 2; 1.ª Timoth., I, 20; IV, 14; 2.ª Thessal., II, 14; 2.ª Cor., VII, 2, 10; X, 6; Tit., I, 5; II, 15.

[2] Vej. § 18.º de Schenkl.

Esta questão da *infallibilidade* foi muito discutida, mas hoje é um *dogma* definido pela Egreja, e note-se, definido não pelo Pontifice sómente, mas pelo proprio concilio, *ao qual Febronio assigna o dom da infallibilidade.* E com effeito, diz o concilio do Vaticano — «O Pontifice Romano, quando falla *ex cathedra,* isto é, quando, desempenhando o cargo de pastor e doutor de todos os christãos em virtude da sua suprema auctoridade apostolica, define que uma doutrina sobre a fé ou costumes deve ser crida pela Egreja universal, goza plenamente pela assistencia divina que lhe foi promettida na pessoa do bemaventurado Pedro, d'esta infallibilidade, de que o divino Redemptor quiz que a sua Egreja fosse provida, definindo a doutrina concernente á fé ou costumes; e por conseguinte que taes definições do Pontifice Romano são *irreformaveis de si mesmas, e não em virtude do consentimento da Egreja*[1].»
Ora este dogma sendo a expressão do que se apurou de definitivo depois das discussões de tantos seculos, veio terminar completamente a questão; e por tanto a opinião de Febronio está nesta parte completamente prejudicada;

c) E por conseguinte todos esses direitos que Febronio assigna exclusivamente ao concilio e não ao Papa, são verdadeiros direitos *pontificaes*. E com effeito, é isso uma consequencia logica da *infallibilidade pontificia;* quanto mais que esta mesma conclusão se deduz do principio do Primado. E com effeito, já demonstrámos que taes direitos são verdadeiros direitos *primaciaes* (§§ 175.º–187.º, e parte primeira d'esta Dissertação, secção unica, capitulo terceiro): é pois o Pontifice *soberano* em definir pontos de fé e moral, legislar, etc., etc. Ora o Pontifice é que póde exercer esses direitos ou individualmente *(pontificaliter?)* ou *concilialiter*.

Isto quanto á opinião de Febronio ácerca da auctoridade do concilio considerado *em si mesmo;* agora quanto á sua opinião sobre a auctoridade do concilio *perante o Papa,* diremos:

---

[2] Vej. *Decretos & Canones do concilio ecumenico e geral do Vaticano*, por Victor Pelletier, pag. 189.

*

a') Como *heretico* ou *schismatico* não póde o concilio julgal-o, porquanto esta hypothese está prejudicada pela *infallibilidade* pontificia;

b') Sendo o Papa *illegitimo,* então tem o concilio direito a providenciar, *depondo-o;* mas, note-se, neste caso não ha *superioridade* do concilio sobre o Papa, pois tracta-se do papa *illegitimo,* isto é, que não é verdadeiramente — Papa;

c') Quanto ás *appellações* para o concilio das decisões *pontificias,* tambem discordamos de Febronio, porquanto protrair-se-ia *indefinidamente* o julgamento das questões, e principalmente porque de decisões *infalliveis* repugna admittir-se appellação.

5) Quanto á opinião de Febronio sobre a *indole* do Poder ecclesiastico em geral (quinto topico), diremos: — *a*) Se Febronio pelas expressões *radicaliter* e *usufructualiter* quer dizer que o *Poder ecclesiastico* reside no corpo dos fieis, e só o seu *exercicio* nos ministros da Egreja, discordamos; porquanto é ponto demonstrado que J. C. confiara o governo da sua Egreja só aos apostolos e não a todo o corpo dos fieis (§ 18.º de Schenkl), e demais estaria então Febronio em contradicção em vista da doutrina do primeiro topico; — *b*) Se ainda Febronio quer dizer por aquellas palavras que o Poder ecclesiastico pertence *radicaliter* só ao *conjuncto dos regentes* (isto é, ao concilio), e não a *cada um d'elles,* segundo o seu respectivo gráu de ordem e de jurisdicção, tambem discordamos. De facto, é mesmo absurdo em geral que um certo poder pertencendo *radicaliter* a uma collectividade, não pertença tambem *radicaliter* a cada um dos membros que a constituem; a verdade é precisamente o contrario: pelo facto de o poder residir *radicaliter* em cada membro é que reside tambem *radicaliter* na sociedade. Por conseguinte, não se póde admittir que o Poder ecclesiastico resida *radicaliter* na reunião dos regentes (concilio), e não assim em cada um d'elles; se existe *radicaliter* no conjuncto, é porque reside do mesmo modo *(radicaliter)* em cada uma das partes; — *c*) Mas se Febronio quer simplesmente dizer que o Poder ecclesiastico não perece com os orgãos que o exercem, e neste sentido

é que diz que elle não reside nos *regentes* mas na *Egreja* que não perece, então estamos plenamente de accordo com este escriptor [1].

6) Quanto á sua doutrina ácerca das relações entre o governo da Egreja e o Poder Temporal (Direito Publico Externo), abstemo-nos de emittir opinião; porquanto teriamos de envolver-nos na determinação da verdadeira theoria ácerca das relações entre o Estado e a Egreja, e só esta questão forneceria assumpto mais que sufficiente para uma Dissertação. Por isso limitar-nos-hemos a *formular* e a *demonstrar* a seguinte consideração: — «*Febronio, tendo pretendido pela subordinação e dependencia em que collocou o Pontifice (Primado) perante os poderes seculares, conquistar amplas liberdades ao Poder episcopal, foi produzir effeitos exactamente contrarios* —.»

E de facto, mutilando os direitos e prerogativas do Primado, reduzindo-o quasi a uma simples *preeminencia de honra,* foi assim Febronio privar o episcopado da mais solida garantia da sua liberdade perante a auctoridade temporal no exercicio do seu respectivo poder (episcopal). E com effeito, o episcopado não póde existir como corpo espiritual, como Egreja, sem um *centro de unidade* em torno do qual se agrupe; ora, se Febronio anniquilla aquelle centro que C. lhe instituira, necessariamente ha de buscar outro. E este novo centro, este novo fundamento será a auctoridade *temporal,* o imperante *civil,* em cujos braços o episcopado se lançará na esperança de que este poderá tornar a unir em suas mãos poderosas o edificio da *unidade* christã, prestes a desmembrar-se. Mas por outro lado o Poder *Temporal,* seduzido pela perspectiva d'um engrandecimento do seu poder acceitando esta missão, assume realmente o logar de *Pontifice,* e demais preenchel-o-ha como um *intruso,* sem vocação nem titulo, a seu modo, e com os

---

[1] É difficil deprehender em muitas partes, como já tivemos occasião de notar, qual o pensamento de Febronio, em virtude da sua pouca clareza, e sobretudo por causa das suas frequentes contradicções.

meios proprios do seu fim *especial* (temporal). E por esta fórma, em vez de ter conquistado para a Egreja um alto gráu de *independencia* e *liberdade,* torna-a Febronio completamente *escrava* da auctoridade secular [1].

E demais, o episcopado collocando-se nesta situação de — emancipado do Pontifice (Primado), e vende-se forçado em razão das distincções dos povos e dos Estados a recorrer a Principes differentes para procurar o laço de *unidade* que lhe é indispensavel, seguir-se-ha fatalmente que a Egreja *una* é *universal* se fraccionará em egrejas *locaes* e *particulares.*

Tal é a consideração que fazemos a proposito da doutrina de Febronio sobre o Direito Ecclesiastico Publico *Externo.*

7) Quanto á sua doutrina sobre o Direito Ecclesiastico Publico *Interno* resumimos o que deixamos exposto, dizendo — «que essa doutrina é em parte verdadeira, e em parte falsa —:» *verdadeira,* emquanto sustenta que o Poder Ecclesiastico *geral* não reside *só* no Pontifice mas em *todo* o episcopado, d'um modo *ordinario; falsa,* emquanto deprime a *jurisdicção* do Primado á custa do engrandecimento do poder episcopal e da auctoridade do concilio perante o Papa.

Vê-se pois quanto o *Febronianismo* em geral influe na indole *jurisdiccional* do Primado, porquanto muitos direitos que demonstramos serem legitimamente do Pontifice (parte primeira d'esta Dissertação, capitulo terceiro), são por este systema da Egreja (concilio): assim é á Egreja e não ao Pontifice que compete decidir irreformavelmente em materia de fé e moral, julgar, promulgar leis universaes (terceiro topico), etc.

---

[1] É esta decepção que Clemente XIII pintava tão vivamente aos olhos do arcebispo de Mayence, quando lhe escrevia — «Não ignoraes em que abysmo de miseria têm cahido as egrejas, cujos bispos se têm lisonjeado em realçar a importancia ao mesmo tempo que a dignidade da sua séde pelo rebaixamento da auctoridade papal, e quanto os novadores têm acabado por precipitar o episcopado nas cadeias da servidão.»

Mas Febronio tracta mais especialmente d'este assumpto — *indole do Primado* — nos capitulos segundo e terceiro; ahi é que *expõe* e *fundamenta* mais de espaço a sua doutrina ácerca d'este poder supremo: entremos pois com Febronio na *exposição* d'esta segunda parte da sua obra, e *apreciemol-a* mais detidamente. Tal é o objecto da secção terceira.

(Continúa) ANTONIO PEREIRA PIMENTEL DE BRITO CÔRTE-REAL.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

ICTERICIA GRAVE

(Continuado do n.º 3, pagina 123)

Symptomatologia e marcha

Eu julgo indispensavel fazer na symptomatologia uma distincção importante, que não encontrei bem accentuada em nenhum dos livros de pathologia que pude consultar.

Essa distincção corresponde exactamente á que foi feita na etiologia—hepatite diffusa *primitiva* e *secundaria*.

E esta distincção julgo-a essencial; por que no primeiro caso temos a symptomatologia propria da molestia, e no segundo temos uma complicação de symptomas que ha de tornar sempre o diagnostico incerto e difficil e ás vezes impossivel.

Comecemos pela hepatite diffusa, quando ella é primitiva.

A molestia principia insidiosamente, revestindo a fórma d'um catarrho gastrico ou gastro-duodenal, onde póde até faltar o movimento febril.

O doente começa a ter digestões difficeis, perde o appetite, tem nauseas e ás vezes vomitos; ha um sentimento de plenitude no estomago e mesmo dôr á pressão ou na região epigastrica só ou tambem no hypochondrio direito; não se aprecia symptoma algum objectivo no figado pela percussão. Tudo isto vem acompanhado d'um cansaço e abatimento, como no embaraço gastrico, e de cephalalgia frontal, ás vezes intensa; póde apparecer ou deixar de apparecer um ligeiro movimento febril.

A lingua apresenta-se saburrosa; mas não dizem os pathologistas se a lingua se apresenta larga e espalmada como no embaraço gastrico, ou se ao contrario se apresenta desde logo aguçada, como nas pyrexias graves: ha constipação, e ás vezes alternativas de constipação e diarrheia.

Estes symptomas podem durar de dois dias a duas semanas, ou podem ser de tão curta duração que passem despercebidos.

Apparece então uma ictericia leve, que se denuncia pela côr da urina, onde o acido azotico revela a presença do pigmento biliar, pela côr icterica da esclerotica e da parte superior do corpo; a ictericia vai-se accentuando e extendendo a toda a pelle; as materias fecaes apparecem descóradas e o pulso torna-se mais lento, como é proprio da ictericia pela acção que os saes biliares exercem sobre o systema auto-motor do coração.

Se existe movimento febril, ha ainda pelo mesmo motivo uma discordancia entre as indicações do thermometro e o numero das pulsações.

Fazendo nesta epocha da molestia a palpação e percussão da região hepatica póde achar-se, a par d'uma sensibilidade maior, o figado com o volume normal e ás vezes um pouco augmentado, como num caso referido por Picot [1]; os symptomas gastricos persistem ainda.

A successão dos symptomas apontados constitue o primeiro periodo da molestia, que Jaccoud [2] chama *periodo icterico* e cuja duração póde variar desde tres dias apenas até dois septenarios.

Segue-se o segundo periodo da molestia ou *periodo toxemico* (Jaccoud); o intervallo que separa a manifestação da ictericia do apparecimento dos symptomas graves do segundo periodo é muito variavel tambem — de alguns dias até dois septenarios.

A transição do primeiro para o segundo periodo annuncia-se por uma recrudescencia na cephalalgia, por uma insomnia com-

---

[1] *Journ. de l'anat. et de la physiol.*, de Ch. Robin, 1872.

[2] Jaccoud — *Traité de pathol. int.*

pleta e teimosa e, segundo as observações de Jaccoud, por uma elevação thermica.

Esta elevação de temperatura é confirmada tambem por uma observação de Wunderlich (1856); Picot faz notar [1] que nem Alison, nem Bright, nem Frerichs fallam nesta elevação de temperatura. Por mim, não acho valiosa a reflexão de Picot pela consideração de que Jaccoud e Wunderlich se servem sempre do thermometro para avaliar a temperatura, e as observações de Alison e Bright são de 1835 a 1840, epocha em que se não usava ainda do thermometro com a regularidade, que hoje se exige.

No *periodo toxemico* a temperatura continúa a elevar-se, e o traçado thermometrico sóbe, com pequenas remissões matinaes, até ás mais altas temperaturas morbidas; o pulso que até ahi era tardo, accelera-se até 100 e mesmo 150 pulsações, é pequeno, filiforme e irregular; a côr icterica persiste e accentua-se até mais, apparecendo então nos tegumentos algumas placas cyanoticas; o figado torna-se mais doloroso, e então diminue geralmente de volume, emquanto que o baço se tumefaz.

Apparece delirio, a principio ligeiro, e depois violento, podendo manifestar-se accessos de furia; com o delirio ha quasi sempre convulsões, as quaes, segundo Jaccoud, poucas vezes são geraes; e quando o são, não se apresentam epilectiformes.

Picot diz que então apparece ás vezes uma hyperesthesia cutanea tão exaggerada, que os mais leves contactos fazem queixar os doentes.

As convulsões vão diminuindo conjunctamente com a hyperesthesia cutanea, até cessarem completamente e ser substituido esse estado de excitação por um coma que chega a ser profundo. O estado comatoso póde não ser precedido de convulsões, mas é geralmente acompanhado de sobre-saltos tendinosos.

O numero de pulsações é elevado, até mesmo durante o coma;

---

[1] Picot —*Loc. cit.*, 2.º vol., pag. 502.

a respiração, que até ahi tinha sido regular, torna-se irregular, suspirosa e estertorosa durante o coma.

Apparecem geralmente verdadeiras hemorrhagias pelas mucosas do nariz, do estomago e dos intestinos, dando logar a vomitos sanguinolentos e melena; e pseudo-hemorrhagias, resultado da dissolução de hemoglobulina no sôro sanguineo e transudação através das paredes dos vasos.

A lingua está secca e fuliginosa, bem como as gengivas: a constipação umas vezes persiste, outras vezes é substituida por dejecções involuntarias.

A urina apresenta-se icterica, e deixa depositar pelo repouso em logar frio um precipitado verde amarellado que Frerichs apontou como caracteristico; nesse sedimento revela a analyse chimica grande quantidade de leucina e tyrosina, substancias azotadas, analogas por sua constituição elementar á uréa e acido urico; a urina contém uma pequena quantidade de uréa e alguma albumina.

Jaccoud [1] dá um certo valor ao symptoma *albuminuria* nesta molestia.

No caso que Jaccoud refere na sua clinica a ictericia desappareceu, sem que as fézes apparecessem córadas; comtudo este facto clinico é mais complexo, e eu hei de analysal-o mais detidamente no capitulo da—*pathogenia*.

O doente morre com uma temperatura elevadissima.

A duração d'este segundo periodo é curta—de dois a cinco dias.

—Assim pois, resumindo, o primeiro periodo é caracterisado pelos symptomas d'um catarrho gastrico ou gastro-duodenal de media intensidade, com ictericia; o segundo periodo é caracterisado pelos accidentes nervosos—delirio, convulsões e coma, por hemorrhagias multiplas e augmento successivo de temperatura.

Isto pelo que respeita á hepatite diffusa *primitiva*.

---

[1] *Cliniq. cit.*

Da hepatite diffusa *secundaria* não póde fazer-se uma descripção unica e regular, pela grande diversidade de molestias, consecutivamente ás quaes ella póde manifestar-se.

São umas d'ellas apyrecticas, acompanhadas ou não de ictericia, como por exemplo a hepatite intersticial ou cirrhose do figado; são outras febris, mas só acompanhadas de ictericia como complicação, por exemplo a pneumonia; outras, febris e com ictericia, como por exemplo a angiocholite suppurada; outras emfim, febris, podendo acompanhar-se de ictericia, e sempre com delirio, ataxia e phenomenos adynamicos, como por exemplo o typho e as febres biliosas.

A molestia primitiva caracterisa-se pelo syndroma que lhe é proprio; e numa dada phase com a ictericia, que lhe é propria ou que algumas vezes lhe póde advir sem complicação grave, rebentam os symptomas proprios do periodo *toxemico* da hepatite diffusa e o doente morre com o mesmo cortejo symptomatico que na hepatite diffusa.

Diagnostico

O diagnostico da hepatite parenchymatosa diffusa *primitiva* é no principio da molestia muito difficil, impossivel mesmo por falta de symptomas caracteristicos, mas torna-se facil desde o estabelecimento do periodo toxemico e já mesmo na transição do primeiro para o segundo periodo.

O diagnostico da hepatite diffusa *secundaria* é ás vezes difficil e noutras impossivel durante a vida, e eu julgo que se poderá dizer que mesmo depois da morte.

Comecemos pela primeira.

Os symptomas que primeiro apparecem — lingua saburrosa, nauseas, vomitos, sensibilidade epigastrica e ás vezes hypochondrica, cephalalgia frontal, inappetencia, constipação, abatimento geral e ligeiro movimento febril são tão caracteristicos do *emba-*

raço gastrico, que nem outra cousa se póde nem deve diagnosticar. É realmente um embaraço gastrico. O diagnostico não é errado, mas é omisso; por que julgando-se que se tracta d'um embaraço gastrico idiopathico, elle é realmente symptomatico da alteração que começa já a evolucionar no figado.

Se a ictericia apparece logo no terceiro ou quarto dia, póde com justo motivo pensar-se numa *angiocholite catarrhal primitiva;* e ainda que não haja uma causa etiologica bem nitida — o arrefecimento, é certo que a influencia das estações da primavera ou outomno podem explicar a molestia; se o apparecimento da ictericia se demora mais tempo, uma *angiocholite catarrhal consecutiva* ao catarrho gastro-duodenal é o diagnostico que se impõe ao medico.

Só quando a cephalalgia augmenta, a insomnia se torna completa e teimosa e a temperatura começa a elevar-se, só então é que se podem levantar já suspeitas no espirito do medico; e digo — *suspeitas,* por que desde que haja um elemento, como desvio no regimen por exemplo que nos explique o augmento da temperatura, o espirito do medico inclinar-se-ha naturalmente a explicar por esse augmento de temperatura a exacerbação da cephalalgia e a insomnia.

Quando porém apparecerem os symptomas gastricos e a cephalalgia e a insomnia com a ictericia, sem que haja movimento febril e sem que a palpação e percussão denunciem hypermegalia do figado; então póde o medico ficar um pouco precavido, mas nunca habilitado para fazer um diagnostico seguro.

Mas todas as obscuridades desapparecem quando se manifestam os phenomenos do segundo periodo.

Comparando o estado ligeiro da molestia no primeiro periodo com a gravidade dos symptomas nervosos assustadores que se desenvolvem no segundo, e a falta de harmonia entre esses novos symptomas e a molestia que até ahi se apresentava benigna, é claro que, sem a menor hesitação do espirito, a malignidade fica revelada e a *molestia não póde confundir-se com nenhuma outra,*

nos nossos climas temperados, pelo menos. É esta a opinião formulada por Trousseau [1].

Esquecermos por um pouco o syndroma morbido para fazer o diagnostico symptomatico entre o delirio furioso e um puro accesso de mania, entre as convulsões da ictericia grave e as da uremia (quando até ahi não havia symptomas do lado dos rins), seria apenas luxo de sciencia, e não uma necessidade practica.

Supponhamos porém que o primeiro periodo faltou, ou que foi tão curto, que quasi passou despercebido: — nesses casos raros, eis como Jaccoud descreve a molestia — *a invasão e a febre são repentinas e violentas, a ictericia não é menos precoce; mas todos os outros phenomenos se accusam com a mesma rapidez, e num momento mais proximo do começo, apparecem hemorrhagias multiplas, accidentes cerebraes graves, ataxo-adynamia, e muitas vezes a urina torna-se albuminosa; emfim a febre cresce incessantemente até ao fim* [2].

Em presença d'estes symptomas o diagnostico deve ser cuidadosamente feito, mas não é muito difficil; observa-se um movimento febril de temperatura elevada e typo-contínuo, com apparecimento rapido (ao que anda geralmente ligado um arripio forte e prolongado) e com ictericia. O primeiro ponto de diagnostico que se offerece ao medico é o seguinte: — existe no doente uma só molestia, localisada no figado e que nos dá a explicação dos dois factos — *febre* e *ictericia?* ou a ictericia é um phenomeno secundario, e o movimento febril é devido a um processo morbido localisado num outro orgão, ou a uma molestia de determinações anatomicas multiplas?

Pelo exame attento e rigoroso de todos os orgãos do doente podemos chegar á conclusão de que — em nenhum outro orgão, além do figado, ha facto morbido que nos explique a febre.

Molestia geral, sem determinação univoca, que se accentue ra-

---

1 *Cliniq. cit.*, pag. 316.

2 Jaccoud — *Cliniq. Lariboisière*, pag. 497.

pidamente, com ictericia, hemorrhagias multiplas, etc., só uma póde lembrar; é a febre amarella; mas não só nas condições normaes do nosso paiz se não póde pensar nesta molestia, mas até mesmo, quando importada dos logares, onde é endemica, ella se desenvolver epidemicamente entre nós, mesmo então a confusão não é possivel.

Sem ser tão affirmativo, como Trousseau, que diz [1] ser impossivel a confusão pela circumstancia de que vio os enfermeiros não confundirem os doentes affectados de febre amarella com dois soldados que entravam no hospital ictericos, (sem nos dizer qual a pathogenia d'essa ictericia para avaliarmos *do gráu de forças* com que entrariam os doentes e cuja apreciação elucidava os enfermeiros) é certo que comparando a symptomatologia e marcha das duas molestias, a confusão não me parece facil.

A confusão só seria possivel quando a febre amarella está no segundo periodo — *ou periodo de localisação* (Jaccoud), mas com a condição inacreditavel de que o medico não tome conhecimento de como se passaram os phenomenos do primeiro periodo — *ou periodo de reacção geral* (Jaccoud), caracterisado pelo arripio inicial, por uma elevação de temperatura tão rapida que nalgumas horas chega a 40° e mesmo 42° (Nægeli), por uma violenta rachialgia, só comparavel á de variola confluente, e por uma enorme anciedade epigastrica.

Já se vê pois que não sendo possivel a confusão com uma molestia generalisada; depois de termos chegado, por exclusão de partes, á conclusão de que não existe orgão algum, cuja phlegmasia nos explique a elevação thermica, estamos limitados ás molestias de figado febris e ictericas.

D'estas, a unica que se póde assemelhar á atrophia aguda é a hepatite aguda de origem calculosa, quando excepcionalmente ella começa por um arripio forte e prolongado e por uma febre intensa que em vez de remittente (como geralmente é) se apresenta sub-

[1] *Clinica cit.*, 3.º vol., pag. 316.

contínua; comtudo os antecedentes do doente (colicas hepaticas, ou pelo menos sentimento de peso no hypochondrio direito, fadiga insolita depois das rejeições, etc.), a tumefacção do figado, a dôr forte no hypochondrio, a dyspnea e um estado geral menos grave servirão para reconhecer a angiocholite suppurada de origem calculosa que extendeu rapidamente o processo phlegmasico ao tecido hepatico.

—Falta-nos agora fallar da hepatite parenchymatosa diffusa *secundaria;* quando ella se manifesta em virtude de embolias de origem cardiaca (como nos casos de endocardite esquerda), quando em summa é o processo morbido local no figado que dá origem aos phenomenos graves de atrophia aguda, o diagnostico é possivel, por que, como no caso referido por Jaccoud na Clinica do hospital Lariboisière, ao movimento febril proprio da molestia primitiva vem junctar-se um movimento febril rapidamente ascendente, a ictericia e os phenomenos graves da atrophia aguda.

Disse eu porém que nalguns casos julgava impossivel o diagnostico durante a vida e mesmo depois da morte: refiro-me ás pyrexias graves; complicam-se ellas ás vezes de ictericia (embora as fézes não appareçam argilosas) e outras vezes não se complicam; a morte, quando tem logar, effectua-se no meio de phenomenos de ataxia e adynamia e com uma temperatura, por vezes elevadissima, e a autopsia revela, senão a destruição completa, ao menos a diffluencia das cellulas hepaticas.

Quem póde, no estado actual da sciencia, affirmar d'um modo decisivo e categorico que aquelles phenomenos graves foram durante a vida originados na destruição das cellulas hepaticas?

Não observamos nós, logo desde o principio, as tendencias adynamicas da molestia?

Não se encontra na autopsia uma similhante diffluencia no baço, que se acha reduzido a *bôrra?,* não se observa por toda a parte no sangue e nos tecidos uma destruição similhante?

E quem filiou já nessas alterações o estado adynamico do doente?

Não serão antes estas o resultado da evolução do veneno typhico, variolico, da febre amarella, etc.?

A prova temol-a nós na febre amarella; resulta das observações dos srs. drs. Alvarenga e May Figueira durante a epidemia da febre amarella em Lisboa em 1857, que sendo constante a destruição das cellulas hepaticas nos individuos mortos pela molestia, a autopsia de individuos que morreram na convalescença em virtude de causas extranhas á molestia veiu demonstrar que tambem nesses se déra a destruição das cellulas hepaticas, mas que essa lesão ia em via de reparação.

D'aqui concluo eu — que nas pyrexias graves se dá a destruição das cellulas hepaticas, destruição que se repara quando o doente não morre; mas que será antepôr a anatomia pathologica á clinica e affirmar que nesses casos a morte foi devida a uma atrophia aguda do figado.

Porque se não falla então tambem numa splenite diffusa?

Restava-nos agora fallar do prognostico e do tractamento. D'aquelle direi que é fatal, pois que se duvída do rigor de diagnostico nalguns casos que se apontam da cura; e d'este só fallarei depois da pathogenia, porque é ella uma solida base para instituir um tractamento racional, embora pela gravidade da molestia tenha de ficar improficuo.

(Continúa) J. A. DE SOUSA REFOIOS.

CONTRIBUTIONES AD FLORAM MYCOLOGICAM LUSITANICAM

(Continuado do n.º 2, pagina 72)

POLYPOREI

259. **Polyporus igniarius.** Fr. Syst. mycol. I. p. 575.—Id. Hymen. europ. p. 559. *var. pomaceus* Pers. Obs. mycol. II. p. 5.

In *Pruni domesticae* Lin. trunco vivo. Coimbra. 1.79. Leg. Moller.

260. **Polyporus lutescens.** Fr. Hymen. europ. p. 567.—Pers. Mycol. europ. II. p. 71. pr. p.

Ad truncos vetustos arborum frondosarum. Coimbra. 1.79. Leg. Moller.

261. **Fistulina hepatica.** Fr. Syst. mycol. I. p. 396.—Id. Hymen. europ. p. 522.

In trunco arborum frondosarum. Mafra. 1877. N.º 29. Leg. E. da Veiga.

262. **Daedalea unicolor.** Fr. Syst. mycol. I. p. 336.—Id. Hymen. europ. p. 588.— *Sistotrema cinereum* Pers. Syn. fung. p. 551.

Ad truncos arborum frondosarum. Coimbra. 12.78. Leg. Moller.

AURICULARINI

263. **Corticium evolvens.** Fr. Epicr. p. 557.—Id. Hymen. europ. p. 646.

In arborum frondosarum cortice. Coimbra. 1.79. N.º 339. Leg. Moller.

264. **Corticium cinereum.** Fr. Epicr. p. 563.—Id. Hymen. europ. p. 654.—*Thelephora cinerea* Pers. Syn. fung. p. 579.
In *Inulae viscosae* Lin. caulibus subputridis. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 5.79. N.º 501. Leg. Moller.

265. **Coniophora puteanea.** Fr. Sum. veget. Scand. p. 335.—Id. Hymen. europ. p. 657.—*Thelephora puteanea* Schum. Fl. Saell. II. p. 397 no. 1989.
In ligno putrido caldariorum horti botanici coimbricensis. 5.78. N.º 16. Leg. Moller.

PEZIZEI

266. **Stamnaria Persoonii.** Fuck. Symb. mycol. p. 309.—*Peziza Persoonii* Moug. in Pers. Mycol. europ. I. p. 288.
In stelis emortuis *Equiseti palustris* Lin. Ad stagna Choupal pr. Coimbra. 1877. N.º 51. Leg. P. G. Mesnier.

267. **Trichopeziza sulphurea.** Fuck. Symb. mycol. p. 297.—*Peziza sulphurea* Fr. Syst. mycol. II. p. 104.
In caulibus putridis herbarum majorum variarum. Coimbra. 6.77. Leg. P. G. Mesnier.

268. **Pseudopeziza Trifolii.** Fuck. Symb. mycol. p. 290.—*Peziza Trifolii* Lib. Cryptog. Arden. exs. no. 324.
Ad *Trifolii incarnati* Lin. folia viva, languidave. Quinta das Maias pr. Coimbra. 5.79. N.º 472. Leg. Moller.

269. **Humaria trechispora.** Rehm. Ascomyceten no. 405.—*Peziza trechispora* Berk. et Br. in Ann. Nat. Hist. XVIII. p. 77.

Ad terram argillosam in collibus St. Clara pr. Coimbra. 3.79. Leg. Moller.

270. **Humaria stercorea.** Fuck. Symb. mycol. p. 321.—*Peziza stercorea* Pers. Obs. mycol. II. p. 89.
In fimo vaccino vetusto. Quinta da Zombaria pr. Coimbra. 3.79. N.º 418. Leg. J. A. Henriques.

PATELLARIEI

271. **Lecanidion atrum.** Rabh. Handb. Deutschl. Krypt. Fl. I. p. 342.—*Patellaria atra* Fr. Syst. mycol. II. p. 160.—*Pragmopora atra* Körb.
In ligno subvetusto. Choupal pr. Coimbra. 3.79. N.º 412. Leg. Moller.

PHACIDIACEI

272. **Phacidium trigonum.** Knz. et Schm. Mykol. Hefte I. p. 40. Fig. 12. Tab. 2.
Ad *Lauri nobilis* Lin. folia arida elapsa. Cerca de St. Bento et Quinta do Espinheiro pr. Coimbra. 3.79. N.º 420. Leg. Moller.

273. **Phacidium Medicaginis.** Desm. in Ann. sc. natur. 1840. XIV. p. 11.
In *Medicaginis* lupulinae foliis vivis. Pedrulha pr. Coimbra in campis. 3.79. N.º 445. Leg. Moller.

274. **Phacidium dentatum.** Knz. et Schm. Mykol. Hefte I. p. 41.
In foliis subputridis *Castaneae sativae* Lam. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 5.79. N.º 508. Leg. Moller.

275. **Gloniopsis decipiens.** De Not. in Giorn. Botan. Ital. II. 2. p. 23.

—*Hysterium decipiens* Duby Mem. s. l. tribu d. Hysterinées. p. 43.

In *Catalpae syringaefoliae* Sims. ligno vetusto. Choupal pr. Coimbra. 2.79. N.° 354. Leg. Moller.

276. **Hysterographium Fraxini.** De Not. Dispos. d. Pyrenomyc. in Giorn. Botan. Ital. II. 2. p. 13.—*Hysterium Fraxini* Pers. Syst. mycolog. p. 98.—Duby, Mem. s. l. tribu d. Hysterin. p. 41.

In ramulis emortuis *Fraxini excelsioris* Lin. Matta de Alcarraques pr. Coimbra. 3.79. N.° 410. Leg. Moller.

277. **Lophodermium petiolicolum.** Fuck. Symb. mycol. p. 255.—*Hysterium punctiforme* plur. aut. *non* Fr.—*Lophodermium xylomoides* Duby pr. p. ut videtur.

Ad *Castaneae sativae* Lam. petioles et nervos medios foliorum subputridorum. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 5.79. N.° 508. Leg. Moller.

Henriquesia [1] **Pass. et Thuem. nov. gen.** *ex affin. Hysterinearum.*

Perithecia erumpentia, ruguloso-labiata; asci recti, cylindraceo-subclavati, octospori, hyalini; sporae rectae, fusiformes, distichae, simplices achroae; paraphyses filiformes, ascis longiores.

278. **Henriquesia lusitanica.** Pass. et Thuem. nov. spec.

H. peritheciis erumpentibus in acervulos subdisciformes, aggregatis, atris, oblongis vel subglobosis aut tuberculaeformibus, rugulosis, labiatis; ascis cylindrico-subclavatis, vertice obtusis, basim versus angustatis, sessilibus, membrana crassiuscula, octosporis, 75–100 mm. long.,

---

[1] In honorem clarissimi amicissimi *Julio A. Henriques*, botanicae professoris Coimbricensis, observatoris perdiligentissimi florae Lusitanicae.

12 mm. crass., paraphysibus numerosissimis, filiformibus, continuis, flexuosis, hyalinis obvallatis; sporis late fusiformibus, distichis, rectis, extra ascos arcuatis, simplicibus, utrinque acutis, saepe biguttulatis, endoplasmate granuloso opaco, achrois, 20 mm. long., 5 mm. crass. — Fungillus in aqua detritus odorem peculiarem expirat.

In *Quercus coccifera*e Lin. ramulis emortuis. Baleia pr. Coimbra. 1.79. N.º 296. Leg. Moller.

279. **Ascomyces coerulescens.** Desm. et Mntg. in Ann. sc. natur. 1840. x. p. 345.—Mntg. Sylloge plant. cryptog. p. 198.

Ad *Quercus coccifera*e Lin. folia viva. Baleia pr. Coimbra. 1.79. N.º 295. Leg. Moller.

DIATRYPEI

280. **Diatrype laurina.** Rehm. nov. spec. in litt. ad me.

D. stromate irregulari, errumpente, plerumque rotundo, nigro, 1 Millim. diametro, 0.8 Millim. alto, hemisphaerico-convexulo, duodecim perithecios in stromate albido includente, ostiolis haud conspicue prominulis; ascis longestipitatis, cylindrico-clavatis, subrectis vel minime arcuatis, hyalinis, vertice rotundatis, 40 mm. long., 7 mm. crass.; sporis octo, cylindraceo-curvatis vel fusiformibus, utrinque rotundatis, ad polos guttulatis, continuis, achrois, 6–7 mm. long., 2.5 mm. crass.

In *Lauri nobilis* Lin. ramis emortuis. Cerco dos Jesuitas pr. Coimbra. 1877. N.º 136. Leg. Mesnier.

MELOGRAMMEI

281. **Valsaria insitiva.** Ces. et De Not. in Comment. d. Soc. crittogam. Ital. I. p. 205.—*Sphaeria insitiva* Tode, Fungi

Mecklenb. II. p. 36. Tab. 13. Fig. 108.—*Diatrype insitiva* Fr. Sum. vegetab. Scand. p. 385.—*Melogramme rubricosum* Tul. Sel. fung. Carpol. II. p. 84. pr. p.—*Myrmaecium rubricosum* Fuck. Symb. mycol. p. 227 pr. p.

Ad ramos aridos *Cydoniae vulgaris* Pers. Alpenduradas pr. Coimbra. 1877. N.º 148. Leg. Mesnier.

DOTHIDEACEI

282. **Phyllachora Cyperi.** Rehm. nov. spec. in litt. ad me.

Ph. acervulis sparsis, plus minusve ellipticis, elevato-convexis, tuberculosis, laevibus, atris; perithecciis subglobosulis, vix ostiolatis, densis, nucleo griseo; ascis longissimis, lineariformibus, utrinque acutatis, rectis vel subcurvulatis, fasciculatis, octosporis; sporis pseudodyblastis, ellipsoideis, utrinque acuminatis, hyalinis, 21–24 mm. long., 5–6 mm. crass.; paraphysibus numerosis, ascos vix superantes, cylindraceo-filiformibus, hyalinis.

Ad *Cyperi longi* Lin. folia culmosque viva. Coselhas pr. Coimbra. 1877. N.º 70. Leg. Mesnier.

VALSEI

283. **Valsella Cydoniae.** Rehm. nov. spec. in litt. ad me.

V. perithecciis 10–12 in cortice interiore nidulantibus, monostichis, ostiolo poro conspicuo, pertuso, crasso peridermium diffindentia, majusculis, fusco-atris; ascis sessilibus, oblongis, hyalinis, 50–58 mm. long., 8 mm. crass.; sporis 32 in asci superioris parte, distichis, cylindraceo-curvatis, utrinque acutatis, continuis, fuscidulis, 6–7 mm. long., 2.5–3 mm. crass.

Ad ramos aridos *Cydoniae vulgaris* Pers. Alpenduradas pr. Coimbra. Raro. 1877. N.º 149. Leg. Mesnier.

284. **Diaporthe Chailletii.** Nke. Pyrenom. german. I. p. 276.

In *Dipsaci sylvestris* Mill. caulibus emortuis. Baleia pr. Coimbra. 3.79. N.º 403. Leg. Moller.

Obs. Sporae utrinque in processo hyalino excurrentes! (Rehm. in litt. ad me.)

285. **Diaporthe foeniculacea.** Niessl nova spec. in litt. ad me.—An *Sphaeria foeniculacea.* Montg. Sylloge plant. cryptog. p. 236? descriptio valde imperfecta!

D. stromate effuso, caulis superficiem ambiens et sordide fusco vel nigricante tingens; peritheciis disseminatis, laxe seriatis, depresso globosis, minutis, ostiolo brevi crassoque, conico, obtuso, prominulo; ascis lanceolato-clávatis, sessilibus, octosporis, 38–42 mm. long., 8 mm. crass.; sporis distichis, oblongo-fusiformibus, rectis vel parum inaequilateralibus, utrinque obtusiusculis, medio septatis et bi-quadriguttulatis, hyalinis, 9–11 mm. long., 2.5–3 mm. crass.

Ad caules aridos *Foeniculi officinalis* All. Coimbra. 1877. N.º 133. Leg. P. G. Mesnier.

Obs. *Diaporthe nigrella* Niessl Beitr. z. Kenntn. d. Pilze p. 51. proxima sed distinctissime diversa: rostris retusis, brevioribus et crassioribus, sporis valde minoribus. Etiam a *Diaporthe Berkeleyi* Nke. et *Diaporthe inquilina* Nke. optime diversa.

286. **Cryptosphaeria eunomia.** Fuck. Symb. mycol. p. 212.—*Valsa eunomia* Nke. Pyr. german. I. p. 160.—*Sphaeria eunomia* Fr. Syst. mycolog. II. p. 377.

Ad ramos aridos dejectos *Fraxini excelsioris* Lin. Munda pr. Coimbra. 1877. N.º 134. Leg. Mesnier.

(Continúa) F. DE THUEMEN.

A TELESCOPIA ELECTRICA

Com a data de 20 de fevereiro de 1878, publicou o *Instituto* um artigo nosso [1], no qual, segundo cremos, era pela primeira vez nitidamente apresentado o pensamento da creação de uma nova telescopia, baseada na applicação da electricidade. Na fórma por que então expozemos e desenvolvemos as nossas idêas sobre o assumpto, e nomeadamente na indicação que faziamos do selenium, para a resolução practica do problema proposto, suppunhamos haver originalidade da nossa parte. É o que hoje vemos confirmado pelos documentos a que vamos dar publicidade. Havendo o bem conhecido jornal scientifico francez *La Nature,* de que é redactor principal o sr. Gaston Tissandier, aberto aos seus leitores, em o numero de 3 de maio de 1879, sob a denominação de *bôite aux lettres,* uma secção nova, com o fim de responder ás cartas que lhe fossem enviadas, quer para obter indicações, quer para tornar conhecidos factos scientificos, ou discutir questões interessantes, tomamos a deliberação de aproveital-a, dirigindo ao dicto jornal scientifico a carta que em seguida publicamos, e que fazemos acompanhar da resposta que obtivemos da sua illustrada redacção, a qual para aqui transcrevemos da *bôite aux lettres* do numero de 23 de agosto, onde se acha publicada.

Segue a carta:

«Portugal—Porto le 12 août 1879. Monsieur Gaston Tissandier, «redacteur en chef du journal *La Nature*. Paris.

«Monsieur. D'une grande valeur pour tous les abonnés de votre «très-excellent journal *La Nature,* la bôite aux lettres, que vous

---

[1] XXIV anno, 2.ª serie, n.º 9, março de 1878: ***A telephonia, a telegraphia e a telescopia.***

«y avez dernièrement introduite, atteint le suprême degré de «l'utilité pour ceux qui demeurent, comme moi, dans un petit «pays, eloigné des grands centres scientifiques. Voilà pourquoi «je commencerai aujourd'hui, si vous me le permettez, à en pro- «fiter, en vous demandant la grace de m'elucider sur un point. «Vous savez que ce n'est que depuis le mois de juillet 1877 que «le téléphone Bell est connu en Europe, et ce fût en novembre «de la même annèe que les premières experiences, avec le nouvel «instrument, ont été réalisées en Portugal (Lisbonne). Comme «professeur de physique, j'ai dès ce moment etudié le sujet avec «quelque soin, et en février 1878 j'écrivais, sous le titre — *La «téléphonie, la télégraphie et la télescopie* —, un petit article pour «le *Instituto,* revue scientifique, qui se publie à Coïmbra, et dont «je prends la liberté de vous envoyer le numero où l'on trouve «cet article. Mon intention, en écrivant celà, c'était de mettre en «pleine lumière les affinités des trois problèmes auxquels se rap- «portent les trois mots que j'embrassais dans mon epigraphe. Ces «trois mots expriment en effet trois problèmes qui sont posés depuis «longtemps, et qui présentent entre eux une certaine analogie, «ceux de ecrire au loin, parler au loin et voir au loin. Le premier «fut brillamment résolu par l'application de l'électricité (télégra- «phie électrique); le second venait d'etre aussi résolu par le même «moyen (téléphone Bell, ou téléphonie électrique); donc le dernier «devrait s'attendre à une application du même genre (télescopie «électrique). Cette télescopie, comme je le faisais remarquer, com- «blerait même une lacune de la télescopie catadioptrique, laquelle, «en permettant de voir à de très grandes distances sur la ligne «droite, est impuissante, comme on le sait, quand on veut voir à «des distances moindres, mais vers des points situés en dehors «du cône de rayons visuels de l'observateur. Ces considérations, «que je résume ici, m'emportèrent à la conviction que la décou- «verte de la télescopie électrique ne se ferait pas attendre, et «j'étais sur ce point de la question, sur laquelle je cherchais en «vain quelque chose écrite, quand l'*Année scientifique* de M. Figuier

«pour 1878 m'apporta (pag. 80), prémièrement que tout autre «livre, une toute petite indication sur le problème auquel je son-«geais, et sur la manière par laquelle M. G. Bell en a cherché «la solution. Cette petite notice est encore la seule que je con-«naisse sur ce point, mais le moyen y indiqué de résoudre le pro-«blème de la télescopie électrique est different de celui que je «proposais dans mon article, et qui consistait à faire application «des plaques de selenium sensibles à la lumière (Siemens). J'avais «même dejà songé à quelques expériences sous ce rapport quand, «par des raisons que vous me permettrez de passer en silence, «j'ai été forcé à détourner de tout celà mon attention. Depuis «cette époque une annèe et presque demie s'est dejà passée, et «moi je ne retournerais peut-être plus à songer à la télescopie «électrique, si vous, en ouvrant à vos abonnés votre bôite aux «lettres, ne m'aviez par là encouragé à vous communiquer mes «anciennes idées, et à vous demander ce que vous pourrez penser «là-dessus. Croyez-vous possible la création d'une télescopie éle-«ctrique? Vous paraît-elle bonne la solution de M. Bell, indiquée «par M. Figuier? Connaissez-vous et pouvez-vous me conseiller «quelque ouvrage, ou article de journal que je puisse lire avec «profit sur ce sujet? M'encouragez vous à reprendre mes études «sur l'application du selenium, ou vous semble-t-il inutile de les «faire? Voilà les questions que je prends la liberté de vous adresser, «sans vouloir toutefois abuser de votre bienvaillance. Je crois que «je n'aurai qu'à me vanter de vous les avoir adressées, et je vous «remercie dejà de tout ce que vous daignerez de me répondre. «Agreez, monsieur, les protestations de ma très-haute considéra-«tion. Un de vos abonnés, Dr. Adriano de Paiva, professeur de «physique à l'Académie Polytechnique de Porto (Portugal).»

Resposta publicada no jornal — *La Nature,* de 23 de agosto de 1879:

«*M. le Dr. Adriano de Paiva,* professeur de physique, à Porto. «— L'idée que vous développez dans votre lettre est originale et «hardie. La solution que vous rêvez serait brillante, mais nous

«ne croyons pas qu'il existe de livres pour vous guider. L'innovateur se guide lui-même.»

Em presença d'esta resposta que consideramos tão honrosa, quanto insuspeita, permitta-nos a sabia redacção da *Nature* que daqui lhe enviemos publicamente um solemne testimunho de gratidão.

Porto, 29 de agosto de 1879.

DR. ADRIANO DE PAIVA,

Professor de physica na Academia Polytechnica.

CATALOGO DAS PLANTAS MEDICINAES QUE HABITAM O CONTINENTE PORTUGUEZ

(Continuado do n.º 3, pagina 129)

Nuculiferae.

Labiatae. *Juss.*

LAVANDULA STOECHAS. L.
(Stoechas purpurea. Tourn., St. officinarum. Mill.)
Rosmaninho.
Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.
P. u. as summidades floridas [1].
Emp. como antispasmodicas e bechicas [2]. Pouco usado.

LAVANDULA PEDUNCULATA. Cav. [3]
(Stoechas longioribus ligulis. Clus.)
Rosmaninho pedunculado.
Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.
Flor. na primavera.
P. u. as summidades floridas.
Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

LAVANDULA LATIFOLIA. Vill.
(L. Spica. β. L., L. vulgaris. β. Lamk., L. Spica. D. C.)

---

[1] Vulgarmente chamadas flores ou espigas.
[2] Antigamente empregava-se muito o xarope das flores do Rosmaninho.
[3] Variedade. β. pallens. Lge.

Alfazema ordinaria.

Planta originaria da região mediterranea e muito cultivada em Portugal nas hortas e quintaes.

Flor. no estio.

P. u. as flores [1] e folhas.

Emp. como excitantes, mas tambem se lhe tem attribuido virtudes tonicas e estomachicas.

LAVANDULA VERA. D. C. [2]

(L. Spica. α. L., L. Spica. Gr. Godr., L. vulgaris. α. Lamk., L. officinalis. Chaix., L. pyrenaica. D. C.)

Alfazema.

Tudo o que diz respeito á especie antecedente.

MENTHA SATIVA. L. β. *gentilis*. Rchb.

(M. gentilis. L., M. rubra. Huds., M. sativa. Coss.)

Vergamota.

Hab. como planta subspontanea, perto das hortas, quintaes e jardins, onde é muito cultivada.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. esta planta tem cheiro fragrante e agradavel: as folhas são balsamicas, fragrantes, e têm sabor calido e aromatico. Pouco usada.

MENTHA AQUATICA. L. [3]

(M. sativa. Sm. non L.)

Hortelã d'agua.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Buarcos e em muitos outros pontos do paiz.

---

[1] Depois de ripadas.

[2] Variedade. β. pyrenaica. Benth.

[3] Variedades: α. nemorosa. Fr., β. hirsuta. W., γ. crispa. Benth., δ. subspicata. Benth., ε. glabrata. Benth.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como estomachica e vermifuga. Pouco usada.

MENTHA PIPERITA. L.

(M. silvestris. L. var. piperita. Rchb., M. glabrata. Vahl.)

Hortelã pimenta.

Planta originaria da Europa central, e no paiz cultiva-se nas hortas e quintaes.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como aromatica, carminativa, estomachica e estimulante.

MENTHA VIRIDIS. L.

(M. silvestris var. glabra. Rchb.)

Hortelã das cozinhas.

Planta indigena da Europa, e entre nós muito cultivada nas hortas.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como aromatica, carminativa, estimulante, tonica e vermifuga.

MENTHA ROTUNDIFOLIA. L.

Mentrasto ou Menthastro.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. muito se tem ponderado sobre os effeitos d'esta planta como anti-cholerica, applicada em cataplasmas sobre o epigastrio ou usada internamente debaixo da fórma de essencia em vehiculo appropriado. Nas vizinhanças de Lisboa o povo emprega o Eleoleo do mentrasto contra as queimaduras, golpes, etc.

MENTHA ROTUNDIFOLIA. L. var. *glabra*. Brot.

Hortelã hortense.

Cultiva-se nas hortas.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. o mesmo que o da Mentha viridis. L.

MENTHA PULEGIUM. L. [1].

(Pulegium vulgare. Mill.)

Poejo.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como aromatico, carminativo, antispasmodico, e alguns lhe attribuem virtude emmenagoga.

LYCOPUS EUROPAEUS. L. [2]

Marroio d'agua.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de maio a agosto.

P. u. toda a planta.

Emp. como tonica e febrifuga. Pouco usado.

(Continúa) ADOLPHO FREDERICO MOLLER.

---

1 Variedade. β. villosa. Benth. (Mentha tomentella. Hffgg. et Lk., M. gibraltarica. W.)

2 Variedade. β. elatior. Lge.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

ELOGIOS HISTORICOS

II

ELOGIO HISTORICO [1]

DO SOCIO

Henrique José de Castro

PELO SOCIO

Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu

Extinctum.... crudeli funere....
..... flebant.
VIRG.

Senhores: — Tres annos ha, que como hoje nos reunimos neste logar, enrolada trazendo e pendida a nossa bandeira de certames litterarios e artisticos, e em logar do arnez de combatentes vestindo o crepe de lucto.

---

[1] Com o titulo de *Memorias do Instituto da Academia Dramatica* começou esta sociedade a publicar em 1849 uma serie de numeros irregulares sem compromisso de periodicidade. Poucos sahiram á luz, contendo alguns *elogios historicos* de socios fallecidos, os quaes principiamos hoje a inserir no nosso jornal.

São rarissimos os exemplares d'estas *Memorias*, que eram precedidas d'uma pequena *Introducção*, da qual extractamos os principaes paragraphos:

«Hoje, que a imprensa se encarregou de dar publicidade a todos os factos,

Então como hoje era para nós chegado um dia de paz melancolica e triste, um dia tão solemne para os filhos da civilisação moderna, como o dia das vinganças para os livres filhos das selvas, que contaram suas fileiras, e acharam de menos um guerreiro valente, morto no campo da peleja.

Vindos somos pois, como elles, a vingar do esquecimento a memoria do nosso irmão.

---

vulgarisar todas as opiniões, e discutir todos os assumptos, constituindo-se o registro universal da epocha presente;—hoje, uma associação litteraria, que escondesse os seus trabalhos nas quatro paredes de um salão, e se esquivasse a dar as contas, que de direito todas as illustrações devem ao publico, pelo orgão da imprensa, seria uma communidade anachronica, e o reflexo ephemero do egoismo d'outras eras. Hoje, que no mundo civilisado todos os homens, e todas as classes, com mais ou menos extensão, são chamados ao gozo de direitos e cargos importantes na sociedade civil; hoje um dos primeiros deveres do homem é a illustração, e a mais sagrada missão das associações de letras é o derramamento das luzes.

«Já por mais de uma vez este Instituto tem dado as devidas contas de seus actos, e derramado quanto em si cabia o cabedal dos seus conhecimentos. Hoje, porém, que uma reforma recente nos Estatutos deu mais amplidão aos seus trabalhos, e mais vigor e estabilidade á sua existencia, constituindo-o a parte principal de uma associação, garantida pelas leis; mais estreitos são os laços, que o prendem á universal civilisação, e mais larga por tanto a sua brilhante missão de illustrar.

«Em quanto não podemos levar ao cabo a continuação de nossas publicações periodicas, que as luctas civis vieram interromper em 1846, e a que de novo metteremos hombros no principio do proximo anno lectivo; seja-nos permittido dar começo a estas nossas *Memorias*, que serão o registro dos principaes trabalhos litterarios d'este Instituto, e que continuaremos a publicar irregularmente, sem embargo de qualquer outro nosso escripto periodico.

.....

«Possa o nosso trabalho fructificar entre os amigos das letras, e bem merecer do publico.

«Coimbra, 20 de maio de 1849.»

O primeiro numero d'estas *Memorias* contém os dois *elogios* que foram recitados em sessão solemne de 1 de abril de 1849, dos quaes é este o primeiro.

Mas em vez da fogueira, que lá se ergue ameaçadora, para devorar as pobres victimas, colhidas no campo da batalha, temos nós aqui, dentro do peito, um fogo mais sagrado, — o fogo da nossa dor. —

Em vez de sangue de victimas, sacrificadas á memoria do que jaz no reino das sombras, temos lagrimas, e lagrimas não mentidas, que são sempre nobres, quando cahem sobre o pó do tumulo.

E já que ha perto de um seculo — tão revolta e agitada corre a vida das nações, depois de seculos de torpor e fraqueza, que as virtudes singelas passam todas ignoradas, e no livro dos povos não ha sequer uma pagina para nella se gravarem nomes, os quaes deveram de ser o orgulho da humanidade! Já que todas as paginas d'esse livro transformaram-nas em padrões de vaidosas glorias a lisonja e paixões mesquinhas do seculo; e em vão lá procurarieis gravados outros nomes, que não fossem dos que a si mesmos se proclamaram — os destinados pela Providencia para guiar, impellir ou represar a torrente grandiosa dos successos; seja-nos ao menos permittido, a nós que vivemos longe d'esse remoinho dos povos, archivar nas memorias do *Instituto da Academia Dramatica* um dos nomes, que não póde ser avaliado pelo commum dos homens.

Os astros, que como aziago cometa appareceram brilhando nos céos, e derramando o terror pelas gentes, nem os adoramos no zenith, nem os amaldiçoaremos no occaso. O rasto de fogo, que deixaram após si na sua vasta carreira, fal-os-ha sempre lembrados á memoria dos homens.

Mas o pequeno meteoro que scintillou como relampago, e mal apparecera no horizonte cahiu nas trevas da morte... oh! esse, que poucos olhos poderam ver, porque demasiado curta foi a sua vida; que não deixou vestigios de sua passagem, porque o fogo das verdadeiras virtudes não cresta as flores da innocencia; esse quem o ha de lembrar ao mundo, se o esquecer o amor de irmãos, se o esquecer a amizade?

Quem ha de ir ajoelhar-se ante a cruz do cemiterio; apanhar as petalas já emmurchecidas da rosa dos amores, desfolhada pelo

vento do deserto; bafejal-as docemente; beijal-as, como outr'ora a brisa das esperanças; e ler nellas, e intrepretar esses sonhos de feiticeiras illusões, que se desvaneceram como as côres do iris ao submergir-se o sol no horizonte?

Será sómente a fria aragem da noite, que vá soltar seus gemidos nos campos da morte, e pedir ao céo as lagrimas da madrugada para as derramar sobre o tumulo?

Não, senhores: mui outro foi de certo o vosso pensamento quando permittistes que uma voz timida e debil se erguesse hoje em vossa presença, a pedir-vos uma lagrima de saudade, para em vosso nome a offerecer á memoria do nosso distincto socio, Henrique José de Castro, fallecido em terra de extrangeiros.

Essa voz é a do homem que para ministro se offereceu d'este sacrificio doloroso.

Escutae-a com indulgencia, senhores, porque ella não é senão a voz da amizade, que no extremo das maguas procura a derradeira consolação.

Quando o espirito philosophico, ebrio de sua victoria sobre os prejuizos dos seculos passados, tentou arrastar o coração do homem preso ao seu carro de triumpho, estendeu para elle o braço de fogo, e quiz de todo queimar-lhe a viçosa flor do sentimento, em cujo calix depozera a natureza o mais doce nectar da vida.

—A patria do homem sabio, exclamou elle no delirio de seu orgulho, é o mundo inteiro!

E que significa então aquella palavra magica, que, subindo do coração aos labios, faz estalar e cahir por terra as cadeias dos povos opprimidos?

Que vem a ser aquella recordação tão suave, que na tenebrosa noite do exilio brilha para o pobre proscripto, como pharol bem fadado para o navegante perdido?

O christão é sem duvida cidadão de toda a terra, porque onde quer que exista um homem, lá existe para elle um irmão. Mas ai d'aquelle, cujo coração não palpitou ao ouvir o nome da terra

onde nasceu; e que não estremeceu de horrór, quando bocca impura lhe cuspiu sobre seu berço a affronta! Esse nem tem coração de homem, nem virtudes de christão: esse de certo não tem patria nobre, porque os filhos de nobre patria nobres e fidalgos são sempre.

Que importa haver nascido sob tectos doirados, se esses tectos se ergueram aos gemidos de pobres orphãos que morriam de fome?

Que importa haver visto a primeira luz através de janellas de soberbo palacio, se esse palacio está cimentado no lodo da infamia, onde calcadas foram aos pés muitas lagrimas de infelizes pelo improvisado nobre, como tantos d'esta nossa edade, que nem se quer podem apontar para a effigie de um de seus antepassados, como fonte, aonde os descendentes vão beber lições de virtude?

Que importa haver sido embalado ao abrigo de mimosas cortinas, se os hymnos que acalentavam o vagido da infancia eram hymnos de opprobrio, eram canticos de escravos?

Com quanto maior razão devera de vangloriar-se de seu nascimento aquelle que desde a primeira aurora de seus dias pôde fitar os olhos nos céos, e ler essa pagina immensa onde o dedo de Deus escreveu, após seu nome incomprehensivel, a alta origem do homem! que baixou depois os olhos para a terra, e pôde ainda sentir a passagem do Creador, deixando após si estendido sobre a face do globo o seu manto de verdura, todo recamado de flores!

Com quanto maior gloria devera recordar o seu berço, aquelle que dormiu os primeiros somnos da innocencia ao som de canções populares, tão ricas de poesia, como de exemplos de virtude! que viu desde logo a seus pés o oceano encapellado domando as furias para vir humilde no dorso da área beijar a orla do manto do Creador, ensinando assim o homem livre a não se humilhar, nem abater-se senão na presença do Omnipotente!

Nobreza, como esta, pesar-me-ia, talvez, se não a possuisse o homem a quem amei como irmão. Teve-a porém elle; que a bella cidade de S. José do Porto Alegre lhe foi berço, onde, nascendo

de paes virtuosos e honestos, viu a primeira luz aos 9 de maio de 1819.

Do alto d'aquella atalaia, que campêa soberba á borda do oceano; sob aquelle céo tão sereno e majestoso, onde em noites de estio tantas vezes leu — não descreias —; face a face das ondas, que lhe gritavam — sê livre —; á sombra d'aquellas selvas virgens, que sussurravam — amor —; ao som d'aquellas brisas suaves, que murmuravam — saudade; ao sorrir d'aquellas varzeas tão meigas, d'aquellas chacaras mimosas, que no pendor de seu regaço lhe offereciam repouso; á vista d'aquella mão gigante, com que as aguas do Rio Grande parecem querer estreitar ainda mais os laços de amizade entre o oceano e a bemaventurada terra do Brasil; bebeu elle essas sublimes inspirações, as quaes o tornaram tão profundo nos pensamentos, forte em suas crenças, extremoso no seu amor, leal sempre nas amizades, — o modelo emfim do homem probo, digno da affeição de quantos o conhecessem.

Quando foi chegado o tempo de ministrar ao espirito o alimento solido que a edade pedia, mas Porto Alegre não podia offerecer-lhe, seu pai, Antonio José de Castro Guimarães, que dos bens da fortuna possuia mais que os sufficientes para dar ao unico filho, ao herdeiro de suas virtudes uma educação primorosa, lançou os olhos para o velho mundo.

Numa parte offerecia-se-lhe á vista a capital da civilisação e do progresso, onde a educação adorna o homem com um prestigio só exterior, que, se nem sempre é signal do merito intrinseco, serve todavia de conciliar a estima do commum social, cuja pedra de toque, por polida ou gasta de mais, não presta para distinguir o ouro macisso do bronze galvanisado.

Noutra parte estava porém ainda em pé, apezar de mesquinhos niveladores, de pigmeus da civilisação, a velha universidade portugueza, rodeada do antigo esplendor, que a fizera celebre entre as mais celebres da Europa.

D'acolá chamava pelo joven talento o brilho apparatoso das sciencias, o luxo das artes, a magnificencia dos estabelecimentos

publicos, a pompa dos espectaculos — tudo emfim quanto póde fascinar o espirito da mocidade.

D'aqui apenas lhe acenava a imagem da patria de seus avós; não erguida, como outr'ora, e estendendo um dos braços até o Indo e o Ganges, e outro até o Amazonas e Rio Grande do Sul; mas curvada sobre o mutilado pedestal de antigas glorias, e envolta na rota bandeira, que outr'ora campeou sobranceira a todas as bandeiras do mundo, quando o genio portuguez ensinava a humanidade a affrontar o horror da procella e a domar as furias dos mares.

Brasileiro de boa raça, não hesitou na escolha. Preferiu a patria de seus maiores, porque nas veias lhe gyrava ainda o sangue dos filhos de Portugal.

Em peitos taes, que felizmente constituem a maior parte do imperio, alevantado além do Atlantico pelo braço da Providencia, para talvez guardar intacto no futuro o deposito dos costumes, lingua e religião dos portuguezes, já que as loucuras e odios civis cavaram ante nós um abysmo, para onde nos leva arrastados a onda da corrupção moral, em peitos taes de certo, senhores, não podia caber essa deshumana sêde de sangue portuguez, á qual algumas pennas, arrancadas sem duvida ao carcaz de cannibaes, ainda ha pouco chamaram sancto amor da patria!

Oh! quanto me apraz que contemos entre os nossos socios, que vejamos no meio de nós muitos dos jovens, a quem por seus talentos e virtudes será um dia confiada a sorte do Brasil. Possam elles então recordar-se de que entre portuguezes não houve um só coração que os não amasse como irmãos, que não desejasse ver esquecidos antigos resentimentos, se por ventura existem, e a Portugal estendendo a mão para o Brasil, e procurando abraçal-o, não com o abraço de mãe desnaturada, mas com o abraço de irmãos!

Veio pois Henrique José de Castro continuar a sua educação em Portugal, em cuja universidade se matriculou no anno de 1838.

Testemunho de seus talentos ahi existe ainda recente na me-

moria dos que o viram todos os annos coroado pela universidade com as primeiras distincções academicas.

O tempo, que dos estudos regulares lhe sobrava, empregou-o sempre em se aperfeiçoar no conhecimento e exercicio das bellas-artes, como a musica, a pintura: e no das linguas, assim as mortas, como as vivas, das quaes lhe eram familiares as principaes da Europa. O estudo da portugueza cultivou-o elle sobre tudo por tal arte, que raros serão entre nós os mais lidos, os quaes possuam tanto e tão profundo conhecimento assim dos classicos portuguezes, como da lingua de Camões.

Terminados aqui os seus estudos pelo acto de formatura em medicina, resolveu ir aperfeiçoal-os ainda mais na formosa cidade de seus sonhos, que em seu coração não achara rival, se fôra ella o berço de seus maiores.

No verão de 1845 disse o extremo adeus ás margens do Mondego, colheu e uniu ao peito a meiga flor da saudade, que tão venenosos espinhos levava occultos no disco, e partiu para París, tendo primeiro visitado a soberba Albion.

Ao saudar a rainha da civilisação pareceu-lhe que lia no livro do futuro uma pagina de gloria para si e para a sua patria. Era um sonho! um sonho de esperança, que lhe occultava a letra fatal onde estavam numerados seus dias.

Agora, senhores, somos chegados ao amargurado capitulo de dores. Permitti que eu desdobre a ultima pagina da sua vida, escripta pela habil penna de um amigo que na hora extrema a Providencia lhe deparou.

«Uma poderosa causa, diz elle, da explosão da molestia, que começara a minar-lhe os dias, foi sem duvida o zelo demasiado, com que durante o inverno se deu ao estudo da anatomia na eschola practica de París.

«Facil é de conceber que perniciosa influencia devia de exercer sobre uma constituição manifestamente fraca um estudo, que, além de o expor a uma atmosphera miasmatica, o obrigava a demorar-se muitas horas numa casa sempre humida, e tão fria, que por

vezes quem nella se dá ao estudo de anatomia vê-se obrigado a chegar ao fogo a peça, em que trabalha, para a fazer desgelar.

«A instancias de seus amigos consultou tres medicos distinctos — Mrs. Bouillaud, Chomel e Louis: mas, apezar do aviso d'estes, continuou a ficar em París.

«Quiz successivamente experimentar em si mesmo as virtudes tão preconisadas da *Hydrotherapia* e *Homeopathia;* e quando emfim se desenganou que só a mudança de clima lhe poderia prolongar os seus dias, era já tarde..

«Podémos, não sem custo, tiral-o das mãos á nova medicina. Entrou na casa de saude de *Neothème,* ultima estação que deveria fazer.

«Quantos cuidados podia receber longe dos seus, teve-os elle no melhor estabelecimento de París para molestias como à sua.

«E, na falta de familia, teve amigos, para os quaes era, além de dever, uma ultima consolação tornar-lhe menos duros os poucos dias que o separavam da outra vida.

«Felizmente a esperança o não abandonou;—e já mal podia fallar, e ainda não pensara se não nos meios de partir.

«Ainda aos trinta annos custa a crer que se morre!

«E quando por um vago receio sentiu faltar-lhe a vida, e lhe lembraram com saudade as maguas que aos seus causaria, se viesse a morrer, as esperanças com que todos o animámos, a affectação, que lhe mostrámos, do pouco cuidado que uos dava a sua molestia, depressa dissiparam presentimentos, de que ainda os mais illudidos são assaltados, quando se approxima a hora que a razão ainda não póde ver, mas que o instincto já adivinha.

«Poucos momentos antes de expirar levou por duas vezes a mão á testa, como se sentisse faltar-lhe a força de seguir um pensamento, — ou talvez porque um ultimo receio lhe veio ao despedir-se da terra.

«Assim, após uma longa agonia, de que por felicidade não pareceu ter consciencia; sem um gesto de terror, sem uma palavra

de queixa, deixou de soffrer pelas quatro horas da manhã de 11 de janeiro de 1847.

«No dia 13, depois de ter sido embalsamado o cadaver do joven esperançoso, os poucos amigos que aqui tinha, cumpriram para com elle o ultimo dever da amizade, acompanhando-o ao cemiterio de *Mont-martre,* onde está depositado, até que os seus o façam transportar ao Brasil.»

Até aqui, senhores, o que escreveu o amigo sincero, que lhe assistiu nos ultimos momentos.

Não mencionou elle, porque talvez a ignorasse, a, sem duvida, principal causa da rapida marcha de uma molestia, que pela maior parte não é nunca tão precipitada.

Essa causa foram aquelles venenosos espinhos, que no disco levava occultos a flor da saudade; foi a magua profunda do peito, que se sentiu ferido pelos golpes da ingratidão; foi um mysterio de dor, que buscou o asylo do sepulchro entre as cinzas do finado.

O anjo da virtude cerrou os olhos para sempre, quando viu o seu eden de esperanças polluido pela serpente da traição.

Sua morte foi a morte do justo.

Amigos teve, que cumpriram o ultimo dever, acompanhando-o até o tumulo.

Nós cumprimos hoje o nosso, offerecendo á sua memoria uma lagrima de saudade.

E eu, senhores, eu que, privado de estreitar a meu peito o peito já frio do amigo moribundo, não pude receber nos labios o ultimo suspiro d'uma amizade como poucas, recolhi no coração um nome para mim de eterna memoria, e cumpri tambem hoje um dever, vindo aqui repetir-vos esse nome pela ultima vez com toda a solemnidade da dor.

A PENA DE MORTE

(extracto d'um livro de Guilhermino de Barros)

ADVERTENCIA

A indole humana parece ferina de natureza. Desde a tradição de Caim até á ultima facada dos fadistas de Alfama far-se-ia uma espantosa estatistica que o comprovasse. Ha no homem uma dualidade extranha e heterogenea, que faz lembrar *l'âme et la bête* de Xavier de Maistre em lucta constante. A sociedade, que é o complexo de todos os homens, não desmente esta natureza. Inscreveu nos seus codigos a morte como pena; e se ás vezes parece arrepender-se eliminando-a, ou hesita ou se retracta. Veja-se a Suissa, olhe-se para Portugal; aqui aboliu-se a pena com restricções odiosas para o exercito, acolá arvorou-se de novo por milhares de votos!

E todavia a morte não é pena, nunca o foi. É absurda a união d'estes dois termos; destroem-se, matam-se. *Poena,* que parece abranger implicita a idêa de procurar o arrependimento *(poenitet, poenitentia),* não póde combinar-se com *mors,* que gerou o aphorismo *mors omnia solvit.* A morte não é correcção para o réo nem segurança para a sociedade. Triste correcção a que aniquila, tristissima a sociedade que busca segurar-se numa sepultura...

Publicou-se este anno o *Castello de Monsanto,* romance historico do sr. Guilhermino A. de Barros, e na sua leitura selectámos dois trechos notaveis sobre a pena de morte, que copiamos para este jornal. Quando os bons principios andam tão esquecidos, não é demais propagar as opiniões que os abonam.

Imagine-se um grande criminoso, abominado por suas atrocidades, em plena audiencia de julgamento. Ninguem o lastima, todos o abhorrecem; só por si é argumento vivo da pena capital.

O juiz convida por officio a que tomem a sua defesa; não se ouve uma voz, nem se percebe sequer leve murmurio de sympathia... Mas «a religião e a magnanimidade têm sempre palavras consoladoras para a desventura,» e um velho ministro de Jesus, recolhendo-se em espirito durante alguns minutos, tentou salvar o infeliz no meio das bençãos da multidão, que via nelle um pae extremoso, consolador benevolo de todas as miserias.

Em seguida o defensor d'outros réos inferiores pronunciou tambem algumas palavras eloquentes no mesmo sentido que o sacerdote. Outro se levantou contra, mas não dirimiu a questão nem sequer enfraqueceu a defesa; fallava por sua bocca a vingança, que não é justiça. Ambos os trechos são os que se seguem. São elles o melhor fiador do livro, que recorda, aqui em Coimbra, o auctor da *Poesia do soffrimento,* impressa no *Instituto,* o poeta academico d'aquelle nosso saudoso curso juridico, que rematou os seus estudos em 1852.

A. A. DA FONSECA PINTO.

«.....

«—Não se dirá—começou o sacerdote—que em terra de christãos apparece uma grande miseria sem haver alma que se dôa d'ella: e se as pobres mulheres foram bastantes para limpar o rosto do maior dos homens, do filho de Deus, sel-o-ha um humilissimo padre para espremer algum balsamo nas chagas, talvez mortaes, do maior dos infelizes. Aquella creatura que alli está (e apontou para D. Garcia) será tudo o que quizerdes, mas por isso não deixa de ser um homem feito á imagem de Deus... aquella cabeça póde ter meditado, nas desgraças alheias, a sua desventura, mas nem por isso deixou de molhar-se nas sanctas aguas do baptismo, recebendo na fronte o augusto signal da redempção. Vêde portanto nelle um vosso similhante, um filho que teve uma mãe que o criou, um pae que talvez o chore; e, no fim de tudo, lembrae-vos que é christão.

«Se pois é tudo isto, deixae penetrar em vosso coração a piedade e o compassivo dó que deve sempre morar em nós pelo proximo que soffre, attribulado de uma profunda miseria.

«Nem vos tolha a lembrança do crime para cerrardes a alma aos incitamentos da misericordia; é a divina infinita, seja a humana limitada; mas seja alguma.

«Sabeis que o justo pecca sete vezes ao dia, porque é fragil o barro de que o fez Deus; quantas não peccará a creatura inclinada ao mal?

«Vejo além erguido o instrumento do supplicio (apontou para a forca), e o meu coração treme de horror deante d'elle, porque me lembra que a cruz era, noutros tempos, uma similhança d'aquillo, um patibulo. Na cruz pregaram o homem Deus para matar com elle a sua doutrina, mas foi vão o crime, porque o sangue não é a morte é a vida, é pregão que brada sempre em prol da victima, qualquer que seja, a mais desventurada, a mais sublime... um Deus ou um homem! Supponhamos, porém, que fizera mal e que esse desgraçado que ahi está sóbe os degráus do cadafalso... Castigae-l'o? Sim, porque perde a vida; mas leve punição que apenas dura um momento! Nem soffre o estertor d'um agonisante.

«Dais satisfação ás victimas? Não, que o mal fica feito como estava. Aterrais o povo com o exemplo? Talvez, mas não consta que o crime cesse ou diminua pelo sangue que se derrama. Então que fazeis? ides matar um homem, isto é commetter um crime egual áquelle que castigais. Quando o carrasco ata o laço no condemnado, talvez que vejais, nesse executor da justiça, apenas o algoz; eu não, vejo-vos a todos porque a todos representa a lei; ides perder um homem que podia arrepender-se, e tornar, quando tivesse tempo e fosse guiado pelos caminhos da virtude, ao redil. Que fazer, pois, neste caso, se o crime é patente? Bem facil; castigar com proveito de Deus, conservando-lhe uma alma perdida, com utilidade do mundo, não o privando de um homem, sem mal para o povo, separando-o d'elle para sempre, e encerrando-o na solidão de um carcere até acabarem seus dias. Ha ahi

um subterraneo que póde servir para tal fim. Recto julgador, escutae as minhas palavras, rogo-vol-o, pela cruz do Salvador! Não molheis as pedras d'esta formosa terra, berço de quasi todos, com o sangue de ninguem, que Deus verá mal essa obra, que só deixa de ser iniqua porque a lei o manda. Lembrae-vos que é insignia da imparcial justiça não o cutello cuja dureza o torna inflexivel, mas a espada, que, quanto mais fina de tempera, tanto mais dobra, mas nunca deixa de volver ao primeiro estado, como recta e direita que é. Que esse mesquinho homem, se peccou, soffra pena, mas dictada pela compaixão e não pelo rigor; e, principalmente espero de vós que não usurpeis o poder de Deus privando esse infeliz da vida, que só póde tirar ao homem aquelle que tem faculdades para dar-lh'a.

«.....

«Levantou-se depois Martim Vaz, e disse com grande acatamento no gesto e singeleza de palavras.

«—As malfeitorias estão provadas e todos entraram nellas, aqui não ha que dizer nada nem eu sei negar a verdade; esses mesquinhos, porém, que defendo, são, no caso de crime, o mesmo que o braço é no corpo do homem; cortar o braço, porque executa as ordens da vontade, seria contra razão; castigar os instrumentos, porque mal fizeram obedecendo a quem os mandava, é seguir aquella desarrazoada regra.

«Esses réos foram mandados; a sua ignorancia mal lhes deixa discernir o bem do mal; o pão quotidiano compelle-os a um trabalho qualquer; máo foi o que escolheram, mas não teriam outro.

«Estes são d'aquelles a quem Deus manda perdoar, porque não sabem o que fazem; perdoae-lhes tambem, ou pelo menos mitigae-lhes a dureza da pena... peço-vol-o. E se posso levantar mais alto os meus desejos, ainda sollicitaria ardentemente que esse homem, commendador de Penha Garcia, houvesse tempo para se pôr bem com Deus.

«—Aqui requereu o Goliardo licença para fallar, e o juiz concedeu-lh'a.

«—Quizera — disse em tom grave — que me inspirasse Deus como ao sancto vigario, ou a honra como ao generoso cavalleiro, mas nem sou acceito ao Senhor, nem tenho a espora de ouro da cavallaria... Pedirei á memoria sempre viva, á saudade da promettida esposa, clamando justiça, d'além do tumulo, que me dê animo e palavras!

«Foi sancto o dizer do reverendo vigario, mas o fim a que visava não o approva Jesus Christo nosso salvador. Tem elle dó para o assassino, eu tenho-o para as victimas; não me parece que o malfeitor mereça mais attenção do que as victimas lhe mereceram a elle. Se o sangue inodôa sempre, deixemos vaguear o urso e o tigre; e, se sacrificamos estas alimarias feras á nossa tranquillidade, não poupemos as humanas, mais criminosas porque tem a luz da razão para as guiar. Não receeis a perda da alma, porque para o arrependimento basta um instante, caso a attrição venha sincera; a grei tambem não perde nada, nem o mundo com o supplicio do malfeitor: é uma ovelha gafa que fica de menos, e uma podridão que se corta para não contaminar o resto; é a peste que desapparece.

«Quanto a ser a morte castigo leve, porque dura um instante, é coisa que se diz, mas que se sente ás avessas; ha instantes que valem seculos e tal é o instante da morte; isto diz claramente quanto vive pelo esforço que faz para não morrer.

«Deixar a vida a quem privou os outros d'ella é dar-lhe um premio, não castigo; é abrir-lhe a porta ao futuro, é mostrar, pelo exemplo, que o crime, chegado ao ultimo requinte da crueldade, tem sempre um recurso e uma esperança.

«Venerando corregedor, o emblema da justiça é, não o cutello, mas a espada que se dobra... Reparae, todavia, que ambos têm gume afiado e cortante, e nisso são o mesmo: quanto á flexibilidade da espada concordo, e a justiça deve tel-a, mas para a paixão, que tolhe o alvedrio, para a verdura dos annos que é falta de siso, para a fraqueza que é debil, para a ignorancia que não sabe o que faz.

«Sim! para tudo isto, mas não para esse malfeitor que aprendeu nos livros, que teve mestres, que toma a seu talante a figura que lhe praz nas coisas da razão... Tenho-o visto fallar avisadamente, ou seja como um doutor em degredos ou em physica ou no que for... Em todos os seus feitos ha motu proprio, sciencia certa. Portanto peço justiça, inteira, completa, com respeito a elle; dos outros, mais ignorantes que máos, condoei-vos. Emfim, onde a lei falla são nullas as palavras. Cumpri-a, é o que basta...»

GUILHERMINO AUGUSTO DE BARROS.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

VOLUME XXVII — NOVEMBRO DE 1879

SEGUNDA SERIE — N.º 5

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SUMMARIO

	Pag.
DIREITO CIVIL — por **Jacintho Candido da Silva Junior** ...	193
O PROJECTO DE ABASTECIMENTO D'AGUAS DE COIMBRA — por **Adolpho Loureiro**	203
PATHOGENIA DA ICTERICIA GRAVE — por **J. A. de Sousa Refoios**	224
A*** (poesia) — por **Luiz Carlos**.....	230
ELOGIO HISTORICO — por **Francisco de Castro Freire**	231

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

DIREITO CIVIL

Analyse critica dos artigos 965.º, 980.º e 981.º do Codigo Civil Portuguez

I

Entre a sociedade hodierna e o mundo antigo e medieval abre-se um abysmo, a Revolução. Ha abysmos bons,—aquelles em que se despenha o mal, disse Victor Hugo. A Revolução de 89, o brado enthusiastico e ardente d'um povo que quer ser livre, foi um d'esses abysmos.

Varreu e extinguiu das constituições, ainda que com uma onda de sangue, os privilegios odiosos e as immunidades sem fundamento, e escreveu, com mão firme e resoluta, as grandes verdades que a natureza e o estudo ensinam.

Despenhou-se no abysmo d'um passado execrando o velho e caduco regimen, e surgiu radiosa a aurora da liberdade, luz vivissima que alumiou, alumia, e esclarecerá sempre a consciencia dos povos. A liberdade foi, pois, a idêa nova e grandiosa, o principio seductor e attrahente, que operou o prodigio de tornar homens entes que apenas eram machinas; foi ella que os fez soltar unisonos um brado que echoou no mundo inteiro, e que em toda a parte se repetiu, ou pela proclamação das republicas, ou pela transigencia das monarchias, numa pretendida conciliação das suas injustas regalias com os sagrados direitos populares.

Proclamado, propagado, radicado na mente dos povos, firmado nas constituições, e cercado de garantias preventivas e repressivas, a troco de luctas crueis, de pugnas renhidas e sanguinolentos combates, o principio da liberdade constituiu a base d'uma nova organisação social. Desappareceu ante a vontade nacional o capricho do despota; a lei substituiu o arbitrio; a egualdade afugentou e extinguiu as distincções immerecidas; o roubo, a pilhagem, a usurpação cederam o logar á propriedade legitima.

A amalgama confusa, o cahos quasi inintelligivel de leis, decretos, portarias e regulamentos desappareceu perante a codificação regular e permanente, uma das mais solidas garantias de conservação d'um regimen livre. Foi a França que primeiro encetou a tarefa penosa, e custosissima empresa. Foi ella quem primeiro formulou, pelo arduo trabalho de seus eminentes jurisconsultos, uma codificação methodica e systematica; e o Codigo de Napoleão foi a fonte das novas legislações, e o manancial aonde os modernos legisladores neo-latinos foram haurir os principios que transplantaram para o já preparado terreno da patria.

Nota-se todavia que muitas vezes d'estas transplantações não brotaram os fructos desejados, ou porque não estivesse ainda, como convinha, preparado o terreno, ou porque as sementes fossem em si infructiferas, ou, finalmente, porque a diversidade de meio desnaturalisasse a planta, e de proveitosa, que era, a convertesse em improficua ou nociva.

Uma d'estas instituições que das leis francezas foram extrahidas para a nossa legislação, foi o registo predial, estabelecido pelo decreto de 26 de outubro de 1836.

Não duvidamos das boas intenções do seu auctor; e pelo contrario é nossa convicção firme que na sua mente procurava obviar á decadencia do nosso credito predial, comprehendendo bem quanto essa decadencia era prejudicial ao commercio e á industria, e quão proveitoso seria o seu restabelecimento e incremento.

O que é verdade, porém, é que o decreto não satisfez ao fim a que mirava.

Derivado do imperfeito systema francez, mais imperfeito foi ainda do que a sua fonte; dil-o o illustre jurisconsulto Coelho da Rocha em a nota EE ao § 645.º, pagina 731: «... mas pela maneira confusa por que se exprimiu esta lei, e sobretudo pelo praso para o registo concedido no outro decreto de 3 de janeiro de 1837, subsistem todas as antigas questões; e o registo por esta maneira actualmente pouco mais contém do que uma despesa de mais para o credor, e uma origem de difficuldades na decisão dos concursos.»

Se não attingiu o fim que se propunha, se não estabeleceu nem firmou em solidas bases o credito predial, que jazia quasi morto, cabe todavia ao honrado estadista e illustre liberal Passos Manuel a honra de ter, ainda que imperfeita e improficuamente, realisado uma importante e urgente reforma. O Decreto de 36 não terá outro merito que não seja o de revelar que na mente do seu auctor havia uma idêa boa e grande, e o de promover depois novas e mais correctas reformas; mas isto já é muito, é já sem duvida uma forte razão para se lhe prestar a homenagem que á sua memoria é devida.

Apontados pela critica de sabios jurisperitos a incoherencia e desaccordo entre as disposições d'este diploma, a falta de deducção no seu desenvolvimento, as contradicções e defeitos de que está eivado, tornou-se urgente uma nova lei, que em mais firmes bases elevasse a instituição cuja necessidade era imperiosamente exigida para a conservação e desenvolvimento do credito predial.

Só em 1863 appareceu a lei hypothecaria de 1 de julho tendente ao estabelecimento do registo.

Esta lei não é já uma applicação do systema hypothecario francez; mas approxima-se muito mais do regimen allemão. Não se estabelece sómente o registo para as hypothecas, mas amplia-se e estende-se ao *dominio,* aos *onus reaes,* ás *acções reaes sobre immoveis,* ás *transmissões* e á *posse.*

Não ha já a necessidade da renovação do registo, que exigia o artigo 5.º do Decreto de 36, nem as excepções do artigo 4.º, nem todos os outros defeitos que a critica mostrou.

*

Esta lei foi um passo importante, um adeantamento grande no restabelecimento do credito predial.

D'ella foram extrahidas, e muitas vezes textualmente copiadas, as disposições do Codigo Civil. O artigo 51.º acha-se fielmente reproduzido neste Codigo, artigo 965.º, o primeiro dos que neste exercicio temos de analysar.

Antes, porém, de especialmente nos occuparmos d'este estudo, vamos discutir uma questão que nos parece importante, a collocação da materia do registo no systema do nosso Codigo.

É a sub-secção 7.ª da secção 4.ª do capitulo 10.º do titulo 1.º do livro 2.º da parte 2.ª do Codigo Civil a que se occupa da instituição do registo. D'esta collocação se deprehende claramente que o registo está subordinado ás hypothecas, e é d'ellas instituição complementar, não obstante o estudo da sub-secção nos mostrar depois que o registo é perfeitamente independente, e que, comquanto vá effectivamente garantir d'um modo efficaz o credito hypothecario, garante tambem muitos mais direitos.

Em nossa humilde opinião, entendemos que a instituição de que nos occupamos devia constituir um capitulo independente. Com effeito, no artigo 949.º, enumerando-se os objectos sujeitos a registo, vemos, além das *hypothecas,* os *onus reaes,* todas as *acções* que se referirem a propriedade immobiliaria, todas as *transmissões* da propriedade immovel, a *posse,* a *penhora* e o *dominio.* Como considerar pois subordinada ás hypothecas tão complexa instituição? O mesmo fundamento haveria para a subordinar a qualquer dos outros factos que menciona o artigo 949.º; não vemos a razão da preferencia, a não ser por ventura no elemento historico.

E de facto quer nos municipios da Italia, quer no systema francez, quer mesmo em as nossas leis anteriores ao Codigo, que regulavam esta materia, o registo era considerado como uma garantia das hypothecas, e a ellas subordinado. A necessidade, demonstrada pelos jurisconsultos e reconhecida pelos legisladores, de dar a maxima publicidade ás hypothecas, a fim de evitar a

fraude e garantir direitos, produziu na Italia os registos municipaes, que, transplantados para a França, se limitaram ainda ás hypothecas, aos privilegios, e talvez ás doações segundo diz Coelho da Rocha. Vemos pois nestes dois povos as acanhadas proporções que tomou esta instituição, que não tem vida propria, e se considera apenas um complemento das hypothecas e a ellas subordinada. Foi assim tambem que o Decreto de 36 a considerou; e a Lei de 63, comquanto muito mais desenvolvida, e incontestavelmente filiada no systema allemão, resente-se ainda d'este defeito, e chamou-se «Lei hypothecaria.»

Tanto lá, como aqui no Codigo, este predominio das hypothecas sobre o registo, esta subordinação, que das epigraphes dos capitulos e secções se deprehende, são consequencias a nosso ver da historia d'esta instituição na Italia, na França e entre nós.

Não descobrimos outra razão; e parece-nos que esta não tem outro valor senão o de mostrar a influencia que a historia d'uma instituição póde ter no seu estudo, ainda quando rigorosamente já não seja a mesma pelas modificações e ampliações nella introduzidas; mas de modo nenhum a julgamos sufficiente para justificar a disposição das materias que nesta parte seguiu o legislador.

Repetimos: a mesma razão que ha para subordinar o registo ás hypothecas, ha tambem para subordinal-o a qualquer dos outros factos que menciona o artigo 949.º, e não devendo subordinal-o a cada um, a fim de evitar repetições fastidiosas e escusadas, devia formar um capitulo independente.

É isto o que, em a nossa opinião, parece exigir a logica.

Postas estas considerações preliminares, entremos immediatamente no estudo dos artigos que temos de analysar, e dos quaes é o primeiro o 965.º

II

Artigo 965.º—Os effeitos do registo subsistem, emquanto este não for cancellado.

A divisão em que está inscripto este artigo, que transcrevemos, occupa-se de disposições geraes e reguladoras do registo. Diz-nos os objectos sujeitos a registo, o local onde deve ser feito, o modo por que nas conservatorias ha de ser lavrado, o processo para determinar a prioridade das inscripções, e finalmente os seus effeitos. É especialmente dos effeitos do registo que nos vamos occupar, ainda que rapidamente, porque a elles se refere o artigo que analysamos.

É principio fundamental em o nosso Codigo que todas as transmissões de propriedade e direitos immobiliarios estão sujeitas a registo,—artigo 1722.º D'aqui a doutrina do artigo 951.º, que diz não produzirem effeitos, relativamente a terceiros, os titulos que não foram registados, e que só desde a data do registo começam esses effeitos. Esta regra tem todavia uma excepção para o caso da transmissão de propriedade indeterminada, para a qual se não exige registo senão depois que houver a sua determinação,—§ unico do artigo 951.º, e artigo 955.º Convém notar todavia que a falta do registo dos titulos translativos da propriedade não obsta aos effeitos que hajam de produzir-se entre as proprias partes,—artigo 951.º A regra que formulámos é expressamente restricta a terceiros: suppõe portanto concorrencia de varios interessados, e regularisa as preferencias que tenham de dar-se.

Nos artigos 1459.º § unico e 1580.º encontramos applicações d'este principio á doação e á compra e venda. Dispõe-se nestes artigos que, quando houver muitas doações ou vendas d'um mesmo objecto, seja preferida a que tiver sido registada, e, no caso de estarem todas registadas, aquella que primeiramente o tiver sido.

Esta prioridade do registo de que aqui se falla é regulada da seguinte fórma: sendo as inscripções da mesma especie, é o numero de ordem que indica a prioridade; sendo de especies differentes, é a ordem da apresentação a registo, conforme constar do «Diario.» Comtudo, na concorrencia de credores hypothecarios da mesma data não se applica a regra mencionada, e faz-se a divisão *pro-rata*,—artigos 956.º e 1017.º

Este mesmo principio do artigo 951.º é applicavel tambem ás hypothecas, como se vê dos artigos 1005.º, 1006.º, 1017.º e 1018.º, bem como o é a todos os objectos que enumera o artigo 949.º E são estes os effeitos do registo relativamente ás preferencias.

Com referencia á posse e á propriedade, regulam os artigos 953.º do Codigo e 149.º do Regulamento do Registo Predial de 28 de abril de 1870, nos quaes se dispõe que o registo de qualquer titulo translativo de propriedade, sem condição suspensiva, transfere a posse dos bens a que esse titulo se refere para a pessoa em favor de quem foi feita a inscripção; e que o registo definitivo de qualquer direito predial constitue, para a pessoa que com elle lucra, presumpção juridica de que esse direito lhe pertence.

Fundamentam esta doutrina os artigos 482.º n.º 2.º, 483.º, 2011.º e 2173.º, e isto porque a propriedade se manifesta pelo uso e fruição.

Como se vê da simples leitura do que fica exposto, são importantissimos os effeitos que do registo resultam, tanto para as preferencias, como para a propriedade e para a posse.

O sr. Dias Ferreira diz que o Regulamento de 1870 exorbitou, dando ao registo o effeito de constituir presumpção juridica de que qualquer direito registado pertence á pessoa em favor de quem foi feita a inscripção, porque, diz o illustre jurisconsulto, o registo não dá nem tira direitos, os seus effeitos são manifestar a terceiros o estado da propriedade, os onus que sobre ella pesam, a fim de evitar a fraude.

Parece-nos todavia que a doutrina do artigo 149.º é logicamente deduzida do Codigo, e não póde considerar-se exorbitancia

do governo. No artigo 953.º, como já vimos, o Codigo confere a posse áquelle em favor de quem foi feito o registo de qualquer titulo translativo de propriedade sem condição suspensiva; ora, pelo artigo 477.º a posse produz, em favor do possuidor, a presumpção de propriedade; logo, o registo confere a presumpção de propriedade: é a conclusão logica que nos parece rigorosamente deduzir-se, e julgamos portanto em nossa humilde opinião que, se alguma exorbitancia ha, é na doutrina do Codigo, e não no Regulamento, que deve ser, como é, harmonico com a lei cuja execução regula.

Voltando ao assumpto, diziamos que eram importantissimos os effeitos do registo, e, proseguindo, vemos no artigo 965.º uma disposição que se refere a esses effeitos, e segundo a qual elles subsistem, emquanto não ha o cancellamento. Não era assim pelo Decreto de 36, que no artigo 5.º o mandava caducar, se não fosse renovado no fim de dez annos, disposição, a nosso ver, pouco justa, e que o Codigo muito bem andou em rejeitar, preferindo a do artigo 51.º da Lei de 63, que fielmente copiou.

Segundo diz o sr. Dias Ferreira, a razão do artigo 965.º é exactamente mostrar com toda a evidencia que só o cancellamento póde extinguir o registo, e que não é necessaria a renovação para a sua validade, como exigia o citado Decreto de 36.

A fórma clara e terminante por que o artigo está redigido não admitte a menor duvida de que o registo, sempre que estiver feito, ainda que baseado em documento falso ou nullo, produz effeitos, e não é extincto senão pelo cancellamento. A data do registo da competente acção de nullidade é que marca o termo do praso dentro do qual subsistem os effeitos do registo,—artigo 154.º do Regulamento; mas, como o registo d'esta acção não importa o cancellamento, temos antinomia entre o Regulamento e o Codigo. É porém simplesmente apparente este desaccordo, porque o artigo 154.º do Regulamento deve entender-se no sentido de mandar retrotrahir á data do registo da acção de nullidade os effeitos da sentença, sobre essa acção proferida, á vista da qual

o conservador deverá cancellar o registo para este ficar extincto, conforme estatúe o artigo 965.º

A mesma doutrina se applica, quando a acção intentada for de annullação do cancellamento, porque ha identidade de razão.

O cancellamento que o artigo 965.º exige como condição indispensavel para a cessação dos effeitos do registo é definido legalmente no artigo 989.º — a declaração feita pelo conservador, á margem do respectivo registo, de como elle fica extincto, em todo ou em parte —.

Esta declaração póde ser feita *ex officio,* ou a requerimento das partes, — artigo 988.º

Só ha cancellamento *ex officio* no registo provisorio, quando não tenha sido renovado, ou averbado de definitivo, dentro do praso d'um anno, — artigos 974.º e 991.º

E é esta a principal caracteristica do registo provisorio; porque no definitivo nunca ha cancellamento *ex officio,* e só póde ser feito a requerimento dos interessados, baseado em declarações authenticas, ou authenticadas, ou em sentença passada em julgado, que provem a razão da sua pretenção, — artigo 992.º

Estes mesmos requisitos se exigem para o cancellamento do registo provisorio, quando não é feito *ex officio,* — artigo 990.º

Ora, por qualquer d'estas fórmas que haja o cancellamento, deixam de subsistir os effeitos do registo, considera-se este completamente extincto; mas, emquanto este facto se não dá, quer seja nullo, illegal, sem o minimo fundamento, continúa sempre produzindo os seus effeitos.

Parece-nos ser esta a verdadeira intelligencia do artigo.

Póde talvez duvidar-se, em vista d'este artigo, se ha ou não prescripção para a propriedade registada, duvida que o artigo 994.º destróe facilmente, mostrando que a prescripção, depois de julgada por sentença, póde servir de base ao requerimento para extincção do registo. Para o que não ha prescripção é para o registo em si, mas os objectos registados não estão exemptos, pelo facto do registo, das regras geraes da prescripção. Não ha artigo nenhum

no Codigo que o disponha expressamente, nem do espirito da lei póde esta doutrina facilmente deduzir-se.

E assim temos singelamente exposto o que sobre este artigo intendemos que deviamos dizer. Passamos desde já ao estudo do artigo 980.º, e começaremos por transcrevel-o.

(Continúa) JACINTHO CANDIDO DA SILVA JUNIOR.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

O PROJECTO DE ABASTECIMENTO D'AGUAS DE COIMBRA

De ha muito que é por todos reconhecida a grandissima necessidade, para Coimbra, de um serviço regular de abastecimento d'aguas potaveis.

Este serviço, que em toda a parte do mundo civilisado tem por fim satisfazer uma das primeiras necessidades publicas, não podia passar desapercebido aos espiritos illustrados que se têm achado á testa da administração municipal d'esta cidade. Mas a empresa era grandiosa, e ninguem ousava metter-lhe hombros. Limitavam-se todos ao reconhecimento d'aquella incontestavel verdade, e á aspiração de que, em um futuro mais ou menos distante, fosse convertida em factos. Pôr em duvida a utilidade do serviço, ou negar-lhe benevola protecção, ninguem o fazia; mas nada mais...

Alguem, comtudo, que primeiro fôra tocado por aquella imperiosa necessidade; alguem, mais affeito a arcar com os preconceitos da rotina, e a introduzir nos serviços da sua superintendencia todas as innovações aconselhadas pela sciencia moderna; alguem, mais perserverante nos intentos que a convicção lhe apontava como uteis e proveitosos, convicção confirmada na sciencia e confirmada pela propria practica e observação; alguem, finalmente, mais ousado e temerario, que temeridade e ousadia é muitas vezes querer introduzir uma innovação, embora por todos reconhecida util e boa, tomou em mão este assumpto, e desde logo applicou á sua realisação todos os esforços de uma vontade decidida e firme,

Quero referir-me ao sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, cujo nome se tem tornado illustre como homem de sciencia, já pelos seus importantissimos trabalhos profissionaes, já pela sua distincta administração dos Hospitaes Universitarios, que são hoje dos primeiros do paiz, e não ficarão inferiores aos melhores do extrangeiro, quando realisados os seus vastos planos e projectos do melhoramento d'aquelle estabelecimento.

Com effeito, datam já de 1865 as primeiras tentativas do illustre professor para trazer á cidade de Coimbra a vantagem de um serviço regular de fornecimento e distribuição d'aguas.

Achava-se então s. ex.ª em Paris, encarregado de uma commissão scientifica. Á testa da administração municipal estava o fallecido conde das Canas. A este cavalheiro se dirigiu de París o sr. dr. Costa Simões, lembrando-lhe a conveniencia de se emprehender o abastecimento da cidade com aguas elevadas do Mondego, e offerecendo naquella cidade os seus serviços, tanto para consultar os mais competentes engenheiros sobre o projecto, como para tractar com os empreiteiros e fornecedores das machinas, apparelhos e materiaes, de que haveria mister.

Acceitou a camara aquelle valioso concurso, e incumbiu-o de obter as necessarias informações sobre o assumpto.

Dirigiu-se o sr. dr. Costa Simões a um engenheiro competentissimo na materia, Mr. Mary, que se promptificou a elaborar o respectivo projecto, e ao mesmo tempo apressou-se a colher dados e offertas, não só das principaes fabricas que poderiam fornecer as precisas machinas e tubagens, mas tambem das casas bancarias que deveriam ministrar os fundos para a empresa.

De tudo deu parte á camara da presidencia do sr. conde das Canas, que o incumbiu de continuar naquellas averiguações.

A camara que se seguiu áquella, presidida pelo sr. visconde de Monte-são, fez porém suspender as negociações encetadas com tanto zelo e interesse pelo sr. dr. Costa Simões. A vereação que succedeu a esta e que ao principio se negou a reatar aquellas negociações, mostrou depois desejos de dar-lhes andamento, e

participando-lhe o sr. dr. Costa Simões em 1868 que o distincto engenheiro Mary se promptificava a confeccionar o projecto de abastecimento d'aguas da cidade, propoz o seu vice-presidente, o sr. Anthero de Araujo Pinto, em sessão de 5 de junho de 1868, que se encarregasse áquelle engenheiro o referido projecto, abonando-se-lhe a quantia de 3:000 francos, que elle pedia para o elaborar conforme os dados que a camara lhe deveria fornecer, taes como plantas, nivelamentos e mais esclarecimentos necessarios.

No emtanto a camara entendeu depois que não devia arriscar aquella verba por estudos, embora garantidos por tão respeitavel nome, e resolveu abrir concurso publico para o abastecimento d'aguas da cidade, subordinado ás bases do programma que publicou em data de 3 de junho de 1870, subscripto ainda pelo sr. Anthero de Araujo Pinto.

Aqui terminaram os bons officios do sr. dr. Costa Simões, como procurador desinteressado e assiduo da camara, coadjuvado em París por um engenheiro muito distincto e illustre filho d'esta terra, o sr. Candido Xavier Cordeiro. De procurador officioso, já para satisfazer ao convite e ás instancias da propria camara, já por conhecer a maxima utilidade para Coimbra da installação d'aquelle serviço, passou o sr. dr. Costa Simões a empresario, associando-se com o sr. engenheiro Cordeiro, e apresentando-se no concurso aberto pela camara, no qual teve só por competidor o sr. Louis Penny, de Londres.

Foi a sua proposta approvada pela camara em sessão de 6 de setembro de 1870, e em presença do accordão do conselho de districto de 16 de fevereiro de 1871 e da auctorisação do ministerio do reino de 30 de junho do mesmo anno, foi em 27 de janeiro de 1872 lavrada a escriptura do respectivo contracto provisorio, o qual obteve sancção legislativa pela carta de lei de 15 de maio de 1872.

Achava-se então presidindo a administração de Coimbra o sr. dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, que, de então até hoje, tem sempre dado franco apoio a esta idêa, como era proprio do seu espirito illustrado.

Vencidas estas difficuldades, parecia resolvida favoravelmente a questão; comtudo outras surgiram depois, e invenciveis. Algumas das condições do contracto, e especialmente a da limitação do lucro, e outras circumstancias que é escusado repetir, impediram a formação da companhia, e obrigaram o sr. dr. Costa Simões, em 10 de novembro de 1872, a pedir a rescisão do seu contracto, rescisão que se effectuou em 14 do mesmo mez.

Em 1873 abriu-se novo concurso, ao qual se apresentou novamente o sr. dr. Costa Simões, sempre de sociedade com o sr. engenheiro Cordeiro. Foi approvada a sua proposta, e em 13 de agosto de 1873 assignado segundo contracto provisorio.

Capitalistas importantes pozeram então á disposição do sr. dr. Costa Simões o seu nome e os seus capitaes para a organisação da companhia, exigindo sómente que por parte da camara, ou de outra qualquer fórma lhes fosse garantido um insignificante juro do seu dinheiro.

Foi isto que não pôde conseguir-se, e que inutilisou todos os esforços empregados tão perseverantemente pelo sr. dr. Costa Simões. A companhia não pôde organisar-se, tanto porque aos capitalistas repugna o emprego dos seus capitaes, quando lhes não seja garantido, além da segurança, um certo lucro, como porque em geral no nosso paiz, e muito erradamente, uma companhia industrial é synonymo de associação de especuladores e de agiotas, e por esse facto lhe manifestam desconfiança, levantam estorvos, e negam coadjuvação e auxilio.

É certo que ninguem, por mais desinteressado que seja, quer prestar o seu dinheiro para um fim de utilidade para muitos, sem que d'isso lhe provenha uma certa vantagem, tanto mais que serviço similhante, por não ser exclusivo a determinada pessoa, não seria nunca pessoal e devidamente reconhecido. O capital exige outra remuneração, além da sua util e proveitosa applicação, e a sociedade deve ser tanto mais prompta e facil em dar-lh'a, quanto mais lhe interessar o serviço de que se tracta.

Seria completamente superfluo demonstrar agora a necessidade

de boas e abundantes aguas potaveis, para o desenvolvimento e progresso, e mesmo para a conservação e existencia de um centro importante da população. O gráu da civilisação de um povo mede-se hoje pelo conjuncto de medidas e de serviços, proprios a facilitar-lhe não só o seu aperfeiçoamento intellectual, mas tambem o physico. Se a par da educação moral e intellectual se não curar da physica, um povo assim abandonado irá successivamente degenerando e marchará a passos largos para a sua aniquilação.

D'entre todos os serviços, que mais interessam physicamente uma cidade, occupam o primeiro logar aquelles que têm por fim dar-lhe bom ar para respirar, e boa agua para beber, podendo considerar-se o uso abundante das aguas como o primeiro elemento para a limpeza e boa hygiene.

Assim o comprehendeu a maior das nações da antiguidade, que nos legou grandes exemplos para imitar e optimas maximas para seguir. Assim o reconhecem e executam modernamente aquelles que melhor têm sabido assentar as regras do bom regimen para a vida e para o bem estar dos povos.

No tocante ao uso das aguas, foram os romanos que primeiro deram a este serviço a sua verdadeira importancia, e tanto na velha Roma, como na Roma da edade media, se emprehenderam e realisaram obras gigantescas, por meio das quaes foram introduzidos dentro dos seus muros verdadeiros rios e levadas d'agua, fazendo com que, ainda hoje, a Roma moderna seja das cidades do mundo uma das mais bem providas d'aguas.

A Inglaterra, nação toda possuida de bom senso practico e de decidido amor pelo bem estar da humanidade, segue tambem aquellas maximas, e é lá que se vê em toda a parte, desde as mais pequenas e insignificantes aldeias, até ás mais populosas e ricas cidades, montado um serviço regular de saneamento e de abastecimento d'aguas.

Seguem-lhe o exemplo todas as nações que lhe disputam primazias no progresso e na civilisação, e mesmo as que sómente aspiram a seguir-lhe os passos, os Estados Unidos em primeiro

logar, depois a França, a Belgica, a Italia, a Allemanha, todas em fim.

Não eram estes factos ignorados em Coimbra, nem deve presumir-se que os ignorasse o governo; mas, apezar de tudo, o segundo contracto para o abastecimento d'aguas d'esta cidade caducou, por não ter tido andamento no ministerio do reino ou na camara dos deputados.

Aquelle *desideratum* continuou, pois, a ser uma aspiração risonha e grata, mas sem probabilidades de passar de desejo vago e muito distante do mundo das realidades.

Só o sr. dr. Costa Simões não havia completamente perdido a esperança; e, se era forçado a adiar o melhoramento que quizera para a cidade inteira e para todos, nem por isso deixava de pensar nos meios de levar a effeito um projecto, mais comesinho e modesto, para o que esperava ter como auxiliar poderoso o sr. dr. Julio Henriques, zeloso e illustrador director do Jardim Botanico, a quem doía ver morrendo á sêde as plantas, e não poder á falta d'agua conservar aquelle jardim no estado florescente que desejava, para bem da sciencia, por amor da arte, e para gozo do publico.

Foi nesta occasião, em outubro de 1875, que tive a honra de ser convidado por aquelle cavalheiro para elaborar um projecto de obras, com o fim de abastecer d'agua os Hospitaes Universitarios e o Jardim Botanico.

Não me limitei então ao simples estudo que me era pedido; e, para aproveitar o auxilio que poderia obter-se do governo e do municipio no serviço da distribuição d'agua potavel, e ao mesmo tempo para não prejudicar o pensamento de estender de futuro aquelle beneficio a toda a cidade, quer por administração municipal, quer de alguma companhia, elaborei um projecto para o maximo fornecimento diario de $180^{m.c.}$,00 d'agua, impondo-me condições e restricções, que, se por um lado o amesquinhavam, por outro eram tendentes a diminuir o custo das obras, e a não difficultar os melhoramentos futuros, inutilisando capitaes dispendidos.

Na memoria, que acompanhou aquelle projecto, e que brevemente publicarei, exponho as considerações que me levaram a ir muito além do que me era incumbido, e aquellas em que baseei o meu trabalho. E não me arrependo de haver assim practicado; por quanto é convicção minha de que, se me houvera limitado ao que me fôra pedido, achar-se-iam naturalmente já satisfeitas as necessidades dos Hospitaes e do Jardim Botanico, mas muito distanciada, se não prejudicada, a feliz solução da questão das aguas de Coimbra, que julgo actualmente resolvida.

O meu pobre e modesto projecto de 1 de abril de 1876, recebido primeiro com favor por todos, encontrou depois difficuldades em quantas estações teve de ser apresentado, e morreu por fim no ministerio do reino, para onde fôra enviado pelo Prelado da Universidade, esquecido d'entre as muitas inutilidades que pejam as secretarias de estado.

Ultimamente, levado pelos estudos a que infatigavelmente se dedica, teve o sr. dr. Costa Simões de fazer uma nova viagem ao extrangeiro. Em París, munido dos dados do meu citado projecto, consultou alguns estabelecimentos fabrís sobre o custo das machinas e materiaes precisos para a execução da parte d'elle, que tinha por fim o abastecimento dos Hospitaes e do Jardim Botanico. D'entre aquelles fabricantes o sr. Hermmann Lachapelle, muito acreditado como constructor de pequenas machinas a vapor, verticaes, locomoveis ou fixas, prestou-se a fazer parte de uma empresa para o abastecimento d'aguas de Coimbra, responsabilisando-se pelo fornecimento das machinas, apparelhos e tubagens de ferro. Com esta adhesão, e com a minha assignatura, lembrou-se o sr. dr. Costa Simões de organisar uma companhia, que se propozesse á execução d'aquelle projecto, tendo na sua installação o consumo obrigatorio, por parte da Camara, dos Hospitaes e da Universidade, de um certo volume d'agua, que garantisse aos capitaes empregados um juro modico. O meu primitivo projecto seria convenientemente modificado, e a empresa deveria ir alargando o fornecimento d'agua aos particulares, á medida do seu pedido.

Neste sentido, e tomando por base uma exposição que escrevi em data de 25 de setembro de 1878, submetteu o sr. dr. Costa Simões, em 24 de julho seguinte, á camara municipal um projecto de contracto, constante de vinte e sete artigos, o qual foi esclarecido com a memoria que ácerca d'aquelle serviço escrevi em 20 de outubro.

Para melhor conhecimento de toda esta negociação, e da fórma por que se chegou ao projecto que se tracta agora de executar, publicarei todos os documentos citados, ou sómente os extractos d'elles, que se tornem precisos para fazer conhecido o andamento d'estes negocios.

Este novo projecto differia sómente do de 1 de abril de 1876 na substituição da galeria de filtração, que tinha projectado parallela ao Mondego, por um poço ou tubo de ferro cravado no leito do rio; e bem assim do motor, que naquelle consistia em uma locomovel da força de seis a oito cavallos, por uma machina fixa, de doze a quatorze cavallos, e do typo adoptado pelo sr. Hermmann Lachapelle.

A boa acceitação que esta proposta recebeu da vereação e do seu dignissimo presidente, o sr. dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, e aquella que encontrou no publico conimbricense e na imprensa periodica da cidade, levou-me a pensar mais de espaço no aperfeiçoamento d'aquelle projecto, tendo principalmente em vista a commodidade do serviço, e a larga distribuição d'agua pela cidade.

Com este intuito, em 28 de novembro de 1878, propoz ao sr. dr. Costa Simões novas alterações ao projecto, cujo alcance este cavalheiro perfeitamente attingiu, acceitando-as immediatamente e dando d'ellas conhecimento á camara em sua sessão ordinaria de 30 do mesmo mez.

A principal d'estas alterações consistiu na suppressão do castello d'agua e reservatorio projectados no largo situado entre os hospitaes de S. Jeronymo e do Collegio das Artes, e na construcção de um grande reservatorio no alto da Cumiada, a tal altura que offerecesse a necessaria carga para se levar a agua aos andares

superiores dos hospitaes e das casas circumvizinhas. Com effeito, a collocação do reservatorio da zona alta da cidade no pequeno largo mencionado, que é o ponto culminante da cidade, não dispensava um castello d'agua com 12 a 15^{m} de altura. Ora é claro que todas as casas, que tivessem de ser abastecidas por este castello d'agua, não a poderiam receber se não durante uma pequena parte do dia, salvo o caso de não querer a empresa poupar-se a muito maiores despesas.

Além d'estas considerações outras houve que imperaram no animo melindroso do digno administrador dos Hospitaes, que não desejava que a empresa se utilisasse de qualquer terreno pertencente aos mesmos Hospitaes.

Esta nova proposta foi apresentada á camara e approvada em sessão de 15 de janeiro de 1878. A vantagem era toda para o serviço publico. O projecto ficava assim em muito boas condições. A empresa é que seria obrigada a muito maior desembolso, porque, tendo de augmentar o comprimento da conducta e o seu diametro, e bem assim o desenvolvimento dos tubos distribuidores, maior seria o custo das obras. A compensação d'este sacrificio estaria, comtudo, no melhor serviço e na melhor exploração, que resultaria para a empresa das disposições propostas.

Em 18 de janeiro do corrente anno escrevi um novo relatorio para ser adjuncto ao contracto, completando-o com o orçamento geral do projecto.

Pelo contracto effectuado com a camara, de que se lavrara escriptura publica, precedida da auctorisação da commissão districtal, sómente se obrigava o sr. dr. Costa Simões a constituir companhia e dar começo ás obras, quando previamente celebrado com o governo um contracto similhante pelo qual se garantisse á companhia um gasto diario de 80^{mc},00 d'agua, que seria distribuida pelos Hospitaes, Jardim Botanico, e demais estabelecimentos universitarios. Como compensação d'esta garantia e de algumas concessões que a camara e o governo faziam á companhia, dava-lhes esta a immensa vantagem de fornecer-lhes a agua

a razão de 50 réis o metro cubico, preço que jámais concedeu companhia alguma.

Pela nova proposta, apresentada á camara em 24 de março e immediatamente acceita por esta corporação, prescindiu-se ainda do accordo previo com o governo para o fornecimento referido, conservando-se porém aos estabelecimentos universitarios, bem como a todos os estabelecimentos e repartições publicas, a garantia de serem equiparados aos estabelecimentos pios e de beneficencia, os quaes têm direito a um abatimento de 50 por cento no custo da agua, que poderão gastar, quanta e quando lhes aprouver.

O merito d'este expediente está em se evitarem delongas e cortarem difficuldades, que encontraria aquelle accordo com o governo. Ao mesmo tempo não se impõe a ninguem um consumo obrigatorio e determinado, a não ser o constante do contracto feito com a camara.

Depende agora de muito pouco a conclusão d'este negocio, e para ella carece o governo de auctorisação legislativa. Com este fim representou a camara municipal, pedindo que fossem isentos dos direitos todas as machinas e materiaes importados do extrangeiro com applicação ás obras de que tracta o projecto, e cedida uma pequena porção de terreno na cêrca de S. Bento para a construcção da casa das machinas e officinas necessarias.

A primeira concessão jámais foi negada em condições eguaes. A segunda é por tal fórma insignificante, já pela extensão superficial que se pede (1500^{mq},00), já pela natureza do terreno, de que se tracta, completamente inutil para o Jardim e até hoje desaproveitado para a cultura, que não póde crer-se que deixe de ser feita, por obstaculos ou duvidas, nem da parte do governo, nem da parte da faculdade de Philosophia, cuja illustração poria em duvida quem a julgasse capaz de obstar ou mesmo de deixar de proteger uma empresa d'esta ordem. Estas mesmas concessões se achavam expressas na carta de lei de 15 de novembro de 1872, que approvou o primeiro contracto para o abastecimento d'aguas de Coimbra.

Parece-me, pois, poder tambem contar-se agora com a annuencia

do governo a este pedido, favorecendo assim na terceira cidade do reino a installação de um serviço da primeira necessidade publica, com o qual muitos estabelecimentos do estado lucrarão immensamente.

Tenho, por esta singela exposição, dado conta das phases e vicissitudes, por que tem passado a já antiga questão do abastecimento d'aguas de Coimbra. Tenho mostrado como, do tempo em que tive de intervir nella, fui natural e fatalmente levado de um projecto pequeno, limitado, exclusivo a uma só necessidade, a tractar de satisfazer as necessidades de uma grande cidade.

É que, se o fornecimento abundante d'agua é importante para qualquer centro de população, sóbe de ponto em Coimbra, onde deve considerar-se de primeira necessidade vital um grande uso d'aguas, unico meio de varrer e de limpar os seus absurdos canos de despejo, verdadeiros laboratorios de materias putridas, e fóco abundante de gazes deleterios.

Oxalá que á organisação d'este serviço se siga o do saneamento da cidade, não menos importante, tomando-se o exemplo de muitas outras, onde este ultimo serviço se acha montado conforme todas as regras da sciencia hygienica e economica, livrando-se a humanidade dos pessimos effeitos das emanações nocivas dos canos de esgoto, e aproveitando-se para a agricultura o manancial de riqueza, que aqui se desaproveita e se lança ao mar, depois de infeccionada larga area de terreno e todos os cursos d'agua que a cortam.

Pretendo agora demonstrar que a empresa das aguas de Coimbra, especulativamente considerada, offerece vantajoso emprego aos capitaes.

A importancia do orçamento das obras para a installação da companhia monta a 27:000$000 réis. Comprehende este projecto:

a construcção da casa das machinas;
a collocação do tubo filtrante no Mondego;
a construcção de um compartimento do reservatorio da Cumiada;

a collocação de 225^{ml},00 de tubo aspirador;
a collocação de 1596^{ml},00 de tubo impulsor;
a collocação de 2285^{ml},00 de tubos distribuidores com os calibres de 0^{m},08 até 0^{m},126;
a compra e assentamento de uma machina fixa, vertical, da força de quatorze cavallos-vapor, com a competente bomba de duplo cylindro.

O projecto foi concebido por fórma, que á medida da procura póde alargar-se a rêde de canalisações e augmentarem-se as obras, sem se inutilisar despesa alguma já feita.

Não contando o periodo da construcção, e os primeiros mezes depois da conclusão das obras, tempo durante o qual os capitaes da companhia terão de ser improductivos, os seus lucros variarão conforme as circumstancias em que se for achando a empresa. Podem, assim, considerar-se diversas hypotheses, como se vai ver.

1.º Caso.—Dando-se o accordo previo da companhia com a camara municipal e com o governo para o consumo obrigatorio de 135^{mc} d'agua diariamente, a empresa limita-se a este fornecimento, sendo 55^{mc},00 para a Camara; 25^{mc},00 para os Hospitaes; e 55^{mc},00 para o Jardim Botanico e diversos estabelecimentos universitarios.

Neste caso a despesa annual da companhia será:

Vencimentos de 1 machinista a 800 réis; de 1 guarda a 300 réis; de 2 serventes a 200 réis; e de 1 escrevente a 500 réis.....	730$000
Consumo de 71.540 kilogrammas de carvão a 8$000 réis a tonelada, calculado este consumo a 2 kilogrammas por cavallo e por hora, em sete horas de trabalho por dia.....	572$320
Somma e segue.....	1:302$320

Transporte.....	1:302$320
Custo de diversos materiaes, azeite, sebo, estopa, etc. e objectos de expediente	120$000
Conservação e usura da machina, tubagens e diversas obras = 2,5 por cento do custo do projecto....	675$000
Somma.....	2:097$320

A receita bruta da companhia será:

Producto da venda de 55^{mc} d'agua á Camara.....	1:000$000
Dicto de 80^{mc} á Universidade e Hospitaes a 50 réis	1:460$000
Somma.....	2:460$000
Rendimento liquido da companhia.....	362$680
Juro do capital empregado	1,34 %

Este caso, o mais desfavoravel para a companhia, é inadmissivel, porque não póde crer-se que não haja, desde a sua installação, consumidores particulares. Demais, a companhia, nos termos da sua proposta de 24 de março de 1879, prescinde do contracto previo com o governo, obrigando-se comtudo a fornecer toda a agua de que carecerem os diversos estabelecimentos publicos com um abatimento de 50 por cento sobre o preço ordinario d'ella. Nestas circumstancias podem ainda considerar-se diversos casos, a saber:

2.º Caso.— A companhia tem como consumidores da sua agua a camara municipal, gastando por dia 55^{mc},00; a Universidade, gastando sómente metade da agua mencionada no caso antecedente, sendo 12^{mc},50 para os hospitaes, e 27^{mc},50 para todos os outros estabelecimentos universitarios; finalmente diversos particulares consumindo 25^{mc},00 por dia. Total da agua a elevar e a distribuir diariamente = 120^{mc},00.

O volume d'agua, que a companhia tem de fornecer neste caso, é inferior ao do antecedente. Mas, para distribuir 25^{mc} d'agua pelas casas particulares, o que corresponde ao abastecimento de 250 casas, com a media do consumo mensal de 3^{mc}, terá de alargar a sua rêde de canalisações, e de augmentar as suas despesas de administração.

Sejam pois as despesas de installação:

Custo do primitivo projecto.....	27:000$000
Augmento de 1120^{ml} de novas canalisações, calculadas pelo custo medio do projecto, com mais 5 por cento para as curvas e cotovelos	1:975$050
5 por cento d'esta quantia para pagamento de serviços technicos	98$752
Somma.....	29:073$802

A despesa annual da companhia será:

Vencimentos de 1 machinista a 800 réis; de 1 escrevente a 500 réis; de 2 guardas a 400 réis; e de 4 serventes a 200 réis	1:058$500
Despesas com o pessoal da direcção e expediente ..	450$000
Materiaes (como no caso antecedente, suppondo ainda sete horas de trabalho diario, apezar de ser menor o volume d'agua pedido)	692$320
Conservação e usura da machina, das tubagens e das diversas obras=2,5 por cento da despesa.....	726$845
Somma.....	2:927$665

A receita bruta da companhia será:

Producto da venda de 55^{mc},00 á camara	1:000$000
Somma e segue.....	1:000$000

Transporte.....	1:000$000
Dicto da venda de 40^{mc},00 a diversos estabelecimentos universitarios a 100 réis.....	1:460$000
Dicto da venda de 25^{mc},00 a particulares a 200 réis o metro cubico	1:825$000
Somma.....	4:285$000

Rendimento liquido da companhia.....	1:357$335
Juro do capital empregado	4,66 %

Este resultado é já mais satisfactorio, apezar de muito desfavoraveis para a companhia as condições admittidas. Se, porém, no primeiro ou no segundo anno da sua installação não devem esperar-se melhores circumstancias financeiras para a empresa, é comtudo provavel que o consumo se vá alargando até dentro em pouco tempo chegar ao producto maximo da machina, em dez horas de trabalho diario.

Póde então considerar-se o seguinte:

3.º Caso.— A camara gasta mais 50 por cento do seu primitivo contracto. Os estabelecimentos universitarios continuam gastando os mesmos 40^{mc},00. O Seminario, Misericordia, Cadeias, Asylos, Collegios, etc., gastam egual quantidade d'agua. Os particulares compram 50^{mc},00 o que corresponde ao abastecimento de 500 casas, ainda com o volume medio de 3^{mc},00 por mez. Volume total a elevar e a distribuir = 212^{mc},50.

As despesas da installação elevar-se-hão neste caso, a:

Custo do primitivo projecto.....	27:000$000
Augmento de 3360^{m} de novas canalisações pelo custo medio do projecto, incluindo 5 por cento para curvas e cotovelos (a canalisação distribuidora medirá então 5.645^{m},00)	5:925$150
Somma e segue.....	32:925$150

Transporte.....	32:925$150
Accrescentamento dos armazens para combustivel e officinas	500$000
5 por cento das novas despesas para pagamento de serviços technicos	321$257
Somma.....	33:746$407

A despesa annual da companhia tornar-se-ha:

Vencimentos de 1 machinista a 800 réis; de 1 fogueiro a 500 réis; de 4 guardas a 400 réis; de 8 serventes a 200 réis; e de 1 mestre serralheiro a 700 réis	1:898$000
Pessoal da secretaria	500$000
Despesas do pessoal da direcção e do expediente ..	1:600$000
Custo de 102.200 kilogrammas de carvão para dez horas de trabalho, e sebo, azeite, estopa, etc....	1:057$600
Conservação e usura da machina e das tubagens diversas; 2,5 por cento das despesas.....	844$100
Somma.....	5:899$700

A receita bruta da companhia será:

Venda á camara de 82^{mc},50 d'agua	1:500$000
Dicta aos estabelecimentos universitarios, 40^{mc} a 100 réis o metro cubico.....	1:460$000
Dicta a diversos outros estabelecimentos publicos e de beneficencia, 40^{mc} a 100 réis	1:460$000
Dicta de 50^{mc} a particulares a 200 réis o metro cubico	3:650$000
Somma.....	8:070$000

Rendimento liquido da companhia.....	2:170$300
Juro do capital empregado	6,43 %

Esta remuneração é já convidativa; e no emtanto é d'este momento em deante que mais crescerão os lucros da companhia. Considere-se, pois, o caso seguinte:

4.º Caso.—Augmenta o consumo particular, conservando-se o mesmo o da camara e dos estabelecimentos publicos. A companhia tem de fornecer 300^{mc} d'agua por dia, sendo 137^{mc},5 a particulares, o que corresponderá a 1031 casas com o abastecimento medio de 4^{mc} por mez, ou 133 litros por dia.

Neste caso um unico compartimento do reservatorio da Cumiada satisfará plenamente ao serviço, por ter uma capacidade de mais do triplo da agua fornecida diariamente. Bastará tambem um unico tubo filtrador, cujo producto de filtração será superior ao exigido. Os calibres dos tubos aspirador e impulsor serão ainda sufficientes. A machina poderia tambem satisfazer ás exigencias do serviço trabalhando quinze horas por dia; mas este grande trabalho fatigal-a-ia consideravelmente, e poderia occasionar desarranjos e interrupções muito prejudiciaes. Convirá neste caso montar uma segunda machina com o seu apparelho hydraulico e tubo aspirador independentes. Ao mesmo tempo deverá elevar-se ao duplo do caso antecedente o desenvolvimento da rêde de canalisações, e augmentar-se muito a casa para as machinas, armazens e officinas.

As despesas da companhia subirão assim a:

Custo do primitivo projecto.....	27:000$000
Augmento de 6720^{ml} de canalisações pelo custo medio do projecto, com mais 5 por cento para curvas (a extensão total da rêde de canos será então de 9.005^{m},00).....	11:850$300
225^{m},00 de tubo aspirador.....	538$875
Accrescentamento da casa das machinas e armazens	1:200$000
Somma e segue.....	40:589$175

Transporte.....	40:589$175
Compra e assentamento de uma segunda machina e apparelho hydraulico.....	2:712$785
5 por cento das novas despesas para pagamento de serviços technicos.....	815$980
Somma.....	44:117$940

A despesa annual da companhia deverá orçar por:

Vencimentos de 2 machinistas a 800 réis; de 2 fogueiros a 500 réis; de 5 guardas a 400 réis; de 10 serventes a 200 réis; e de 2 mestres serralheiros a 700 réis.....	2:920$000
Pessoal da secretaria.....	720$000
Pessoal da direcção e despesas de expediente.....	2:120$000
163.520 kilogrammas de carvão (suppondo que cada machina trabalha oito horas por dia), sebo, azeite, estopa, etc.....	1:548$160
2,5 por cento de todas as despesas para usura e conservação das machinas, tubagens, etc.....	1:102$948
Somma.....	8:411$108

A receita bruta da companhia será:

Producto da venda á camara de 82^{mc},50 d'agua..	1:500$000
Dicto de 40^{mc},00 aos estabelecimentos universitarios a 100 réis o metro cubico.....	1:460$000
Dicto a diversos outros estabelecimentos publicos e de beneficencia.....	1:460$000
Dicto de 137^{mc},50 a particulares a 200 réis o metro cubico.....	10:037$500
Somma.....	14:457$500

Rendimento liquido da companhia.....	6:046$392
Juro do capital empregado.....	13,70 %

Este juro é sufficientemente elevado e naturalmente animará a companhia á execução de todas as obras, que formam o projecto geral para o completo abastecimento d'aguas de Coimbra. .

Comprehendendo este projecto o grande reservatorio da Cumiada, o da zona baixa da cidade e 12 kilometros de diversas canalisações, não contando as canalisações particulares das casas e edificios fornecidos d'agua, importará, quando muito, em réis 90:000$000.

É facto averiguado que nas cidades, onde está montado o serviço da distribuição d'aguas, o seu consumo augmenta sempre, e é tanto maior quanto mais populosas são essas cidades.

As ultimas estatisticas sobre o consumo d'agua em dezesete das principaes cidades dos Estados Unidos mostram que a media da agua consumida por dia e por habitante ascende alli á enorme cifra de 215l,95. Está sobejamente demonstrado que 95 litros d'agua, por dia e por habitante, satisfazem largamente a todos os usos domesticos, incluindo os banhos.

Supponha-se que a media do consumo d'agua chegou aqui a 100 litros, sendo 50 pagos directamente pelos particulares, e os outros 50 pelo municipio, pelas diversas repartições e pelas industrias.

O ultimo censo de 1878 deu para as quatro freguezias da cidade, Sancta Cruz, S. Bartholomeu, Sé Velha e Sé Nova, uma população de 13.904 habitantes, em 3.377 fogos. A extensão dos largos, ruas, travessas e beccos de Coimbra anda por 15 kilometros. O numero das casas, dentro do recinto aonde a companhia é obrigada a levar as suas aguas, orça por 1880, e poderão contar-se 2000 incluindo as das freguezias de S. Francisco da Ponte e de Sancto Antonio dos Olivaes, que podem tambem ser fornecidas d'agua.

Com estes dados póde considerar-se o seguinte:

5.º Caso.—12000 habitantes consomem diariamente 600mc,00 d'agua, o que equivale ao abastecimento de 1500 casas com a media mensal de 6mc,00. A camara municipal e diversos estabe-

lecimentos publicos e industriaes gastam outros 600mc,00. A importancia total das obras é de 90:000$000 réis.

As despesas annuaes da companhia serão então:

Pessoal e material (o quintuplo do calculado para o 4.º caso)	42:055$540
Conservação e usura das machinas, etc.....	2:250$000
Somma.....	44:305$540

Receita bruta da companhia:

Venda de 300mc,00 á camara e diversas repartições a 50 réis o metro cubico	5:475$000
Dicta de 300mc a diversas repartições e ás industrias a 100 réis o metro cubico	10:950$000
Dicta de 600mc a particulares a 200 réis o metro cubico	43:800$000
Somma.....	60:225$000

Rendimento liquido da companhia	15:919$460
Juro do capital empregado	17,68 %

Este lucro é por tal fórma excessivo, que permittirá á empresa baixar muito o preço da agua, offerecendo sempre um vantajoso emprego aos capitaes.

Tenho, me parece, dado resumida idêa das vicissitudes e crises por que tem passado o antigo projecto de abastecimento d'aguas de Coimbra, mostrando ao mesmo tempo que não serão perdidos, nem improductivos, os fundos que lhe forem applicados.

Graças á perseverança e aos intelligentes esforços do sr. dr. Costa Simões, julgo achar-se proxima a realisação d'este grande melhoramento para Coimbra.

Que sirva o que deixo escripto de solemne protesto do muito que a cidade deve a este prestante cidadão, e do agradecimento que sinceramente lhe tributo por me haver facultado os meios de concorrer para tão util empresa.

Coimbra — outubro de 1879.

ADOLPHO LOUREIRO.

PATHOGENIA DA ICTERICIA GRAVE

(Continuado do n.º 4, pagina 161)

SEGUNDA PARTE

Na segunda parte d'este trabalho occupar-me-hei da pathogenia da lesão, isto é — da relação que ha entre a genese da lesão e a causa que a origina, e que noutros termos se designa por — *natureza da molestia;* e em seguida tractarei da pathogenia dos seus symptomas mais importantes, entre os quaes avultam os phenomenos nervosos.

Mas como hei de ter de invocar alguns factos da physiologia do figado, sobre que tem havido differentes discussões; e como a concepção do funccionalismo de cada uma das suas partes depende dos dados que a histologia nos fornece sobre a constituição do orgão, julgo conveniente apresentar resumidamente os factos fundamentaes de histologia e physiologia hepatica, que me parecem mais acceitaveis no estado actual da sciencia e que hão de servir de base ao estudo da pathogenia da ictericia grave.

Algumas noções de histologia e physiologia do figado, como orgão secretor da bilis

Por mais d'um motivo se nos apresenta o figado como uma glandula excepcional entre todas as outras do organismo.

A enormidade do seu volume; o seu desenvolvimento tão precoce que num embryão de tres semanas a um mez occupa elle de per si a maior parte do abdomen [1]; a dupla irrigação sanguinea,

---

[1] Sappey — *Anat. descrip.*, 4.º vol.

arterial e venosa, pela arteria hepatica, por alguns ramos das arterias coronaria estomachica e diaphragmatica inferior, pela veia porta e veias portas accessorias; a particularidade de sustentarem os canaes glandulares em suas paredes grande numero de glandulas em cacho que Sappey assemelha a plantas parasitas que vivem sobre o tronco e á custa da arvore mãe; tudo isso são caracteres proprios do figado: mas accresce ainda um caracter histologico, que de per si seria sufficiente para estabelecer uma differença profunda entre o figado e todas as glandulas conglomeradas.

Em quanto que estas se dividem em lobulos que progressivamente se vão dividindo em lobulos cada vez menores até chegar á ultima divisão do tecido glandular, pelo contrario o figado chega, por meio da capsula de Glisson, logo d'uma vez, ao seu estado de maior segmentação.

O lobulo hepatico é, ao mesmo tempo, o maior e o menor segmento da glandula hepatica; estudado o lobulo histologica e physiologicamente, teremos completado o estudo do figado inteiro.

A sua complicação histologica e physiologica é tambem excepcional.

Sem proceder a um estudo completo do lobulo hepatico, o que nos cumpre conhecer, para a questão que nos occupa, é—a relação em que os canaliculos biliares estão com as cellulas hepaticas e o papel que cada um d'estes elementos representa na formação da bilis.

Os canaliculos ou capillares biliares são as ultimas ramificações dos ductos biliares que se vão dividindo successivamente até aos espaços interlobulares e se continuam depois por capillares finissimos por entre as cellulas hepaticas dentro de cada lobulo; no trajecto que seguem desde a vesicula biliar até aos espaços interlobulares apresentam uma modificação notavel no epithelio, pois que sendo os mais grossos revestidos internamente por epithelio cylindrico, logo que se estreitam mais, este epithelio é substituido por um epithelio de cellulas cubicas.

A rêde capillar biliar, demonstrada, como já disse por Gerlach e

Brucke (1859) por meio de injecções, confirmada depois por Andrejevie (1861), Mac Gillavry (1864) e principalmente por Hering (1866), tornou-se d'um conhecimento vulgar e unanimemente acceita.

— Permaneceu comtudo uma duvida que tem sido resolvida em dois sentidos oppostos, e é a seguinte:

Os canaliculos biliares têm paredes proprias, insinuando-se por entre as cellulas hepaticas que elles afastam? Ou a chamada rêde capillar biliar é a reunião de sulcos formados por depressões longitudinaes das cellulas hepaticas, similhantemente aos sulcos que deixam excavados no terreno as raizes das arvores, penetrando através das suas differentes camadas?

Alguns histologistas, entre os quaes se contam os nomes de Eberth, Hering, Henle, Kölliker [1] e Charcot [2], seguiram a opinião de que os capillares biliares não têm paredes proprias, e que o que nas preparações histologicas se nos apresenta como rêde capillar biliar são lacunas intercellulares ou sulcos excavados nas cellulas hepaticas que juxtapondo-se a sulcos correspondentes nas cellulas contiguas constituem assim os canaes biliares.

Todavia eu vejo razões poderosas que nos fazem seguir a opinião opposta.

Não ha em toda a economia exemplo algum de cellulas que tenham uma tal tenacidade de fórma, que a não affeiçoem ás pressões que supportam; se assim é, não é crivel que no figado, onde as cellulas soffrem pressões tão importantes pela compressão do diaphragma e dos intestinos e pela pressão sanguinea no figado, as cellulas hepaticas conservem nas suas paredes com a maxima regularidade os sulcos ou lacunas intercellulares, donde resultem os capillares biliares.

Cornil [3] e Hanot [4] demonstraram que nalguns casos de cirrhose

---

1 Kölliker — *Histol.*, traducção franceza, 1870, pag. 568.

2 Charcot — *Obra cit.*

3 Cornil — *Archives de physiol.*, 1871.

4 Hanot — *Étude sur une forme de cirrhose hypertrophique du foie — These de Paris*, 1876.

os canaliculos biliares se acham augmentados de volume e cheios de cellulas epitheliaes.

E não fallo na observação de O. Wyss [1] que nalguns casos de retenção biliar achou, na substancia dos lobulos, calculos ramosos, verdadeiros moldes dos canaes biliares; por que esse facto é compativel com qualquer das duas opiniões — de terem ou não terem os capillares biliares paredes proprias.

Já de ha muito se conhecem os vasos aberrantes, que se encontram principalmente nas partes do figado que tem soffrido uma compressão forte e permanente; os vasos aberrantes do figado não são, como o seu nome parece indical-o, canaliculos biliares, que *erradamente* se vão distribuir num logar onde não ha cellulas hepaticas; Sappey e todos os histologistas modernos insistem em que pela compressão se deu a atrophia de alguns lobulos hepaticos (isto é) das suas cellulas e que os canaes biliares que iam ahi distribuir-se, se conservaram e se hypertrophiaram; — prova segura, a meu ver, de que os capillares biliares têm paredes proprias e são anatomicamente independentes das cellulas hepaticas.

Mas o que me parece cortar a questão é a memoria de Legros, apresentada na Academia das sciencias de París em 1870, e publicada em 1874 no *jornal de anatomia e physiologia de Robin* (pag. 137).

Legros fazia penetrar nas vias biliares uma injecção composta d'uma solução de gelatina com $^1/_{600}$ de nitrato de prata; e por meio d'este processo pôde apreciar a parede dos capillares biliares, e reconheceu que eram tapetados por cellulas achatadas, ligadas entre si por uma substancia intercellular, que era córada pelo nitrato de prata.

Legros morreu; e se as suas experiencias não têm sido repetidas, não me consta tambem que tenham sido infirmadas por observações positivas.

---

[1] *Wirchow's Archiv.*, 1866, pag. 135 (citação de Charcot).

Frey [1] e Robin sustentam com observações proprias que os capillares biliares têm paredes proprias.

Robin [2] diz: — «que nos canaes interlobulares o epithelio não é tão nitidamente prismatico como nos ramos do canal hepatico propriamente dicto; mas que nos *canaliculos intralobulares* o epithelio se torna francamente pavimentoso, de cellulas delgadas, compondo a parede dos canaliculos secretores pela sua juxtaposição intima, *formando assim um orgão distincto d'aquelle que, muito mais volumoso, é constituido pelas cellulas hepaticas, propriamente dictas.*»

Alguns auctores vão mais longe e querem estabelecer uma distincção anatomica e physiologica entre o apparelho biliar e o apparelho hepatico, sendo o primeiro constituido pelos canaes biliares e destinado á formação da bilis, e representando o segundo uma glandula vascular sanguinea formada pelas cellulas hepaticas, interposta á primeira e sustentada por ella, e destinada á funcção glycogenica.

Kuss e Morel recorrem ao desenvolvimento embryologico do figado, para justificar a distincção anatomica; pois que começam a desenvolver-se gomos mais longos e espaçados, similhantes aos das glandulas de Lieberkühn, que constituem os futuros canaes biliares, vindo desenvolver-se entre elles a glandula vascular sanguinea, constituida pelas cellulas hepaticas.

Accolas [3] chegou á mesma conclusão por considerações tiradas da pathologia, fazendo notar que na cirrhose do figado (que pela hypertrophia do tecido conjunctivo destróe as cellulas hepaticas comprimindo-as) a secreção biliar continúa, por que a ictericia persiste e a autopsia revela a existencia de bilis nos canaes biliares; e que na degenerescencia gordurosa do figado, quando as cellulas hepaticas perderam a sua aptidão funccional por se trans-

---

1 Frey—*Traité de histol.*, traducção franceza, 1871, pag. 609.

2 Ch. Robin—*Du microscope*, 1871.

3 P. A. Accolas—*Thèse de Strasbourg*, 1867.

formarem em cellulas adiposas, se encontra ainda bilis em quantidade notavel na vesicula e canaes biliares.

Acceitando a distincção anatomica entre o *figado biliar* e o *figado vascular sanguineo,* julgo tambem que cada um d'estes apparelhos têm funcções distinctas, mas que ambos cooperam, cada um a seu modo, na formação da bilis.

É o que vai deduzir-se da analyse a que vamos proceder.

(Continúa)

J. A. DE SOUSA REFOIOS.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

A ***

Oh! Quando tua alma ingenua,
—Flor celeste em vaso de oiro,
—Flor de aroma rescendente,
—Flor que é mais do que um thesoiro;

Quando teu seio de pomba,
Meigo e puro, doce e casto,
Se abrir aos ternos effluvios
D'um amor ardente e vasto;

Tu, lirio exempto da espuma
D'este mar de acerbos prantos;
Tu, que nos prendes a vista
No esplendor de teus encantos,

Pensa então no bardo ignoto,
Que ao ver-te os mimos e a graça,
Toma a lyra, a custo a afina,
Solta um ai, suspira e passa...

LUIZ CARLOS.

ELOGIOS HISTORICOS

III

ELOGIO HISTORICO [1]

DO SOCIO

Francisco Antonio de Mello

PELO SOCIO

Francisco de Castro Freire

Não extranheis, senhores, que nesta reunião solemne, consagrada unicamente á commemoração dos nossos socios finados, venha eu, para quem são desconhecidas as flores da eloquencia, occupar este logar, e não hesite — invocando os direitos, ou antes os deveres da amizade — em pagar, em vosso nome, uma divida de saudade e lagrimas á memoria do nosso fallecido socio, o sr. Francisco Antonio de Mello.

Não o extranheis, senhores. Tendo sido forçado pelos titulos sagrados da amizade a seguir até ao jazigo funebre o feretro d'este nosso consocio, um dos poucos amigos da infancia que a morte me havia poupado: tendo sido forçado a dar a volta á chave fatal, que para sempre, cá na terra, me escondeu, com os restos mortaes

---

1 Este *elogio historico* foi recitado em sessão solemne de 1 de abril de 1849 junctamente com o antecedente, e publicado tambem no n.º 1 das *Memorias do Instituto da Academia Dramatica*. Posteriormente foi posto á frente da segunda edição da traducção das *Minhas Prisões* de 1856, que se acha exhausta.

do amigo, um coração que chorava com as minhas maguas e que se comprazia com as minhas venturas; um coração onde palpitaram constantes os sentimentos da mais firme e nunca desmentida affeição: cumpria-me por isso tambem lançar aqui hoje, primeiro que todos, sobre o seu tumulo, e depois de regadas com as minhas lagrimas, as flores da saudade, que vós, pela maior parte mancebos cheios de vida, trouxestes em tributo espontaneo a esta festa dos mortos.

Além disto, senhores, sigo assim, como me é dado, uma nobre practica encetada nesta casa por occasião de se memorar a perda do primeiro dos nossos socios, que a morte nos roubara [1]; sigo uma practica que vós hoje acabais de ver imitada pelo eloquente e digno socio que me precedeu [2].

Sei que a minha voz é frouxa, e que mal poderá desenhar em quadro breve uma vida curta sim, mas abundantemente entretecida de virtudes e talentos; anima-me porém a esperança de que a verdade dos traços, e a expressão sincera da minha dor, supprirão em parte este defeito.

No reino do Algarve e na cidade de Tavira nasceu aos 17 de outubro de 1804 o nosso chorado socio, o sr. Francisco Antonio de Mello, de paes não abastados em bens da fortuna, ricos, porém, de sentimentos christãmente virtuosos e honrados. Alli, imbuido desde então nestes sentimentos,—que, plantados desveladamente em seu tenro coração, se radicaram como em terreno proprio, e cresceram depois viçosos debaixo d'aquelle sol mais criador, a

---

1 Allude-se ao elogio historico do socio, o sr. João de Vasconcellos Pereira Coutinho de Mendonça Falcão, recitado pelo socio, o sr. Manuel Maria da Silva Bruschy, publicado no n.º 6 da *Revista Academica* e depois reproduzido no n.º 3 d'este jornal.

2 O sr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu, que nesse mesmo dia recitou o elogio historico do socio do Instituto, o sr. Henrique José de Castro, inserto no nosso n.º antecedente.

ponto de não vergarem nunca com as tempestades das paixões nem com as seducções dos máos exemplos, — passou o nosso consocio a sua infancia até á edade dos onze annos, tendo concluido por esse tempo o estudo das primeiras letras, para o qual mostrou grande amor e inclinação.

Regressava por essa epocha das suas viagens scientificas, que por ordem do nosso governo fizera pelo interior da França, pela Hollanda, Belgica e Italia, seu tio, o sr. Manuel Pedro de Mello, lente de Mathematica nesta Universidade. Este homem extremamente amavel, este sabio distincto, de quem eu me ufano de ter sido discipulo, e a quem devi, em memoria ás cinzas de meu pae, amizade e protecção; — reunia á celebridade do seu nome, entre conterraneos e extranhos, como mathematico abalisado, consummado philosopho, habil e experiente engenheiro e litterato profundo — solida religião e todas as virtudes sociaes que d'ella derivam; distinguindo-se entre estas as de bom parente e soccorredor de sua familia. Assim um dos seus primeiros cuidados, logo depois da sua volta, foi o de chamar para esta nossa Coimbra e para juncto de si aquelle sobrinho, que, na boa estreia dos seus primeiros estudos, deu abonos de distincção para os estudos superiores e para as sciencias.

Estas esperanças não falharam; e ao passo que o nosso socio ia percorrendo brilhantemente o circulo dos estudos preparatorios no tracto com o seu virtuoso tio, e nos exemplos contínuos que este lhe dava, fortificava-se nos bons e sãos principios da sua primeira educação, e adquiria essa urbanidade singela e affavel, que, unida a muita bondade e grandeza d'alma, formaram depois aquelle seu caracter, pelo qual, apezar de um exterior melancolico e, á primeira vista, talvez pouco attractivo, elle se tornou summamente sympathico para todos os que o conheceram.

Hesitando entre o estudo das mathematicas, para as quaes tinha reconhecida aptidão, e o de medicina, decidiu-se por esta ultima sciencia. Longo, porém, e cheio de angustias foi o periodo d'esta sua terceira epocha litteraria.

As idêas de reforma e liberdade que no anno de 1820 começaram a ser proclamadas no nosso paiz acharam echo prompto e facil nos corações virgens dos mancebos que então frequentavam a nossa Universidade, e que, embalados nos sonhos de Esparta e Roma, e sem poderem avaliar ainda os muitos descontos que devem dar-se nas cousas humanas, levavam na força do seu enthusiasmo as theorias liberaes ás suas consequencias mais exaggeradas. Assim a reacção, que estas idêas soffreram em 1823, devia encontrar muitos d'estes corações insoffridos, e como abafando debaixo de idêas retrogradas. Já então o nosso Portugal começava a ser victima dos odios e dissenções politicas, que, por mal nosso, o têm dilacerado tanto, e promettem, se Deus se não dóe de nós, de o levar á sua ultima ruina, e de o riscar do numero das nações. Por occasião de uma festa academica, em que se celebravam as ultimas mudanças, commetteram-se imprudencias e perpetrou-se um crime. Os rastos d'este não se poderam descobrir: mas as imprudencias trouxeram em resultado a prisão de grande numero de academicos, pela maior parte innocentes.

O nosso socio foi uma das victimas, e teve de ver por este motivo interrompida a sua carreira litteraria, até que outra phase politica, lançando o véo da amnistia sobre estes acontecimentos, o restituiu á liberdade. No entretanto sobreviveu para atormental-o uma molestia fatal na sua familia, da qual se pôde escapar, não evitou comtudo que d'ella se lhe originassem os primeiros symptomas de novas enfermidades, que, progredindo pouco a pouco e amargurando-lhe successivamente a existencia, conseguiram mais tarde roubal-o á vida na flor dos annos.

E não bastava tudo isto para provar a sua paciencia. Seu tio, aquelle segundo pae carinhoso, que lhe havia proporcionado a espectativa de um futuro lisongeiro, foi tambem victima innocente em 1828 das nossas fataes dissenções. Homiziado, para evitar maior perseguição, na casa generosamente hospitaleira do virtuoso capitão-mór de Murtede, o sr. Antonio José Affonso, e alli, quasi sempre separado de sua virtuosa esposa, de um filho innocente e

do seu querido sobrinho, arrastou attribulado, apezar dos carinhos e assiduos cuidados d'aquella boa familia, uma pesada existencia de quatro annos decorridos até ao dia 13 de abril de 1833, em que uma apoplexia fulminante o roubou á vida na edade de sessenta e oito annos.

Se nesta lucta com as enfermidades do corpo, e com as dores d'alma ainda mais pungentes, não afrouxou a paciencia do nosso consocio; é certo que o seu espirito avergou um pouco com tanto peso, e dahi lhe proveio aquelle ar de resignada melancolia e uma certa timidez, bem natural ás almas sensiveis, quando se lhes rasga o véo das doces illusões e encaram finalmente o mundo real e descarnado com todas as suas miserias. A esta timidez porventura, e em muito grande parte ainda aos tristes preconceitos politicos, devemos attribuir o não se haver feito devida justiça ao seu merito litterario nos ultimos annos da sua formatura.

Concluida esta, e seguindo-se logo a morte do seu bom tio, não hesitou, por gratidão ás suas cinzas, em unir a sua sorte á da viuva e filho do seu bemfeitor, aos quaes prestou sempre todo o amparo que coube em suas forças, e consagrou até á morte o mais extremoso affecto.

Data de então a sua vida clinica, a qual encetou como ferveroso sacerdote. Mal convalescido ainda da cholera-morbus, que então com os outros dois flagellos de Deus, parecia querer acabar com esta nossa terra, e chamado para dirigir um hospital, que para os enfermos d'esta epidemia se organisara no convento de S. Francisco da Ponte, acudiu logo; e caridoso e desvelado occupou-se todo, *não só em soccorrer* os doentes com os remedios da arte, mas tambem em dirigir e zelar os escassos soccorros, que para a sustentação d'aquelle hospital lhe foram consignados.

Tereis visto, senhores, o retrato que o sabio e virtuoso Hufeland fez do homem que desempenha, como deve, o sacerdocio da Medicina, não menos respeitavel que o sacerdocio dos altares. Este retrato — ouso dizel-o — é o do meu amigo, o do socio que hoje choramos. E se não — interrogae a memoria ainda fresca da maior

parte das familias d'esta cidade, não só as abastadas, mas as mais pobres e desvalidas, que todas, com uma só voz, responderão: que não conheceram nunca medico que o excedesse no desapêgo a idêas de interesse; no desvelo pelos seus doentes; na assiduidade e attenção que lhes prestava; na caridade com que os ouvia; e na consolação que sabia derramar pelos corações dos que os cercavam. Nem os progressos das suas enfermidades poderam afrouxar o zelo, com que desempenhou sempre as obrigações d'este seu ingrato ministerio; zelo excessivo, ao qual se deve talvez a mais breve terminação dos seus dias.

Foi com estes titulos, que elle grangeou a estima geral, e que se tornou bemquisto de todos os partidos, sem que á influencia d'estes, mas sim d'aquella, se deva attribuir a sua eleição para os cargos de conselheiro do municipio e do districto, que por vezes occupou.

E de tudo isso ainda lhe sobravam horas que dedicava ao estudo das boas letras, e principalmente ao da nossa bella lingua portugueza. Esta escolha de estudos, com que se feriava das suas occupações, revelam o quanto era de bem formada a sua alma, e quão grande era o seu patriotismo, porque vós bem sabeis, senhores, que no amor da nossa lingua vai a dóse maior do amor pela terra e pelas cousas da patria.

Na aturada lição dos nossos classicos adquiriu elle colheita abundante de linguagem pura; e nestes pontos chegou o seu voto e o seu conselho a ser de grande peso para os muitos que o consultavam. No exercicio de traduzir e verter para a língua patria os bons escriptos das alheias, ganhou avultado cabedal dos conhecimentos practicos da propriedade, copia, indole e mysterios dos termos da nossa lingua. Como provas ahi nos deixou nessas publicações periodicas que sahiram á luz debaixo da responsabilidade do Instituto, algumas das formosas paginas que tanto acreditaram aquellas publicações.

Lêde, senhores, no primeiro volume da *Chronica Litteraria,* a traducção do hespanhol para excellente portuguez de um artigo

sobre Mr. de Lamartine, no qual se dá o verdadeiro apreço ao merito sublime, como poeta, do cantor das *Meditações* e das *Harmonias religiosas*.

Lêde aquelle seu Prefacio á versão do italiano das *Minhas Prisões*, de Silvio Pellico, de que logo fallarei, d'esse prefacio que, segundo lhe escrevia o nosso socio e maximo litterato, o sr. Agostinho de Mendonça Falcão, era bastante só por si para documento sobejo das suas muitas virtudes, e dos dotes innegaveis para escriptor da lingua portugueza.

Lêde, finalmente, no segundo volume da *Chronica*, aquella traducção das —*Lagrimas de Elisa*— d'esse trecho tão sentimental e melancolico, d'essa epopêa de dores e angustias por que passa o pobre coração de uma mulher sacrificada barbaramente nas mais doces affeições do seu coração.

Tambem cultivou com aproveitamento os amenos campos da poesia, porém aquella sua timidez e natural modestia levaram-no a rasgar ou queimar a maior parte d'estas producções. Sómente em alguns d'esses livros, que hoje se consagram ás preciosas memorias da amizade, escaparam alguns fragmentos: e eu bem desejara, senhores, poder repetir-vos aqui alguns d'elles; — um principalmente em que elle derrama, em sentidos versos, religiosas consolações no coração de uma triste mãe viuva, que só com balsamos d'estes tem podido mitigar a saudade de um filho virtuoso e unico, nosso commum e nunca esquecido amigo da infancia, morto no viço da edade e das esperanças mais lisonjeiras [1]; — quizera repetil-o equi, para que melhor podesseis avaliar a tempera sonora d'aquella alma sensivel.

E voltando agora áquella sua traducção das *Minhas Prisões*, o maior florão da sua corôa litteraria; eu não vos cançarei em elogiar,

---

[1] Manuel Matthias Vieira, repetente e bacharel formado na faculdade de mathematica, onde se distinguiu por seus talentos, e foi premiado em todos os annos. Morreu no dia 29 de abril de 1834, aos vinte e cinco annos de edade. Jaz na capella do extincto collegio de Sancta Rita de Coimbra.

com os nossos Castilhos e primeiros litteratos, o aprimorado merecimento d'aquelle seu trabalho, nem em tecer o panegyrico d'aquelle livro, que attrahiu a sua escolha, d'aquelle verdadeiramente livro de oiro, repassado, desde a sua primeira até á ultima pagina, de sincera e ardente religião, de amor practico de Deus e dos homens; e que, segundo a phrase de ûm escriptor francez,—mundano e terrestre como é, captivando pela sua realidade, interessando como romance, póde sem receio depositar-se em todas as mãos, até nas de uma virgem no dia mesmo da sua communhão.

O nosso socio, a quem a leitura d'aquelle livro fez derramar lagrimas de ternura por mim presenciadas, bemdisse a Providencia pelo presente que lhe enviara, e considerando o auxilio e conforto que a sua leitura poderia levar aos tantos corações que soffrem,—os rancores e malquerenças que poderia destruir, protestou logo traduzil-o, e com animo caridoso, e a instancias de amigos, decidiu-se a publical-o.

O Instituto soube apreciar a tempo tanto merito e tantos talentos, e pôde honrar-se com todos estes seus trabalhos, tendo escripto, logo na sua installação, o seu nome entre os dos seus socios. Nesta obra sancta da civilisação pela arte, foi elle um dos obreiros os mais assiduos.—Censor quasi perpetuo das publicações litterarias do Instituto, desempenhou este cargo com o mesmo zelo que applicava a tudo o que se lhe incumbia.—Censor de algumas peças dramaticas, apresentou sempre o seu parecer com a consciencia do homem probo, que, não se deixando prender por cantos de sereias, não receia, quando é preciso, vir apontar com o dedo para a immoralidade escondida debaixo de flores.—Finalmente, não só foi, como já fica dicto, collaborador, senão tambem, muitas vezes, redactor dos nossos periodicos litterarios.

Porém, senhores, o aperto do tempo força-me a deixar em silencio muitos outros louvores, que eu poderia ir buscar á sua vida publica e privada,—e a desenrolar deante de vós a ultima pagina luctuosa da sua vida.

A morte, que ao principio insidiosamente atacara o nosso socio,

havia-se adeantado a passo largo, e já nos fins de 1845 estivera a ponto de lhe cortar os fios da vida. Fez então uma pequena pausa; porém elle não se illudiu, e conhecendo que era com o fim de descarregar golpe mais seguro, tractou de preparar-se para a jornada da eternidade, fazendo no principio de 1846 uma confissão geral, e soccorrendo-se á sua fé, cada vez mais viva nos auxilios da religião, para arrostar com as angustias que já então soffria, e que estava certo haviam de crescer progressivamente.

Não vos affligirei, senhores, demorando-me na descripção d'estes lances dolorosos; e só para que d'elles façais leve idêa,—accrescentarei que nas vesperas da sua morte elle se viu obrigado a prescindir do unico refrigerio que ainda lhe restava, o da companhia e consolações dos seus amigos, porque os amigos lhe roubavam o ar, cuja falta lhe dava as ancias da morte.

E a morte, que elle já invocava como libertadora, veiu finalmente acabar com os seus tormentos, e desprender para o seio de Deus a sua alma involta, nas consolações da religião e nas orações dos seus amigos.

Foi no dia, para mim nunca esquecido, 14 de janeiro de 1847.

O seu testamento foi o epilogo de uma vida tão virtuosa. Escripto com a consciencia da morte proxima, e com a hora marcada quasi profeticamente, são nelle para edificar, e para fazer correr lagrimas dos corações os mais frios, as palavras de compuncção com que aquelle Anjo se humilha perante a Bondade Suprema, e lhe pede perdão de suas culpas e fragilidades; as palavras com que honra a memoria dos seus virtuosos paes e parentes, aquellas que dirige agradecido á viuva do seu bemfeitor e á sua familia pelos cuidados e carinhos com que o tractaram na sua doença.

Na repartição dos seus poucos haveres quiz pagar todas as suas dividas de amizade e gratidão. Os seus intimos receberam penhores da sua affectuosa saudade. A mim legou-me, entre outras memorias, uma obra de suas mãos, concluida oito dias antes da sua morte, e que então pela primeira vez me esteve mostrando placidamente, occultando-me o seu destino!!

A confraria da Misericordia, de que era medico e irmão, o acompanhou com as honras funebres até ao seu jazigo, que, por sua disposição, foi o adro lageado da egreja do mosteiro de Sancta Clara. Parece que a sua alma queria regosijar-se com a idêa de que as orações d'aquellas boas freiras, que amava como irmãs, reboando pelo templo e misturadas com os solemnes sons do orgão, sahiriam pelo portal e viriam bater sobre a sua loisa para de lá se repercutirem para o céo.

O aspecto dos que acompanhavam o prestito funebre era profundamente triste; — ouviram-se muitos elogios; — correram muitas lagrimas, e estas eram misturadas com as de muitos pobres, a quem elle tinha tractado e soccorrido.

Concluirei, senhores, repetindo uma passagem, que ha pouco encontrei no nosso Fr. Amador Arraes, num exemplar que pertenceu ao meu amigo, e a qual, marcada por elle com um signal, nos servirá, como estou certo serviu a elle, de refrigerio. Diz assim: «—*Ditoso o que passa por dores e tribulações, e nesta vida é exercitado como em um campo de paciencia e uma contenda de gloria.*»—

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

PUBLICAÇÕES OFFERECIDAS AO INSTITUTO

Foram recebidas e se agradecem as obras seguintes:

Compendio de desenho linear elementar para uso dos alumnos de instrucção primaria e em geral dos principiantes de desenho, com um appendice disposto segundo o programma official para os exames dos candidatos ao magisterio primario, por José Miguel d'Abreu, professor proprietario da cadeira de Desenho annexa á faculdade de Mathematica da Universidade de Coimbra, habilitado com o curso de architectura civil pela Academia Real das Bellas Artes de Lisboa e com o de conductor de obras publicas pelo Instituto Industrial e Commercial da mesma cidade. —Approvado pela Junta Consultiva de Instrucção Publica. Segunda edição melhorada e consideravelmente modificada. Coimbra, 1879.

Memorias apresentadas á Academia Real das Sciencias de Lisboa, pelo socio effectivo Luiz Garrido. Lisboa, 1879.

Parallaxe do sol—Dissertação inaugural, por José Freire de Sousa Pinto. Coimbra, 1879.

Theses de mathematicas puras e applicadas, por José Freire de Sousa Pinto. Coimbra, 1879.

Gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro—Discurso proferido pelo presidente da directoria na sessão de posse do conselho deliberativo em 18 de junho de 1879. Rio de Janeiro, 1879.

Dissertação academica feita para a cadeira de finanças, por Manuel Martins, estudante do terceiro anno de direito. Coimbra, 1879.

REDACTORES

Francisco de Castro Freire (Conselheiro), Presidente
Abilio Augusto da Fonseca Pinto
Antonio d'Assis Teixeira de Magalhães (Dr.)
Antonio José Gonçalves Guimarães (Dr.)
Augusto Filippe Simões (Dr.)
José Epiphanio Marques (Dr.)
Luiz da Costa e Almeida (Dr.)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente e Ilhas	1$560
Para Coimbra	1$500
Numero avulso	160

A correspondencia litteraria deve ser dirigida interinamente a Abilio Augusto da Fonseca Pinto, rua do Corpo de Deus, 58; a de administração e gerencia, ao gabinete do Instituto—Coimbra.

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

VOLUME XXVII — DEZEMBRO DE 1879

SEGUNDA SERIE — N.° 6

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SUMMARIO

Pag.

BREVE ESTUDO DYNAMICO SOBRE O PRIMADO UNIVERSAL DA EGREJA CHRISTÃ — por **Antonio Pereira Pimentel de Brito Côrte-Real** 241

CONTRIBUTIONES AD FLORAM MYCOLOGICAM LUSITANICAM — por **F. de Thuemen** 251

PATHOGENIA DA ICTERICIA GRAVE — por **J. A. de Sousa Refoios** 260

CATALOGO DAS PLANTAS MEDICINAES QUE HABITAM O CONTINENTE PORTUGUEZ — por **Adolpho Frederico Moller** 267

ODE (poesia) — por **Manuel Mathias Vieira Fialho de Mendonça** 269

ELOGIO HISTORICO — por **Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro** 273

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

BREVE ESTUDO DYNAMICO SOBRE O PRIMADO UNIVERSAL DA EGREJA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 4, pagina 151)

SECÇÃO TERCEIRA

«EXPOSIÇÃO E CRITICA DA DOUTRINA DE FEBRONIO SOBRE O PRIMADO»

CAPITULO PRIMEIRO

«Exposição da doutrina de Febronio sobre o Primado»

Começa Febronio por demonstrar a instituição *divina* do Primado, e funda-se para isso nas EE. [1], nos actos dos apostolos e no testemunho dos SS. PP. e DD. da Egreja: e conclue que fôra —Pedro— o apostolo a quem C. conferira originariamente este poder supremo.

Passa em seguida a determinar a razão de ser, o fundamento d'esta instituição divina; e fundando-se nas EE. e na auctoridade de differentes PP. e DD. da Egreja, prova que o *fundamento racional* do Primado é a *unidade* da Egreja, e que fôra precisamente para este fim que C. o instituira.

---

[1] Matt., XVI, 18, 19; Luc., XXII, 32; João, XXI, 15.

D'este fundamento do Primado — unidade da Egreja — deduz logicamente a necessidade da sua *perpetuidade,* e por tanto que o Primado *perpetuo* é de instituição *divina.*

Entrando em seguida a investigar o facto da sua *transmissão,* prova que elle, tendo sido conferido originariamente a Pedro por C., fôra depois transmittido ininterrompidamente aos *bispos de Roma;* e funda-se nos seguintes argumentos: *a*) porque todas as egrejas particulares (isto é, todos os bispos) em todos os tempos o têm reconhecido como tal; *b*) pelas actas dos concilios; *c*) pelos actos dos bispos de Roma, porquanto estes e *só* estes é que têm *sempre* exercido o Primado, e todos elles se têm considerado primazes universaes, em quanto que nenhum outro bispo se tem considerado tal (excepto Phocio, patriarcha de Constantinopla, mas as suas pretensões não foram acceitas pela Egreja); *d*) pelo testemunho de todos os PP. da Egreja: todos com effeito têm reconhecido os bispos de Roma como os verdadeiros primazes da Egreja universal.

Observa em seguida Febronio que esta transmissão do Primado para os bispos de Roma teve logar não por facto de C., mas por facto de Pedro; donde conclue a *transmissibilidade* do Primado para outra qualquer séde, que a Egreja determine; mas pondera que tal mudança só se deverá operar quando considerações de alta conveniencia assim o reclamem.

Postas estas noções geraes ácerca da *origem, fundamento* e *transmissibilidade* do Primado, passa Febronio a resolver a importante questão da determinação dos—«*direitos legitimos, essenciaes, divinos do Primado.*»

Neste intuito procede pela seguinte fórma [1]: faz como que uma revisão de todos os direitos que elle vê formarem o conteúdo do Primado tal como existe *de facto,* e depois propõe-se no meio

---

[1] Ao menos é o que nos pareceu no meio da grande confusão que reina na exposição d'esta sua doutrina.

d'essa vasta serie de direitos fazer uma selecção d'aquelles, sómente, que reputa *legitimos, essenciaes,* e que por isso só deverão constituir o conteúdo *verdadeiro, divino* do Primado — tal qual C. o instituira. Mas era-lhe necessario um criterio, com o qual podesse fazer esta selecção, discriminando os *verdadeiros* dos *falsos* direitos do Primado na vasta serie dos direitos do Primado *de facto* (segundo Febronio). Se nas EE. se encontrassem expressamente traçados os direitos do Primado, haveria então um criterio seguro e completamente determinado; mas, como nada de *expresso* se encontra alli a este respeito, soccorre-se Febronio ao proprio fundamento do Primado, ao criterio geral da *unidade* da Egreja, como sendo o unico dado (mas sufficiente) que nos fornecem as EE. para a solução d'esta importantissima questão.

E em verdade, diz Febronio, o Primado e os direitos que o constituem não derivam da indole *monarchica* da Egreja [1], nem estes direitos são os mesmos que formam o conteúdo do Poder *monarchico*. Se o governo da Egreja fosse *monarchico,* os direitos do Primado deveriam ser os mesmos das monarchias, ou que são inherentes á realeza; mas, como o não é (capitulo 1.º), segue-se que o criterio para determinar os direitos do Primado não póde ser o conteúdo da monarchia, mas o fundamento mesmo do Primado, — a unidade da Egreja [2].

Mas, observa em seguida Febronio, este criterio é muito vago, de modo que com elle podem uns dar ao Primaz um poder absoluto (os ultramontanos), e podem outros restringir-lhe muito o

---

[1] Porquanto demonstrou no capitulo 1.º que o governo da Egreja não é monarchico.

[2] Este primeiro elemento do criterio completo, segundo Febronio, póde formular-se da seguinte fórma: — «são direitos essenciaes, legitimos do Primado todos aquelles sem os quaes a unidade da Egreja não póde conservar-se.» — Se pois Febronio tivesse considerado este principio como um criterio *bastante*, e não como um mero *elemento* do seu criterio completo, teria permanecido completamente na verdade (parte I, capitulo 3.º).

*

seu poder; logo é mister ainda uma outra regra mais segura e precisa que nos conduza e sirva a esclarecer aquella, e essa regra é a seguinte—«interrogar o uso constante e a disciplina da Egreja, não a que tem sido observada depois que as Falsas Decretaes vieram alterar o Direito Publico Ecclesiastico, mas a que os escriptos dos SS. PP., as actas dos concilios, a conducta mesmo dos bispos de Roma provam ter florescido durante os primeiros sete seculos da Egreja—.»

Tendo sempre em vista esta antiga disciplina da Egreja ao traçar os direitos *essenciaes* do Primado, entendeu Febronio evitar a arbitrariedade que sem ella haveria na applicação isolada do principio da *unidade* da Egreja; e assim o criterio completo, segundo Febronio, para definir as funcções ou direitos legitimos do Primado, póde talvez formular-se da seguinte fórma, em harmonia com o que já havemos dicto anteriormente (parte I, capitulo 3.º): —«são direitos legitimos, essenciaes do Primado todos aquelles sem os quaes não seria mantida a *unidade* [1] da Egreja, e que por isso os Pontifices exerceram *sempre desde os primeiros seculos da Egreja*—[2].»

E com este criterio complexo passa Febronio a enumerar os direitos do Primado *de facto* [3], para depois destacar aquelles direitos sómente que, segundo elle, constituem o conteúdo *essencial, divino* do Primado, qual C. o instituira.

«Enumeração geral dos direitos do Primado *de facto*, e critica que faz Febronio de cada um d'esses direitos»

a) — «Direito de direcção geral sobre toda a Egreja.»

Reconhece Febronio a legitimidade d'este direito, e prova-a em

---

[1] Primeiro elemento do criterio de Febronio.

[2] Segundo elemento do criterio de Febronio.

[3] Segundo Febronio.

harmonia com o criterio que estabeleceu, fundando-se na antiga disciplina ecclesiastica, e mui especialmente nos actos dos apostolos, e por tanto de Pedro que foi o primeiro primaz universal. Assim, diz Febronio: — «todos os apostolos exerciam o Poder Ecclesiastico, mas Pedro é que dirigia o exercicio d'este governo; e depois sempre o Primaz da Egreja exerceu este direito de suprema direcção —.»

b) — «Direito de convocar, presidir, propôr, confirmar os concilios ecumenicos.»

Admitte Febronio o direito de convocar, presidir e mesmo propôr nos concilios ecumenicos [1]. E de facto, diz elle: — «o direito de *direcção geral* sobre toda a Egreja, importando a practica de todos os actos de *administração geral,* não póde deixar de comprehender este direito importantissimo do Primado — o direito de convocar e presidir aos concilios ecumenicos [2].»

Mas, nota Febronio, uma vez convocado o concilio, todos os bispos ahi são *eguaes,* todos ahi *têm egual* jurisdicção, e não sómente o Pontifice. E de facto, diz elle: — «nenhum apostolo em particular tinha poder ou jurisdicção sobre outro apostolo; cada um estava submettido ao collegio, a suas decisões, a suas ordens. S. Pedro era no collegio dos apostolos o que o presidente é no senado. Este pede o parecer dos senadores, mas não os constrange, não decide nada por sua unica vontade; tem direito a exercer

---

[1] Não assim quanto ao direito de *confirmar*, porquanto já vimos que Febronio admitte que o concilio possa mesmo depôr o Papa; e em geral vimos que Febronio admitte a superioridade do concilio sobre o Papa.

[2] É de notar-se a contradicção, em que cahe Febronio, porquanto, tendo estabelecido como criterio geral para discriminar os direitos legitimos do Primado — «a unidade da Egreja esclarecida na sua applicação pela disciplina dos primeiros seculos da Egreja» —, reconhece todavia, como direito essencial do Primado, este direito de convocar e presidir aos concilios ecumenicos, quando é certo que nos primeiros seculos (até ter sido dada a paz á Egreja) não eram os Pontifices que os convocavam e que presidiam a elles. Mas em geral toda a obra de Febronio está impregnada de contradicções.

vigilancia sobre seus actos, advertil-os, mesmo censural-os, mas não a desprezar os seus votos. Similhantemente S. Pedro perante o corpo dos apostolos era o seu chefe, e o maior d'entre elles, mas não seu superior no rigor da palavra, e ainda menos seu senhor, titulo que muitos ignorantes têm dado a S. Pedro, por haverem mal interpretado a qualidade de principe dos apostolos. S. Pedro era o chefe; por isso se lhe deferiam as honras do Primado. Sua opinião era d'um grande peso, não se decidia nenhum negocio importante sem sua participação, sobretudo se importasse a toda a Egreja; nas assemblêas propunha os assumptos, sobre que se devia deliberar, e segundo as circumstancias fallava em nome de todos—.» (Febronio, tomo 1.º, capitulo 2.º, secção 4.ª).

Demais, diz elle, logo nos actos dos apostolos nós vemos Pedro (o primaz) fazer as propostas, etc., e emfim dirigir todos os trabalhos concernentes a toda a Egreja,—mas sempre de modo que os demais apostolos não ficassem coarctados na sua auctoridade.

c)—«Direito de suprema inspecção e sollicitude sobre toda a Egreja.»

Tambem Febronio na secção 6.ª, capitulo 2.º, insiste muito em comprovar este direito de suprema sollicitude sobre todas as Egrejas, fundando-se de harmonia com o seu criterio em muitos factos da antiga disciplina. Assim funda-se já no testemunho de muitos PP., já no testemunho de muitos bispos que em todos os tempos têm recorrido a Roma, implorando o seu soccorro, quando se viam affrontados por heresias, etc., já mesmo em actos e declarações de muitos pontifices, que em todos os tempos têm acudido a debellar heresias, ora escrevendo, ora exhortando, ora advertindo, censurando e excommungando, etc.

d)—«Direito de mandar legados.»

Como acabamos de ver no numero anterior, Febronio, admittindo o direito de suprema sollicitude, como *essencial* do Primado, admitte tambem o direito de mandar legados, visto ser um meio indispensavel para a realisação ou exercicio d'aquell'outro.

e)—«Direito de relação.»

Admitte Febronio tambem este direito de relação, porquanto na secção 6.ª, capitulo 2.º, cita differentes concilios que enviaram ora epistolas ou propriamente *relatorios* ao primaz universal. E pondera mesmo que este direito é uma consequencia do direito de suprema sollicitúde sobre toda a Egreja, porquanto, para o Pontifice poder exercer efficazmente esta vigilancia e inspecção suprema, deve ter direito a exigir que as differentes Egrejas particulares lhe *notifiquem* tudo o que occorre e que interessa ao bem geral da Egreja: — é o direito de relação.

f) — «Direito de velar pela observancia dos canones em toda a parte da Egreja.»

Reconhece tambem Febronio a legitimidade d'este direito, porquanto diz: — «deve o Pontifice velar por que a disciplina seja mantida em todo o seu vigor, que a fé permaneça a mesma, sã e inteira em toda a parte, que na administração dos sacramentos se sigam os mesmos ritos quanto á substancia, que a moral seja por toda a parte a mesma em sua pureza, e emfim velar pelo bem commum da Egreja, para que se não introduzam nella novidades profanas.» E funda-se nos seguintes argumentos:

1.º) Porque o chefe d'uma sociedade é obrigado naturalmente a velar pela observancia das leis d'essa sociedade, e para isto deve ter uma auctoridade sufficiente para obrigar os delinquentes a submetterem-se a ellas, segundo os meios convenientes ao governo, e regulados para este fim por uma legislação determinada. Ora sendo a Egreja uma sociedade, e o Primaz o seu presidente, é indubitavel que tal auctoridade lhe deve pertencer;

2.º) Porquanto este direito é condição para a *unidade* da Egreja;

3.º) Porque tal é a tradição e a disciplina dos primeiros seculos, e até mesmo a de todos os tempos da Egreja;

4.º) Porque tal é o que se deprehende de muitos escriptos dos Pontifices Romanos;

5.º) Porque vai nisso um grande bem para a Egreja.

Conclue pois Febronio que não só o Pontifice deve velar pela observancia dos canones, mas mesmo deve ser o primeiro a con-

formar-se com elles; porquanto, se o Papa, que é o defensor e protector natural dos canones, longe de os defender, os enfraquece ou anniquilla, não se deve reconhecel-o a este respeito como protector, até que entre nos justos deveres do seu ministerio. Quanto mais, accrescenta Febronio, que toda a força e prestigio do Primaz está em ser elle o primeiro a conformar-se com os canones. A *auctoridade* do Primaz e a *observancia* dos canones são pois os dois pontos cardinaes, em torno dos quaes se move todo o mundo christão; logo que um d'elles seja invertido, o outro fica sem actividade.

g) — «Direito de punir: — excommunhão, deposição.»

Admitte tambem Febronio este direito, como *essencial* do Primado, porquanto considera-o como um meio necessario para o Primaz exercer com efficacia os demais direitos. E de facto, diz elle: — «deve o Pontifice ter o poder de bannir da Egreja os dissidentes; porquanto, se lavram heresias, deve o Primaz em nome da unidade, ter o direito de empregar os meios para realisar esta unidade, e um d'estes meios é a — *excommunhão.*»

Mas já assim não pensa Febronio quanto á outra fórma do direito de punir, — a *deposição.* O direito de *depôr* só o concede Febronio á Egreja; e por tanto, se o Pontifice o exercer, não é por auctoridade *propria,* mas *delegada,* — em nome da Egreja.

Assim diz elle: — «Quando o bispo refractario for mister ser deposto, deverá o Pontifice participal-o aos bispos da respectiva provincia, para então estes tractarem da deposição d'esse bispo heretico ou escandaloso.»

h) — «Direito de promulgar leis universaes.»

Não admitte Febronio este direito, como *essencial* do Primado, e legitima-o apenas pelas circumstancias, isto é, pela impossibilidade de se convocarem frequentemente concilios ecumenicos, ou sempre que fosse necessario; mas faz depender o caracter *obritorio* d'estas leis do consentimento ao menos tacito de toda a Egreja. E de facto, diz elle: — «São os concilios o meio mais solemne de se fazerem leis obrigatorias para toda a Egreja; é innegavel que

tambem o Pontifice tem feito leis para toda a Egreja, mas estas leis para serem validas e obrigarem a todos, é mister que sejam *confirmadas* pela Egreja; ora esta confirmação póde conseguir-se por dois modos—ou convocando concilio para ahi serem confirmadas, ou enviando essas leis pontificias aos bispos de todas as Egrejas para ahi terem a confirmação.»

Por tanto, não reconhece Febronio no Pontifice o direito de promulgar *soberanamente* leis universaes; segundo elle, quando o Pontifice exerce este direito, não o exerce por auctoridade *propria, ordinaria,* mas simplesmente *delegada,*— em nome da Egreja.

i) — «Direito de dispensar ou relaxar as leis universaes.»

A proposito d'este direito faz Febronio identicas considerações. De facto, diz elle, este direito só o deverá exercer o Pontifice em nome da Egreja, quando haja difficuldade em convocar concilio, e ainda neste caso deve exercel-o só quando haja todos os dados para presumir-se que o concilio dispensaria tambem, se fosse reunido. Considera pois Febronio este direito como tambem *accidental* ao Primado.

j) — «Direito de publicar decretos dogmaticos.»

Similhantemente, não admitte Febronio este direito no Primado. E em verdade, diz elle: — «As decisões pontificias de quaesquer controversias sobre fé ou costumes, que se suscitem na Egreja, não devem ser senão provisorias, de modo que só devem respeitar-se em toda a Egreja,— *em quanto esta não reclamar.*»

Por tanto, para Febronio este direito do mesmo modo que o anterior, só deve ser exercido pelo Pontifice quando as circumstancias o exijam, e por consentimento da Egreja, e pois sempre d'um modo *vicario,*— em nome d'ella.

k) — «Direito de conhecer de todas as causas maiores [1].»

Tambem Febronio não reconhece este direito como *essencial* do

---

[1] Estas causas são concernentes á fé e á disciplina geral, mas principalmente á disciplina: e taes são a disposição, transferencia, confirmação de bispos, erecção ou juncção de sés episcopaes, etc., etc.

Primado, mas só *accidental* e pois *vicario,* podendo o Pontifice exercel-o, mas em nome da Egreja, quando esta entenda que assim melhor se conservará a concordia e unidade ecclesiastica, e só quanto ás causas que interessem a toda a Egreja.

l) — «Direito de receber recursos.»

Este direito considerado na sua generalidade é tambem para Febronio meramente *accidental;* para elle só é *essencial* o direito de receber recursos de *revista.* Este legitima-o pela conveniencia de se estabelecerem differentes tribunaes ecclesiasticos hierarchicamente constituidos, em ordem a ser mantida por toda a parte a *uniformidade* na administração da justiça.

E em verdade, diz Febronio: — «Todas as causas em virtude da disposição dos canones devem ser julgadas nas provincias; mas, como o Pontifice é o defensor e garante dos canones, deve haver para elle recurso, mas só de *revista.* E no caso em que conceda a revista, deverá indicar na respectiva provincia onde teve logar a questão recorrida, outros juizes, aos quaes poderá reunir um legado apostolico, quando o entenda necessario, para então julgarem de novo. Por tanto, o Pontifice não deve avocar a si o pleno conhecimento e a decisão do negocio.»

m) — «Direito de exigir que todas as Egrejas reconheçam, respeitem e se submettam á auctoridade do Primaz.»

Admitte Febronio este direito, como *essencial* do Primado, visto ser uma condição, sem o qual os demais direitos essenciaes do Primado seriam como se não existissem, — sem efficacia.

(Continúa) ANTONIO PEREIRA PIMENTEL DE BRITO CÔRTE-REAL.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

CONTRIBUTIONES AD FLORAM MYCOLOGICAM LUSITANICAM

(Continuado do n.º 4, pagina 168)

NECTRIEI

287. **Gibberella pulicaris.** Sacc. in Michelia I. p. 43 et 317.—*Botryosphaeria pulicaris* Ces. et De Not. in Comment. Soc. crittog. Ital. I. p. 212.—*Gibbera pulicaris* Fr. Sum. veg. Scand. p. 402.

In *Ricini communis* Lin. caulibus emortuis. Coimbra in horto botanico. 4.79. N.º 450, 452.—In *Zeae Maydis* Lin. culmis aridis. Choupal pr. Coimbra. 11.78. N.º 220. Leg. Moller.

288. **Calonectria verruculosa.** Niessl. nov. spec. in litt. ad me.

C. peritheciis 2–3 confertis vel subsolitariis, globosis, verruculosis, sicce colabescente-concavis, aurantio-luteis vel armeniacis, carnosis; ascis clavatis, in stipitem brevem attenuatis, 65–75 mm. long., 13–14 mm. crass., octosporis; sporis farcte bi-tristichis, oblongis, rotundatis, rectis sed saepe inaequilateralibus, medio septatis, quadrinucleatis, 16–21 mm. long., 5–6 mm. crass., hyalinis.

In *Citri Limoni* Risso ramis emortuis. Felgueiras. 4.78, N.º 37, 40. Leg. Jul. A. Henriques.

289. **Nectria sanguinea.** Fr. Sum. vegetab. Scand. p. 388.—*Sphaeria sanguinea* Sibth. Fl. oxon. p. 404.
In *Agaves americanae*. Lin. foliis subputridis. Baleia pr. Coimbra. 2.79. N.º 356. Leg. Moller.

290. **Thyronectria pyrhochlora.** Sacc. in Michelia 1. p. 325.—*Nectria pyrhochlora* Awd. in Hedwigia 1869 p. 88.
In ramulis aridis *Cydoniae vulgaris* Pers. Rarissime. Alpenduradas pr. Coimbra. 1877. N.º 147. Leg. Mesnier.

CUCURBITARIEI

291. **Botryosphaeria dispersa.** De Not. Sfer. Ital. 1. p. 84. Tab. 92.
Ad *Gynerii argentei* Nees ab Es. culmos emortuos. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 1.79. N.º 288. Leg. Moller.

Heptameria Rehm et Thuem. nov. gen. *ex affinitate Cucurbitaceorum.*
Perithecia plus minusve globosa, errumpentia, solitaria vel aggregata, majora, atra, asci cylindraceo-fusoidei, utrinque angustato-acutatis, octospori; sporae septemcellulares, ita ut cellula media permagna, fusca, ceterae subfuscae-hyalinae sint, magnae.

292. **Heptameria elegans.** Rehm et Thuem. nov. spec.
H. peritheciis subglobosis, ex parenchymate corticis interiore erumpentibus, 0.8–1 millim. diam., solitariis vel bi-tricongregatis, medio breviter verrucoso-papillatis, apice vix perspicue pertusis, atris, integris; ascis fusiformi-clavatis, crassis, octosporis, 100–120 mm. long., 6 mm. crass.; sporis fusiformibus, utrinque acutatis, plerumque septemlocularibus, cellula media fere tertiaria longitudinis totius sporae, fusca, granulata, cellulae terminales tres (raro quatuor) dilute fuscae vel subhyalinae, rectis, 45–50 mm. long., 10 mm. crass.; paraphyses filiformes.

In ramulis emortuis fruticum indeterminatorum. Munda. 1877. N.º 131. Leg. Mesnier.

LOPHIOSTOMEI

293. **Lophiotrema Winteri.** Sacc. in Michelia I. p. 358.—Id. Fungi Ital. autograf. delin. no. 361.
Ad ramulos aridos *Cisti salvifolii* Lin. Portella. Rarissime 1877. N.º 139. Leg. Mesnier.

LASIOSPHAERIEI

294. **Rosellinia sublimbata.** Pass. in litt. ad me.—*Sphaeria sublimbata* Dur. et Mntg. Fl. Alger. I. p. 498.—Mntg. Sylloge plant. cryptog. p. 228.
Ad culmos aridos prostratos *Donacis arundinaceae* Beauv. Coimbra 1.79. N.º 336. Leg. Moller.

295. **Leptospora spermoides.** Fuck. Symb. mycol. p. 143.—*Sphaeria spermoides* Hoffm. Vegetab. cryptogama II. p. 12. Tab. 3. Fig. 3.
Ad *Cydoniae vulgaris* Pers. ramos putridos. Coimbra 1877. N.º 132. Leg. Mesnier.

PLEOSPOREI

296. **Leptosphaeria maculans.** Ces. et De Not. in Comment. Soc. crittog. Ital. I. p. 235.—*Sphaeria maculans* Desm. in Ann. sc. natur. 1846. VI p. 77.—*Pleospora maculans* Fuck. Symb. mycol. p. 135.
In *Teucrii Scorodonii* Lin. caulibus aridis. Mizarella pr. Coimbra. 3.79. N.º 398. Leg. Moller.

297. **Leptosphaeria Coniothyrium.** Sacc. in Nuov. Giorn. Botan. Ital.

VII. 1875. p. 317.—*Sphaeria Coniothyrium*. Fuck. Symb. mycol. p. 115.

Ad ramulos aridos *Lauri nobilis* Lin. Cerca dos Jesuitas pr. Coimbra. 1877. N.º 138. Leg. Mesnier.

298. **Leptosphaeria Typharum**. Fuck. Symb. mycol. p. 137.—*Sphaeria Typharum* Rabh. in Klotzsch, Herb. mycol. no. 731.

Ad folia arida *Typhae latifoliae* Lin. Alcarraques pr. Coimbra. 3.79. N.º 411. Leg. Moller.

299. **Leptosphaeria nobilis**. Sacc. in Nuov. Giorn. Botan. Ital. VII. 1875. p. 312.

In foliis vivis *Lauri nobilis* Lin. St. Antonio dos Olivaes pr. Coimbra. 12.78. N.º 271. Leg. Moller.

300. **Leptosphaeria dolioloides**. Karst. Mycol. fennica II. p. 106.—*Nodulosphaeria dolioloides* Awd. in Rabh. Fungi europaei no. 547.—*Pleospora dolioloides* Fuck. Symb. mycol. p. 137.

In caulibus emortuis *Achilleae Agerati* Lin. Estrada de Eiras pr. Coimbra. 5.79. N.º 510. Leg. Moller.

301. **Pleospora herbarum**. Rabh. in Klotzsch, Herb. mycol. Ser. II. no. 547.—*Sphaeria herbarum* Pers. Syn. fung. p. 78.

Ad petioles aridos *Glycinis violaceae* Raeusch. Steud. Coimbra in horto botanico. 1.79. N.º 335.—In *Phytolaccae decandrae* Lin. caulibus emortuis. Choupal pr. Coimbra. 3.79. N.º 426. Leg. Moller.

302. **Pleospora vulgaris**. Niessl, Notizen ü. neue u. Krit. Pyrenomyc. in Verhandl. naturf. Ver. Brünn XIV. 1876. p. 27.

In sarmentis emortuis subputridis *Rubi fruticosi* Lin. Foz

da Mizarella pr. Coimbra. 3.79. N.° 395. Leg. Moller. (Niessl ipse determinavit.)

303. **Didymosphaeria Mesnieriana.** Rehm et Thuem. nov. spec.
D. peritheciis dimidiatis, sparsis, emersis, sessilibus, atris, apice haud papillatis, triangulariter laciniatis, parvulis; ascis longe cylindraceis, subarcuatis, brevistipitatis, utrinque angustatis, apice acutatis, hyalinis, octosporis, 90 mm. long., 7–8 mm. crass.; sporis fusiformibus, subcurvatis, biseriatis, didymis, multiguttulatis, medio non constrictis, achrois, 18 mm. long., 5 mm. crass.
In *Rubi fruticosi* Lin. sarmentis emortuis putridis, Coimbra. 1877. N.° 140. Leg. Mesnier.

SPHAERIEI

304. **Sphaerella myriadea.** Rabh. Fungi europaei no. 149.— Awd. in Gonnerm. et Rabh. Mycologia europaea v. p. 12. Tab. 1. Fig. 9.
In *Quercus pedunculatae* Ehrh. foliis aridis. Zombaria pr. Coimbra. 1.79. N.° 277. Leg. Moller.

305. **Sphaerella maculaeformis.** Awd. in Gonnerm. et Rabh. Mycologia europaea v. p. 5. — Fuck. Symb. mycol. p. 107.
In foliis emortuis elapsis *Castaneae sativae* Lam. Zombaria pr. Coimbra. 1.79. N.° 267. Leg. Moller.

306. **Sphaerella Polypodii.** Fuck. Symb. mycol. p. 102.—*Sphaeria Polypodii* Rabh. in Klotzsch, Herb. mycol. no. 533.
In *Polypodii vulgaris* Lin. frondibus vivis languidisve. Quinta do Espinheiro pr. Coimbra. 4.79. N.° 457. (Specimina adhuc immatura!) Leg. Moller.

307. **Sphaerella Rusci.** De Not. in Comment. Soc. crittog. Ital. I. p. 237.—*Sphaeria Rusci* Wallr. Fl. german. cryptog. II. p. 776.

In cladodiis aridis *Rusci aculeati* Lin. Pedrulha pr. Coimbra. 3.79. N.º 415. Leg. Moller.

308. **Sphaerella Gibelliana.** Pass. in Thuemen, Mycotheca universalis no. 462.

Ad folia emortua prostrata *Citri medicae* Risso. Quinta do Espinheiro pr. Coimbra. 5.79. N.º 456, 479. Leg. Moller.

ASCOSPOREI

309. **Microthyrium Smilacis.** De Not. Micromyc. Ital. IV. N.º 4. pag. 22. in Memorie d. R. Acad. d. Sc. d. Torino Ser. II: Tom. 3.

In sarmentis emortuis *Smilacis asperae* Lin. Pedrulha pr. Coimbra. 3.79. N.º 414. Leg. Moller.

PERISPORIEI

310. **Microxiphium Footii.** Harv. sec. Cooke, Handb. Brit. Fungi p. 933.—*Capnodium Footii* Berk. et Desm. in Journ. Horticult. Soc. London. IV. p. 254. Fig. 10.

Ad folia viva *Cinnamomi dulcis* Nees ab Es. N.º 17.—*Yuccae filamentosae* Lin. N.º 148.—*Styracis officinalis* Lin. N.º 159.—*Elaeagni latifoliae* Lin. N.º 363.—*Martineziae caryotaefoliae* Humb. Bonpl. Knth. N.º 259.—*Arecae rubrae* Bory. N.º 261.—*Dianellae longifoliae* R. Br. N.º 246.—*Caryotae soboliferae* Wendl. N.º 253. 260.—*Cocos Romanzoffianae* Chamiss. N.º 252.—*Populi nigrae* Lin. N.º 118.—Coimbra in horto botanico.

—In *Gomphocarpi fruticosi* R. Br. ramulis vivis. Cerca de St. Bento pr. Coimbra 12.78. N.º 232.—In cortice vivorum ramulorum *Solani jasminoides* Hook. Coimbra in horto botanico. N.º 405, 423. Leg. Moller.

311. **Capnodium Araucariae.** Thuem. nov. spec.

C. ramulos et folia toto occupans et involvens et cum crusta solubilibi, membranacea, aterrima obducens; mycelio ex hyphis longissimis, simplicibus, subrectis vel minime curvatis multi-et brevissime articulatis, fere moniliformibus, fuscis composito; sporis generis, diversis, maturis clavatis, utrinque rotundatis, multicellularibus, spadiceis, ad septa constrictulis, 16 mm. long., 7–9 mm. crass.

In *Araucariae excelsae* Ait. ramulis foliisque vivis. Coimbra in horto botanico. 8.78. N.º 149. Leg. Moller.

Obs. Probabiliter fungus conidiophorus *Capnodii australis* Mntg. Sylloge plant. cryptog. p. 257.

312. **Capnodium Persoonii.** Berk. et Desm. in Journ. Horticult. Soc. London. IV. p. 258.

Ad folia viva *Tiliae ulmifoliae* Scop. Coimbra in horto botanico. 8.78. N.º 103. Leg. Moller.

142.b **Capnodium Citri.** Berk. et Desm. in Journ. Horticult. Soc. London. IV. p. 246.

Ad *Citri nobilis* Lour. folia languida. 6.78. N.º 71.—In foliis vivis *Psidii pomiferi* Lin. 8.78. N.º 134. Coimbra in horto botanico. Leg. Moller.

313. **Capnodium Citri.** Berk. et Desm. in Journ. Horticult. Soc. London. IV. p. 246.

var. nova fructigenum. Thuem.

C. mycelio longe lateque effuso, tenuissimo, griseo-fusco vel fusco-atro.

In fructibus maturis *Citri Aurantii* Risso. Coimbra. 3.79. N.º 391. Leg. Moller.

314. **Capnodium Nerii.** Rabh. Fungi europaei no. 662.
var. corticolum. Rabh. Fungi europaei no. 2423.
In *Nerii Oleandri* Lin. ramulis vivis. Coimbra in horto botanico. 2.79. N.º 383. Leg. Moller.

144.b **Capnodium salicinum.** Mntg. in Journ. Horticult. Soc. IV. p. 251.—Id. in Ann. sc. natur. 3. XII. 1849. no. 302. —Id. Sylloge plant. cryptog. p. 256.
Ad *Populi nigrae* Lin. folia subviva. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 6.78. N.º 118. Leg. Moller.

315. **Apiosporium foedum.** Sacc. in Nuov. Giorn. Botan. Ital. VII. 1875. p. 299.
Ad folia viva *Nerii Oleandri* Lin. Quinta do Espinheiro pr. Coimbra. 10.78. N.º 172. Leg. Moller.

316. **Erysiphe communis.** Lév. in Ann. sc. natur. 1851. XV. p. 170.
Ad folia viva *Ranunculi asiatici* Lin. Coimbra in horto botanico. 6.78. N.º 53. Leg. Moller.

317. **Uncinula adunca.** Lév. in Ann. sc. natur. 1851. XV. p. 150.
In *Salicis atrocinereae* Brot. foliis vivis. Choupal pr. Coimbra. 12.78. N.º 239.—Ad folia viva *Populi Tremulae* Lin. Choupal pr. Coimbra. 8.78. N.º 127. Leg. Moller.

CYTISPORACEI

318. **Discella Darlingtoniae.** Thuem. nov. spec.
D. peritheciis dense gregariis, superficiale insidentibus, disciformi-compressis, minutis, opaco-atris, cito expal-

lescentibus; sporis numerosis, cylindrico-ellipsoideis, utrinque rotundatis, simplicibus, intus homogeni-grumulosis, 16–18 mm. long., 6–7 mm. crass., pellucidis, hyalinis; basidiis brevibus, subrectis, hyalinis.

In *Darlingtoniae glomeratae* De C. ramulis emortuis. Coimbra in horto botanico. 3.79. N.º 429. Leg. Moller.

(Continúa)

F. DE THUEMEN.

PATHOGENIA DA ICTERICIA GRAVE

(Continuado do n.º 5, pagina 229)

A bilis, tal como se recolhe pelas fistulas biliares e tal como cahe naturalmente no duodeno, é um liquido complexo. Temos de distinguir na bilis, como elementos principaes — os *saes biliares,* o *pigmento biliar* e a *cholesterina.*

Já se vê pois que não vou fazer um estudo completo da bilis, mas occupar-me apenas do indispensavelmente necessario para a questão que agora nos prende a attenção.

Vejamos se no estado actual da sciencia é possivel determinar quaes são as partes constitutivas do figado que especialmente concorrem para a formação de cada um dos elementos da bilis.

Os saes biliares são evidentemente elaborados no figado; e com relação a elles não faz este orgão o papel de simples filtro, como acontece com o rim em relação á uréa. Os saes biliares são o glycocholato de soda e o taurocholato de soda, formados por dois acidos copulados — o acido glycocholico e taurocholico, podendo por desdobramento dar logar a um radical commum — o acido cholico, e dois amidos — a glycina ou glycocolla para o acido glycocholico, e a taurina para o acido taurocholico.

Os saes biliares ou os seus acidos têm uma reacção caracteristica que permitte determinar a sua presença, em quantidade minima, num qualquer liquido do organismo; refiro-me á chamada reacção de Pettenkofer, que consiste no seguinte.

Evapora-se a banho-maria o liquido que se pretende examinar; o residuo secco é tractado pelo alcool absoluto; nova evaporação para fazer desapparecer o alcool; o residuo secco é tractado pela agua distillada em pequena quantidade, e juncta-se á solução acetato de chumbo, que dá logar a um precipitado; depois de

doze horas, filtra-se o liquido e lava-se o precipitado o qual encerra os acidos biliares; esse precipitado dissolve-se no alcool a ferver, juncta-se á solução carbonato de soda e evapora-se completamente o liquido; o residuo é novamente tractado pelo alcool absoluto; nova evaporação; do residuo secco faz-se uma solução aquosa o mais concentrada possivel, e depois de evaporar a agua numa capsula até ficarem apenas algumas gottas, juncta-se a esse resto acido sulfurico puro, mas diluido (quatro partes de agua para uma de acido sulfurico mono-hydratado) e algumas gottas d'uma solução de assucar (quatro partes de agua e uma de assucar de canna); evaporando a um calor doce (inferior a 60º) apparece a reacção caracteristica ainda que haja apenas seis centesimas de milligramma de acido cholico [1]; a reacção consiste no seguinte: —o liquido turva-se, depois torna-se transparente e amarello, e passando por vermelho-cereja e vermelho-carmim toma por fim uma côr violeta purpurina, muito caracteristica.

Com esta reacção, d'uma sensibilidade tão delicada, não se podem nunca encontrar vestigios de acidos biliares no sangue normal, nem mesmo depois da extirpação do figado nos animaes, o que justifica a conclusão — de que os saes biliares são um producto de elaboração do figado; aliás encontrar-se-hiam normalmente no sangue, como existe a uréa, e accumular-se-hiam quando extirpando o figado nós obstassemos assim á sua eliminação.

Em que parte do figado se formam?

Sem querer que a determinação possa ir tão longe que possa dizer-se que são o producto dos ductos biliares ou das glandulas em cacho que existem nas paredes dos ductos biliares, julgo que se póde affirmar — ser a sua formação independente das cellulas hepaticas.

O processo geral da physiologia experimental para determinar a funcção d'um orgão é — ou excital-o ou supprimil-o, ou fazer ambas as cousas para comparar os resultados.

---

[1] Jaccoud — *Nouveau Dicc. de méd. et de chir. prat.* Art. *Bilis.*

Esse meio não é facilmente applicavel ao figado, e eu julgo que as injecções de sulfato ferroso, como as practicaram Pagés, Feltz e Ritter, são insufficientes. O que não consegue a experimentação physiologica, conseguem-no na sua lentidão os processos pathologicos; quando as cellulas hepaticas estão atrophiadas por uma cirrhose hypertrophica, ou transformadas em cellulas adiposas no chamado — *figado gordo,* encontram-se ainda acidos biliares em grande quantidade nos ductos biliares e na vesicula do fel. Eis no que eu fundo pois a opinião que avancei. Á custa de que principios do sangue se formam os saes biliares, nem está determinado hoje, nem importa para o caso.

Occupemo-nos agora do pigmento biliar, constituido por uma substancia fundamental que Jaccoud [1] chama bilipheina e Charcot [2] bilirubina, donde se podem obter como derivados — a biliverdina, bilifuscina, etc.

O pigmento biliar tem tambem a sua reacção caracteristica; quando se lançam num liquido em que haja pigmento biliar algumas gottas de acido nitrico com acido nitroso (formado pela acção da luz) obtem-se uma côr verde que passa successivamente ao azul, ao violeta, ao vermelho e ao amarello-escuro; a mesma reacção póde ser obtida junctando depois do acido azotico algumas gottas de acido sulfurico. Esta reacção é conhecida pelo nome de — reacção de Gmelin.

Considerações analogas ás que fizemos com relação aos saes biliares provam que elle é um producto da elaboração do figado; e muitos factos auctorisam a conclusão — de que o pigmento biliar é um derivado da hemoglobulina dos globulos rubros destruidos no figado.

Em que parte do figado se fórma o pigmento biliar?

Kühne descobriu pelo microscopio e analyse chimica a exis-

---

1 *Nouveau Dicc. de méd. et de chir. prat.* Art. *Bilis.*

2 Charcot — *Loc. cit.*

tencia do pigmento biliar nas cellulas hepaticas; demais Ritter [1] estudou com muito cuidado alguns casos pathologicos de — *bilis incolôr* ou sem pigmento; esses casos referem-se todos a uma steatose generalisada do figado; isto é — as cellulas hepaticas tinham deixado de funccionar como cellulas hepaticas.

D'estes factos acho logico concluir que — a materia córante da bilis é um producto da elaboração das cellulas hepaticas e que d'ahi passa para os canaliculos biliares; e essa passagem deve ser favorecida pela differença da pressão; sabe-se que a pressão nos ductos biliares é insignificante (apenas de alguns millimetros de mercurio) em quanto que a pressão intralobular é muito maior.

Resta-nos fallar da cholesterina.

A cholesterina é uma substancia solida, nacarada, sem gosto, insoluvel na agua, soluvel no alcool e no ether, soluvel na bilis á custa do choleato de soda, passando ao estado solido e formando calculos biliares logo que diminua o sal que a conserva em solução.

As palhetas de cholesterina, tractadas pelo acido sulfurico, dissolvem-se e tomam uma côr vermelho-escura; junctando-lhe, depois do acido sulfurico, iodo, apparece uma côr vermelho-carmim.

Um só auctor, Beneke, sustenta hoje que a cholesterina é formada no figado; todos os physiologistas e pathologistas sustentam geralmente que a cholesterina existe formada no sangue e é simplesmente eliminada pelo figado.

Quem forneceu mais uteis ensinamentos sobre a origem da cholesterina e suas transformações no organismo, foi Austin Flint, filho, de New-York, em 1868.

A cholesterina existe normalmente no sangue; a quantidade centesimal, que o sangue encerra, varía nas differentes regiões do corpo, sendo portanto necessario referir as analyses sempre ao sangue tirado d'um mesmo vaso; na veia femoral tem-se achado desde 445 centigrammas até 902 centigrammas de cholesterina para 1000 grammas de sangue.

---

[1] *Journal d'anat. et physiol.*, de Robin, 1874.

Flint, seguindo as indicações apresentadas já por Carpenter (1853), Mialhe (1856) e Dalton (1861), sustenta que a cholesterina é um producto de desassimilação do cerebro e dos nervos; abonam esta opinião os seguintes factos.

Fazendo a analyse comparativa do sangue da carotida e da jugular do mesmo lado em cães, chegou Flint ao seguinte resultado: o sangue da arteria carotida continha 0gr.,869 de cholesterina por 1000 de sangue, e o da veia jugular tinha 1gr.,096 por 1000 [1].

A maior actividade do systema nervoso augmenta a quantidade da cholesterina; a falta de actividade fal-a baixar.

Assim a dôr, a maior actividade cerebral augmenta a cholesterina no sangue; fazendo em hemiplegicos a analyse do sangue que circula nos membros, não se encontra cholesterina do lado paralysado, encontrando-se em quantidade normal do lado são [2].

Não ha portanto duvida de que a cholesterina se encontra no sangue e que é um producto de desassimilação do tecido nervoso; se a sua diminuição nos hemiplegicos deixa logar a pensar que a cholesterina se produz pelo trabalho muscular, eu julgo que as analyses feitas no sangue dos jugulares, indicando que a maior parte da cholesterina se fórma no encephalo, cortam a questão.

Mas que não a cortassem; para o fim que nos propomos basta demonstrar que ella existe formada no sangue; póde observar-se pelo microscopio no sangue da arteria hepatica e da veia porta, por que passa ao estado solido no sangue, extrahido dos vasos. Não se sabe ainda bem quaes são as condições que a conservam dissolvida dentro dos vasos; suppõe-se porém que ella se acha combinada com os acidos lactico, margarico e estearico; mas são apenas conjecturas deduzidas das analogias chimicas da cholesterina com a glycerina.

---

1 Picot — *Loc. cit.*, 2.º vol., pag. 237.

2 Idem, pag. 238.

Comparando pela analyse chimica o sangue das veias supra-hepaticas com o da veia porta e arteria hepatica, vê-se que uma grande quantidade da cholesterina é perdida pela passagem do sangue através do figado; ligando este facto com o da existencia, normalmente constante, da cholesterina na bilis, fazendo mesmo a comparação quantitativa, chega-se á conclusão de que o figado elimina a cholesterina.

Esta, depois de misturada com a bilis e lançada no intestino, transforma-se numa substancia que pouco differe d'ella; é a *estercorina* ou serolina de Boudet; as analyses de Flint demonstram que quanto maior é a quantidade de cholesterina na bilis, tanto maior é a de estercorina nas fézes; e as suas analyses têm dado para a estercorina das fézes um peso, quasi egual ao da cholesterina da bilis, lançada no intestino.

Qual é a parte do figado que preside á separação da cholesterina do sangue?

Sabe-se que o rim não elabora producto novo; nos n.os 9, 10, 11 e 12 do *Instituto,* de 1876, volume XXII, expuz eu uma serie de factos que auctorisam essa conclusão, a qual é hoje geralmente seguida; não obstante o papel de filtro que faz o rim, requer-se a integridade dos seus elementos para que d'essa filtração resulte urina normal, de modo a não serem arrastados na urina elementos que devem permanecer no sangue, nem ficarem no sangue elementos que devem ser eliminados. Na molestia de Bright ou nephrite parenchymatosa começa o rim por eliminar albumina e termina por não dar sahida á uréa e provocar a uremia, terminação commum da molestia.

O conhecimento d'este facto leva-nos a suppôr que alguma alteração no figado seja capaz de impedir a eliminação da cholesterina.

As observações pathologicas de Flint vêm provar ainda que as lesões destruidoras das cellulas hepaticas impedem a eliminação da cholesterina; é assim que Flint notou o augmento da cholesterina no sangue de alguns individuos atacados de cirrhose do

figado [1], em quem por conseguinte a hypertrophia do tecido conjunctivo do orgão tinha atrophiado as cellulas hepaticas. Flint achou sempre o mesmo resultado, quer houvesse ictericia, quer não; esta constancia é facto que não deve esquecer-se.

É precisa pois a integridade das cellulas hepaticas para que a cholesterina seja separada do sangue e depois incorporada na bilis.

—Já se vê pois que a distincção *physiologica* entre as duas glandulas hepaticas (biliar e vascular sanguinea) não póde admittir-se d'um modo absoluto.

Eis ahi os dados fundamentaes que, segundo a minha opinião, a sciencia actual fornece sobre a formação da bilis; foram estudados conscienciosamente, sem procurar adrede opiniões para fundamentar uma theoria pathogenica da *ictericia grave,* com exclusão de qualquer outra.

(Continúa) J. A. DE SOUSA REFOIOS.

---

1 Bonchut — *Pathol. génér.*, 1875, pag. 1247 e seguintes.

CATALOGO DAS PLANTAS MEDICINAES QUE HABITAM O CONTINENTE PORTUGUEZ

(Continuado do n.º 4, pagina 176)

SALVIA OFFICINALIS. L.

(S. hispanica. Ettl. non. L.)

Salva das boticas, ou ordinaria.

Planta originaria da Europa meridional e muito cultivada no nosso paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas e summidades floridas.

Emp. como excitantes, tonicas, carminativas, diaphoreticas e emmenagogas. Alibert prescrevia vinho de salva como um bom antiscorbutico.

SALVIA SCLARIA. L.

(S. bracteata. Sims., Sclarea vulgaris. Mill.)

Salva romana, Salva muscatel.

Hab. nas vizinhanças de Bragança (M. Ferreira), e cultiva-se nas hortas e jardins.

Flor. de maio a julho.

P. u. as folhas e summidades floridas.

Emp. as folhas em cataplasmas vinosas para combater as ulceras atonicas e fungosas; e as summidades floridas como aromaticas, estimulantes e tonicas [1]. Pouco usada.

---

[1] As summidades floridas têm-se empregado para substituir o Lupulo no fabríco da cerveja. O calyx d'esta salva tem um aroma muito similhante ao das uvas muscateis e por isso é muito empregado para falsificar o vinho muscatel e aromatisar o licor e aguardente d'este nome. O povo attribue ás sementes d'esta salva virtudes antiophtalmicas,

SALVIA VERBENACA. L. γ. *praecox*. Lge.

(S. verbenaca. α. vernalis. Bss., S. clandestina. L., S. horminoides. Pourr., S. polymorpha. Hffgg. et Lk., S. ceratophylloides. Colm., S. verbenacoides. Brot.)

Salva brava do inverno.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos da Beira e Extremadura.

Flor. no inverno e primavera e ás vezes já no outomno.

P. u. a planta florida.

Emp. a infusão como estomachica, o macerato vinoso contra as ulceras gangrenosas. Pouco usada.

ROSMARINUS OFFICINALIS. L.

(Salvia rosmarinus. Schleid.)

Alecrim.

Hab. no Alemtejo, Beira e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as folhas e summidades floridas.

Emp. como carminativas, estimulantes e emmenagogas [1].

(Continúa) ADOLPHO FREDERICO MOLLER.

---

[1] O Alecrim entra na composição da Agua da Rainha da Hungria, dos vinagres antiseptico e aromatico e d'outros medicamentos. Em Inglaterra usam da infusão das flores do Alecrim, como bom resultado, para combater os ataques da Asthma.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

ODE [1]

Á Guerra

Pandite nunc Helicona, Deæ, cantusque movete:
Qui bello exciti reges; quæ quemque secutæ
Complerint campos acies...

VIRG., Aen. lib. VII.

Até quando, Bellona, assolar tenta
Teu frenetico ardor miseros povos?
Porque de heroico sangue
Generosa torrente o orbe inunda?
A terra entregue geme ao crime, ao roubo,
Ao combate, á carnage, ao fogo, á morte;
E o mar nas vastas praias só descobre
Cadaveres, naufragios.

---

[1] Extrahimos esta *Ode* das *Rimas poeticas* de Manuel Mathias Vieira Fialho de Mendonça, auctor já conhecido dos leitores do Instituto pelo fragmento da traducção da Eneida e pela traducção de Sallustio, obras aqui publicadas em diversos volumes com preambulos, de José Liberato, segundo nos parece, a primeira e do sr. Alves de Sousa a segunda. O primeiro falla de algumas das suas poesias, reputadas excellentes, entre as quaes enumera esta *Ode*. Da viuva d'este poeta, senhora respeitavel pelas suas virtudes e talentos, escrevemos no volume XI d'este jornal, e de seu filho, do mesmo nome, fallou o sr. conselheiro Castro Freire no elogio de Francisco Antonio de Mello, inserto no nosso numero precedente.

Da guerra a furia, bronzeada a fronte,
De ruinas, de sangue avido monstro,
Do mundo o imperio arroga,
E á assoloção total hoje o abandona?
Nunca tanto Charonte a barca enchera!
Nunca a terrivel Parca de um só golpe
Tantos fios cortou, donde pendiam
As vidas dos heroes.

A barbara discordia, em sangue involta,
Sacode o facho, as viboras assanha;
Do chaos horrida amante,
A natureza abala e quanto ha nella:
Corre de abysmo a abysmo a traição dura;
Vingadores e cumplices dos crimes,
A desesperação e a morte cobrem
De cyprestes a terra.

Que transporte! que novo ardor me alenta?...
Um Deus de mim se apossa... eu sinto... é Phebo;
Seu divinal influxo
De accentos immortaes me adorna a lyra.
Ao som da minha voz cale-se o mundo!...
Attendei-me, escutae-me, oh reis, oh povos,
Da vossa agitação cesse o transporte
Ás verdades que eu canto.

Juizes dos mortaes, deuses da terra,
Suberbos oppressores do universo,
Se ameaçadores braços
Armados tendes do terror do raio,
Se os povos manietais, de um solto arbitrio
O poder moderae; são filhos vossos.
Os ferros, que embebeis no sangue d'elles,
Tingem-se em sangue vosso.

O prudente pastor defende, abriga,
Fiel ao seu dever, todo o rebanho
Contra os dentes do lobo,
Ou contra as garras do leão faminto.
E quando a fera foge, elle descança
Do grato guardador submisso ás vozes;
E se em seus braços o tosquia e ordenha,
Raivoso o não degolla.

Tal é um bom monarcha aos seus vassallos:
Humano em seus conselhos, seus projectos,
Do povo alonga a parca;
Co'os beneficios seus conta os seus dias:
Não aspira comprar com sangue a gloria,
Ás virtudes incumbe eternisal-o:
Taes heroes foram Antonino e Tito,
Delicias dos humanos.

Aborrecei as guerras intestinas,
A ambição lhes accende o fatal fogo:
Vós sois do mundo o estrago,
Mudais a terra em vasta sepultura!...
Ah! que tragica scena! a Europa toda,
Dos proprios filhos barbara madrasta,
Armara d'Asia o poderoso braço
Para os votar á morte.

Que barbaro tropel Siberia brota!
Que assassinos crueis o frio norte!
Unem-se caspios, tartaros,
Soltam bandeiras batavos, germanos;
Que furia lhes atiça a audacia horrivel!
Já não abrange a Europa o furor vosso,
Que, atropellando os mares, vos impelle
Turbar outro universo.

Deixa, deixa dos céos a estancia augusta,
Amavel paz, ha tanto suspirada;
De ti pende a fortuna.
Fecha o temivel templo ao Deus bifronte,
Bane o vil interesse, a torva inveja,
Torna a gloria ao talento, a vida ás artes,
E enramaremos co'os sanguentos louros
Teu myrto, a oliva tua.

MANUEL MATHIAS VIEIRA FIALHO DE MENDONÇA.

ELOGIOS HISTORICOS

IV

ELOGIO HISTORICO [1]

DO SOCIO

Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque

PELO SOCIO

Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro

Laudemus viros gloriosos...
Ecclesiastic., cap. XLIV.

Um dos maiores ornamentos, o maior talvez, da moderna litteratura franceza, escreveu em uma pagina das suas ultimas obras esta triste e desanimadora verdade:

«Que póde o homem para o homem que já não existe? Nada, senão um frio epitaphio. A pedra guarda a memoria por mais tempo que o coração, e é por isso que se grava um nome e uma palavra sobre um sepulchro. Mas quando a geração se extingue, os homens que passam, já nem a palavra nem o nome se comprehendem, e então é necessario que lh'o expliquemos.»

Senhores: — No epitaphio, que eu venho hoje gravar nas *Memorias do Instituto da Academia Dramatica,* lê-se o seguinte nome: Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, Moço Fidalgo da Casa

[1] Este *Elogio Historico* fórma o n.º 2 das *Memorias do Instituto da Academia Dramatica*, já por vezes citadas.

Real, do Conselho de Sua Majestade Fidelissima, Seu Ministro e Secretario de Estado Honorario, recebido na Ordem de S. João de Jerusalem, Gran Cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, Commendador da antiga e muito nobre Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Merito, membro da Academia das Sciencias de Lisboa, do Instituto da Academia Dramatica de Coimbra e d'outras sociedades litterarias nacionaes e extrangeiras, Coronel do Real Corpo de Engenheiros. E após elle as seguintes datas—16 de junho de 1792 e 27 de dezembro de 1846.

Agora ouvi a explicação: senão é necessaria para vós, é necessaria áquelles que vierem depois de nós, áquelles para quem aquellas poucas palavras forem escuras e insufficientes, e em todo o caso é o tributo que pagamos, neste dia de melancolicas recordações, á memoria d'um homem, que, tendo esclarecido a terra com a sua intelligencia, jaz hoje frio e inanimado debaixo d'uma campa.

Sossobrado e confuso me sinto, ao ter de levantar uma ponta do véo mortuario, que cobre uma das vidas mais illustres que têm atravessado na terra portugueza; mas vós, Senhores, que me encarregastes d'esta missão, bem vieis a grandeza d'aquelle vulto, comparada com a minha pequenez, e então espero que me escutareis com complacencia.

Se a sympathia e a admiração, que se sentem por certos homens, são sufficientes para lhes poder esboçar o elogio com traços, senão eloquentes, ao menos verdadeiros, sympathia e admiração sentia eu em elevado gráu pelo homem sabio e virtuoso que hoje commemoramos como nosso socio.

O sr. Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque nasceu em Lisboa aos 16 de junho de 1792. Eu podia entreter-vos com a genealogia dos seus ascendentes, nobres de muitas gerações; mas lembro-me que o bispo de Troies, achando em Luiza Izabel de França, infanta de Hespanha, duqueza de Parma e Placencia, virtudes e quali-

dades que iam ainda além da sua nobreza, exclamou no dia das suas exequias, deante d'um Delphim de França:

«*Je ne ferai donc pas á Madame Infante un mérite particulier d'être née du sang le plus auguste.*

Demais, Luiz Mousinho era um homem pouco suberbo da sua genealogia; a sua aristocracia, se a teve, era toda pessoal, e talvez por isso dos seus maiores o unico que se lhe ouvia citar com mais orgulho (orgulho de homem de lettras) era seu tio Antonio Pedro Mousinho d'Albuquerque, amigo e correspondente de Mr. de Voltaire.

Tinha o nosso socio apenas nove annos, quando perdeu seu pae, e foi nessa epocha que veio para Leiria, onde recebeu a sua primeira educação litteraria. Permitti, Senhores, que eu me demore um pouco com alguns promenores da sua infancia, porque está hoje incontroversamente assentado que é explorando a existencia no seu começo que se póde estudar a formação d'um caracter. As tendencias dos primeiros annos revelam sempre o homem futuro.

Todo o tempo que lhe crescia das suas lições, começou Luiz Mousinho a empregal-o em colligir e ordenar mineraes, insectos e productos chimicos; e em procurar os livros que lhe podessem esclarecer o entendimento, já particularmente inclinado ás sciencias naturaes. Nesta lide, nesta sêde de saber e observar, que eram ao mesmo tempo os brincos e distracções do infante, via-se já o physico, o chimico e o mineralogista do futuro, assim como noutros trabalhos d'esse tempo se denunciava o poeta que depois foi.

Effectivamente tinha apenas quatorze annos, quando fez uma traducção em verso da *Andrómacha* de Racine. Este trabalho tinha-lhe sido inspirado por aquella suave lamentação da esposa de Heitor no terceiro livro da *Eneida:*

O felix una ante alias Priameia virgo
Hostilem ad tumulum, Trojae sub moenibus altis
Jussa mori...

*

Mas uma cousa vos posso eu certificar, Senhores; se Racine, não obstante alterar um pouco a historia, tivesse feito como Euripedes, com que Andrómacha, já esquecida de Heitor, derramasse lagrimas receiando pela vida d'um filho de Pyrrho; se a viuva de Heitor chorasse por outro filho que não fosse Astyanax, não era Luiz Mousinho, não, o que traduziria a *Andrómacha;* porque nesse caso a sublime troiana perderia todo o prestigio para o seu coração, mesmo novo como era, e o coração foi sempre o que elle mais escutou.

Foi nesse tempo, pouco mais ou menos, que compoz tambem uma tragedia em prosa, tirada d'um romance da epocha; algumas poesias, onde o excesso da sua sensibilidade e imaginação ardente se reflectia sempre; algumas vistas, onde ainda sem nenhum conhecimento da arte de pintura, se viam já applicadas as regras da perspectiva; mas tudo isto pela maior parte se perdeu, como acontece sempre aos ensaios da criança, que o homem depois erradamente não tem em nenhum valor.

Assim lhe correu a infancia até que em 1809 assentou praça no Batalhão Naval, e matriculou-se no primeiro anno mathematico para seguir o curso da Academia de Marinha.

Em todos os tres annos, que então constituiam o curso mathematico, foi o nosso socio premiado, e com o terceiro anno frequentou junctamente o Observatorio Real de Marinha, onde adquiriu tal conhecimento dos instrumentos de reflexão e calculos astronomicos relativos á navegação, que em 1813 foi mandado admittir como partidista do Observatorio.

Ha porém certos melindres que é necessario respeitar, e que, longe de desconsiderarem o homem, o ennobrecem, depondo muitas vezes a seu favor.

Luiz Mousinho, que era portuguez de lei, via com muita magua o dominio que os inglezes iam exercendo sobre os nossos valentes militares; e por isso, tendo no principio da guerra da independencia preferido a Marinha ao Exercito, agora que a guerra tinha de todo cessado, prefere a vida pacifica do agricultor á vida do maritimo,

antepõe a vida da provincia ao bulicio da cidade, e para a gozar repousadamente entregando-se ao mesmo tempo ao estudo da litteratura, pediu em 1814, junctamente com a baixa do Batalhão Naval, a demissão de partidista do Observatorio.

E ainda bem que a pediu, Senhores; a esta sua decisão deve a litteratura patria o primeiro poema original do genero didactico. Fallo das *Georgicas Portuguezas,* poema em cinco cantos, dedicado a sua esposa, a ill.ma e ex.ma sr.a D. Anna Mascarenhas de Attayde, principiado nas margens do Tejo, concluido nas do Zezere, e publicado em París no anno de 1820.

É natural que todos vós o tenhais lido, e que todos como eu vos deleitasseis com a sua leitura. Poesia ora singela ora pomposa, mas sempre natural; assumptos pela sua natureza estereis, tornados fecundos; clareza nos preceitos, verdade nas descripções, riqueza nas imagens, doutrina, colorido, expressão, tudo ahi se encontra. Neste poema, que tão honrosamente para Luiz Mousinho e para a Nação Portugueza foi considerado pelo celebre Moratin em uma das suas poesias, vêem-se já applicados os principios da chimica e da botanica; e com tanta ordem e precisão são nelle tractadas todas as materias que dizem respeito á agricultura, que póde elle reputar-se um tractado completo, que devia constantemente andar nas mãos do lavrador.

Pois bem, Senhores; se vos lembrardes de que Virgilio principiou a compôr as suas *Georgicas* depois dos trinta e tres annos, admirados ficareis, se eu vos disser que todo este thesouro de doutrina theorica e practica foi concluido, não tendo ainda o seu auctor vinte e cinco annos.

Ao mesmo tempo que Luiz Mousinho, longe do fausto da côrte e no meio das doçuras de familia, assim aproveitava tranquillamente os seus dias em cultivar a terra e descrever os preceitos agricolas, a sua vida não estava ociosa para os demais estudos. Nesse remanso da provincia cultivou a litteratura, estudou a physica, poetisou, entreteve relações e correspondencias com os Trigosos, Garção e outros homens celebres da epocha, colligiu algumas

poesias suas, ainda em parte existentes, compoz uma tragedia em verso, ainda não publicada—*O Duque de Coimbra*—de quem foi sempre admirador enthusiasta, até que em 1820 foi convidado a ir para París, a fim de collaborar nos *Annaes das Sciencias das Artes e das Lettras,* que já a esse tempo contava nove volumes publicados, e de que seu sogro, o distincto José Diogo de Mascarenhas Netto, era director.

Ahi está esse monumento de gloria nacional levantado em terra extrangeira por Mascarenhas Netto, Candido Xavier, Solano Constancio e outros sabios portuguezes; ahi estão esses *Annaes* que ainda hoje são talvez o jornal mais cheio de doutrina, mais judicioso e mais completo que se tem escripto em lingua portugueza, para dizerem se a confiança que se depositou em Luiz Mousinho foi ou não justificada.

Esta collaboração, porém, não era sufficiente para elle exercer a sua actividade. Luiz Mousinho ardia no desejo de conhecer tudo, de professar todas as sciencias, de abranger, por assim dizer, todos os ramos dos conhecimentos humanos, e por isso, frequentando em París a Sorbonne, o Jardim das Plantas, e os demais cursos das sciencias naturaes, estudou o nosso socio a chimica, a physica, a botanica e a mineralogia, com as notabilidades scientificas que nesse tempo as ensinavam; e póde dizer-se que tão grande foi a applicação, tanto o fructo que d'ella tirou, que em cada mestre grangeou um amigo. Thouin, professor de agricultura, distinguia-o entre todos os seus discipulos. Dubois, preparador do laboratorio do Jardim das Plantas, de quem teve um curso particular, entregou-lhe as mais difficeis preparações, e tanto confiava no seu saber, que chegou Luiz Mousinho a explicar lições na Sala do Jardim das Plantas.

Tudo isto porém era ainda pouco para vontade tão energica. Ao mesmo tempo que collaborava nos *Annaes,* e que frequentava os differentes cursos das sciencias naturaes, fazia o nosso socio um curso de chimica a varios portuguezes, e leccionava no seu pequeno laboratorio os estudantes francezes que então frequen-

tavam a aula de Gay-Lussac. Mas o professor já lhe não bastava; o tempo ainda lhe crescia, o talento sobrava para mais. Escripta nessa epocha pelo nosso socio existe uma obra intitulada — *Idées sur un Etablissement d'Instruction Publique* — que teve a honra de ser recebida pelo Instituto de França, e deposta honorariamente na sua bibliotheca, conjunctamente com um exemplar das *Georgicas,* conforme lhe foi communicado por Delambre, secretario perpetuo d'aquella Academia; e existe um — *Quadro da acção e principaes combinações dos corpos inorganicos.*

Para julgar d'este *Quadro* foi nomeada uma commissão de que eram membros Gay-Lussac e Chaptal; e estes grandes homens em tanta conta o tiveram, que no parecer da commissão, que exararam, convidaram o auctor a continuar o trabalho começado; opinião que foi approvada e adoptada pela Academia das Sciencias.

Tinha porém de se não concluir esta obra, que logo no seu começo dera tanta honra ao nosso socio. O anno de 1823, que estava pela Providencia destinado a acabar na Peninsula com as novas Instituições, tinha chegado; o exercito do duque de Angoulème movia-se para os Pyreneos; o ministerio Vellèle, sem força para a resistencia, tinha cruzado os braços e consentido na violação do Direito das gentes; a Hespanha ia ser invadida; Portugal poderia achar-se involvido nesta guerra, e Luiz Mousinho achou que não devia em uma crise em que talvez a patria precisasse dos seus braços, achar-se longe d'ella num reino extrangeiro. Deixou pois a França e voltou para o seu paiz.

Pouco depois da sua chegada a Portugal foi nomeado provedor da Casa da Moeda.

Neste logar representando ao governo, mostrando os inconvenientes da fabricação do bronze, propondo reformas economicas, aconselhando melhoramentos, e apresentando um novo regimento, prestou Luiz Mousinho valiosissimos e desinteressados serviços. Desinteressados, digo, porque nesta reforma, entendendo o logar de provedor desnecessario, supprimiu o seu proprio logar! Tão

longe levava Luiz Mousinho o espirito de abnegação que sempre o distinguiu!

Os seus serviços porém não podiam limitar-se a isto, que para outro homem seria já muito. Nesse mesmo anno obtendo do governo a permissão para abrir um curso, em que, a favor da instrucção scientifica do seu paiz, aproveitasse o tempo que lhe sobrava das suas occupações como provedor e reformador da Casa da Moeda—abriu Luiz Mousinho um curso gratuito de physica e chimica.

Em remuneração d'este serviço é que D. João VI o promoveu ao posto de 1.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros. Era a primeira vez que Lisboa attonita via o provedor da Casa da Moeda a professar um curso. A physica e chimica, se não eram desconhecidas, estavam ainda muito atrazadas entre nós. Dallabella tinha composto um compendio de physica, mas no tempo da reforma universitaria do marquez de Pombal; o padre Theodoro d'Almeida tinha escripto alguma cousa tanto em physica como em chimica, mas no fim do seculo passado; Thomé Rodrigues Sobral não tinha imprimido as suas bellas lições; a Academia havia publicado algumas memorias sobre estas duas sciencias, mas tudo isto, além de ser insufficiente como corpo completo de doutrina, estava de mais a mais antiquado, depois do apparecimento de Biot, Thénard e Gay-Lussac, mestres de Luiz Mousinho.

Muita gente se lembra ainda das brilhantes prelecções do nosso socio naquella epocha. Este homem, que estava tão elevado na sciencia, descia á explicação minuciosa das mais pequenas duvidas que se lhe apresentavam, e creava por sua modestia e cortez affabilidade em cada ouvinte um admirador, em cada alumno um amigo.

Foi para os seus discipulos, e á medida que lhes explicava as lições que elle compoz o seu *Tractado de physica e chimica,* a primeira obra completa d'estas sciencias que Portugal possuiu, e cujo merito é por todos reconhecido.

Incansavel, senhores, como já vol-o pintei; desejoso de prestar

á patria todos os serviços que podesse como bom filho que era, offereceu-se para durante as ferias do curso de physica e chimica analysar os terrenos e agua das Furnas da Ilha de S. Miguel. Este offerecimento foi-lhe acceito e partiu para a Ilha.

A maneira por que desempenhou esta commissão acha-se honrosamente consignada em portaria de 30 de agosto de 1826, assignada por Ignacio da Costa Quintella; e para mostrar que o ministro fez justiça, ahi corre impressa a excellente memoria que o nosso socio publicou sobre aquella Ilha.

Voltando ao continente, foi encarregado, entre outros trabalhos, de analysar as aguas potaveis de Lisboa, de examinar a composição do cimento romano, e de fazer uma viagem com o fim de reunir e coordenar observações sobre a geographia e estadistica do reino.

Estes trabalhos, porém, foram em parte interrompidos, porque as idêas politicas, que no seculo XIX tinham de agitar a Europa, começavam a discutir-se em Portugal, e Luiz Mousinho achou-se involvido nas desgraçadas luctas que a discussão trouxe comsigo; luctas que se prenderam com os acontecimentos de 1828, que o levaram á emigração, que o constituiram um dos campeões mais strenuos e illustrados do partido liberal, e de que infelizmente um dia tinha de ser victima.

Oh! se ellas não fossem, se as doutrinas nunca descessem da discussão pacifica e racional da tribuna e da imprensa á gladiação no campo da batalha, Luiz Mousinho ainda hoje vivera talvez, as letras muito mais lhe teriam devido, e a patria fôra com isso mais feliz.

Estou chegado, Senhores, á parte mais difficil do elogio do nosso chorado socio, e confesso que não tenho forças nem subsidios para a emprehender. Estou chegado á parte politica da sua vida, e aqui onde elle foi tão grande, maior talvez de que nunca, pouco ou nada posso eu dizer.

Perderam-se as memorias? Não. Esqueceram-se os feitos? Ainda menos. Mas para mim as memorias são poucas e aos feitos não

assisti. Eu não fui seu companheiro na emigração, não vi os seus planos de batalhas, não ouvi os conselhos com que elle dirigia os cabos de guerra, não fui testemunha da energia, lealdade e pureza de intenções com que elle nas côrtes extrangeiras defendia a causa que abraçara, não militei em summa ao seu lado senão na ultima triste campanha que lhe roubou a vida.

Se isto é verdade em relação ao periodo que corre de 1828 a 1834, em que se acabou a guerra de portuguezes contra portuguezes, não deixa tambem de o ser pelo que respeita ao que corre de 1834 a 1846, em que de novo nos despedaçámos.

Demais a analyse d'esta gloriosa carreira politica de dezoito annos, além de não ser compativel com a pequenez d'este trabalho, excederia talvez a nossa missão como membros d'uma sociedade litteraria; e quando esta razão não fosse para me dispensar, seria bastante o saber eu que mãos mais habeis do que as minhas, penna mais digna, tem principiado uma memoria em que o nosso socio deve ser politicamente apreciado.

Quando esta memoria apparecer, e praza aos céos que ella não tarde, estou certo que se fará a devida justiça a Luiz Mousinho; e em todo o caso, quando um dia se escrever uma historia circumstanciada, critica e imparcial dos ultimos tempos, ver-se-ha então com mais evidencia o que foi o homem celebre que perdemos, porque a sua vida está ligada com os principaes acontecimentos do segundo quarto d'este seculo.

Por em quanto só vos direi que nomeado pela Regencia da Ilha Terceira, em attenção á sua elevada intelligencia e variados conhecimentos, secretario de estado unico de todas as repartições, foi Luiz Mousinho tão incansavel, tão zelozo, tão dedicado, prestou tantos e tão innumeraveis serviços, que no duque de Bragança encontrou um admirador e um amigo.

Que mandado com diversas missões ao Rio de Janeiro, a Londres, a París e a Madrid, soube sempre conciliar os interesses do seu partido com a dignidade da corôa que representava.

Que acompanhando a expedição ao Porto, onde fez parte do

ministerio, foi elle quem em uma representação de 23 de abril de 1833 propoz ao duque de Bragança, com a linguagem franca de que sempre fez uso, a expedição ao Algarve como unica medida militar, economica e politica que podia salvar o throno da senhora D. Maria II, nas apuradas circumstancias em que então se achava. O resultado d'esta expedição, que elle mesmo quiz acompanhar e dirigir, mostrou que o politico não se enganava.

Que mandado governar a Ilha da Madeira com poderes reunidos civis e militares, de tal sorte se houve no desempenho d'esta missão em crise tão difficil, que quando teve de deixar a Ilha por ter sido nomeado governador da India, cargo que não chegou a servir porque foi nessa occasião chamado ao ministerio, nem um só dos habitantes d'aquella formosa terra pôde ver sem profunda magua a partida d'este chefe idolatrado por todos.

Que sempre que foi eleito deputado e entrou as portas do parlamento, sempre o paiz o viu nos bancos da opposição, porque ahi, reputando-se mais livre e sem compromissos que o prendessem ao poder, julgava elle que melhor cumpria o seu mandato, e mais serviços prestava á sua patria, sem em cousa nenhuma comprometter a sua reconhecida independencia.

Só vos direi em summa, Senhores, que, tendo sido por cinco vezes ministro e secretario de estado, a unica demissão que lhe foi dada d'este importantissimo cargo foi a da noite de 6 de outubro de 1846. As outras pediu-as elle sempre, como homem que entre nós melhor tem comprehendido a theoria do systema representativo, como cidadão de costumes mais rigidos e mais austeros, que a nossa epocha tem visto; como portuguez que mais interesses sacrificou á inteireza do seu caracter pessoal. Depois d'este rapido esboço sobre a sua vida politica permitti, Senhores, que eu volte mais de espaço a enumerar-vos os serviços que mesmo no meio das agitações dos partidos e do desenfreamento das luctas civis elle prestou á sua patria.

Não são elles tão poucos, que eu os deva esquecer; são os do

seu ultimo quartel da vida, que elle nunca julgou fosse tão curta; e por si só seriam bastantes a conquistar-lhe um logar distincto entre os homens mais illustres d'esta terra.

Mesmo no meio do ruído das armas, por uma rara actividade de que tão generosamente o dotara a natureza, entretinha Luiz Mousinho o tempo que das lides lhe sobrava em cultivar a poesia, como homem que nella encontrou sempre uma suave diversão ás duras fadigas da vida publica. Ahi existe primorosamente impresso e publicado pela Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis o formoso poemeto intitulado *Rui o Escudeiro,* composto durante a campanha do cêrco do Porto. Lêa-se, e ver-se-ha que a singeleza do conto não perdeu nada com as flores elegantes de que foi revestido.

Estudae-o, e notareis que, composto em 1833, já aquella poesia, desprendendo-se das fórmas classicas, nos apontava o caminho que neste genero de litteratura a nova geração devia trilhar, iniciando-a no maravilhoso segredo das riquezas lyricas, que lord Byron tinha adivinhado na Inglaterra, que Victor Hugo e Lamartine haviam já ensinado á França, e que tambem então começavam a ser felizmente ensaiadas entre nós pelos srs. Garrett e Antonio Feliciano de Castilho.

Ao mesmo tempo que assim enriquecia a litteratura scismava Luiz Mousinho em outras obras que lhe não deram menos gloria que as da sua penna. Já tive a honra de vos dizer qual foi a saudade com que os habitantes do Funchal o viram sahir das suas praias em 1835; justa era ella quando mesmo se não attendesse a outra cousa mais do que á indole generosa do seu governo, mas outros titulos não menos nobres existiam, que o tornavam credor do reconhecimento d'aquelle povo.

Eu já não fallo, Senhores, dos esforços constantes que elle fez para melhorar a sorte dos madeirenses, reformando e soccorrendo os hospitaes, fazendo julgar os criminosos, instituindo um asylo de infancia, abrindo aulas de ensino primario, visitando o interior da Ilha, estudando as suas necessidades e tornando-se conhecedor

d'ella a ponto de que entre os seus manuscriptos existe principiada uma interessante memoria sobre aquella nossa possessão. Fallo de tres grandes obras meditadas e principiadas por Luiz Mousinho — o *encanamento das aguas do Rabaçal* — a *ponte do Ribeiro Secco* — e a *estrada do Funchal para a Camara de Lobos.*

Para que possais fazer uma idêa aproximada da primeira d'estas obras, a que um celebre escriptor inglez, o dr. Macaulay, chama *grande e tal que faria honra a qualquer seculo e a qualquer nação,* é conveniente que eu vos dê conta de parte d'uma correspondencia que o mesmo escriptor fez inserir num jornal do seu paiz, o *Atheneu.*

Diz elle:

«Na testada d'um barranco estreito e profundo que fórma o começo do Valle da Ribeira da Janella, ergue-se uma rocha perpendicular com mil pés de altura. Grande cópia de aguas mana d'esta penha; parte sacudidas do alto rochedo em abundante cascata e parte em fios innumeraveis, que rebentam das fendas na sua superficie vertical, gottejando por entre os arbustos que a povoam.»

«Todo este manancial de aguas era perdido, precipitando-se num como abysmo donde corria infructuosamente para o mar; observou-se porém que se as interceptassem na descida, e desviassem da carreira que a natureza lhes impozera, destinando-a por arte ao regadio do chão agricultado, seria incalculavel o proveito que dahi se tiraria.»

«Parece que similhante tentativa se fizera em epocha remota, de que não ha vestigio; o governador da Ilha em 1823 teve a mesma lembrança; porém só em 1836 se deu principio á obra.»

«Da extraordinaria habilidade do engenheiro a que foi commettida farão os que não viram o sitio a mais elevada idêa pela simples descripção seguinte.»

Não daremos aqui a descripção da obra que se lê no jornal inglez, porque isso nos levaria muito além do que razoavelmente deviamos; basta que se saiba que todas as difficuldades se ven-

ceram á custa de incriveis esforços; e que as nascentes da rocha vertical tão bem aproveitadas foram, que para baixo da levada, que ainda fica trezentos pés acima do fundo do abysmo onde antes se desperdiçava tanta riqueza, não se vê correr uma gotta de agua; em quanto que dahi para cima, que são ainda setecentos pés, é tudo uma abundante cascata que vai hoje regar e fertilisar o terreno de cinco bellas freguezias, que antes eram pela maior parte incultas.

O escriptor inglez, mal informado porém, commetteu duas inexactidões. A primeira é dizer que o encanamento teve principio em 1836, quando é certo que em tal epocha já o nosso socio, que o principiou, se não achava na Madeira. A segunda, que o engenheiro de tão grandiosa obra foi o sr. capitão Vicente de Paula Teixeira, natural da Ilha, quando não é menos certo que foi o nosso socio que a delineou. A sua memoria não precisava d'esta vindicação para ser grande, mas a nós compete-nos sobre tudo pagar um tributo á verdade. Demais, seja dicto sem offensa de nenhuma pessoa, se ha homem a quem se possa applicar o *tulit alter honores* do poeta romano, é Luiz Mousinho. Tanto na paz como na guerra, trabalhando para a patria e não curando de si, trabalhou tambem para a gloria dos outros: muitos dos seus actos andam erradamente attribuidos a quem os não practicou; porém eu entendo que é hoje um dever meu, ao menos naquillo que estiver ao meu alcance, não deixar tributar a ninguem as honras que a elle principalmente pertencem.

Bem basta, Senhores, o esquecimento com que lhe pagaram aquelles que mais lhe deviam e que mais d'elle se deviam lembrar.

Longe porém me levariam as reflexões que cabiam neste logar, e eu prometti fallar-vos d'outras duas grandes obras, pelo nosso socio meditadas e principiadas na Ilha da Madeira.

Estava desde muito tempo reconhecido que, se houvesse uma estrada que á beira-mar communicasse a cidade do Funchal com a Villa da Camara de Lobos, ficaria a Ilha dotada d'um passeio plano e agradavel, que, emendando a disposição montanhosa do

terreno, proporcionaria aos doentes, que alli concorrem de quasi toda a Europa a passarem o inverno, uma diversão facil, commoda e até muito util para o seu estado valetudinario. As difficuldades para que isto se conseguisse não eram pequenas, porque logo ao sahir da cidade para o lado do oeste se encontra uma grande quebrada formada pelas torrentes, no fundo da qual corre o Ribeiro Secco, quebrada que era mister atravessar por meio d'uma ponte, para em continuação d'esta lançar então a estrada até á Camara de Lobos.

Era ousadia, Senhores, emprehender similhante obra no meio das inevitaveis oscillações que uma guerra deixa após si; mas Luiz Mousinho, dotado d'uma vontade forte e que nunca desistiu senão deante do impossivel, desprezou todos os obstaculos que se lhe offereciam.

Os habitantes do Funchal, lembrados do heroe da epocha, mas esquecidos do que mais lhe convinha, intentavam levantar um monumento ao duque de Bragança. Levante-se, diz Mousinho, mas seja o monumento uma ponte sobre a quebrada do Ribeiro Secco, e uma estrada para a Camara de Lobos.

A lembrança foi festejada e acceita, a obra delineada e principiada, e a não ser a sahida de Luiz Mousinho para o continente certissimamente ficaria concluida. Felizmente o sr. José Silvestre Ribeiro, aproveitando-se agora do que já achou feito e riscado, conseguiu levar ao cabo a obra principiada pelo governador de 1835, que durante quatorze annos permanecera como elle a tinha deixado.

Se vos fiz estas ultimas considerações, Senhores, foi para principalmente vos mostrar como Luiz Mousinho entendia os monumentos que se devem erigir á memoria dos principes; foi para que, apresentando-vos uma feição do seu caracter, melhor podesseis conhecer o homem que perdemos; foi para que comprehendesseis uma das principaes razões da admiração que, como já vos disse, dedicou sempre ao duque de Coimbra, que para elle não era só o defensor do reino que nunca abusou do poder; o principe sabedor e prudente que tanto beneficiou o seu paiz; o martyr da

batalha de Alfarrobeira que pereceu victima de intrigas e mal cabidos odios; era tambem o homem severo e judicioso, que recusara uma estatua quando os cidadãos de Lisboa lh'a quizeram erigir sobre a porta dos Estáos em memoria dos beneficios que d'elle tinham recebido.

Estas diligencias, que Luiz Mousinho empregou para beneficiar a Madeira, e que nasciam do amor que elle teve sempre ás nossas possessões; amor que era ainda augmentado pelo sentimento de as ver abandonadas, foram igualadas, senão excedidas no continente.

Nomeado em 1836 inspector das obras publicas na divisão do centro do reino, foi incansavel no desempenho d'este cargo. Ahi está o lanço de estrada macadamisada ao pé de Leiria, que é d'esse tempo, ahi existem entre outros os projectos de melhoramento das barras de S. Martinho e Vieira, e do encanamento do rio Liz, para mostrarem o muito que elle estudou o ramo de serviço de que se havia incumbido.

Pouco tempo logrou a nação o possuil-o exercendo tão sollicitamente este emprego. Os acontecimentos que se seguiram á revolução de setembro de 1836, acontecimentos em que elle se achou involvido, obrigaram-o a interromper os serviços começados e a trocar a patria pela capital da França, onde o tempo não foi desperdiçado pelo sabio.

Ahi, ancioso de saber e augmentar ainda os seus conhecimentos, seguiu Luiz Mousinho diversos cursos, viu, meditou, applicou-se com especialidade ao estudo dos trabalhos de construcção; e quando voltou ao seu paiz em 1838, apresentou á Academia o seu *Guia do Engenheiro,* excellente manual sobre pontes, manual que é ainda hoje a unica obra que possuimos neste genero, e que a Providencia tinha destinado fosse a ultima que elle nos houvesse de escrever.

Habilitado como nenhum outro neste ramo, foi Luiz Mousinho nomeado inspector das obras publicas em todo o reino, e encarregado ao mesmo tempo de reformar esta repartição.

Os relatorios e projectos de obras que apresentou ao governo

desde que este cargo lhe foi dado até á sua demissão espantam pela fecundidade e riqueza de idêas, lucidez de doutrina, e consummada redacção. As obras que principiou e levou ao cabo nessa mesma epocha são admiraveis pelas regras que lhes foram applicadas, solidez com que foram construidas, e perfeição que as acompanhou sempre.

Como projectos de obras citarei os das barras da Figueira, de Aveiro, Porto e Caminha; os do encanamento do rio de Sacavem, do Guadiana e do Almonda, que elle intentara tornar navegavel até perto de Torres Novas.

Citarei o projecto de lei das estradas, cujas demarcações e divisões ainda hoje pela maior parte conservadas, são todas d'elle, e que impresso existe com o seu nome na Inspecção Geral das Obras Publicas.

Como obras citarei, entre outras, que para darem testemunho da sua actividade ahi se encontram pelo paiz, a ponte pensil do Douro e a restauração do monumento da Batalha.

E tudo isto meditou, fez e escreveu Luiz Mousinho, passando a maior parte do tempo a cavallo a inspeccionar os trabalhos, respondendo a uma infinidade de consultas do governo sobre assumptos extranhos, e occupando-se por vezes de examinar e tractar os negocios de mais d'uma empresa particular.

Mas, Senhores, eu fallei-vos na restauração do monumento da Batalha; e como ella não é de tão pequeno vulto, que se passe de leve, heis de permittir-me que eu me detenha um pouco na apreciação d'uma obra que nos vinga de tanta miseria d'este seculo.

A Batalha é o ultimo poema de Luiz Mousinho, é o seu sonho de artista, é o seu delirar de poeta. A Batalha, se elle não fôra, estaria hoje abandonada, a destruição que já a começava a minar ganharia forças maiores, e em pouco tempo aquelle padrão da nossa gloria, aquelle assombro de extrangeiros só seria para os visitantes um documento da nossa deshonra.

Bem o sabia Luiz Mousinho; isto doía-lhe no coração e por isso, quando el-rei veio fazer a sua digressão ás provincias do

norte, e visitou a egreja da Batalha, suscitou-lhe o nosso socio a idêa de se consignar uma prestação para os reparos e conservação d'aquelle monumento nacional. A idêa foi acolhida, a prestação votada e no principio do anno de 1839 foi começada a obra debaixo da direcção de Luiz Mousinho.

A providencia é que permittiu que a obra de D. João I e D. Manuel não caísse em mãos barbaras. Restauradores se diziam os frades seus antigos habitadores, e elles gastavam a prestação annual destinada a reparos em arrebiques italianos com que insultavam os lavores gothicos.

Restaurador da capella real havia sido o grande marquez de Pombal, e elle consentiu que se decorassem as janellas de ogiva que illuminam o tumulo do Mestre d'Aviz com vidros bastardos e descorados do seculo XIX!

Restaurador como estes podia tambem ser Luiz Mousinho, se elle fosse só um architecto e não fosse ao mesmo tempo um poeta.

Não, Senhores, devo aqui dizel-o. A restauração que se principiou e que ainda hoje se continúa debaixo do mesmo plano não é em nada inferior á obra primitiva, e a pequenez da prestação não impediu que o nosso socio a concebesse gigantesca. Tres coruchéos alluidos pela commoção do terremoto de 1755 foram logo apeados e reedificados, outros foram feitos de novo. As abobadas e coberturas foram vedadas. Os dois primeiros arcos lateraes foram reparados, reparado foi o frontispicio da egreja. Quasi todas as janellas de primeira ordem, e ainda algumas da segunda, foram apeadas e tornadas a levantar; outras, inteiramente destruidas, feitas de novo, e todas envidraçadas. E tudo isto dirigia Luiz Mousinho com um amor fanatico.

D'elle são os desenhos, d'elle os riscos para as novas vidraças, d'elle os processos para corar o vidro, d'elle tudo o que ainda hoje se está observando naquella restauração, que tencionava levar até á reedificação do grande coruchéo das Cegonhas, inteiramente destruido, e á cobertura do que existe feito das capellas imperfeitas de D. Manuel.

Para vos mostrar, Senhores, que a Batalha era o seu scismar contínuo, basta dizer-vos que, sendo demittido de inspector das obras publicas em 1843 por pertencer aos bancos da opposição, não o levou o despeito a ponto de lhe recusar os seus serviços, que não sabia elle o que era despeito quando se tractava da honra da patria. A Batalha era para elle como que uma filha adoptiva, e por isso ao mesmo tempo que lhe dedicava uma memoria, que não chegou a acabar de escrever, quasi que se pode dizer que foi elle quem a continuou a dirigir em quanto viveu.

Voltando de novo á vida domestica, empregou Luiz Mousinho o tempo que lhe sobrou da direcção das obras da valla da Azambuja e outros trabalhos de não menos transcendencia, que lhe foram commettidos por empresas particulares, em cultivar o espirito de suas filhas, repousando ao mesmo tempo da lide politica.

Neste folgar domestico, que elle tanto soube apreciar sempre que no meio da agitação da vida publica lh'o deparava a sorte, passou o anno de 1845 e parte de 1846, até que a revolução de maio d'este anno o veio arrancar ao seio da familia para nunca mais lh'o restituir.

Senhores! Vós sabeis a historia d'este grande acontecimento. De tristissima recordação é elle pelas dissenções que se lhe seguiram, e não seria eu que o traria hoje á vossa lembrança se podesse escusar-me de volver esta pagina dolorosa. Luiz Mousinho acceitou a revolução. Eis o facto. O ministro que referendara o decreto de 10 de fevereiro de 1842 não podia deixar de seguir o movimento popular que pretendia inaugurar as doutrinas d'aquelle decreto, e por isso, chamado ao ministerio, prometteu que havia de cumprir e guardar os principios que a revolução proclamava até que ás mãos da representação nacional entregasse a sorte do paiz.

A contra-revolução de 6 de outubro não lh'o consentiu. A representação nacional, convocada pelo decreto mais liberal que possuimos, não se chegou a reunir; e assim como Egas Moniz, que por não poder satisfazer a promessa, que havia feito ao rei de Leão no cêrco de Guimarães, foi a Castella com baraço ao pescço

offerecer a vida, marcha Luiz Mousinho para o campo dos populares e estraga-se em holocausto pelo cumprimento da palavra.

Outro que não fôra elle podia considerar-se exonerado quando mesmo não procedesse assim; mas Luiz Mousinho era mais que tudo um cavalheiro, e aos elevados sentimentos de honra, que poucos homens comprehendem, sacrificaria até as suas proprias convicções politicas, fossem ellas quaes fossem.

Quem se ha de erguer neste mundo para accusar o cavalheiro, Senhores?

O sacrificio foi-lhe acceito; na batalha mais renhida que então se pelejou perdeu Luiz Mousinho a vida, a promessa ficou satisfeita, a divida do ministro mais que paga pelo soldado; mas a patria, Senhores, a patria tinha perdido um dos seus primeiros filhos.

Sim, Senhores, no dia de 22 de dezembro de 1846, seriam quatro horas da tarde, quando o fogo se tinha accendido mais vivo no forte de S. Vicente. Luiz Mousinho, encostado a um parapeito, tão embebido estava na contemplação melancolica d'aquelle quadro de destruição, que nem dava attenção ao chuveiro de balas que á roda d'elle despedaçavam as oliveiras.

Foi nesta occasião que seu filho mais novo, collocado juncto delle, o viu vacillar, estender-lhe sobre os hombros a mão esquerda e levar a direita ao peito.

«Estou ferido, leva-me ao hospital de sangue» diz Luiz Mousinho. E assim apoiado sobre seu filho, caminhou ainda por seu pé até á capella do castello. Deitado sobre uma maca, com a cabeça encostada sobre uma mochila, ahi permaneceu no meio de gritos e gemidos de feridos até ás quatro horas da tarde do outro dia, em que foi conduzido para sitio mais proprio.

Prestaram-se-lhe todos os soccorros, mas apezar d'elles o seu estado peorava cada vez mais.

O delirio tinha-se accendido naquella imaginação ardente, a fatalidade da causa, que elle havia esposado, dominava-lhe exclusivamente os sentidos, retalhava-lhe o coração, e neste estado de agonia extrema se passaram cinco dias.

Sua esposa, que de Lisboa tinha corrido logo que soube do ferimento de seu marido, lembrou-lhe por conselho de medico que recebesse os soccorros espirituaes. Luiz Mousinho, apezar de não se suppôr em tão grande risco como o julgavam, annuiu de bom grado, e com uma firmeza de alma e resignação christã, que assombrava os circumstantes, recebeu todos os sacramentos no dia 27 pelo meio dia.

Sete horas depois no meio das lagrimas de sua esposa e de dois filhos entregou serenamente a alma ao Creador.

Deixae, Senhores, que eu aqui repita as proprias palavras com que um de seus filhos descreveu as ultimas honras funebres que se renderam a este grande homem.

«Ás duas horas da tarde (do dia 28) foi levado meu pae para a egreja. As orações que repetiam os padres, que tinham assistido aos seus ultimos momentos, eram cortadas por soluços e lagrimas. Foi vestido como tinha entrado na acção, sem divisas militares nem distinctivos de honras. O seu caixão foi levado por pobres, e a chave por um criado, a quem as lagrimas de dor sincera que experimentava suppriam o parentesco.»

Assim acabou um homem que reunia toda a moralidade, rigidez e inflexibilidade de caracter dos antigos tempos a todas as virtudes da sua epocha. Um homem que era ao mesmo tempo nobre pela sua stirpe, grande pelo seu saber, distincto pelas suas qualidades. Um homem que pelo seu vasto saber nas sciencias e nas letras foi seguramente entre nós o primeiro d'este seculo, porque á idealidade de poeta, aos conhecimentos do mathematico, do philosopho, do engenheiro e do soldado, reunia a profundidade do litterato e a sciencia do estadista.

Um homem que sempre antepoz o dever e a lealdade de cidadão ás riquezas e commodidades da vida. Um homem que era tão incapaz de adular o povo como o poder, porque, independente por natureza, tanto esperava d'um como do outro. Um homem, emfim, que, tendo sido por cinco vezes ministro de estado, e tendo occupado em quanto vivo elevadas posições, deixou em partilha a seus filhos uma parca fortuna. Seja dicto para confusão dos ambiciosos.

A casa ao pé de Leiria, onde hoje habita a sua familia, representa a legitima de sua esposa e algumas economias feitas nos ordenados de provedor da Casa da Moeda, com que foram comprados os titulos por que a obteve. Desinteressado como ninguem, recusou-se a receber na qualidade de secretario da regencia mais do que a prestação de 12$000 réis dada aos outros emigrados; pela lei das indemnisações offerecendo-se-lhe o saldo dos vencimentos que por aquelle titulo lhe competiam, e que nos Açores recusara, rejeita a liquidação.

Offerece as *Georgicas* aos redactores dos *Annaes das Sciencias das Artes e das Lettras;* dá o *Rui Escudeiro* á Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis; faz presente do *Guia do Engenheiro* á Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Bom e generoso por condição, nessa epocha em que poucos tinham a coragem de erguer a voz a favor dos vencidos, teve elle a ousadia de levantar a sua contra os exaltados de 1834, que abusando da victoria queriam tornar mais amargo o calix áquelles a quem a fortuna tinha já abandonado no campo da batalha, e que a elle devem principalmente tudo quanto em seu favor se estipulou na convenção de Evora-Monte.

Arrebatado de genio por momentos, mas puro de costumes e dotado de extrema sensibilidade, pedia ao céo para suas filhas não

> ..... a vaidade,
> Nem das pompas e grandeza
> Faustuosa falsidade;...

porém sim

> ..... essa innocencia
> Sem a qual não ha ventura,
> A piedade, a paciencia,
> A caridade, a doçura [1].

Enthusiasta da gloria, apaixonado do bello, sectario constante d'uma generosa idealidade, correu sempre atrás d'esse sonho de perfectibilidade moral, que julgou realisavel sem a encontrar nunca.

---

[1] TROVADOR: *A oração do Vate*, pag. 260.

Portuguez no fundo d'alma, dedicado constantemente aos interesses da patria, trabalhou sempre por ella, admirou-lhe as glorias, votou-lhe o coração, deu-lhe a penna, consagrou-lhe a espada, e com o nome da patria nos labios morreu como Camões.

Eram estas qualidades reunidas, Senhores, que o tornavam um dos oradores mais attrahentes e seductores da nossa tribuna, quando com as suas palavras cheias de força e colorido, repassadas de enthusiasmo e ungidas de verdade, acordava os echos do salão de S. Bento.

Eram ellas que lhe davam essa excentricidade politica, que os homens, ambiciosos de dominio, reprovam, mas que elle orgulhoso inscrevera na sua bandeira, porque nunca aspirou a elle.

Foram ellas que o levaram a sacrificar-se no meio das cohortes populares, e que, dando-lhe a corôa do martyrio, o roubaram para sempre á patria na edade de cincoenta e quatro annos.

Oh! Como elle se illudiu nos seus sonhos de poeta! O seu mais vivo desejo, a sua constante esperança, o seu scismar de cada dia, era chegar a viver uma velhice repousada no meio da esposa e dos filhos que amava.

Ainda não tinha vinte e cinco annos, ainda o fogo da mocidade lhe pulava no coração, já elle olhava para o futuro, já elle escrevia nas *Georgicas:*

Sim, por vós, filhos meus, vereis um dia
Estes ruraes preceitos practicados,
Producto caro do vigor dos annos.
Então, cheio de cans e de venturas,
Assentado entre vós, qual cedro antigo
Entre as alegres plantas que o rodeiam,
A par da esposa folgarei de ouvir-vos.

Mais tarde, quando ainda a força superabunda na vida, quando ainda a velhice não deve lembrar, escrevia elle no seu formoso apologo do *Carvalho e a Vide,* dedicado a sua filha mais velha:

Tu és, oh filha, a vide carinhosa
Que juncto a mim mimosa tens brotado:
Depois que despontaste melindrosa

Treze gyros o sol tem completado.
Se até hoje esta copa vigorosa
Contra os Euros te tem agasalhado,
Espero um dia minha frente núa
Placido repousar á sombra tua.

Desejos vãos! Mallogrado sonho da vida! Nem isto a fortuna lhe concedeu. Lá jaz sepultado em Torres Vedras aquelle que depois d'uma velhice repousada devera dormir o somno eterno debaixo das abobadas venerandas do mosteiro da Batalha.

Mattheus Fernandes tem alli a sepultura, porque devia descançar debaixo das naves e arcarias que levantou; Luiz Mousinho deve alli ter a sua, porque as soube restaurar.

Esperamos que a sua familia obterá esta concessão; e quando isto for, terá ao menos a consolação de lhe poder ajoelhar na campa todos os dias; porque hoje, se ha alguma cousa que a possa consolar, é sómente o ver que a sua morte foi geralmente sentida e chorada.

Sim, geralmente chorada; para o sentimento não houve amigos nem contrarios; o Marechal Saldanha, o seu adversario politico, foi visital-o depois da victoria; e apezar dos louros que lhe cingiam a espada, não pôde conter as lagrimas e chorou.

Choremos nós tambem, Senhores; nós não perdemos só um homem que admiravamos, perdemos mais do que isto — perdemos um sabio, perdemos um amigo, perdemos um irmão.

Em quanto a mim, resta-me exclamar como Aimé Martin concluindo o ensaio sobre a vida de Bernardin de Saint-Pierre.

«Eu posso tambem pronunciar o *non omnis moriar* de Horacio, porque acabo de gravar o meu nome ao lado d'um nome que não deve morrer.»

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

PUBLICAÇÕES OFFERECIDAS AO INSTITUTO

Foram recebidas e se agradecem as obras seguintes:

Relatorio dos trabalhos academicos, no anno decorrido de junho de 1873 a junho de 1874, pelo secretario adjuncto dr. José Pereira Rego Filho.

Relatorio dos trabalhos academicos, no anno decorrido de junho de 1874 a junho de 1875, apresentado em sessão magna anniversaria de 29 de junho de 1875, pelo secretario geral dr. José Pereira Rego Filho.

Relatorio dos trabalhos academicos de 30 de junho de 1875 a 30 de junho de 1876, apresentado á Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro em sessão magna de 30 de junho de 1876, pelo secretario geral dr. José Pereira Rego Filho.

Beriberi.—Relatorio apresentado á Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro em sessão de 6 de maio de 1872, pelo dr. José Pereira Rego Filho, sobre o trabalho do sr. dr. J. F. da Silva Lima, intitulado—*Ensaio sobre o Beriberi no Brasil,* enviado á mesma, com o fim de obter o titulo de Membro Correspondente.

A Albumino-Pymeluria—Relatorio apresentado á Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro em sessão de 7 de agosto de 1876, pelo dr. José Pereira Rego Filho.

These apresentada á faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 31 de agosto de 1868, por José Pereira Rego Filho.

Relatorio lido á Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, pelo membro titular dr. José Pereira Rego Filho, sobre o trabalho do sr. dr. Beni Barde, candidato ao logar de membro correspondente da mesma Academia na sessão de 20 de abril de 1874.

Bibliographia pelo dr. José Pereira Rego Filho.—Alguns dados relativos á estatistica medica da cidade de Buenos-Ayres durante o anno de 1876 por Emilio R. Coni.

REDACTORES

Francisco de Castro Freire (Conselheiro), Presidente
Abilio Augusto da Fonseca Pinto
Antonio de Assis Teixeira de Magalhães (Dr.)
Antonio José Gonçalves Guimarães (Dr.)
Augusto Filippe Simões (Dr.)
José Epiphanio Marques (Dr.)
Luiz da Costa e Almeida (Dr.)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente e Ilhas	1$560
Para Coimbra	1$500
Numero avulso	160

A correspondencia litteraria deve ser dirigida ao Dr. José Epiphanio Marques; a de administração e gerencia, ao gabinete do Instituto—Coimbra.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

DIREITO CIVIL

Analyse critica dos artigos 965.º, 980.º e 981.º do Codigo Civil Portuguez

(Continuado do n.º 5, pagina 202)

III

Artigo 980.º—Os titulos, de que tracta o artigo 978.º, não serão admittidos a registo, sem que se mostre que estão pagos ou assegurados os direitos que pelo respectivo acto se devem á fazenda nacional; e sendo divida hypothecaria com estipulação de juros, sem que se tenha feito o competente manifesto.

§ unico.—O conservador, que os admittir, será suspenso por um anno, e, se algum dos interessados alcançar sentença que julgue nullo o registo, responderá por perdas e damnos.

«Dos titulos que podem ser admittidos a registo», é a epigraphe da divisão que comprehende os artigos 980.º e 981.º, que temos de analysar.

Para se fazer o registo de um direito predial não basta qualquer prova de que se é proprietario d'esse direito; é necessario um titulo que legalmente prove o dominio, e isto porque do registo derivam muitos e importantissimos effeitos, como precedentemente vimos. É por este motivo que a presente divisão se occupa dos titulos que podem servir de fundamento ao registo, alguns dos

quaes podem ainda ser recusados pelos conservadores, como se vê do artigo 981.º São cautelas e uteis prevenções que o legislador tomou, a fim de evitar incommodos e despesas que podem originar os registos falsos.

É no artigo 978.º que se enumeram os titulos admissiveis a registo, os quaes em geral podemos dizer que são todos os que provam o dominio do direito registando. No artigo 979.º refere-se o Codigo á hypotheca constituida em paiz extrangeiro, a qual, para no reino ser registada, exige a lei que seja previamente traduzido em portuguez o titulo por que foi contrahida, sendo este visado pelo agente consular ou diplomatico na respectiva localidade, e reconhecido no ministerio dos negocios estrangeiros,— artigo 92.º do Regulamento.

Duvidou-se, antes do Regulamento de 1870, se a insufficiencia do titulo seria ou não motivo de recusa, duvida que este Regulamento desvaneceu completamente no artigo 90.º, exigindo como requisito necessario para a admissão de qualquer titulo a registo a sua sufficiencia. De modo que uma sentença de que se tenha appellado não poderá admittir-se como fundamento do registo, e deverá esperar-se que em ultima instancia seja a questão decidida.

No artigo 980.º, que especialmente temos de estudar, diz o Codigo que nenhum titulo dos admissiveis a registo será effectivamente admittido, sem que se mostre que estão pagos ou seguros os direitos devidos pelo respectivo acto á fazenda nacional, e que, sendo divida hypothecaria com estipulação de juros, se exija o competente manifesto. No § unico commina-se uma pena ao conservador que transgredir esta disposição, e impõe-se-lhe a responsabilidade civil, se algum interessado obtiver sentença que annulle o registo.

Da simples leitura do artigo se vê que o legislador teve em vista, formulando-o, garantir por este modo os interesses fiscaes. O conservador é, pelo § unico, considerado um empregado fiscal, um zelador dos interesses da nação, como todo o empregado publico o deve ser, especialmente sob este ponto de vista. A mesma

doutrina vem consignada no Regulamento de 1870, ainda que levemente modificada, como adeante veremos—Regulamento cit., artigos 155.º n.º 7.º, 94.º e 201.º

Vejamos mais minuciosamente a disposição do artigo.

Primeiramente exige que se mostre estarem pagos os direitos devidos á fazenda; depois, que para a divida hypothecaria com estipulação de juros se exija o competente manifesto. São necessarias pois duas condições para a exigencia do manifesto: 1.ª que seja divida hypothecaria; 2.ª que tenha havido estipulação de juros. É isto o que diz a letra da lei; outra cousa porém se deprehende do seu espirito.

Effectivamente, como dissemos já, este artigo é evidentemente destinado a zelar os interesses fiscaes, e, sendo assim, devia exigir o manifesto em todas as dividas em que houvesse de pagar-se decima de juros, o que na realidade se não dá, attendendo á simples letra do texto, poisque, para haver manifesto, é condição essencial a estipulação de juros, quando ha dividas gratuitas que pagam decima, e dividas com juros que a não pagam.

Ha pois evidente desharmonia entre a letra e o espirito da lei. Parece que o legislador entendeu que todas as dividas com estipulação de juros, e só ellas, pagavam decima, o que na realidade não acontece.

Qual das interpretações deverá preferir-se, e qual será mais juridica,—a que é harmonica com o espirito do Codigo, ou, pelo contrario, a que se deduz sómente da letra do artigo?

O Regulamento de 1870, nos artigos 94.º, 155.º n.º 7.º e 201.º, pronunciou-se pela primeira, e estabeleceu, a nosso ver muito bem, que se exigisse o manifesto, quando o acto que se pretendia registar *a elle estivesse sujeito,* e não fallou na estipulação dos juros.

Ora, como as dividas de dinheiro, ou sejam gratuitas ou não, estão sujeitas a manifesto,—alvarás de 26 de setembro de 1762 e 11 de maio de 1770, e resolução de 12 de junho do mesmo anno; lei de 7 de abril de 1838, e instrucções regulamentares de 22 de abril de 1851,—porque pagam decima de juros, é claro que deve

eliminar-se do artigo, ou considerar-se inutil, a segunda condição que ella exige para o manifesto.

Eis o que sobre esta questão entendemos.

Para concluirmos esta analyse, vamos dar algumas explicações sobre os termos de que se serve o artigo. O sr. Dias Ferreira diz que deve dar-se á palavra *direitos* a significação de impostos, isto é, que só aos impostos se refere, e não a quaesquer outros direitos que tenha a fazenda nacional. Parece-nos na realidade completamente acceitavel esta opinião do auctorisado jurisconsulto, e muito concludentes as razões em que a baseia, e por isso a adoptamos tambem.

Já houve todavia quem sustentasse, como diz o citado jurisperito, que era applicavel este artigo aos direitos que tivesse a fazenda nacional provenientes dos seus rendimentos privados, como por exemplo — os fóros.—

Diz-se mais no artigo 980.º — «emquanto não estiverem pagos ou *assegurados*.» — A primeira parte é de facil comprehensão, mas a segunda requer, para se entender bem, que se tenha em vista que as leis fiscaes permittem o pagamento das contribuições em prestações, e portanto que este termo *assegurados* se refere á garantia que deve tornar effectivo o pagamento d'essas prestações.

IV

Artigo 981.º— Os conservadores podem recusar admittir a registo definitivo titulos manifestamente nullos ou illegaes, e, sendo escriptos particulares, tambem aquelles a que faltar o reconhecimento das assignaturas, quando as acharem duvidosas. Nesse caso, feita a declaração do motivo da recusa, o conservador fará o registo, mas provisorio.

§ 1.º— Se a recusa provier da falta de reconhecimento de assignaturas, o registo converter-se-ha em definitivo pela apresentação de documento devidamente reconhecido, ou acompanhado de prova de authenticidade das assignaturas.

§ 2.º— Se a recusa se fundar em nullidade ou illegalidade do titulo, será a questão resolvida pelo poder judicial, ouvido o ministerio publico, e o registo se tornará definitivo, quando a decisão, que assim o determinar, tiver passado em julgado, e for apresentada ao conservador.

Expõe o Codigo neste artigo os casos em que o conservador póde recusar-se a fazer o registo: esses casos são tres: a nullidade dos titulos, a sua illegalidade, e a falta de reconhecimento das assignaturas, achando-as duvidosas, quando o titulo seja um escripto particular. Em qualquer d'estes casos, recusando o conservador fazer o registo, diz o final do artigo,—*fará* o registo provisorio, e declarará o motivo da recusa—: Quando a causa da recusa tiver sido a falta do reconhecimento das assignaturas, haverá o registo definitivo, desde que houver o reconhecimento, ou prova da authenticidade d'ellas.

Da recusa do conservador póde interpôr-se recurso para o poder judicial, a quem exclusivamente pertence julgal-a boa ou má, e só em vista de sentença passada em julgado poderá ser admittido a registo o titulo recusado por nullo ou illegal. E é exactamente

este recurso que justifica até certo ponto um certo arbitrio, que o artigo confere ao conservador na recusa dos titulos. Já dissemos algures a razão que temos por justificativa d'este artigo, que é o querer o legislador evitar os incommodos e despesas que resultam d'um registo nullo.

O sr. Dias Ferreira, commentando este artigo, diz no tomo 2.º, pagina 461, o seguinte: «este artigo especifica os casos de recusa do registo, que são peculiares do registo definitivo, e que pelo Regulamento de 28 de abril de 1870 foram ampliados com o de suspeita de falsidade dos documentos, como já dispunha o Regulamento de 14 de maio de 1868, artigo 180.º O registo definitivo podia ainda ser recusado por outros motivos, que são egualmente procedentes para a recusa do registo provisorio.»

Salvo o devido respeito pelo abalisado jurisconsulto e illustrado commentador, julgamos erronea, em a nossa humilde opinião, a doutrina que transcrevemos. Conclue-se d'ella, e é adeante confirmado no commentario ao artigo que estudamos, que estes casos de recusa o são sómente para o registo definitivo, e que portanto o conservador sempre é obrigado a fazer o registo provisorio, quando as causas da recusa sejam a nullidade ou a illegalidade a que se refere o artigo 981.º E isto, não obstante o artigo 157.º do Regulamento de 1870 dizer expressamente que os conservadores *podem fazer* o registo provisorio em logar do definitivo, quando duvidarem da veracidade, authenticidade, sufficiencia ou legalidade dos documentos apresentados.

Vê-se claramente que o Regulamento faz duas alterações importantes ao Codigo: 1.ª, amplia as causas de recusa, accrescentando a falsidade e a insufficiencia; 2.ª, não diz, como o artigo 981.º do Codigo, *fará* o registo provisorio, mas sim *podem fazer* registo provisorio. É exactamente nesta diversidade de expressões que versa toda a questão, porque, segundo o Regulamento, não resta duvida que o registo provisorio é facultativo em vista das expressões *poderá fazer,* emquanto que em face do termo *fará,* que emprega o artigo 981.º do Codigo, parece ser obrigatorio. O

sr. Dias Ferreira concilia os dois termos da maneira seguinte: é facultativo, quando as causas de recusa forem as que o Regulamento accrescentou ao Codigo; é obrigatorio, quando essas causas forem as que menciona o artigo 981.º, porque em caso de collisão ha de prevalecer ao Regulamento a doutrina do Codigo. Para mostrar com mais evidencia que nas hypotheses do artigo 981.º o registo provisorio é obrigatorio, compara-o com o 967.º n.º 5.º, e diz que, em face do artigo 967.º n.º 5.º, poderia duvidar-se se era ou não obrigatorio, visto que este artigo se serve das expressões *podem ter registo provisorio,* mas que a substituição d'estes termos pela palavra *fará,* feita pelo artigo 981.º, tirou todas as duvidas, e claramente se vê que é obrigatorio.

Em primeiro logar, parece-nos que a natureza das causas de recusa que menciona o artigo 157.º não auctorisa a distincção que se fez. Não vemos razão para que nuns casos seja obrigatorio o registo provisorio, e noutros apenas facultativo. Parece-nos estarem todas no mesmo plano, e tanto mais, quanto o valor d'ellas está dependente até certo ponto do arbitrio do conservador. Philosophicamente, parece-nos pois que deve haver egualdade de disposição para todas.

Se passarmos em seguida a analysar o artigo 157.º do Regulamento, confrontando-o com o Codigo nos artigos 981.º, 967.º n.º 5.º e 969.º § 2.º, facilmente concluimos que não ha conflicto algum, e que o Regulamento, se á primeira vista não é harmonico com o artigo 981.º, está em perfeito accordo com o espirito do Codigo.

Estudemos.

Dos artigos 967.º n.º 5.º e 969.º § 2.º conclue-se que o registo provisorio é facultativo e é obrigatorio; facultativo, quando o apresentante o não exigir; obrigatorio, quando se dê a hypothese inversa. E esta conclusão é generica, é ampla, abrange todas as hypotheses, não exceptua o artigo 981.º; pelo contrario, comprehende-o, como se vê do artigo 967.º n.º 5.º, que expressamente a elle se refere.

Do artigo 981.º conclue-se effectivamente, como quer o illustre jurisconsulto com quem temos a honra de discutir, que o registo provisorio é obrigatorio; mas não póde concluir-se que o é *sempre*, e é aqui onde está a nossa divergencia. O espirito do Codigo, que se revela com toda a clareza nos artigos 967.º n.º 5.º e 969.º § 2.º, obsta áquella generalidade, e auctorisa-nos á condicional —*se o apresentante assim o exigir*—; e nada vemos que justifique a amplitude que o esclarecido commentador deu á expressão *fará*.

E, do mesmo modo, julgamos dever tambem interpretar-se o artigo 157.º do Regulamento, de fórma que em qualquer dos casos de recusa, nelle especificados, o registo provisorio seja facultativo, *se o apresentante não exigir o contrario*,— artigo 969.º § 2.º do Codigo. A interpretação contraria de que é meramente facultativo, de que está incondicionalmente dependente do arbitrio do conservador, parece-nos contraria ao espirito e á letra do Codigo. E assim ainda neste ponto divergimos da opinião que no seu commentario sustenta o sr. Dias Ferreira.

Na analyse d'este artigo outra questão póde agitar-se, qual é a que consiste em determinar a extensão da seguinte expressão «titulos manifestamente nullos ou illegaes.» A relação do Porto, em accordão de 25 de janeiro de 1870, pronunciou-se pela opinião de que se refere unicamente á fórma e solemnidade externa; pelo contrario, o sr. Dias Ferreira diz que, desde que o Codigo declara que o conservador póde recusar o registo definitivo, não só aos titulos illegaes, mas tambem aos nullos, não póde a sua competencia ser limitada a avaliar os titulos só pelas suas formalidades externas. Parece-nos preferivel esta ultima opinião, porque o artigo não dá logar a distincção alguma.

O processo a seguir no recurso para o poder judicial, de que falla o § 2.º do artigo 981.º, não é já regulado pelo Regulamento de 1870, mas sim pelo Codigo do Processo, que o revogou, nos artigos 788.º a 791.º

Coimbra, 28 de fevereiro de 1879.

JACINTHO CANDIDO DA SILVA JUNIOR.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A NATUREZA DA ESPECIE EM MINERALOGIA

De todos os ramos da historia natural a mineralogia é aquelle cujas theorias geraes se acham hoje menos adeantadas e, ao mesmo tempo, aquelle que é geralmente mais ignorado. Entre outros prejuizos, que seria vantajoso extirpar, assevera-se muitas vezes que:

A mineralogia não é uma sciencia, porque o estudo dos mineraes é todo feito pelas sciencias physico-chimicas, especialmente pela chimica;

As classificações mineralogicas são meras classificações physico-chimicas, e a nomenclatura das especies deve basear-se principalmente sobre a composição chimica;

A mineralogia não póde ser um ramo da historia natural, porque, não existindo nada que mereça o nome de individuo mineralogico, as especies não têm a mesma significação que em zoologia e em botanica.

Taes são os pontos sobre que reflectiremos no decurso do presente artigo, reservando para outros algumas das questões mais interessantes da mineralogia e da geologia.

I

Se a physica procura chegar ao conhecimento das leis que regem os grupamentos das moleculas entre si e dos movimentos que as animam; se o fim da chimica é a descoberta das leis que seguem

os grupamentos dos atomos em cada molecula; se as tendencias supremas de ambas se dirigem a procurar a verdadeira natureza da materia e a sua constituição: quem deverá encarregar-se de fazer o inventario, estudar as relações e indagar a origem dos differentes materiaes que compõem a parte inorganica tanto da terra como dos outros astros? A mineralogia, cujo dominio é por isso mesmo incomparavelmente mais vasto do que o da zoologia e da botanica.

Na historia natural dos corpos celestes, da terra em especial, não basta que o chimico reconheça os elementos e os compostos definidos que elles formam entre si, nem o estado natural e as propriedades physicas de cada um d'estes corpos, simples ou compostos. Se assim fosse, a mineralogia não passava, de facto, de um ramo particular da chimica ou da physica. Mas é necessario conhecer tambem o modo como as substancias se acham misturadas umas com as outras, as suas relações reciprocas e as suas metamorphoses successivas; o que exige o emprego de methodos especiaes e de meios de observação mais similhantes aos da zoologia e da botanica do que aos da physica e da chimica.

O que são, pois, as especies mineraes? São substancias puras, ou agregados de substancias?

Raras vezes as substancias da natureza se apresentam em estado perfeito de pureza, isto é, formadas da mesma classe de moleculas; o caso mais frequente é, pelo contrario, ellas virem acompanhadas de outras substancias distinctas, resultando assim uma mistura de partes diversas, em que póde predominar um composto qualquer. Ora é possivel que os elementos da mistura tivessem todos uma origem commum, ou derivassem uns dos outros por transformações chimicas successivas. Em qualquer dos casos, a historia de um d'elles acha-se estreitamente ligada á dos restantes, e não póde deixar de ser estudada em commum. A pyrita, por exemplo, que se compõe principalmente de ferro e de enxofre na proporção do bisulfureto, contém de ordinario pequenas quantidades de ouro, cobre, cobalto ou nickel.

Seria pouco philosophico considerar *in limine* estes metaes como extranhos á pyrita. Por isso a pyrita aurifera não costuma ser considerada como a mistura das especies pyrita e ouro, mas sim como uma só especie, e o mesmo a respeito da pyrita cuprifera, cobaltifera ou nichelifera; sendo todas variedades differentes de uma especie unica, em que entra sempre como elemento principal o bisulfureto de ferro [1].

Todavia é certo que nalguns casos se apresentam ao observador associações de especies verdadeiramente differentes. Estes casos dão-se, de ordinario, quando ao contacto de uma substancia já formada chegam aguas trazendo em suspensão ou dissolvidos os elementos de outras substancias.

Assim, o que deve caracterisar as especies mineraes não é a uniformidade das moleculas chimicas, como alguns admittem; mas antes a communidade de origem. Neste ponto ha perfeita analogia com as especies organisadas, animaes ou vegetaes.

O typo da especie, o verdadeiro typo mineralogico, é uma entidade imaginaria, como o typo da especie biologica, é a reunião de todos os caracteres communs a um certo numero de exemplares muito similhantes entre si; os quaes ficarão depois pertencendo á mesma especie. Logo os caracteres de um exemplar não serão exactamente os do typo da sua especie, mas estes mesmos um pouco modificados ou addicionados de outros.

D'aqui a inconveniencia das formulas chimicas empregadas por alguns auctores para representar a composição das especies; porque, além de corresponderem á idêa que antigamente se fazia d'estas especies e que hoje a sciencia rejeita, seriam em extremo difficeis de deduzir na maior parte dos casos, em que, por a composição ser complicada, nos devemos contentar com a media dos resultados directos das analyses quantitativas de differentes exemplares.

---

[1] Além d'estas variedades, que differem na composição chimica, ha outras que differem simplesmente na estructura ou na fórma exterior.

O typo do genero é formado pela reunião dos caracteres communs a um grupo de especies similhantes; o typo da familia pela reunião dos caracteres communs a um grupo de generos; etc.

A natureza, porém, não offerece especies nem generos nem familias; o que offerece são exemplares de variedades, com os quaes systematicamente construimos as especies, generos, etc.; são grupos necessarios ao methodo scientifico, e servem para referirmos a elles a descripção e o estudo dos seres naturaes.

Ha muitas especies que se acham tão intimamente ligadas a outras, que não é possivel fixar entre ellas limites de separação. É ainda um facto que tambem se observa a respeito dos seres organisados. Por exemplo, a magnesita e o calcareo são classificados por todos os mineralogistas como duas especies distinctas; mas em qualquer d'ellas ha variedades em que entram os elementos da outra especie, misturados em todas as proporções possiveis. Qual é, pois, o limite além do qual deveremos chamar aos exemplares calcareo magnesifero ou magnesita calcarifera? Salvar-se-ha a difficuldade creando arbitrariamente entre as duas especies uma outra com o nome de dolomia? Cremos bem que não.

II

Outra differença profunda que se tem querido estabelecer entre as especies mineraes e as especies biologicas é a dos chamados caracteres dominadores ou, mais propriamente, a correlação dos caracteres.

É certo que pela simples inspecção dos caracteres exteriores de um animal ou de uma planta, ás vezes pelo exame de um só orgão, é possivel de ordinario obter dados numerosos ácerca da estructura interna, sem haver necessidade de recorrer aos processos anatomicos.

Parece á primeira vista que nos mineraes não existe similhante

correlação, por isso que a cada aspecto exterior vemos corresponderem variedades consideraveis no que diz respeito á composição chimica e vice-versa; mas facilmente se reconhece que tal independencia não existe de facto.

Com effeito, o exame methodico dos caracteres physicos reduz a muito poucos os ensaios chimicos necessarios para a determinação das especies mineraes; em certos casos até o aspecto simples ou auxiliado com o exame da densidade, da dureza e da fusibilidade basta para chegar ao conhecimento da especie.

Portanto é forçoso confessar que os caracteres physicos possuem uma tal ou qual correlação com a natureza chimica dos mineraes. Se nas especies biologicas a correlação dos caracteres é, em geral, tanto mais difficil de observar quanto mais simples a estructura dos seres de que se tracta, nas especies mineraes a difficuldade tornar-se-á excessiva. Além d'isto, a theoria faz-nos prever que as propriedades physicas, dependendo immediatamente da natureza da molecula physica e dos seus movimentos, devem necessariamente estar correlacionadas com a composição chimica.

O individuo mineralogico será a menor porção de cada exemplar em que se podem encontrar todos os caracteres mineralogicos do mesmo exemplar; será, pois, em geral, um agregado de moleculas physicas eguaes ou differentes.

Quando um mineral se encontra em mais do que um dos tres estados physicos geraes, o individuo mineralogico será invariavelmente o mesmo em todos estes tres estados, por isso que em todos elles o individuo ha de comprehender os caracteres da especie a que pertence.

A força que liga as moleculas de cada individuo e os individuos entre si, a cohesão, diz o sr. Dana (*Manual of Mineralogy and Lithology,* 3.ª edit., pag. 4), é de facto o principio organisador e a origem da estructura na natureza inorganica, produzindo fórmas especificas para cada especie de materia, á similhança do que a vida executa em cada especie viva.

Das setecentas especies mineraes conhecidas no estado solido

mais de duzentas apresentam verdadeiros crystaes; as restantes, se exceptuarmos os carvões, as resinas e a opala, possuem todas uma estructura crystallina, visivel com a vista desarmada ou com auxilio do microscopio. E, ainda assim, a opala, que póde reputar-se a unica excepção entre as especies inorganicas, encerra alguns pontos onde o microscopio descobre signaes de crystallisação.

Do que temos dicto deprehende-se facilmente que a nomenclatura das especies não deve, em geral, basear-se na composição chimica nem nas propriedades physicas; assim como não designamos nunca um animal, por mais simples que elle seja, pelos nomes chimicos das substancias que entram na sua composição; os melhores nomes são os que não significam nada ácerca dos caracteres da especie.

Bom seria que os mineralogistas começassem a ligar alguma importancia a esta questão, porque a actual nomenclatura das especies é a mais irregular e a mais extravagante que se conhece em historia natural.

Emfim, tambem nos parecia conveniente que as actuaes especies subissem quasi todas á categoria de generos e as variedades á de especies. Resultariam d'aqui vantagens importantes, principalmente no que diz respeito á regularisação da nomenclatura.

III

Mostrámos qual o sentido que deve ligar-se á palavra especie nas classificações mineralogicas. É, por assim dizer, o sentido anatomico ou, antes, o sentido estatico; mas esta palavra toma-se ainda noutro sentido, a que poderiamos chamar physiologico ou dynamico, que é a vida da especie, a sua origem, as suas relações com as especies vizinhas, as suas transformações successivas, etc.

Nada mais erroneo do que a illimitada duração que muitos

admittem nos chamados seres brutos, ao contrario do que succede nos seres organisados propriamente dictos. A acção contínua e reciproca entre o mineral e o meio e, ao mesmo tempo, a acção das proprias forças moleculares do mineral, dão logar a mudanças, que chegam a ser consideraveis na fórma exterior, na textura e até na composição chimica. Supponhamos, por exemplo, uma certa porção de pyrita exposta directamente ao contacto do ar. O oxygenio e a humidade, reagindo sobre os elementos da pyrita, oxydam-nos e dão logar a formarem-se sobre a massa pequenas manchas de ferrugem; o anhydrido carbonico transforma uma parte da pyrita em carbonato, que póde chegar a crystallisar, e assim a pyrita deapparece pouco a pouco, para ser substituida pelas especies limonita, melanterita, siderose, etc.

As aguas acidulas, infiltrando-se numa camada de calcareo, desagregam-no, dissolvem-no e arrastam-no comsigo até ao contacto de outras especies com cujos elementos vai em breve entrar em reacção, e isto tanto mais facilmente quanto menos forte for a primitiva cohesão do calcareo. Os calcareos saccharoides de grão fino são os que podem resistir mais tempo a esta influencia. Se as aguas trouxessem já outros saes em dissolução, saes de magnesio, por exemplo, o calcio do calcareo seria gradualmente substituido pelo magnesio, transformando-se em calcareo magnesifero, em dolomia e até em magnesita pura, se o sal de magnesio fosse em quantidade sufficiente ou a acção se prolongasse o tempo necessario.

Uma vez formada a magnesita, qualquer mudança no regimen das aguas póde fazer com que ao contacto d'ella cheguem outras substancias, como um silicato alcalino. Então a magnesita será transformarda em silicatos de magnesio e de metaes alcalinos, com carbonatos alcalinos, ou simplesmente em silicatos de magnesio hydratados (talco, serpentina, espuma do mar, etc.), porque os saes alcalinos resultantes da reacção chimica serão, na maior parte, dissolvidos nas mesmas aguas e arrastados por ellas.

Por estes exemplos, que poderiamos variar até ao infinito e

que a cada passo a natureza nos mostra realisados, vê-se evidentemente que a existencia dos seres brutos não é illimitada; mas que, pelo contrario, alguns d'elles têm uma existencia menos duradoura do que muitas plantas ou animaes. Os exemplares que se conservam nos museus estão sujeitos a muitas d'estas alterações, são, por assim dizer, modelos de individuos mortos, e por isso não sómente é necessario resguardal-os e até substituil-os de tempos a tempos, mas tambem o estudo feito sobre elles carece de ser completado com a observação das mesmas especies nos logares onde a natureza as apresenta.

O problema da origem das especies mineraes, posto que mais simples que o da origem das especies biologicas, é comtudo de immensa difficuldade e tarde virá a ser satisfactoriamente resolvido.

Nesta via tem-se ultimamente progredido muitissimo, é certo; mas a natureza dispõe de um elemento de que nunca poderemos dispôr em tão larga escala como ella — o tempo —; e esta circumstancia basta para que não seja logico admittir que as especies naturaes tiveram realmente a origem que lhes podemos dar nos nossos laboratorios. A transformação da cré em marmore saccharoide, que Sir James Hall obteve em tubos de espingarda fechados e a temperaturas elevadissimas, consegue-a a natureza sem tubos nem altas temperaturas e pela acção unica das forças moleculares do proprio calcareo; mas isto no decurso de milhares de seculos.

Os artificios do homem, neste caso e nos casos similhantes, reduzem-se a accelerar o effeito d'aquellas forças por meio de algum dos agentes conhecidos, calor, pressão, electricidade, etc.; mas infelizmente nem sempre é possivel substituir com vantagem o elemento tempo e, por esse facto, por mais que se trabalhe, por mais que se progrida, nunca seremos capazes de reproduzir a totalidade das especies e dos phenomenos da natureza e havemos de forçosamente legar aos nossos descendentes infinitas provas da nossa impotencia.

D'aqui se infere que seria chimerico aspirar ao conhecimento positivo da origem das especies e dos phenomenos constitutivos da vida universal. Por isso o naturalista moderno apenas dirige e empenha os seus esforços em procurar um systema de hypotheses racionaes, simples e solidamente estabelecidas em factos incontestaveis, por meio das quaes seja possivel conceber e correlacionar os differentes phenomenos, fossem ou não estes os meios de que a natureza effectivamente se aproveitou na sua obra.

Esse systema de hypotheses é a chave de toda a philosophia, a sciencia universal; é o grande desideratum das aspirações humanas.

Coimbra, 7 de janeiro de 1880.

A. J. Gonçalves Guimarães.

PATHOGENIA DA ICTERICIA GRAVE

(Continuado do n.º 6, pagina 266)

Tractemos agora de estudar qual a natureza da *ictericia grave*.

Podemos classificar em dois grupos as differentes opiniões que têm sido produzidas sobre a natureza da molestia: — consideram-a uns como molestia geral e infecciosa, e outros como molestia local, tendo a sua séde primitiva no figado.

Seguiram a primeira opinião, entre outros, Budd, Béhier, Monneret e Trousseau.

Eis a opinião de Trousseau, tal como elle a formulou: — «*a ictericia grave ou typhoide, chamada tambem febre amarella nostras, é uma molestia geral, analoga ás pyrexias, caracterisada por perturbações nervosas e alterações anatomicas, especiaes, se não constantes, do figado, do baço, dos rins, e do coração; esta molestia é quasi sempre mortal e parece ser a consequencia d'uma intoxicação que as mais das vezes tem a sua origem no meio ambiente, e algumas vezes no proprio organismo* [1].»

Comtudo Trousseau, considerando a *ictericia grave* como uma molestia geral e infecciosa, insurge-se formalmente contra a possibilidade de que ella possa ser confundida com a febre amarella, como já fiz notar no diagnostico.

Ao contrario, Béhier considerava os factos de ictericia grave como casos esporadicos da febre amarella, manifestando-se nos nossos climas em virtude de causas desconhecidas.

Budd limitava-se, como Trousseau, a deduzir de alguns factos, a meu ver mal apreciados, a conclusão de que a molestia é infec-

---

[1] Trousseau — *Cliniq. de l'Hotel-Dieu*, 3.º vol., pag. 314.

ciosa, e que o agente infeccioso vai actuar especialmente sobre o figado.

Será ainda a distincção da molestia em *primitiva* e *secundaria*, feita já na etiologia e na qual insisti a proposito da symptomatologia, o nosso melhor guia para resolver a questão.

Os casos de ictericia grave *consecutiva* devem ser os que mais têm concorrido para affirmar a natureza infecciosa da molestia; e principalmente aquelles em que a molestia infecciosa primitiva (febre typhoide, typho, etc.) se complica rapidamente de ictericia e pela grande elevação thermica produz a destruição diffusa das cellulas hepaticas; influiu neste sentido a memoria de Carville sobre a ictericia epidemica que se desenvolveu nos presos da casa central de Gaillon, e em cuja autopsia se encontraram os caracteres da hepatite diffusa, e a noticia de tantos outros de que nos falla Frerichs [1].

Devo fazer notar que durante a epidemia de Gaillon appareceram na mesma casa casos de *febre biliosa ligeira*.

Uma importancia demasiada, que se tenha dado á analyse histologica do figado nesses casos, deve ter concorrido para o mesmo resultado.

Nesses casos o apparecimento da ictericia havia de chamar naturalmente a attenção para observar o figado; e porque o doente desde o principio apresentou os symptomas geraes graves, proprios das molestias infecciosas, e por que teve ictericia, e por que o microscopio revelou a destruição das cellulas hepaticas, fundiu-se tudo num mesmo corpo, e concluiu-se pela natureza infecciosa da *ictericia grave*.

Visto que a destruição diffusa das cellulas hepaticas é facto commum que apparece mais ou menos accentuado nas molestias infecciosas que produzem uma grande elevação de temperatura,

---

1 Frerichs — *Loc. cit.*, pag. 187 e seguintes.

não podemos invocar esses casos (onde ha ou póde deixar de haver ictericia) para resolvermos a questão.

Devemos recorrer aos casos mais simples; e estes são por certo os de — *ictericia grave primitiva.*

Ora nestes, nem as causas nem a marcha da molestia me parece auctorisarem a conclusão de que ella é molestia geral e infecciosa.

Vejamos as causas: — nem mesmo o apparecimento da molestia num grupo de individuos que vivem nos logares insalubres (prisões, cazernas, etc.) permitte consideral-a como infecciosa; esses individuos estão geralmente depauperados, numa atmosphera confinada, sem exercicio, com pouca luz, com as funcções da pelle compromettidas por falta de lavagens e de mudança de roupa, etc., debaixo da acção de idêas tristes, de modo que resta naturalmente a duvida se a molestia é o resultado final da acção lenta de todas essas causas, ou se é produzida pela absorpção de miasmas.

E esta duvida persiste para mim emquanto a experiencia não demonstrar que são atacados da molestia os individuos que forem habitar esses logares, onde elle acaba de apparecer e onde se não tenha feito uma desinfecção appropriada.

Mas a verdade é que a molestia não se desenvolve desde logo nos presos que passam de boas condições hygienicas no estado de liberdade ou d'uma cadeia melhor para uma enxovia humida, mal ventilada e sem luz; pelo contrario, manifesta-se nos que de ha muito vivem numa enxovia nessas condições.

Isto parece demonstrar que não ha alli um miasma como o typhico, o da febre amarella, etc. que surprehenda o individuo e que costuma fazel-o com tanta mais facilidade quanto menos acclimatado elle está; ao contrario parece evidenciar-se que pela longa influencia das más condições hygienicas se modifica o organismo profundamente na sua nutrição e se manifesta a molestia.

E como admittir uma causa infecciosa nos casos em que a molestia se manifesta em virtude d'uma affecção moral triste, ou em virtude de embolias capillares no figado, segundo apontámos na etiologia?!

Nos casos de embolias vê-se bem que uma perturbação nutritiva, por falta de receita, produziu a molestia; nos casos de affecção nervosa, os conhecimentos actuaes sobre a acção trophica das differentes repartições do systema nervoso não nos permittem ainda conhecer o modo de producção da molestia, mas auctorisam-nos sobejamente a repellir a idêa de — uma infecção geral do organismo.

O modo de evolução da molestia vem demonstrar ainda a differença que existe entre a *ictericia grave* e as molestias infecciosas, como a febre typhoide, a febre amarella, etc.

Nestas o começo é rapido; desde logo se manifestam phenomenos generalisados por toda a economia, e depois vão-se pouco a pouco accentuando symptomas localisados, embora multiplos; basta recordar o modo como evolucionam as duas molestias infecciosas, que acabo de citar.

Na *ictericia grave* nada de similhante: — logo desde o principio, a localisação dos symptomas gastricos, gastro-duodenaes e hepaticos; só d'ahi em deante apparecem symptomas geraes — febre, excitação geral, convulsões e cóma.

Ninguem se lembrará de sustentar que a molestia começa no segundo periodo de Jaccoud; então os symptomas do primeiro periodo seriam prodromas; mas são demasiadamente accentuados para se considerarem como taes.

Os casos em que a marcha da molestia é mais precipitada, em que o primeiro periodo quasi não existe, constituiriam uma verdadeira difficuldade, se os de marcha mais demorada não viessem elucidar a questão.

— Portanto a *ictericia grave* não é primitivamente geral e infecciosa.

Consideraram-a como molestia local, embora diversamente, Henoch, von Dusch, Rokitansky e Bright, sendo este o primeiro a investigar se as lesões do figado eram um facto primordial ou secundario na marcha da molestia [1].

---

[1] Trousseau — *Cliniq. cit.*, 3.º vol., pag. 312.

Henoch attribuia a destruição das cellulas hepaticas a uma polycholia.

Von Dusch dava menos importancia á polycholia, e explicava a destruição das cellulas por uma stase biliar, sendo esta devida á paralysia dos canaes biliares; os detritos das cellulas destruidas eram, segundo este auctor, absorvidos e davam logar a uma intoxicação secundaria [1].

Mas nem a polycholia existe, por que ao contrario logo desde o principio diminue a quantidade de bilis no intestino; nem a paralysia dos canaes biliares dão logar á stase biliar, por que a extirpação do plexo celiaco e a secção da medulla acima e abaixo do plexo cervical (á maneira de Cl. Bernard), produzindo a paralysia dos ductos biliares, não dá comtudo logar á stase.

Rokitansky, mais anteriormente, attribuiu o processo morbido á colliquação biliar das cellulas hepaticas; segundo elle, os elementos da bilis, preformados na veia porta, chegavam ao figado em quantidade excessiva e produziam a dissolução das cellulas: — contra tal opinião está o facto, já demonstrado, de que os saes biliares não são preformados no sangue.

Bright considerou a molestia como uma *inflammação diffusa do figado com marcha rapida;* esta doutrina foi seguida e confirmada por Engel, Weld, Bamberger, Lebert, etc. [2]

Frerichs considera a molestia como uma inflammação do figado, começando por hyperhemia e exsudação, ao que se segue a destruição das cellulas hepaticas por compressão, sendo a mesma compressão exercida sobre as radiculas dos canaes biliares a causa da ictericia [3].

A pagina 76 d'este jornal fiz já as reflexões que julguei necessarias a proposito da expressão — hepatite parenchymatosa,

---

1 Trousseau — *Cliniq. cit.*, 3.º vol., pag. 312.

2 Jaccoud — *Pathol. int.*

3 Frerichs — *Loc. cit.*, pag. 258 e 259.

nome por que a molestia é mais conhecida segundo a linguagem allemã, usada em anatomia pathologica.

Em conclusão, a molestia consiste no processo local da degenerescencia granulo-gordurosa ou necrobiose diffusa das cellulas hepaticas, sem que comtudo se possa seguir a ligação d'este processo morbido com as causas que podem original-o, parecendo ser uma perturbação nutritiva como o indicam os casos de embolias capillares no figado e os casos de alcoolismo.

(Continúa) J. A. DE SOUSA REFOIOS.

CONTRIBUTIONES AD FLORAM MYCOLOGICAM LUSITANICAM

(Continuado do n.º 6, pagina 259)

SPHAEROPSIDEI

319. **Sphaeropsis Agapanthi.** Thuem. nov. spec.

S. peritheciis sparsis, emersis, sublineariformibus, primo epidermide tectis demum liberis, subelevatis, aterrimis; sporis ellipsoideis, utrinque subacutatiusculis, continuis, griseis, 6–10 mm. long., 4 mm. crass.

Ad scapos emortuos *Agapanthi umbellati* L'Herit. Coimbra in horto botanico. 6.78. N.º 29. Leg. Moller.

320. **Sphaeropsis Henriquesii.** Thuem. nov. spec.

S. peritheciis conicis, elevatis, prominentibus, nitido-atris, simplicibus; sporis ovoideis, continuis, utrinque acutatis, sine guttullis, olivaceo-griseis, 6–12 mm. long., 4–6 mm. crass.; basidiis longis, fasciculatis, curvatis, articulatis, achrois.

In ramulis emortuis *Citri Aurantii* Risso. Felgueiras. 4.78. N.º 35. Leg. J. A. Henriques.

321. **Sphaeropsis paradisiaca.** Mntg. Cryptog. guyanens. in Ann. sc. natur. 1855. IV. 3 no. 584.—Id. Sylloge plant. cryptog. p. 267.

Ad folia emortua *Musae paradisiacae* Lin. Coimbra in horto botanico. 4.79. N.º 460. Leg. Moller.

Obs. Perithecia ut videtur semper libera, non ut Montagne epidermide tecta!

322. **Sphaeropsis Evonymi.** Desm. Cryptog. d. France Ser. II. no. 677.

Ad folia arida *Evonymi japonici* Lin. fil. Zombaria pr. Coimbra. 1.79. N.° 275. Leg. Moller.

323. **Sphaeropsis Molleriana.** Thuem. nov. spec.

S. peritheciis amphigenis, numerosissimis, magnis, dense gregariis, primo sub epidermide nidulantibus demum poro centrali apertis, postremo liberis dispansisve, concavis, turgidis, nitidis, iteraneo atris; sporis cylindricis, simplicibus, utrinque subobtuso-rotundatis, rectis, hyalinis, aguttulatis, 13–15 mm. long., 3 mm. crass.

Ad folia arida prostrata *Eucalypti globuli* Labill. Pinhal de Valle de Canas pr. Coimbra. 3.79. N.° 408. Leg. Moller.

324. **Sphaeropsis caricina.** Thuem. nov. spec.

S. peritheciis numerosis, gregariis, hemisphaerico-punctiformibus, primo epidermide tectis dein poro pertusis, glauco-atris; sporis magnis, ellipticis, utrinque rotundatis, interdum nucleatis, continuis, episporio subcrasso, achrois, 20–22 mm. long., 10 mm. crass.; basidiis brevissimis.

Ad *Caricis maximae* Scop. (*C. pendulae* Good.) culmos emortuos. Fonte do Castanheiro pr. Coimbra. 1877. N.° 137. Leg. P. G. Mesnier.

325. **Diplodia suberina.** Dur. et Mntg. Fl. Alger. p. 572.—Mntg. Sylloge plant. cryptog. p. 265.

In *Quercus Suberis* Lin. Cortice. Coimbra 1877. N.° 174. Leg. Mesnier.

326. **Diplodia Dulcamarae.** Fuck. Symb. mycol. p. 175.

In ramulis aridis *Solani Dulcamarae* Lin. Coimbra in horto botanico. 5.79. N.° 496. Leg. Moller.

Obs. Sec. Fuckel l. c. fungus pycnidium *Cucurbitariae Dulcamarae* Fr.

327. **Diplodia foeniculina.** Thuem. nov. spec.

D. peritheciis numerosis, subepidermalibus postremo perforantibus liberisve, parvulis, nitido-atris, gregariis; sporis ellipticis vel cylindrico-ellipsoideis, utrinque angustatis et rotundato-acutatis, medio non constrictis, saepe minime arcuatis et inaequilateralibus, dilute fuscidulis, 15–19 mm. long., 10–12 mm. crass.

In *Foeniculi officinalis* All. caulibus emortuis, vetustis. Mizarella pr. Coimbra. 3.79. N.º 396. Leg. Moller.

328. **Diplodia depazeoides.** Dur. et Mntg. Fl. Alger. I. p. 575.—Mntg. Sylloge plant. cryptog. p. 266.

Ad folia viva in apicibus emortuis *Phoenicis dactyliferae* Lin. Coimbra in horto botanico. 10.78. N.º 167. Leg. Moller.

PHYLLOSTICTEI

329. **Phoma herbarum.** Westd. in Bull. Acad. Bruxel. 1852. III. p. 116.

In caulibus aridis *Dipsaci sylvestris* Mill. Baleia pr. Coimbra. 3.79. N.º 403. Leg. Moller.—Ad *Brassicae sabulariae* Brot. caules emortuos. Mondego. 1877. N.º 81. Leg. Mesnier.

330. **Phoma striaeforme.** Dur. et Mntg. Fl. Alger. I. p. 603.—Mntg. Syll. plant. cryptog. p. 270.

Ad caules emortuos *Ricini communis* Lin. Coimbra. 4.78. N.º 450. Leg. Moller.

331. **Phoma Limoni.** Thuem. in Boll. Soc. adriat. sc. natur. d.

Trieste III. 1877 p. 453.—Id. Mycotheca universalis no. 1193.—Id. in Flora 1879 p. 137.

In ramulis aridis *Citri Aurantii* Risso. Penedo da Meditação pr. Coimbra. 5.79. N.° 495. Leg. Moller.

332. **Phoma Fourcroyae.** Thuem. nov. spec.

Ph. peritheciis numerosis, epiphyllis, dense gregariis, conico-elevatis, parvulis, aterrimis, ostiolatis, primo epidermide papyraceo-membranacea, scariosa tectis, demum liberis; sporis numerosissimis, ellipsoideis vel ovatis, simplicibus, anucleatis vel cum nucleo unico minimo, achrois, 3.5–5 mm. long., 1.5–2 mm. crass.

Ad *Fourcroyae giganteae* Vent. folia emortua. Coimbra in horto botanico. 1.79. N.° 298. Leg. Moller.

333. **Phoma taganum.** Thuem. nov. spec.

Ph. peritheciis minutissimis, epiphyllis, dense gregariis, conico-emersis, atris in macula orbicularia, arescendo-albicantia, disciformia, violaceo-purpureo anguste cincta; sporis ellipsoideis vel ovato-ellipticis, utrinque rotundatis, simplicibus, anucleatis, achrois, 5 mm. long., 2–2.5 mm. crass.

In foliis vivis *Centaureae taganae* Brot. Pinhal de Marrocos pr. Coimbra. 8.78. N.° 125. Leg. Moller.

Obs. Habitus fere Phyllostictae, sed Phomatis species vera!

334. **Phoma Malvacearum.** Westd. Herb. cryptog. Belg. no. 1232.

In *Abelmoschi esculenti* Medic. (*Hibisci esculenti* Lin.) caulibus emortuis. Coimbra in horto botanico. 3.79. N.° 409. Leg. Moller.

335. **Phoma lusitanicum.** Thuem. nov. spec.

Ph. peritheciis numerosissimis, dense gregariis, punctiformibus, hemisphaerico-elevatis, nitido-atris, primo cuti-

cula tectis, postremo poro centrali apertis liberisve; sporis ellipsoideis, numerosis, utrinque subrotundatis, uni-vel plerumque non nucleatis, achrois, 4 mm. long., 2 mm. crass.

In *Centaureae sempervirentis* Lin. caulibus aridis. Baleia pr. Coimbra. 3.79. N.º 404. Leg. Moller.

336. **Phoma macropyrenium.** Thuem. nov. spec.

Ph. peritheciis submembranaceis, numerosis, subgregariis, irregulariter orbiculatis et saepe confluentibus, fere applanatis, cito liberis et epidermide disrumpenti cinctis, opaco-nigris; sporis numerosis, typicis, cylindrico-ellipsoideis, utrinque rotundatis, simplicibus, cum nucleis maximis, duobus, achrois vel subnebulosis, 8 mm. long., 3.5–4 mm. crass.

Ad caules emortuos *Ricini communis* Lin. Coimbra in horto botanico. 4.79. N.º 453. Leg. Moller.

337. **Coniothyrium concentricum.** Sacc. in Michelia I. p. 204. — Phoma concentricum Desm. in Ann. sc. natur. 1840. XIII. p. 189.

In *Fourcroyae excelsae* Vent. foliis emortuis. 12.78. N.º 293, 302.—Ad *Yuccae aloifoliae* Lin. folia emortua. Coimbra in horto botanico. 12.78. N.º 262, 263. Leg. Moller.

338. **Coniothyrium Henriquesii.** Thuem. nov. spec.

C. peritheciis amphigenis, magnis, hemisphaerico-emersis vel vix conoideis, primo epidermide tectis postremo cuticula dilacerata cinctis, atris, in disco orbiculato, magno, elevato gregarie dispositis vel plerumque solitariis et sine ordine dispositis; sporis bacillaribus vel longe ellipticis, rectis vel interdum subcurvulatis, utrinque subobtusatis, simplicibus, fuscis, 7–8 mm. long., 3 mm. crass.

In *Fourcroyae Sellowii* Hort. foliis emortuis. Coimbra in horto botanico. 12.78. N.º 302. Leg. Moller.

339. **Coniothyrium borbonicum.** Thuem. nov. spec.

C. peritheciis epiphyllis, sparsis, minutis, subprominulis, nigris in macula valde irregulari, primo ferruginea, postremo arescendo-cinerascente, magna; sporis numerosis, ellipsoideis, utrinque obtuso-rotundatis, continuis, anucleatis, e fumoso-fuscis, 6–8 mm. long., 4 mm. crass.

Ad folia languida subvivave *Lataniae borbonicae* Lam. (*Livistonae sinensis* Hort.) Coimbra in horto botanico. 10.78. N.º 161. Leg. Moller.

Obs. *Coniothyrium Palmarum* Cda. Icon. fung. IV. p. 38. Tab. 8. Fig. 106 ut videtur species diversa.

340. **Coniothyrium donacinum.** Thuem. nov. spec.

C. peritheciis aut solitariis aut confluenti-aggregatis, punctiformibus, emersis, atris, minutis; sporis numerosissimis, simplicibus, ellipsoideis, anucleatis, achrois, 3–4 mm. long., 1.5 mm. crass.

In *Donacis arundinaceae* Beauv. culmis emortuis. Coimbra. 1.79. N.º 291. Leg. Moller.

Obs. A *Coniothyrio arundinaceo* Sacc. in Michelia I. p. 203 toto coelo diversum.

341. **Coniothyrium Eucalypti.** Thuem. nov. spec.

C. peritheciis numerosissimis, dense gregariis, pro ratione magnis, epidermide primo tectis demum irregulariter disrumpentibus emersisve, membranaceis, nigris, subhemisphaericis demum applanatis; sporis numerosis, cylindricis, rectis vel interdum minime arcuatis, utrinque rotundatis, simplicibus, anucleatis, hyalinis, 3–3.5 mm. long., 1.5 mm. crass.

In ramis emortuis *Eucalypti globuli* Labill. Pinhal de Valle de Canas pr. Coimbra. 3.79. N.º 401. Leg. Moller.

342. **Pestalozzia Eugeniae.** Thuem. nov. spec.

P. peritheciis epiphyllis, sparsis, solitariis, saepe concentrice dispositis, lenticularibus, aterrimis in macula arescendo-albida vel dilute grisea, orbicularia vel sinuosa, late fusco-purpureo cincta; sporis cylindrico-ellipticis, utrinque acutatis, quinquecellularibus, ad septa constrictis, cellulis mediis cinerascentibus, ulteris hyalinis, ciliis in vertice tribus, achrois, 8 mm. long., rectis vel minime arcuatis, 22–24 mm. long., 6–8 mm. crass.

In *Eugeniae Micheliae* Lam. (*E. uniflorae* Lin.) foliis vivis. Coimbra in horto botanico. 11.78. N.º 204. Leg. Moller.

343. **Pestalozzia neglecta.** Thuem. nov. spec.

P. peritheciis epiphyllis, numerosis, parvis, subglobosulis, liberis, atris, gregariis; sporis fusiformibus, brevipedicellatis, utrinque angustato-acutatulis, quinquecellularibus, cellulis mediis tribus fuscis, magnonucleatis, cellulis extremis hyalinis, vertice cum ciliis tribus achrois, brevibus, curvatis ornatis, 25 mm. long., 6 mm crass.

In foliis emortuis *Evonymi japonici* Lin. fil. Zombaria pr. Coimbra. 1.79. N.º 275. Leg. Moller.

344. **Pestalozzia Fuchsiae.** Thuem. nov. spec.

P. peritheciis vel caespitibus sparsis, minutis, dilute fuscis, globosulis, epiphyllis in macula plus minusve orbiculari, arescendo fusco-ochracea, obsolete concentrico zonata, anguste purpureo cincta; sporis numerosis, late fusiformibus, utrinque acutatis, quinquecellularibus, cellulis extremis hyalinis, aliis cinereis, ad septa minime constrictis, 20–21 mm. long., 7 mm. crass.; vertice ciliis tribus achrois, subarcuatis, 6 mm. long.

Ad folia viva *Fuchsiae coccineae* Lin. Coimbra in horto botanico. 11.78. N.º 182. Leg. Moller.

345. **Parmularia Styracis.** Lév. in Ann. sc. natur. 1846. v. p. 287.
In *Styracis officinalis* Lin. foliis vivis. Coimbra in horto botanico. 10.78. N.º 159. Leg. Moller.
Obs. Species mihi valde involuta!

346. **Hendersonia Fourcroyae.** Thuem. nov. spec.
H. peritheciis amphigenis, sparsis vel subgregariis, emersis, lenticularibus, aterrimis in foliorum partibus expallescentibus; sporis cylindrico-ellipsoideis, utrinque rotundatis, quadriseptatis, rectis, fuscis, 10 mm. long., 6 mm. crass., basidiis hyalinis, rectis, brevibus.
Ad *Fourcroyae giganteae* Vent. folia arida. Coimbra in horto botanico. 2.79. N.º 369. Leg. Moller.

347. **Ascochyta Daturae.** Sacc. in Michelia I. p. 163.
In foliis vivis *Daturae arboreae* Lin. Coimbra in horto botanico. 11.78. N.º 106. Leg. Moller.

348. **Ascochyta Fragariae.** Sacc. in Michelia I. p. 169.
Ad *Fragariae vescae* Lin. folia viva. Quinta do Espinheiro pr. Coimbra. 5.79. N.º 466.—In foliis vivis *Fragariae chilvensis* Ehrh. Coimbra in horto botanico. 5.78. N.º 12. Leg. Moller.

349. **Ascochyta Digitalis.** Fuck. Symb. mycol. p. 388.
In *Digitalis purpureae* Lin. foliis vivis. Baleia pr. Coimbra. 10.78. N.º 163. Leg. Moller.

350. **Ascochyta Nymphaeae.** Pass. in Rabh. Fungi europaei no. 2251. —Id. in Thuemen, Mycotheca universalis no. 1096.

Ad folia viva *Nymphaeae capensis* Benth. Coimbra in horto botanico. 3.79. N.º 407. Leg. Moller.

351. **Ascochyta limbalis.** Sacc. in Michelia I. p. 161.—*Depazea limbalis* Desm?—*Depazea buxicola* Sacc. Mycot. veneta p. 193.

Ad folia viva *Buxi sempervirentis*. Quinta de St. Cruz pr. Coimbra. 2.79. N.º 350. Leg. Moller.

352. **Phyllosticta eupatorina.** Thuem. nov. spec.

Ph. peritheciis epiphyllis, minutissimis, semiimmersis, punctiformibus, globosis, nigris, sparsis in macula plus minusve orbiculari, arescendo cinerascenti, late fumoso-purpureo cincta; sporis ellipsoideis, utrinque rotundatis, anucleatis, continuis, dilute griseo-hyalinis, 6 mm. long., 2.5–3 mm. crass.

In foliis vivis *Eupatorii* speciei indeterminatae. Coimbra in horto botanico. 11.78. N.º 198. Leg. Moller.

353. **Phyllosticta jasminica.** Thuem. nov. spec.

Ph. peritheciis epiphyllis, minutis, sparsis, emerso-punctiformibus, nigris, in macula arescendo luteo-albida, irregulari, plerumque marginali, late zonata, fusco-purpureo cincta, subtus toto fusca, magna; sporis paucis, minutissimis, simplicibus, ellipsoideis, anucleatis, achrois, 2.5–3 mm. long., 1.5 mm. crass.

In *Jasmini azorici* Lin. foliis vivis. Coimbra in horto botanico. 3.79. N.º 367. Leg. Moller.

Obs. *Phyllosticta Jasmini* Sacc. in Michelia I. p. 138 differt maculis alienis, sporsis majoribus et biguttulatis.

354. **Phyllosticta Rhamni.** Westd. Cinq. Note s. l. Cryptog. no. 25.—*Phyllosticta Frangulae* Kickx Fl. Flandr. I. p. 418.

Ad folia viva *Rhamni Alaterni* Lin. St. Antonio dos Olivaes pr. Coimbra. 1.79. N.º 331. Leg. Moller.

355. **Phyllosticta Vincae.** Thuem. nov. spec.

Ph. peritheciis hypophyllis, gregariis, semiimmersis, minutis, globosulis, nigris in macula magna, irregulari, fusco-grisea, anguste cincta, subtus pallidiora, vix arescenti; sporis minutissimis, ellipsoideis vel globoso-ellipticis, simplicibus, anucleatis, 2.5 mm. long., 1.5–2 mm. crass., achrois.

In *Vincae mediae* Hoffmsg. et Lk. foliis vivis. St. Antonio dos Olivaes pr. Coimbra. 1.79. N.º 316. Leg. Moller.

356. **Phyllosticta Schini.** Thuem. nov. spec.

Ph. peritheciis sparsis, solitariis, epiphyllis, hemisphaerico-emersis, nigris, mediis in macula ochraceo-fusca, magna, irregulari, obscuriore cincta; sporis ellipsoideis, utrinque rotundatis, continuis, non guttulatis, achrois, 3 mm. long., 1 mm. crass.

In *Schini mollis* Lin. foliis vivis. Coimbra in horto botanico. 1.79. N.º 126, 351. Leg. Moller.

357. **Phyllosticta juglandina.** Sacc. in Michelia I. p. 155.

Ad folia viva *Inglandis regiae* Lin. Coimbra. 6.78. N.º 69. Leg. Moller.

358. **Phyllosticta Lauri.** Westd. in Kickx, Fl. Flandr. I. p. 417.

Ad *Lauri nobilis* Lin. folia viva. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 6.78. N.º 65. Leg. Moller.

(Continúa) F. DE THUEMEN.

AS AGUAS ALCALINO-GAZOZAS DO BEM-SAUDE

ADVERTENCIA

Nas minhas analyses das aguas ferreas da estrada da Beira e das aguas thermaes das Caldas da Rainha descrevi minuciosamente os processos que empreguei para chegar a determinar as quantidades dos differentes principios que as mineralisam, não só para que os homens competentes podessem julgar da exactidão dos resultados que apresentei, senão tambem para justificar, até certo ponto, o meu modo de ver com relação ao agrupamento dos acidos e das bases, que differe um pouco do modo de ver de alguns analystas, aliás de merecimento. É ainda por eguaes motivos que vou descrever a analyse que fiz das aguas alcalinas do Bem-Saude. E sem me preoccupar com o espaço que a exposição circumstanciada dos processos analyticos possa abranger, evitarei o emprego d'um certo numero de expressões vagas que por ahi se têm usado frequentemente, para que ninguem possa julgar que debaixo d'ellas deixo escondidos erros como os que se podem descobrir abrindo algumas das memorias que em Portugal têm sido publicadas sobre aguas mineraes. Os homens que, pelo facto de possuirem uma sciencia official, se julgam revestidos de auctoridade scientifica poderão dizer simplesmente:—as aguas analysadas *convenientemente* ou *pelos processos conhecidos* deram os seguintes resultados:...—; tanto basta para que muitos dêm credito ao que estas auctoridades affirmam. Eu, porém, necessito ser mais explicito, para não dar logar a conjecturas menos favoraveis, e para que em todo o tempo se veja por que meios cheguei aos resultados que hoje apresento, obtidos na analyse das aguas do Bem-Saude.

As aguas chamadas do *Bem-Saude* brotam no local d'este mesmo nome, situado a 4 ou 5 kilometros ao S. de Villa-Flor e afastado

cêrca de um kilometro da estrada que vai de Mirandella a Moncorvo. Foram descobertas casualmente por alguns pastores já ha muitos annos, segundo as informações que pude colher, e actualmente pertencem ao sr. Teixeira Malheiro, de Villa-Flor, o qual nestes ultimos tempos tem empregado consideraveis esforços, não só para melhorar as condições do local em que primitivamente foram encontradas, senão tambem para as tornar mais conhecidas.

Até á data da publicação da presente memoria nenhum estudo chimico se conhece das aguas do Bem-Saude; apenas se encontra no jornal da *Sociedade Pharmaceutica Lusitana* (1842, tomo III, pag. 47) uma breve noticia publicada por um pharmaceutico de Mirandella, J. A. Silverio Rodrigues Cardoso, nos termos seguintes:

«Ao sudoeste da freguezia de Sampaio, no concelho de Villa-«Flor e no local denominado do—Bem-Saude—nasce na falda de «uma collina uma agua gazosa rebentando em borbolhões inter-«vallados, que parece effervescente posto que a temperatura é «fria. É ella summamente crystallina, mui limpida, e lançada em «um copo fórma bolhas copiosas, tendo um sabor picante e muito «analogo ao da agua ardente ordinaria; a sua origem é gazosa «carbonica fria, assimilhando-se muito ás celebres aguas de Spae «Tessy, de cuja origem me não consta haja outras no nosso Por-«tugal [1]. Ha muito pouco tempo que ella se vulgarisou, sendo «hoje respeitada pelos entendedores, attentas suas qualidades e «efficacia. É applicada internamente nas molestias do estomago, «affecções abdominaes e outras molestias em que muito aproveita: «os povos d'aquella proximidade usam d'ella no curativo das ul-«ceras, ao que me dizem se deve a sua casual descoberta.»

---

[1] «Por alguns dos reagentes que nestas analyses se costumam empregar observei que o seu principio mineralisante é o gaz acido carbonico em parte livre; e, em segundo logar, uma porção de saes de ferro, o muriato, o carbonato e algumas porções de sulfato de alumina, de magnesia e de nitrato calcareo.»

A antiga nascente do Bem-Saude desappareceu com os temporaes de 1877, e o sr. Teixeira Malheiro, com a sua incansavel actividade, conseguiu fazel-a reapparecer a poucos metros de distancia, nas fendas d'uma enorme penedia de schisto situada num plano um pouco inferior ao da antiga emergencia, resguardando-a ao mesmo tempo da invasão de novos temporaes.

A agua brota em differentes pontos d'esta penedia, deixando os orificios ou fendas por onde sáe, e as cavidades aonde se demora, cobertas d'uma camada ocrosa. De quando em quando sáem das mesmas fendas numerosas bolhas de gaz acido carbonico misturado com pequenas quantidades de azote e oxygeneo.

A. Propriedades physicas

A agua que actualmente serve para o uso brota numa escavação aberta na parte mais baixa da mencionada massa de pedra, e dá proximamente 15 litros por hora, sendo menos abundante a que brota nos pontos vizinhos. Demorando-se nesta escavação ou especie de reservatorio perde uma parte do acido carbonico livre, e deixa depositar flocos amarellados, em que se reconhece a silica, o acido phosphorico, o ferro e o manganés. Recebida em um copo de vidro, e comparada com a agua pura, observa-se que não é absolutamente transparente, sem, todavia, apresentar flocos visiveis. Esta leve turvação desapparece quando se conserva a agua por algum tempo em garrafas bem rolhadas, manifestando-se então um leve deposito flocoso, e no momento em que se desarrolham vê-se evolver grande numero de bolhas gazosas, phenomeno que tambem se apresenta no momento em que se tira a agua do pequeno reservatorio. Não tem cheiro sensivel, e o sabor é agradavel, levemente acido e picante; pela exposição ao ar durante algum tempo perde o sabor acido e torna-se um pouco salobra e alcalina.

A temperatura d'esta agua, observada por differentes vezes nos dias 23 e 24 de junho de 1879, variou entre 16°,5 e 17° centigrados, ao mesmo tempo que a temperatura do ar á sombra variou de 12° a 22°.

As determinações da densidade foram feitas á temperatura de 18° com dois frascos cheios de agua mineral e acondicionados por mim na origem, e uma terceira determinação foi feita com a agua tirada de uma garrafa recentemente aberta e egualmente acondicionada por mim no mesmo local.

Os resultados obtidos com a agua mineral e com a agua distillada foram os seguintes:

	Agua mineral	Agua distillada
1)	74,5124.....	74,3538
2)	74,5110.....	74,3526
Media	74,5117.....	74,3532

$D^e = 1{,}002131$

3)	66,8802.....	66,7380

$D^e = 1{,}002130$

Segundo estas differentes determinações a densidade da agua do Bem-Saude feita a 18° é 1,00213.

B. Analyse chimica

I

Ensaios qualitativos

A agua do Bem-Saude, no momento em que se tira da nascente dá ao papel azul de tornesol a côr vinosa; aquecida brandamente desenvolve grande quantidade de gazes, turva-se e manifesta reacção alcalina.

O *acido chlorhydrico* produz na agua mineral consideravel effervescencia.

O *ammoniaco* produz turvação branca.

O *oxalato de ammonio* fórma um precipitado branco.

O *phosphato de sodio* turva o liquido filtrado do oxalato de ammonio.

A *infusão de noz de gulha* não produz immediatamente modificação sensivel na agua, mas depois de algumas horas o liquido apresenta uma côr violacea.

O *chloreto de bario ammoniacal* dá abundante precipitado branco, mas o mesmo chloreto misturado de acido chlorhydrico produz apenas leve turvação.

O *azotato de prata* fórma tambem na agua addicionada de acido azotico um precipitado branco de chloreto de prata.

Evaporada até se reduzir a pequeno volume, e separada por filtração do precipitado que se fórma, apresenta reacção fortemente alcalina, faz effervescencia com o acido chlorhydrico, turva muito levemente com o phosphato de sodio, e precipita com o chloreto de bario e com o nitrato de prata. Este liquido evaporado até á seccura completa, deixa um residuo que aquecido por algum tempo se torna escuro; introduzido na chamma do alcool produz côr amarella intensa; dissolvido em pequena quantidade de agua e tractado pelo chloreto de platina dá precipitado amarello.

Resulta d'estes ensaios, e de outros que serão descriptos na analyse quantitativa, que as aguas do Bem-Saude contêm em solução os principios seguintes:

Potassa e soda	Acido	phosphorico
Ammoniaco	»	sulfurico
Lithina	»	carbonico
Cal e magnesia	»	silicico
Ferro e manganés		Chloro
Alumina	»	azotico (vestigios)

Materias organicas fixas.

Os gazes que a agua tem em solução, assim como os que se

desenvolvem espontaneamente, são o acido carbonico, o azote e oxygeneo.

A agua necessaria para a analyse quantitativa foi, em parte acondicionada por mim no local da origem nos dias 23 e 24 de junho, e em parte acondicionada pelo sr. Malheiro e remettida para o Laboratorio em grandes garrafões de vidro e em botijas de grés.

II

Determinações quantitativas

1. Determinação do chloro

A agua mineral do Bem-Saude foi acidulada pelo acido azotico em quantidade sufficiente para effectuar a decomposição completa dos carbonatos, addicionada de nitrato de prata em pequeno excesso, agitada fortemente durante alguns minutos e posta em repouso por espaço de vinte e quatro horas ao abrigo da luz. O precipitado obtido foi separado do liquido por decantação, lavado sobre o filtro, secco em uma estufa e separado tanto quanto foi possivel do filtro, que foi reduzido a cinzas num cadinho de porcellana previamente pesado. Depois de tractadas as cinzas por algumas gottas de agua regia foi o precipitado introduzido no cadinho, aquecido até principio de fusão e pesado depois de completo arrefecimento.

a) 500^{cc} de agua deram 0,1658 de chloreto de prata, correspondente a 0,041016 de chloro; por mil	0,082032
b) 500^{cc} de agua deram 0,1662 de chloreto de prata, correspondente a 0,041115 de chloro; ... p/$_m$	0,082230
Media ..... »	0,08213

2. Determinação da quantidade total do acido carbonico

Quatro frascos de 450^{cc} de capacidade, proximamente, contendo cada um 50^{cc} d'uma solução perfeitamente clara e transparente de chloreto de bario ammoniacal preparada com a antecipação de vinte dias (na proporção de 25^{cc} da solução saturada a quente do chloreto de bario e 18^{cc} de ammoniaco), foram transportados ao local da origem aonde, por meio d'uma pipete, foi introduzido em cada um d'elles um egual volume de agua mineral, rolhados perfeitamente e transportados para o Laboratorio. No fim de vinte e cinco dias foi o liquido contido em cada um dos frascos separado por meio d'um syphão, o precipitado reunido sobre um filtro e lavado com agua levemente ammoniacal, secco, calcinado e pesado, e a quantidade do acido carbonico determinada por meio da fusão de quantidades differentes do precipitado com o vidro de borax.

a) 400^{cc} de agua deram 4,4274 de precipitado. 1,1492 d'este precipitado deram 0,2566 de acido carbonico, correspondente a 0,98857 no precipitado total; ..... p/m = 2,47142

b) 400^{cc} de agua deram 4,4460 de precipitado. 1,2574 d'este precipitado deram 0,2788 de acido carbonico, correspondente a 0,98579; ..... p/m 2,46447

c) 400^{cc} de agua deram 4,4320 de precipitado. 1,1500 d'este precipitado deram 0,2560 de acido carbonico, correspondente a 0,9866 no total; ... p/m 2,46650

Media ..... » 2,46746

3. Determinação da silica

A agua mineral do Bem-Saude acondicionada por mim na origem foi accidulada com acido chlorhydrico e exposta a um calor moderado até que o gaz carbonico deixou de se evolver, evaporada depois até á seccura em capsula de platina a b. m. e o residuo aquecido por muitas horas na estufa á temperatura de 110°. Humedecendo este residuo com acido chlorhydrico, seccando-o novamente a b. m. e junctando agua ficou finalmente um residuo consideravelmente escuro pela presença das materias organicas, o qual, depois de lavado, secco e calcinado se tornou perfeitamente branco.

a)	1.500cc de agua deram 0,0764 de silica, ou . .	p/m	0,05093
b)	1.500cc de agua deram 0,0768 de silica, ou . .	p/m	0,05120
	Media	»	0,05106

4. Determinação do acido sulfurico

O liquido acido obtido na determinação antecedente foi reduzido a um pequeno volume por meio da evaporação, addicionado de chloreto de bario em pequeno excesso, aquecido até á ebullição durante alguns minutos, e posto em repouso até que o precipitado se depositou ficando o liquido perfeitamente transparente. Depois de separado o liquido por meio do filtro foi o precipitado lavado com agua quente, até que esta deixou de se turvar pelo acido sulfurico, secco e calcinado num cadinho de porcellana tarado, tendo previamente separado completamente o precipitado do filtro, que foi incinerado e posta a cinza sobre a tampa do mesmo cadinho. Em seguida a esta calcinação foi o precipitado humedecido com acido chlorhydrico, aquecido com agua a b. m. durante algum tempo, filtrado o liquido, que ainda se turvou com o acido

sulfurico, lavado com agua quente, secco e novamente calcinado e pesado.

a) O liquido de 3–*a*) deu 0,0214 de sulfato de bario, representando 0,008817 de acido sulfurico (SO^4) e	p/m	0,005878
b) O liquido obtido em 3–*b*) deu 0,0212 de sulfato de bario, que representa 0,008734 de acido sulfurico ou.....	p/m	0,005822
Media	»	0,00585

5. Determinação do potassio e do sodio

O liquido filtrado do precipitado do sulfato de bario determinado em 4–*a*) foi reduzido a um pequeno volume por meio da evaporação, aquecido com leite de cal em excesso, e o liquido alcalino assim obtido filtrado e desembaraçado da cal dissolvida por meio do carbonato de ammonio e ammoniaco, evaporado até á seccura em capsula de platina, e, finalmente, o residuo calcinado para expulsar os saes ammoniacaes. O residuo da calcinação, depois de tractado pela agua e filtrado, deu um liquido que se turvou muito levemente pela addição de algumas gottas de ammoniaco e oxalato de ammonio. Depois da evaporação d'este liquido, calcinação do residuo e redissolução na agua foi obtido um novo liquido em que nem o ammoniaco nem o carbonato e oxalato de ammonio produziram turvação alguma. Evaporando então até á seccura depois de accidulado com acido chlorhydrico, num cadinho de platina previamente tarado, foi o residuo calcinado com precaução para evitar a volatilisação do chloreto de potassio, e, finalmente, pesado depois de completo resfriamento.

a) 1500^{cc} de agua deram 1,4358 de chloretos alcalinos ou	p/m	0,9572
b) 1000^{cc} de agua tractados como precedentemente deram		0,9566
Media.....		0,9569

Os chloretos alcalinos foram dissolvidos em pequena quantidade de agua, addicionados de chloreto de platina em excesso e a mistura evaporada até quasi á seccura a b. m.; o residuo da evaporação foi triturado repetidas vezes com alcool a 80º, e a parte que ficou insoluvel, depois de lavada com alcool da mesma concentração, foi calcinada junctamente com alguns crystaes de acido oxalico puro. O residuo da calcinação, depois de lavado com acido chlorhydrico diluido e ultimamente com agua, calcinado e pesado, deu:

Platina dos chloretos *a*) 0,0986, correspondente a chloreto de potassio 0,074524 ou ..... p/m		0,04968
Platina dos chloretos *b*) 0,0660, correspondente a chloreto de potassio		0,04988
Media		0,04978

Chloretos alcalinos	0,95690	Metaes correspondentes	
Chloreto de potassio ...	0,04978	Potassio	0,02609
Chloreto de sodio	0,90712	Sodio.....	0,35664

(Continúa)

JOAQUIM DOS SANTOS E SILVA.

CATALOGO DAS PLANTAS MEDICINAES QUE HABITAM O CONTINENTE PORTUGUEZ

(Continuado do n.º 6, pagina 268)

ORIGANUM VULGARE. L. β. *prismaticum*. Gaud.

(O. creticum. L.; O. macrostachyum. Hffgg. et Lk.; O. Heracleoticum. Rchb.; O. vulgare. L. var. spicatum. Wk.)

Ouregão menor, Ouregão de Creta ou longal.

Hab. nas vizinhanças de Lisboa, Thomar e em outros pontos das nossas provincias meridionaes.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como estomachico, antispasmodico e sudorifico.

ORIGANUM VIRENS. Hffgg. et Lk.

(O. vulgare var. virens. Rchb.)

Ouregão ordinario.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Porto e em outros pontos das nossas provincias septemtrionaes.

Flor. no estio.

P. u. as summidades floridas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

ORIGANUM MAJORANA. L.

(O. majoranoides. W.; O. onites. Lamk. non L.; Manjorana hortensis. Mnch.)

Manjerona.

Planta originaria da Africa mediterranea e Asia media.

No paiz cultiva-se frequentemente nas hortas e jardins.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o das especies antecedentes, e usa-se tambem para banhos estimulantes [1].

THYMUS VULGARE. L. [2]

(Th. glandulosus. Lag.)

Tomilho ordinario.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, proximo a Eiras, e em differentes pontos da Beira e Algarve.

Flor. na primavera.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como estimulante, antispasmodico e carminativo.

THYMUS SERPYLLUM. L. [3]

(Th. variabilis. Hffgg. et Lk.)

Serpão ou Serpol.

Hab. nos sitios abrigados pelo norte do reino (padre Christovam dos Reis). Monte-Junto. (Hffgg. et Lk.)

Flor. na primavera.

P. u. as summidades floridas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente [4].

SATUREJA HORTENSIS. L.

Segurelha.

---

[1] O pó de manjerona é esternutatorio, e o vulgo costuma empregar o chá d'esta planta assim como o dos Ouregãos como remedio contra as affecções nervosas (Jonath. Pereir.—*Mat. Med.*, tomo II, pag. 1377).

[2] Variedades: α. verticillatus; β. capitatus.

[3] Variedades: β. angustifolius. Rchb. fil.; γ. confertus. Gr. et Godr.

[4] Temos na nossa Flora ainda alguns Thymus que podem substituir as especies acima mencionadas. Elles são: *Thymus Mastichina.* L. e *Th. Zygis.* Brot. non L. (Th. silvestris. Hffgg. et Lk.) Serpão do monte.

Hab. a Europa mediterranea e, no nosso paiz, cultiva-se frequentemente nas hortas.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como aromatica e carminativa [1]. Pouco usada.

HYSSOPUS OFFICINALIS. L.

Hyssopo.

Planta indigena da Europa meridional e muito cultiva no paiz.

Flor. no estio e principios do outomno.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como estimulante e espectorante.

MELISSA OFFICINALIS. L.

(M. altissima. Sibth.; M. hirsuta. Hornem., Balb.; M. officinalis. β. villosa. Bss.)

Herva cidreira. Melissa.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e principios do estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como antispasmodica [2].

(Continúa) ADOLPHO FREDERICO MOLLER.

---

1 Esta planta entra na composição do alcoolato vulnerario.

2 O *Melittis Melissophyllum*. L. Melissa bastarda; a *Calamintha Nepeta*. Hffgg. et Lk. (Thymus Nepeta. Sm.) Neveda menor e a *Calamintha officinalis*. Mnch. (Thymus Calamintha Scop.) Neveda maior, podem substituir, e na practica popular muitas vezes substituem a verdadeira melissa. (*Mat. med.* do dr. Beirão).

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

ODE [1]

Aos amigos

(*Horat.*, Liv. III. *Od.* II)

Nos trabalhos de Marte o moço impavido
A tolerar aprenda a angusta inopia,
E em suberbo ginete
Os parthos vexe barbaros.

Ao tempo exposto, nas empresas trepidas
Suspire, ao vel-o, das muralhas hosticas
A esposa, a adulta virgem
Do tyranno belligero;

Bisonho esposo de assaltos bellicos
Ah! não exaspere leões indomitos,
Que por entre a carnagem
Leva sanguenta colera!...

---

[1] Damos aos nossos leitores mais outra producção poetica de Manuel Mathias, o esmerado traductor de Virgilio e Sallustio. Esta versão de Horacio vem tambem no livro das *Rimas*, de que fallámos no nosso numero antecedente.

Morrer é doce defendendo a patria:
A morte alcança combatente intrepido,
Da mocidade imbelle
Nem poupa as costas tímidas.

Virtude ignora sordidos repudios,
D'honras se adorna não manchadas, fulgidas;
Toma ou depõe segures
Sem popular arbitrio.

Abre virtude por veredas asperas
Os céos aos homens de morrer immeritos;
O vulgo a infame terra
Deixa co'as azas rapidas.

Seguro premio tem segredo condito [1];
Quem divulgar de Ceres os mysterios
Meus lares fuja, e nunca
Commigo sulque o pelago.

Mil vezes vemos desprezado Jupiter
Punindo junctos innocentes, impios:
Raro não colhe a pena
Com tardo pé o improbo.

MANUEL MATHIAS VIEIRA FIALHO DE MENDONÇA.

---

1 Antes latinismo do que gallicismo.

ELOGIOS HISTORICOS

V

ELOGIO HISTORICO [1]

DO SOCIO

Jorge Arthur d'Oliveira Pimentel

PELO SOCIO

José Freire de Serpa Pimentel

Nunca, Senhores, obrigação litteraria brotou tão espontanea do meu coração e da minha vontade, como a de erguer a voz neste augusto recincto em prol da memoria triste do amigo, que vi sentar-se e caminhar ao meu lado na descuidosa e ligeira viagem da mocidade, companheiro nos bancos do estudo, socio nas lides litterarias, collega em o nosso theatro academico, parceiro nos saráos e nos prazeres, confidente nos mais doces arcanos do peito, irmão nos vagos desejos, nos pensamentos vaporosos da mais ardente juventude, e sempre leal, e sempre verdadeiro, e sempre affectuosissimo amigo: — que se fosse premio este de disputar-se e ganhar-se na arena dos combates, como nas cavalheirosas epochas d'outr'ora, a nenhum campeão, por mais esforçado, cedera eu esta doce gloria; como não cedo a amigos, a parentes, a irmãos, a de mais sincero tributo de lagrimas, de mais pungente homenagem de recordações e de saudades.

[1] Este *Elogio historico* fórma o ultimo numero dos que foram publicados das *Memorias do Instituto de Coimbra.* Foi recitado em sessão solemne de 11 de março de 1852.

Mas nunca tambem, Senhores, obrigação litteraria pesou tanto na consciencia das minhas forças, no conhecimento das convicções alheias. Eu tenho a fallar-vos naquillo a que não chegam as mais genuinas e apuradas palavras da linguagem humana. Este funebre elogio versa sobre a vida intima de um coração, e não sobre o viver externo d'um homem. Os poucos feitos, que transluzem para o mundo, d'esta existencia recolhida e mysteriosa, são raros meteóros d'uma luz desconhecida, que não bastam para que a natureza d'essa luz possa ser definida e avaliada. Quantas vezes esses raros meteóros enganam e quebram a analyse fria e impotente da critica humana! Que de vezes essa critica se arroja a perscrutar levianamente o que está acima do seu alcance, coada pelo prisma enganador dos preconceitos sociaes, pela fragil e baça lente das leis e costumes mundanos! Que sonda por mais funda pôde penetrar ainda o pelago dos pensamentos e das paixões do homem! Que diccionario, que lingua nos revelou jámais os seus arcanos!

O sr. Jorge Arthur d'Oliveira Pimentel viveu uma d'estas vidas: pensamentos e desejos, — paixões e desesperanças; — depois a morte. Vidas d'estas sentem-se e comprehendem-se; mas não se escrevem nem se fallam... Como hei de eu falal-a e escrevel-a, Senhores!?...

Eu quizera findar aqui o meu discurso. Quizera passar por cima d'esse tremendo e fatal acontecimento que poz termo á vida miseranda do nosso socio, e não levantar a ponta mais negra e sanguinolenta do seu sudario de morte. Os homens que têm coração, e que sentem, já me terão comprehendido: para os outros inuteis serão as minhas palavras. Nesta escolhida assemblêa, porém, uma fé intima e viva alenta a minha coragem. Quem ha ahi, sentado nessas espaldas de dó, coberto com essas vestes de lucto e alistado nas bandeiras respeitaveis d'esta litteraria associação, que não tenha uma alma indulgente, generosa e franca, livre de errados prejuizos, e que não confesse que ao passar pela quadra tempestuosa, a que chamam mocidade, não pensou e sentiu, uma hora

sequer, como sentiu e pensou o infeliz finado poucas horas antes do seu fatal passamento? Quem ha ahi, que nalguns bellos dias de sua mais ditosa juventude não sentisse trepar-lhe á mente um vago scismar indefinido, uma crença de perfectibilidade incompativel com o mundo, um illusorio e irrealizavel desejo quasi celeste? E quem, ao ver desfazer-se este sonho contra as austeras realidades da terra, não sentiu tambem quasi morta a sua coragem contra o phantasma do desespero? Quem ha ahi, Senhores, que não se mergulhasse nesse mar insondavel do coração, que appellidam amor? Quem ha que não visse contrariadas uma vez pelo positivismo da vida as suas mais doces e amorosas esperanças? e que não sentisse nesse instante ferver o sangue nas veias, a febre escaldar-lhe a fronte, estalar o coração dentro do peito, turvar-se-lhe a mente desvairada, e abrir-se num lampejo, debaixo de seus pés, a profundidade do abysmo?...

Ora pois, Senhores, reflui aos peitos generosos e francos de irmãos o vosso pensamento. É ahi que hão de encontrar echo as minhas palavras. É lá que está gravado o verdadeiro elogio do meu amigo. Sois vós, Senhores; somos nós todos, que havemos de regar com o mais puro holocausto de lagrimas a relva do seu tumulo.

O sr. Jorge Arthur d'Oliveira Pimentel nasceu na villa de Moncorvo, na provincia de Trás-os-Montes, aos 23 de abril de 1811. Foi oriundo de uma illustre familia, que na mesma villa vivera sempre honesta e abastadamente, assás conhecida nos primeiros tempos da nossa regeneração politica pelo nome celebre do general Claudino, tio do finado, que se distinguiu na epocha da ultima regencia por sua bravura e serviços militares, e que morreu, poucos annos depois, victima infeliz da perseguição que as suas opiniões liberaes lhe acarretaram. Foram paes do meu defuncto amigo os srs. Luiz Claudio d'Oliveira Pimentel e sua primeira mulher, D. Angelica Thereza de Sousa Pimentel Machado, distinctos e honestos proprietarios, que se esmeraram em dar a seus numerosos filhos escolhida educação scientifica e litteraria,

mandando-os cursar, a tamanha distancia do solo natal, diversos estudos e faculdades na Universidade de Coimbra; e legando-lhes por este modo um patrimonio condigno do cidadão benemerito, posto que mediano em bens da fortuna, rico todavia em cabedal de illustração, e habilitações civis e militares, para bem servir a patria. Um dos mais velhos, o sr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, formado em Mathematica, tornou-se depois celebre pelos seus talentos e instrucção, e é hoje um dos mais bellos ornamentos da Eschola Polytechnica de Lisboa, alma dos mais notaveis estabelecimentos fabris da côrte, e primeiro chimico de Portugal. O sr. Jorge Arthur d'Oliveira Pimentel, cuja desastrosa perda hoje vimos prantear, foi o mais novo de seus irmãos, e dedicou-se á sciencia do direito, em cuja faculdade se formou no anno de 1841.

A sua alma, porém, não era propria para os aridos estudos da jurisprudencia; menos ainda para a sua positiva applicação. Elle abraçou esta faculdade mais por obediencia aos seus superiores do que por vocação do espirito; e nunca depois se aproveitou dos gráus de sua habilitação, nem para seguir a advocacia, cujo mister repugnava com sua imaginação e com seu genio; nem para seguir os logares de letras, de que o seu pensar politico, em desharmonia com as opiniões do governo dominante, o afastava de contínuo.

Nos primeiros annos de sua mocidade e de seus estudos patenteou uma decidida inclinação para a poesia e para o theatro. Espalhadas por esses periodicos da epocha, em alguns mesmo d'este Instituto, restam varias de suas ligeiras e improvisadas producções. O seu nome figurou mais que uma vez entre os actores do nosso theatro. Varias traducções suas, como as de *Catherina Howard* e *Cigana,* foram approvadas no nosso antigo Conservatorio e levadas á scena; bem como mereceu as honras da representação uma sua tentativa original, de cuja execução me recordo com profunda saudade. Foi em seus ensaios que mais se estreitaram as nossas relações de amizade; foi então que elle pela vez primeira se encostou ao meu hombro, e nos démos as mãos, para affrontarmos ambos, eu tambem novel auctor, o mar tempes-

tuoso, para nós desconhecido, das baixas intrigas e rivalidades mundanas.

Elle leu com avidez os primeiros partos da exaggerada eschola romantica de França, que vieram surprehender-lhe a imaginação e senhorear-lhe a vontade naquella perigosa epocha da mocidade, em que mais profundamente as impressões da leitura e da educação se arreigam no espirito. Quantas vezes fui eu surprehendel-o a deshoras em sua camara, hirtos os cabellos e pallida a fronte, e lhe arranquei das mãos tremulas já a terrivel Notre-Dame de Victor Hugo, já a fatal Torre de Nesle de Dumas, já as mil versões exaggeradas de Shakespeare e Schiller; e o trouxe a seu despeito, ainda impressionado e distrahido, para o salão do baile ou para os bastidores do theatro! eu, cuja mocidade mais vigorosa e adeantada havia tido força para resistir a essas impressões arrebatadoras da imaginação, ante as quaes se verga ás vezes impotente a vontade do homem, — como bem impotente se vergou logo ao desabrochar da juventude o meu infeliz amigo, com coração e sympathia, alma e vontade, sem que jámais de tal servidão podesse emancipar-se até o desastroso instante do seu horrivel passamento! Quantas vezes pelas veigas apraziveis da risonha Coimbra, ou á sombra dos salgueiros, nas bellas margens do patrio Mondego, ou no triste valle das oliveiras, a que tão justo quadra o nome de Saudade, fui eu encontral-o passeando triste e solitario, entregue ás suas vagas e melancolicas meditações, e absorto naquelle scismar perigoso dos verdes annos, que é o caminho mais curto das grandes paixões e precursor do mais perigoso abysmo! Quantas vezes os cuidados de seus irmãos e de seus amigos lhe fizeram mallograr alguns d'esses projectos desastrosos, que a imaginação ardente de um mancebo concebe e executa, sem dar cabimento á razão para modifical-os! Quantas vezes, alta noite, deixavamos nós ambos o bulicio brilhante das festas, e vagavamos sósinhos, pelo braço um do outro, ao clarão melancolico da lua, na vasta esplanada deserta do Jardim Botanico, confidentes e quasi irmãos; e as minhas palavras consoladoras de amigo lhe applicavam ao peito

angustiado de amor, ás vezes alquebrado por um desespero, o balsamo da consoladora persuasão, da franqueza e da expansão ao menos! E que vezes, Senhores, depois da sua morte tenho pensado nesses provectos instantes da juventude, em que as minhas humildes reflexões poderam salval-o de alguns precipicios, e tenho lamentado e carpido que a Providencia me collocasse tão longe do amigo nesse dia fatal da sua morte, em que duas palavras, talvez, sahidas de um coração amigo e confidente, poderiám fazer recuar no horizonte da vida a estrella fatidica do seu infortunio!

Perdoae, Senhores, se a cada passo eu antecipo o funebre desenlace do meu discurso. Perdoae, se a cada trecho da breve historia de sua curta vida eu enlaço tambem uma recordação do meu passado, uma saudade de meus verdes annos. Mas que hei de fazer, se o terrivel clarão de sua agonia afogueia todo o quadro! Que hei de fazer, se é uma vida intima o que eu descrevo! E como descrevel-a, se toda inteira ella não houvesse sido vasada no meu coração nas diversas epochas da minha existencia!

Duas palavras sobre a outra face da sua alma, os seus sentimentos moraes e politicos, como portuguez e como homem.

Seja-me dado trazer para aqui um formoso texto do velho Horacio, já trazido para epigraphe de outra minha producção:

Cui dabit partes scelus expiandi
Jupiter? Tandem venias precamur,
Nube candentes humeros amictus,
Augur Apollo:

E, com effeito, que alma, verdadeiramente querida das Musas e dada ás bellas letras, pôde jámais deixar de ser propensa áquella mansidão e doçura, áquella como que desleixada bondade, que é quasi sempre o apanagio do homem illustrado!

O sr. Jorge Arthur possuia em alto quilate aquellas excellentes qualidades. Affavel e polido, eram as musas e letras o seu ali-

mento, a boa sociedade o seu recreio. Abominava a intriga e a lisonja, o era absolutamente extranho ao terrivel sentimento do odio. Contava numerosos amigos, e nunca lhe conheci um inimigo. Aborrecia o tracto com a gente grosseira e ignorante: por isso forcejou sempre por viver nas grandes cidades; depois de formado passou quasi todos os poucos annos de sua vida no Porto ou em Lisboa. Nunca tractou do seu estabelecimento social, nem se aproveitou das vantagens que podia tirar dos seus estudos, posição e amigos.

Uma especie de desleixado estoicismo dominava o seu espirito, ao passo porém que folgava de viver na grande roda, a que chamam o bom tom das cidades, e que todos os seus habitos e maneiras revelavam o homem delicado e opulento. Diria quem lhe não entrasse nos arcanos do coração que, se elle nascesse no seio da mais abastada e sumptuosa aristocracia, fôra o mais feliz dos homens. Quanto o seu exterior enganava neste ponto! e quão differente, quão outra era a felicidade, quasi irrealizavel, que elle ambicionava!

O sr. Jorge Arthur entrou na vida social na epocha em que se agitavam na patria as mais importantes paixões politicas, em que mais encarniçados se debatiam, já nos campos de batalha, já na lide da imprensa, os partidos e facções. E, ou porque as reminiscencias de uma infancia, embalada ao som dos flagicios da perseguição, lhe inspirasse no peito o amor da liberdade; ou, antes, porque taes sentimentos quasi podem dizer-se innatos nas almas vivas, nas imaginações ardentes e poeticas dos mancebos d'este seculo, — o sr. Jorge não deslisou das crenças politicas de seus maiores, dos sentimentos de seus contemporaneos, — e abraçou o liberalismo. Não o liberalismo trabalhado na bigorna dos systemas, combinado com as velhas crenças dos povos, temperado pelas circumstancias e pelos habitos, e desbotado ao sol dos calculos e dos interesses; — mas o liberalismo puro, estrenuo, franco, incommensuravel, como o de Roma e de Sparta, de Socrates e de Graccho, de Catão e de Washington; não o liberalismo applicado á socie-

dade humana com sua depravação e com seus vicios; mas o liberalismo do homem verdadeiramente homem, na austeridade de sua virtude, na elevação de sua esphera.

Mas este extremo de sentimentos politicos, em que elle se collocara, nada tinha de commum com o partidario, com o faccioso, com o intolerante. Elle encostava-se, no meio dos partidos que se agitavam em Portugal, áquelle que com o epitetho de progressista mais se aproximava ás suas idêas de liberdade, ou, antes, melhor degráu lhe parecia para o caminho difficil da regeneração humana: encostava-se, porém, sem fé nos principios, sem confiança nos homens, e sempre com os olhos num futuro melhor, talvez impossivel; e estendia ao mesmo tempo, sem rancor e sem despeito, a mão indulgente e leal, já para o mancebo alistado nas bandeiras do mais cauteloso e moderado liberalismo; já para o moço, que, imbuido nas recordações saudosas de seus paes, curvara a fronte e o pensamento á idêa do absolutismo puro.

Em harmonia com estes seus principios, foi um dos primeiros a alistar-se no batalhão academico, organisado em Coimbra em 1837, e a militar dez annos mais tarde sob as bandeiras da Junta do Porto. Eu o encontrei, Senhores, nos primeiros dias d'essa revolução recente, no meio do tumulto e da exaltação d'aquelle movimento, passeando sósinho e distrahido á beira do Douro, e como deslembrado de que á esquerda lhe pendia e rojava na terra a espada dos combates. Nós nos abraçámos e passeámos largo espaço, tranquillos e como ignaros d'aquelle tumultuar que nos rodeava; e de sua bocca passaram para os meus ouvidos as palavras mais francas e ingenuas de placidez e de tolerancia. Elle fallava com a maior imparcialidade nos erros e defeitos dos homens, a quem por transição se ligara. Elle desprezava e quasi escarnecia o presente; mas tinha toda a sua confiança, toda a sua crença no futuro, que anhelava, talvez pela corada lente do seu desejo, radioso de liberdade e de gloria.

Um anno mais tarde, quasi no mesmo dia e á mesma hora, deparei eu com elle no mesmo sitio, e junctos passeámos tambem

largo espaço á beira do Douro, em frente do Oceano. Quão outro era então o meu amigo! Já ao lado lhe não pendia a insignia da guerra; e, como ao arruido das sedições havia succedido em torno de nós a bonança de uma paz sem prosperidade, — tambem aos seus desejos ardentes, á sua fé no futuro, havia succedido a languidez do desengano, a pallida e arrefecida quietação da desesperança.

Era uma tarde de outomno; o céo estava azul e sereno; serenas e azues, as aguas do Douro e do Atlantico se casavam na tranquilla barra sem um murmurio. Pelas arvores gigantes da margem nem uma aragem se balouçava nas folhas, e os raios extremos do sol traçavam uma faxa de luz por cima das aguas, desde os nossos pés até ás raias do occidente. Foi neste bello e bonançoso instante, gravado com indeleveis côres de saudade na minha memoria, que encontrei, que abracei pela ultima vez o meu amigo. Poucas horas mais tarde o furacão e a tempestade do inverno encrespou essas ondas, toldou de nuvens esse céo, seccou e varreu essas folhas, e açoutou esses caes e essas plagas com a furia do vendaval e das procellas. Ai! poucos dias depois tambem o coração do meu infeliz amigo era varrido e açoutado pelo temeroso escarceo da paixão mais violenta e tempestuosa.

Eis-me chegado, Senhores, ao ponto mais difficil e delicado do meu discurso. Não que eu queira historiar-vos uma paixão: paixões d'estas, já vol-o disse, sentem-se e não se descrevem. Mas os acontecimentos rapidos e dolorosos, em que dolorosa e rapidamente vou tocar, passaram-se a curto espaço no meio de nós; e eu tremo de ferir melindrosas susceptibilidades, de avivar as cinzas mal apagadas de uma saudosa e ainda palpitante reminiscencia. Cumpre-me, demais, justificar um acontecimento, cujo exterior aparato escandalisa algumas mais timidas consciencias; e não me sinto com forças para tanto, receioso, como estou, de tropeçar a cada palavra no excesso de minha amizade e de minha dor. Eu serei portanto breve, Senhores; mas a verdade, hei de dizel-a:

ella não póde offender ninguem, e ha de sanctificar a memoria do nosso socio.

O sr. Jorge Arthur attingira aquelle quadra mean da vida, os trinta annos de edade, em que as flores da imaginação e da esperança começam a desfolhar-se. O sr. Jorge parara na carreira ardente de sua juventude, levara a mão á sua coroa de mancebo, e vieram-lhe nella resequidas e desbotadas as rosas e as boninas. E na verdade elle amara muito a sua patria; e não tivera premio algum do seu amor, nem o de vel-a feliz. Amara muito a liberdade; e a liberdade pura e verdadeira estava longe do seu paiz, longe dos homens e do mundo. Amara muito os prazeres, as festas, as damas, a sociedade; e não encontrara em tudo isto senão dissabores e desenganos.

Elle carecia de uma consolação intima e quasi celeste, que lhe animasse o amortecido sopro da existencia. Encontrou-a.

Quem senão a imagem dos anjos sobre a terra póde confortar-nos e consolar-nos das tribulações da vida! Quem senão a mulher! E o sr. Jorge amou essa mulher-typo, essa meiga realidade de seus sonhos, essa donzella candida, formosa, esbelta, — alva e pura como a flor do jasmin, como elle rescendente do aroma — da educação e da virtude, — ornato como elle dos jardins e das festas; — amou-a com toda a expansão de sua alma, com os affectos reunidos de toda a sua mocidade, com as esperanças e desejos de toda a sua vida, e com o apaixonado e poetico arrojo de Petrarcha, de Camões, de Tasso. Amou-a; e seu amor correspondido e puro encontrou echo no coração d'essa dama. Amou-a; e entregou-lhe toda a sua alma, todo o seu pensamento, todo o seu futuro, todas as suas esperanças. Amou-a; e respeitosamente ajoelhado a seus pés, esqueceu-se do positivismo do mundo, e uma vez ao menos acreditou na realidade de suas esperanças; e foi feliz.

Mas quão depressa veio arrancal-o de seu sonho de delicias a austera realidade da vida social! Este amor brotara e crescera livre naquelles dois corações no meio dos saráos e dos prazeres, acobertado com as apparencias do ôco e estupido galanteio vulgar.

Como tal atravessou impune todos os reparos da sociedade, onde fingir o amor é moda e quasi virtude, tel-o e sentil-o é as mais das vezes um delicto. Mas chegado ao ponto em que os corações se correspondem e entendem, indispensavel era uma solução em harmonia com as leis da sociedade. O sr. Jorge era, como a dama dos seus pensamentos, bom filho e bom christão; propoz-lhe os laços do hymeneu e implorou a licença de seus paes. Misero moço, que não via que neste estado, a que chamam civilisação, amar e ser amado é o que menos se leva em conta para as ligações officiaes de quem deve amar-se toda a vida! Infeliz mancebo, que não pôde fazer comprehender a seu desventurado pae que tal amor não era um affecto vulgar, mas uma paixão extrema e incuravel! Virtuoso e honrado homem, que não teve o culpado arrojo de arrebatar ás leis da decencia e da ordem social o objecto de sua paixão; e que preferiu antes esgottar todos os meios licitos de obtel-o e gozal-o christanmente, e succumbir alquebrado pelo martyrio debaixo de seus honestos esforços!

A boa donzella tinha cabedal de belleza, educação e virtudes; mas não basta este patrimonio para o estabelecimento de uma dama bem nascida. O pobre mancebo tinha muita dedicação e muito amor; mas sem o consentimento e soccorro de seu pae não tinha os sufficientes meios de fortuna para fazer vida e sociedade com o objecto de seu acrisolado desejo. Passa-se o tempo em negociações e projectos inuteis, em baldados meios de vencer a obstinação de um pae velho e ausente, que daria o sangue das veias por salvar a vida do filho, mas que não póde crer em paixão tão ardente, tão estrenua.

Foi então que uma triste e pesada melancolia começou a apossar-se do apaixonado mancebo. Passou elle nessa epocha a frequentar menos as festas, a fugir da sociedade dos amigos, a vagar solitario e meditabundo nos sitios mais ermos das vizinhanças do Porto. Era a desesperação com todos os seus horrores que lhe entrava n'alma; era o tedio da vida que se lhe insinuava no desejo alquebrado; era o espectro tremendo, descarnado, pavoroso,

sanguinolento do suicidio, que lhe apertava as entranhas, lhe espesinhava o pensamento.

Não espereis, Senhores, ouvir da minha bocca a repetição banal das safadas disputas escholasticas sobre este objecto, e das sabidas e argumentadas cartas do celebre João Jacques; menos ainda o panegyrico de um facto, que a boa razão e a lei divina appellidam criminoso. Mas qual é o homem perfeito neste mundo? Onde está o ente impeccavel, que ouse arremessar a pedra da Escriptura? E que delicto ha ahi entre os homens, a que as circumstancias não possam attenuar, quasi dirimir a gravidade? Se ha tamanha distancia entre o salteador, que rouba para sevar a sêde de ouro, e o miseravel, que se apodera d'um pedaço alheio de pão para matar a fome a seus filhos expirantes, como não havemos de admittir egual distincção no suicidio, que não é um delicto de homem para homem, mas do homem para Deus (para Deus, que só sabe e lê as nossas intenções e consciencias); que não é um delicto filho da depravação moral, mas quasi sempre da alienação ou do desespero; que é um delicto emfim, que reclama toda a indulgencia do céo, porque após si não deixa espaço para ganhal-a com o arrependimento e com a penitencia!

O sr. Jorge Arthur preparou-se para o suicidio com a apparencia da maior tranquillidade. Escreveu diversas cartas de saudosa despedida a seus amigos, a seus irmãos, a seu pae; dispoz das prendas e livros, propriedade sua, deixando tudo em diversos pacotes fechados e sobrescriptados; e tomou as providencias necessarias para que estas cartas e objectos não podessem chegar ao seu destino senão depois do instante fatal da sua morte.

Todos estes preparativos, porém, não eram certamente o resultado da tenção firme e inabalavel do suicidio. Estas providencias, ouso affirmal-o, não passavam de um desafogo da paixão, de uma consequencia d'aquelle leite de romanticos e exaggerados pensamentos com que na infancia fôra alimentado. Uma peripecia fatal fez realisar estes vagos projectos. Uma ordem terminante o mandava recolher ao solo natal, e lhe suspendia os meios de subsis-

tencia com que vivia no Porto. Esta ordem foi um raio mortifero, que veio matar todas as suas mal apagadas esperanças, e fulminar no ultimo abysmo do desespero a sua alma espesinhada e melancolica. Nem forças teve para luctar; curvou a cabeça ao infortunio e entregou-se nos braços do seu projecto.

Estamos chegados ao triste dia 7 de janeiro de 1849. Os transes, que se passaram naquella alma na terrivel noite que o precedera, não são do dominio do meu discurso: foi um mysterio que se passou entre elle e o Creador; não é para os homens sondal-o. O que sabemos é que um mancebo pallido, espantado e abatido sahia ás dez horas da manhã de sua casa, procurava encontrar-se com os seus numerosos amigos, apertava-lhes fortemente a mão, deixando-os admirados e absortos, corria as casas de algumas familias de maior amizade, deixando-lhes á sahida insolitas e vagas palavras de mysteriosa despedida; e terminava á noite as suas largas digressões, entrando numa assemblêa de recreio, que frequentava habitualmente, sentando-se tristemente numa cadeira, sem tomar parte, como costumava, na conversação e no jogo, respondendo com monosyllabos e apertos de mãos ás repetidas perguntas de seus amigos, e desapparecendo subita e disfarçadamente do meio dos salões illuminados.

Celebrava-se essa noite um anniversario de familia com uma partida de recreio e musica. A bella dama dos seus pensamentos fôra para esta partida convidada. O pobre mancebo recusara um convite que se lhe offerecera para a funcção. Ás nove horas da noite, porém, foi visto subir com passo vagaroso e tremulo as escadas do portal, enxugar com um lenço o suor da fronte e encostar-se á porta mal cerrada do salão. A ponto chegava, quando no piano começavam a executar-se os preludios de um acompanhamento; e uma dama formosa e gentil, posto que triste e abatida, se levantava de sua cadeira, se encaminhava para o instrumento sonoro, e se dispunha a cantar uma ária.

Era ella.

O meu infeliz amigo, encostado aos umbraes d'essa porta, bebia

sôfrego as maviosas exhalações d'aquella voz angelica e suave, que se lhe insinuava por todas as fibras do coração... Que póde mais a minha voz arrefecida dizer e descrever d'este instante ardente e solemnissimo!... Oh! aquella voz eram as preces d'um anjo, que embalavam e encommendavam a Deus a alma do mancebo na hora da agonia. E não é isto uma figura de eloquencia, Senhores: é uma realidade que eu acredito, que todos os corações sensiveis hão de acreditar. O sr. Jorge não foi matar-se na ponte pensil do Porto. O sr. Jorge morreu alli, encostado áquella porta, aos ultimos sons d'aquella garganta fatidica. Embora o seu corpo ficasse cá na terra para arrojar-se com passo mal seguro para as margens do Douro; a sua alma elevou-se ao céo, enrolada aos derradeiros accentos d'aquella voz encantadora e divinal.

Passados poucos instantes, a sentinella da ponte pensil via entrar por ella da banda da cidade um homem, involto num albornoz, caminhando com passo desegual, e como que distrahido. O vulto parara no meio da ponte; debruçara-se d'um e outro lado, como que a medir a profundidade da distancia que o separava das aguas; atravessara com o mesmo andar incerto para o caes de Villa Nova; passeara por elle curtos instantes, levantando os olhos para a cidade, que suberba e gigante se encosta desde ás aguas até ás cumiadas dos fronteiros montes; e voltara vagarosamente para a ponte, onde continuara a debruçar-se. Até que a sentinella, desconfiando das maneiras insolitas e equivocas d'aquelle homem, gritou ás armas e correu sobre elle. O official da ronda, que do outro lado da ponte assomara nesse instante, deu de esporas ao cavallo e despediu tambem contra o vulto negro. Era já tarde. O homem mysterioso houvera subitamente desapparecido de cima da ponte. E logo foi sentido distinctamente pelo official e pelo soldado um grito agudissimo, profundo, doloroso, como exhalado do mais intimo das entranhas, — e um rapido instante depois o estrondo melancolico e lugubre de um corpo pesado, que batera na superficie das aguas e se afundara no abysmo. Este estrondo marcava a eterna desapparição do meu amigo de cima da terra.

Aquelle grito era um resto de sua alma triste, que lhe ficara aninhado no seio até áquelle instante solemne, para exhalar-se numa prece contrita e sacrosancta de arrependimento. Era o novo pacto de alliança entre Deus e o mancebo moribundo, rôta momentaneamente pela consummação de tal attentado. Era um raio da Providencia Divina, que alumiava a mente da victima na hora da agonia. Era o mais sublime Sacramento da Religião, que levava aquella alma aos pés do Omnipotente nos braços da penitencia.

Em breve tempo uma carta do infeliz finado chegava ao salão harmonioso e era entregue a um seu intimo amigo. A noticia do terrivel projecto espalhava-se pelos circumstantes e chegava aos ouvidos da formosa donzella. E amigos e emisarios corriam a diversos pontos da cidade para obstar ao horrivel desastre.

Correram debalde.

As diligencias que se fizeram para encontrar o cadaver tambem foram baldadas, até que as ondas o arrojaram dias depois perto de Miragaia, não longe do sitio onde junctos houveramos tido a ultima triste conversação. Elle foi reconhecido pelo rosto já desfigurado e pelos trajos. Os seus amigos o conduziram a uma egreja, para d'ahi ser guardado em um elegante mausoleu que depois lhe erigiram no Prado do Repouso. Encontraram-se-lhe sobre o coração, cuidadosamente guardadas, uma prenda bordada pelas mãos da formosa dama e uma trança de seus cabellos. Elle quiz que ficassem unidos ao seu cadaver cá na terra os vestigios de uma paixão, que, enlaçada com sua alma, ousou levar á eternidade.

E na eternidade ha de elle encontrar-se um dia com esse objecto idolatrado de seus pensamentos, de sua paixão, de sua agonia, que cá lhe ficou sobre a terra. Oh! seja-me dado imaginar, se a phantasia póde subir tão alto, que este encontro ha de ser uma felicidade. Mas triste de quem morre, que, por mais brado que haja dado o seu nome, é bem difficil de guardar a sua memoria do furacão do tempo e do olvido!...

Ora pois, Senhores, choremos sobre as cinzas do amigo: são

as cinzas de um martyr, d'um martyr intrepido. Se elle teve a fraqueza de conceber a idêa do suicidio, teve a coragem de executal-a. Se teve o arrojo de lançar mão da vida, que só a Deus pertencia, teve a virtude christã de arrepender-se. Ai! d'elle, que morreu martyr das leis e preconceitos da nossa organisação social. E ai! de nós todos, que vogamos pelo mesmo pégo, no baixel da mesma imperfeita civilisação, e que tambem ámanhã podemos ver quebradas e naufragas as nossas mais viçosas esperanças contra o rochedo da realidade, contra o parcel da desesperação.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

VOLUME XXVII — FEVEREIRO DE 1880

SEGUNDA SERIE — N.° 8

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SUMMARIO

Pag.

Breve estudo dynamico sobre o primado universal da egreja christã — por **Antonio Pereira Pimentel de Brito Côrte-Real** 361

Contributiones ad floram mycologicam lusitanicam — por **F. de Thuemen** 368

Pathogenia da ictericia grave — por **J. A. de Sousa Refoios** 381

Intolerancia scientifica da faculdade de medicina de edimburgo — por **F. A. Rodrigues de Gusmão** 388

As aguas alcalino-gazosas do bem-saude — por **Joaquim dos Santos e Silva** 392

Oda xxv do liv. ii da lyrica de horacio (poesia) — por **André Falcão de Rezende** 396

Boletim bibliographico — por **Augusto Rocha** e **A. A. da Fonseca Pinto** ..... 399 e 404

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

BREVE ESTUDO DYNAMICO SOBRE O PRIMADO UNIVERSAL DA EGREJA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 6, pagina 250)

Tal é a enumeração que faz Febronio dos direitos que formam o conteúdo do Primado *de facto,* isto é, tal qual existe, ou tal qual tem chegado a constituir-se através das vicissitudes e desenvolvimento dos seculos: e tal é a critica que elle faz a respeito de cada um d'elles [1].

Confrontando esta serie que acabamos de descrever com a serie que deduzimos dos direitos essenciaes, legitimos do Primado (parte 1.ª, cap. 3.º), vê-se que coincidem perfeitamente; se pois Febronio acceitasse a legitimidade de todos aquelles direitos enumerados, estariamos plenamente de accordo com este escriptor, e o resultado a que teriamos chegado da *analyse da doutrina de Febronio sobre os direitos do Primado* seria — que era integralmente verdadeira e pois acceitavel. Mas, como vimos, Febronio, á medida que ia fazendo a enumeração d'aquelles direitos, ia

[1] Por esta critica que faz Febronio, e que expozemos o mais fielmente que nos foi possivel, se vê que este escriptor, apezar de ter dedicado o maximo cuidado a estabelecer um criterio que fosse seguro e completamente preciso, todavia esqueceu-se d'elle muitas vezes para raciocinar sob outras bases ou outros principios, ainda que verdadeiros nalguns casos.

tambem fazendo commentarios a cada um d'elles [1]; e d'esses commentarios se vê que Febronio restringe muito a área dos direitos do Primado, considerando a maior parte d'elles como meramente accidentaes, adventicios, como tendo sido addicionados posteriormente ao Primado em virtude da influencia de muitas causas [2].

E assim considera-os subjeitos a variações, segundo a occasião e quando as necessidades da Egreja o exijam, podendo mesmo esta tirar-lh'os quando o julgue conveniente, — visto serem *seus*, e não do Pontifice. Por isso discordamos da doutrina d'este escriptor.

Para formarmos uma idêa mais clara e precisa ácerca da *doutrina de Febronio sobre os direitos do Primado*, vamos destacar da serie enumerada sómente aquelles direitos que Febronio admitte; e assim mais facilmente poderemos medir a *extensão* [3] da serie *febroniana*, e pelo seu confronto com a que nós em harmonia com Schenkl assignámos ao Primado (parte 1.ª, cap. 3.º), melhor apreciar a differença entre uma e outra.

«Serie febroniana dos direitos do Primado»

a) Direito de direcção geral sobre toda a Egreja;

b) Direito de convocar, presidir e propôr nos concilios ecumenicos [4];

---

1 Ora fundando-se no seu criterio, ora soccorrendo-se mesmo a outras ordens de considerações, ás vezes bem pouco conciliaveis com elle.

2 Estas causas enumera-as Febronio no cap. 3.º; e nós, entrando na critica da sua doutrina, teremos adeante (cap. 2.º d'esta secção) occasião de fallar nellas mais de espaço, e de apreciar devidamente o seu valor.

3 E até mesmo a *qualidade*, porquanto alguns dos direitos que Febronio admitte, são por elle muito restringidos.

4 Mas nos termos expostos no mesmo *b*) da serie *de facto*.

c') Direito de suprema inspecção e sollicitude sobre toda a Egreja [1];

d') Direito de mandar legados [2];

e') Direito de relação;

f') Direito de velar pela observancia dos canones, e em geral pela manutenção da disciplina em toda a Egreja [3];

g') Direito de punir; — excommunhão [4];

l') Direito de receber recursos de revista [5];

m') Direito de exigir respeito, communhão e obediencia de todas as Egrejas.

Tal é a serie dos direitos que Febronio assigna ao Primado. Confrontando-a com a que nós lhe traçamos (parte 1.ª, cap. 3.º),

---

[1] Consistindo este direito — «na actividade constante que o Pontifice deve desenvolver na manutenção da unidade da fé, da pureza dos costumes, dos ritos substanciaes dos sacramentos, etc, acudindo ás differentes egrejas que se vêm a braços com heresias, scisões, etc.». Mas este direito, pondera Febronio, não importa uma verdadeira jurisdicção *immediata* sobre toda a egreja.

[2] Mas este direito, segundo Febronio, deve ser regulado no seu exercicio pelo seguinte principio geral: — «Os Principes e as Nações têm direito a contradizer ou a oppor-se aos mandados dos legados e vigarios dos Pontifices, quando prejudiciaes aos seus direitos ou contrarios aos verdadeiros canones.

[3] Mas este direito, segundo Febronio, deve ser exercido em harmonia com o disposto nas actas dos concilios e sagrados canones, como estatue o concilio de Florença; e pois deve o Pontifice ser o primeiro a dar o exemplo da sua observancia.

De facto, observa Febronio, logo nos primeiros seculos da egreja os Papas consideravam a sua posição eminente e como que sobranceira na egreja apenas tendo por fim permittir-lhes observarem a egreja em todas as direcções, e velarem assim pela observancia dos canones, conduzindo á obediencia os seus infractores. E portanto, conclue elle, deve o Pontifice ser o primeiro a respeitar os direitos do episcopado, e não a usurpal-os.

[4] E não *deposição*, como já vimos anteriormente na serie *de facto*.

[5] Sómente, e não *appellações* em geral, como tambem já vimos anteriormente.

*

vê-se que não só tem menos *extensão,* mas que mesmo differe *qualitativamente*. Mas, diz este escriptor, o Primado assim constituido não vai invadir os direitos episcopaes, nem exercer jurisdicção nos seus respectivos rebanhos, os quaes, em virtude da circumscripção das dioceses, e mesmo por determinação de C., estão confiados *soberanamente* a seus respectivos bispos; e por outro lado com o Primado assim constituido realisa-se integralmente o fim para que fôra instituido [1]; emquanto que com o Primado actual, apezar de desmedido, e em que o governo geral da egreja se tem tornado *monarchico,* ha constantemente divisões e schismas por toda a parte. Com o Primado dos primeiros seculos foi sempre mantida a unidade da egreja [2].

Vê-se pois que Febronio limita o Primado ás simples funcções de inspecção, sollicitude e direcção soberanas, — velando pela observancia dos canones e da disciplina em geral, e convocando e presidindo aos concilios ecumenicos. E como meios para o Pontifice poder exercer efficazmente estes direitos, concede-lhe os direitos de — exigir respeito e obediencia, mandar legados, relação, excommunhão, e receber recursos, mas sómente de revista.

---

1 Isto é, a *manutenção geral dos canones,* segundo Febronio.

2 É facil de vêr que estas considerações de Febronio são completamente falsas; por quanto, não só é menos exacto que nos prímeiros seculos reinasse uma *constante* unidade na egreja, sem a menor heresia ou infracção de disciplina, nem tambem se póde admittir que com o Primado tão restricto, como quer Febronio, possa ser garantida *efficazmente* a unidade da egreja.

De facto, é mister que o Pontifice tenha tambem o direito *proprio* de decidir e ordenar nas cousas sagradas, sobretudo nas que respeitam á fé, e não sómente d'um modo *delegado,* e *provisoriamente;* por quanto, sendo assim, qualquer pretexto serviria para esta ou aquella egreja particular se oppor ás decisões pontificias: e pois á *unidade* da egreja se substituiria uma crescente *desaggregação.* E demais, é mesmo falso que C. instituira o Primado só para a — guarda dos canones, como se vê de Math., XVI, 18, 19; Luc., XXII, 32; e João, XXI, 15.

Portanto, todos os demais direitos que nós admittimos — direito de publicar *soberanamente* decretos dogmaticos, de promulgar *soberanamente* leis universaes, de dispensar ou relaxar as leis universaes, de punir pela deposição, de protecção recebendo appellações, de confirmar, transferir e exauctorar bispos, de lhes conceder coadjuctor, de erigir, dividir, annexar sés episcopaes, de approvar ou abolir as ordens religiosas, de coneeder certas absolvições, dispensas e graças, e em geral conhecer de todas as causas maiores: todos esses direitos considera-os Febronio meramente *accidentaes,* e pois não entrando na constituição do conteudo *essencial, legitimo, divino* do Primado.

Distingue por conseguinte Febronio nos direitos do Primado *de facto* (isto é, tal qual existe) duas ordens de direitos: — «direitos essenciaes, divinos, proprios do primado, e direitos accidentaes, adventicios, vicarios do Primado.» — Faz pertencer ao primeiro grupo só aquelles — «direitos que são necessarios á manutenção da unidade da egreja, e que os Pontifices exerceram sempre, logo nos primeiros seculos, sobre a primitiva disciplina»; ao contrario todos aquelles — «direitos que depois os Pontifices foram com o decorrer dos tempos chamando a si, graças a um cunjuncto de circumstancias que concorreram favoravelmente para isso» [1], todos esses não constituem direitos legitimos, essenciaes do Primado, são attribuições que a egreja póde, querendo e exigindo-o o bem da egreja, deixar subsistir neste poder supremo, o qual por isso os deverá exercer *em nome da egreja,* e só emquanto ella os não reclame; mas, logo que, variando as circumstancias, deixe de ser conveniente ao bem geral da egreja a adjudicação de taes direitos ao Primado, então terá a egreja direito a reclamal-os como *seus,* e o Pontifice obrigação restricta de renunciar ao seu exercicio: a este complexo de — direitos exercidos pelos

[1] São muitas as causas a que Febronio attribue esta como que *accessão juridica* de direitos ao poder pontificio. No capitulo seguinte e ultimo teremos occasião de as enumerar e discutir.

Pontifices não desde os primeiros tempos da egreja, mas começados a exercer posteriormente, sob a disciplina das Falsas Decretaes [1], é que Febronio chama — direitos accidentaes do Primado [2].

Tal é a doutrina de Febronio ácêrca do Primado; resta-nos critical-a: é o objecto do

CAPITULO SEGUNDO

«Critica da doutrina de Febronio sobre o Primado»

Na theoria de Febronio, que acabamos de expôr, ácêrca dos direitos do Primado, ha a discriminar uma parte verdadeira e uma parte falsa; ou, antes, ha a notar nella elementos verdadeiros e elementos falsos. Assim, é verdadeira *a*) emquanto que admitte o principio geral da unidade da egreja, *b*) e emquanto que assigna ao Primado sómente direitos legitimos; — e em verdade todos os direitos admittidos por Febronio derivam logica e immediatamente d'aquelle principio da *unidade* da egreja. Mas, por outro lado, é falsa; *a'*) porque só admittindo como legitima a disciplina dos primeiros seculos da egreja [3], e confundindo o exercicio do direito com o direito mesmo, foi assim viciar o criterio geral, primeiramente estabelecido; *b'*) e porque por isso mesmo tendo partido

---

1 De facto, Febronio entende que foi d'esta collecção *principalmente* que derivaram os direitos *accidentaes* do Primado.

2 E com effeito, diz Febronio (tomo I, cap. 2.°, secç. 7.ª): «Os direitos que tem o Primado universal *de facto* são em parte por direito divino, e em parte por direito humano; mas a maior parte d'elles têm-nos só por direito humano, emquanto que os direitos dos bispos são quasi todos por direito divino». Entre os direitos por direito humano (accidentaes) colloca Febronio quasi toda a jurisdicção pontifical; e de facto, diz elle noutra parte (tomo II, pag. 313): — «Os canones e os concilios têm conferido aos Pontifices uma jurisdicção tal como elles a não possuiam por seu poder proprio e nativo.

3 E de facto, como adeante demonstraremos, tão legitima foi a disciplina primitiva da egreja, como as suas phases posteriores.

d'este principio falso, cerceou consideravelmente as funcções do Primado, não incluindo neste poder supremo um grande numero de direitos aliás necessarios para a realisação da sua missão essencialmente *unificadora* (parte I, cap. 1.º): é pois ainda falso por deficiente.

Podemos portanto dizer desde já que a doutrina de Febronio é duplamente falsa: 1.º) porque viciando o principio da unidade da egreja, — modelando-o exclusivamente pela disciplina primitiva, — funda-se por isso num principio erroneo; 2.º) porque por isso mesmo assigna ao Primado um poder muito restricto, e por tanto insufficiente ao fim da sua instituição: é pois falsa em *principio*, e na *applicação* que faz d'elle.

Mas o vicio *radical* da doutrina de Febronio é evidentemente o primeiro — falsidade do principio em que immediatamente se funda —; segundo — cerceamento dos direitos do Primado, é apenas uma *consequencia* d'aquelle.

Por isso vamos criticar mais de espaço aquelle principio fundamental da doutrina de Febronio, e que em ultima analyse se reduz á distribuição engenhosa, por elle estabelecida, entre direitos *essenciaes* e *accidentaes* do Primado; e apreciaremos esta distincção, já em si mesma, já quanto aos argumentos [1], com que Febronio pretende fundamental-a.

Vamos pois demonstrar a seguinte proposição.

(Continúa) ANTONIO PEREIRA PIMENTEL DE BRITO CÔRTE-REAL.

---

[1] Todos esses argumentos de Febronio, como teremos occasião de ver no decurso da discussão em que vamos entrar, se podem reduzir a tres typos principaes: 1.º) porque taes direitos não apparecem no Primado dos primeiros seculos, tendo-lhe sido incorporados só posteriormente; — facto este que deve convencer-nos de que taes direitos não são do Pontifice, mas da egreja, e que d'esta é que successivamente foram passando para o Pontifice por varias causas; 2.º) porque, percorrendo essas causas, mais nos deveremos convencer de que a *propriedade* de taes direitos pertence á egreja e não ao Pontifice; 3.º) e porque da adjudicação de taes direitos ao Primado adviriam graves perigos e inconvenientes á egreja.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

CONTRIBUTIONES AD FLORAM MYCOLOGICAM LUSITANICAM

(Continuado do n.º 7, pagina 329)

359. **Phyllosticta Siliquastri.** Sacc. et Spegaz. in Michelia 1. p. 148.
Ad *Cercidis Siliquastri* Lin. folia viva. Choupal pr. Coimbra. 6.78. N.º 6. Leg. Moller.

163*b*. **Phyllosticta ruscicula.** Dur. et Mntg. Fl. Alger. 1. p. 611. — Mntg. Sylloge plant. cryptog. p. 297.
In *Rusci androgyni* Lin. cladodiis vivis. Coimbra in horto botanico. 5.78. N.º 11. Leg. Moller.
Obs. Ex errore in Contrib. ad floram mycol. Lusitanicam no. 163 Desmazières auctor commemoratur.

360. **Phyllosticta cornicola.** Rabh. in Klotesch Herb. mycol. Ser. 1. no. 454.
Ad folia viva *Corni paniculatae* L'Herit. Coimbra in horto botanico. 5.78. N.º 7. Leg. Moller.

361. **Phyllosticta Tecomae.** Sacc. in Michelia 1. p. 148.
Ad *Tecomae radicantis* Juss. folia viva. Coimbra in horto botanico. 8.78. N.º 114. Leg. Moller.

362. **Phyllosticta Martyniae.** Thuem. nov. spec.
Ph. peritheciis epiphyllis, dense gregariis, parvulis, conoideo-emersis, olivaceis, primo longe diu tectis dein prominulis in macula plus minusve orbicularia, exarida,

concentrice zonata, e griseo subrosea, fusco anguste marginata; sporis ellipticis, continuis, utrinque rotundato-obtusatis, anucleatis, achrois, 5–6 mm. long. 3, mm. crass.

Ad *Martyniae lateae* Lindl. folia viva. Coimbra in horto botanico. 10.78. N.º 160. Leg. Moller.

363. **Phyllosticta destruens.** Desm. in Ann. sc. natur. 1847. VIII. p. 31.

var. Celtidis. Sacc. in Michelia I. p. 134.

In *Celtidis australis* Lin. foliis vivis. Coimbra 8.78. N.º 120. Leg. Moller.

364. **Phyllosticta syriaca.** Sacc. in Michelia I. p. 136.

Ad folia viva *Hibisci syriaci* Lin. Coimbra in horto botanico. 8.78. N.º 116. Leg. Moller.

365. **Phyllosticta Sorbi.** Westd. Les Cryptog. d. l. stad. naturelle p. 136.

Ad folia languida emortuave *Sorbi Aucupariae* Lin. Coimbra in horto botanico. 8.78. N.º 135. Leg. Moller.

366. **Phyllosticta Ceratoniae.** Berk. in Welw. Enum. of fungi coll. in Portugal p. 9.

In *Ceratoniae Siliquae* Lin. foliis vivis. Coimbra in horto botanico. 9.78. N.º 142. Leg. Moller.

367. **Phyllosticta cistina.** Thuem. nov. spec.

Ph. peritheciis minutis, vix visibilibus, epiphyllis, exacte globosis, semiimmersis, atris in macula valde parvula, orbiculata, primo purpureo-nigra, demum exarescente cinerea, propureo cincta; sporis minutissimis, ovoideo-globosis, simplicibus, anucleatis, achrois, 4 mm. long., 15 mm. crass.

In *Cisti salvifolii* Lin. et in *Cisti crispi* Lin. foliis vivis languidisve. Coimbra. 4.79. N.º 458. Leg. Moller.

Obs. Hanc speciem etiam e Graecia accepi. ubi cl. Heldreich legit in *Cisto salvifolio* Lin.

368. **Phyllosticta ilicina**. Sacc. in Michelia I. p. 136.

Ad *Quercus Ilicis* Lin. folia viva. Coimbra. 12.78. N.º 273. Leg. Moller.

369. **Phyllosticta Laureolae**. Desm. in Ann. sc. natur. 1847. VIII. p. 33.

In *Daphnes Laureolae* Lin. foliis vivis. Coimbra in horto botanico. 12.78. N.º 272. Leg. Moller.

Obs. Sporae simplices, ellipsoideae, non nucleatae, achroae, 6 mm. long., 44–3 mm. crass.

370. **Phyllosticta alnigena**. Thuem. nov. spec.

Ph. peritheciis hypophyllis, gregariis, in circulo saepe dispositis, emersis, minutissimis, obscure griseis in macula arescendo ochraceo-fulva, orbicularia, concentrice zonata, magna; sporis bacillaribus, rectis vel subarcuatis, utrinque rotundatis, continuis, hyalinis, 10 mm. long., 3 mm. crass.

Ad folia viva *Alni cordifoliae* Ten. Choupal pr. Coimbra. 12.78. N.º 237. Leg. Moller.

371. **Phyllosticta Persicae**. Sacc. in Michelia I. p. 147.

In *Persicae vulgaris* Mill. foliis vivis. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 17.78. N.º 205. Leg. Moller.

372. **Phylosticta Neeri**. Westd. in Kickx Fl. Fland. I. p. 148.

Ad *Nerii Oleandri* Lin. folia viva. Coimbra in horto botanico. 3.79. E.º 430. Leg. Moller.

373. **Phyllosticta Brassicae**. Westd. in Bull. Acad. d. sc. Bruxelles

1851. p. 397.—? *Depazea brassicaecola* Fr. in Wallr. Fl. german. cryptog. II. p. 768.

Ad folia languida *Brassicae oleraceae* Lin. St. Clara pr. Coimbra. 3.79. N.° 343. Leg. Moller.

374. **Phyllosticta Eucalypti.** Thuem. nov. spec.

Ph. peritheciis epiphyllis, gregariis, minutis, punctiformibus, paululo emersis, nitido-atris, ostiolo centrali in macula maxima, irregulari, primo opaco sordido-fusca, demum exarescente-albicantia, anguste purpureo-cincta, subtus sordide brunnea; sporis numerosis, continuis, brevi-ellipsoideis, utrinque rotundatulis, achrois, 4 mm. long., 1.5 mm. crass., rectis, anucleatis.

In foliis vivis languidisve *Eucalypti globuli* Labill. In sylvis Matta do Valle de Canas p. Coimbra. 12.78 et 3.79. N.° 221, 436. Leg. Moller.

375. **Phyllosticta Zizyphi.** Thuem. nov. spec.

Ph. peritheciis epiphyllis, numerosis, punctiformibus, gregrariis, minutissimis, atris in macula sinuosa, arescendo griseo-ochracea, late fusco marginata; sporis ellipsoideis, utrinque rotundato-obtusatis, rectis vel paullulo arcuatis, grosse biguttulatis, achrois, 6 mm. long., 2.5-3 mm. crass.

Ad folia viva *Zizyphi vulgaris* Lam. Coimbra in horto botanico. 11.78. N.° 178. Leg. Moller.

376. **Phyllosticta Pterocaryae.** Thuem. nov. spec.

Ph. peritheciis epiphyllis, numerosis, minutis, gregarie densis, punctiformibus, atris in macula irregulari, saepe marginali, arescendo griseo-ochracea, sordide fusco cincta, subtus fuscidula; sporis ellipsoideis, utrinque subacutato-rotundatis, anucleatis, hyalinis, 4.5-6 mm. long., 3.5–4 mm. crass.

In *Pterocaryae caucasicae* C. A. Mey. foliis vivis. Coimbra in horto botanico. 10.78. N.º 180. Leg. Moller.

377. **Phyllosticta Henriquesii.** Thuem. nov. spec.

Ph. peritheciis epiphyllis, submagnis, lenticulari subhemisphaericis, emersis, sparsis, aterrimis in macula orbicularia, arescendo-albida, purpureo cincta; sporis ellipsoideis, continuis, utrinque acutato-rotundatis, univel biguttulatis achrois, 5–6 mm. long., 2.5-3 mm. crass.

In *Tecomae radicantis* Juss. foliis languidis. Coimbra in horto botanico. 10.78. N.º 114. Leg. Moller.

Obs. A *Phyllosticta Tecomae* Sacc. in Michelia I. p. 148. macularum colore et sporarum magnitudine satis diversa.

378. **Phyllosticta Molleriana.** Thuem. nov. spec.

Ph. periteciis epiphyllis, punctiformibus, minutis, dense gregariis, fuligineis, subemersis in macula exarida, sinuosa, ochraceo-grisea, magna, rubro-ferrugineo marginata; sporis ellipticis, utrinque subrotundatis, non nucleatis, rectis, achrois, 5–6 mm. long., 3 mm. crass.

Ad folia viva *Pyxidii melancholici* Monch (*Amaranthi melancholici* Lin.). Coimbra in horto botanico. 11.78. N.º 190. Leg. Moller.

379. **Phyllosticta rhamnigena.** Sacc. in Michelia I. p. 156.

In foliis vivis *Rhamni Alaterni* Lin. Coimbra 8.78 et 11.78. N.º 57, 191. Leg. Moller.

380. **Phyllosticta Syringae.** Westd. in Bull. Acad. d. sc. Bruxelles. 1851. p. 400.

In *Syringae vulgaris* Lin. foliis vivis. Coimbra in horto botanico. 11.78. N.º 193. Leg. Moller.

381. **Phyllosticta Mahaleb.** Thuem. nov. spec.

Ph. dense gregariis, epiphyllis, globosulo-punctiformibus, semiimersis, nigris, parvulis in macula orbicularia vel orbiculari-sinuosa, arescendo cinerascentia, anguste obscuriore cincta; sporis ovato-ellipsoideis, utrinque rotundatis, anucleatis, achrois vel pallidissime griseolis, 4–5 mm. loong., 2–2.5 mm. crass.

In *Pruni Mahaleb* Lin. foliis vivis. Coimbra in horto botanico. 11.78. N.º 184. Leg. Moller.

382. **Phyllosticta Tropaeoli.** Sacc. et Spegaz. in Michelia I. p. 152.

Ad folia viva *Tropaeoli majoris* Lin. Coimbra in horto botanico. 6.78. N.º 74. Leg. Moller.

383. **Phyllosticta pyrina.** Sacc. in Michelia I. p. 134.

In foliis vivis *Pyri communis* Lin. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 6.78. N.º 60. Leg. Moller.

384. **Phyllosticta Lonicerae.** Westd. in Bull. Acad. d. sc. Bruxelles 1851. p. 399.

Ad *Lonicerae Periclymeni* Lin. folia viva. Ceira pr. Coimbra. 6.78. N.º 48. Leg. Moller.

385. **Septoria compta.** Sacc. in Michelia I. p. 93.

In *Trifolii incarnati* Lin. foliis vivis. Quinta das Maias pr. Coimbra. 5.79. N.º 472. Leg. Moller.

386. **Septoria Convolvuli.** Desm. in Ann. sc. natur. 1842. XVII. p. 108.

Ad folia viva *Convolvuli arvensis* Lin. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 5.79. N.º 507. Leg. Manuel Ferreira.

387. **Septoria murina.** Thuem. nov. spec.

S. peritheciis dense gregariis, ephyllis, murinis, minutissimis, globosulis in macula parva, orbiculata vel oblonga,

tuberculata, grisea, vix obscuriore cincta; sporis numerosis, bacillaribus, tri-quinqueseptatis, ad septa constrictulis, vel quinqueguttulatis, rectis vel minime arcuatis, hyalinis, 8–14 mm. long., 3 mm. crass.

In *Iridis foetidissimae* Lin. foliis vivis. Baleia pr. Coimbra. 4.79. N.° 484. Leg. Moller.

388. **Septoria ochromaculans.** Thuem. nov. spec.

S. peritheciis sparsis, hypophyllis vel amphigenis, saepe solitariis, globosis, submagnis, atris in macula valde irregularia, ochraceo-arescentia, anguste sed distincte fusco-purpureo cincta; sporis oblongo-cylindraceis, rectis vel minime arcuatis, hyalinis, medio uniseptatis constrictisve, quadriguttulatis, guttulis magnis, 12 mm. long., 4 mm. crass.

Ad folia viva *Brachychytontis populnei* R. Br. Coimbra in horto botanico. 8–11.78. N.° 115. Leg. Moller.

389. **Septoria obscurata.** Thuem. nov. spec.

S. peritheciis epiphyllis, paucis, gregariis, submagnis, emerso-conicis, atris in macula obscura, cinerea, orbiculata, opaca, subexarida, nigro purpurascente obliterato cincta, subtus subfusca; sporis rectis, cylindraceis, utrinque obtuso-rotundatis, obsolete biseptatis, ad septa non constrictis, achrois sed impellucide grumulosis, 12 mm. long., 4 mm. crass.

Ad *Lonicerae Periclymeni* Lin. folia viva. Quinta do Espinheiro pr. Coimbra. 3.79. N.° 371. Leg. Moller.

390. **Septoria Corynocarpi.** Thuem. nov. spec.

S. peritheciis epiphyllis, magnis, lenticularibus, emersis, gregariis, fusco-nigrescentibus in macula elliptico-orbiculata, arescendo-albida, fuscescente cincta, subtus albofusca; sporis rectis vel interdum minime curvatis, cy-

lindricis, obsolete bi-triseptatis vel plerumque triguttulatis, utrinque rotundato-obtusis, hyalinis, 15 mm. long., 5 mm. crass.

In *Corynocarpi laevigatae* Forst. foliis vivis languidisve. Coimbra in horto botanico. 1.79. N.° 375. Leg. Moller.

391. **Septoria Chenopodii.** Westd. in Bull. Acad. d. sc. Bruxelles. 1851. p. 396.

Ad folia viva *Chenopodii muralis* Lin. Coimbra. 1.79. N.° 373. Leg. Moller.

392. **Septoria Dianthi.** Desm. in Kickx, Fl. Fland. I. p. 442.

In foliis vivis *Dianthi barbati* Lin. Coimbra in hortis. 2.79. N.° 349. Leg. Moller.

393. **Septoria Henriquesii.** Thuem. nov. spec.

S. peritheciis amphigenis, numerosis, gregariis, punctiformi-emersis, opaco-nigrescentibus, parvulis, sine macula sed labes parvas cinerascentes formans; sporis bacillaribus, subrectis vel minime curvulatis, utrinque obtuso-rotundatis, uniseptatis, hyalinis vel pallidissime griseolis, 8–11 mm. long., 2 mm. crass.

Ad *Matthiolae incanae* R. Br. folia viva languidave. Coimbra in horto botanico. 1.79. N.° 320. Leg. Moller.

394. **Septoria scabiosaecola.** Desm. in Ann. sc. natur. 1833. XX. p. 96.

Ad folia viva *Scabiosae atropurpureae* Lin. Coimbra. 1.79. N.° 323. Leg. Moller.

395. **Septoria Populi.** Desm. in Ann. sc. natur. 1843. XIX. p. 345.

Ad *Populi nigrae* Lin. folia viva. Ceira pr. Coimbra. 678. N.° 43. Leg. Moller.

396. **Septoria Oxyacanthae.** Knz. et Schm. Mykol. Hefte II. p. 108.
In *Crataegi Oxyacanthae* Lin. foliis vivis. Perto das Settes-fontes pr. Coimbra. 7.78. N.º 86. Leg. Moller.

397. **Septoria Ulmi.** Fr. Novit. Fl. Suecicae v. p. 78.
Ad folia viva *Ulmi campestris* Lin. Coimbra. 8.78. N.º 131. Leg. Moller.

398. **Septoria castaneaecola.** Desm. in Ann. sc. natur. 1847. VIII. p. 26.
Ad folia viva *Castaneae vescae* Lam. Matta de Valle de Cannas pr. Coimbra. 8.78. N.º 109. Leg. Moller.

399. **Septoria Rosae.** Desm. Cryptog. de France no. 535.
In foliis vivis *Rosae scandentis* Brot. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 5.78. N.º 20. N.º 468. Leg. Moller.
Obs. A *Septoria Rosarum* Westd. ut videtur certe diversa.

400. **Septoria Donacis.** Pass. in Thuemen, Mycotheca universalis no. 1184. — Id. in Flora 1878. p. 138.
Ad folia viva *Donacis arundinaceae* Beauv. Choupal pr. Coimbra. 12.78. N.º 242. Leg. Moller.

401. **Septoria Capraeae.** Westd. in Klotrzch, Herb. mycol. Ser. II. no. 566.
In *Salicis atrocinereae* Brot. foliis vivis. Choupal pr. Coimbra. 12.78. N.º 239. Leg. Moller.
Obs. Sporae fusiformes, curvae, quadriseptatae, quadrinucleatae, hyalinae, 40 mm. long., 5–6 mm. crass. — A *Septoria salicicola* (Fr.) Sacc. in Michelia I. p. 171. longe diversa!

402. **Septoria Martineziae.** Thuem. nov. spec.
S. peritheciis sparsis, solitariis, oblongis, subemersis, he-

misphaericis, mediis, atris, epiphyllis in macula irregulari, arescendo-ochracea, spadiceo cincta, primo fuligineo-brunnea; *sporis* bacillaribus, rectis, utrinque obsolete uniseptatis vel fere continuis sed semper subguttulatis, achrois, 32 mm. long., 4 mm. crass.

Ad folia languida *Martineziae caryotaefoliae* Humb. et Bonpl. Coimbra in caldariis horti botanici. 12.78. N.º 259. Leg. Moller.

403. **Septoria Calycanthi.** Sacc. et Spegaz. in Michelia I. p. 176.

Ad *Calycanthi laevigati* Willd. folia viva. Coimbra in horto botanico. 11.78. N.º 227. Leg. Moller.

175*b*. **Septoria elaeospora.** Sacc. in Michelia I. p. 178.

In foliis vivis *Fraxini pubescentis* Walt. Choupal pr. Coimbra. 12.78. N.º 240. Leg. Moller.

404. **Septoria Dulcamarae.** Desm. in Ann. sc. natur. 1841. XV. p. 135. — Sacc. in Michelia I. p. 181.

Ad *Solani Dulcamarae* Lin. folia viva. Ceira pr. Coimbra. 6.78. N.º 45. Leg. Moller.

405. **Septoria Gei.** Rob. et Desm. in Ann. sc. natur. 1843. XIX. p. 343.

In foliis vivis *Gei biflori* Brot. St. Clara pr. Coimbra. 3.79. N.º 433. Leg. Moller.

406. **Septoria Unedinis.** Desm. in Ann. sc. natur. 1847. VIII. p. 20.

Ad folia viva *Arbuti Unedinis* Lin. Baleia pr. Coimbra. 3.79. N.º 154, 349, 444. — In *Arbuti canariensis* Lin. folliis vivis. Coimbra in horto botanico. 1.79. N.º 333. Leg. Moller.

407. **Septoria quercicola.** Sacc. in Michelia I. p. 174. — *Septoria*

incondita Rob. *var. quercicola* Desm. in Ann. sc. natur. 1853. xx. p. 95. — Ouds. Prodr. Florae Batav. II. 4. p. 106. no. 3294.

Ad folia viva *Quercus humilis* Lam. (*Quercus fruticosae* Brot.). pr. Coimbra. 8.78. N.º 117. Leg. Moller.

408. **Septoria cornicola.** Desm. cryptog. France no. 342. — Ouds. Prodr. Florae Batav. II. 4. p. 104. — *Depazea cornicola* De C. Fl. franc. VI. p. 146.

In *Corni sanguineae* Lin. foliis vivis. Fonte da Telha pr. Coimbra. 7.78. N.º 81. Leg. Moller.

Obs. Sporae 20–23 mm. long., non ut Saccardo in Michelia I. p. 178: 35–40 mm. long.

409. **Asteroma parmelioides.** Desm. in Ann. sc. natur. 1847. VIII. p. 36.

var. Suberis Mntg. in sched. herbarii mei.

Ad folia viva languidave *Quercus Suberis* Lin. pr. Fonte da Mãosinha circa. Coimbra. 5.79. N.º 475. Leg. Moller.

410. **Asteroma venulosum.** Fuck. Symb. mycol. p. 384—*Sphaeria venulosum* Wallr. Fl. german. cryptog. II. p. 814.

In *Asphodeli ramosi* Lin. foliis scapisque languidis. Pinhal de Marrocos pr. Coimbra. 4.79. N.º 478. Leg. Moller.

411. **Asteroma Populi.** Desm. in Ann. sc. natur. 1847. VIII. p. 35.

In *Populi albae* Lin. foliis languidis emortuisve. Coimbra. in horto botanico. 8.78. N.º 139. Leg. J. A. Henriques.

412. **Asteroma Ulmi.** Grev. Fl. Edinburg. p. 368.

Ad folia languida *Ulmi scabrae* Mill. (*Ulmi latifoliae* Mönch.). Choupal pr. Coimbra. 12.78. N.º 241. Leg. Moller.

413. **Asteroma delicatulum.** Desm. in Ann. sc. natur. 1851. XVI. p. 303.

Ad siliquas aridas *Lunariae biennis* Mönch. Coimbra. in horto botanico. 6.78. N.° 50. Leg. Moller. — Specimina adhuc immutara!

414. **Graphiola Phoenicis.** Poit. in Ann. sc. natur. 1824. III. p. 473. Tab. 26. Fig. 2.

Ad folia vivia *Phoenicis dactyliferae* Lin. Coimbra in horto botanico. 10.78. N.° 167. Leg. Moller.

415. **Actinonema Rosae.** Fr. Sum. vegetal. Scand. p. 424. — *Asteroma Rosae* Lib. in Act. Soc. Sinn. de Paris. 1826. sec. Rabh.

Ad *Rosae* speciei cultae folia viva. Coimbra in horto botanico. 5.78. N.° 27. Leg. Moller.

VERMICULARIEI

416. **Vermicularia religiosa.** Thuem. nov. spec.

V. peritheciis hypophyllis, gregariis, minimis, subglobosis, brevipilosis, aterrimis in macula irregularia, arescendo-griseola, ferrugineo cincta; sporis numerosis, bacillaribus, utrinque obtusatis, subrectis, bi-triseptatis, hyalinis, 5 mm. long., 1.5 mm. crass.

In foliis vivis *Ficus religiosae* Lin. Coimbra in horto botanico. 1.79. N.° 315. Leg. Moller.

MYXOMYCETES

417. **Lycogala epidendron.** Fr. Syst. mycol. III. p. 80. — Rostaf. Monogr. Sluzowce p. 285.

In ligno putrido. Cerca de St. Bento pr. Coimbra. 5.78. N.° 34. Leg. J. A. Henriques.

*

MYCELIA STERILIA

418. **Sclerotium varium.** Pers. Syn. fung. p. 122. — Fr. Syst. mycol. II. p. 257.

Ad caules emortuos subputridos *Ricini communis* Lin. Coimbra in horto botanico. 4.79. N.º 451. Leg. Moller.

419. **Sclerotium durum.** Pers. fung. p. 121. — Fr. Syst. mycol. II. p. 259.

In *Lupini lutei* Lin. caulibus emortuis. Penedo da Melancholia pr. Coimbra. 4.79. N.º 448. Leg. Moller.

F. DE THUEMEN.

PATHOGENIA DA ICTERICIA GRAVE

(Continuado do n.º 7, pagina 319)

Examinemos agora um ponto, não menos interessante, da historia da *ictericia grave*.

Refiro-me á pathogenia dos symptomas graves do segundo periodo da molestia.

Tem-se attribuido esses symptomas graves á uremia; e esta opinião acaba ainda de ser definida ha tres annos por Whitla [1] na Inglaterra; cumtudo nem os symptomas permittem a confusão com a uremia; nem a accumulação de uréa no organismo é nesta molestia confirmada perante os mais modernos trabalhos sobre funcções do figado, nem ella nos dá a explicação dos outros phenomenos — hemorrhagias multiplas e destruição dos globulos rubros.

Segundo as analyses de Frerichs, a urina dos doentes affectados de ictericia grave contém uma pequena quantidade de uréa e grande quantidade de leucina e tyrosina. Brouardel e Charcot tendem a considerar o figado como o orgão principal da formação de uréa, a qual resulta da transformação da leucina e tyrosina, substancias analogas por sua constituição elementar á uréa.

Independentemente de confirmação futura da theoria de Brouardel, acceita por Charcot, é certo que as analyses concordam com muitas outras de Bouchardat, Parkes, Murchisson, Meissner, etc., e que portanto (quer o figado seja, quer não seja o orgão, principal formador de uréa) ella existe em pequena quantidade nesta

---

[1] Whitla — *Uræmia in affections of the lever* (*The Dublin Journ. of med. sc.* 1876.

molestia, e por isso não póde admittir-se uma uremia: o que ha, é uma leucinemia e tyrosinemia (permitta-se-me o neologismo).

As injecções intravenosas de leucina e tyrosina, practicadas já por Frerichs e repetidas por outros, demonstram a sua innocuidade.

Frerichs tenta com toda a reserva a explicação dos symptomas graves: e attribue-os á *suppressão da actividade hepatica pela destruição das cellulas e pelas perturbações na secreção renal*[1], *em virtude do que devem permanecer no sangue os materiaes que deviam ser empregados na formação da bilis, ao que se juncta ainda a suppressão da acção que um tão poderoso orgão exerce sobre a transformação da materia e além d'isso a passagem dos productos da destruição da glandula para a massa sanguinea.*

As hemorrhagias gastro-intestinaes explica-as Frerichs pelo augmento de pressão no systema porta: e as hemorrhagias nas outras partes do corpo por uma modificação na adhesão entre o sangue e as paredes vasculares em virtude da suppressão da funcção glycogenica e da profunda alteração do sangue; não explica as pseudo-hemorrhagias.

É de justiça dizer-se que Frerichs indicou com aquellas considerações o caminho a seguir no estudo da pathogenia dos symptomas graves; comtudo as indicações de Frerichs são bastante geraes, sendo preciso que a sciencia vá determinando os differentes factos especiaes que são comprehendidos naquella explicação, mas que não são precisamente mencionados.

Na mesma obra falla o auctor mais adeante da *acholia,* designando bem claramente que esta, do mesmo modo que resulta da atrophia amarella aguda, póde tambem ser produzida por uma stase biliar, pela cirrhose, pela degenerescencia gordurosa do figado, pelo phosphoro e até pelo carcinoma hepatico, parecendo pois designar por *acholia* a suppressão da secreção biliar que anteriormente expoz como causa dos symptomas nervosos.

---

1 Frerichs — *Loc. cit.*, pag. 260.

Jaccoud acceita e defende esta pathogenia.

«Os symptomas nervosos (diz Jaccoud) são produzidos pela «acção toxica do sangue, que *não sendo depurado pelo figado, está «carregado de productos mal elaborados e de materiaes excrementi- «cios;*» e explica a dissolução dos globulos rubros do modo seguinte — «os globulos rubros já gastos, que no estado physiologico são «destruidos pelo figado para a elaboração da materia córante da «bilis, são agora dissolvidos no proprio sangue: esta dissolução «é favorecida pela presença dos *elementos geradores dos acidos «biliares* que não são eliminados, e é demonstrado pelo augmento «da ictericia numa occasião em que o figado não fabrica bilis e «em que por conseguinte não póde haver reabsorpção biliar; o «pigmento biliar que impregna então os tecidos e os liquidos em «quantidade crescente, é o producto da *transformação heteroto- «pica de hemoglobulina* [1].»

O facto, que Jaccoud mais estima para servir de demonstração á existencia da *acholia,* é o que elle refere na sua Clinica do hospital Lariboisière (Lição 21 e 22); este facto é porém extraordinariamente complicado. Tracta-se d'um doente primitivamente atacado d'uma endocardite mitral ulcerosa, coincidindo com uma choleolythiase que obstruiu o canal hepatico e deu logar a uma ictericia por retenção biliar; em seguida á defervescencia da febre divida á endocardite, manifesta-se um movimento febril intermittente originado numa angiocholite suppurada de origem calculosa; a ictericia vai diminuindo, desapparece completamente e manifestam-se os symptomas graves, proprios da hepatite parenchymatosa diffusa, que a autopsia confirma.

Com o desapparecimento da ictericia, nem por isso a bilis começou a correr para o intestino; as fézes continuaram descoradas; não havia pois formação da bilis, havia portanto *acholia.*

Eu devo lembrar que o desapparecimento da ictericia com a persistencia da côr argilosa das fézes não demonstra uma *acholia:*

[1] Jaccoud — *Pathol. int.*, 2.º vol., 1875, pag. 428.

prova apenas a falta de formação do pigmento biliar; nos casos de steatose hepatica, referidos por Ritter e que eu já citei, tambem as fézes são argilosas e não obstante não ha *acholia;* ha secreção de *bilis incolor*.

O termo *acholia* deve designar suppressão completa da bilis *in toto,* em todos os seus elementos.

E uma acholia d'esta ordem devia existir naquelle doente porque a autopsia revelou que as cellulas hepaticas estavam destruidas e que os canaes biliares tambem o estavam pela suppuração.

Jaccoud conclue pela existencia da *acholia* neste caso, porque a ictericia desappareceu; e extende-o aos casos communs de hepatite parenchymatosa primitiva, onde a ictericia, longe de diminuir se accentua cada vez mais.

Tão rigorosa me parece a explicação naquelle caso de Jaccoud, como incompleta nos casos communs.

Para a justificar, serve-se Jaccoud do seguinte raciocinio:— *as cellulas hepaticas, que são as encarregadas de segregar a bilis, estão destruidas; logo o figado não fabríca bilis, logo ha acholia.*

Se os ductos biliares é que segregam os saes biliares, e as cellulas hepaticas formam o pigmento e eliminam a cholesterina, isto é, se a funcção choligena não está monopolisada nas cellulas hepaticas, o raciocinio de Jaccoud cahe por terra. Para mim, ao menos, assim o demonstram os factos que apresentei a proposito da secreção da bilis, e assim o confirma o apparecer, ainda nesta molestia, bilis na vesicula e nos canaes biliares, mas descorada.

É preciso portanto limitar mais a questão, e analysar mais exactamente que perturbações resultam da suppressão de actividade das cellulas hepaticas.

A explicação de Jaccoud pela *acholia* é tão vaga como a de Frerichs: é preciso determinar quaes são *esses materiaes excrementicios* que permanecem no sangue.

Com relação á segunda parte, isto é, á explicação que Jaccoud apresenta para a dissolução dos globulos rubros e augmento da ictericia, tambem me não parece demonstrada.

As experiencias têm provado que os saes biliares, injectados em animaes, dissolvem os globulos rubros e fazem apparecer na urina pigmento biliar [1]; mas se as cellulas hepaticas é que formam os saes biliares segundo Jaccoud, e se ellas estão destruidas, não ha saes biliares que vão produzir aquella dissolução de globulos; por isso Jaccoud recorre *aos elementos formadores dos acidos biliares*. Mas quaes são esses elementos formadores? Quem demonstrou que elles dissolvem os globulos rubros? Não se sabe nada a tal respeito. Por isso a explicação de Jaccoud é infundada e ficamos sem saber como augmenta a ictericia e como se dissolvem os globulos rubros, dando logar a pseudo-hemorrhagias.

—Em resumo, a explicação de Jaccoud para os symptomas graves pela *acholia* é vaga, precisa de ser limitada; para as pseudo-hemorrhagias e augmento de ictericia é hypothetica e inacceitavel.

Flint [2], de New-York, precisando mais a questão, explica os symptomas nervosos pelo augmento da cholesterina no sangue, e que não é eliminada pela alteração das cellulas hepaticas; a integridade d'estas é necessaria para aquella eliminação, e é por isso que uma cholesteremia se póde estabelecer quer quando uma cirrhose comprime as cellulas hepaticas, quer quando uma stase biliar prolongada se oppõe formalmente á eliminação da cholesterina desde que os canaes biliares estão repletos de bilis, quer numa steatose geral e completa do figado, etc.; a hepatite parenchymatosa diffusa é um dos meios capazes de produzir aquelle resultado.

As analyses de Flint demonstravam o augmento de cholesterina no sangue, e a sua diminuição na bilis avaliada pela falta de estercorina nas fézes: mas não bastava isso, era necessario demonstrar que a cholesterina é capaz de produzir as convulsões

---

[1] Frerichs—*Loc. cit.*, pag. 187.—*Dicc. de med. et de chirurg.* de Jaccoud—*Art. ictére*, etc.

[2] Flint—*De la cholestérémie* (*Gazette des hopitaux*, 16 de maio de 1868).

e como apparecem na *ictericia grave* e nos diversos casos de cholesteremia.

No campo experimental a theoria de Flint foi combatida por Feltz e Ritter [1]; estes experimentadores tentaram remover a difficuldade que provém da insolubilidade da cholesterina pura: não sabendo qual a combinação instavel que dentro do organismo a conserva dissolvida, lançaram mão do ether, e tambem d'uma solução de sabão amygdalino á qual junctavam algum alcool; era nestes liquidos que dissolviam a cholesterina para ser injectada nos animaes. A escolha de taes excipientes era pessima por dois motivos: — por serem substancias activas, e por serem volateis. Como substancias activas, haviam de produzir effeitos que se junctariam aos da cholesterina; como liquidos volateis, depressa seriam eliminados pelo pulmão e pela transpiração cutanea e a cholesterina não se conservaria dissolvida: — era o que acontecia; produziam-se embolias multiplas e o animal morria rapidamente sem ter manifestado symptomas toxicos.

Koloman Müller, na Allemanha, conseguiu remover aquellas difficuldades; triturando a cholesterina em glycerina e diluindo a mistura com agua de sabão, obteve um liquido, que injectou nas veias de cães, e viu manifestarem-se symptomas nervosos, analogos aos da *ictericia grave* [2].

Fica portanto demonstrada a verdade da theoria de Flint.

Mas se ella nos dá a explicação dos symptomas nervosos, deixa-nos ainda muitos pontos a elucidar; taes são os seguintes: — qual a pathogenia da ictericia no primeiro periodo? como augmenta a ictericia no segundo? como explicar a dissolução dos globulos rubros? Antes de tentar responder a estes pontos, apontarei, sómente para memoria, a theoria da cholemia, a mais antiga de todas, grandemente filiada numa pathologia humoral, que caminhando num circulo vicioso dotava *à priori* o humôr bi-

---

1 *Journal d'anat. et de physiol.*, de Robin, (1875).

2 Picot — *Loc. cit.*, 2.º vol., pag. 518.

lioso d'umas certas propriedades, e quando nos doentes appareciam symptomas correspondentes a essas propriedades, concluia que eram devidos a um excesso de bilis ou alteração das suas propriedades. As injecções de bilis nos animaes têm dado resultados divergentes, de modo a não poder explicar-se por uma *cholemia* os symptomas graves da hepatite diffusa [1].

E para ligar dois extremos — o mais antigo e o mais modernamente palpitante, fallarei numa explicação que não deixará de apparecer em breve em virtude dos trabalhos de Lautenbach.

Os jornaes hespanhoes e francezes [2] annunciavam recentemente, transcrevendo-o do *Philadelphia medical times,* que o dr. Lautenbach em virtude de experiencias feitas com Schiff, chegara á conclusão — *que o organismo dos differentes animaes fórma constantemente um veneno ou peçonha, que o figado vai destruindo á medida que lhe é levado pela circulação.*

Essa peçonha não pôde ser ainda isolada; mas, se factos posteriores vierem demonstrar que os animaes a que Lautenbach laqueia a veia porta morrem realmente envenenados com a peçonha propria que não foi destruida no figado, é de esperar que muito brevemente se pretenda explicar os symptomas graves da hepatite parenchymatosa diffusa pela acção d'essa mesma peçonha que as cellulas hepaticas, alteradas, não destruiram e que vai até ao coração, sendo espalhada na circulação arterial (condição indispensavel para que qualquer envenenamento se manifeste).

(Continúa) J. A. de Sousa Refoios.

---

[1] Frerichs — *Loc. cit.*, pag. 187.

[2] *El siglo medico*, 2 de junho de 1878; *Gaz. medicale de Paris*, 13 de julho de 1878.

INTOLERANCIA SCIENTIFICA DA FACULDADE DE MEDICINA DE EDIMBURGO

Corria o anno de 1800, e habilitava-se para obter o gráu de doutor nesta faculdade um distincto medico portuguez, Henrique Xavier Baeta, que naquella academia fôra completar o curso dos estudos, que principiara na Universidade de Coimbra, onde recebeu o gráu de bacharel em philosophia.

Floresciam nessa epocha as doutrinas do dr. Erasmo Darwin propagadas na sua *Zoonomia,* que, na opinião dos entendidos, se reputava então a primeira obra sobre philosophia medica.

Parece que recorrêra Darwin, para formar o seu systema, aos principios do de Brown, publicado alguns annos antes; asseveram, porém, amigos do primeiro, e nomeadamente mr. Strut e o dr. Beddoes, que, antes de sairem á luz os *Elementos* de Brown, já Darwin havia escripto muitas das idêas fundamentaes da *Zoonomia.*

É certo que grangeara esta obra grande nomeada ao dr. Darwin, sendo tambem muito apreciado o seu famoso poema *O Jardim Botanico,* traduzido em vulgar e publicado em 1803 pelo dr. Vicente Pedro Nolasco da Cunha.

Fallecera no anno antecedente o dr. Darwin, mas o occaso da vida não embaciara o esplendor da aureola de gloria, que durante ella cingira.

«Não carece o auctor da *Zoonomia* (escreveu o traductor do *Jardim Botanico*) dos elogios de um particular desconhecido no mundo litterario, onde basta o seu nome para produzir o assombro; mas instigado do amor da justiça levanto a minha voz para render homenagem ao merecimento. Darwin é morto, a lisonja não póde corromper a sua gloria, nem a inveja dar-lhe attingen-

cia. A philosophia, a quem elle será sempre caro, orna o seu tumulo de flores, e conserva para a humanidade o seu nome e os seus escriptos, como um dos melhores presentes que jámais lhe fizera a sabedoria. Elles constituem um monumento, não fundado sobre areias movediças, segundo a phrase do auctor, mas um padrão, que, similhante ao colosso newtoniano, ficará como um rochedo indestructivel no meio da solidão das idades.»

Incendera-se, tambem, em fervido enthusiasmo pelas doutrinas de Darwin Henrique Xavier Baeta. Publicando em 1800 a sua *Dissertatio de febribus intermittentibus praecipue medendis,* dedicou-lhe este escripto em termos os mais reverentes e encarecidos.

Pretendeu Baeta imprimir esta obra nos prelos da universidade de Edimburgo, mas não lh'o consentiu a faculdade de medicina, para que se não julgasse que, permittindo-o, auctorisava as doutrinas que nella defendia.

Maravilha-nos, porém, que, depois da ostentação de tamanhos rigores, os remittisse na censura da dissertação inaugural, que lhe apresentou, para obter o gráu de doutor. Queixa-se na advertencia, que a precede, com insolito despejo d'esta intolerancia scientifica, sem reparo ou antes com approvação da faculdade de medicina.

Nem o acobardou o escarmento de um illustre contemporaneo e compatriota, o dr. Francisco Solano Constancio, a quem tres annos antes negara o gráu de doutor, pela sua obstinação em defender doutrinas, que se não professavam na eschola de Edimburgo.

Eis aqui os proprios termos, em que se expressa Baeta:

«Não me deu licença a faculdade de medicina da universidade de Edimburgo para imprimir a minha dissertação ácerca das febres intermittentes, na qual sustentava a theoria de Darwin.»

«E foi a razão da recusa o acreditarem os professores que podia minorar a fama *d'esta inclita* academia a sustentação de qualquer doutrina, que fosse de encontro á que nos ensinara o

dr. Cullen, sem embargo de nella se substituir, muitas vezes, o justo raciocinio por errados e encontrados juizos.»

«E persuadindo-me varios motivos a procurar obter nesta universidade *o gráu de doutor,* escrevi esta dissertação ácerca do typho, limitando-me unicamente a expor os factos e observações existentes. Quando, porém, devia tractar da causa proxima do morbo, sendo forçoso dizer alguma cousa sobre o assumpto, referi, pelos proprios termos, a doutrina do dr. Cullen. Mas nesse mesmo logar propuz depois a questão que, em verdade, se deve efferecer aos professores, sem me arredar d'este proposito o sabio dicto de Franklin: *Feliz do que por alheios perigos ensinado póde a elles esquivar-se precatado.*»

«*Cum Facultas Medica in Academia Edinensi mihi consensum non praeberet ad prelo subjiciendum dissertationem meam de febribus intermittentibus, in qua Doctoris Daruini theoriam sustentabam, quoniam professores in ea universitate credunt, quamlibet doctrinam praeter eam, quae a Doctore Culleno nobis tradita est (in qua remissa judicandi facultas, atque idearum contrarietas haud rarò pro justa ratiocinatione inveniuntur), de* ejus inclytae *Academiae fama detrahere posse; et cum variae rationes* ad Doctoris gradum *in ea universitate consequendum me suaderent; — hanc dissertationem de typho scripsi, in qua tantummodo facta et observationes quae de morbo extant exposui; attamen cum ad proximam morbi causam advenirem, et aliquid de hac mihi dicere necesse fuisset, Doctoris Culleni doctrinam ipsis verbis utens retuli.*»

«*Sed illico postea quaestionem proposui, quae sane professoribus oblata est; de quo faciendo me advertere non potuit, quod Franklin sapienter ait:*

«Felix, quem faciunt aliena pericula cautum.»

Allude á exclusão do dr. Constancio, exclusão de todo o ponto immerecida, se se attender ás habilitações do doutorando, que eram tão cabaes, como poderiam exigir-se.

A questão proposta aos professores, com que termina o que escreve sobre a causa proxima do typho, é a seguinte:

«Como póde explicar similhante theoria os symptomas do typho?»

«*Quomodo sunt typhi symptomata hac theoria explicanda?*»

Extranha aberração do bom senso, mal entendido zelo do nome e decoro da corporação, nos parecem, ao cabo de oitenta annos, as despoticas exigencias da faculdade de Medicina de Edimburgo.

Cremos que poderá sustentar os creditos da eschola, sem recorrer a este genero de tyrannia, declinando a responsabilidade das alheias doutrinas.

Deveriam cair por terra ante uma discussão liberrima estas facções scientificas; deveriam desapparecer absolutamente das academias ante a necessidade universal de imparcialidade, verdade e justiça.

F. A. Rodrigues de Gusmão.

AS AGUAS ALCALINO-GAZOSAS DO BEM-SAUDE

(Continuado do n.º 7, pagina 339)

6. Determinação da cal

A agua mineral do Bem-Saude foi accidulada com acido chlorhydrico, evaporada até á seccura a b. m. em capsula de platina, e a silica separada como fica indicado em o n.º 3. O liquido acido obtido foi tractado pelo ammoniaco, filtrado para separar o pequeno precipitado flocoso que se formou, tractado pelo oxalato de ammonio e posto em repouso por espaço de dezoito horas. O precipitado formado por este reagente foi lavado repetidas vezes por decantação, dissolvido no acido chlorhydrico e novamente precipitado pelo ammoniaco e oxalato de ammonio, lavado, secco e fortemente calcinado para o transformar em cal caustica.

a)	1000^{cc} de agua deram cal caustica.....	0,1992
b)	1000^{cc} de agua deram	0,2002
	Media.....	0,1997

correspondente a 0,35660 de carbonato neutro, e a 0,51350 de bicarbonato, contendo 0,31380 de acido carbonico.

7. Determinação da magnesia

O liquido filtrado do oxalato de calcio precedentemente obtido foi evaporado até á seccura, e o residuo aquecido até completa volatilisação dos saes ammoniacaes, tractado por agua e acido chlorhydrico, filtrado, e o liquido tractado por ammoniaco e phosphato de sodio.

Depois de vinte e quatro horas de repouso foi o precipitado separado por meio do filtro, lavado com agua ammoniacal, secco e calcinado para o transformar em pryrophosphato.

a) O liquido de 6–*a*) deu pyrophosphato de magnesio	0,1958
b) O liquido de 6–*b*) deu	0,1966
Media	0,1962

que representa 0,07070 de magnesia, e corresponde a 0,14847 de carbonato neutro e a 0,22624 de bicarbonato, contendo 0,15554 de acido carbonico.

8. **Determinação do ferro, da alumina e acido phosphorico, e do manganés**

16.955^{cc} de agua mineral foram evaporados até á seccura em capsula de prata, o residuo fervido repetidas vezes com alcool absoluto e depois com agua. A parte que ficou insoluvel nos dois dissolventes foi tractada pelo acido chlorhydrico, evaporada até á seccura e a silica separada pelo modo que já fica indicado. O liquido acido separado da silica, depois de aquecido com chlorato de potassio e neutralisado quasi completamente pelo carbonato de potassio puro, foi tractado pelo carbonato de bario em pequeno excesso, e o precipitado obtido por este reagente separado por meio do filtro.

a) Este precipitado foi dissolvido no acido chlorhydrico e o bario eliminado pelo acido sulfurico; o liquido filtrado e tractado por ammoniaco e sulfureto de ammonio, depois da addição do acido tartrico, ficou em repouso durante vinte e quatro horas em vaso completamente cheio e tapado. O precipitado de sulfureto de ferro, depois de separado por meio do filtro e lavado com agua contendo sulfureto de ammonio, foi dissolvido no acido chlorhydrico, aquecido com chlorato de potassio e tractado pelo ammoniaco. O oxydo ferrico assim obtido, depois de lavado, secco e calcinado, pesou 0,0822, que representa 0,00485 p/$_m$ e corresponde a 0,00703 de

carbonato neutro e a 0,00970 de bicarbonato, contendo 0,00534 de acido carbonico.

b) O liquido separado do sulfureto de ferro foi evaporado até á seccura depois da addição d'uma pequena porção de nitro, e o residuo calcinado e dissolvido no acido chlorhydrico; pela addição do ammoniaco formou-se um precipitado branco de phosphato de aluminio, que depois de calcinado pesou 0,0290, correspondente a 0,00171 p/m. O liquido separado d'este precipitado continha ainda vestigios de acido phosphorico, que se manifestaram por meio do sulfato de magnesio e tractamento ulterior pelo molybdato de ammonio, e que foram tirados ao phosphato de aluminio pelo excesso de ammoniaco empregado.

c) O liquido filtrado do precipitado produzido pelo carbonato de bario foi tractado pelo chloreto de ammonio, ammoniaco e sulfureto de ammonio, posto em repouso por espaço de vinte e quatro horas pouco mais ou menos em um vaso cheio e perfeitamente rolhado, filtrado e o precipitado de sulfureto de manganés dissolvido no acido chlorhydrico e novamente precipitado pelo ammonioco e sulfureto de ammonio.

No fim de doze horas foi este precipitado dissolvido no acido chlorhydrico e transformado em carbonato pela ebullição com carbonato de sodio, lavado, secco e fortemente calcinado. O oxydo salino de manganés assim obtido pesou 0,0220, correspondente a 0,00129 p/m., ou a 0,00195 de carbonato neutro e a 0,00269 de bicarbonato, contendo 0,00148 de acido carbonico.

O liquido alcoolico obtido como acima fica dicto foi empregado para a investigação do bromo e do iodo. Depois de evaporado até á seccura deixou um residuo que foi dissolvido em pequena quantidade de agua e dividido em duas porções, sendo uma d'ellas tractada por uma gotta de agua de chloro e agitada com o chloroformio, que não mudou de côr, e a outra egualmente tractada pela agua de chloro e addicionada de solução de amydo que não apresentou a côr que caracterisa o iodo.

O liquido aquoso obtido em seguida ao liquido alcoolico, foi

tractado pelo acido chlorhydrico, e evaporado até á seccura; pela calcinação, o residuo enegreceu consideravelmente, indicando uma quantidade relativamente grande de materias organicas. Dissolvido na agua, accidulado pelo acido azotico e tractado pelo molybdato de ammonio não manifestou indicios alguns de acido phosphorico.

9. Determinação simultanea das substancias precipitadas pelo ammoniaco ou do oxydo de ferro, alumina e acido phosphorico

12.300^{cc} de agua foram evaporados até á seccura e o residuo fervido repetidas vezes com agua e filtrado. A parte insoluvel foi tractada pelo acido chlorhydrico e evaporada para separar a silica pelo modo já indicado; o liquido acido resultante d'esta separação foi tractado pelo ammoniaco, o precipitado redissolvido no acido chlorhydrico e novamente precipitado pelo ammoniaco á temperatura da ebullição. Depois de lavado com agua quente, secco e calcinado pesou 0,082 ou ..... 0,00666 p/m.

Oxydo ferrico determinado em 8..... 0,00485

Alumina e acido phosphorico determinado em 8 0,00171

Somma = 0,00656 p/m.

(Continúa) JOAQUIM DOS SANTOS E SILVA.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

ODA XXV [1]

Das de Horacio

LIB. III. OD. II. *AD AMICUM*

Angustam, amice, pauperiem pati, etc.

1

Apprenda a supportar com fortaleza,
Bem criado na guerra,
O moço nobre a estreita e boa pobreza,
Que de virtude armado em mar e em terra,
De pé ou de cavallo,
Saiba ao Partho opprimir, saiba domal-o.

---

[1] Tendo apresentado no numero antecedente a traducção da Ode xxv do Lib. 2 da Lyrica de Horacio, feita por Manuel Mathias, tomamos hoje outra traducção da mesma ode por André Falcão de Rezende, para que se veja como as lettras latinas foram sempre cultivadas com esmero por nossos escriptores. Nada diremos do merecimento das duas traducções. Os que conhecem o poeta de Venusa as avaliarão como devem; para os tarelos que desdenham estes estudos, essencialissimos nas nossas aulas como fonte principal do bom gosto lidimamente litterario, todas as considerações seriam inuteis.

As poesias de André Falcão principiaram a ser impressas na typographia da Universidade por esforços dos srs. Vicente Ferrer e Joaquim Urbano, ficando a impressão interrompida pelo fallecimento d'este ultimo, mas consta-nos que se tracta de ultimar este trabalho. Oxalá que se faça, que será optimo serviço prestado ás lettras patrias.

2

Fragueiro, ao campo e ao vento costumado,
E em trabalhos soffrido,
Dos inimigos muros seja olhado,
E da casada e da donzella havido
Por outro Marte horrendo,
Que com temor por elle estêm dizendo:

3

Ah! meu esposo e rei, mas pouco experto
Na guerra, ah! não se fie
Em seu juvenil animo inda incerto,
Que a batalha provoque e desafie
Aquelle leão forte,
Que com cruenta mão dá a tantos morte.

4

Pela patria morrer é cousa honrosa:
E a morte em fim persegue
Aos que mais fogem; e a estes mais irosa,
E ao covarde, não deixa que socegue;
E na horrida revolta
Não perdoa a quem rosto e costas volta.

5

Virtude, que não soffre abatimento,
Ao bem só claro aspira;
Nem vãos officios quer e honras de vento,
Que o baixo povo e vil os dá e os tira:
Virtude os céos abertos
Tem aos que vão por bons caminhos certos;

6

E aos que vivendo, immortaes ser merecem,
E heroicos e altos feitos
Commettem sem temor; e que aborrecem
Baixezas, e da terra os vís proveitos;
Que procedem sem medo,
E em honra e em cousas d'ella têm segredo.

7

E quem guardal-o, onde convém, não sabe,
Comigo em casa amiga
Não soffro que entre, e nem em barca cabe.
Ao bom co'o máo ás vezes Deus castiga;
E pé ante pé alcança
A quem pecca, e não chora, alta vingança [1].

ANDRÉ FALCÃO DE REZENDE.

---

1 Esta Oda acima está traduzida por Espinel. (*N., que se acha no MS.*)

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

Historia de Portugal por J. P. Oliveira Martins

2 vol. — Lisboa, 1879

Depois de haver escripto a *Historia da Civilisação Iberica,* de que démos a respectiva noticia bibliographica em maio preterito, apparece esta nova obra do sr. Oliveira Martins, a qual vem fortalecer o conceito que lhe tem grangeado uma serie de trabalhos eruditos, conscienciosos e auxiliados por uma boa vontade energica, desassombrada e persistente.

O systema da historia portugueza, como o entende o sr. Oliveira Martins, não se encontra unicamente nestes dous volumes. Pensando que a historia de um povo se deve considerar *sob dois* aspectos diversos — um organico e moral, abrangendo as idêas e as instituições, — o outro descriptivo, realista e animado, do conflicto dos acontecimentos e lucta dos caracteres e personalidades, o auctor, tendo encarado o primeiro na *Historia da Civilisação Iberica,* propõe-se agora resolutamente o segundo, e põe em movimento o drama historico da vida portugueza.

Esta separação, perfeitamente abstracta, entre a parte organica e estatica e a parte funccional e dynamica do viver social dos povos, é fundamentalmente falsa. A *historia humana* é apenas a *historia natural da especie humana;* e tudo quanto não seja considerar os systemas de idêas, as instituições, como a resultante do embate e concorrencia dos homens, *naturalmente* agremiados na collectividade, será roubar ao methodo historico o seu criterio mais seguro. Por isso a distincção, estabelecida pelo sr. Oliveira Martins para a historia portugueza, é rigorosamente artificial e desmentida até pela propria marcha e disposição dos assumptos em muitas secções do seu livro.

A maneira por que o sr. Oliveira Martins contempla a historia em geral, e a do povo portuguez em especial, é o resultado da sua comprehensão pantheista (vide *Instituto,* maio, 1879) dos phenomenos sociaes. Não é só no methodo philosophico que se revela esta orientação mental; nos proprios processos de execução, na sua *maneira,* o escriptor segue visivelmente os grandes coripheus da eschola.

Se fosse aqui o logar apropriado e quizessemos applicar o nosso criterio philosophico á apreciação dos pontos capitaes da obra, condemnariamos logicamente a theoria do sr. Oliveira Martins sobre a formação da nacionalidade portugueza. A nossa nacionalidade não é um producto, puramente politico, da vontade de uma agremiação humana. Ainda que se não possa comprehender satisfactoriamente a formação da nacionalidade portugueza como consequencia de nm certo numero de causas naturaes, actualmente bem estudadas, é certo que o conhecimento de algumas por uma parte, e por outra a noção já bem definida da marcha geral das civilisações humanas, basta para rejeitar uma formação puramente moral, arbitraria e voluntaria. Se accrescentarmos algumas provas bem claras pela *reducção a absurdo,* taes como a antinomia tão excellentemente contrastada pelo sr. Oliveira Martins entre a força e as tendencias de certos caracteres dominantes e dirigentes e a corrente involuntaria da sociedade portugueza melhor ainda se consolidaria esta doutrina. E se o sr. Oliveira Martins apreciasse detidamente estas condições, veria que a solução futura e inevitavel de uma federação dos povos peninsulares depende justamente d'estas causas naturaes, que, assim como os separaram, devem concorrer para aproximal-os mais tarde.

A theoria da formação da nacionalidade portugueza, adoptada pelo sr. Oliveira Martins, accentuou tambem a principal physionomia do livro. Assim como para o auctor a vontade dos homens foi o compasso que traçou sobre o solo a estreita facha da Lusitania, assim tambem essa vontade cega, irreflectida, caprichosa, sem rumo e sem plano, traçou a norma da politica portugueza

nas epochas mais salientes da historia. Por isso a nação viveu sempre, entregue ao acaso da indisciplina tyrannica, numa constante ignorancia do seu destino, da sua vitalidade, dos seus interesses, já precipitando-se inconscientemente nas guerras africanas, já confiando-se ao acaso dos descobrimentos maritimos e ás surprezas da guerra e aventuras da pirataria oriental, já immergindo mysticamente na intrincada casuistica dos jesuitas.

Esta comprehensão exclusiva, que se deveria rejeitar em uma obra, destinada a desenvolver um systema completo de historia patria, dá ao livro a mais saliente orginalidade, e um tom de combate aggressivo, e muitas vezes rude, através do qual se sente o vivo protesto de um espirito robusto e sadio contra o formalismo embiocado, hypocrita e ignorante da historia official e officiosa. Como affirmação superior de um homem independente e altivo, condemnando nobremente as perturbações do mediocrantismo na esphera da sciencia portugueza, o livro é merecedor de todas as sympathias e credor dos nossos applausos; conhece-se que aquellas paginas foram escriptas pelo rijo pulso de um homem de bem, consciente da necessidade de evocar para a superficie luminosa do nosso tempo um povo, ainda alheado ás idêas e necessidades do seculo.

Como systema de historia patria, o livro, encarando-a sob um aspecto exclusivo, deu com a luz em cheio sobre a feição moral e exterior dos homens e dos successos; vitalisou os personagens; a uns exalçou até á estatura de heroes; a outros, ao grande numero, deprimiu e abateu á ignominiosa situação de sicarios e de miseraveis criminosos. A muitas d'essas figuras, que biographos assalariados e os frades chronistas desenhavam olympicamente em uma linguagem composta, anediada, com traços roubados a Plutarco e a Livio, com accentuações recolhidas de latinismo e pasmada admiração conventual, a critica implacavel rebaixou ao nivel ordinario das existencias condemnadas.

Seria impossivel fazer agora a resenha de todas as bellezas que o livro encerra. O sr. Oliveira Martins tem-se litterariamente

aperfeiçoado muito. Desde os seus primeiros ensaios sobre o Socialismo até á Historia de Portugal cada livro marca um progresso importante, e se acaso não perder de vista que a linguagem póde ser objecto de aperfeiçoamentos successivos e deve ser a propria incarnação do pensamento, umas vezes tenue e branda, outras forte e altiva, outras harmoniosa e correcta; se não perder de vista que a linguagem, sendo uma acquisição humana, laboriosa e complexa, exige dos que a frequentam um cultivo permanente e amor sempre accurado e distincto; se não perder de vista que, assim como para o acabamento e perfeição de um quadro tudo concorre, a exactidão do desenho, a escolha e combinação das tinctas, o tracejar, o esbater, o esboçar, a disposição e comprehensão do assumpto, assim tambem, para o perfeito successo de uma obra litteraria ou scientifica, a correlação directa e inteira da nomenclatura e da linguagem com o phenomenalidade é um requisito essencial a que nenhum escriptor deve subtraír-se; se não perder de vista que a linguagem, se deve ser vernacula, tambem deve ser progressiva e moldar-se ás exigencias dos tempos e aos progressos dos conhecimentos: o sr. Oliveira Martins conquistará um logar elevado de estylista de qualidades eminentes, como já é um espirito de alevantadas aspirações, de largos horizontes, uma das acabadas individualidades da pequena e illustre pleiade dos modernos escriptores portuguezes.

Não merecia severidades o livro do sr. Oliveira Martins, ainda que não possuisse as bellezas superiores que contém. Em um paiz como o nosso, apathico, pervertido intellectualmente pela insufficiencia e pessima direcção dos estudos, onde o consumo dos livros uteis é limitadissimo, o escriptor, tendo forçosamente de occupar-se de outros labôres impreteriveis, realisa um verdadeiro milagre quando consegue preparar obra de tomo. O sr. Oliveira Martins ainda por este lado merece que o seu trabalho seja applaudido e estimulado.

Seria facil levantar no livro, que faz objecto d'esta simples noticia, alguns pequenos erros de facto, e outras minimas cousas

que não alteram nem o valor nem o sentido da obra. Seria facil tambem combater certas theorias de accidente e algumas a que o auctor concede mais importancia (a do sebastianismo por exemplo), ainda mesmo que estivessemos consubstanciados com o seu proprio pensamento. Mas estas imperfeições na realisação do plano não enfraquecem o solido merito de uma obra, que projectou um grande rastro de luz sobre o nosso movimento scientifico do anno findo.

A Historia de Portugal será revista e aperfeiçoada nas edições subsequentes. E, se para esses aperfeiçoamentos e para outros novos trabalhos póde contribuir o parabem de quem escreveu estas linhas, receba-o o sr. Oliveira Martins sincera e cordialmente.

AUGUSTO ROCHA.

Observações sobre a allegoria nos Lusiadas de Camões. Zur dreihundertjährigen Gedächtnissfeier des Dichters der Lusiaden, zugleich als Programm zu dem Jahresberichte der k. Realschule zu Aschaffenburg für das Studienjahr 1878–79, verfasst von F. J. Schmitz, k. Reallehrer.

Temos presente um folheto de quinze paginas com este titulo, o qual mostra como o poema de Camões é tão apreciado na Allemanha, que na propria lingua portugueza escreve um extrangeiro sobre este assumpto. Estimamol-o, e por isso daremos em poucas palavras noticia d'este trabalho litterario. Ha trezentos annos exactos que falleceu o poeta, e ainda hoje a sua popularidade vence as difficuldades do tempo e da distancia. Acontece o mesmo a Homero, a Virgilio, ao Tasso e a outros. O genio é sempre joven; não tem rugas que lhe sulquem o rosto nem cãs que lhe alvejem a cabeça.

Comprehende este livrinho duas partes ou capitulos; *Introducção* se intitula a primeira, a segunda *Camões*. Naquella traça o elogio da nossa lingua e litteratura, nesta expõe os elementos biographicos do nosso epico e algumas observações sobre a allegoria dos Lusiadas.

«Os hespanhoes, diz logo no introito, chamando á sua lingua a lingua dos deuses, chamam á dos portuguezes a lingua das flores. Estes termos allegoricos denotam que a primeira tem um character de grandeza e de majestade, a segunda um character de graça e de suavidade.» E logo adeante confirma o seu asserto com elogios tirados da *Encyclopédie* e de Sané na introducção da sua *Poésie lyrique portugaise*. Diz a primeira, v. *Portugal,* o seguinte: *La langue de ce pays, pleine de douceur pour les délicatesses de l'amour, ne manque pas d'élévation dans les sujets héroïques*. O segundo exprime-se no mesmo sentido: *La langue portugaise est belle, sonore,*

nombreuse, unissant à la douceur et à la souplesse de la langue italienne la gravité et les couleurs de la latine.

E é effectivamente esta *gravidade e côr latina* que characterisa o idioma portuguez, justificando o estudo da lingua do Lacio nas nossas escholas. O latim e o grego são as linguas classicas por excellencia, e como taes cultivadas com esmero em todas as nações; entre nós accresce a este titulo a affinidade intima que têm com a nossa, motivo para maior predilecção. Quando em 1875 os lentes commissionados pela nossa Universidade a representaram nas festas do tricentenario da de Leiden, aqui acharam o latim tão radicado, que os proprios estudantes o fallavam muito bem, melhor ainda do que o francez [1], e isto numa nação cuja lingua não tem com o latim o parentesco e identidade que o prende com a nossa.

O proprio Camões é prova viva do proveito do latim. A sua copiosa lição classica ressumbra de todo o seu poema, e é este o principal condão que o torna fonte de bom gosto litterario. No nosso tempo Garrett e Castilho extrahiram d'esta rica veia o mais solido cimento da sua gloria; e na litteratura franceza os peregrinos escriptores do seculo de Luiz XIV firmaram neste pedestal a sua reputação.

Tractando da allegoria dos Lusiadas, o erudito auctor do folheto espraia-se em considerações geraes ácerca do merecimento d'esta epopeia e da sua fabula, assim como sobre a ficção mythologica que o distingue. Logo no principio diz elle: «Os Lusiadas de Camões podem passar por um dos optimos poemas compostos desde Homero e Virgilio. O seu assumpto é grande, qual é necessario para a epopeia: a descoberta da India pelos portuguezes. A unidade da acção e a do heroe se acham aqui perfeitamente observadas; ha uma allegoria sublime, affectos exprimidos com força e delicadeza; pinturas vivas; emfim um estylo vario segundo a exigencia das materias, ás vezes doce e liso, ás vezes rapido e

---

[1] Dr. A. Filippe Simões — *O Tricentenario da Universidade de Leiden etc.*, pagg. 11 e 12.

majestoso, sempre admiravel e nunca desfigurado por jogos de palavras.»

Esta apreciação faz lembrar a da ex.ma sr.a Viscondessa de Villa-Maior, que desenvolve mais largamente identico pensamento: «Notamos no poema dos *Lusiadas,* diz ella, tres partes distinctas: narração de feitos, louvor de heroes, descripções de occorrencias extraordinarias. Na primeira parte é Camões singelo na idêa, mas firme em seu dizer e proposito. No elogiar assoberbou-se na phrase, engrandeceu por tal modo os nomes que tocava com sua magica penna, que d'elles apartou para sempre a possibilidade do esquecimento. Na pintura dos quadros, emfim, assombram suas idêas. Qual será o pensamento tão altivo, que não recúe e pasme ao apparecimento do Adamastor? Que espirito tão subtil haverá que fuja a enamorar-se da deusa que tão lindamente intercede pelos portuguezes, e quer graciosa coroal-os de louros? Aos fataes amores de Ignez deu o poeta sobrenatural ternura, que fez divino o que só era terrestre, e, purificado por tão alto e compadecido estylo, só vemos alli a chamma do amor brilhante e pura. Pelo fim tragico gela-se o coração, mas os olhos choram e assim o alliviam [1].»

Lastíma noutra parte o folheto que a lingua portugueza seja tão pouco conhecida, o que attribue ás viagens e descobertas que divertiram para longas regiões a sua acção politica. Mas, diz a sr.a Viscondessa, «embora sua lyra cantasse num idioma pouco sabido, os bardos pelo universo ainda repetem seus louvores. Portugal, pequeno na Europa mas sentinella avançada sobre o Oceano, devia necessariamente ser o berço d'esses heroes que descobriram para o mundo novos mares, novas terras, novos céos.»

São curiosas as observações relativas á allegoria do poema, e algumas por ventura singulares; mas é sempre grato merecer a escriptores extranhos apreciações favoraveis á nossa litteratura e aos nossos poetas. Jupiter para o illustre critico representa o

---

1 *Poesias lyricas selectas de Luiz de Camões*, publicadas pela V. de V. M., pagg. XXVIII e XXIX.

supremo Deus, o nosso Padre; Venus é a religião christã, que protege os viajantes portuguezes, porque a deusa prevê as grandes vantagens que a Egreja deve tirar da conversão dos habitantes da India; as tres nereidas, Nerine, Nise e Doto, indicam as tres virtudes theologaes, Fé, Esperança e Caridade. Marte é Jesus-Christo, e defende Venus que representa a Egreja; Vulcano e Baccho figuram os demonios, tentando oppôr-se á navegação portugueza, em que viam o engrandecimento da religião christã. E consoante estas são as outras comparações que vai respigando na nossa epopeia.

Além d'isso corrobora com trechos biblicos algumas das suas asserções, das quaes indicaremos duas. No verso bem conhecido do episodio do Concilio dos Deoses no canto I, em que Jupiter

..... alto assi dizendo,
Co'um tom de voz começa grave e horrendo,

pretende ver o que disse Job: *Tonabit voce magnitudinis suae, tonabit Deus in voce sua mirabiliter*. E relativamente ao deus da guerra, fallando deante de Jupiter, applica-lhe as palavras do Apocalypse: *Vox illius tanquam vox aquarum multarum, et habebat in dextera sua stellas septem, et de ore ejus gladius utraque parte acutus exibat*.

Contentamo-nos com apontar estes pontos mais salientes sem commentarios, pois esta critica é meramente conjectural. Variadas e oppostas têm sido as opiniões ácerca dos Lusiadas; accrescentemos mais esta. Muito importante seria colleccionar todos os juizos, favoraveis e desfavoraveis, do nosso poema nacional, o que nas proximas festas do tricentenario era opportuno. Desde Voltaire até José Agostinho e visconde de Castilho com o Garrett e outros um livro que expozesse votos tão encontrados reuniria as condições do preceito horaciano de enlaçar o util com o agradavel,

Lectorem delectando pariterque monendo.

O auctor do folheto remata o seu trabalho com estas palavras, muito honrosas para o poeta e para Portugal: «Escrevendo este estudo não tinhamos a opinião nem a presumpção de compôr uma obra de grande valor; fomos unicamente levado pelo desejo de fazer propaganda para a lingua portugueza e para ganhar novos adeptos ao illustrissimo Camões, o Virgilio portuguez, tão digno de ser lido e estudado. A isolação de Portugal começa a ser de dia em dia menos absoluta por causa do engrandecimento moderno das relações commerciaes e principalmente por causa da rapidez actual das communicações. Por consequencia a lingua portugueza toma de mais a mais uma importancia, que força não sómente os eruditos e sabios nos outros paizes, mas tambem os commerciantes a estudar este idioma tão bello e sonoro. Este estudo accrescentará a estimação e a admiração geral para um povo, cujo passado é tão glorioso e que pela paixão para as liberdades civeis, pelo amor da humanidade e da justiça mostra que conserva ainda hoje a sua grandeza moral dos tempos passados.»

Com esta breve noticia bibliographica de certo que daremos novidade a muitos leitores d'este jornal e gosto a todos, que nenhum póde ser indifferente ao interesse que mostrem os extrangeiros pelas nossas glorias litterarias.

A. A. DA FONSECA PINTO.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

PUBLICAÇÕES OFFERECIDAS AO INSTITUTO

Foram recebidas e se agradecem as obras seguintes:

Camoens-poëme traduit du portugais avec une introduction et des notes, par Henri Faure, docteur és lettres, membre de l'Institut de Coimbre, ouvrage orné du portrait de Garrett. París, 1880.

Les drames de l'histoire. II. Lisbonne — Aspect général — Quelques types populaires — Les romarias — Les courses de taureaux — Les eglises sanglantes journées d'avril 1506, par H. Faure. Moulins, 1879.

Projecto de organisação do corpo diplomatico e consular brasileiros, por Viriato da Silva. Porto, 1878.

Estudos historicos sobre o Brasil, por Viriato Silva. Vianna, 1879.

A vida medica do campo da batalha, por A. M. da Cunha Bellem. Lisboa, 1879.

Um brado de justiça confirmado com documentos da vida publica de Miguel Vicente d'Abreu, official da secretaria do governo geral do estado da India, perante os dignos representantes da nação portugueza.

Curso pratico e grammatical da lingua franceza, por Albino Coelho. Primeiro curso — 1.º anno. Coimbra, 1880.

A Questão do Banco Nacional Ultramarino — A accusação e a defesa dos réos com o respectivo exame de peritos. Lisboa, 1880.

Junta do Credito Publico — Relatorio e contas da sua gerencia do anno economico de 1878-1879 e as do exercicio de 1877-1878. Lisboa, 1880.

REDACTORES

Francisco de Castro Freire (Conselheiro), Presidente
Abilio Augusto da Fonseca Pinto
Antonio de Assis Teixeira de Magalhães (Dr.)
Augusto Filippe Simões (Dr.)
José Epiphanio Marques (Dr.)
Luiz da Costa e Almeida (Dr.)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente e Ilhas	1$560
Para Coimbra	1$500
Numero avulso	160

A correspondencia litteraria deve ser dirigida ao Dr. José Epiphanio Marques; a de administração e gerencia, ao gabinete do Instituto—Coimbra.

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

VOLUME XXVII — MARÇO DE 1880

SEGUNDA SERIE — N.° 9

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SUMMARIO

	Pag.
O BOM JUIZO DE UM POVO — por **José Silvestre Ribeiro** ...	409
PATHOGENIA DA ICTERICIA GRAVE — por **J. A. de Sousa Refoios**	414
AS AGUAS ALCALINO-GAZOSAS DO BEM-SAUDE — por **Joaquim dos Santos e Silva**	418
CATALOGO DAS PLANTAS MEDICINAES QUE HABITAM O CONTINENTE PORTUGUEZ — por **Adolpho Frederico Moller**.....	424
ODE II DO LIV. II DE HORACIO (poesia) — por **José Augusto Cabral de Mello**	428
AS SAUDAÇÕES NO FINAL DAS CARTAS — por **José Silvestre Ribeiro**	431
LAMARTINE — por **Francisco Antonio de Mello**.....	436
LE PERCEMENT DE L'ISTHME DE PANAMA AU SEIZIEME SIECLE — por **Antonio Pereira de Paiva e Pona**.....	444
BOLETIM BIBLIOGRAPHICO — por **A. J. Viale** e **A. A. da Fonseca Pinto**.....	453 e 454

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

O BOM JUIZO DE UM POVO

Rapido esboço politico, moral e religioso

Guizot, o grande pensador politico, disse no seu *Estudo historico* ácerca de Washington:

«Faz honra á Inglaterra haver depositado no berço das suas colonias o germen da liberdade. Quasi todas, na sua fundação ou pouco depois, receberam diplomas que aos colonos conferiam as immensidades da mãe patria.—E não eram essas cartas constitucionaes uma negaça, um engodo, uma lettra morta; pois que estabeleciam ou admittiam instituições poderosas, que provocavam os colonos a defender as suas liberdades, e a exercer a fiscalisação sobre o poder, tomando parte nelle: o voto dos subsidios, a eleição dos grandes conselhos publicos, o julgamento por jurados, o direito de reunião e o de tractar os negocios da communidade.»

Daqui deriva o illustre publicista a conclusão de que a historia d'aquellas colonias é o desenvolvimento practico e laborioso do espirito de liberdade, que ia crescendo á sombra da bandeira das leis e das tradições do paiz [1].

Quizemos assentar primeiramente estes assertos, porque explicam elles as maravilhas de bom juizo que o mundo admira nas

---

[1] *Washington. Étude Historique.—Hist. de Washington...* por Cornelis de Wit.

principaes colonias da America ingleza. São a chave do segredo das grandes providencias que essas colonias tomaram, da elevação de espirito que avulta nas suas deliberações, da profunda sabedoria que sobresahe nos principios sociaes que proclamaram.

Para desde já expressarmos o nosso pensamento, e maiormente para assignalarmos o contraste das delongas da velha Europa com a rapidez das conquistas, alcançadas pelas referidas colonias nos dominios da politica, da moralidade e da religião, tomaremos para exemplo o nosso Portugal, que já conta de existencia um longo espaço de tempo.

Esta monarchia de sete seculos, que aliás teve uma epocha de brilhante gloria, só ha cincoenta annos começou a ver raiar a liberdade, e ainda hoje está afastada, a muitos respeitos, do ponto a que as nações mais cultas chegaram já, e principalmente está distante da méta que deve attingir.

Tomemos agora para termo de comparação uma das colonias da America do norte, e veremos que, datando a sua existencia dos fins do seculo XVII, já no anno de 1776 firmava, com as outras doze colonias, a independencia dos Estados-Unidos, e nesse mesmo anno proclamava uma declaração de direitos e um plano de governo, que ainda hoje são objecto de admiração, e podem servir de modelo aos povos que pretendem ser verdadeiramente livres e bem governados.

Queremos fallar da Pensylvania, que derivou o nome do de William Penn, seu immortal legislador, modelo de virtude e de philantropia, a quem Montesquieu chamou o Lycurgo Americano [1].

Percorramos o precioso documento da declaração dos direitos e do plano de governação, e desde logo poderemos apreciar a sabedoria dos representantes dos homens livres da Pensylvania. Ha cento e tres annos chegaram elles logo ao ponto culminante

---

1 *M. Penn est un véritable Lycurgue.* Montesquieu. *De l'Esprit des Lois.* L. IV. C. VI.

da doutrina, que a philosophia mais adeantada dos nossos dias julga propria para encaminhar os povos á felicidade, mantido escrupulosamente o respeito devido á liberdade e regalias de cada cidadão.

***

Começaram por firmar o principio de que «todos os homens nascem egualmente livres e independentes, e têm direitos certos, naturaes, essenciaes e inalienaveis: entre esses direitos devem ser enumerados o de gozar a vida e a liberdade, e de as defender, o de adquirir uma propriedade, possuil-a e protegel-a; e, finalmente, o direito de procurar e alcançar a felicidade e a segurança.»

No tocante á expressão do pensamento foram tão longe quanto os prezadores dos fóros do cidadão requerem hoje: «O povo tem o direito e a liberdade de exprimir e de publicar os seus sentimentos; e, por consequencia, a liberdade de imprensa não póde jámais ser impedida.»

¿É só isto? Não. Firmaram mais o seguinte principio:

«O povo tem o direito de se reunir, de formular consultas sobre os assumptos do interesse commum, de dar instrucções aos seus representantes, de solicitar da legislatura, por meio de memorias, petições ou queixas, o desaggravo de quaesquer semrazões que lhe tenham sido feitas.»

Foi tambem nas cousas da religião, que aquelles representantes de homens livres, antecipando a opinião dos mais auctorisados pensadores dos nossos tempos, e como que preparando o exemplo que ora nos offerecem as constituições dos povos mais cultos, assentaram principios inculcados pelos dictames da razão.

Ouçamos o que neste particular proclamaram:

«Todos os homens têm o direito natural e inalienavel de adorar o Omnipotente pelo modo que a sua consciencia e luzes lhes dictarem. Ninguem deve nem póde legitimamente ser constrangido

a abraçar uma fórma particular de culto religioso... Nenhum homem, que reconheça a existencia de Deus, póde justamente ser privado de algum direito civil como cidadão, nem por qualquer modo ser molestado por motivo dos seus sentimentos em materia de religião, ou da fórma particular do seu culto. Nenhuma pessoa, no Estado, póde ser revestida, nem arrogar a si o exercicio de alguma auctoridade, que tenda a permittir a perturbação ou o impedimento do direito da consciencia no livre exercicio do culto religioso.»

Esta singela e intuitiva doutrina, que reconhece um direito inalienavel e imprescriptivel da consciencia humana, foi apregoada ha mais de um seculo; e, comtudo, é ainda hoje considerada como audaciosa e temeraria, até por alguns homens illustrados e altamente respeitaveis, affeitos ao predominio de uma religião do Estado.

*
* *

Os representantes dos homens livres da Pensylvania traçaram tambem um plano de governação, que, em substancia, é a applicação da theoria do *self-government*.

Mas (notavel previdencia!) não se esqueceram de inculcar as severas qualidades e virtudes que um tal systema demanda imperiosamente:

«Uma appellação frequente para os principios da constituição *(disseram elles)*, uma adhesão constante aos da justiça, da moderação, da temperança, da industria e da frugalidade, são absolutamente necessarias para conservar as vantagens da liberdade e manter um governo livre. Deve, por consequencia, o povo attender escrupulosamente a todos estes differentes pontos na escolha dos seus empregados e representantes, cabendo-lhe o direito de exigir dos seus legisladores e magistrados a observancia de todos estes principios na feitura e execução das leis necessarias para a boa administração do Estado.»

*
* *

Feliz povo, que, ao começar a constituir-se em associação politica, acertou desde logo com os mais sãos e racionaes principios!

Feliz povo, que logo no alvorecer da sua vida quiz que a liberdade fosse inseparavel da ordem, da justiça, da tolerancia e de todas as virtudes austeras que engrandecem o homem, e são o mais seguro esteio da sociedade!

José Silvestre Ribeiro.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

PATHOGENIA DA ICTERICIA GRAVE

(Continuado do n.º 8, pagina 387)

Pondo de parte o exclusivismo, aproveitando-me do que apresentam os differentes auctores, mas subordinando-me á physiologia do figado que os factos nos impozeram, eu vou ensaiar uma explicação dos differentes symptomas da hepatite parenchymatosa diffusa; refiro-me ainda, para mais nitidez, á que é *primitiva*.

Quando no primeiro periodo apparece a ictericia, o retardamento que soffrem as pulsações cardiacas indica-nos que além do pigmento biliar que se evidenceia pela côr dos tegumentos e caracteres da urina, foram reabsorvidos saes biliares.

Sabe-se que no estado normal os saes biliares são destruidos nos processos da digestão; e ignorando-se ainda se elles chegam a entrar na torrente circulatoria ou se são destruidos logo á entrada dos vasos chyliferos ou venosos, é certo que o reagente de Pettenkofer não revela normalmente saes biliares no sangue; havendo ictericia encontram-se no sangue, e é pela sua acção sobre o systema nervoso auto-motôr do coração que o pulso se retarda.

Qual é a pathogenia d'essa ictericia no primeiro poriodo da molestia?

Sabe-se que o figado póde não augmentar de volume, sabe-se que o *exsudato intesticial* apontado por Frerichs não tem sido observado pelos outros histologistas; não vejo portanto que se possa attribuir a ictericia á compressão dos canaliculos biliares.

A tumefacção turva das cellulas hepaticas, o seu amollecimento e destruição podem dar-nos conta do phenomeno.

Aquellas modificações na consistencia das cellulas hepaticas alteram em cada lobulo as condições da circulação; em virtude d'isso o pigmento biliar, em vez de se encaminhar para os ductos biliares, como normalmente em virtude da grande differença de pressão entre os vasos sanguineos em cada lobulo e os capillares biliares, muda de direcção e é arrastado para as supra-hepaticas; em virtude da mesma causa, os saes biliares, formados nos capillares biliares e não sahindo normalmente através das suas paredes por que a isso obsta a pressão normal do lobulo, passam agora por que o amollecimento das cellulas e portanto do lobulo lhe facilitam essa passagem.

Pelo que diz respeito aos symptomas do segundo periodo, os accidentes nervosos são-nos explicados pela accumulação de cholesterina, que as cellulas hepaticas, alteradas, não podem eliminar do sangue; o augmento da ictericia é-nos explicado pela reducção das cellulas hepaticas a detritos.

Sabe-se que ellas encerram sempre pigmento biliar; sendo reduzidas a detritos finissimos, estes são reabsorvidos pelos vasos, e arrastados na circulação vão naturalmente augmentar a côr icterica.

A destruição dos globulos rubros tem a sua natural explicação no augmento successivo da temperatura e na alteração profunda da constituição chimica do sôro em que estão mergulhados; é natural que para isso concorram os acidos biliares reabsorvidos; comtudo eu serei reservado neste ponto por dois motivos.

Clinicamente, vejo que o numero de pulsações se eleva successivamente, o que é incompativel com o augmento de saes biliares no sangue; anatomica e physiologicamente, vejo que a circulação hepatica se perturba de tal modo que a avaliar pela hypermegalia splenica e pelas hemorrhagias intestinaes os canaes biliares não devem ter a irrigação necessaria para fabricarem a quantidade normal de saes biliares, concorrendo ainda para este mesmo resultado o terem-se alterado as relações dos capillares sanguineos intralobulares com os canaliculos biliares pela destruição das cellulas hepaticas.

Eis a pathogenia que no estado actual da sciencia me parece a mais imparcial.

Para Picot, a *ictericia grave produzir-se-ha sempre que a glandula hepatica não podér eliminar a cholesterina* [1].

Não posso acceitar a opinião de Picot.

A cholesteremia é a terminação da hepatite diffusa, mas não é a hepatite; do mesmo modo que a uremia é por vezes a terminação do mal de Bright sem que seja o mal de Bright.

A cholesteremia póde manifestar-se sem ictericia, como acontece nalguns casos de steatose hepatica, como é de todo o ponto provavel que acontecesse no caso referido por Jaccoud.

Seria interessante examinar porque razão a steatose hepatica e a cirrhose nem sempre produzem a cholesteremia, e quando a produzem, só mais tarde ella se revela, emquanto que na hepatite diffusa estabelece-se rapidamente.

Tem a sua explicação na faculdade que possue o organismo de supportar uma alteração lenta no seu funccionalismo, e a difficuldade que elle tem em sustentar uma alteração importante, que se faça rapidamente.

A steatose vai pouco e pouco inutilisando cellulas hepaticas, e as dos outros lobulos vão supprindo por um trabalho supplementar a suppressão da actividade d'aquellas; o mesmo acontece com a cirrhose. Na hepatite diffusa, a destruição é rapida e extensa, e o organismo succumbe.

Agora, como prometti, duas palavras sobre o tractamento. Contra a lesão primitiva nada se póde.

Tem-se feito sempre medicações symptomaticas e sem resultado, porque a terminação da molestia é sempre fatal.

Sem enumerar os meios de que se tem lançado mão, limitar-

---

[1] Picot—*Loc. cit.*, 2.º vol., pag. 519.

me-hei a fallar do alcool, que vejo ser recommendado por Jaccoud e Picot para levantar as forças do doente.

Este meio acho-o contra-indicado; o alcool é de per si capaz de originar a hepatite diffusa; eu só consentiria em dar alcool ao doente, com a condição de que não fosse administrado por ingestão gastro-intestinal para evitar que elle vá atravessar o figado. O alcool deve ser regeitado da therapeutica da hepatite diffusa.

A pathogenia dos symptomas graves está-nos a indicar um meio racional para prolongar a vida do doente: — é dar á cholesterina uma via de eliminação differente, visto que ella não póde fazer-se pelo figado.

Qual ha de ser essa via nova?

Pelo rim, não; porque o rim não elimina cholesterina; comtudo um facto que eu observei na enfermaria da Clinica de homens durante o meu quinto anno, indica-nos o caminho.

Num doente, atacado de cirrhose de figado, manifesta-se rapidamente sem convulsões um estado comatoso, ao mesmo tempo que a ictericia augmenta e o numero de pulsações sóbe.

Nesse dia vi-o eu em decubito dorsal, com perfeita relaxação muscular, indifferente a qualquer estimulo, não podendo alimentas-se, nem mover-se; as faces estavam flacidas e eram agitadas pelo ar expirado como duas membranas inertes. Julgava-se que a morte teria logar nessa noite; uma diarrheia abundante alliviou de tal modo o doente, que chegou a levantar-se da cama nessa noite, recuperou a falla e viveu ainda dois dias, estabelecendo-se novamente o estado comatoso.

A mucosa intestinal é pois susceptivel de eliminar a cholesterina; e nós devemos insistir com purgantes, de modo a estabelecer uma diarrheia serosa, artificial, mas abundante, como meio de eliminação da cholesterina.

Coimbra, 5 de março de 1879.

J. A. DE SOUSA REFOIOS.

AS AGUAS ALCALINO-GAZOSAS DO BEM-SAUDE

(Continuado do n.º 8, pagina 395)

10. Determinação das materias organicas e investigação do acido azotico

As experiencias do n.º 8 mostraram que nas aguas do Bem-Saude existe uma quantidade relativamente grande de materias organicas. Uma pequena parte d'estas materias dissolve-se no alcool absoluto dando ao liquido uma côr amarellada, apenas apreciavel: pela distillação do alcool manifesta-se côr azul similhante á das soluções dos saes de cobre, a qual vai augmentando de intensidade á medida que o volume do liquido diminue no vaso distillatorio, e desapparece quando a distillação está quasi terminada, ficando um residuo córado de amarello [1]. A parte mais consideravel das referidas materias dissolve-se na agua quando se faz ferver neste liquido o residuo da evaporação da agua mineral, e a solução obtida é amarella, parecendo indicar a presença d'um sal ferrico em pequena quantidade. Na parte insoluvel do residuo da evaporação da agua fica ainda uma quantidade apreciavel d'estas materias, como já indiquei na determinação da silica.

Além d'estas materias organicas fixas, é provavel que nas aguas do Bem-Saude existam outras volateis, taes como os acidos propionico, butyrico, etc., mencionados pela primeira vez por Scherer em 1856 na analyse das aguas de Brückenau, na Baviera. A falta de tempo e a difficuldade em transportar para o Laboratorio sufficientes quantidades de agua não me permittiram fazer

---

[1] Estes phenomenos já observados por Fresenius na analyse da agua sulfurosa de Weilbach (Ducado de Nassau), não foram até hoje mencionados, que eu saiba, em analyses de aguas mineraes publicadas em Portugal.

investigações neste sentido, e limitei-me a determinar a quantidade das materias organicas fixas que se dissolvem na agua.

O liquido aquoso obtido em o n.º 9 com 12.300^{cc} de agua do Bem-Saude foi evaporado até á seccura, o residuo fervido com alcool absoluto e filtrado a quente, e a parte insoluvel dissolvida na agua em quantidade sufficiente para fazer o volume de 250^{cc} e filtrada.

Duas porções d'este liquido foram evaporadas até á seccura em capsula de platina e o residuo aquecido á temperatura de 170º até que o peso se tornou constante, sendo finalmente calcinado até que a materia organica se destruiu.

100^{cc} deram a differença.....	0,0158
100^{cc} deram.....	0,0162
Media.....	0,0160

Donde se calcula para a quantidade das materias organicas fixas contidas em um litro de agua do Bem-Saude o n.º 0,00325.

O liquido alcoolico acima indicado foi submettido á distillação e o residuo dissolvido na agua e evaporado parcialmente num vidro de relogio. Pelo arrefecimento depositaram-se numerosos crystaes de fórma cubica, e a pequenissima quantidade da agua mãe que ficou deu com a solução sulfurica de brucina uma côr vermelha intensa, que denunciou a presença do *acido azotico*.

11. Determinação do ammoniaco

2500^{cc} de agua mineral tirada de um garrafão recentemente aberto foram submettidos á distillação em uma retorta munida d'um refrigerante, até que se reduziram a $^{2}/_{5}$ do seu volume pouco mais ou menos, e o liquido distillado foi novamente submettido á distillação depois da addição de pequena quantidade de leite de cal, até se obter pouco mais ou menos $^{1}/_{4}$ do volume. Este liquido foi addicionado de pequenas quantidades de acido chlorhydrico e

chloreto de platina, e evaporado até á seccura a b. m.; o residuo obtido foi tractado pelo alcool, e a parte que ficou insoluvel, depois de calcinado, deu de platina metallica 0,0114.

Egual volume de agua foi introduzido em uma retorta e addicionado de acido chlorhydrico medido e em quantidade sufficiente para produzir reacção acida, e submettido á distillação muito lentamente até ficar reduzido a um pequeno volume. Ao conteúdo da retorta foi depois addicionada soda caustica, medida e em quantidade sufficiente para dar reacção alcalina, e continuada a distillação depois de se ter inclinado para cima o collo da retorta, o qual foi posto em communicação com um frasco em que se achava agua accidulada pelo acido chlorhydrico em quantidade determinada. Depois de se ter continuado a operação por espaço de duas horas, foi o liquido acido addicionado de chloreto de platina e evaporado até á seccura, e a operação terminada como fica dicto. A platina obtida pesou 0,0120. Eguaes quantidades de soda caustica, acido chlorhydrico e chloreto de platina submettidas á mesma operação deram uma quantidade de chloroplatinato cujo peso não pôde ser determinado por ser insignificante.

Considerando que este pequeno excesso de platina metallica sobre o resultado da primeira determinação poderia provir, em parte dos reagentes empregados, e em parte da decomposição das materias organicas existentes na agua do Bem-Saude, pela soda caustica, tomei o primeiro resultado como o mais exacto.

0,0114 de platina metallica representam 0,001963 de ammoniaco ou ..... 0,00078 p/m, correspondente a 0,00221 de carbonato neutro de ammonio, contendo 0,00101 de acido carbonico, e a 0,00365 de carbonato acido, contendo 0,00203 de acido carbonico.

12. Investigação do arsenico, do bario e do stroncio. Determinação do lithio

17.465^{cc} de agua do Bem-Saude foram evaporados até quasi á seccura, e a parte liquida (A) separada por filtração do precipitado (B), que foi lavado (incompletamente), dissolvido no acido chlorhydrico e filtrado para separar a silica.

A. O liquido aquoso junctamente com as aguas de lavagem da parte insoluvel foi tractado pelo acido chlorhydrico para decompôr os carbonatos alcalinos, levemente aquecido e submettido á acção prolongada d'uma corrente de hydrogeneo sulfurado. No fim de vinte e quatro horas de repouso nenhuns indicios de sulfureto de arsenico se manifestaram; e saturando novamente o liquido com o gaz sulfhydrico auxiliado por um brando calor, o resultado foi ainda negativo.

B. O liquido acido separado da silica insoluvel foi egualmente tractado pelo acido sulfhydrico, que depois de alguns minutos produziu leve turvação lactea devida á presença do sal ferrico, e no fim de vinte e quatro horas de repouso appareceu um pequeno deposito levemente córado, o qual não augmentou por uma nova saturação do liquido pelo mesmo reagente. Depois de filtrado o liquido foi o precipitado lavado com agua sulfhydrica, tractado pelo ammoniaco, evaporada a solução ammoniacal até á seccura a b. m., o residuo oxydado pelo acido azotico fumante, tractado pelo acido sulfurico e aquecido até á temperatura de 180°, tractado por agua e, finalmente, introduzido no apparelho de Marsh. Os resultados foram ainda negativos relativamente ao arsenico, donde se conclue que este elemento não existe nas aguas do Bem-Saude.

Os dois liquidos A e B reunidos foram evaporados até á seccura depois da addição de pequena quantidade de sulfato de potassio, o residuo humedecido com acido chlorhydrico, tractado por agua e filtrado. A parte insoluvel, composta principalmente

de silica, foi reunida á que primitivamente se tinha separado por meio do filtro antes do emprego do gaz sulfhydrico, e ao pequeno residuo que ficou depois do tractamento pelo ammoniaco do deposito formado pelo gaz sulfhydrico, fervida com soda caustica e carbonato de sodio em capsula de platina, diluido o liquido alcalino e filtrado. A parte que ainda ficou insoluvel, depois de lavada e secca, e o filtro incinerado, foi fundida com carbonato de sodio e de potassio, e o residuo da fusão fervido com agua e filtrado. Uma pequenissima porção de substancia que neste tractamento ficou insoluvel dissolveu-se no acido chlorhydrico diluido, produzindo effervescencia, e o liquido assim obtido tractado pelo sulfato de calcio em excesso não manifestou turvação alguma durante trinta e seis horas.

Conclue-se d'estas experiencias que nas aguas alcalinas do Bem-Saude não existe a baryta nem a stroncia.

Para determinar a quantidade da lithina manifestada pelo espectometro nos ensaios qualitativos, foi o liquido separado da silica tractado pelo ammoniaco, para separar o ferro alumina e acido phosphorico, tractado em seguida pelo carbonato de ammonio para precipitar a cal, evaporado até á seccura, e os saes ammoniacaes eliminados pela calcinação. O residuo humedecido com acido chlorhydrico e tractado pela agua, foi fervido com leite de cal para precipitar a magnesia, filtrado o liquido, tractado por ammoniaco e carbonato de ammonio, filtrado novamente, evaporado até á seccura e o residuo calcinado para expulsar os saes ammoniacaes. O novo residuo, depois de humedecido com acido chlorhydrico foi tractado repetidas vezes por uma mistura em partes eguaes de alcool absoluto e ether. Depois de eliminado o alcool e o ether pela evaporação, foi o residuo tractado pela agua e a solução addicionada de ammoniaco e carbonato de ammonio, que produziram ainda leve turvação. Filtrando o liquido, evaporando-o até á seccura, calcinando o residuo e dissolvendo-o novamente na agua accidulada pelo acido chlorhydrico, foi o lithio precipitado no estado de phosphato evaporando o liquido até á seccura com phosphato de sodio em pre-

sença da soda caustica, e tractando o residuo pelo ammoniaco. O phosphato de lithio, depois de secco e calcinado pesou 0,0044, correspondente a 0,00421 de carbonato ou a 0,00024 p/m

9860cc evaporados até á seccura e o residuo tractado repetidas vezes pela agua fervente; o liquido accidulado pelo acido chlorhydrico, e evaporado até á seccura; o residuo tractado pela mistura de alcool e ether, evaporado e tractado pelo phosphato de sodio e soda caustica, como precedentemente, deram 0,0022 de phosphato de lithio, correspondente a 0,002105 de carbonato neutro ou a 0,00021 p/m.

Media, carbonato neutro p/m = 0,00022, contendo 0,00013 de acido carbonico; carbonato acido = 0,00035 contendo 0,00026 de acido carbonico.

13. Determinação do residuo fixo

250cc de agua mineral do Bem-Saude foram evaporados até á seccura a b. m. em capsula de platina, e o residuo aquecido na estufa á temperatura de 180° até que o peso da capsula e residuo se tornou constante. O peso obtido foi 0,3620 ou 1,4480 p/m.

Tractando depois o residuo pelo acido sulfurico diluido, evaporando de novo até á seccura e calcinando para expulsar o excesso de acido sulfurico e transformar os sulfatos acidos em sulfatos neutros pesou 0,4784 ou 1,9136 p/m.

(Continúa) JOAQUIM DOS SANTOS E SILVA.

CATALOGO DAS PLANTAS MEDICINAES QUE HABITAM O CONTINENTE PORTUGUEZ

(Continuado do n.º 7, pagina 342)

GLECHOMA HEDERACEA. L.

(Nepeta glechoma. Bth.)

Hera terrestre.

Hab. nas vizinhanças de Bragança, Manteigas e alguns outros pontos da Beira, Extremadura, etc.

Flor. na primavera.

P. u. toda a planta.

Emp. como bechica, tambem goza de propriedades estimulantes e tonicas.

LAMIUM MACULATUM. L.

(L. stoloniferum. Lap.; L. grandiflorum. Pourr.; L. album β. Poll.)

Urtiga morta.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de março a outubro.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como adstringente contra a leucorrhéa e hemorrhagias [1]. Pouco usado.

MARRUBIUM VULGARE. L. [2]

Marroio branco.

---

1 Póde substituir o *Lamium album*. L. Urtiga.

2 Variedade. β. lanatum. Bth.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as folhas [1].

Emp. como tonico, estimulante e emmenagogo.

BALLOTA NIGRA. L.

(Marrubium nigrum. Crtz.)

Marroio negro.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Evora e em outros pontos da Beira e Alemtejo.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente [2]. Pouco usado.

PHLOMIS LYCHNITIS. L.

Orelha de lebre.

Hab. nas vizinhanças de Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como adstringentes. Pouco usada.

TEUCRIUM SCORODONIA. L.

(T. silvestre. Lamk.)

Salva dos bosques, Falso escordio.

---

[1] Faça a colheita ao apontar da floração (*Pharmacopêa Portugueza*, 1876).

[2] Esta planta é reputada como possuidora de consideraveis virtudes pelos mais antigos auctores de *Materia Medica:* ha de admirar que muitos, ou a maior parte dos modernos não façam menção d'ella: é nomeada nas linguas de quasi todas as Nações da Europa; o que dá a entender que, não tendo uso nas artes, estes nomes lhes fossem dados pelo que teve em Medicina. (Dr. J. J. de Figueiredo—*Flora pharm.*)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como tonica, antisyphlitica, diuretica e antiscorbutica. Pouco usada.

TEUCRIUM SCORDIUM. L.

(T. palustre. Lamk.)

Escordio.

Hab. entre Coimbra e Buarcos, na Costa da Trafaria e em outros sitios.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como tonica e antiseptica. Pouco usado.

TEUCRIUM POLIUM. L. [1]

(T. Pseudo Hyssopus. Schreb.; Polium montanum album. Barr.)

Polio montano.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e Villa-Franca.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida.

Emp. como tonico [2]. Pouco usado.

AJUGA REPTANS. L.

(Bugula reptans. Lamk.)

Bugula, Consolda media.

---

[1] Variedades: α. vulgare. Bth.; β. montanum. Bss.; γ. purpurascens. Bth.

[2] Os Teucriuns que mais se empregam em Medicina são o *T. Chamaedry*, L. Herva Carvalhinha ou Carvalho pequeno, e o *T. Marum*, L. Herva dos gatos, ambos indigenas da Europa. O dr. Beirão na sua *Materia Medica* diz que podem ser substituidos pelas especies da nossa Flora. Ambos se empregam como tonicos.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos na parte septemtrional do paiz [1].

Flor. na primavera.

P. u. a planta florida.

Emp. como adstringente-amargo. Pouco usado.

(Continúa) ADOLPHO FREDERICO MOLLER.

---

[1] Esta planta foi omittida na *Flora Lusitanica* por esquecimento, como o dr. Brotero teve a bondade de me participar. (Dr. J. J. de Figueiredo — *Flora pharm.*)

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

ODE II[1]

Aos seus amigos

Recommenda o valor, a virtude e a fidelidade do segredo

Nas arduas lidas marciaes apprenda
O *robusto* mancebo
A supportar, amigos, os rigores
Da severa pobreza.
Temivel cavalleiro, a lança em punho,
Intrepido persiga,
Avexe os esquadrões dos feros Parthos.
Exposto de contínuo

---

[1] Apresentamos ainda terceira traducção da Ode XXV da Lyrica de Horacio ou II do seu livro segundo. Aos nomes de Manuel Mathias Vieira Fialho de Mendonça e André Falcão de Rezende junctamos o de José Augusto Cabral de Mello, illustre açoriano já fallecido.

D'este doutissimo latinista, que nasceu na Terceira a 22 de janeiro de 1793, escreve Innocencio Francisco da Silva no tomo IV do seu *Diccionario Bibliographico*, onde expõe a relação das suas muitas e variadas producções. E já antes o visconde de Castilho tinha na *Revista Universal Lisbonense* de 1842 prestado a devida homenagem ao gosto horaciano de seus escriptos, pelo qual se tornava benemerito da nossa lingua. Pela traducção completa das *Odes* de Horacio, que é de notavel merecimento, pertence o illustrado insulano á honrada classe de Elpino Duriense, Filinto Elysio e outros que trasladaram para portuguez a opulencia litteraria da Lyrica venusina.

Ás injurias do tempo, a vida passe
Em temerosos transes.
Tal se mostre que, visto da matrona
Do rei belligerante,
E da donzella destinada ás nupcias,
Lá dos muros imigos,
Entre suspiros, nestas vozes rompam:
«Ah! não provoque o regio
«Esposo, rude na mavorcia lida,
«Este leão sanhudo,
«Que rapido o furor leva cruento
«Por entre as mortandades.»
Doce e glorioso é perder a vida
Em defensa da patria:
Nem á morte veloz perseguidora
Escapar imagine
O covarde que foge, inda que o esforço
Da mocidade o leve:
Aggravam seu furor tímidas costas.
A virtude, que ignara
Sempre foi do que é sordida repulsa,
Resplandece nas honras
Sem a mais leve mancha: nem acceita
Nem depõe as secures
Por mero arbitrio do versatil povo.
A Virtude, franqueando
O céo aos dignos de existencia eterna,
Vereda trilha insolita:
Despreza as populares assemblêas;
Deixa a humida terra
No ar movendo as fugitivas azas.
Tem o fiel silencio
Premio seguro. Evitarei solicito
Morar na mesma estancia,

Ou embarcar no mesmo fragil pinho,
Onde se achar aquelle
Que os arcanos de Ceres revelara:
Muitas vezes tem Jove,
Castigando desprezos, confundido
Co'o culpado o innocente:
Raro é que a pena, ainda coxeando,
Não alcance o perverso.

José Augusto Cabral de Mello.

AS SAUDAÇÕES NO FINAL DAS CARTAS

Relendo, ha dias, a interessante correspondencia do immortal Benjamin Franklin, encontrei logo no principio uma notavel carta por elle escripta a A. M. Strahan, datada de Philadelphia aos 5 de julho de 1775.

Rezava assim a missiva:

«Sois membro d'esse parlamento *(inglez)*, e pertencieis a essa maioria que deliberou condemnar o meu paiz á destruição. Começastes a incendiar as nossas cidades e a matar os seus habitantes! Olhae para as vossas mãos; estão tinctas do sangue de alguns dos vossos parentes ou dos vossos amigos. Por muito tempo fomos amigos, vós e eu; *sois agora o meu inimigo, e tambem eu o sou de vós.* BENJAMIN FRANKLIN.»

Esta carta fez tamanha impressão na propria Inglaterra, que os jornaes a publicaram pouco tempo depois da sua data.

Inteiramente extranho, como é facil de crer, ás considerações politicas que por certo influiram em 1775 na apreciação calorosa d'aquelle documento, só me interesso por elle sob o ponto de vista da nobre franqueza, com que um grande homem dá de mão a formulas hypocritas e diz sem rodeios mentirosos — *sou vosso inimigo.*

***

Naturalmente me acudiu ao pensamento o contraste que tantas correspondencias dos nossos tempos apresentam com este memoravel exemplo, no tocante ás declarações com que se encerram as cartas.

No anno de 1851 publicava-se em Londres um periodico francez, que tinha por titulo: *Le Courrier de l'Europe.—Echo du Continent.*

Entre muitos excellentes artigos que alli encontrei alegrou-me um que tinha esta inscripção: *Formules Épistolaires*. D'elle conservo apenas alguns apontamentos: o que lastimo, por quanto desejava dar maior largueza á exposição que agora apresento. Força é contentar-me com o que muito resumidamente apontei.

Ao articulista fizera impressão desagradavel a exaggeração das formulas que em França estão em uso, para saudar a pessoa a quem no final das missivas se dirige a que escreve.

Disse — exaggeração —; mas em um grande numero de casos ha mais do que isso, ha fingimento, ha mentira, e até... ridiculo.

Vejamos uma serie de formulas.

***

J'ai l'honneur de vous saluer.

Por vezes succede saudar-se assim um homem, a quem se escreveu seccamente, ou a um homem a quem não é decoroso endereçar tão nobre comprimento.

Recevez l'assurance de ma considération distinguée.

Que um superior empregue esta formula para com um subalterno... póde admittir-se; mas que haja no amor proprio de um homem de pouca monta a audacia de assim escrever a quem está em alta posição: eis o que parece impossivel.

J'ai l'honneur d'être, avec respect, votre très humble et très obéissant serviteur.

Esta formula excitava o articulista a exclamar: «Oh!... grande luxo de civilidade, de humilhação é este, proprio dos infimos da ordem social, de empregados que pedem augmento de ordenado, ou melhoramento de collocação!»

Sendo empregada entre pessoas eguaes, ou por um devedor, torna-se um absurdo de marca maior.

Encontra-se amiudadas vezes nas declarações de principios de alguns candidatos á representação nacional no parlamento; mas

com maior frequencia nas cartas que as namoradas, de baixo cothurno, pedem que em seu nome se escrevam.

Votre très humble serviteur, votre très humble servante.

É frequentemente dirigida a uma pessoa, a quem nem ao menos se emprestaria um guarda-chuva, nem se faria o mais limitado serviço.

Ha exemplos de senhoras da alta nobreza, e de supino orgulho, assignarem sempre, ainda quando escrevem ao jardineiro: *Vossa muito humilde criada.*

«O meu senhorio, diz o articulista, quando escreve, do seu solar, ao seu guarda-portão em París, para que despeça um inquilino que não paga, ou para que mande concertar um telhado, assigna sempre: *Sou vosso muito obediente criado;* aliás com uma rubrica esplendida.»

Recevez mes salutations sincères, mes salutations empressées.

Quanto não é lisongeiro receber pelo correio saudações sinceras, saudações repassadas de solicitude! Que significação tem isto?

Abusam d'esta sinceridade de saudação graves empregados e opulentos banqueiros.

Comptez sur mon dévouement, ou *sur mon attachement,* ou *sur mon amitié,* ou *sur mon estime.*

Quando nesta formosa declaração ha sinceridade, recebe-se com alegria e reconhecimento; mas...

Tout à vous.

Quando excepcionalmente se emprega esta formula a determinada pessoa, é recommendavel por certo; mas se de contínuo for usada, converte-se em declaração mentirosa.

Os latinistas dizem: *Totus tuus;* melhor andariam, se escrevessem: *Tibi totus.*

***

Votre affectionné.

Significando que nos é affeiçoada a pessoa a quem escrevemos,

parece inculcar uma certa presumpção, com a tal ou qual demasia de confiança.

É expressão de verdade o reciproco emprego d'esta formula entre duas pessoas que têm affeição uma á outra. Luiz Filippe, quando escrevia a Guizot, dizia sempre: *Votre affectionné;* e de crer é que este escrevesse o mesmo em resposta áquelle; sendo assim por excepção, sincera parece esta formula entre ambos.

Sosthène de la Rochefoucaut, quando escrevia a sua filha, punha sempre: *Ton père chéri*. Era um excesso de confiança no amor filial que elle inspirava.

Cicero rematava as suas admiraveis cartas com o *Vale*.

Certas summidades universitarias, as dos seminarios, e em geral os ecclesiasticos, fazem demasiado uso d'esta formula ciceroniana.

O celebre actor Lekain terminava as suas cartas, á maneira de Henrique II e Francisco I: *Que Dieu vous garde*.

O grande Talma expressava no corpo da carta o que o coração lhe dictava; mas, prescindindo de saudações ostentosas, limitava-se a assignar o seu nome.

M.elle Clairon rematava muitas vezes, escrevendo: *Aimez-moi longtemps*.

M.elle Mars adoptou ultimamente estas tres palavras: *Adieu, joie et santé*.

O auctor de *M.elle de Belle-Isle* expressava laconicamente a sua affeição singela para com os amigos, escrevendo: *Á toi, cher,* ou *Á vous, cher*.

Victor Hugo, dizem, prodigalisa este teor de saudação: *Tibi toto corde*. Um autographo que contivesse esta formula, sendo reservada para intimos, seria uma preciosidade.

Salut et fraternité. Formula republicana excellente, applicada aliás com discrição, e não extensivamente a todo o genero de individuos, mas restricta a pessoas respeitaveis.

***

Não me quero despedir do assumpto (oxalá não pareça elle menos grave!) sem recordar algumas das formulas que o meu predilecto padre Antonio Vieira empregava no final de suas preciosas *Cartas*.

Escrevendo ao Marquez de Gouvêa, assignava: *Capellão e menor criado de vossa excellencia.*

A D. Rodrigo de Menezes: *Criado de vossa senhoria.* (Depois de no texto dizer: «Deus guarde a vossa senhoria muitos annos, como eu lhe desejo, e peço em todos os meus sacrificios, e os criados de vossa senhoria havemos mister»).

Ao conego Francisco Barreto: *Humilde e obrigadissimo servo.*

A Duarte Ribeiro de Macedo: *Capellão e criado de vossa senhoria.*

Ao Geral dos Jesuitas, João Paulo Oliva, em Roma: *De vossa paternidade reverendissima humilissimo, devotissimo, e obrigadissimo servo.*

Ao Duque de Cadaval: *Criado de vossa excellencia, Antonio Vieira.* (Depois de haver dicto no corpo da missiva: *Deus guarde a excellentissima pessoa de vossa excellencia, como o reyno de Portugal em toda a parte, e os criados de vossa excellencia havemos mister*).

***

¿E a conclusão?

Alguem disse: *A palavra foi-nos concedida para encobrir o pensamento.*

Mas por certo dirão os leitores: Ainda no final das cartas cumpre arredar a inspiração d'aquelle enunciado, que a consciencia humana reprova e condemna.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

LAMARTINE [1]

(Artigo do sr. G. y J., extrahido do *Correyo Nacional*, de Madrid)

Por certo que é bem para admirar que nestes tão malfadados tempos de scepticismo e de revoltas haja ainda quem falle linguagem de paz aos povos e linguagem de religião aos homens! Qual genio é este que tanto se extrema em tão aziagos tempos? É um poeta que dá honra á sua nação, é Lamartine.

Infeliz humanidade, que mal pódes dar ávante um passo sem te deixares levar de rasto por violentas reacções! D'esse mesmo lodaçal da revolução, que manchou com sua historia terrivel os derradeiros annos do seculo passado, havia já surgido um outro homem, que, voltando as costas aos tribunos, impoz a si proprio, qual outro Platão, a lei de um ostracismo sublime. E essa protestação contra a revolução foi a primeira e uma das mais brilhantes paginas da moderna litteratura franceza; e Chateaubriand, que é uma d'essas almas profundas e vehementes, uma d'essas organisações concentradas e vigorosas, fortes, porque tem o cunho da superioridade, isoladas, porque lhe sobra em si cabedal de intelligencia, que a Deus (e mais se aviva a crença em Deus quando se nos deparam estas almas) que a Deus aprouve lançar no meio das tyrannias sociaes para opposições gloriosas; Chateau-

---

[1] Como publicámos os *elogios* de antigos socios do Instituto de Coimbra, *elogios* dispersos por outros jornaes, accrescentamos tambem agora alguns artigos litterarios dos mesmos socios, principiando por esta traducção do sr. Francisco Antonio de Mello, que foi inserta no tomo primeiro da *Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica* (1840), jornal hoje rarissimo.

briand, que lidou por afogar a memoria das fogueiras e dos cadafalsos ante a immensidade da natureza e entre as tempestades do oceano, Chateaubriand inaugurou a nova era da poesia europea nas solidões profundas e nas praias sonoras do continente americano.

Uma mulher no sexo, homem colossal no genio, M.me de Staël concorreu para esta grande obra. Mas ai! a illustre proscripta do imperio, ao qual serviu Chateaubriand por uma apparente contradicção comsigo mesmo, a historiadora moral da Allemanha moderna, já não existe: e o escriptor monarchico, que talvez deu forças á revolução oppondo-se a ella, o homem, que voltou os olhos a encarar o passado para os desviar do presente, o peregrino que foi ler o Homero sobre as margens do Eurotas e sentar-se com a Biblia na mão a ver correr as aguas do Cedron, conta apenas um discipulo digno d'elle na França de hoje. O auctor das *Meditações poeticas* é o rival do cantor dos *Martyres*.

Ambos são representantes d'uma mesma eschola: nem nos afoutaremos a dizer qual d'elles merece a palma; mas é certo que Lamartine conta menos annos, e encetou seus cantos quando já a revolução amortecida deixou de ser apaixonada, vingativa e injusta. E é mister ter isto muito em conta para avalial-os a ambos. Além de que, se Chateaubriand é o S. Paulo do novo Evangelho, Lamartine é o poeta por excellencia. Cumpre porém advertir que, não sendo nosso intento fallar da litteratura franceza em geral, para o que fôra necessario percorrer a historia da philosophia, não mencionaremos de proposito outros escriptores e poetas discipulos da mesma eschola, ou pertencentes a outra mais ligada com os principios da revolução. Entre estes ultimos contamos a Victor Hugo, escriptor de uma imaginação assombrosa, extravagante ás vezes na verdade, mas que sempre abala e surprehende: sua eschola querem alguns que seja a verdadeira eschola moderna; é certo que em suas obras ressumbra um fundo de scepticismo apaixonado e descontente, como de quem sente a necessidade das crenças, mas é um scepticismo que traz de envolta as

fezes amargas da incredulidade antiga com o licor saudavel da fé social que resuscita. Na ordem logica das idêas parece-nos mais moderna a eschola de Lamartine, e por consequencia mais adeantada que a de Victor Hugo. Poeta por poeta alguem achará razão em preferir o ultimo, mas nós, escutando o que nos sôa no coração, encontramos ahi fortes motivos de preferencia pelo primeiro. Quando qualquer ajuiza para os outros segundo seu modo particular de sentir, cahe para com estes em mui errados juizos; mas quando ajuizamos para nós mesmos, sempre o nosso juizo é mui seguro.

Ah! certamente, e quão deleitoso é o orvalho de affectos melancolicos e suaves que a poesia de Lamartine nos esparge na alma transportada! Que imagens deliciosas se nos espraiam por deante dos olhos ao curvarmos a cabeça debaixo do feiticeiro talisman do poeta! Que vagas, que puras, que aereas, que indefiniveis harmonias as que derrama sua harpa divina em nossos ouvidos! Que pensamentos sombrios e atormentadores fogem como feridos de esconjuro ao echo d'aquella voz que até no meio dos prazeres não soffre calar gemidos! Porque tal é o character da poesia de Lamartine, a melancolia, e resignação, e esperança, e todos os affectos suaves, e todas as emoções ternas, e tudo emfim quanto póde inspirar consolo. Quer seus cantos versem de amor, quer se entregue á contemplação da natureza, ou se detenha em seu caminho glorioso deante das instituições sociaes, ou pergunte aos povos qual é sua sorte, e á humanidade qual tem de ser seu porvir, a sua palavra é sempre a palavra das crenças, a sua poesia é sempre uma especie de religião dos sentimentos humanos. Se se recosta no regaço da sua amada, uma nuvem de castidade purissima encobre seus raptos voluptuosos; se se perde pelos bosques da sua patria, ou se deslisa em barca solitaria pelos golfos de purpura da Italia, as suas descripções se embebem de um sentimento tão suave, que até realçam e embellezam a formosura da natureza que nos pinta, e nos transporta a um mundo mais encantador. Se corta por sobre a vastidão dos mares, então o poeta

ergue os olhos ao céo, ahi busca por elle todo a idêa da immensidade, da eternidade e da divindade, se é que de idêas lhes cabe o nome. Vel-o-eis depois subir como a aguia á cumiada dos montes, querer esforçar seu vôo até ir tocar no céo, chamar por Deus e dizer-lhe: *aqui estou, Senhor, vêde-me*. E quando, acordado d'estes extasis e ao volver de tão sublimes contemplações, desce do mundo da sua imaginação á terra que piza, e cessa de fallar com Deus e com os anjos e com a natureza e comsigo *mesmo*, para fallar com os homens; então que diz o poeta? Crê menos porque os mais não cream tanto? Sente menos porque os outros não sintam tanto? O espinho da duvida ter-lhe-ha acaso pungido a alma, ou alguma das suas molas divinas será susceptivel de quebrar-se ao estremeção das revoluções humanas? Avezar-se-hão seus olhos ao espectaculo da miseria e da desgraça? Não: não por certo, que elle se estriba em sua fé; a fé é o seu escudo, é o remedio que elle offerece para os outros homens, nem se levará de temor, nem vacillará. Sua cabeça distingue-se levantada por cima de todos os monstros, seu braço alcança derrubar todos os idolos. Apostolo, vel-o-heis prégar a religião no meio dos destroços dos altares por onde se arrasta a vibora ascosa e peçonhenta de uma incredulidade miseravel; philosopho, sobre as ruinas dos thronos onde resoa o alarido de crimes revolucionarios, ahi o vereis invocar a monarchia; poeta, emfim, vel-o-heis cortar resoluto e magnanimo por entre todas as tyrannias sociaes, e entoar o hymno magnifico da liberdade dos homens e da emancipação dos povos. E por isso é que todos lhe prestam culto: com tamanha fé na virtude e na gloria, com tamanha fé para com Deus e para com a humanidade, é que o poeta religioso e social construe e levanta, até onde alcançam suas gigantes forças, o alicerce enorme para o sumptuoso templo da civilisação europea e da civilisação universal.

Grande e mui nobre é sempre o destino dos poetas; mas o destino do poeta que aos cantos que solta da lyra faz accordar uma sociedade do torpor em que a haviam adormecido os seus passados delirios, do poeta que com um magnetismo sublime con-

segue dar alentos e mover o cadaver de uma sociedade atolada no scepticismo, o destino d'este poeta é o mais brilhante de todos os destinos.

Lamartine em suas *Meditações* e em suas *Harmonias,* que devidamente lhe hão grangeado o titulo de primeiro poeta da França, e um dos primeiros do mundo, conversando muito com a sua alma e com o universo que o rodeia, tem dirigido algumas vezes sua dolorosa eloquencia aos grandes homens do seu seculo, por ventura porque sabe que, fallando com os grandes homens, falla tambem com a humanidade. Lamartine em seu *Jocelyn* desenhou o painel de todos os sacrificios moraes que a Deus e á virtude póde render uma alma grande, que se dóe de ver profanar a virtude e de ouvir negar a Deus. Jocelyn é o christão fervoroso no meio de uma grande revolução moral. Lamartine na sua — *Viagem ao oriente,* que tambem é poesia, foi procurar o christianismo aos logares sanctos, para tornar a enxertal-o puro como em sua origem na religião renascente d'estes nossos dias; e se não pôde fazer uma epopea completa, fez ao menos um grande ensaio, e rompeu um novo caminho á epopea religiosa e christã na — *Quéda de um anjo*. Tudo isto coube a Lamartine. Comprehendeu maravilhosamente a grandeza da sua vocação e o espirito da philosophia, que principia a brilhar como um anjo que baixa dos céos na tormentosa noite das revoluções; e comprehendeu-o por instincto, como o comprehende todo o genio. Ao reclamo de uma sociedade que lhe implorou a paz, religião e consolo, acudiram logo os primeiros accentos da sua voz consoladora de paz e de religião. Entranhado no espirito da Biblia, versado na antiguidade classica, criado aos peitos d'essa musa espiritual e sublime, que desde os confins da Allemanha se extendeu por sobre as azas da Providencia para amainar as tempestades sociaes da Europa, o poeta francez sem abjurar as consequencias de uma revolução, que foi necessaria quando veio ao mundo, acertou em surprehender o segredo de uma reacção salvadora.

Forçoso é reconhecer na poesia de Lamartine o character e as

propensões naturaes da intelligencia do homem neste seculo. Todos os poetas, assim como todos os escriptores representam por algum modo a sua epocha; porém alguns ha, e estes são sem duvida os mais abalisados, e são por assim dizer as magnificas personificações da historia moral do genero humano, que, apoderando-se de um pensamento social, e apropriando-o a si e desenvolvendo-o em suas obras, legam nellas ás gerações o resumo de tudo quanto uma geração ha pensado, de tudo quanto uma geração ha sentido.

Esta poesia triste, meditabunda, vaga, religiosa, que tão sonora nos entra na alma, que exprime tudo e a tudo abrange, costumes, crenças, sentimentos e instituições; esta metaphysica, se por ventura é permittido valer-nos d'uma expressão atrevida, esta metaphysica de imaginação, que se recreia com um pensamento e o enfeita com suas luzes mais claras, e encobre com suas côres mais sombrias, esta poesia é aquella que, ajudada da sciencia dos philosophos modernos, ha de encher em grande parte o coração vazio dos homens e dos povos, já sofrego de esperança, já prompto para recobrar o que havia perdido, as crenças. Extasi venturoso de um porvir, que a sociedade ha de ver realisado; quando não, perece. Do que agora mais carece a sociedade é de repouso. Lamartine é um echo d'esta necessidade, e os cantos d'este poeta, que não volveu inutilmente seus olhos tristes e penetrantes por essa sociedade em que vive, são um profundo e continuado gemido, são ais que lhe arrancam da alma a esperança, e a sofreguidão de que com cedo lhe madruguem mais apraziveis dias de ventura. E não nos passe advertir mais no juizo que fazemos de Lamartine: ao produzir por meio de suas poesias o pensamento social que tem concebido, encobriu-o com as fórmas levissimas da sua phantasia, involveu-o com a pureza de sua inspiração, e insinua-o com a ternura e castidade de seus sentimentos. Isto é precisamente o que constitue o character peculiar do poeta.

Este poeta devia nascer na França, no campo de discussão de toda a Europa. Alli, nessa nação, onde se debatem todos os principios, em que lutam todos os interesses dos povos, alli é onde

devia assomar o homem que as nações deviam escutar. O theatro dos extravios é o logar mais apropriado para o arrependimento, e os grandes estímulos sociaes da epocha tambem estão alli. Sua gloria! A gloria do poeta! Quem ha ahi que a desconheça? Não é esta por si já uma crença? Não é certo que o facho da immortalidade esclarece e abrilhanta o nome glorioso que se dilata e que vive na posteridade dos seculos? *Eis-me aqui,* póde tambem dizer Lamartine aos scepticos que não crêem em sua gloria.

Lamartine tem grandes defeitos, e, se os não tivera, não fôra grande poeta. O character da sua poesia é sem duvida monotono, que a tempera de sua alma não é para sensações fortes ou impetuosas. As affeições ternas são o manancial mais fecundo de suas inspirações; mas apezar d'isto sobra-lhe vehemencia e enthusiasmo a ponto de se deixar apossar de indignação e desespero, e nestes mesmos transportes é sempre grande e elevado sempre. Pelo que diz respeito á sinceridade de suas crenças, seja-nos permittido dizel-o, transluzem de vez em quando em suas obras uns visos de hypocrisia; assim não poucas vezes se dá por vencido na lucta em que se empenha, e mais ainda na do pensamento do que na das paixões; mas já é bastante quando o homem reconhece que crê. O mais certo é que os homens que duvidam estão sempre dispostos a crer que os mais tambem duvidam, e se dão um parabem de vaidade e de similhança reciproca quando surprehendem o espiritualista a resvalar no scepticismo, o crente a vacillar, e o christão a raciocinar.

As fórmas que tanto realçam o matiz de sua poesia, e que nós apreciamos pelas maiores bellezas de Lamartine, têm sido reprovadas por algum litterato da sua nação. Porém, com quanto convenhamos não serem ellas um modelo de imitação, que por incorrectas e indeterminadas carecem da precisa regularidade e perfeição, todavia as suas poesias não podem nem devem ter diversas fórmas das que têm; pois que, não sendo estas mais do que a incarnação do pensamento poetico, por força que hão de participar de sua natureza. E porque a inspiração d'aquelle poeta é essen-

cialmente indecisa, fluctuante e abandonada, não só é bem natural que suas fórmas tambem o sejam, mas tambem é certo que essa mesma vagueação de affectos, que constitue um dos mais distinctos dotes do seu talento, lhe accrescenta maior encanto á conformidade da expressão.

Não estão tirados á regua os delineamentos e perfis do edificio de suas composições, nem tão pouco estão compassados, nem bem se percebem por apagados; por isso é que são mais bellos. Assim se entretecem, se tramam e se cruzam em agradavel conjuncção os objectos vistos a meia luz. Esse apparente abandono da arte, que não é esquecimento nem falta d'elle, mas sim a facilidade da inspiração que nol-o occulta, é precisamente um dos mais deliciosos effeitos que nos entranha na alma a leitura de Lamartine, é onde precisamente se esconde a magia que mais nos seduz. Finalmente, algumas composições ha d'este poeta que mal poderemos dizer como estão feitas: não se lêem, mas por si se vão deslisando pela mente com inexplicavel brandura: são iris encantados que apparecem e desapparecem, sem saber-se como, nos céos da phantasia: são perfumes aereos que involvem nossa intelligencia: são nuvens impalpaveis que passam por deante dos olhos da nossa alma, e se esvaecem por sua propria virtude no momento em que imos a abraçal-as. Conviremos embora que a fórma d'estas composições será um defeito, mas é um defeito admiravel.

O leitor desculpará este juizo succinto, que hemos encetado meramente preoccupados de admiração por Lamartine, e sem que nos houvessemos proposto formal-o com aquella reflectida meditação que sem duvida requerera maior espaço e consideração.

FRANCISCO ANTONIO DE MELLO.

---

*

LE PERCEMENT DE L'ISTHME DE PANAMA AU SEIZIÈME SIÈCLE

Mémoire envoyé à la Société de Géographie de Lisbonne par Antonio Pereira de Paiva e Pona, et présenté à la commission de statistique du congrès international du canal interocéanique par Son Excellence le Ministre de Portugal à Paris, M. José da Silva Mendes Leal, délégué de la Societé de Géographie de Lisbonne, président d'honneur de la susdite commission.

Le 15 mai prochain un congrès international aura lieu à Paris, dans le bnt d'étudier les moyens de réaliser le percement de l'isthme de Panama.

Les avantages qui en résulteront pour le commerce du monde entier sont évidents. Ce trajet immense qu'on fait le long des côtes de l'Amérique du Sud, pour passer dans le Pacifique, sera raccourci des deux tiers. Dès le seizième siècle on y avait déjà pensé, et ce fut un écrivain portugais qui aborda, le premier, cette saisissante question.

On lit dans l'article *Panama* du *Dictionnaire universel* de Larousse, auquel j'ai emprunté plusieurs renseignements sur les projets de percement dernièrement mis au jour:

«Depuis longtemps il est question de percer par un canal l'isthme qui relie les deux Amériques. Dès 1528, quelques années après l'arrivée de Cortez au Méxique, un navigateur portugais, Antonio Galvão, proposait à l'empereur Charles Quint de faire ouvrir une communication interocéanique, possible, affirmait-il, sur quatre points principaux, et, ce qu'il y a de très curieux, c'est que les points qu'il indiquait sont ceux qui aujourd'hui réunissent le plus de suffrages. Toutefois, le projet de Galvão ne parut point digne alors d'attention aux hommes pratiques, et il fallut des siècles, avant qu'il revînt au jour.»

Alvaro de Saavedra, navigateur espagnol, fut le premier qui s'avisa de proposer le percement de l'isthme. La mort l'empêcha de poursuivre ses démarches pour l'éxécution de son idée.

D'ailleurs, l'idée de chercher le plus court chemin entre deux points vient tout naturellement; c'est, pour ainsi dire, une idée innée à l'homme.

Cependant, la gloire de proposer les quatre tracés, les plus réalisables, était réservée à Galvão, et l'on trouve dans ses écrits des détails à cet égard, que l'on ne saurait espérer d'un écrivain si peu connu et consulté, même de nos jours, ainsi que le fait observer M. Ferdinand Denis, dans la *Biographie universelle* du Dr. Hoeffer.

Antonio Galvão, navigateur et cosmographe distingué, fut nommé capitaine général des Moluques en 1536. Il y travailla, de son mieux, pour l'agrandissement de l'empire portugais dans ces parages lointains.

De retour en Portugal, il s'occupa de réunir dans un précis l'histoire de toutes les découvertes géographiques, depuis les temps les plus reculés jusqu'à l'an 1550. Ce livre, dont il y a eu deux éditions, est aujourd'hui extrêmement rare.

Quand, il y a trois ans, il fut question sérieuse du percement de l'isthme, la commission de géographie commerciale de Paris s'adressa à la commission centrale de géographie de Lisbonne, en la priant de vouloir partager ses travaux. La commission parisienne envoya, en même temps, une synopse des études faites, et une relation des ouvrages y concernants. Dans cette relation aucun ouvrage d'auteur portugais n'était mentionné [1].

---

[1] M. Luciano Cordeiro, remplissant alors les fonctions de sécrétaire de la commission centrale géographique du ministère de la marine, en répondant à la commission française lui fit part de l'existence de l'ouvrage de Galvão.

Quelques années auparavant, en 1867, M. Mendes Leal avait communiqué la pièce qui fait le sujet de mon mémoire à un ingénieur français spécialement chargé d'étudier la coupe de l'isthme, et venu exprès à Lisbonne pour

Notre regretté écrivain M. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos se proposa de remédier à cette omission. Il parvint à acheter un exemplaire du livre de Galvão, et l'envoya à Paris. M. Teixeira de Vasconcellos lui-même s'était déjà rapporté à Galvão, en 1859, dans son précieux ouvrage *Le Portugal et la Maison de Bragance*, pag. 546, où il écrit ces quelques lignes:

«L'idée de couper l'isthme de Panama vient en 1527 à un navigateur espagnol; mais elle est tellement connexe avec les entreprises de Magalhães, que l'écrivain portugais Antonio Galvão la consigne dans ses écrits en proposant quatre endroits pour opérer la section de l'isthme.»

Le livre de Galvão est intitulé: *Tratado dos diversos e desvairados caminhos por onde nos tempos passados a pimenta e especiaria veyo da India ás nossas partes e assim dos descobrimentos antigos e modernos que sam feitos em a era de 1550. Lisboa em casa de João da Barreira 1563–8.°*

C'est-à-dire: *Traité des diverses et détournées voies par lesquelles dans le temps ci-devant passé le poivre et l'épice est venue de l'Inde dans nos terres, et des découvertes anciennes et modernes faites jusqu'à l'an 1550. Lisbonne chez João da Barreira 1563.*

Il y en a deux exemplaires à la «Bibliotheca Nacional de Lisboa.»

Ce livre était même, une cinquantaine d'années après sa première édition, devenu si rare que, lorsque Richard Hakluyt, qui en possédait une traduction anonyme, faite par un tel *honest english merchant,* entreprit la publication de l'original, il fit pendant douze années beaucoup de frais, en envoyant exprès à Lisbonne, pour s'en procurer une copie, sans y réussir [1].

---

consulter cet ouvrage. Malgré toutes les remontrances de notre part, les ingénieurs étrangers, dans leurs longs rapports et compte-rendus, ont continué à plonger dans le plus profond oubli le nom de Galvão.

[1] Selon M. Ricardo Pinto de Mattos, *Manual Bibliographico Portuguez*, un exemplaire de cette édition, appartenant à la bibliothèque Gubian, fut vendu à Oporto, le mois de novembre 1867, 106$000 réis, six-cents francs environ.

La traduction de Hakluyt fut publiée à Londres, une seconde fois, il y a peu d'années, sous ce titre:

The discoveries of the world, from their first original unto the year of our Lord 1555, by Antonio Galvano governor of Ternate. Corrected, quoted and published in England by Richard Hakluyt (1601). Now reprinted with the original portuguese text: and edited by Vice-Admiral Bethune C. B. London, printed for the Hakluyt Society, 1862, in–8.°

M. Richard Henry Major, le savant auteur de *The Life of Prince Henry of Portugal,* fut plus heureux dans les recherches où Hakluyt avait échoué. M. John Caster Brown, de Providence, Rhode Island, lui prêta un exemplaire, qui servit à la reproduction du texte portugais de l'édition de l'amiral Drinkwater Bethune, dans la collection Hakluyt.

La première édition anglaise, Londres 1601, in–4.° goth., elle aussi, est devenue si rare, que M. Brunet dans son *Nouveau Dictionnaire Bibliographique* en cite deux exemplaires vendus, l'un 4 liv., l'autre 8 liv. M. Brunet ajoute que cette traduction a été réimprimée dans la collection des voyages, publiée chez Osborne.

Le livre de Galvão eut une nouvelle édition à Lisbonne, 1731, presque aussi rare que la première. D'après Innocencio, le bibliographe portugais, cette édition aurait été presque entièrement détruite lors de l'épouvantable tremblement de terre, qui ravagea la capitale du royaume, le 1.er novembre 1755. C'est de cette édition que je transcris le morceau qu'on y peut lire pag. 72:

«Vendo Sayavedra que o tempo era mais a seu proposito, se fez á vela na volta da terra, e Isthmo da cidade de Panama, por não ser mais que dezesete ou dezoito leguas em largo, onde podiam descarregar o cravo, e mercadoria que levava, e em carretas iria por campinas quatro leguas, até o rio Lagre, que dizem ser navegavel, e desembocca no mar do Norte, junto de Nombre de Dios, onde estão naos de Castella, que as podia levar a elle em mais breve tempo e caminho menos perigoso que do Cabo de Boa Esperança: porque de Maluco a Panama sempre vão por entre o Tro-

pico em a Linha, mas nunca puderam achar vento, nem tempo para cumprir este desejo; pelo que se tornaram a Maluco assaz tristes, por Sayavedra ser fallecido, do qual diziam que levava em proposito de fazer com o Imperador que mandasse abrir esta terra de Castella do Ouro e Nova Hespanha de mar a mar; porque se podia fazer por quatro logares, que é do golfão de S. Miguel a Uraba, em que ha vinte e cinco leguas de travessa, ou de Panama ao Nombre de Dios em que ha dezesete, ou pelo Sangradouro de Nicaragua, que começa em uma alagoa tres ou quatro leguas da parte do Sul, e vai sahir a agua d'ella ao Norte, por onde navegam barcos e navios pequenos. Ha outro passo de Tagante para o rio de Vera Cruz: que tambem se podia abrir estreito; e se se fizesse, navegar-se-ia das Canarias a Maluco por baixo do Zodiaco, clima temperado, e em menos tempo, e com menos perigo, que pelo Cabo de Boa Esperança, nem Estreito de Magalhães, nem terra dos Corte-Reaes, ainda que se nella achara estreito ao mar da China, como se já buscara.»

En voici la traduction: «Comme Sayavedra vit que le temps lui était un peu plus favorable, se mit à la voile, en demandant la terre et Isthme de la Ville de Panama, parce-qu'il n'y a plus de dix-sept ou dix-huit lieues en largeur, où l'on pourrait décharger le girofle et les marchandises qu'il apportait, et ensuite seraient portées, dans l'intérieur, en charettes jusqu'au Lagre, que l'on dit navigable, et qui se jette dans la mer du Nord, près Nombre de Dios, où sont les galions de Castille, qui pouvaient les emmener dans un plus court délai, et par une voie moins périlleuse que celle du Cap de Bonne Espérance: parce que de Maluco à Panama ils vont toujours entre les Tropiques sous la Ligne, mais ils ne purent jamais trouver le vent ou l'occasion pour accomplir leur désir; ils retournèrent par conséquent à Maluco assez tristes, à cause de la mort de Sayavedra, duquel on disait, qu'il se proposait de résoudre l'empereur à faire ouvrir cette terre de Castille de l'Or, et Nouvelle Espagne, d'une mer à l'autre, ce que l'on pourrait faire sur quatre points, c'est-à-dire du golfe de San Mi-

guel à Uraba, où il y a vingt-cinq lieues de traversée, ou de Panama à Nombre de Dios, dix-sept lieues, ou par le Sangradouro de Nicaragua, lequel commence dans un lac trois ou quatre lieues du côté sud, dont l'eau s'écoule vers le nord, sur lequel naviguent des bateaux et de petits bâtiments. Il y a encore un autre passage de Tagante, vers la rivière de Vera Cruz, où l'on pourrait ouvrir un détroit, et, si on le faisait, on naviguerait dès les Canaries à Maluco (Moluques) sous le Zodiaque, zone tempérée, en moins de temps, et avec moins de danger que par le Cap de Bonne Espérance, ou par le Détroit de Magellan ou le long de la Terre des Corte-Reaes, quand même on aurait trouvé de ce côté-ci un détroit pour la mer de Chine, comme on l'a déjà tenté.»

Une foule de projets ont été proposés dans ces derniers temps, néanmoins on peut classer tous ces projets en quatre groupes, qui sont tout-à-fait d'accord avec les indications du chroniqueur portugais. En 1780 Nelson préconisait l'idée de percer un canal par le Nicaragua. En 1804 l'illustre Humboldt visita l'Amérique Centrale, et étudia sur les lieux la question de faire communiquer artificiellement les deux océans.

Il présenta cinq tracés, qui tous, le premier excepté, sont signalés dans l'ouvrage de Galvão. Le premier unirait l'Atrato, rivière de l'état de Cauca (Colombie), au Naonama. Le second irait du golfe de Darien (Uraba) au golfe de San Miguel. Le troisième du Goazoacoalco qui se jette, près la ville de Minatitlan, dans la baie de Goazoacoalco, à l'est de Vera Cruz (et très vraisemblablement la rivière de Vera Cruz de Galvão) à Tehuantepec (Tagante). Le quatrième, coupant l'isthme dans sa partie la plus étroite, de Chagres, à l'ouest et à côté de Aspinwall, à l'embouchure du Chagres, évidemment le *rio Lagre,* qui *se jette dans la mer du nord, près Nombre de Dios (Chagres?) où sont les galions (naos) de Castille,* à Panama. En effet, Chagres et Aspinwall sont sur une baie, qui porte encore le nom de Baie de las *Naos* ou de Limon.

Le cinquième tracé de Humboldt irait de San Juan de Nica-

ragua (Grey-Town) au Pacifique, en traversant le lac de Nicaragua. Ce dernier chemin suivrait le cours du San Juan del Norte, ce *Sangradouro* dont nous parle l'écrivain du seizième siècle. *Sangradouro* (déversoir) veut dire un canal qui déverse un lac, ou qui détourne le cours d'une rivière. En effet, le San Juan del Norte établit une communication entre le lac et la Mer des Antilles.

En tenant compte de l'extrême rareté du livre de Galvão, on peut assurer que ni Nelson ni Humboldt ne l'ont jamais lu; et pourtant l'accord entre leurs tracés et ceux de Galvão est très frappant. On peut donc ajouter foi au *Nihil sub sole novum* de Salomon.

Une commission de savants américains, instituée en 1870 par le Congrès des États-Unis, explora l'isthme entier depuis Panama jusqu'à Tehuantepec. Encore ce Tehuantepec, encore ce *Tagante*, qui malgré son éloignement de la contrée centrale de l'isthme ne put se dérober à l'œil perçant du savant cosmographe portugais.

Parmi de nombreux projets de canal par Tehuantepec on considère comme le plus avantageux celui du général Orbegoso. Il commencerait à l'embouchure de la rivière de Goazoacoalco, et en se dirigeant vers le sud avec une inclinaison légère vers l'ouest, il aboutirait à Salina Cruz à peu de distance de Tehuantepec.

En 1865, M. Lucien de Puydt fit le tracé d'un canal entre le golfe de San Miguel et le port Escondido, dans le golfe de Uraba, en suivant le cours de la Tuyra. Ce tracé aurait l'avantage de détourner les difficultés orographiques, auxquelles on aurait affaire à Panama, et qui ne sauraient être résolues que par le creusement d'un immense tunnel.

Enfin, toutes les études sur ce colossal ouvrage, dont le congrès international interocéanique va être saisi tout incessament, ne diffèrent guère des tracés de Galvão.

Au commencement du dix-septième siècle (1614), un autre portugais, devancier de Cook dans la Mer du Sud, mourait à Panama, songeant aux avantages qui résulteraient pour le commerce

de la communication entre ces contrées et les Nouvelles Hébrides, qu'il venait de découvrir.

Cet homme, Pedro Fernandes de Queiroz, dont la conviction exaltée, persévérante, infatigable, rappelle celle de Colomb, cet homme remarquable, lui-aussi, il avait à cœur la même entreprise. Il envoya plusieurs mémoires au roi d'Espagne, sollicitant des moyens pour mettre à execution ses trop vastes projets sur ce continent austral, qui était le but constant de ses expéditions.

Dans la *Copie de la requête présentée au roi d'Espagne sur la découverte de la cinquième partie du monde appelée la terre australe incogneue et des grandes richesses et fertilité d'icelle. Paris, 1617, in-12.°*, traduction d'un de ses mémoires, il fait preuve de sa prévoyance, et de la grandeur de ses vues.

«Le temps, dit-il, montrera et fera voir toutes ces commodités, et qu'en ce lieu pourra être la décharge de toutes celles des pays de Chili, Pérou, Panama, Nicaragua, Gautemala, de la Nouvelle Espagne, de Ternate et des Philippines, tous lesquels pays sont en la puissance de Votre Majesté; et si elle s'acquiert la seigneurie de toutes celles que je lui présente maintenant, j'en fais tant d'état que j'estime qu'elles seront comme la clef de toutes ces autres; qu'elles seront, à mon avis, comme un royaume de la Chine ou du Japon et les autres iles qui sont à cette côte de l'Asie, pour la négociation des marchandises curieuses et précieuses, sans parler de l'étendue de votre puissance et de l'établissement que vous pouvez faire par la possession d'un si grand pays. Ce que je dis est peu au regard de ce que j'estime par moi de ces pays-là, et que je suis prêt de faire voir en la présence des mathématiciens.... Plaise donc à Votre Majesté, parmi tant de moyens que vous avez à la main, en ordonner quelqu'un, et que je puisse avoir enfin le succès de mes désirs, vous assurant que vous trouverez mes propositions justes, et que je vous donnerai satisfaction en tout.»

Ses mémoires sont pour la plupart inédits. D'après les *Voyageurs anciens et modernes* de M. Edouard Charton, la Bibliothèque na-

tionale de Paris possède deux des huit mémoires sous le n.° 878–879. Ils ne sont point portés au catalogue, parce qu'ils se trouvent insérés parmi plusieurs pièces diverses étrangères aux voyages. L'un de ces deux-là porte le titre de *Descubrimientos de Queiroz*. Peut-être y trouverait-on des données qui permissent de constater ce point.

Queiroz, en homme d'une constance et d'une opiniâtreté indomptable, en parfait connaisseur de ces contrées, où il a longtemps séjourné, et où il est mort, cet homme, dis-je, aurait dû comprendre, à coup sûr, la possibilité d'une telle entreprise. On ne peut douter qu'il ne caressât pendant toute sa vie une idée qui nécessairement a dû poindre, pousser dans son esprit.

Sans la jalousie d'une nation, qui était la dominatrice, sans ce malheur qui atteint le génie, Queiroz était un homme à réaliser ses projets. «Queiroz et Mendana, dit Malte-Brun, furent les derniers héros de l'Espagne, avec eux s'éteignit cet esprit entreprenant, qui avait conduit les Colomb aux Antilles, et les Cortez dans les palais de Montezuma.

Oporto, 18 avril 1879.

ANTONIO PEREIRA DE PAIVA E PONA,

Alumno da Eschola Medico-Cirurgica do Porto.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

Ensaio de estudos praticos de litteratura por José Silvestre Ribeiro.— Lisboa, 1880.

O ex.mo conselheiro de estado sr. José Silvestre Ribeiro, desde muitos annos altamente conceituado como escriptor erudito e summamente benemerito da instrucção popular, publicou ha dois mezes um interessante livro, a que poz o modesto titulo de *Ensaio de estudos praticos de litteratura*. É uma pequena mas preciosa polyanthea, em que se acham colligidos, repartidos em tres secções ou capitulos, e estheticamente apreciados muitos e variados excerptos, mais ou menos extensos, em prosa e em verso, principalmente em verso, de escriptos de auctores antigos e modernos, dignos de serem propostos á admiração dos cultores das boas lettras. As obras monumentaes das litteraturas da antiguidade classica, e as egualmente monumentaes das litteraturas dos tempos modernos, que não envelheceram, e nunca envelhecerão, são, na verdade, poucas comparativamente com os livros simplesmente bons, e pouquissimas relativamente aos mediocres, hoje mais que nunca numerosissimos. Assim mesmo, embora sejam poucas ou pouquissimas, á maior parte dos estudiosos é difficillimo, e a alguns absolutamente impossivel, lel-as nos textos originaes e em suas edições completas. Grande serviço prestou aos humanistas, aos philosophos e ás lettras em geral João Stobeu no seculo v da nossa era, dando-nos, distribuidas por ordem de materias, milhares e milhares de sentenças moraes, muitas das quaes aliás não seriam por nós conhecidas, por se haverem perdido as obras de que foram extrahidas.

A obra, em um genero similhante, porém mais substancial e de mais alcance litterario, recentemente sahida a lume em París, composta pelo sr. A. Pelissier, intitulada: *Les grandes leçons des littératures classiques,* tem sido acolhida com geral applauso pela

imprensa franceza que se compraz em diffundir o bom gosto e a solida instrucção.

Bem haja o nosso illustre consocio, sr. José Silvestre Ribeiro, que, muito superior em merecimento ao compilador grego, nos brindou com um livro, a que se deveria dar o epitheto de *aureo,* se esta designação não estivesse nos nossos dias tão prodigalisada, pois a temos visto applicada a producções de pouca valia, cujos auctores não deixam de ter algum talento, mas não talento *aureo.* Dizendo isto não se lhes faz injuria, porque (para continuar a usar da mesma figura) o talento *argenteo* tambem tinha consideravel valor.

O *Ensaio* do nosso preclaro academico não é uma simples collecção de excellentes logares selectos, elegantes uns, mimosos outros, muitos sublimes, em cuja leitura s. ex.ª, *apis matinae more modoque* se saboreara, e que depois signalou aos amadores de taes delicias: é tambem um guia, um modelo do mais seguro e apurado criterio. Assim, os apaixonados pelo *bom* e pelo *bello* nos vastos e variados dominios do saber humano acharão no livro do nosso douto compatriota um *pabulo salutifero* e *prestante.*

Muitos apprenderão utilmente: outros recordar-se-hão gostosamente do que já sabiam: todos a si mesmos darão o parabem se acceitarem o opiparo banquete litterario a que os convida o distincto polygrapho portuguez.

A. J. VIALE.

Christovam Ayres — Indianas e Portuguezas (1870–1875). Porto, Imprensa Portugueza, MDCCCLXXX.

Aqui temos deante de nós um livro de poesia, poesia de lei; livro que revela inspiração e gosto, requisitos d'um verdadeiro poeta. São versos d'um lustro, o lustro que decorre dos 17 aos 22 annos, edade doirada como o sol do Levante que inspirou as *Indianas,* balsamica como o jardim das Hesperidas que produziu as *Portuguezas.*

Diz-nos o poeta em *Observação previa* que «com desapiedada mão de ceifeiro consciente entrou a devastar farta seara, pejada de esteril joio, logrando d'este modo salvar o pouco com que fundiu o seu livrinho.» Permitta-nos que substituamos o *devastar* por *desbastar* no sentido de tirar algumas plantas para a sementeira ficar menos basta e menos conchegada; deixe-nos entender que quando a seara é farta não a suffoca o joio, e assim se explica a historia do seu selecto florilegio, esplendida grinalda com que adornou a nossa litteratura.

«Este livro, accrescenta elle, não pertence a eschola nenhuma ou póde pertencer a todas...» O livro do sr. Christovam Ayres, dizemos nós, filia-se na unica eschola admissivel em poesia, a da inspiração espontanea que toma por alvo o bello enlaçado com a natureza. Quem toma por esta senda deixa sempre um rasto luminoso no seu caminho. Sob as palmeiras indianas ou nos laranjaes do occidente a musa impregna-se dos mesmos effluvios subtilissimos que só ella póde converter em monumentos de gosto, lição e guia para todos os que professam lettras.

Alguns trechos que copiamos ao acaso comprovarão o que dizemos. Em 1872 navegava pelo Atlantico, no alto mar; com este titulo escreveu estes lindos versos:

Nem principio nem fim! O mar e o céo unidos
n'um transparente globo, enorme, cravejado
de cardumes d'estrellas.
Um murmurio suave: o echo dos gemidos
que ao longe as ondas vêm soltando no teclado,
onde mais tarde irão palpitar as procellas.

No immenso lago a espuma, em franjas prateadas,
branqueia o curvo dorso ás limpidas boiadas
de mugidoras vagas,
que vão pastar ao longe ás solitarias plagas
do murmuro deserto.

No immenso mar soluça o aquatico concerto.
Em todo o vasto oceano apenas uma vela...
Na aurea, purpurea tela
nuvens que vão descendo
desenham sobre o azul o seu contorno escasso.

E no extremo horizonte
surgem, os céos fendendo,
do crescente da lua as curvas pontas d'aço.

Logo adeante rompe um formosissimo idylio com esta descripção:

Desabrocham no vasto firmamento
as doiradas corollas das estrellas;
chora n'um triste e lugubre lamento
o moinho, agitando as brancas velas.

O lavrador depõe o tosco arado,
companheiro das asperas fadigas;
e ouve-se ao longe o echo prolongado
das alegres canções das raparigas.

A noite emmudeceu o campo e as eiras,
e o pintasilgo, aligero poeta,
escuta sobre as frescas amendoeiras
o idylio de Romeu e Julieta:
.....

E innumeras seriam as transcripções, como flores colhidas de farto ramalhete, se não nos escasseasse espaço, e não fossem bastantes as duas que deixamos para recommendar o livro *Indianas e Portuguezas*. Comprimentamos o sr. Christovam Ayres pela sua estreia, que deve ser prenuncio de outros excellentes livros.

A. A. DA FONSECA PINTO.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

PUBLICAÇÕES OFFERECIDAS AO INSTITUTO

Foram recebidas e se agradecem as obras seguintes:

Christovam Ayres — Indianas e Portuguezas. Porto, 1880.

O Brasil e as Colonias Portuguezas por J. P. Oliveira Martins. Lisboa, 1880.

Supplemento á collecção dos tractados, convenções, contractos e actos publicos celebrados entre a corôa de Portugal e as mais potencias desde 1640, por Julio Firmino Judice Biker. Tomo 21. Lisboa, 1879.

Dissertação de Concurso por Francisco Adolpho Manso Preto. Coimbra, 1880.

O pulpito da egreja de Sancta Cruz de Coimbra ou a joia artistica, em pedra, mais formosa de Portugal. Allegorias e allusões que contêm, interpretadas e descriptas por D. Luis Vermell y Busquets. Coimbra, 1880.

Annuario do Lyceu Nacional de Coimbra de 1879–1880.

Sur l'emploi de la pâte de camphre à l'alcool dans le pansement des plaies chirurgiales, communication faite au congrés périodique international des sciences médicales, à Amsterdam par le dr. A. M. da Cunha Bellem. Lisbonne, 1879.

REDACTORES

Francisco de Castro Freire (Conselheiro), Presidente
Abilio Augusto da Fonseca Pinto
Antonio de Assis Teixeira de Magalhães (Dr.)
Augusto Filippe Simões (Dr.)
José Epiphanio Marques (Dr.)
Luiz da Costa e Almeida (Dr.)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente e Ilhas	1$560
Para Coimbra	1$500
Numero avulso	160

A correspondencia litteraria deve ser dirigida ao Dr. José Epiphanio Marques; a de administração e gerencia, ao gabinete do Instituto — Coimbra.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

ORAÇÃO DE SAPIENCIA

POR

Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu

VERTIDA DO LATIM EM PORTUGUEZ [1]

ADVERTENCIA

Temos esta Oração na conta de obra primorosa. Nella resplendecem não só a pureza e orthodoxia das crenças religiosas, mas as virtudes patrioticas de seu illustre auctor, que ostenta conhecimento particular da nossa historia civil, militar, economica, scientifica e litteraria.

Ha muitos annos que se acha ou sumida ou extincta a edição, da qual nenhuma noticia tiveram os biographos do eximio Academico.

Pareceu-nos que prestavamos algum serviço ás nossas lettras, vertendo esta Oração em romance, e junctando-lhe algumas notas para conhecimento de factos menos vulgares.

O leitor intelligente decidirá se attingimos nosso fim.

---

[1] Esta *Oração de sapiencia* foi recitada no primeiro dia de outubro de 1855 na sala dos actos grandes da Universidade de Coimbra na inauguração de seus estudos por seu illustre auctor, doutor então na faculdade de Medicina. Apresentamos hoje a traducção portugueza do original latino, em que foi publicada, com que nos brindou o nosso consocio, o sr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão.

ORAÇÃO

Corre parelhas na duração a felicidade, e a sabedoria que a gera. Isto escrevia Marco Tullio Cicero, ao dissertar dos fins dos bens e dos males, refutando a doutrina de Epicuro approvada por Torquato. Esta era a sentença d'aquelle grande varão, quando philosophava ácerca da felicidade do homem. Esta mesma sentença adopto eu, membro o mais humilde d'esta assembléa de varões insignissimos, que ham nobilitado com seu ingenho e facundia nossa patria e Academia. E permitti, humanissimos ouvintes, a amplifique, applicando-a não só a cada homem em singular, mas a familias, cidades, povos, a todas as nações. E por isso repito: *Corre parelhas na duração a felicidade, e a sabedoria que a gera.*

E, para colligir os documentos comprobativos d'esta sentença, não careço de peregrinar terras numerosas, percorrer muitas regiões e ilhas do mar; não é mister versar com mão diurna e nocturna os fastos das nações do mundo. Na historia portugueza, no patrio solo, em toda a edade, resplendecem os testemunhos d'este asserto. A quem investiga as causas da nossa prospera e adversa fortuna, logo occorre a imagem da nação admiravel, que cultivou a sabedoria, que sahiu vencedora de poderosissimos inimigos, e volveu a exalçar-se, entre todos os povos, sempre feliz; mas, logo que desprezou a sabedoria, decahiu de sua dignidade.

Proponho-me demonstrar esta verdade com mais largueza e diligencia, se lograr, humanissimos ouvintes, conseguir vossa benevolencia e benigna attenção. Tomei este encargo, que reconheço é superior ás minhas forças, não pelo proprio arbitrio, ou movido pelo desejo de adquirir qualquer parcella de gloria; mas pelo dever do officio, e empenho de obedecer á ordem do respeitabilissimo e dignissimo vice-reitor d'esta Academia, ordem para nós todos valiosissima.

Concedei-me, pois, a faculdade de endereçar-vos o meu discurso, ouvi-o com benevolencia. Carecerá das graças do estylo, ha de

nelle, porém, resplandecer a verdade e sã doutrina. Dirijo-me a delicadissimos mancebos, amantes da honesta e verdadeira gloria, e a varões insignes por ingenho e bondade, e conspicuos por sua prudencia. De quem possue taes dotes ha mais razão para esperar confiadamente indulgencia, do que motivo para a implorar, suspeitoso de a conseguir.

Não provêm do acaso os eventos do mundo, nem pelo jogo da sorte se regem os destinos dos povos. Lê-se nas Sagradas Lettras: *O Reino do Senhor, Reino de todos os seculos, e a sua dominação de geração em geração.* Esta é a sancta e verdadeira doutrina que professo. Não creio nos fados; adoro a Providencia [1].

Mal raciocinaria o que suppozesse que tudo se passava miraculosamente no mundo, excedendo os effeitos naturaes. Podemos asseverar, na verdade, que tudo é admiravel, mas nada miraculoso. Deus de toda a bondade e de todo o poder, legislador supremo, quando creou o mundo, sujeitou a leis naturaes os seus eventos, os phenomenos terrestres e maritimos, tudo quanto debaixo do céo nasce, cahe, e se move. Todos os seres têm, entre si, nexo e união, e de uns e outros deriva a respectiva aptidão, por que se ligam e encadeiam.

Olhae agora para esta nação tão exigua em numero, embrenhada e escondida entre as duas margens do Douro, no meio dos Arabes, arrastando ahi por setecentos annos uma vida ignorada e desconhecida. Qual de vós se atreverá a enumerar os excidios das cidades, as fortalezas tomadas e conquistadas, os acervos de inimigos feridos e mortos, os cabos de guerra trucidados, os reis e

[1] É a doutrina que sustenta Bossuet no cap. VIII da 3.ª parte da sua memoravel obra—*Discours sur l'Histoire Universelle.*

príncipes vencidos?! Quantas pelejas, quantas victorias, quam grandes façanhas operadas por um punhado de gente?! E, todavia, meditae, eu vol-o rogo, como só por si aquella mesma gente sobrou unica para tudo isto! E restaura os presidios destruidos, as praças de guerra e cidades arruinadas, cultiva o solo, fabríca lanificios; a ninguem extranho pede o pão, nem os vestidos; de ninguem recebe os gados, nem os pastos; não manda vir de fóra nem as armas, nem os arados, nem os cavallos de guerra [1]. O que agora nos parece cultura nova, era ha muito vulgar entre nossos antepassados; e não só da cultura ordinaria se póde isto asseverar, mas da do assucar e da do arroz, como consta de antigos documentos [2].

As Basilicas, fundadas já por D. Affonso I em Lisboa, Coimbra, Santarem, Alcobaça e Guimarães, estes monumentos venerandos não attestam, por ventura, não só o estudo das boas-artes, e conseguintemente o das sciencias, e a nossa illustração naquella remota edade?

Eram estes os commentarios, com que nossos maiores recommendavam aos futuros evos as suas façanhas. Não as escreviam com a penna, talhavam-nas com o escopro, não as exaravam em pergaminhos, entalhavam-nas em marmore e porphyro. Alli permanecem eloquentes e incontestaveis testemunhos das sciencias. Não resplendeciam então, como hoje, pelo brilho esplendido das palavras; mas preferiam servir as artes, prestando-lhes pela rude

---

[1] Só a Ordem de Aviz deu a D. Sancho II dois mil cavallos, signal certo de que a terra se achava abundante da sua criação. (Brand. *Monarch.*, liv. XIV, cap. 33.)

No reinado de D. João II chegava a nossa cavallaria até oito mil cavallos. (Garcia de Rezende na *Chronica.*)

[2] Ácerca da cultura da cana do assucar e da do arroz em Portugal, em tempos antigos, veja-se a *Monarchia Lusitana*, liv. XVI, cap. XXXX, e *Memoria historica sobre a agricultura portugueza considerada desde o tempo dos Romanos até ao presente*, por José Verissimo Alvares da Silva nas *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo V, pag. 194.

mão do artista sua formosura e excellencia. Naquellas obras famosas apresentam-se documentos multiplicados de piedade e religião, principio da sabedoria.

Quem, ao contemplar tal nação, duvidaria prognosticar-lhe tamanho imperio? A uma nação, cultivando a primeira de todas as sciencias, que ensina os homens a temer a Deus, e, ao mesmo tempo, a desprezar os perigos? Não havia já dicto aquelle preclaro escriptor de historia romana: «As cidades, como tudo o mais, derivam de tenuissima origem, mas as que ajuda a *propria virtude,* e os deuses protegem, alcançam depois opulentas riquezas e nome illustre?»

Haviam decorrido apenas cento e cincoenta annos, depois que Portugal se constituira nação independente, e pelo seu valor e sabedoria grangeara esclarecida nomeada.

Quanto deveria já então crescer a esperança de um imperio futuro dilatado, quantos eram já os preludios e aspirações dos animos portuguezes ao dominio dos mares, attesta-o um monumento ainda robusto, plantado por mão regia [1]. Como aos interesses da republica respeita, principalmente, a cultura da terra, fôra esta já desde o principio do mesmo seculo nobilitada, como se deprehende do cognome do *Rei Lavrador* [2]. Que se estudaram accuradamente a Metallurgia e a Docimasia, provam-no as grandes riquezas que das minas da Addissa e margens do Tejo se tiraram, segundo nos testifica a Historia [3]. Quanto affan consumiram no

---

1 Refere-se ao *Pinhal de Leiria*, mandado plantar por el-rei D. Diniz.

2 Nos tempos de D. Diniz fez se lei, para que o filho d'algo não perdesse o fôro se lavrasse a sua terra. *Inquirição tirada no tempo de D. Diniz.* Brandão—*Appenso* á parte v, Escript. 23.

3 Ácerca da exploração de diversas minas, e particularmente da Adissa, veja-se *Brandão*, liv. xvi, cap. xxxx.

«Não sendo possivel que medrasse a agricultura sem o uso dos instrumentos que lhe são proprios; e não prevalecendo então o costume de se mandar vir de fóra o que tinhamos em casa, tractaram os Monges de Alcobaça de explorar o terreno que cultivavam; e descobertos felizmente em

estudo do direito publico, particular e das gentes varões prestantissimos, demonstram-no as Leis sanccionadas pelo Rei [1], as Concordatas e os Foraes; estabelecidas aquellas entre os Summos Pontifices, Bispos e Principes; estes entre o povo e o Rei. E para que adduzir maior numero de argumentos? Não estamos nós sentados na aula regia, não é esta aquella mesma Academia illustre que então resplendeceu, pela primeira vez, com luz clara? Oh! permitti, Academicos, incline minha cabeça ante a veneranda effigie do Rei, que escutando os votos de todo o povo *edificara,* para me servir da imagem do poeta mantuano, *este grande Templo a Minerva, opulento com os dons e protecção da Deusa.*

É este o sol, que esparge com seus raios o dia pela terra, liberalisa aos planetas a luz, fecunda os agros, dissipa as nuvens do entendimento, serena as procellas da alma, e tudo illustra.

O cargo de defender e roborar a fé nos animos dos cidadãos foi entregue ao cuidado de varões religiosissimos, estremando-se entre estes alguns frades de S. Francisco e de S. Domingos, instruidos uns, segundo é crença, por Sancto Antonio, outros por

---

mais de um logar os indicios de minas de ferro, tiveram arte, não só para o extrahirem da terra, mas egualmente para o fabricarem, e converterem para os usos ou domesticos, ou da lavoura. Temos d'isto um claro testemunho em o foral (dado na era de 1259) de Rio de Moinhos, nas vizinhanças da Aldêa do Vallado, em que o mosteiro reserva para si, além de outras cousas, *Minarium ferri*, e os nomes de outras povoações dos coutos assás mostram que não era só d'este logar que o ferro se extrahia.» — *Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça etc.*, por Fr. Fortunato de S. Boaventura, pag. 47.

[1] «Os que descobriram mares, nunca dantes navegados, não haviam de ir após dos outros no artigo de Legislação, de que depende a publica felicidade. Cabe-nos o primeiro logar entre as nações da Europa que organisaram codigos, os quaes, pelo menos, valiam tanto como aquelles que as mais nações tiveram dois e tres seculos depois de nós.»

O que é o Codigo Civil? pelo dr. Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, pag. v. Veja-se tambem *Ensaio sobre a Historia do Governo e da Legislação de Portugal etc.*, por M. A. Coelho da Rocha, segunda edição, pagg. 128 e 129.

S. Fr. Gil de Vizeu. Na mesma Academia se ensinava e apprendia a jurisprudencia, livre da indigesta farragem de interpretações contradictorias, estribado tal estudo em espirito sincero e no sancto amor da equidade. Estudava-se a physica, reputada, naquelles tempos, identica á medicina, e tinha-se, tambem, na devida conta a mathematica. Não se considerando mais nobre qualquer d'estas sciencias, escusava-se todo o motivo de competencia entre umas e outras; eram todas em grande honra havidas, e cada uma, participando do decoro das outras, resplendecia com o proprio brilho, augmentando-lhes o seu esplendor.

Prestae-me agora, illustres Academicos, attenção mais particular. Pois já somos chegados perto de Aljubarrota. Á nossa vista se offerece a admiravel epopêa de marmore, para me servir das expressões de um preclaro escriptor contemporaneo, o *Templo de Nossa Senhora da Victoria*.

Decorrido havia apenas um seculo, depois que se instituira esta Academia, quando esteve a ponto de aniquilar-se o imperio portuguez. Ameaçava extinguil-o um inimigo forte, roubando a liberdade da nação, e apagando de todo o esplendor do seu nome. Impellido sempre por soberba innata, desvanecido agora com a experiencia de suas forças, ostentava-se mais seguro da victoria do que do combate. Arriscado lance! Que se faria nestas apuradas circumstancias, em que tanto sangue nobre recusava derramar-se pela patria? De que homem se invocaria a protecção, quando muitos varões, notaveis por nascimento e riquezas, deixam, vis e cobardes desertores, os estandartes nacionaes, para se bandearem com os inimigos? Que termos, finalmente, poderão exprimir ao vivo a dor immensa, a tristeza digna de tamanha calamidade da patria, quando os proprios infamissimos traidores, jactando-se da traição, escarneciam a incorrupta fidelidade do povo? Oh! Com quanta mais vehemencia poderia exclamar-se pela bocca do principe dos oradores romanos:

«Desgraça grande é ser despojado de todos os bens, maior é, porém, a affronta; é dura a perseguição, que nos movem extranhos,

mas ainda é mais para sentir a que nos vem dos nossos; é uma calamidade que nos sejam roubados nossos haveres, mas ainda maior calamidade é que ao roubo acompanhe a deshonra; é uma indignidade que nos vença o inimigo extrangeiro, maior indignidade é, porém, que nos vençam traidores e transfugas; é luctuoso que nos entreguem a extranhos com nossos cabedaes, mais luctuoso é, todavia, que o sejamos por concidadãos inimigos da propria republica.»

Permitti, illustres Academicos, pronuncie com summo respeito o memoravel nome de João das Regras; foi em suas mãos que se collocou então a liberdade da patria; de sua sabedoria dependeu a salvação publica.

Foi este inclito varão, que, explicando o direito publico nacional, persuadiu o povo portuguez de que tinha o direito e obrigação não só de não entregar o sceptro a principe extrangeiro, mas de expulsal-o de nosso territorio á força de armas. Demonstrou aquelle insigne varão que ao Mestre de Aviz pertencia governar o reino. E d'esta convicção proveio a grande presteza, com que o povo portuguez acclamou o seu Principe querido, e se arremessou com gentil denodo contra os inimigos, humilhando-lhes a soberba com as suas armas, fazendo em postas a milhares d'estes inimigos na batalha contra elles ferida, e castigando com a morte quasi todos os traidores, como era de razão e justiça.

Nesta batalha cada portuguez practicou gentilezas taes, que nem todos nós as poderiamos celebrar condignamente. E as brilhantes façanhas, que, em tamanho risco da patria, ousaram nossos maiores emprehender, e levaram ao cabo felizmente, não lhes quebrantaram ou exhauriram o valor para emprehender outras ainda mais famosas.

Admiravam-se Calpe e Abyla [1], ao verem nossas naus sulcar

[1] Abyla, monte de Africa, e Calpe outro monte na Hespanha, juncto ao Estreito de Gibraltar, aos quaes se dá o nome de columnas de Hercules. Finge-se que este principe vagabundo, achando estes dois montes unidos, os dividiu, e fez assim communicar as aguas do Oceano com o Mediterraneo.

o mar, e transpôr nossas armadas o alto, e occupal-o. Onde a mão de Hercules escrevera: *Não passa além;* podia ouvir-se ahi a celeuma da marinhagem exclamando: *Passa além.*

Abrem-se a nossos felizes concidadãos as portas do jardim das Hesperides; está-lhes patente o leito da aurora. Mostram nossas naus ao mundo velho os caminhos do mundo novo, tentados pela primeira vez; e gemeram retrahindo-se as aguas, não sulcadas até então pelas quilhas, gemeu Adamastor, ficando manifesta a antiga injuria de Tethys.

Deu-se por vencida do valor portuguez a soberba dos Venezianos; converteu-se Lisboa em emporio do universo; correm para ella as pedras preciosas, o ouro e a prata de todo o mundo; alli aportam todos os annos grandes armadas carregadas de innumeraveis riquezas.

Donde proveio tamanha gloria? Se nenhuma geração entre as gerações estaciona erma, antes umas ás outras se acham necessariamente aggregadas; se nenhum seculo dos outros seculos se desloca, mas uns dos outros estão dependentes; donde proveio aquella excellente dignidade do povo portuguez, e os merecidos encomios do senhor rei D. João I e do principe D. Henrique?

Entremos, illustres Academicos, os recessos de Sagres, examinemol-os com admiração e reverencia. Aqui lançou o principe D. Henrique os fundamentos da Real Sociedade Mathematica; neste famoso logar creou a preclarissima eschola de Nautica, attrahindo de toda a parte cultores ao mais util, ao mais formoso estudo da natureza.

Eis aqui donde proveio aquella grande gloria, illustres Academicos! Foi da cultura das sciencias, da religião, da fé; quer dizer, da *sabedoria.*

Foi aquelle principe D. Henrique, apenas decorrido seculo e meio depois da instituição d'esta Academia, quem por edicto perpetuo convocara uma assembléa a esta similhante para a inauguração annual dos estudos, quem concedera seus aposentos reaes

em Lisboa, para nelles se estabelecerem cursos publicos, e remunerara com avultadissimas rendas os professores de theologia.

Devia, por conseguinte, esperar-se depois de el-rei D. Diniz el-rei D. João I e o principe D. Henrique; á creação da nossa Academia devia seguir-se a Sociedade Henriquena. Assim como após D. João I devia esperar-se D. João II e o felicissimo D. Manuel; depois de Henrique e João das Regras o bispo Ortiz, José, professor de medicina, Covilhã e Rodrigo; depois de D. Nuno Alvares Pereira, Perestrello, Bettencourt, Vasco da Gama e innumeraveis outros.

Porém oh fallaz esperança humana, que tantas vezes se quebra no meio do espaço, e tantas se derruba na propria carreira, antes que possa ver o porto! Como se dissiparam de improviso todas estas vantagens? Como, decorrido apenas um seculo, debalde se procuraram os vestigios das artes optimas, da mathematica e da physica? Como desappareceu a ambrosia coma, que coroava a cabeça veneranda de Portugal, porque sua propria face, tão formosa outr'ora, inclinando o collo, jaz por terra desmaiada? Eram aqui os prados, onde vicejavam as relvas; agora são pestiferos paúes, onde apodrecem raizes; floresciam aqui as rosas, definham agora, como em quadra outoniça, cinzentas françcas; aqui purpuresciam alfombras de boninas, agora vegetam pallidas, descoradas violetas; aqui brilhavam com nitido alvor areolas de lirios, agora ennegrecem parras estereis!

Onde está Portugal, Paiva, os dois Osorios, Bartholomeu dos Martyres, Oleastro, Pinto? Onde Pedro Hispano, Rezende, Goes, tantos Estacios, Menezes, Vasconcellos, Teive? Onde Pina, Lopes, Barros, Nunes, Castanheda? Onde Miranda, Ferreira, Bernardes, Bernardim? Onde está o, que a todos sobreleva, Camões? Onde a antiga raça dos portuguezes?

Em quanto em nações extranhas se disputava, com grande alvoroço dos partidos, de futilidades da sciencia, e se travavam renhidas pelejas entre *formalistas* e *integraes, realistas* e *nominaes,* afanosos se entretinham nossos maiores em devassar o Oceano,

em perscrutal-o, em medir os espaços do céo. Em quanto além fervia o furor do syllogismo e das subtilezas, ávido de sangue, aqui cifravam-se os nossos cuidados em patentear aos homens o orbe terraqueo, e todos se empenhavam em levar o lume da fé aos que jaziam prostrados nas sombras da morte.

Oh! Bemaventurada progenie de heroes, se bem conhecesse a importancia dos bens que lograva, e se a não invadisse o fallaz desejo das novidades! Alastrara-se, porém, desgraçadamente, por todos os paizes aquella peste, e inficionara quasi todas as academias. Logo que regressaram a Portugal alguns mancebos portuguezes, que em París haviam estudado aquella theologia, philosophia e jurisprudencia, immediatamente contaminou aquelle funestissimo contagio a nossa desventurada terra.

Desappareceu então a sabedoria, que nos havia constituido senhores e dominadores de tantas e tão vastas regiões, desappareceu o numen tutelar das sciencias e das lettras, que investira de purpura regia o povo portuguez ante o conspecto de todas as nações do mundo. Deixou de fazer parte do estudo da theologia a meditação dos livros sanctos; pereceu immediatamente a philosophia, que ligada á mathematica dirige o entendimento na inquirição dos segredos da natureza. Acabou o amor da arte Nautica; e a jurisprudencia e a medicina, reduzidas a estereis logomachias, pareciam unicamente servir de entretenimento a sabios, que folgavam de sobre ellas disputar.

Obscureceu os horizontes da patria a nuvem caliginosa da ignorancia; fugiu d'ella o brilhante sol da sciencia, que por tantos annos a havia illuminado. Saúdam as nações extranhas a luz que nellas desponta, e que, por desgraça, a nossos olhos se tornara incommoda, e que ousámos desprezar, lastima é confessal-o.

Que seria, nestes soberbos tempos, a sciencia da natureza, se nossas bandeiras não houvessem transposto incolumes a zona media sempre vermelha com os resplendores do sol, e a zona torrida sempre abrazada pela intensidade do fogo? Que seria, se não houvessemos ensinado ás nações do orbe primitivo os mundos novos

que descobrimos, as novas nações, e as novas raças de animaes? Que seria, se nossos maiores não houvessem medido o céo e a terra, se não houvessem rasgado com mão audaz os arcanos da sciencia, se não houvessem penetrado imperterritos os profundos recessos da natureza?

E, todavia, sendo tamanhos os lavores das nossas mãos, foram extranhas as que colheram os fructos.

Purpuream-se os céos da França, da Allemanha, de Inglaterra; entenebrecem os de Portugal; deixa-nos a luz, que por tantos seculos refulgira em nossas moradas, e pallidas sombras cobrem nossos lares, tão ditosos outr'ora.

O ultimo dia, em que floresceu a sabedoria, foi o primeiro de nossa misera decadencia. Ai! Cahiu o grande imperio, prostrou-se em terra a progenie de heroes! A nação, que dominara o furor das procellas, dobra agora a cerviz ao jugo extranho; estende as mãos ao soberbo inimigo para lh'as manietar. Oh! Com que palavras se poderá explicar tamanho infortunio, com que lamentos deplorar a intensidade da mágua por tal escravidão? Nação infeliz, que por tantas noites lavou seu leito de lagrimas, e sentada nas trevas debalde supplicou a luz, e não achou quem a consolasse! Fez-se opprobrio do mundo quem fôra a gloria do mundo. Arrastava-se-lhe a vida enredada em desgraças, e, a despeito da multiplicidade de mortes, como que se multiplicava para o castigo; porque a dominação hespanhola chegou a tal cumulo de tyrannia e crueldade, que ás escondidas arrojava ás profundidades do mar cidadãos innocentes, trazendo os pescadores nas redes cadaveres em vez de peixes!

Alveja, finalmente, o dia da vingança merecida; o sol, que, ao surgir nos outeiros, achara Portugal escravo, ao submergir-se no oceano deixou-o livre.

Resplendeceu ainda o valor portuguez com o brilho antigo; mas não teve sorte egual a cultura das sciencias. Foi por isso que o esforço dos filhos d'esta nação a pôde tornar livre, mas não valeu, por si só, a constituil-a venturosa. Guerra formidavel sus-

tentámos nesse tempo contra a potencia castelhana, talvez a mais poderosa do mundo. Tantas batalhas ferimos, tantas victorias alcançámos. Approximava-se, tambem, o dia postremo d'aquelle imperio colossal, porque d'elle se havia, egualmente, afastado a sabedoria. Não ousou, porém, nossa infeliz patria vencer a grande jornada, que outras nações, progredindo no caminho das sciencias, haviam transposto. Em quanto estas nações grangeavam cada vez maiores forças terrestres e maritimas, arrastava uma vida ingloria o mofino Portugal, que tantas terras e mares dominara outr'ora.

Brilharam depois em nossa terra dias menos infaustos; mostrou-nos a fortuna semblante menos carregado. Descobriu a mão de um rei poderoso, e a de um ministro poderoso tambem, as raizes dos nossos males, e logrou arrancal-as desde a profundidade a que tinham penetrado. Os que entramos neste augusto sanctuario não podemos esquecer o nome do Marquez de Pombal; cumpre-nos aliás pronuncial-o com grande reverencia, assim como tambem com reverencia aquelle celebre ministro venerou este alcaçar das lettras, e o muniu de taes presidios, e o enriqueceu de tão prudentes leis, que se via levantar do ceno, em que jazia, o estudo das boas-artes e sciencias.

Não é evidente o que ha pouco vos affirmei, illustres Academicos, que *na duração corre parelhas a felicidade e a sabedoria,* e que, para colligir os documentos probativos d'esta sentença, não carecia peregrinar terras numerosas, nem percorrer muitas regiões?

O que nos ensina a historia, esta luz da verdade, testemunha dos tempos, mestra da vida, nuncia da antiguidade?

Fomos conquistadores de terras? Subjugámos as enfurecidas ondas do pélago? Sulcaram nossas quilhas mares nunca dantes navegados? Affluiam aos nossos portos immensas riquezas de todas as partes do orbe? Vencemos pelo valor os barbaros, grangeámol-os pela caridade christã, e convertemol-os em cidadãos bons e prestadios? Digam-no os monumentos historicos, attestem esta gloria.

Quanto tempo duraram todas estas excellencias e vantagens?

Duraram em quanto em nossa terra, como nas extranhas, se não venderam por sciencia os sonhos dos escholasticos; em quanto os doutores se não divertiram com verbosidades e vaniloquios, mas alliaram com a pureza dos costumes o accurado estudo da sagrada Religião, e ao ensino da jurisprudencia presidiu o amor da patria; duraram, em quanto ousámos medir o céo, e determinar aos astros o caminho que nelle deviam percorrer, e investigando os arcanos da physica dissertámos rectamente ácerca da natureza dos corpos.

Donde se afastam estes predicados, breve se ausentam aquellas excellencias; e, para onde se dirige o estudo das boas-artes, chega depressa a prospera fortuna. As nações, a que antigamente nos avantajámos, foram as proprias que, depois de emendarem o erro, attingiram a summidade a que naquelles felizes tempos haviamos ascendido os portuguezes.

Sendo, em verdade, exacto o que fica ponderado, não percamos a esperança, illustres Academicos, de alcançar as nações que no caminho das sciencias nos têm precedido, com quanto hajamos de vencer grande jornada. Para se aventurarem a maiores empresas são os fortissimos corações de nossos jovens; a maiores trabalhos se afazem peitos portuguezes, aos quaes sobraram sempre valor e constancia em toda a sorte de façanhas.

Pois que? Somos poucos e pobres? Não eram mais em numero, nem mais opulentos em riquezas os que fundaram o imperio portuguez. O trabalho tudo vence; e, como temos de andar muito, é necessario não parar, mas apressar o passo. Não nos detenha a solidão; não nos condemnemos nós mesmos ao esquecimento; mas procuremos a sociedade e commercio de outras academias, e conferenciemos com ellas; este costume seguiram nossos maiores, mantendo assidua correspondencia litteraria com os varões mais celebres em sciencia que floresciam no mundo. Ponhamos, além d'isto, em practica as utilissimas disposições, a que el-rei D. José e o Marquez de Pombal deram principio. É, pois, necessario constituir-se já a congregação geral dos professores de medicina, mathematica e philosophia, como prescrevem os estatutos.

Se a benevolencia e protecção real favorecer todos estes melhoramentos, devemos ter bem fundadas esperanças de que ainda surgirão dias faustissimos para o nosso paiz.

Pelo que vos respeita, generosa juventude portugueza, contemplae a patria, que vos tem na conta de restauradores de sua antiga virtude; prestae a vossa consideração ás infelicidades humanas, e aos calamitosos e varios incidentes das nações; segui as instituições de nossos maiores; dirigi-vos no estudo da theologia pelo que nos ensina o principio da sabedoria; applicae-vos á jurisprudencia, que ministra os conhecimentos para bem governar a republica; cultivae a medicina, que nos mostra os meios de expellir as ruins enfermidades, e os de as evitar. Prestae a devida attenção á mathematica e á physica, porque são auxiliares efficacissimos para melhorar a cultura dos campos, aperfeiçoar as artes, augmentar as riquezas commerciaes, e, mórmente, para desenvolver a marinha, da qual depende o futuro da nossa terra.

Já brilha a magnifica aureola de virentes folhas, com que a patria coroará vossos esforços. Não é a corôa obsidional, não é a castrense, não é a naval; e enganar-se-hia, tambem, o que a appellidasse triumphal; é a pulcherrima corôa civica, não alcançada em batalhas, não manchada com sangue, mas resplendecente com o suave esplendor das lettras, que intemerata nobilitará vossas frontes.

Apressae-vos em conquistal-a, generosa juventude; porque *a natureza decretou-nos limitado curriculo de vida, e immenso curriculo de gloria.*

F. A. Rodrigues de Gusmão.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

AS AGUAS ALCALINO-GAZOSAS DO BEM-SAUDE

(Continuado do n.º 9, pagina 423)

III

Calculo da analyse

a) *Sulfato de potassio*

A quantidade do acido sulfurico determinada em 4 ..	0,00585
combinada com a quantidade equivalente de potassio	0,00476
fórma o sulfato de potassio	0,01061

b) *Chloreto de potassio*

A quantidade do potassio determinada em 5 é	0,02609
Subtrahindo a quantidade que está combinada com o acido sulfurico	0,00476
resta	0,02133
Este resto combinado com a quantidade equivalente de chloro	0,01936
fórma o chloreto de potassio	0,04069

c) *Chloreto de sodio*

A quantidade do chloro determinada em 1 é	0,08213
Subtrahindo a quantidade que se acha combinada com o potassio	0,01936
resta	0,06277
Este resto combinado com a quantidade equivalente de sodio	0,04066
fórma o chloreto de sodio	0,10343

d) *Carbonato de sodio*

A quantidade do chloreto de sodio determinada em 5 é	0,90712
Subtrahindo a quantidade do chloreto calculada em *c*)	0,10343
resta	0,80369
Este resto de chloreto de sodio equivale a carbonato neutro de sodio	0,72812
contendo acido carbonico	0,30224

e) *Carbonato de ammonio*

O ammoniaco determinado em 11 corresponde a	0,00221
de carbonato neutro contendo acido carbonico	0,00101

f) *Carbonato de lithio*

Carbonato neutro de lithio determinado em 12.....	0,00022
contendo acido carbonico	0,00013

g) *Carbonato de calcio*

Carbonato neutro de calcio determinado em 6	0,35660
contendo acido carbonico	0,15690

h) *Carbonato de magnesio*

Carbonato neutro de magnesio determinado em 7	0,14847
contendo acido carbonico	0,07777

i) *Carbonato ferroso*

Carbonato neutro determinado em 8–*a*	0,00703
contendo acido carbonico	0,00267

j) *Carbonato manganoso*

Carbonato neutro determinado em 8–*c*	0,00195
contendo acido carbonico	0,00074

k) *Phosphato de aluminio*

Phosphato determinado em 8–*b*	0,00171

l) *Acido silicico*

Acido silicico determinado em 3	0,05106

m) *Acido carbonico livre*

Acido carbonico total determinado em 2			2,46746
Combinado com			
o sodio (*d*)	0,30224		
o ammoniaco (*e*)	0,00101		
o lithio (*f*)	0,00013		
o calcio (*g*)	0,15690		
o magnesio (*h*)	0,07777		
o ferro (*i*)	0,00267		
o manganés (*j*)	0,00074		
Somma	0,54146	.....	0,54146
		resto livre	1,92600

n) *Materias organicas fixas*

Materias determinadas em 10..... 0,00325

o) *Comparação do residuo solido obtido pela evaporação da agua e secco a 180° com a somma das substancias determinadas pelas pesagens*

Sulfato de potassio.....	0,01061
Chloreto de potassio	0,04069
Chloreto de sodio.....	0,10343
Carbonato de sodio	0,72812
Carbonato de lithio	0,00022
Carbonato de calcío	0,35660
Carbonato de magnesio.....	0,14847
Oxydo ferrico	0,00485
Oxydo salino de manganés	0,00129
Phosphato d'aluminio	0,00171
Silica	0,05106
Materias organicas	0,00325
Somma	1,45030
Residuo secco a 180° obtido em 13.....	1,44800
Differença	0,00230

Calculando os metaes no estado de sulfatos neutros e junctando a estes o oxydo ferrico, o phosphato de aluminio e a silica obtem-se o n.°	1,91667
Residuo convertido em sulfatos (13)	1,91360
Differença.....	0,00307

*

Estas differenças explicam-se, no primeiro caso, pela influencia da silica sobre o carbonato de sodio, a qual durante a evaporação da agua até á seccura expulsa uma certa quantidade do acido carbonico; e no segundo caso pela decomposição do sulfato de magnesio, a qual tem logar á temperatura a que é necessario aquecer o residuo para transformar os sulfatos alcalinos acidos em sulfatos neutros.

Quadro das substancias contidas em solução nas aguas alcalinas do Bem-Saude considerando os carbonatos no estado neutro

Carbonato de sodio	0,72812
Carbonato de lithio	0,00022
Carbonato de calcio	0,35660
Carbonato de magnesio	0,14847
Carbonato ferroso	0,00703
Carbonato manganoso	0,00195
Sulfato de potassio	0,01061
Chloreto de potassio	0,04069
Chloreto de sodio	0,10343
Phosphato de aluminio	0,00171
Silica	0,05106
Materias organicas	0,00325
Somma das substancias fixas	1,45314
Carbonato de ammonio	0,00221
Acido carbonico necessario para formar os bicarbonatos pela sua combinação com os carbonatos neutros	0,54146
Acido carbonico livre	1,38454
Somma	3,38135

Quadro das substancias contidas em solução nas aguas do Bem-Saude considerando os carbonatos no estado de bicarbonatos

Bicarbonato de sodio	1,15401
Bicarbonato de lithio	0,00035
Bicarbonato de calcio	0,51350
Bicarbonato de magnesio	0,22624
Bicarbonato de ferro	0,00970
Bicarbonato de manganés	0,00269
Phospato de aluminio	0,00171
Sulfato de potassio	0,01061
Chloreto de potassio	0,04069
Chloreto de sodio	0,10343
Silica	0,05106
Materias organicas	0,00325
Somma	2,11724
Bicarbonato de ammonio	0,00365
Acido carbonico livre	1,38454
Total	3,50543

Além d'estas substancias as aguas de Bem-Saude contêm azotato de sodio em pequenissima quantidade, e azote e oxygeneo em proporções diminutas relativamente á quantidade do acido carbonico.

O acido carbonico livre mencionado no quadro precedente, á pressão normal e á temperatura da nascente occupa o volume de 746^{cc}.

IV

Analyse dos gazes que se evolvem das aguas do Bem-Saude

Fica dicto no principio da presente memoria que as aguas do Bem-Saude deixam evolver espontaneamente, e por intervallos, numerosas bolhas de gaz, em cuja composição entram, além do acido carbonico, o azote e o oxygeneo. Um ensaio rapido feito juncto da nascente, com a potassa caustica e com o phosphoro, mostrou que as quantidades d'estes ultimos gazes eram insignificantes relativamente ao acido carbonico.

Com o fim de determinar as proporções exactas dos tres componentes foram colhidas differentes quantidades dos gazes espontaneos em tubos de vidro previamente cheios de agua mineral, os quaes, depois de fechados á alampada, foram transportados para o Laboratorio. Estes gazes foram introduzidos em um tubo graduado previamente cheio de mercurio e invertido em uma tina de porcellana cheia do mesmo metal. Depois de ter introduzido no tubo algumas gottas de agua, nivelado as superficies do mercurio no interior e exterior do mesmo tubo, observado o volume dos gazes, a temperatura e a pressão, foram introduzidos alguns fragmentos de potassa pura, que se dissolveu na camada de agua que se achava sobre a columna do mercurio, e absorveu promptamente o acido carbonico deixando um pequeno residuo gazoso. Depois de transportado este residuo para outro tubo de menor diametro e egualmente graduado e invertido na agua, fez-se nova leitura do volume, da temperatura e da pressão, e submetteu-se á acção do phosphoro, preso na extremidade d'um fio de platina, aquecendo-se brandamente o tubo com a chamma d'uma alampada de alcool. No fim de 24 horas tomou-se conta do volume restante, da pressão e temperatura, e verificou-se que o residuo gazoso apagava promptamente um pavio que se lhe aproximava com um ponto em ignição.

Primeira experiencia

O tubo graduado continha ao principio 80cc de gazes á temperatura de 19°,5 e á pressão de 756,5. Este volume, calculado á pressão normal ou 760, e á temperatura da nascente ou 17°, reduz-se a 78cc,94.—Depois da absorpção pela potassa ficou um residuo de 2cc,1 á temperatura de 18° e á pressão de 757,8, que á temperatura da nascente e á pressão normal corresponde a 2cc,08. Depois da acção do phosphoro o residuo final occupava o volume de 1cc,9 á temperatura de 18° e á pressão de 756,8, correspondente a 1cc,88 á temperatura da nascente e á pressão normal.

Segunda experiencia

No tubo graduado existiam a principio 82cc de gazes a 18°,5 e a 756,7 de pressão, correspondente a 81cc,21 á temperatura da nascente e á pressão normal.—Depois da acção da potassa o residuo occupava 2cc,2 a 21°,4 e a 756,7 de pressão, correspondente a 2cc,15 á temperatura de 17° e á pressão de 760. O phosphoro deixou um residuo de 2cc á mesma temperatura e pressão acima indicada, o qual corresponde a 1cc,95 á temperatura da nascente e á pressão normal.

Dos resultados d'estas duas experiencias conclue-se que a composição dos gazes que se evolvem das aguas do Bem-Saude é a seguinte:

	1	2	Media
Acido carbonico	97,365	97,353	97,36
Oxygeneo	0,253	0,246	0,25
Azote	2,382	2,401	2,39
	100,000	100,000	100,000

Como se vê pela tabella precedente (pag. 477), as substancias que mais avultam nas aguas do Bem-Saude são os bicarbonatos, especialmente o de sodio, e o acido carbonico livre: a somma d'estas substancias é 3,29468, em quanto a das substancias restantes é 0,21075. São, portanto, alcalino-gazosas ou bicarbonatadas sodicas, como fica enunciado na epigraphe da presente memoria, e pertencem ao grupo em que estão as de Chaves, Villarelho da Raia, Villa Pouca de Aguiar e Vidago, a que nestes ultimos tempos se tem dado extraordinaria importancia.

As aguas de Vidago, segundo uma analyse do sr. A. V. Lourenço recentemente publicada pela Empreza de Vidago[1], contêm hoje differentes substancias que o mesmo analysta não encontrou na sua primeira analyse feita em 1865[2], taes são os bicarbonatos de lithio, de stroncio e de manganés, os sulfatos de potassio e de bario, e o phosphato de aluminio em quantidades que poderam ser determinadas; vestigios de ammoniaco, de phosphato de sodio e acido arsenical, isto é, quasi todas as substancias que foram mencionadas nas aguas de Villa Pouca de Aguiar em 1871 e que faltavam nas aguas de Vidago. Evidentemente, ou as aguas de Vidago variaram consideravelmente quanto ao numero dos seus principios mineralisadores desde 1865 até 1871, e carecem por isso de novas analyses, repetidas com o intervallo de poucos annos, para que se possa contar com a sua composição, ou ellas têm actualmente a mesma composição que tinham em 1865, e as analyses não têm ambas o cunho da perfeição que se deve esperar da competencia do seu auctor. Por eguaes razões as aguas de Villarelho e as caldas de Chaves deveriam ser submettidas a novas analyses.

As aguas de Villa Pouca de Aguiar ou das Pedras Salgadas, segundo uma analyse publicada pelo sr. José Julio Rodrigues em

---

1 Analyse e outros esclarecimentos sobre as aguas alcalino-gazosas exploradas pela Empreza de Vidago (1879).

2 Relatorio das analyses chimicas das aguas mineraes do concelho de Chaves (1865).

1871, têm uma composição que se poderá dizer singular, quando novas experiencias chimicas a tiverem confirmado: não só se meneionam ali quantidades relativamente grandes de alguns principios que só em pequenissimas quantidades se têm encontrado nas aguas mineraes, mas tambem se menciona a presença do arsenico em dois graus differentes de oxydação, e em quantidades que poderam ser determinadas. O mesmo analysta julga ter demonstrado que nas aguas de Rebordechão existem tambem vestigios de compostos arsenicaes [1].

Mas pondo de parte estes compostos arsenicaes a que, certamente, as aguas de Vidago não devem as suas virtudes medicamentosas, e os compostos do bario e stroncio, cujas quantidades são sempre diminutissimas nas aguas mineraes, e cuja influencia curativa está ainda por demonstrar; as aguas do Bem-Saude são, sem duvida, tão importantes como as das Pedras Salgadas e as das novas nascentes do Vidago, embora a totalidade dos principios que as mineralisam seja um pouco inferior á dos principios que foram determinados nas mencionadas nascentes. Na quantidade do acido carbonico livre, as aguas do Bem-Saude são mesmo superiores ás aguas do Penedo e ás de Sabroso, e eguaes ás da antiga nascente do Vidago.

A confrontação da analyse das aguas do Bem-Saude com as analyses das differentes aguas alcalinas a que me tenho referido mostra claramente que ellas preenchem todas as indicações medicas d'estas ultimas, o que a experiencia de longos annos tem já demonstrado sufficientemente.

Coimbra, Laboratorio Chimico da Universidade, janeiro 1880.

JOAQUIM DOS SANTOS E SILVA.

---

[1] Na memoria publicada pelo sr. José Julio Rodrigues sobre a analyse das aguas do Penedo não vem descriptas as experiencias por meio das quaes foram determinados o acido *arsenioso* e o acido *arsenico;* e as experiencias mencionadas pelo mesmo auctor na memoria sobre ae aguas de Rebordechão não demonstram que nestas existem compostos arsenicaes.

CATALOGO DAS PLANTAS MEDICINAES QUE HABITAM O CONTINENTE PORTUGUEZ

(Continuado do n.º 9, pagina 427)

Verbenaceae. *Juss.*

VERBENA OFFICINALIS. L. [1]

Urgebão, Gervão, Verbena das boticas.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a planta florida [2].

Emp. internamente como estimulante e tonico; externamente usa-se na medicina popular, sob a fórma de cataplasma, nas obstrucções do figado [3].

VITEX. AGNUS-CASTUS. L. [4]

Agno-Casto, Arvore da castidade, Pimenteiro sylvestre.

---

[1] Variedade. β. prostrata. Gr. et Godr.

[2] Faça-se a colheita no principio da floração, e proceda-se rapidamente á dessicação. (*Pharm. Portugueza*, 1876).

[3] A cataplasma de urgebão prepara-se com o cozimento d'esta planta, farinha de centeio e gemmas de ovos.

[4] Entre os gregos esta arvore foi antigamente consagrada á conservação da castidade; por esta razão as matronas, que prezavam esta virtude, nos Thesmophorios ou Festas de Ceres, juncavam as suas camas com as folhas d'esta planta (Diosc., Gal., Plin.) daqui vem o nome grego *Agnus*, ao qual se ajunctou o latino *Castus*, que significa o mesmo. (Dr. J. J. de Figueiredo —*Flor. Pharm.*)

Hab. em alguns pontos da nossa provincia de Trás-os-Montes, em sitios paludosos. Cultiva-se muito nas hortas, quintas e jardins.

Flor. na primavera.

P. u. os fructos [1].

Emp. internamente como poderoso aphrodisiaco, externamente contra a colica [2]. Pouco usado.

Asperifoliae. *Linn.*

ECHIUM PUSTULATUM. Sibth.

(E. tuberculatum. Hffgg. et Lk.; E. vulgare Brot. non Lin.; E. vulgare var. grandiflorum. Bertol.)

Viperina.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as flores e folhas.

Emp. como emolliente e diuretico. Noutro tempo empregou-se muito para curar as mordeduras das viboras. Pouco usado.

PULMONARIA LONGIFOLIA. Bast. [3]

(P. angustifolia. Hffgg. et Lk. non Lin.)

Pulmonaria.

Hab. na serra de Rebordão, proximo a Bragança.

Flor. em maio e junho.

P. u. as flores e folhas.

Emp. como bechica e sudorifica. Pouco usada.

---

[1] Vulgarmente chamados *bagas*.

[2] Na Smyrna faz-se muito uso das bagas d'esta planta para combater as colicas.

[3] A pulmonaria que habita o nosso paiz é designada em todos os livros que tractam da nossa Flora, com o nome de *P. angustifolia*. L., ultimamente porém o dr. Kerner, na obra que publicou em 1878, intitulada *Monographia Pulmonariarum*, pag. 13 descreve-a como sendo a Pulmonaria logifolia. Bast., especie muito distincta da P. angustifolia. L.

LITHOSPERMUM PROSTRATUM. Lois [1].

(L. purpureo-coeruleum. Thore non. L.; L. fruticosum. Hffgg. &. Lk. et Brot. non. L.; L. Chamaecistus. Pourr. teste Lge.; L. diffusum. Lag.; L. ericetorum. Salzm. teste. D. C.)

Herva das sete sangrias, Sargaça bastarda.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em outros pontos na Beira e Extremadura.

Flor. na primavera.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como temperante. O povo emprega frequentemente a infusão d'esta planta nas suppressões de transpiração.

LITHOSPERMUM FRUTICOSUM. L.

(Lithodora fruticosa. Griseb.)

Sanguinaria, Sargacinha.

Hab. no Algarve (Wk.)

Flor. desde março a junho.

P. u. as summidades floridas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

ANCHUSA ITALICA. Retz.

(A. officinalis. Ass., Cav., Gou., Vill., Desf., Brot. non Lin.; A. paniculata. Ait.; Buglossum officinale. Lamk.)

Buglossa, Lingua de vacca, Orcanetta.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos da Extremadura, Beira e Algarve.

Flor. na primavera.

P. u. as flores e folhas.

Emp. como emolliente e diaphoretica.

ANCHUSA UNDULATA. L. [2]

(A. angustifolia. Balb.; Buglossum angustifolium. All., B. lusitanicum. Tourn.)

---

[1] Variedade. β. erectum. Coss.

[2] Variedade. β. angustissima. D. C.

Buglossa ondeada.

Tudo o que diz respeito á especie antecedente.

SYMPHYTUM OFFICINALE. L.

Consolda maior.

Hab. na nossa provincia de Entre Douro e Minho. (Padre Christovam dos Reis).

Flor. de abril a junho.

P. u. a raiz e folhas.

Emp. como emolliente, e póde usar-se nas hemorrhagias em consequencia d'uma pequena quantidade de tanino que contém. Pouco usada.

BORRAGO OFFICINALIS. L.

Borragem.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. nos fins do inverno e na primavera.

P. u. as folhas e flores.

Emp. como sudorifica.

CYNOGLOSSUM CLANDESTINUM. Desf.

(C. officinale. Brot. non. L.)

Cynoglossa, ou lingua de cão.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. a raiz.

Emp. o extracto serve como excipiente em algumas massas pilulares. A casca da raiz entra na composição das pilulas de cynoglossa [1].

---

[1] Prive do meditullio, na occasião do emprego. (*Pharmacopêa Portugueza*, 1876).

CYNOGLOSSUM PICTUM. Ait.

(C. appeninum. Gou. non L.; C. amplexicaule. Lamk.; C. officinale. Desf. non L.; C. officinale. Cav.; C. creticum. II Clus.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos da Beira, Extremadura e Algarve.

Flor. na primavera.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Tubiflorae.

Convolvulaceae. *Vent.*

CALYSTEGIA SEPIUM. R. Br.

(Convolvulus sepium. L.)

Trepadeira dos tapumes.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. a raiz.

Emp. como purgativa. Pouco usada [1].

CALYSTEGIA SOLDANELLA. R. Br.

(Convolvulus soldanella. L.)

Soldanella, Couve marina.

Hab. nos terrenos arenosos da nossa costa proximo á Figueira da Foz, Buarcos, Quiaios, etc.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usada.

---

1 «Planta lactescente. Dá um succo, que, segundo Haller, tem virtude analoga á da Escamonea. *Convolvulus escamonea.* L.» (Dr. J. J. de Figueiredo—*Flor. Pharm.*)

CONVOLVULUS ARVENSIS. L. [1]

Coriolla, Verdeselha ou Verdisella.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. Tournefort e Garidel tiveram-na por muito efficaz como vulneraria, e têm-se-lhe attribuido virtudes litontripticas, purgativas e antipsoricas. Pouco usada.

(Continúa) ADOLPHO FREDERICO MOLLER.

---

[1] Variedade, linearifolius. Chois.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

TRADUCÇÃO DO ADAMASTOR

ADVERTENCIA

Estando proximas as festas do Tricentenario de Luiz de Camões, cabe opportunamente apresentar no *Instituto* a traducção do episodio do Adamastor, feita por Sulpice Gaubier de Barrault em 1772. Foi publicada num opusculo de 33 paginas precedida da do episodio de Ignez de Castro, que tambem já inserimos neste jornal. O folheto é dedicado a el-rei D. José no dia 6 de junho, anniversario do seu nascimento, e abre com uma elegante dedicatoria, a qual mais tarde egualmente copiaremos.

John Adamson, referindo-se a esta obra, diz o seguinte: «Copies of these translations are of the greatest rarity: the impression was so limited, that scarcely a copy remains in the libraries of curious collectors. A correspondent in Lisbon, to whom application was made either to procure the volume, or have the passage which relates to D. Ignez de Castro extracted, writes, «This work was delivered privately by the auctor to his friends, and not published: it is extremely scarce, and I have not yet been able to get a sight of a copy to make the extracts.»

Seria impertinente accumular elogios sobre este famoso trecho do immortal poema de Camões. É bem conhecido, e não menos conhecidos são os pareceres dos criticos, unanimes numa admiração espontanea. O proprio Voltaire, insuspeito por muitos motivos, diz d'esta ficção *que deve agradar em todos os tempos e em todas as nações*. Devemos apenas exceptuar o padre José Agostinho de Macedo, que em prosa insulsa tentou rasteiro deprimir

o seu merecimento. E dizemos rasteiro, porque só encontrou que censurar em pequeninas e suppostas contradicções e impropriedades, sem se elevar á sublimidade da concepção epica. Resolvida a expedição da descoberta da India, que fôra inspirada pelo sonho do rei D. Manuel, fazem-se á vela os argonautas portuguezes, que topam no cabo tormentoso com o grande obstaculo do seu nobre designio. É preciso dobral-o, e vencer estes perigos insondaveis com a mais destemida audacia. A imaginação do poeta eleva-se, e d'este rochedo enorme fabrica um gigante, o Adamastor, que é o genio d'aquelles mares aparcelados. Excellente prosopopeia! Em assumpto de ficção epica ninguem inventou cousa mais sublime e majestosa; ninguem a exprimiu com mais propriedade de linguagem, com maior copia de lição classica, com mais peregrino gosto e bom senso.

Dizem que Lope de Vega, quando lera este episodio, parara no verso *Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,...* procurando mentalmente, antes de passar ao seguinte, um competente remate, e que não o conseguira. Continuando, ficou maravilhado da naturalidade com que o nosso poeta completara a estancia: *E juncto d'um penedo outro penedo* [1]. E devemos notar que este celebre hespanhol era um versificador insigne, mais prompto na invenção, quando dictava, do que o seu secretario na escripta [2]. Estes dois versos resentem-se evidentemente da leitura dos de Ovidio:

Aut mare prospiciens in saxo frigida sedi:
Quamque lapis sedes, tam lapis ipsa fui [3].

Para os que ainda hoje versam os velhos modelos latinos o Camões não é menos admiravel pela sua opulencia romana, como pela mestria e ingenho com que a aproveitou superiormente em beneficio da lingua portugueza. F. P.

[1] Franc. Dias Gomes, *Obras poeticas*, pagg. 311 e 312; sr. J. Silvestre Ribeiro, *Ensaio de estudos praticos de litteratura*, pag. 125.

[2] Simond. de Sismondi, *De la litter. du midi de l'Eur.* Chap. XXXI.

[3] Ovid. *Heroid.*, Epist. x, vv. 49 e 50. (Ariadne Theseo).

ADAMASTOR [1]

ou description poetique du Cap de Bonne Espérance

Deja depuis cinq jours, au gré d'un vent heureux,
Nos vaisseaux s'eloignant de ces bords dangereux [2]
Voguoient sur une Mer jusqu'alors ignorée.
Une nuit, qu'au repos la Flotte etoit livrée,
Je veillois, observant sous des Astres nouveaux
La sillonante proue ouvrir le sein des eaux.
Sur nos têtes, soudain, une effroiable nüe
Se forme, obscurcit l'air, y paroit suspendüe.

Ce nuage rouloit, si chargé de vapeurs,
Qu'a son horrible aspect l'effroi glaça nos cœurs.
De la Mer, qu'il noircit, les flots au loin mugissent,
Tels, quand de leurs brisants les rochers retentissent.
O sublime Pouvoir! m'ecriai-je a l'instant,
Est-ce un nouveau mistere, est-ce un Ciel menaçant,
Dont ces Mers, ces climats nous présentent l'image?
Prodiges plus affreux que la foudre & l'orage!

A peine j'achevois, que dans l'air ténébreux,
Un Phantôme apparoit, robuste, vigoureux;
Sa figure est difforme, & sa taille etonnante;
Il a les traits chargés, la barbe dégoutante,

---

[1] *Adamastor ou description poetique du Cap de Bonne Espérance — morceau traduit de Camöens, et tiré du cinquieme chante de son pöeme de la Luziade; depuis la 37.e octave jusqu'a la 60.e inclusivement. C'est Gama qui parle au Roi de Melinde.* É este o titulo que se acha no opusculo, cuja orthographia seguimos.

[2] Des bords de l'Ethiopie.

L'air terrible & méchant, le tein pâle & terreux,
Les yeux creux, les cheveux & crêpus & fangeux;
Sa bouche affreuse & noire, & ses levres pendantes
Offrent l'aspect hideux de ses dents jaunissantes.

D'abord, je te l'assure, a son corps monstrueux,
De Rhodes je crus voir ce Colosse fameux,
Dont l'etrange grandeur n'eut jamais de pareilles,
Et que le Monde compte entre ses sept merveilles.
D'un son horrible & rauque il frappe enfin les airs,
Sa voix paroit sortir de l'abîme des mers.
A l'entendre, a le voir nos cheveux se hérissent
Tout nôtre corps frissonne, & nos veines tarissent.

Hardis Mortels, dit-il, & plus audacieux
Que tous ceux qui du Monde ont etonné les yeux:
Vous, dont de vains travaux, tant de cruelles guerres
N'ont jamais pu lasser les armes téméraires,
Vous osez donc briser le terme limité?
Vous osez de ces flots courir l'immensité,
De ces flots, dont toujours j'ai gardé la surface,
Dont jamais gouvernail n'a sillonné l'espace?

Hé bien, puisqu'aujourd'hui d'un regard pénétrant
Vous scrutez la Nature, & l'humide Element,
Et sondez des secrèts, dont nuls Mortels célebres,
D'un nom même immortel, n'ont percé les ténebres:
Je lis dans l'avenir; ecoutez les malheurs,
Dont vôtre trop d'audace essuira les horreurs,
Tant sur ces vastes mers, que par toute la terre
Qu'il vous faut subjuguer par la plus rude guerre.

Voiez vôtre voiage, & sa fatalité;
Tous ces voiles armés par la témerité

Auront pour ennemis, a jamais, ces rivages,
Oû se rassembleront les vents & les orages:
Et, des premiers vaisseaux contre moi révoltés,
Qui franchiront ces flots jusqu'ici respectés,
Le chatiment subit fera de tels ravages,
Que vos perils seront moins grands, que vos naufrages.

Ma vengeance, j'espere, un jour dans ce climat,
De qui me découvrit expiera l'attentat [1];
Et l'ardeur de punir vôtre audace obstinée,
A son seul chatiment ne sera point bornée.
Oui: (si la verité se decouvre a mes sens),
Tous les ans vous verrez, frêles jouets des vents,
Vos vaisseaux engloutis, & tant de maux a craindre,
Que d'eux tous rassemblés la mort sera le moindre.

Au premier Chef illustre, & parmi vous fameux [2],
Dont les faits porteront le renom jusqu'aux Cieux,
Je dois, par des décrets, qu'aux humains un Dieu céle,
Servir de sepulture eternelle & nouvelle.
De la flotte du Turc, c'est dans ces mêmes lieux,
Qu'il lui faudra laisser le trophée orgueilleux.
Quilôa renversée, unie avec Monbace,
Da sa perte infaillible avec moi le menáce.

Après lui doit paroitre un Héros généreux [3],
Issu d'un noble sang, plein d'honneur, amoureux;
Pour Compagne il aura l'objet le plus aimable,
A l'amour il devra ce prix inestimable:

---

1 Barthélmi Dias—*Voiez la Note qui est a la fin.*
2 D. François d'Almeida qui fut Vice-Roi des Indes.
3 D. Manuel Sepulveda.

Mais trahis par le sort, & par leurs noirs destins,
Et jettés sur mes bords arides, inhumains,
Ils sortiront vivants du plus cruel naufrage
Pour souffrir des travaux plus forts que leur courage.

Ils verront leurs Enfants, objets de leur amour,
Par la faim dévorés, expirer tour a tour:
On verra l'affreux Caffre avide & plus barbare
Dépouiller sans pitié la beauté la plus rare;
Et ce corps, dont l'eclat efface le cristal,
Nud, souffrir la chaleur, le froid, un air fatal,
Laissant de toutes parts sur l'arêne brulante
De ses pieds délicats l'empreinte encor sanglante.

Echapés a ces maux, a ces tourments divers,
Ces amants survivront a leurs affreux revers
Pour languir, pour souffrir dans leur sort deplorable,
Des arides forests la chaleur implacable.
C'est là, qu'après avoir, a force de malheurs,
Amolli les rochers par leurs cris de douleurs;
Ils verront, embrassés, fuir leur ame immortelle
De la triste prison, qui pour eux fut si belle.

Poursuivant son discours, ce Monstre horrible enfin
Prédisoit nos destins; quand me levant soudain;
Quel es-tu, dis-je, toi qui sous ce corps informe
Nous vient emerveiller de ta stature enorme?
Tournant alors sa bouche, & roulant ses yeux creux,
Il pousse avec effort un hurlement affreux,
Et répond d'un ton dur, que l'amertume enflamme,
Comme si ma demande eut opprimé son ame:

Je suis ce CAP fatal, occulte, & renommé,
Que, le CAP ORAGEUX, vous même avez nommé.

Ptolomée, & Strabon, Pomponius, ni Pline,
En un mot nul mortel n'a su mon origine,
Ni vû mon Promontoire inconnu jusqu'alors;
De la Côte Affricaine il borne ici les bords,
Et commandant ces mers s'etend sur leur surface,
Vers le Pôle Antarctique outré de vôtre audace.

La Terre me compta parmi ses fiers enfants,
Centimane, Encelade, Egée, & les Titans,
Je suis ADAMASTOR, & pris part a la guerre
Contre le Dieu puissant, qui lance le tonnerre;
Mais on ne me vit point entasser monts sur monts:
Conquérant l'Océan, & ses antres profonds,
Je me chargeai des Mers, ou courant la Fortune,
Je cherchai furieux la flotte de Néptune.

De ce hardi projet l'Amour fut le moteur,
L'Epouse de Pélée avoit seduit mon cœur;
A la Reine des Eaux seule, rendant les armes
Des Déesses du Ciel je méprisái les charmes.
Sur les bords de la Mer, je la vis nüe un jour;
Les Filles de Nérée embellissoient sa cour:
Soudain mon cœur sut pris, mais de telle maniere,
Qu'a tout dans l'Univers encor je la préfere.

De mon enorme corps l'effraiante grandeur,
D'obtenir son aveu m'otant l'espoir flatteur,
Je voulus l'emporter par la force des armes,
Je le dis a Doris; la Déesse en allarmes
Court, tremblante d'effroi, parler en ma faveur:
Thétis, lui souriant de l'air de la candeur,
Quelle Nimphe pourroit, dit-elle avec finesse,
A l'amour d'un Géant egaler sa tendresse?

Mais enfin pour sauver l'Océan aux abois
D'une guerre si longue, essaions, toute fois
Sans blesser mon honneur, d'arrêter le carnage.
Ma confidente ainsi me rendit ce méssage;
Je n'en soupçonnai point le piége séduisant,
Des amants insensés tel est l'aveuglement.
Abondament rempli d'une vaine imprudence,
Mon cœur bercé d'erreurs se gonfla d'espérance.

Ridicule jouet de l'imbecillité,
De la guerre déja je m'etois désisté.
Par Doris, une nuit m'est promise: j'arrive,
Et je crois voir Thétis seule au loin sur la rive;
Aucun voile jaloux ne couvroit ses appas.
C'est son port, sa blancheur, j'ouvre aussitôt les bras,
Je cours baiser ce corps, j'y sens voler mon ame;
Sa bouche, ses cheveux, son bel œil... tout m'enflamme...

Ah! je ne puis conter sans honte, & sans regrets,
Que croiant embrasser la beauté que j'aimois,
Je me vis embrassant un Mont dur, effroiable,
Couvert d'une forêt epaisse, impénétrable;
Et trouvant face a face un rocher dans mes bras,
Quand je croiois presser d'angéliques appas,
L'homme en moi disparut, muet, presque sans vie,
Je devins une roche a l'autre roche unie.

Nimphe de l'Océan la plus riche en attraits,
Que t'en eut-il couté si je te déplaisois,
De me laisser au moins l'erreur d'un bien suprême
Fut-ce un songe, une nüe, un mont, le néant même?
Fuiant enfin ces lieux, insensé de fureur,
Outré d'affliction, & de mon déshonneur,
Je fus chercher un Monde, ou delivré d'allarmes,
Je ne visse personne insulter a mes larmes.

Mes freres dès longtems etoient déja vaincus,
Et dans leurs triste sort sans ressource abbatus.
Pour plus de sureté les Dieux dans leurs vengeances
Les avoient ecrasé sous des rochers immenses.
Ainsi contre le Ciel tous les efforts sont vains.
Tandis que je me traine en pleurant mes chagrins,
Du Destin ennemi trop coupable victime,
Je commence a sentir la peine de mon crime.

En terre dure un jour je vis changer mes chairs,
Mes ós pétrifiés formerent des rochers.
Ces membres que tu vois, cette stature enorme,
S'allongeant sur les eaux, prirent une autre forme;
En ce Cap reculé, les Dieux vengeant leurs torts
Convertirent enfin mon gigantesque corps;
Et pour rendre a jamais mes douleurs plus profondes,
Thétis même, Thétis m'entoure de ses ondes.

Ce Monstre ainsi parla, pleurant affreusement,
Et de nos yeux surpris disparut a l'instant;
Avec lui disparut le ténebreux nuage,
D'un long mugissement la Mer, & le rivage
Retentirent au loin: Moi, j'elevai les mains
Vers le Ciel, qui nous guide en ces climats lointains,
Le priant d'eloigner les disgraces futures,
Qu'ADAMASTOR prédit dans ses tristes augures.

SULPICE GAUBIER DE BARRAULT.

Barthélmi Dias que se trouvoit alors avec Gama, avoit déja poussé sa navigation, sous le regne de Jean II Prédécesseur d'Emmanuel, jusqu'au Cap de Bonne Esperance, & aussitôt après son retour en Portugal avec Gama, s'etant rembarqué avec Pierre Alvarez Cabral, il fut englouti dans la tempête terrible qui assaillit sa Flote auprès de ce Cap.

LAMARTINE [1]

O grande homem, que cerrou os olhos á luz e por quem a França vai cobrir-se de luto, encherá de si o futuro. Compete á historia traçar-lhe elogio funebre que seja digno da sua memoria; hoje só ha logar no seu tumulo para corôas entretecidas a furto. Poeta, diplomata, orador, historiador, tribuno, salvador da patria num dia de crise, Lamartine percorreu com o esplendor do genio todos os vastos campos da acção e do pensamento. A sua obra é tão vasta, a sua vida tão fecunda, que, como a dos heroes antigos, parece resumir muitas existencias. Seria preciso um livro para narral-a, e só temos uma pagina. Toquemos summariamente os seus pontos culminantes, o primeiro dos quaes se eleva até ao céo.

«Os fogos nascentes da aurora — disse Vauvernagues — não se ostentam tão suaves como os primeiros resplendores da gloria.» Foi circumdado de gloria, tão pura como uma alvorada, que o talento de Lamartine surgiu em 1820. A sua estreia, no centro da litteratura desbotada e esteril d'aquella epocha, teve o fulgor d'uma visão. Era o céo reaberto sobre a poesia, a flamma ateada de novo nos altares do amor; a fonte das lagrimas, por tanto tempo estancada, tornava a brotar. O joven poeta patenteava-se no seu

---

1 Quando Lamartine falleceu, a França pela penna de seus escriptores teceu-lhe elegia singular e unica. Não foi um partido que o chorou, chorou-o a sua patria, unanime no luto.

Entre os muitos artigos que então se publicaram distinguiu-se este, escripto por Paul de Saint Victor em estylo elevado, cuja traducção apresentamos.

Como no numero antecedente inserimos uma traducção do sr. Francisco Antonio de Mello sobre o mesmo poeta, rematamos hoje o seu elogio com este novo artigo. Um completa-se com o outro, formando ambos uma synthese esplendida da vida e merecimento d'este grande homem.

primeiro livro como o psalmista das gerações novas. Seus enlevos intimos, seus sentimentos inexplicaveis, suas vozes interiores achavam nelle um interprete divino. Era o *Sunt lacrymæ rerum* de Virgilio traduzido em poemas. Que sublimidade natural! que viço na abundancia! que pureza de aragem! que flexibilidade no vôo! que modo transparente e vasto de pintar e reflectir a natureza! No meio d'esta encantadora mistura de elegias e de canticos reunidos, o *Lago,* prateado pela lua, desenhava-se no seu contorno harmonioso, sitio unico entre todos os do mundo poetico, obra prima d'arte e de coração, que nunca será excedida.

As *Nouvelles Méditations* e as *Harmonies;* mais tarde *Jocelyn,* a *Chute d'un ange* e os *Recueillements,* alargaram alternativa e illimitadamente a fonte primitiva. Este *lago,* imagem do primeiro estylo do poeta, cujas margens parecem as extremidades lavradas d'uma taça, dilata-se indefinidamente. Correntes caudalosas desenvolveram-no para todos os lados: elle assumiu a amplidão do mar alto, estendendo-se por todas as praias e reflectindo o infinito. Mas, na sua immensidade, o genio do poeta fica sempre puro, claro, accessivel. A lenda da criancinha, que queria abranger o Oceano numa concha, realisou-a a poesia de Lamartine. A alma mais simples, a intelligencia mais ingenua póde deleitar-se com seus versos. Elle eleva ao setimo céo do lyrismo as idêas e os sentimentos; mas estas idêas e sentimentos são communs a todos. Deriva-os da natureza immutavel da alma humana; empresta-lhes suas azas e os transfigura. O coração da donzella e o espirito do philosopho são por elle egualmente inspirados. A aguia e a pomba podem voar com um mesmo adejo na sua atmosphera. — É este o dote mais excellente d'um genio sympathico: falla em tom elevado e todos o comprehendem. A sua lyra assemelha-se aos grandes orgãos, onde o artista parece ter concentrado todas as vozes do mundo. Ha momentos em que se julga ouvir trovejar e a torrente mugir nas suas profundidades; e depois dirieis que o passaro construiu seu ninho nos seus tubos eolios, tal é a facilidade com que passam da omnipotente harmonia do trovão para o suspiro,

do clamor para o soluço! Movido pela mão do musico que o inspira, o enorme instrumento ora se alarga ás proporções d'uma floresta que o vento agita, ora desce até á brandura da flauta agreste que o sopro d'um pastor anima.—Assim é a poesia de Lamartine: com a mesma voz com que ha pouco cantava os mysterios da eternidade e do infinito, a sua musa vai suspirar a elegia d'uma mulher ou a prece d'uma criança. Elle passa naturalmente da tripode involvida de chammas propheticas para o doce canto da lareira.

O orador gerou-se do poeta e logo o egualou. A litteratura só não podia conter esta natureza cheia de aptidões, avida de acção e de sacrificios. Lamartine era impellido para a politica como para um dever pela consciencia que tinha dos serviços que podia prestar ao seu tempo e á sua patria. Quando no regresso do Oriente, a eleição de Bergues o introduziu na camara, alli ficou muito tempo isolado como se estivesse sobre um pincaro. Onde ireis sentar-vos na Assembléa? perguntou-lhe um de seus amigos.—«No tecto», respondeu-lhe. Como Girardin, seu amigo constante de idêas e de coração, hasteou a sua bandeira fóra das agitações ephemeras e das rivalidades estereis dos partidos, não sobre o terreno movediço das paixões e dos preconceitos, mas na verdade, na justiça e no interesse permanente do paiz. Não aspirava a figurar no drama fugitivo das camarilhas e dos ministerios, não querendo outro papel na vida publica senão o da consciencia na vida privada. Julgava que póde haver liberdade nas monarchias e ordem nas republicas, e que a humanidade deve encaminhar-se ao progresso por todas as sendas. Os governos não eram para elle senão instrumentos de civilisação, que se devem utilisar consoante a força das circumstancias e os tempos os offerecem, para fazer progredir e fructificar as idêas, e que vale mais torcer do que quebrar.

A imparcialidade é um papel ingrato. Lamartine na camara foi a principio ouvido desfavoravelmente. A senha da maledicencia era *poesia*. Mandavam-no sem cessar para os seus versos; para

o fazer tropeçar, atravessavam-lhe a sua lyra nos degráus da tribuna; seus inimigos, como elle disse, exilavam-no para o céo. Elle comtudo assenhoreava-se cada dia com mais força e auctoridade d'esta tribuna tão disputada. A sua eloquencia sublime e ardente, animada com o sopro quasi religioso do patriotismo, transpunha os bancos hostis ou distrahidos da camara, para retumbar com força no coração do paiz. Brevemente foi preciso prestar-lhe alta consideração. A amnistia, a emancipação dos escravos, a adopção dos engeitados, a caridade social, a fraternidade das classes na liberdade, a abolição da pena de morte, tinham nelle um tribuno, e quasi um apostolo.

De discurso em discurso acabava, aos olhos da nação, por personificar todas estas causas nobilissimas. O futuro do progresso incarnava-se nelle. Este visionario, como lhe chamavam, pronunciava as formulas magicas da epocha; as quaes, ferindo de chofre, resumindo-se numa palavra, circulavam por toda a França como proverbios da situação. Durante os ultimos annos do governo de Julho foi, póde dizer-se, o ministro sem pasta dos votos e da opinião publica do paiz.

A sua *Histoire des Girondins* foi o preambulo d'uma revolução; é difficil separal-as, as duas, e julgar friamente como livro uma obra que tão profundamente se insinuou nos factos. O que se torna superior a toda a controversia é o genio do poeta, que derrama em ondas o ideal, a vida, a luz por sobre esta tempestade de factos e de homens; é a imparcialidade ousada do pensador, que tirava o fogo sagrado do vulcão, e purificava os principios das escorias que os enlameavam, entornando sobre os verdugos, e não sobre as idêas, o sangue das victimas.

Quando rebentou a revolução que elle tinha prognosticado sem a desejar, arremessou-se á tormenta, de corpo e alma, para applacal-a. A historia fará mais tarde uma lenda da sua lucta contra a anarchia. Este foi o ponto supremo e culminante da sua vida. Essas escadas do *Hotel de Ville,* donde, sob o relampejar das baionetas, ao estrondo dos sinos que tocavam a rebate e ao estampido

das armas de fogo, affrontando os sabres levantados contra seu peito, elle perorava a uma multidão delirante, e calcava aos pés a sua bandeira ensanguentada, eis o pedestal onde a posteridade o contemplará!

A eloquencia humana jámais obrou tamanho milagre. Como o orador grego, Lamartine orava ao mar, e, mais poderoso do que elle, fez recuar este mar furibundo. Póde dizer-se que, nesse momento, cobria a França com o seu corpo. A attitude que immortalisou Boissy d'Anglas por tel-a conservado tres horas perante uma revolta, Lamartine a manteve tres dias perante uma revolução.

Esta tempestade por elle applacada elevou-o ao apice d'uma popularidade a que jámais nenhum homem chegou. O paiz affeiçoou-se-lhe com um reconhecimento apaixonado. Seu nome tornou-se uma acclamação, sua pessoa um idolo. A França unanime o impellia ao poder supremo; dez eleições levaram-no como sobre um escudo para a Assembléa nacional.

A historia dirá mais tarde com que probidade civica elle exerceu o seu poder ephemero, a resistencia generosa que oppoz ás seducções da dictadura, o sacrificio que fez de si proprio ao que julgou salvação publica. A sua quéda foi tão rapida como fôra triumphal a sua elevação; dois mezes depois a sua popularidade abysmava-se sob a ingratidão do povo e os odios dos partidos. As balas de Junho, contra as quaes se expoz nas barricadas, não o pouparam senão para mergulhal-o no esquecimento, donde sahiu, uma vez por outra, durante os tres annos seguintes, por meio de discursos, que avivavam instantaneamente o seu nome eclipsado, e por conselhos eloquentes dirigidos ao povo. Mas a sua hora tinha soado, o seu ostracismo fôra inscripto na fatalidade dos factos e na inconstancia dos espiritos. O golpe de estado confinou-o na sombra e sepultou-o prematuramente.

Esta grande vida merecia acabar no lento e radioso crepusculo que illuminara a velhice de Goethe e de Washington. Não foi dado a Lamartine envelhecer assim: o seu occaso foi sombrio e lugubre.

A musa podéra dizer d'elle, nos seus ultimos dias, o que Beatriz dizia do Dante:

L'amico mio e non della ventura.

Uma divida enorme pesava sobre elle, contrahida principalmente pelas prodigalidades da sua beneficencia.

D'autres bouches te diront un jour, sur ma tombe,
Où fut enfoui mon trésor:

respondia elle outr'ora a um libellista, que lhe censurava a sua riqueza. O seu tumulo está aberto, e os seus amigos podem hoje dizer em que abysmo de caridade elle absorveu a sua fortuna. Não foi unicamente a vida que sacrificou em 1848 á causa publica: entrando ainda rico nesse poder ephemero, sahiu d'elle empobrecido. Escravo d'esta pesada divida, cuja cadeia sómente podia ir alongando mas não extinguir, foi-lhe preciso, nas horas do descanço, converter a sua grande penna em ferramenta, e empregal-a, sem socego nem interrupção, nas obras servís do trabalho. Combate secreto, obscuro, quotidiano, mais terrivel que a batalha á luz do sol; lucta iniqua do homem intellectual contra as necessidades materiaes, que de dia para dia se aggravavam.

Elle teria podido sem duvida sentar-se sobre a sua ruina, involver-se no seu manto, e amaldiçoar os homens; mas a ruina do seu patrimonio aniquilaria existencias ligadas á sua existencia. Preferiu esfalfar-se em vãos esforços para reconstruil-o. Se fez mal em ostentar publicamente as suas intimas afflicções, quem poderia hoje censural-o?... Apresentava-se em publico como os heroes decahidos da antiga Roma, que descobriam na praça publica as cicatrizes das feridas que tinham recebido combatendo pelo povo. — A injuria e o escarneo perseguiram o grande supplicante: Roma tel-o-ia conduzido ao Capitolio, onde elle poderia jurar, como Scipião, que tinha salvado a patria!

A morte, que purifica os grandes homens, dissipará estas sombras e destruirá estas miserias. Que majestoso monumento ella vai levantar com a sua imagem! de que brilhante aureola circumdal-a! Todos os raios do seu genio, obscurecidos pelas trevas que involveram a sua velhice, vão emergir-se da nuvem e reflectir-se sobre o seu tumulo. O grande poeta, que subjugou as almas com a harmonia dos seus cantos, o historiador, que extrahiu das cinzas confusas do passado as chammas que deslumbram, o orador poderoso, que luctou pelo triumpho pleno da razão humana nas leis e nas idêas, umas vezes a favor dos direitos do povo, outras contra as suas loucuras, o tribuno da paz, que fez recuar a anarchia fallando-lhe altaneiro e impavido, estes homens todos, que consubstanciam um heroe, se erguerão ao mesmo tempo com a sua sublime alteza e soldarão de novo a sua admiravel unidade.

A antiguidade teria creado um mytho d'esta multiplice existencia, d'esta ubiquidade do genio, que percorria tantos caminhos diversos. Esta espantosa existencia será a admiração da posteridade que começa. E esta admiração se tornará em culto de amor que ha de honrar a sua memoria. Lamartine fallará ao seu coração tanto como ao seu espirito. Os echos da sua eloquencia poderão enfraquecer-se, mas seus cantos immortaes atravessarão os seculos. Por cima da sua corôa civica, que o tempo desfolhará talvez, Lamartine tem a estrella do genio radiando-lhe na fronte.

Numa admiravel pagina dos *Recueillements,* o poeta, ha trinta annos, invocando já a morte como divindade piedosa, apostrophava o *Sino* que havia de dobrar no seu funeral:

Moi, quand des laboureurs porteront dans ma bière
Le peu qui doit rester ici de ma poussière,
Après tant de soupirs que mon sein lance ailleurs!
Quand des pleureurs gagés, froide et banale escorte,
Déposeront mon corps endormi sous la porte
Qui mène à des soleils meilleurs;

Si quelque main pieuse en mon honneur te sonne
Des sanglots de l'airain, oh! n'attriste personne;
Ne vas pas mendier des pleurs à l'horizon!
Mais prends ta voix de fête et sonne sur ma tombe
Avec le bruit joyeux d'une chaîne qui tombe
Au seuil libre d'une prison!

Este sino, que vai dobrar sobre a sua sepultura no valle de Saint-Point, resoará pelo mundo inteiro. Elle não soltará os sons festivos que lhe pedia o poeta; mas o seu echo fará derramar muitas lagrimas. No seu dobre funebre semelhará todavia o quebrar de cadeias que algemavam o genio, o qual bateu as azas fugindo ás injustiças, ás calumnias e ás ingratidões do presente, para volver sereno e radiante á sua gloriosa immortalidade!

* * *

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



INSTITUTO DE COIMBRA

SARAU LITTERARIO

EM COMMEMORAÇÃO DO TRICENTENARIO DE LUIZ DE CAMÕES

10 de junho de 1880

O Instituto de Coimbra resolveu commemorar solemnemente com um sarau litterario o tricentenario da morte de Luiz de Camões. Havendo porém da parte de alguns socios o desejo de dar a esta festa commemorativa uma grandeza que a sala da associação não comportava, a Direcção impetrou da Universidade, por graça especial, a sala grande dos actos, vulgarmente denominada *sala dos capellos*. Em Coimbra só este grande recinto poderia conter as innumeras pessoas que desejavam assistir ao sarau do Instituto, que, litterariamente, promettia ser a mais brilhante das muitas manifestações, pelas quaes a cidade das letras deveria provar a sua veneração á memoria illustre do auctor dos Lusiadas.

Com effeito pelas oito horas da noute de 10 de junho começaram a affluir os espectadores áquella vasta sala, que em pouco tempo ficou inteiramente cheia. Trezentas ou mais senhoras occupavam os doutoraes, uma parte da teia e ainda alguns logares ao fundo da sala. As auctoridades, alguns lentes da Universidade, a commissão dos estudantes e os socios do Instituto acabavam de encher a teia. No corpo da sala, nas bancadas e nos espaços intermedios, agglomeravam-se muitos estudantes e outras pessoas. Era a reunião mais numerosa e mais auctorisada de que havia memoria em Coimbra.

Na cabeceira da sala, em logar elevado, estavam a mesa da presidencia e uma outra destinada para os oradores. Em frente da porta principal, suspenso de uma tribuna, via-se o retrato de Camões engrinaldado de louros. Este retrato, desenhado expressamente para o Instituto pelo socio, o sr. Luiz Augusto Pereira Bastos, é uma obra de grande merecimento artistico. O rosto do poeta revela uma intelligencia e animação que faltam na maior parte dos outros retratos; e o ter sido feito a esfuminho torna ainda mais apreciavel esta prova de destreza artistica [1]. Com este numero do nosso jornal sahirá uma phototypia que se mandou tirar do quadro do sr. Bastos.

Pelas nove horas da noute, o sr. conselheiro Francisco de Castro Freire, vice-reitor da Universidade e presidente do Instituto, abriu o sarau com uma allocução que adeante reproduzimos. Seguiram-se os socios do Instituto, os srs. drs. José Braz de Mendonça Furtado,

---

[1] Os retratos mais antigos de Luiz de Camões, e que serviram de originaes ás copias que depois se têm feito, são aquelles que foram gravados nos *Discursos varios politicos* por Manuel Severim de Faria, Evora, 1624; e nos Lusiadas, commentados por Manuel de Faria e Sousa, Madrid, 1639.

Faria e Sousa declara ter copiado o retrato que o licenciado Manuel Corrêa, amigo de Luiz de Camões, lhe mandara tirar, depois de ter regressado da India. O desenho que serviu para a gravura dos *Discursos varios* parece copia tambem do mesmo original, com quanto o auctor não nos esclareça neste ponto. Do proprio desenho á penna, feito por Manuel de Faria e Sousa, no manuscripto dos Commentarios, que serviu para a impressão, e que se conserva na bibliotheca da Ajuda sahiu um *fac-simile* no supplemento ao n.º 59 do *Occidente*, commemoração do tricentenario de Camões.

Nalguns dos retratos que ultimamente appareceram, feitos em Lisboa e no Porto, nota-se uma tendencia para a adopção de novos typos muito differentes d'aquelles mais antigos e authenticos documentos. Parece-nos porém que o *fac-simile* publicado pelo *Occidente* e a gravura que nos deixou Severim de Faria, extremamente similhantes entre si, deverão de hoje em deante servir de originaes áquelles que pretenderem dar-nos novas representações das feições corporaes do poeta.

Quando o sr. Bastos desenhou o retrato para o Instituto, não tinha ainda apparecido o *fac-simile* no *Occidente*.

Augusto Filippe Simões e Augusto Antonio da Rocha, cujos discursos publicaremos tambem, o primeiro por extracto e integralmente os outros dois. O socio correspondente, o sr. Antonio de Macedo Papança, recitou um poema em tres cantos intitulado — *Catharina de Athayde*. Por falta de espaço, e tambem por correr já impresso todo o poema, não daremos aqui mais que o terceiro canto.

Passando de meia noite, e não querendo prolongar demasiadamente o sarau, abstiveram-se de tomar nelle a parte activa de que se haviam encarregado os socios, os srs. dr. Francisco Augusto Corrêa Barata e Eduardo Burnay. Para de algum modo attenuar esta falta sensivel para todos aquelles que apreciam o merito, publicaremos tambem os discursos que deveriam recitar na festa de 10 de junho. O socio correspondente do Instituto, o sr. Thomas Blanc, por commemorar o tricentenario de Camões, escreveu uma epistola em verso, dirigida ao nosso consocio, o sr. dr. Assis Teixeira, que a mandou imprimir e fez distribuir durante o sarau.

ALLOCUÇÃO DO PRESIDENTE DO INSTITUTO CONSELHEIRO FRANCISCO DE CASTRO FREIRE

Meus Senhores:

Em 10 de junho de 1580, ha tres seculos completos, desprendeu-se do seu involucro terreno a alma de Luiz de Camões, a maior alma que deitou Portugal, servindo-me da phrase energica e feliz de Garrett no seu primoroso drama *Fr. Luiz de Sousa.*

Ha tres seculos que se escondeu nas profundezas da eternidade esse grande espirito, o astro mais brilhante da litteratura portugueza, astro que, depois do seu occaso, despedindo de si um facho luminoso, abrilhanta ainda, com um fulgor indelevel e cada vez mais vivo, o nosso glorioso passado, e faz vibrar por uma corrente electrica, em todos os corações portuguezes, sentimentos de enthusiasmo e de gratidão que, por mil modos e á porfia, se manifestam no empenho de commemorar no dia de hoje, porque nos é ainda desconhecido o dia do seu nascimento, o terceiro centenario do principe dos poetas portuguezes, do epico sublime, cujo nome é repetido e acatado em todas as linguas das nações civilisadas.

Sim, meus Senhores, pelas suas elegias tão sentidas como as de Ovidio, pelas suas odes e canções que rivalisam com as de Horacio, pelos seus bellissimos sonetos sem inveja aos de Petrarcha, e finalmente pelas suas eglogas, brilhante reflexo das de Theocrito e de Virgilio, adquiriu Luiz de Camões titulos sobejos para ser acclamado e reconhecido principe dos poetas da nossa terra.

Pelos seus Lusiadas porém ascendeu a muito maior altura, tornou-se um poeta da humanidade, e o seu nome é pronunciado em

todo o mundo a par dos nomes de Homero, de Virgilio, do Dante, de Milton e do Tasso.

Com effeito nos Lusiadas, nessa epopêa immortal, tão providencialmente salva de um naufragio triste e miserando, e que, para nós os portuguezes, é a nossa biblia e o nosso maior brazão de glorias, condensou a penna de ouro do nosso afamado Epico tudo o que havia de mais poetico e grandioso na elaboração civilisadora e scientifica do seculo XVI.

É por isso que nenhum dos nossos grandes poetas tem sido tão amado e honrado da sua gente, nem tão celebrado dos extranhos como Luiz de Camões.

Se em algum tempo coube aos portuguezes a nota de ingratos para com o seu cantor, o dia de hoje apaga de todo censuras talvez exaggeradas.

Á mais pungente d'ellas, á interrogação de Garrett:

Onde jaz, portuguezes, o moimento
Que do grão cantor as cinzas guarda?

já podemos hoje responder ufanos.

As cinzas de Camões, e as cinzas de Vasco da Gama, acabam de ser depositadas na majestosa egreja de Nossa Senhora de Belem, nesse arrojado monumento consagrado ás nossas descobertas maritimas. Alli se prestaram, com as solemnidades religiosas, as honras funebres devidas aos dois vultos gigantes da nossa historia, ao primeiro dos nossos poetas e ao primeiro dos nossos navegadores, ao grande cantor e ao seu heroe.

Remida assim a ultima e a mais avultada das nossas dividas para com o grande Poeta, torna-se mais solemne e jubilosa a commemoração nacional destinada para o dia de hoje.

O Instituto de Coimbra não podia, não devia deixar de tomar parte nella, e de prestar tambem a sua homenagem de respeito e gratidão a Camões, que nesta Coimbra, nesta terra de encantos naturaes e de tradições historicas, recebeu as primeiras inspirações

do amor e da gloria, as quaes se desataram depois em torrentes da mais mimosa, sublime e patriotica poesia; a Camões, que veio assenhorear-se de toda a litteratura, de toda a sciencia d'aquella epocha memoravel da renascença, nesta Universidade de Coimbra, abrilhantada já então por professores eximios, e que tem considerado sempre como seu maior padrão de gloria o ter creado um alumno tão famoso.

O estylo inimitavel de Camões, a cultura da rica e sonora lingua portugueza, que elle poliu, enriqueceu e fixou, reclamavam tambem especial homenagem d'esta nossa Sociedade litteraria.

O nosso consocio, e distincto professor de desenho, o sr. Luiz Augusto Pereira Bastos, acceitando, sem hesitação, o convite da Direcção do Instituto, mimoseou-nos com o bellissimo e bem acabado retrato do nosso immortal Poeta, que ahi tendes presente, e que passará a adornar a sala das nossas conferencias, a qual tomará de hoje em deante o nome de *Sala de Camões*.

Aquella nobre imagem, symbolo do mais acrysolado patriotismo, e do amor mais entranhado a todo o saber humano, será um incentivo perenne para que o Instituto de Coimbra prosiga na sua nobre missão de animar entre nós a cultura das sciencias, da litteratura e das boas artes, dirigindo-as para as regiões elevadas, onde a dignidade humana se apraz em contemplar sómente o que é sancto, o que é justo e o que é bello.

Em desempenho do nosso programma, e não devendo enfadar-vos por mais tempo, só me resta agora convidar para que usem da palavra os illustres oradores e poetas que se inscreveram para este sarau litterario, e aos quaes estareis já impacientes para ouvir commemorar, digna e eloquentemente, o trovador apaixonado, o divino cantor das glorias patrias, o poeta martyr, aquelle emfim cuja lyra sonorosa, sempre afamada, hoje resoa mais ditosa.

EXTRACTO DO DISCURSO DO SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO JOSÉ BRAZ DE MENDONÇA FURTADO

Levantando-se no mesmo logar em que estava, disse:

Que effectivamente muito desejava corresponder ao lisonjeiro convite do nosso illustrado presidente, tomando tambem parte na festa que este gremio scientifico celebrava. Mas que, d'entre as vastas e seductoras perspectivas, que o pensamento d'esta commemoração naturalmente abria ao espirito, não sabia bem em qual fixar a sua attenção, nem possuia inspiração bastante para traçar um quadro, digno de tão esclarecida assemblêa, e principalmente do genio assombroso, a que prestavamos o culto da nossa admiração e enthusiasmo.

Procuraria, por ventura, guiado pela critica historica, resuscitar aquella poderosa individualidade, desenhar as feições mais preeminentes da sua vida, e ainda os incidentes mais vulgares da sua existencia? Deixar-se-hia arrastar por este invencivel attractivo para tudo o que diz respeito aos grandes homens e por este natural pendor para levar, até á idolatria, o culto das recordações e do sentimento?

Dirigiria antes a sua attenção para a obra immortal do poeta, que melhor nos patentêa o seu portentoso talento e cuja grandeza se revela na força com que deslumbra as grandes intelligencias e sabe commover o coração ingenuo das multidões?

Finalmente, pairando numa região mais elevada, tentaria mostrar na obra immortal do poeta, que marca o apogeu da nossa vida litteraria, e dos nossos feitos heroicos, um elo brilhante na cadeia do desenvolvimento humanitario? No brilho que illumina as paginas do poema, um reflexo do sol da renascença, que então se elevava no firmamento intellectual?

Grandes assumptos, disse, que estão reclamando grandes intelligencias; que já naquelle mesmo recinto tinham sido tractados com verdadeira elevação, e que certamente encontrariam nos immediatos oradores interpretes eloquentes.

Referiu-se depois ao grandioso espectaculo, que esta commemoração offerecia, reunindo num mesmo pensamento não só o nosso povo, mas ainda todos os povos civilisados, que, em despeito das suas fronteiras, rivalidades e aspirações, se confundiam nesta commum adoração prestada ao genio.

Declarou que principalmente impressionava a sua intelligencia e commovia o seu coração o contraste entre o enthusiasmo que hoje cérca a memoria do poeta, e o desamparo em que se passaram os ultimos tempos da sua existencia.

Como explicar este enigma da historia? Porque nos apparecem sempre de companhia o merito e a desventura? Porque, como notou um espirito superior, nasce de ordinario tão tarde o sol da gloria, e só illumina os tumulos?

Disse depois que o differente valor moral dos grandes homens, e das pequeninas individualidades explicava a diversa fortuna que obtinham durante a vida.

Uns, conscios do proprio merito, professam invariavelmente a religião do dever; outros, dominados pela ambição, conhecem a logica subtil e elastica das conveniencias, e sabem a tempo semear cortezias para colher mercês.

Observou, em seguida, que no diverso destino que espera uns e outros encontramos até certo ponto uma providencial compensação.

Em quanto os insignificantes, depois de receberem indevidas homenagens, apenas o tumulo se fecha sobre elles, cáem no abysmo do esquecimento; as naturezas privilegiadas, pouco depois de transporem o horizonte da vida, surgem como phantasmas illustres para a immortalidade e para a gloria.

Demais; não será o martyrio uma especie de consagração para o genio?

Se a par d'um grande talento não tivessem esses vultos historicos ostentado uma grande abnegação, se um qualquer intuito vaidoso e interesseiro transparecesse nas suas acções, se a fortuna os tivesse bafejado mais durante a vida, não teriam elles perdido para nós essa aureola de sympathia, que a desventura prepara áquelles em quem dá os seus mais apertados abraços?

Não podemos considerar a acção do tempo como condição para formarmos a elevada concepção dos heroes?

Não será necessario que elles restituam á terra tudo o que os faz eguaes aos outros homens, para apparecerem á nossa imaginação na sua majestade quasi divina?

Disse que tocava esta idêa, esperando que imaginações mais felizes dessem o devido relevo e colorido ao quadro que imperfeitamente deixava esboçado.

Referiu-se na ultima parte ao alcance moral e patriotico d'esta commemoração, que disse ter para elle todos os caracteres d'uma verdadeira expiação, e donde podiamos tirar proveitoso ensinamento; pois que, registando as ingratidões dos que nos precederam, deviamos aprender a ser justos, e a prestar ao merito, sob qualquer face que se revelasse, a consideração que lhe é devida.

Accrescentou que ao vermos o nome do poeta, e o nome da patria, cujos feitos heroicos elle cantou, serem celebrados com enthusiasmo e pronunciados com admiração em todo o mundo civilisado, não podiamos deixar de ensoberbecer-nos neste cantinho do mundo, tirarmos forças da fraqueza, debater-nos contra a pedra da campa, que nos cobre, lavrada com um epitaphio de ignominia, e irmos tomar, pela comprehensão da nossa epocha, um logar no convivio das nações.

E conseguiremos, terminou dizendo, a nossa resurreição para todos os elevados fins da vida social, para todas as grandiosas empresas da civilisação, se, á similhança do poeta, resumirmos no amor da patria os nossos mais sanctos affectos.

DISCURSO DO SOCIO EFFECTIVO AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

Senhoras e Senhores:

Não se commemora sómente em Portugal o tricentenario da morte de Luiz de Camões. No preito de homenagem que rendemos hoje á memoria illustre do auctor dos Lusiadas todos os povos cultos se nos associam. Os grandes espiritos, os genios immortaes, que por seus escriptos instruem ou deleitam ou aperfeiçoam os outros homens, não têm uma só patria, não pertencem a uma só familia, não vivem numa só epocha; a sua patria é o mundo, a sua familia a humanidade, a sua epocha a indefinida successão dos tempos.

Nem outra razão ha, Senhores, para que, não sendo das mais conhecidas a lingua portugueza, os Lusiadas occupem na litteratura moderna um logar tão alto, como outr'ora a Iliada e a Eneida, epopêas, escriptas nas linguas mais divulgadas dos tempos antigos. Não imaginemos que a certeza da metrificação, a elevação do estylo e a harmonia da rima bastem por si para formar a reputação de um poema. Acima da letra está o espirito, que refulge até na prosa corrente e descuidada das traducções, e que muito sublime deve ser nos Lusiadas para que de extranhos mereçam tão grande e nobre conceito.

O espirito ou o sentido real da nossa grande epopêa seria por certo o assumpto mais digno de ser tractado no dia de hoje e neste illustre congresso. Demandando porém forças maiores e maior espaço de tempo, terei de o restringir a um ponto determinado, á parte que o poema representa na grande obra da civilisação humana.

Para aquilatar o genio de Camões, não seguirei por tanto os rhetoricos na esmerilhação indefessa e paciente da propriedade, exactidão, proporções e conveniencia do titulo, proposição, invocação e narração dos Lusiadas. Nem aquelles criticos que os analysam segundo as idêas, não do seculo em que foram escriptos, mas de uma epocha posterior e muito differente. Nem os classicos, que lamentam a ligação do maravilhoso christão com o mythologico e todas as invenções poeticas não auctorisadas com o modelo da Eneida. Nem os romanticos, que reprehendem o que os classicos elogiam e louvam o que estes condemnam. Nem os respigadores e correctores de heresias, que pretendem sujeitar um filho indomito e livre da Renascença ao ferreo jugo do Sancto Officio ou á regra capciosamente moral e austera de Sancto Ignacio de Loyola. Nem os que, por parecerem amigos de Deus, se fazem inimigos dos homens, esforçando-se por mostrar-nos a defesa da intolerancia religiosa numa das mais admiraveis manifestações do pantheismo da Renascença. Nem as almas ternas e sensiveis, emfim, embaladas na piedosa crença de que o poeta não teve em toda a sua vida outra inspiração mais que o amor de Natercia.

Quero antes projectar sobre os Lusiadas a viva luz da philosophia da historia, que nos mostra em Luiz de Camões o inspirado cantor do facto capital que encerra a edade media e abre os dilatadissimos horizontes da epocha moderna. A communicação maritima entre o Occidente e o Oriente, a «obra gloriosa» de Vasco da Gama annuncia a preeminencia da Europa no Mundo, bem como o incendio de Troia, a victoria de Achilles indica a supremacia da Grecia na Europa e na Asia. D'esta sorte consideradas, a Iliada e os Lusiadas são os mais altos vaticinios do espirito humano; Homero e Camões os dois grandes precursores das maiores evoluções da humanidade — a civilisação antiga e a civilisação moderna.

I

O imperio, substituindo-se á republica, não pôde, no espaço de tres seculos, firmar a unidade do mundo romano. A obra, apparentemente grandiosa, de Julio Cesar e de Augusto não foi senão uma funesta decadencia, terminada pela mais horrivel das catastrophes. Dilacerados, pela invasão dos barbaros, os laços que prendiam entre si os innumeros povos sujeitos a Roma, estes elementos, em grande parte heterogeneos, desassociaram-se e corromperam-se, bem como se desaggregam e se esphacelam os orgãos de um animal, privado da acção vivificante e coordenadora do cerebro e dos nervos.

A divisão, introduzida pelos barbaros, tornou-se depois cada vez maior, ao passo que foram decorrendo os tempos medievaes. Á falta de meios de communicação não sómente material, mas tambem intellectual, os povos permaneciam sequestrados uns dos outros, e na sociedade, fraccionada pela desaggregação dos seus elementos constituintes, tinha cada casta suas idêas proprias, suas leis proprias, e até sua lingua propria. O mal do particularismo invalidava tudo; separava umas das outras as classes sociaes, e ainda os grupos integrantes de cada classe. Ás vezes, na mesma nação, cidades, villas, castellos rivaes declaravam-se mutuas guerras de exterminio, e as populações, fortificadas nas altas torres, viviam como prisioneiras de si mesmas, em quanto o não chegavam a ser dos seus inimigos.

A desaggregação da humanidade, reduzindo o homem á solidão, enfraquecendo-o e enervando-o, originava as grandes enfermidades moraes da edade media. A humanidade póde luctar com a natureza physica, subjugal-a, transformar as suas forças em instrumentos doceis da industria, applicar as suas energias ao progresso e desenvolvimento da civilisação. O homem isolado luctará debalde e ficará vencido na lucta. Para a humanidade a natureza é a mãe,

a *alma mater,* amorosa e bemfazeja que por todos reparte com mão liberal os seus dons e riquezas. Para o homem, no estado de isolamento, é a madrasta, dura, avara e cruel, prodiga de máos tractos e de castigos injustos. A humanidade não se arreceia da natureza, domina-a. O homem, pelo contrario, enche-se de temor e é por ella dominado. As forças creadoras e vivificantes afiguram-se-lhe entidades mysteriosas, iniquas, malfazejas, que se comprazem em causar damnos e prejuizos. No mundo ao mal physico ajuncta-se o mal moral. Associa-se o homem á natureza para perseguir e atormentar o homem. Se esta é má, o mundo, a arte, o *homo additus naturae* é peior ainda. Fugir da natureza e do mundo parecerá o supremo bem. Assim se originou o ascetismo na India em todos os tempos, e na Europa durante a edade media. Assim se origina ainda hoje a philosophia pessimista. Schopenauer na Allemanha, Leopardi na Italia foram dois solitarios não menos illustres que tristonhos, em cuja mente, talvez por effeito das leis caprichosas do atavismo, se reproduziram a anthropophobia de Origenes e a perseverança improficua de S. Simeão Estylita.

Á falta da observação e da experiencia, a phantasia humana não podia exercer-se na realidade exterior, e nutria-se de si mesma, como aquelles animaes que nas abstinencias prolongadas consomem a sua propria substancia. Entre os doutos engendrava-se a escholastica, o mais efficaz impedimento do progresso da humanidade; entre os doutos e indoutos o espirito desvairado creava as mais extravagantes ficções, as impossibilidades mais espantosas. A lenda substituia a historia, a metaphysica a sciencia. A cosmogonia fazia da terra o centro do universo, e do homem o centro e fim ultimo de toda a creação. Os geographos, em concordancia com este systema acanhado e mesquinho, julgavam plana e circular a superficie da terra. Dante fallava ainda do mar tenebroso, e substituia Jerusalem ao Olympo, que Homero tinha posto no centro da redondeza habitada.

Tal foi, Senhores, o mundo medieval que Vasco da Gama encerrou com o grande feito que deu assumpto aos Lusiadas.

II

Nem os grandes homens nem os grandes factos apparecem por geração espontanea. Derivam-se naturalmente de outros homens e de outros factos, da mesma sorte que uma especie procede de outra especie, e umá phase geologica da phase que a precedeu. No mundo moral, no mundo organico e no mundo physico não ha creações *ex nihilo,* nem consequentes sem antecedentes. Tudo se liga e se transforma segundo as leis irrevogaveis de uma logica fatal.

Vasco da Gama teve precursores; a sua grande navegação relaciona-se necessariamente com os factos principaes da renascença, que despertam emfim a sociedade do ignavo e frio torpor em que por dilatados annos jazera. No seculo XV acaba o feudalismo; constituem-se ou fortalecem-se as nacionalidades; relacionam-se os povos da terra; a imprensa põe em communicação as intelligencias; outras invenções e descobrimentos notaveis contribuem para o progresso da civilisação na Europa. Superior a estas influencias, similhante a um grande fóco ardente e luminoso, a renovação do espirito antigo esclarece-as, domina-as, coordena-as todas.

O largo e profundo movimento da renascença não se adstringe ás letras e ás artes. As grandes energias do espirito humano, em contacto com a natureza, acordam e renascem, como aquellas plantas, cujas sementes se expõem ao ar e humidade, depois de terem jazido durante seculos no pó frio e secco de tumulos hermeticamente fechados. Ao Oceano, á sua agua lustral, purificadora e vivificante, pertence a melhor e a maior parte d'esta immensa renovação da humanidade. Os descobrimentos maritimos mudam inteiramente os attributos da natureza em relação ao homem, e os sentimentos do homem a respeito da natureza. O vasto elemento que as trevas obscureciam e a idêa da morte povoava

de imaginarios terrores apparece a final repleto de vida e inundado de luz, e, em vez de separar, ligando, por meio da navegação, as ilhas, as peninsulas, os continentes e os varios povos que os habitam. Realisado este prodigio, o homem deixa de ser escravo para se tornar senhor, e no seu coração o amor e a confiança succedem ao odio e ao receio que a natureza lhe inspirava.

O Oceano, a mais larga de todas as vias que no seculo XV conduziram á renascença, foi Portugal quem o patenteou aos outros povos da Europa. Mas apagar das Columnas de Hercules a temerosa divisa que affrontara indelevel o grande poder das civilisações antigas, não era empresa que aventureiros commettessem ao acaso, entregando-se temerariamente á mercê das ondas e dos ventos. Antes demandava uma longa preparação, uma convergencia de forças collectivas, um largo cabedal de sciencia e experiencia accumulado durante seculos, um plano seguido conscientemente e sem interrupção por muitas gerações. Hoje ninguem attribuirá de certo a causas sobrenaturaes ou ao capricho do acaso o que sómente se deve á vontade firme, ao trabalho indefesso, á inquebrantavel perseverança de um povo, dirigido na sua gloriosa faina por alguns espiritos superiores, que, illuminados pela sciencia e movidos pelo amor da patria, anteviam no futuro a larga recompensa dos seus sacrificios e trabalhos.

A uma geração, que só attende ao seu proprio gozo e que não hesita em comprometter, a troco de bens ephemeros e apparentes, a felicidade das gerações vindouras, custará sem duvida a comprehender como, em epochas menos alumiadas, um seculo se resolvesse a trabalhar para os seculos futuros. É porém a todos evidente que, se el-rei D. Diniz não tivesse fundado a nossa Universidade, e mandado semear o pinhal de Leiria, matriz de futuros galeões, e aperfeiçoado e desenvolvido a marinha portugueza, nem el-rei D. João I poderia, cem annos depois, commetter a expugnação de Ceuta, nem seu filho, o infante D. Henrique, chegaria a dar principio aos descobrimentos maritimos, cujos

fructos opimos sómente haveriam de ser colhidos no reinado de D. Manuel.

A expugnação de Ceuta, a descoberta das ilhas da Madeira e Porto Sancto, emfim a passagem do cabo Bojador iniciam a longa serie de empresas maritimas, antecedentes necessarios da navegação de Vasco da Gama, bem como esta o foi de ulteriores commettimentos.

III

O grande espirito de Luiz de Camões formou-se no meio de uma sociedade vivamente commovida pelos feitos heroicos das navegações e conquistas, pelas memorias gloriosas de um passado illustre, pelas aspirações vehementes para um futuro irrealisavel. Não eram apenas testimunhas auriculares dos acontecimentos aquelles que os narravam. Tinham ido pessoalmente correr as aventuras do mar e os perigos da terra, tinham visto com os seus proprios olhos as maravilhas e prodigios das regiões longinquas, os casos,

> ..... que os rudos marinheiros
> Que têm por mestra a longa experiencia
> Contam por certos sempre e verdadeiros,

tinham escutado com os seus proprios ouvidos o «bramir do negro mar», os «feros trovões», o «triste canto» das «halcyoneas aves» as vozes insolitas de animaes desconhecidos, as linguas incomprehensiveis

> De selvatica gente, negra e núa.

Entre os milhares de soldados e navegantes que todos os annos regressavam d'alem-mar, havia muitos que se compraziam a

celebrar por toda a parte as suas proprias façanhas e aquellas que tinham presenciado ou lhes haviam sido contadas nos proprios logares, onde tinham acontecido. Alguns, á similhança dos antigos menestreis, cantavam em redondilha os factos que mais impressionavam a imaginação e melhor satisfaziam a curiosidade publica. Repetiam-se pois commummente não só estas narrativas dos factos contemporaneos, mas tambem as lendas dos successos remotos que a distancia do logar ou do tempo engrandecia, divinisava e convertia em mythos na desprevenida singeleza da alma humana. Taes foram os elementos primitivos dos Lusiadas. Como as rhapsodias da Grecia, tiveram quem os fundisse e transformasse numa grande epopêa; sem o que, permaneceriam no gráu inferior de evolução em que ficaram as canções francezas dos cyclos medievaes e os poemetos menos antigos do *Romancero* hespanhol.

Nos Lusiadas, porém, apenas os assumptos de alguns episodios denunciam a existencia das fontes originaes. A alta phantasia do poeta deu-lhes uma fórma propria, o metro, a rima, a elevação e a graça que não tinham. A jornada de Egas Moniz, a morte de Ignez de Castro, o feito do Magriço eram sem duvida assumptos cantados pelos trovadores populares. Mas que differença entre os velhos romances portuguezes e as estancias dos Lusiadas! Entre as paginas disformes das chronicas de Fernão Lopes e de Ruy de Pina e as elegantes descripções das batalhas do Salado ou de Aljubarrota! Entre um capitulo insulso de geographia e o formosissimo quadro da Europa com que o Gama abre o seu discurso ao rei de Melinde! Parece que os labios inspirados de Camões tinham a maravilhosa virtude de exprimirem por bellos e graciosos termos qualquer assumpto, por mais arido ou esteril que fosse para os outros homens.

Pela minha parte, Senhores, não duvído de que os Lusiadas tivessem com effeito esse substratum primordial, que seria como que a materia prima que o auctor poliu e affeiçoou, e que estaria para o poema, como para a estatua o marmore de que é fabricada. Mas quem exaggerar a ponto de não ver nos Lusiadas senão uma

collecção de velhas canções cahirá no erro opposto áquelle que foi commum até ao meiado d'este seculo, e consistia em suppor que a obra de Camões não passava de uma imitação servil dos poemas anteriores, e mais em particular da Eneida. É para receiar que este prisma seja substituido pelo outro, e que se não encontre tão cedo a lente achromatica que nos dê a imagem fiel e exacta da verdade. Á similhança d'aquelles astros, que, por muito distantes e separados dos outros, difficilmente se fazem entrar no fóco do telescopio, o genio de Camões, por muito superior ao dos outros homens, não póde ser claramente visto pelos olhos habituados a distancias pequenas, e que se não adaptam sem custo a outras distancias maiores.

Os Lusiadas são, pelo seu assumpto, a lucta do homem com os elementos e a victoria da industria, a epopêa que melhor exprime o espirito da civilisação moderna. Por outra parte, as bellas e ficis descripções da natureza dão ao poema verdadeira originalidade em relação não sómente aos anteriores, mas ainda ás acanhadas composições dos antigos romances portuguezes. Camões tomou tambem parte nessa lucta titanica, observou as regiões tropicas, desconhecidas aos poetas da antiguidade e da edade media, e pintou quadros magnificos ornados de vivas cores e com a exactidão, vida e naturalidade que só resultam da observação immediata e pessoal.

O Oceano e as regiões de novo descobertas operam no seu espirito uma revolução, comparavel áquella que já tinham produzido no caracter do povo portuguez e depois se communicou aos outros povos da Europa. O poeta adquire uma nova *maneira,* eleva-se do genero lyrico ao epico, e exprime em majestoso verso endecasyllabo com

. . . . . um som alto e sublimado,
Um estylo grandiloquo e corrente

os nobres sentimentos que não cabiam no «verso humilde» das

endexas e elegias amorosas. Invoca ainda, é verdade, as suas Tagides, e pede-lhes

. . . . . uma furia grande e sonorosa;

mas nem as crystallinas aguas do Tejo nem as deleitosas ribeiras do Mondego poderiam inspirar-lhe mais que os doces accentos do idylio. Para a larga concepção da epopêa carecia das grandes impressões que os sentidos recebem da superficie illimitada do Oceano, dos esplendidos effeitos da luz que ella recebe do sol, das estrellas ou dos animalculos, dos interminaveis movimentos das aguas, dos effeitos da mutua reacção do mar e da atmosphera, dos sons harmoniosos das ondas e dos ventos, das vozes estridentes das aves marinhas, dos fragores temerosos das tormentas. O resultado d'essas impressões, pessoalmente experimentadas e vivamente sentidas, vê-se claro e manifesto sempre que o poeta se refere ao mar, ou o descreva na placidez tranquilla da bonança ou o pinte agitado pela furia das mais horriveis tempestades.

IV

No primeiro plano dos Lusiadas sobresahe com vivos resplendores a figura epica do Gama, dirigindo, com a força e serenidade dos heroes antigos, a primeira navegação que liga em fraternal amplexo o Occidente ao Oriente. Mas

. . . . . o forte capitão,
Que a tamanhas empresas se offerece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece,

é mais humano que os protogonistas de outros poemas. Achilles,

Enêas, Tancredo empenham-se em luctas similhantes, servem-se das mesmas armas, vencem do mesmo modo. Depois das pelejas dos gregos, dos combates dos latinos, das batalhas dos cruzados, aquelles capitães colhem os louros da victoria em campos cobertos de destroços, por entre cadaveres e membros mutilados, á vista das cidades incendiadas e das aldêas destruidas.

O Gama tambem lucta, e mais porfiadamente ainda. Mas as suas armas são as previsões da sciencia e os instrumentos da industria. Não vence exercitos de homens, mas o espirito da edade media, os erros e preconceitos do vulgo; as manhas dos catuaes, as forças da natureza. Os vencidos não offerecem á vista o hediondo espectaculo do sangue, da miseria e da morte; exprimem apenas em longas e sentidas lamentações a saudade pungente da soberania perdida.

Quando as naus se apartam da praia de Rastello o velho «de aspeito venerando» querendo e não ousando amaldiçoal-as, anathematisa o inventor da navegação e quem por ventura se lembrasse de o celebrar em verso:

Oh maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vela poz em secco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e facundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria,
Mas comtigo se acabe o nome e a gloria.

O velho symbolisa o particularismo e o isolamento medievaes vencidos pelo espirito moderno de confraternidade universal. O seu discurso, antithese dos Lusiadas e condemnação do proprio Camões, exprime o instinctivo horror a toda a innovação, a ignorancia das massas populares, contrarias ás aspirações da sciencia, a pertinacia,

emfim, dos ferrenhos conservadores que se oppunham á politica progressista das empresas maritimas, iniciada por el-rei D. Diniz, continuada até ao reinado de D. Manuel, e cujos mais bellos resultados o proprio Gama ia colher nos mares do Oriente.

Camões julgou, prematuramente de certo, vencido o espirito medieval, e representou-o por um velho que não póde luctar, mas só lamentar-se. A natureza physica é que não estava nem sequer poderia parecer vencida. Sabe-o Vasco da Gama e prepara-se ao sahir de Lisboa para combater o temeroso inimigo. Vivamente impressionado com os perigos e trabalhos que soffrera desde aquelle porto até ao Canal de Moçambique, diz ao rei de Melinde:

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos que o ar em fogo accendem;
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões que o mundo fendem,
Não menos é trabalho que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

E assim prefere entreter-lhe a curiosidade com as formosissimas descripções do

. . . . . lume vivo
Que a maritima gente tem por sancto,

e da tromba que julgou prodigio por

Ver as nuvens do mar com largo cano
Sorver as altas aguas do Oceano,

e finalmente com a jocosa anecdota de Fernão Velloso «o ousado aventureiro.» Mas isto não é mais que um artificio do poeta

para causar a impressão do maior contraste que se póde imaginar com a subita apparição do Adamastor.

Transformar o monte em gigante ou o gigante em monte não foi nenhuma invenção original de Camões; a maior parte dos poetas antigos o fizeram. A especie da metamorphose é que foi inteiramente nova, tão nova como os Lusiadas, cujo espirito em si mesma resume. O Adamastor é a natureza physica em lucta com a industria humana, o guarda das encantadas regiões do Oriente, o maior obstaculo á solução da epopêa.

No seculo XVI esta grande ficção deveria causar mais profundas impressões do que hoje em dia. Não tinham esquecido ainda as lendas do mar tenebroso, com quanto se tivesse já demonstrado não serem mais que falsidades. Ninguem ignorava que, antes de Vasco da Gama, fôra o cabo terminal da Africa descoberto por Bartholomeu Dias, que os marinheiros á força tinham obrigado a voltar atrás com o receio de se perderem. Era tambem sabido como primeiro se lhe dera o nome de *Tormentorio,* pelas frequentes procellas que tornavam perigosissima a sua passagem. Emfim estavam muito vivas na memoria de todos as tristes e lugubres tradições do naufragio de Sepulveda e de outros casos similhantes.

Por outra parte, a maior disposição do espirito humano para personalisar a natureza e as suas forças, as montanhas, os ventos, os rios, as fontes, fazia mais temerosa e por assim dizer mais real a personalisação do grande cabo. No tempo de Camões a geographia delineava já a fórma da parte meridional do continente africano, e os navegantes sabiam a derrota que haviam de seguir, áquem e álem do cabo, para evitarem as regiões mais procellosas. Não era porém assim meio seculo antes. O grande promontorio, ultimo extremo da terra firme, extendia-se temeroso e ameaçador para o polo por entre dois Oceanos, um dos quaes era apenas em parte conhecido, e o outro inteiramente ignorado. Os ventos encontrados, as correntes marinhas não menos discordantes, procedentes do Atlantico e do Pacifico, do equador e do polo antarctico, traziam-lhe o mar revolto em roda e o açoutavam com repetidas tormentas.

Tudo parecia levar a crer que a natureza pozera com effeito alli aquelle termo á curiosidade dos homens, cercando-o de perigos e terrores para afugentar ainda os mais intrepidos navegantes. O cabo tornara-se legendario, e, não obstante as lições da observação e da experiencia, a interrogação do Gama accudia naturalmente aos labios das primeiras gerações que se lhe seguiram.

Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta
Que mor cousa parece que tormenta?

A sciencia despiu a ficção das idêas sobrenaturaes e mysteriosas que lhe andavam associadas, mas formou-lhe um conceito muito mais elevado. O fantasma que apparece ao Gama, suscitando embaraços aos navegantes e ameaçando-os de futuros castigos, é uma barreira entre dois mundos, um marco entre duas civilisações, uma balisa entre duas epochas. É o derradeiro paladino da natureza physica, bem como o velho do Rastello foi o ultimo defensor do mundo medieval. Os gemidos lamentosos do Adamastor resoarão sempre aos nossos ouvidos, como os ultimos arrancos da natureza vencida.

DISCURSO DO SOCIO EFFECTIVO AUGUSTO ANTONIO DA ROCHA

Minhas Senhoras! Meus Senhores!

Asseguram os biographos mais auctorisados que no dia 10 de junho de 1580 fallecia em Lisboa, numa casa de mesquinha apparencia da Calçada de Sanct'Anna, em um catre desguarnecido e pobre, mal consolado pela sollicitude de um escravo e pelo olhar amortecido de sua velha mãe, o poeta-cavalleiro — Luiz de Camões.

Nesse mesmo anno de 1580, nos paços reaes de Almeirim, extinguira-se um cardeal decrepito, cercado de clerigos tontos, embalado pela melopea dos rythmos liturgicos, bestificado pela impassivel crueldade do seu officio de Inquisidor, estontecido pela inesperada elevação, a que o conduzira a funesta estrella da patria, e porventura pelo embate que, em torno do seu leito de moribundo, entrechocava a avidez dos pretensores e herdeiros do glorioso patrimonio manuelino. Era o cardeal-rei D. Henrique.

Em um mesmo anno, neste pequeno recesso do Occidente, duas realezas se desvaneciam e repousavam na obscura tranquillidade da morte. Uma, entrajada das purpuras cardinalicias, ia em grande pompa para a Gloria, aureolada pelos sinistros e fulvos clarões dos autos-da-fé; a outra, mal involta em nobilissimos andrajos, vinha para a Posteridade, rediviva nas memorias do mais puro patriotismo e deificada pelos estos ardentes da obra mais portentosa que podia crear o genio do homem.

O cardeal pertencia áquelles que haviam de impôr a abjuração a um sabio astronomo — Galileu; e já armavam nas praças da Roma pontificia a pyra levantada que havia de consumir nas chammas o heroico — Giordano Bruno. O poeta era d'essa phalange bemfazeja, onde tem encarnado o espirito da humanidade

triumphante, que na profundidade dos tempos se abre em Valmiki na epopêa industanica, se continúa com Homero na Iliada, com o Dante na Divina Comedia, e vai proseguindo na sua transsubstanciação genial até dar ao mundo no seculo presente as Legendas de Victor Hugo!

A influencia combinada do *sancto* Tribunal da Inquisição e da *inclyta* Companhia de Jesus entregava, por via do cardeal, a terra da patria á dominação do extrangeiro. A aurora do livre espirito moderno entregava, por via do poeta, a patria ás commemorações da epopêa e á celebração historica dos fastos da humanidade.

Um auferia a triste celebridade de sellar no proprio tumulo o heroismo do velho Portugal. O outro, haurindo a plenos pulmões o ar vivificante da Renascença, sentia em si os estremecimentos da alma nacional, que havia de resurgir, tres seculos depois, evocada pelas luminosas estrophes do poeta.

Quem era este misero abandonado á desventura nos solitarios desconfortos da pobreza?

Quem era este poeta, cuja tuba canora havia de acordar os mortos enthusiasmos de um povo, que hoje vive apenas para a irrefragavel condemnação da Posteridade?

Para comprehender o poeta é preciso dar-vos o quadro do seu tempo, delinear-vos a historia da sua epocha. Se nos reconcavos do seu craneo os acasos de um atavismo feliz accumularam as riquezas congenitas de uma opulenta organisação cerebral, não é menos certo que os fortes predicados organicos encontraram o terreno largamente preparado para elaborarem aquella prodigiosa assimilação intellectual, que devia fructificar em fecundissimos resultados e opimos tributos e fechar o cyclo heroico das grandezas epicas da patria.

Uma palavra só synthetisa essa epocha extraordinaria: — Renascença. O seculo decimo sexto, que deveria chamar-se o seculo de Camões, — eis o seu ponto culminante. Os Lusiadas, — eis a sua obra capital!

Quem demoradamente attentar neste periodo inicial da historia

moderna é logo maravilhado e ferido por um facto, á primeira vista paradoxal e antagonico: — o contacto e conflicto dos conhecimentos e estudos da antiguidade com uma nova ordem de idêas, de sentimentos, de tendencias e descobertas. E todavia este facto representa o elo que reatou a tradição da sabedoria humana, violentamente interrompida na edade media pelo mysticismo religioso, pelas controversias dos concilios, pelas discussões da escolastica, pela preponderancia do feudalismo, pelas invasões e guerras que na Europa preparavam uma constituição propicia ao futuro desenvolvimento e esplendor do patrimonio scientifico.

Se é possivel marcar uma data precisa ao começo de uma revolução humana, a Renascença deve principiar na Italia nos aditos do seculo decimo quarto com a apparição da — Divina Comedia —. O poema do grande florentino, onde luctam os partidos politicos que no seculo precedente haviam ensanguentado a Italia; onde o homem sente a tribulação das suas dores e recolhe a essencia das suas crenças intimas; onde palpita a vida tormentosa d'esse seculo que presenceara o desfallecido ardor dos ultimos cruzados: esse poema maravilhoso, que fundiu em um só molde a rude linguagem do povo italiano e deu fórma definitiva á mais antiga das linguas cultas da Europa moderna: esse poema lapidado, cuja acção percorre os espaços sombrios do Averno e os mundos infinitos e aereos onde habitam as constellações e os predestinados: essa obra immortal abre, como um portico de luz, a era do renascimento humano!

Os tres seculos subsequentes assistiram á renovação do abatido espirito da humanidade. A descoberta dos antigos manuscriptos gregos e latinos entrega aos eruditos a posse dos textos veridicos e o segredo do atticismo e elegante sobriedade dos auctores; a comprehensão e o estudo do periodo aureo d'essas litteraturas, o confronto e o estudo d'aquelles documentos preparam, auxiliam e determinam a formação das linguas e litteratura modernas. A pintura, que no seculo de Dante começara a ser com Giotto por egual erudita e inspirada, atravessa depois com Masaccio um pe-

riodo ainda indeciso, principia a expandir-se mais livremente com Ghirlandajo e Signorelli e Perugino nos fins do seculo quinze, até desentranhar-se nos esplendores que avultam na transparencia azulada dos céos a figura suave e ideal das *Madonas,* retratam a paixão humana na *Ceia* de Leonardo de Vinci, ou torturam o relevo das fortes musculaturas nas convulsões do *Juizo final,* como se sobre aquella multidão de personagens descesse o fulmen de poderosas descargas electricas.

Se a pintura se emancipa neste cyclo das influencias hieraticas e sacerdotaes, a que até ahi estivera sujeita, e allia ao culto do antigo uma sympathia manifesta pelo estudo directo da natureza, o mesmo passo seguem a esculptura e a architectura. Sobretudo esta ultima dá pelos seus caracteres a medida do tempo, porque a resurreição da tradição antiga condemna para logo o emprego artificial e arrojado da ogiva e ás flechas da cathedral de Colonia contrapõe a cupola de Sancta-Maria-del-Fiori. Brunelleschi, Bramante e Peruzzi, que alguns cognominam o Raphael da architectura, foram os maiores promotores da revolução.

Nessa epocha nós, os portuguezes, produzimos um estylo — o manuelino, que se realisou em toda a plenitude na traça phantasiosa dos Jeronymos. Esse estylo, porém, pouco deve á Renascença, sendo, como é, a modificação que sobre o gothico imprimiu o movimento das descobertas orientaes. A fórma, que á dureza do marmore impoz o espirito das aventuras maritimas, foi caprichosa, devaneadora, como o foi a creação dos imperios transatlanticos, talhados pela espada valente, cruel, despotica, e tantas vezes insensata, dos governadores e viso-reis.

Aos estudos e investigações sobre a antiguidade classica na grammatica, na litteratura, nas bellas-artes, á restauração do direito romano, que veio tornar coherente e logica a organisação confusa, cahotica, consuetudinaria, dos direitos feudaes e municipaes, sobreleva uma forte tendencia, que a final determinou a definitiva orientação da epocha.

No meio do affluxo do renovamento classico e erudito viera

tambem Aristoteles. O venerando precursor das sciencias naturaes, o creador immortal do verdadeiro methodo scientifico, fôra talvez na edade media a fonte exclusiva de todo o saber contemporaneo. Mas os arabes e os judeus, que o commentaram, possuiram, por assim dizer, o monopolio dos seus livros. Não foi, porém, o ensino dos *infieis* perdido para a humanidade, e se a descoberta dos manuscriptos authenticos e a imprensa favoreceram o conhecimento dos antigos philosophos gregos, as escholas arabes na Hespanha e na Sicilia, que tinham attrahido os estudiosos de todo o mundo, foram que na verdade lançaram á terra a semente da revolução nas sciencias naturaes.

Esses *barbaros,* para cuja aniquilação conspirara o fanatismo catholico da Europa inteira, na sua esplendorosa cultura presentearam a Renascença com tres inventos capitaes: — a polvora, o papel e a bussola. A bussola preparou a descoberta; a polvora preparou a conquista; o papel preparou a imprensa. Completae o presente com a hypothese da esphericidade do globo, que elles transmittiram, e tereis produzido com a bussola — Gama, Colombo e Magalhães; com a polvora — Albuquerque e Cortez; com o papel — Guttemberg, o mais illustre de todos, porque sem a imprensa é impossivel penetrar e comprehender a civilisação e a historia moderna.

Gama, Colombo, Magalhães: — eis a trindade veneravel que conquistou para o homem a sua propria patria!! Com o primeiro a raça ariana recupera a legenda do extremo oriente, ligando o genio d'essas paragens ao genio occidental. O segundo restitue ao globo o compromettido equilibrio, e prepara nas clareiras das florestas americanas o traçado das vastas esplanadas, onde mais tarde assentará os seus arraiaes a democracia triumphante. Magalhães, *«o aggravado lusitano»,* acaba practicamente a demonstração da esphericidade terrestre, e entrega completo ao homem o roteiro do planeta.

Sim, Senhores! A obra d'estes tres homens encerra a verdadeira comprehensão da Renascença! Podeis imaginar a restauração

das linguas e das litteraturas, a renovação do direito, a revolução artistica na pintura, na esculptura, na architectura; podeis explicar os inicios da critica com Erasmo; assistir ao nascimento da chimica com Bacon e Paracelso; colher com Cesalpino as primeiras collecções de historia natural; repellir o supersticioso terror da morte, e com Vesalo e Servet, dos quaes um expiou na Palestina, e o outro sobre a fogueira do martyrio, a sua audacia sublime, interrogar os segredos da vida e a estructura do complexo organismo do homem; podeis decifrar com Copernico as revoluções dos corpos celestes; podeis percorrer, com esse grande feiticeiro que se chamou Leonardo de Vinci, «o Fausto da Renascença», a escala dos conhecimentos humanos, dissecando cadaveres sobre a fria meza dos amphitheatros, fundindo metaes nos cadinhos tenebrosos da alchimia, escrutando os fosseis nas estratificações dos rochedos, apreciando com o barometro as pressões da atmosphera que nos involve e alimenta, e com o thermometro as variações do calor que nos gera e vivifica; podeis resolver todos esses problemas, podeis interpretar todas essas sciencias, e não alcançareis o sentido da Renascença, o profundo movimento que agitou a face da terra, a excepcional grandeza dos tempos, se quizerdes riscar da historia o nome d'aquelles tres benemeritos!

D'entre as empresas que tentaram e realisaram os tres navegadores, aquella que teve um maior alcance moral immediato e influiu mais directamente na Renascença, foi a de Vasco da Gama. Magalhães, embora succumbisse na viagem, levou a effeito a demonstração practica da esphericidade do globo, a qual acabava de uma vez para sempre com as pretensões geocentricas da theologia. Christovão Colombo, a par com o descobrimento de um novo continente, iniciava egualmente o descobrimento de civilisações embryonarias de tribus acampadas nas florestas ou nas margens dos rios, ou de civilisações mais adeantadas no cimo dos *platós,* civilisações em todo o caso antagonicas, que a posse definitiva do territorio pelo conquistador havia necessariamente de eliminar. Vasco da Gama, esse, curva-se ante a majestade sagrada

dos velhos caudaes indianos; visita a terra sácrosancta das felicidades paradisiacas; reconhece a paternidade do Oriente na evolução da familia humana; e inconsciente como as forças do destino, imaginando effectuar apenas uma gigantesca empresa commercial, renova e completa a tradição interrompida, restitue a velha Asia á posse do mundo ariano, abre aos estudiosos o livro fechado das civilisações originaes, em que a Europa descobrirá mais tarde o germen fecundo dos seus progressos, das suas religiões, das suas raças, das suas linguas, o delineamento primordial das suas tradições e litteraturas, sendo o precursor d'essa renascença oriental, que só deveria expandir-se plenamente quando Anquetil Duperron roubasse á sabedoria dos magos os segredos da linguagem *zend* e William Jones á retrahida desconfiança dos padres brahmanes as complexas radicaes do *sãoskrito*.

Taes foram, meus Senhores, as linhas geraes dos seculos da Renascença. O homem que se libertara das obsessões do anno mil e perdera a preoccupação das celestes venturas, ao passo que via afastar-se de sobre a sua cabeça a abobada celeste, ao passo que a imprensa lhe mostrara que o seu livro predilecto — a Biblia — não era mais do que a encyclopedia de uma nação dispersa e perdida, do dominio da critica e da sciencia, ao passo que escutava as espantosas heresias do grande scismatico — Martin Luthero; o homem tomado da vertigem, sedento de gozos pagãos, queria apoderar-se de todos os caminhos do globo, desvendar todos os seus segredos, aspirar o aroma das suas especiarias, permutar todos os seus productos, apprender as revelações perdidas, entender e decifrar a mysteriosa babel das suas linguas, misturar as qualidades das suas raças, conhecer e contemplar o seu similhante, e ir preparando, à despeito de todas as difficuldades e perturbações, o advento da civilisação universal.

Neste momento psychologico o choque repentino de todas as idêas produziu um infinito devaneio e anciedade de sensações desconhecidas e aspirações vagas, illimitadas e ardentes; e o conflicto de todas as religiões, tanto as que vinham enfloradas do myrto e

louro das ilhas risonhas do Mediterraneo, como as que repousavam nas sacras flores do lotus e nenuphares dos rios indianos, ou traziam no seu seio o calido sopro dos desertos, originou um brando scepticismo, que penetrara com o seu influxo suave a propria Italia dos Medicis. Este estado universal dos espiritos devia confluir e consubstanciar-se em uma encarnação humana. Tal foi Luiz de Camões.

Camões, penetrando-se do alcance da empresa mais directamente productiva e influente da Renascença — a viagem do Gama, foi logicamente conduzido a meditar no papel historico da nação que a concebera e executara. Partindo de principios humillimos, elle via-a erguer-se pouco a pouco, pela astucia dos politicos e pela espada dos guerreiros, de simples condado feudal á altiva condição de reino preponderante; recordava as luctas sustentadas para a sua definitiva emancipação, os feitos valorosos da conquista da terra continental aos *walis* musulmanos, a tenaz resistencia contra as pretensões de absorpção castelhana, a que havia posto cobro a espada coruscante d'essa heroica figura medieval — o condestavel Nun'alvares. Depois o reino, pequeno para conter o seu genio, estreito para as inclytas façanhas dos seus soldados e capitães, tendo expulso do Algarve os *infieis,* faz-se de vela em numerosas galeras e repete sobre as plagas arenosas da Africa as heroicidades da conquista, e preludía d'ess'arte os descobrimentos, que primeiro deviam apalpar cautelosamente a costa africana, antes que o Gama enfunasse as pandas velas ás brisas do Atlantico e immergisse, confiado na sua estrella, cheio de fé nos destinos da patria, nas escuridões impenetraveis e mysteriosas do vasto — mar tenebroso —.

Imaginae uma estreita facha de terreno a um canto dos continentes; povoae-a de uma população minima e pobre; collocae-a de um lado sob a vigilancia inquieta e ciosa das terras altas, como sequestrada do mundo; rodeae-a por outro lado pelas vagas alterosas de um mar tempestuoso e desconhecido; considerae que esta nação em quatro seculos apenas, ella, que não tinha independencia, adquiriu preponderancia; ella, que não possuia territorio, alargou

o seu dominio até aos confins do mundo; ella, que não contava população, submette ás suas ordens centenas de milhões de homens das mais oppostas crenças; ella, que não commerciava, transforma-se no maior emporio commercial; ella, que não tinha industria, construe dentro de casa os galeões triumphantes; descobre e conquista as terras; domina as tempestades dos mares; tributa os longinquos imperios; vibra a sua espada terrivel tanto aos clarões do sol que nasce brilhante e calido nos céos do Oriente como aos tenues lampejos da luz occidental. Trazei ao vosso espirito estes feitos preclaros, esta memoria ininterrupta de façanhas, e se nascestes nesse canto privilegiado, se presenciastes o fecho d'esses trabalhos titanicos, se no vosso cerebro fulgiu a scentelha dos divinos entendimentos, sentireis que a vossa patria realisou no mundo uma missão providencial e messianica, e podeis, se o estudo e a experiencia vos illustraram as excelsas qualidades, ser o cantor glorioso d'essas tradições e compôr as estrophes admiraveis, que hão de perpetuar nos seculos vindouros o nome de Portugal!

Eu tenho procurado esboçar-vos, dentro dos estreitos limites que me propuz, os dois principaes factores da obra camoneana. A Renascença deu ao poeta as lições de litteratura antiga e moderna, os prodigios de erudição classica sagrada e profana, a independencia da phrase, o sentimento profundo da natureza, a veneração pelos grandes homens, o culto dos grandes ideaes. A invencivel corrente da epocha imprimiu-lhe a physionomia heroica e altiva dos martyres da nova idêa, e dotou-o com aquella exquisita e inquieta sensibilidade, que não se accommodava senão com o contínuo movimento pelos novos caminhos maritimos e com a aventura das terras ignoradas e remotas. A patria entregara-lhe completo um cyclo inteiro de vida, que principiara nas campanhas de um principe forasteiro e attingira o seu zenith no maior successo do tempo — a viagem da India.

Taes foram as bases do edificio. Representemo-nos agora o artista que o executou.

Camões foi o mais favorecido dos homens para levar a cabo o plano da mirifica epopêa da epocha moderna. Na sua mocidade escutou a lição d'aquelles professores que a reforma da Universidade chamara a Portugal. Foi neste periodo da vida que elle amontoou a enorme erudição, que mais tarde desenvolveu nas suas obras. Foi tambem neste periodo da sua vida que elle aspirou as brisas perfumadas e vagueou pelos «*saudosos campos do Mondego*». Naquella edade em que se estereotypam no cerebro as recordações indeleveis e os nervos adquirem facilmente uma susceptibilidade impressionavel que vai preponderar em toda a vida, nessa edade o poeta viveu entregue aos seus estudos e aos devaneios da sua rica phantasia nesta formosissima cidade de Coimbra.

Transportada para a estufa da côrte esta delicada planta selvagem, dizem que ahi se enamorou de uma bella, que foi a constante preoccupação do poeta. A imagem da sua dama não se lhe apagou jámais da alma sublimada. Foi por causa d'ella desterrado para Santarem, d'onde partiu para a Africa a batalhar com os mouros, como simples voluntario. Então começou essa vida agitada e aventurosa, commum aos seus contemporaneos, mas em todos inferior na observação dos homens e das cousas, no estudo da natureza, na condemnação dos erros, na revolta contra as torpezas e devassidões, na serenidade contra os perigos, no conjuncto de todos os predicados ingentes que fizeram do poeta o homem mais perfeito das gerações portuguezas nos seculos de D. Manuel e D. João Terceiro.

Eu quizera commover-vos tracejando o quadro d'esse viver inquieto que não viveu nenhum dos maiores poetas conhecidos, e de que encontramos apenas tenue semelhança no cantor do *Child Harold*. O poeta viajante, o poeta aventureiro por excellencia não foi, porém, o brilhante lord inglez. Aventureiro e desventurado o nosso Camões! Mas nas aventuras e desventuras o seu grande espirito recolheu em si as emanações e impressões dos mais diversos e distantes paizes, dos mais oppostos e surprehendentes phenomenos.

Sahido de Portugal vêde-o, meus Senhores, terçar lanças nas quentes planicies da Africa, ou batalhar como um heroe em cima das vagas movediças d'aquellas aguas, cujas correntes apertam as mythologicas columnas de Hercules. Vêde-o depois embarcar-se, cheio de saudades das Tagides, para essas Indias maravilhosas e funestas, onde ia illustrar-se e enriquecer a melhor nobreza do reino e onde havia de manchar-se ignominiosamente o caracter e o nome portuguez. Agora eil-o em pleno mar, enfastiando-se com as somnolentas e mornas calmarias; supportando o sol candente das regiões equatoriaes; embebendo o olhar diamantino na scintillante claridade que as constellações dos tropicos derramam na sinistra escuridão das noites; assistindo e combatendo na lucta temeraria do homem, confiado á fragilidade de um lenho, contra a furia desencadeada dos elementos; dobrando os cabos temerosos que ás imaginações exaltadas e visionarias se mostravam em figuras truculentas de gigantes formidaveis e inimigos; observando os phenomenos perigosos e revoltos das trombas marinhas; costeando continentes povoados de raças escuras e selvagens; penetrando em pleno oceano indico, sempre com a prôa nesse lendario Oriente das esperanças e das illusões perdidas, até enxergar no horizonte a velha terra asiatica, onde as figuras veneraveis dos grandes rios sacrosanctos se assentavam majestosamente sobre as encostas dos seus gigantescos massiços de montanhas!

Humboldt, o eminente sabio, que, ao serviço da sciencia e da humanidade, percorreu o velho e o novo mundo, e foi um dos mais convictos admiradores de Camões, com toda a auctoridade que lhe conferiam as suas trabalhosas viagens e estudos directos dos phenomenos naturaes, notou que a vista dos novos e largos aspectos da natureza dilata o espirito humano. Os *Lusiadas* revelam-nos a cada passo a impressão indelevel que os aspectos da natureza oriental exerceram sobre o poeta. O seu preclaro espirito e sensivel organismo contemplaram infinitas maravilhas que a linguagem foi moldar em cantos surprehendentes.

Chegado a essa terra da Asia perspectivas inteiramente novas

e phantasticas perpassavam deante dos seus olhos. Nos mares da Arabia apercebia ao longe as miragens do deserto e os minaretes esguios das cidades sanctas que se alongam desde a Arabia feliz até á Syria quasi em uma mesma linha recta, cidades que para logo rememoram esse facto extraordinario de nascerem nas mesmas latitudes, sob o mesmo céo, geradas pelo mesmo sopro ardente, prégadas pela mesma palavra enthusiastica de prophetas imaginosos e fanaticos, duas religiões inspiradas nos mesmos principios, oriundas das mesmas tradições, e que todavia, pelo genio profundamente diverso das raças que as assimilaram, deram ao mundo o espectaculo de guerras interminaveis e odios inextinguiveis, e são ainda hoje uma das causas dos mais intrincados problemas politicos — as questões do Oriente.

Por toda a costa do mar da Arabia, desde Ormuz a Bombaim, nesse golphão de Cambaia, illustre por tamanhas victorias, de Diu ao cabo Comorim, por toda aquella costa chispavam ainda as ultimas faiscas dos incendios pavorosos que as tinham esbrazeado, e a terra retincta de sangue conservava o sello da submissão odienta e forçada, prompta a esmagar os conquistadores. Mais ao longe, no interior, os *rajás* passeiavam os seus ocios opulentos ao dorso de monstruosos elephantes, com jaezes das mais finas sedas e bordados dos valles de Cachemira, em palanquins de madeiras riquissimas com encrustações e marchetados de pedras e metaes preciosos, reluzentos ao sol. No fundo dos juncaes o tigre aguardava do seu covil as predilectas sombras da noite. Por toda a parte os ruidos indescriptiveis de uma natureza poderosa, travada de uma lucta interminavel e monstro, como nos dias da creação! E no ventre das montanhas cavadas as maravilhas dos templos, em cujos antros mysterios impenetraveis se passavam sob a vigilancia ciosa de castas privilegiadas e sacerdotaes! E desde o cabo Comorim até ao estreito de Malaca, d'ahi até ao mar da China, sempre o desusado dos phenomenos da natureza, a originalidade das civilisações e dos costumes, o deslumbramento das riquezas como o espectaculo das enormes miserias, tudo contemplado através das

amarguras da saudade, das illusões fallazes da esperança, da descrença nos homens, dos desalentos e ingratidões; e não obstante tudo, e por causa de tudo isto, o amor da terra natal a medrar dentro do peito, a dilatar o espirito e o coração, a tomar feição e vida em cantos majestosos e a gravar-se em luminosos pensamentos na creação incomparavel dos — Lusiadas!

Conceda a natureza a um homem o mais levantado espirito e profunda intelligencia; eduque-o a sciencia em todas as prendas do seu vasto reportorio — os segredos da linguagem, a erudição dos auctores selectos, a illustração da historia, o conhecimento dos planetas, o ensinamento dos phenomenos physicos...; abra-lhe a patria os fastos prenhes de façanhas epicas e feitos grandiloquos; permitta-lhe a adversidade uma vida de batalhas e perigos, de aventuras e viagens; presenceie as luctas com os elementos e os combates com as feras e com os homens: se tiver sentido a suavidade de todos os amores e a amargura de todos os desalentos, este erudito, este viajante, este aventureiro, este bravo, este sublime desgraçado redimirá os erros da nação, resgatará os crimes dos conterraneos, erguendo á patria um padrão immorredouro e presenteando-a com o brinde mais generoso que um homem lhe póde offertar: — a espiritualisação da sua vida interior na mais perfeita das obras estheticas, — a epopêa; na mais grandiosa das epopêas, — os Lusiadas!

Meus Senhores! Uma eschola de critica, impregnada de metaphysicas, considera os poetas como seres dotados de uma faculdade divinatoria e prophetica. Se tal fosse, o nosso poeta seria apenas um producto do acaso, uma geração da natureza em momento de caprichos exuberantes e tempestuosos. Mas quando pensamos em que o poeta appareceu no tempo que completara o cyclo heroico da historia nacional, em que a nossa individualidade apropriara a directriz das correntes do progresso; quando pensamos que o poema é a synthese não só das crenças, das ambições, das aspirações, da sciencia de uma nacionalidade, mas tambem condensa o systema essencial da vida intima de uma epocha commum

a muitos povos, que concorreram todos em uma manifestação collectiva dos seus genios e civilisações; quando pensamos que essa obra, que hoje aureolamos de respeitos, foi traçada pelo homem, em quem na verdade concorriam as necessarias excellencias, mas a quem determinavam sobretudo os accidentes de uma vida adaptada ao exame directo e pessoal dos homens e dos acontecimentos; quando, emfim, pensamos que alli tudo se harmonisa em uma unidade perfeita, rejeitamos para as antigas edades os aruspices e os prophetas, e acceitamos os *Lusiadas* como obra elaborada por um escriptor, particularmente consciente do papel que na economia social dos povos europeus representara a moderna Lusitania.

O que faz porventura a superioridade dos Lusiadas a todos os poemas conhecidos é a — convicção. Os Lusiadas não traduzem sómente a inspiração do patriotismo fanatico e obscurecido, ou repetem os assomos do enthusiasmo espontaneo e indisciplinado como as rhapsodias de Homero ou as canções *de gesta* dos trovadores. Os Lusiadas nasceram do convencimento sincero, arreigado, inabalavel, da necessidade de conservar entre as nações civilisadas a influencia e preponderancia que os nossos trabalhos nos tinham grangeado. Quando já descahia no horizonte o astro que nos guiara ás novas terras da promissão, escrevia Luiz de Camões a sua e nossa epopêa, e, pensando reanimar um moribundo estremecido, apenas lograra esculpir-lhe a esbelta e soberba physionomia nas lapides commemorativas da Historia e coroar-lhe a pallidez da fronte com os louros immarcessiveis da Immortalidade!

Meus Senhores! Os tres poemas que contêm a nota ideal da vida no mundo greco-latino — a Iliada, a Eneida e os Lusiadas, a par da sua concepção heroica são, em todo o caso epopêas de navegadores irrequietos. Na Iliada os heroes abandonam as plagas ridentes da Grecia e vão, através os perigos de uma navegação incerta, vingar em uma guerra cruenta a affronta de uma traição feminina; na epopêa virgiliana o heroe demanda a terra de Lacio, e depois de uma viagem accidentada e trabalhosa lança os fundamentos á *cidade* romana; nos Lusiadas o heroe accentua o ca-

racter expansivo e aventuroso da sua raça, navegando por mares agitados de tormentas e descobrindo terras afastadas e hostís. Mas, se nas epopêas grega a latina o instincto de raça fluctua entre os escolhos de costas vizinhas e fronteiras, e labuta dentro do acanhado perimetro de uma bacia interior, na epopêa portugueza esse mesmo instincto fixa os horizontes illimitados e distantes e atira-se cegamente á amplidão cerulea e mysteriosa dos mares, como quem antevê que lá ao longe, no meio dos abysmos, surgirá o encanto das terras virgens e ignotas, onde os descendentes de Homero e Virgilio possam lançar a semente de uma civilisação superior! É assim que o ramo europeu mais adeantado e culto do tronco ariano conquista o seu predominio terreno, e consolida indissoluvelmente a cadêa da solidariedade humana! É por isso que a preoccupação romana, que a cada passo se encontra nos Lusiadas, exprime a consciencia de um commum destino historico pela fórma litteraria mais em harmonia com a cultura erudita do seculo!

Como a Grecia e como a Italia nós alcançámos a coherencia patriotica das nacionalidades perfeitas e productivas, e o acto heroico que rematou a serie dos nossos esforços foi a epopêa! Vivemos até hoje apenas quatro seculos na historia, mas nesses quatro seculos conquistámos e definimos todos os requisitos de uma nacionalidade. A foz dos grandes rios deu-nos a base geographica, que por outro lado limitaram os contrafortes dos montes ibericos; umas remotas emanações atavicas dos primitivos celtas, á mistura com o conflicto ethnographico arabe-godo-romano, determinaram o caracter biologico independente; a defecção violenta de um senhor feudal e a transmissão hereditaria da idêa de resistencia dotaram-nos com a unidade politica; formámos um espirito popular; construimos uma lingua com qualidades proprias e originaes; concebemos e realisámos uma litteratura riquissima; assimilámos o genio cosmopolita e naturista de uma epocha e traçámos a linha transcendente das aspirações dos povos modernos, iniciando a civilisação actual pelos arrojos geographicos e pelos emprehendimentos do commercio interoceanico; emfim démos os primeiros passos deci-

sivos para que os mundos se comprehendessem e fraternisassem: e depois de termos cumprido estes grandes destinos e preenchido a vida por uma fórma tão harmonica e completa, coroámos a obra com a synthese brilhantissima d'este complexo movimento ascencional!

Meus Senhores! No ultimo quartel do seculo dezeseis, no momento em que, obedecendo á lei physiologica da decadencia gradual e inevitavel das familias dynasticas, a dynastia de Aviz se extinguia estupidamente, Portugal havia terminado o cyclo do seu viver como povo autonomo, original, independente. Cumprira a sua missão e ia morrer. Podia a arte conservar o cadaver por processos extranhos e laboriosos, podia applicar-lhe as excitações das correntes electricas; todos esses impulsos e incitamentos não conseguiriam fazel-o caminhar, meditar, produzir. A nação estava morta e bem morta; e ao redor do seu tumulo as orações piedosas dos sepulchros foram entoadas durante tres seculos por exercitos de frades compostos e beatos. Mas, assim como ao pé das mumias, no fundo dos sarcophagos egypcios, no interior das pyramides monumentaes, um pequeno grão se occulta, que, passados quatro mil annos, ainda contém a *vis* mysteriosa que ha de reproduzir as cearas viridentes e matar a fome ao *fellah* desprezado e ignobil, assim tambem na mortalha do velho Portugal um paria dedicado e humilde escóndeu uma fecunda e uberrima semente.

A semente que elle depoz, aquella que ámanhã poderá desentranhar-se em fertilissimas cearas, foi involta em algumas folhas de papel, e por fóra o doador escreveu singelamente uma palavra só — LUSIADAS!

CATHARINA DE ATHAYDE

(Terceiro canto)

I

MORTA

Na capella real do velho paço havia
Um grande movimento; o sino da agonia
Soltava na amplidão a voz soturna e baça
—O preludio da morte, o hymno da desgraça—
N'um bronzeo soluçar pesado e somnolento...
A amante de Camões é quem n'esse momento
Se sente agonisar. Do sagrado Viatico
O remedio final, o balsamo dogmatico,
Ia levar-lhe á alma e ao coração pungido
Força para exhalar o ultimo gemido
Na timida expansão da derradeira prece...
N'esse instante fatal a consciencia estremece,
Apaga-se a razão no extremo paroxismo,
E a morte é assim como um tenebroso abysmo
Cheio de imprecações e ironicas risadas,
Soltas d'um turbilhão de sombras condemnadas...
É então, quando sente o raciocinio morto,
Que a fé nos grita «vem!», e leva-nos ao porto
Da eterna claridade...
Oh espirito moderno,
Tu que negas o céo e que te ris do inferno,
Que fulminas o dogma e arrasas a Escriptura,
Que chegas a fazer da propria sepultura

Um berço, onde renasce e se transforma a vida
Do homem na da flor alegre e colorida;
Tu que obrigaste um Deus, que dominava tudo,
A saír cabisbaixo, envergonhado e mudo,
Dos pavilhões do céo, onde a sciencia agora
Anatomisa, á luz d'uma serena aurora,
Os corpos colossaes que gyram pelo espaço,
Custa-te a comprehender esse apertado abraço,
A ancia com que outr'ora a religião ligava
A alma que partia, á crença que a levava...

N'um cansado estertor, debatia-se o peito
Da criança infeliz. No seu pequeno leito,
Amortecido o olhar, tinto de febre o rosto,
Como as nuvens do céo á hora do sol posto,
Dispersas, sobre a roupa, as tranças d'oiro fino,
Escuta resignada a voz do seu destino
A moribunda flor...

Dois annos são passados:

O amor, as afflicções, as rezas, os cuidados,
As noites sem dormir, e por sobre isto tudo
O desalento, assim como um punhal agudo
Sempre no coração, pozeram lentamente
No regaço da morte essa existencia doente.
No quarto ergue-se ao fundo o grande altar forrado
De damascos de Lucca, onde um crucificado,
Entre as jarras da China e as pratas do Japão,
Tolera silencioso esse esplendor pagão,
Inclinando no peito a fronte resignada...
Sobre o tapete reza em lagrimas banhada
A rainha, e ao pé d'ella as damas e açafatas
De rastos pelo chão, em prostrações beatas...
Perto do leito um padre esguio e macilento
Contempla a moribunda e procura o momento

De lhe pedir, baixinho, inda uma vez que esqueça
A imagem que ella tem no coração impressa
Em hora tão solemne. O padre bem sabia
A tragica paixão contada dia a dia
De joelhos a seus pés.
Elle era o confessor
Que tanto castigara esse funesto amor
Na dura penitencia imposta rudemente
Á virgindade ideal d'essa alma transparente.

(O padre confessor, sentindo approximar-se o Viatico, desperta a moribunda)

O PADRE

Approxima-se o Senhor,
Filha; que grande alvoroço
Vae sentir no coração...
Esmaga pois esse amor,
Essa profana paixão...

CATHARINA (desfallecida)

Não posso, padre, não posso...

O PADRE

Ao penetrar os humbraes
Da Eternidade, procura
Abafar a voz impura
Das tentações infernaes...
Prepara a tua consciencia,
Põe em Deus o ultimo olhar,
Elle é Pae e Senhor nosso,
Ha de te emfim perdoar...

CATHARINA

Não posso, padre, não posso...

O PADRE

Tu morres impenitente
Pobre criança...

CATHARINA

Não!... Não!...
Deus tem no meu coração
Um culto sincero e ardente...

O PADRE

Mas esse amor condemnado...

CATHARINA

O soffrimento o redime...
Este amor... se elle é um crime,
Tem sido bem castigado...
.....

E apertava nas mãos essa medalha aonde
—Avarenta do amor—o seu thesoiro esconde,
Medrosa de que alguem, quando ella á noite dorme,
Se approxime e lhe roube essa riqueza enorme.
O padre então ficou immovel e sombrio,

Fitando-a com o olhar desanimado e frio,
Como o abutre contempla a pomba estrangulada
Em plena primavera á luz da madrugada.

Ao longo dos salões e vastos corredores
Os fidalgos, el-rei e os velhos servidores
Do paço iam seguindo em lenta procissão,
Cantando como ordena o ritual christão
O hymno ao Sacramento...
A umbella ia na frente,
Bordada a oiro fino e perolas do Oriente
Como o rico docel do throno de um nababo;
Depois el-rei, depois ia a nobreza, e ao cabo
Os servos a cantar, curvadas as cabeças,
Como um côro infernal de victimas oppressas.

Sobre o Tejo pairava um temporal desfeito:
As ondas em cachões erguiam-se do leito,
Espumantes de raiva assim como serpentes
Que luctam n'um deserto em convulsões ardentes;
O vento fustigava as tremulas vidraças,
Tinha na voz sinistra os gritos, as ameaças,
Que findavam depois n'um languido gemido,
Como após o combate um luctador vencido.

Catharina ao tomar a communhão sentia
Fugir-lhe a luz do olhar na treva densa e fria
Da morte... era chegado o ultimo momento...
O cortejo saíu, e o hymno ao Sacramento,
Como um canto febril de afflictos corações,
Morria a soluçar pelos vastos salões
Ao longe...
No silencio ouvia-se o estertor
Da agonia final... O padre confessor,

Silencioso, em pé, cruzara as mãos no peito...
.....
Quando *tudo* acabou, correu por sobre o leito
As cortinas de sêda ante a rainha absorta,
E disse seccamente esta palavra: «morta.»

II

SOBRE AS AGUAS

Camões voltava emfim do seu longo desterro;
Como que se lhe abria um carcere de ferro,
Onde, sem luz nem ar, ao coração afflicto,
Se gemia uma queixa ou se soltava um grito,
Sómente respondia um silencio profundo.
Voltar do exilio á patria é vir do inferno ao mundo:
É deixar o martyrio, o desalento, as magoas,
E sobre o fresco azul pacifico das aguas,
Repassando os pulmões de força e de saude,
Erguer o olhar do céo á mansa beatitude,
Ver o alegre esplendor d'uma existencia quieta,
Onde a imaginação em sonhos architecta
Uns castellos ideaes repletos de harmonia...
Dissipava-se a noite á luz d'um novo dia,
E respirava emfim desopprimidamente.

Camões voltava pobre e fatigado e doente;
Vinha com elle o Jau, esse modesto escravo,
Seu amigo leal, valente como um bravo,
Um musculo de ferro e uma alma crystallina,
Que o acompanhara sempre em Africa e na China
Combatendo ao seu lado... Era um thesoiro, o Jau!...
Quando na solidão da gruta de Macau

Camões lhe recitava os versos palpitantes
Ante a orchesta febril das ondas espumantes
Que Deus rege do Azul, o escravo subjugado
Rojava-se-lhe aos pés em lagrimas banhado,
Humilde como um cão!...
Na solitaria gruta
O genio dominava a natureza bruta!...

Vinha a bordo tambem um poeta moribundo,
Espirito gentil e coração profundo...
Era Heitor da Silveira, o amigo de Camões,
Que nos braços da morte, em tristes convulsões,
Supplicava ao Senhor que lhe arrancasse a vida,
Mas depois de ter visto a patria estremecida
Ao menos uma vez!... A patria estava perto...

O Atlantico executa o esplendido concerto
D'uma fresca manhã formosa e diamantina,
Que o sol profusamente em jorros allumina...
A alegria repassa as almas dos soldados
Que reprimem no peito as expansões e os brados
Que hão de estalar depois, n'uma forte explosão,
Como a lava que rompe a crosta d'um vulcão,
Quando surgir ao longe a terra promettida.

Camões scismava então na sua triste vida:
Que desgraçado elle era!... O amigo moribundo,
Antes de ver a patria, ia deixar o mundo...
Exhalando talvez o suspiro final
Nos seus braços... que dor, que immensa dor fatal!
Morreria tambem se á flor do sentimento
Lhe não boiasse a fé n'esse cruel momento.

Mas elle tinha o orgulho, a convicção suprema

De que a gloria da patria estava no seu poema,
N'esse livro immortal, escripto nas tristezas
Do exilio, entre os canhões das velhas fortalezas,
Juncto do largo mar!...
Esplendido thesoiro!
Valia muito mais do que essas minas d'oiro
Arrancadas, á luz d'uma ambição fervente,
Aos flancos colossaes das montanhas do Oriente.

A sua voz, cantando os epicos gigantes,
Levados pela fé aos pontos mais distantes
Do globo, entre o rugir das broncas tempestades
Vencendo heroicamente exercitos, cidades,
Destruindo, arrazando os cultos immoraes,
Supportando o rigor dos climas tropicaes,
E erguendo em toda a parte o grito da victoria,
A sua voz dirá ao universo a historia
D'uma raça de heroes, d'uma nação de athletas,
Que tinha a inspiração nervosa dos prophetas
E o assombro vigor dos gregos destemidos.
A historia, as tradições dos tempos decorridos,
O ardor peninsular, os dogmas religiosos,
O mysticismo ideal dos corações piedosos
Que arrastava Colombo á temeraria empresa
E o padre Sancto Ignacio á cova de Manresa,
As correntes do sangue e os impulsos da raça,
Emfim, tudo o subjuga, emfim tudo o repassa
D'esse influxo febril, o cumulo da idêa,
O genio! o immenso sol, que da grande epopêa
Lhe tinha fecundado as flores immortaes...

Na tragedia febril dos velhos temporaes,
O oceano alevantara os monstruosos braços
Das ondas, ao clarão sinistro dos espaços,

Para lhe arrebatar, n'uma loucura extrema,
A existencia, a fortuna e a sua gloria — o poema! —
Mas elle então, heroe! mais forte do que o oceano,
E muito mais audaz, n'um esforço sobrehumano,
Gritou-lhe «hei de vencer-te!», e atirando-se ás vagas
Entre um côro infernal de rugidos e pragas,
Salvando omnipotente as guelas dos abysmos,
Resistindo ao furor dos rudes cataclysmos
Nos desertos do mar, em fremitos arroja
O poema victorioso ás praias de Camboja!

Que o diga Deus, que além, nos paramos distantes,
Entre os grandes vulcões das nuvens fluctuantes
A vomitarem fogo, o espreitava e sorria,
Louvando-lhe o vigor da extranha valentia...

Voltava novamente á terra em que nascera;
Que mudanças, Senhor! ninguem na praia o espera.
Seu pae tinha morrido; os amigos tambem,
Levara-lh'os a guerra; apenas sua mãe,
Uma pobre velhinha adoentada e triste,
Miseravel e só, lhe dizem que ainda existe,
E a fidalga gentil, a sua loira amante,
Que elle sentia já nervosa e palpitante,
A pedir-lhe e a escutar as longas narrações
Do seu triste viver no fundo dos sertões,
Sobre as ondas do mar, nas refregas, na lucta,
Ou no socego ideal d'essa tranquilla gruta,
Onde ella tanta vez, em fórma de visão,
Sorrindo, lhe beijava o rosto e o coração...
Tinha tudo mudado!... El-rei D. João III
Tambem já não vivia, e Portugal inteiro,
Esse sonho da Europa, essa opulenta herança,
Repoisava nas mãos d'uma debil criança
Com a cabeça doida e o coração fanatico...

Sobre as ondas, a nau, como um passaro aquatico,
Vogava brandamente em direcção á terra...
Cintra mostrou ao longe os pincaros da serra,
E então um côro enorme, um grito estrepitoso,
Estremeceu no espaço!...

Heitor, febril, ancioso,
Quiz erguer-se e caiu, sem vida, bruscamente
Nos braços de Camões .....
.....

III

CRENÇA EM DEUS

Curvada pela edade, a mãe do Poeta reza
Juncto ao seu oratorio; uma densa tristeza
Turva-lhe o doce olhar, em lagrimas banhado...
As saudades que tem do filho desterrado
Pungem-lhe o coração... Ella está pobre e doente
N'aquella triste casa, em que a morte recente
Do marido a deixou desamparada e velha...
Nunca mais viu brilhar uma unica scentelha
De alegria e de amor na sua noite escura;
Sempre sósinha alli, como n'uma clausura,
Espera resignada a eterna liberdade...

.....

Entre os gelos crueis d'uma provecta edade,
Abrem-se á luz do céo os lirios bons da crença,
E a alma paira então assim como suspensa
N'um raio de luar, com que Deus a convida
A subir, a subir á patria promettida...

Nos pantanos da vida o luar da religião
Funde-se n'um crystal purissimo — a oração —
Atravessando o qual, em toda a nitidez,
O triste olhar da fé contempla muita vez
A recompensa ideal que Deus reserva áquelle
Que a sociedade engeita e a compaixão repelle.

A velhita rezava em lagrimas banhada;
Foi então que sentiu subindo pela escada,
Vertiginosamente, uma pessoa, alguem
Que gritava:
— Sou eu, aqui estou, minha mãe! —

E nos braços do filho a velha surprehendida,
A chorar, a tremer, caíu desfallecida
E sem poder fallar...
— Minha mãe, minha mãe, —
Dizia-lhe Camões — Sou eu, aqui me tem!... —
Ella então murmurou, ao ver nos olhos seus
Brilhar de novo a luz:
— Bemdicto seja Deus!...
Bemdicto seja Deus!... —

Entre as portas da sala,
Escondido na sombra, o pobre escravo exhala
Um intimo suspiro... elle tambem pensava
N'aquella triste mãe que lhe ficara em Java
Quasi morta de dor... Nunca mais a veria!...
.....
Na cruz agonisava um Christo humildemente
Entre as velas do altar.

Camões fallou do Oriente,
Dos combates no mar, d'essas horas passadas
Entre o extranho fragor das ondas sublevadas...

E ao ouvil-o fallar, a velhinha tremia
De susto e de terror...
Pintou-lhe a nostalgia,
As saudades da patria e da familia ao longe,
Isolado assim como um solitario monge...

Ella então descreveu-lhe a sombria tristeza .....
Em que vivia alli no luto e na pobreza...
—E voltas rico, tu?—
—Riquissimo! aqui tem
Uma riqueza enorme!—E ao regaço da mãe
O poema arremeçou...
Depois fallou da amante;
A velha estremeceu...—Que delicioso instante,
Que surpreza, Senhor, elle ia preparar
Ao seu amor...—
Mas vendo a mãe a soluçar
Estremeceu tambem... perguntou-lhe o que tinha,
Porque chorava assim...
E a tremula velhinha,
N'uma lucta cruel a debater-se, então
Disse-lhe a meia voz:
—Não partas, filho, não...
Não a pódes já ver... ella vive no céo...—
—O que diz, minha mãe? não posso já...—
—Morreu!...
Resigna-te... foi Deus que assim o quiz, meu filho.—
.....
O Poeta cambaleou no pavimento, o brilho
Da razão offuscou-lh'o a noite da loucura,
E ao ver aberta na alma aquella sepultura,
Onde immovel e fria a amante repoisava,
N'uma suprema dor, chorando, blasphemava!...
Ante o gelo mortal d'aquella branca imagem,

*

Tinha o choro febril d'uma paixão selvagem.
E, como ouvia a mãe a murmurar baixinho:
«Bemdicto seja Deus», sentiu, n'um redemoinho
De fortes sensações, fugir-lhe a luz da crença;
E na sua alma então a duvida suspensa
Tinha a sinistra côr d'um passaro nocturno...
.....

O POETA (n'uma sombria expansão, depois d'um silencio prolongado:)

—Foi Deus quem m'a roubou na flor das primaveras,
Ao sinistro fulgor das lividas espheras,
Para a depôr no altar das victimas formosas,
Que se vestem de branco e toucam-se de rosas,
Sorrindo ao sacrificio, ao mystico noivado
Que deve ter logar no azul immaculado
Dos paramos do céo...
Que importa que ao voar
Deixem no horror do luto as mães a soluçar,
Enchendo os corações de lagrimas pungentes,
Seguindo com o olhar, febris, inconscientes,
O cadaver que vai sumir-se n'uma cova!
Se a filha é fresca e pura e delicada e nova,
Se o seu olhar concentra os brilhos d'uma aurora,
Se é doce como um favo ou como um beijo, embora
Não possa resistir aos golpes d'um punhal,
Se acostumado ao bem não comprehende o mal,
Nem sabe inda medir a vastidão do abysmo
Para onde nos attrahe o forte magnetismo
Da lei que nos domina — a lei do soffrimento —,
Se ha um Deus que se esconde atrás do Firmamento,
Que é como a hydra fatal que exige um bom tributo
De corpos infantis... que importa a dor e o luto!...

Parti, deixae-nos, ide, ó pombas innocentes,
Tomae o branco véo das nuvens transparentes,
De estrellas inundae os fulgidos diademas,
E assim hão de abrandar-se as coleras supremas,
E Deus ha de sorrir além, na Eternidade,
Sem macular o alvor da vossa virgindade!...
.....

(A velha cáe de joelhos a chorar, com as mãos erguidas deante do Oratorio. O Poeta depois d'um extasis momentaneo continúa:)

Nunca mais! nunca mais!... Inda me lembro, quando
Eu te vi tanta vez juncto ao sol-posto olhando
As nuvens pelo azul vastissimo e profundo,
Da triste inspiração, do máo presentimento .....
Que me lançava na alma este fatal tormento:
—Que tu, anjo do céo, ias deixar o mundo...

Dezoito annos!... um mimo, um sonho, uma illusão,
Um rosario de luz cingindo um coração
Que estremece do amor na candida harmonia...
Dezoito annos!... a vida em borbotões de esperança...
Um sorriso!... uma flor!... Pobre, infeliz criança!
E murchou-te da morte a rude ventania?!

Pôde o fogo queimar-te as azas palpitantes,
E fazer-te caír, das regiões distantes,
No charco onde apodrece a carne inanimada!...
E pôde a mão de Deus, do Inferno, ou do Destino,
Lançar-te n'uma cova, a ti, lirio divino,
Cujo collo se abria á luz da madrugada?!
.....

(A velha tremia de terror ouvindo o filho a blasphemar. Camões continúa n'um desespero crescente:)

Foi Deus quem te arrancou das tranças virginaes
A grinalda de noiva e o véo dos esponsaes,
Tornando em noite escura a tua branca aurora...
... Como hei de eu crer em ti, ó Deus endurecido,
Que soltas um sorriso em troca d'um gemido,
E enterras um punhal n'um peito que te adora!

Como hei de eu crer em ti, ó Christo legendario!
Se acaso ergueste a voz no cimo do Calvario
Implorando o perdão, a lei que regenera,
Como é que não te ouviu teu pae, o Padre Eterno,
E fez da terra toda um monstruoso inferno,
Em que o amor é um sonho e a vida uma chimera?!
.....

Mas não! ou tu és bom ou não existes... Eu
Se te interrogo, erguendo as mãos febris ao céo,
Não me respondes tu, que és pae dos desgraçados!
Como hei de eu crer em ti, ó Deus secreto e mudo,
Que do nada creaste e organisaste tudo,
Se á minha immensa dor teus labios são fechados!
Se és pae, eu sou teu filho, e quando um filho soffre,
O peito de seu pae é um precioso cofre
Que se abre a recolher-lhe os prantos e os gemidos;
Tu devias portanto erguer-me nos teus braços,
E estreitar, pelo amor, os apertados laços
Que aos paes uniram sempre os filhos opprimidos.

Se te vejo a orar nas solidões do Horto,
Se te vejo na cruz enregelado e morto,

Ou subindo no azul translucido e sereno,
Ou conchegando a ti as loiras criancinhas,
Como um bando gentil de castas andorinhas,
Eu amo-te, Senhor; Jesus, não te condemno;

Mas, quando a tempestade horrivel se accumula,
Quando o leão do mal nas garras estrangula
Uma doce criança alegre e palpitante,
E oiço o mundo a gritar: «Bemdicto seja Deus!»,
Sinto cantar baixinho o côro dos atheus:
«Maldicta sejas tu, chimera repugnante!...

Maldicta sejas tu, que ha mais de seis mil annos
Despedaças a rir os corações humanos,
Que te dão ao morrer um beijo ensanguentado...
Maldicto sejas tu, ó Deus inconsciente,
Trindade monstruosa, espirito inclemente!...
Filho de Jehovah, Jesus crucificado!...

Maldicto sejas tu!... Maldicto sejas!»

(O Poeta, vendo a mãe tremula deante do altar e o Christo resignado na cruz, sente a violenta reacção da crença catholica, e prostra-se de joelhos n'uma explosão de lagrimas.)

Não!...
Bemdicto sejas tu! Perdão, Senhor, perdão...
Perdoa esta blasphemia ao desespero, á dor,
Entre os brilhos ideaes da tua gloria immensa
Tu tens, para quem soffre, inda um balsamo—a crença!
Senhor, eu creio em ti, perdoa-me, Senhor!...

Eu vi-te muita vez na cerração dos mares,
E um sorriso dos teus, um só dos teus olhares,
Dava-me luz á alma e força ao coração...
Se me vias dormir, prostrado de canceira,
Tu vinhas-te assentar á minha cabeceira;
Por isso eu creio em ti: perdão, Senhor, perdão!...

Hei de me consumir n'esta saudade enorme,
Direi ao fundo amor que me subjuga: «dorme!»
E elle ha de no meu peito adormecer talvez...
E tu, noiva gentil, e tu, pomba de neve,
Aguarda-me no céo, que eu partirei em breve;
Deus ha de me chamar... espero a minha vez!...

E o Poeta, ao contemplar o sancto Christo morto,
Sentia o doce bem d'um primeiro conforto...
O pobre escravo então, inda na sombra, olhava
O filho que gemia, e a mãe que murmurava
Ao sentir novamente a luz nos olhos seus:
«Bemdicto seja Deus! Bemdicto seja Deus!»

IV

SAUDADES

Um destino cruel vergava lentamente
O desgraçado poeta; aquelle olhar ardente
Perdera a viva luz. Tinha as faces cavadas,
Rugosas e sem côr... Tantas noites passadas
Sem dormir, a dar força e movimento e vida
Ao cadaver que tem da amante estremecida

Sempre no coração... dias de desalento
N'uma sombria dor, sem ter um só momento
De conforto, e depois a miseria, a tortura
De contemplar a mãe que se afflige e procura
Diminuir-lhe o mal, pedindo esmola, tudo
O faz andar assim desalentado e mudo,
Á espera de que Deus, que é bom e generoso,
Lhe diga: «é tempo já, concedo-te o repouso,
Pódes emfim dormir o derradeiro somno.»

Ao sol-posto Camões, pelas tardes do outomno,
Quando a brisa desfolha as arvores e as flores,
E se abrem pelo espaço as azas dos condores
Cortando o azul nublado imperturbavelmente,
Quando se ouve o gemer da natureza doente,
E anda na atmosphera um desconforto occulto,
Que aviva dentro da alma o mysterioso culto
Das tristes affeições crestadas pelo pranto;
N'essas tardes, Camões sente um suave encanto
Em escutar no templo as predicas dos frades...
Chora-lhe o coração repleto de saudades,
E julga estar alli mais proximo de Deus,
N'uma paz que parece a paz dos mausoleus...
Alli ouve fallar d'uma outra vida, aonde,
Aos olhos d'este mundo, o firmamento esconde
As almas que têem *fome e sêde de justiça,*
Fazendo-as assistir áquella eterna missa,
Em que se escuta a voz dos cherubins involtos
Nos doirados anneis dos seus cabellos soltos...
Por isso elle se arrasta á egreja dos jesuitas,
Paralytico, e vai, n'essas horas bemdictas,
Buscar o summo bem, a mansa beatitude
Que lhe abranda o rigor do seu destino rude...
Sua mãe vai tambem, muito velha e curvada,

E atrás dos dois o Jáu, com a fronte inclinada,
Pensando, ao contemplar o grupo solitario,
N'aquelle que pisou a estrada do Calvario:
O Christo, sua mãe, e atrás o Ceryneu
Que ao subir a ladeira ia subindo ao céo...

Os frades de Jesus, entre as grades, no côro,
Rezam a ladainha, esse piedoso choro
De que a egreja repassa as almas aterradas...
Das naves cáe a sombra; as imagens sagradas,
Immoveis no esplendor dos nichos singulares,
Têm aspectos crueis, no fundo dos altares;
Oscilla a branda luz das lampadas pendentes;
De rastos pelo chão, os tristes penitentes
Espalham-se no templo...

O poeta silencioso,
N'um secreto bem estar, n'um intimo repouso
Pensa n'elle e na patria: a patria moribunda
Morreria talvez, que magoa tão profunda!
Ás mãos d'um rei qualquer, feroz como um chacal...
E um principe de sangue, um padre, um cardeal,
Neto d'esses avós illustres e valentes,
Que tinham commandado as hostes imponentes
Dos guerreiros da cruz, era quem dentro em pouco,
Na impotencia senil d'um cobarde e d'um louco,
Ia a patria lançar no escuro captiveiro
Entre as garras febrís d'um despota extrangeiro!

Pobre D. Sebastião! malfadada criança!
A que mãos foi parar a tua rica herança!
Eras um bravo, tu, rei destemido e forte...
Não soubeste viver, mas affrontaste a morte,
Firme como um heroe; se o sangue portuguez

Salpicou a ferver as ameias de Fez,
E em ondas inundou as plagas africanas,
Tu, suicida sublime, ás hostes mauritanas
Mostraste, a combater, escravo do teu erro,
Que tinhas peito de aço e musculos de ferro!

Arrastaste comtigo a patria á perdição:
Que a historia te perdôe, robusto coração...

E o rosto de Camões molhava-se de pranto...
Chorava o seu ideal despedaçado, emquanto
Vibravam pelo templo os canticos ferventes
E o confuso rezar dos tristes penitentes
Que beijavam o chão...
Juncto do Poeta, ao lado,
Na humildade brutal d'um leão domesticado,
Espera o Jau! lá fóra a pobre mãe anciosa
Muito velhinha e só, estende a mão rugosa,
Occultando n'um véo o rosto emmurchecido,
E supplica uma esmola...
O Poeta, recolhido
N'um profundo scismar, pensa na sua amante,
E repete baixinho a supplica constante
D'esse desfeito amor, d'essa saudade infinda:

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repousa lá no céo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste;

Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Alguma coisa a dor que me ficou
Da magoa sem remedio de perder-te,

Roga a Deus, que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo dos meus olhos te levou.

Reguengos — junho de 1880.

ANTONIO DE MACEDO PAPANÇA

Socio correspondente do Instituto.

DISCURSO DO SOCIO EFFECTIVO FRANCISCO AUGUSTO CORRÊA BARATA

A 24 de março de 1553, que foi um domingo de Ramos, aprestava-se para largar da praia do Restello, hoje de Belem, em direcção á India, uma armada de quatro naus, aonde ia por capitão Fernão Alvares Cabral, a bordo da nau S. Bento.

Dirigia então os destinos do grande imperio portuguez o senhor D. João III. Portugal havia attingido o apice da sua gloria e da sua opulencia. Tendo arruinado a republica de Veneza, a maior potencia maritima d'esse tempo, conquistara um imperio tão grande como o imperio romano, e commandava com as suas esquadras em todos os mares desde os Açores até ao Cabo de Boa Esperança, a um lado do Atlantico, e a outro em quasi toda a costa do Brazil; em toda a costa oriental da Africa desde a terra do Natal até ao Cabo Guardafui, e no Oceano indico desde Socotorá até Malaca e ao mar da China, comprehendendo um grande numero de ilhas importantes. Os seus dominios estendiam-se pela America, Africa, Asia e Oceania.

Actualmente, que as nossas possessões estão reduzidas na Asia e na Oceania quasi que a alguns pontos isolados, como Goa, Damão e Diu, Macau e as ilhas Solores, restando-nos ainda, além dos Açores, algumas ilhas e possessões continentaes numa e noutra costa da Africa, julgam os geographos que a área do nosso dominio ultramarino não será inferior a 80:000 leguas quadradas. Que portentoso não seria, pois, o imperio portuguez do primeiro quartel do seculo XVI!

Na epocha, porém, a que me refiro já eram bem claros os indicios de que a majestade d'este colosso havia transposto o zenith da sua grandeza, e declinava para a decadencia. Dir-se-hia que um máo destino assignalava as nossas empresas, e que tudo con-

spirava contra tão grande opulencia. Por vezes a peste havia invadido o Reino — uma no tempo de el-rei D. Duarte, que se diz fôra d'ella atacado; outra no tempo de D. João II; outra ainda no reinado de D. João III, e mais tarde no de D. Sebastião, a peste grande, que foi a mais calamitosa de todas. Em Coimbra morriam duzentas pessoas por dia; em Lisboa quinhentas. A isto succedeu a fome.

Não bastando estes flagellos até o proprio solo da patria fôra violentamente agitado, desde o principio do seculo, em 1512, 1531, 1551. Estes dois ultimos terramotos tiveram logar durante o reinado de D. João III e produziram as maiores desgraças. Em 1531 os abalos succediam-se sete e oito vezes por dia, e diz Garcia de Rezende que continuaram estendendo-se por todo o Reino durante o espaço de dois mezes. Mais de 1:500 edificios foram destruidos em Lisboa. O mar era agitado por convulsões tão violentas, que o erguiam a uma altura extraordinaria. Abriam-se enormes fendas na terra d'onde emanavam gazes mephiticos e deleterios. Em 1551 repetiram-se estes phenomenos: mais de duzentas casas foram destruidas e succumbiram cerca de duas mil pessoas.

Estes factos naturaes conspiravam com as causas intimas da decadencia nacional.

As nossas frotas tambem não eram felizes. Quando ainda se achava ancorada no porto a capitaneada por Fernão Alvares Cabral, a que me referi, pegou accidentalmente fogo a uma das naus, que ardeu completamente. Era a nau Sancto Antonio. Comtudo a armada partiu no dia aprazado. Depois de alguns dias de feliz viagem levantaram-se tão tormentosas borrascas, que dispersaram os galeões. A nau S. Bento, a bordo da qual ia o capitão, foi a primeira que pôde alcançar o Cabo de Boa Esperança. Ahi accommettida por novas tempestades, a que ainda resistiu, não pôde conseguir o rumo ordinario das nossas esquadras, atravessando o canal de Moçambique, e teve de passar fóra da ilha de Madagascar, aproando ainda nesse anno a Goa, onde a guarnição desembarcou salva de tantos perigos.

Emfim esta mesma nau, quando mais tarde regressava ao reino, não chegou a fundear no Tejo, porque foi desfeita em um naufragio. Não havia muito que succedera tambem o lamentavel naufragio de Manuel de Sousa e Sepulveda e de sua esposa Leonor de Sousa, o qual deu assumpto ao bello poema de Jeronymo Corte-Real — *O Naufragio de Sepulveda.*

Assim foram a pouco e pouco desapparecendo as nossas armadas.

***

Entre os homens de armas que a nau S. Bento desembarcara em Goa, ia um que, ao simples aspecto, se distinguia dos seus rudes companheiros. Contava apenas vinte e nove annos; era de estatura ordinaria e tinha uma figura marcial e agradavel. Os cabellos eram louros, o rosto oval, o nariz aquilino e proeminente, a physionomia um pouco severa. Havia perdido a luz do olho direito, cuja palpebra descia permanentemente cerrada e immovel. Chamava-se este moço — Luiz de Camões.

Não era ainda então o auctor do immortal cantico das nossas glorias — os Lusiadas. Filho de Simão Vaz de Camões e Anna de Sá e Macedo, havia concluido os seus estudos na Universidade, ha pouco transferida para Coimbra, d'onde regressou para a capital em 1542. Descendia de uma familia nobre de Galliza, diz-se, que viera para o reino no tempo de el-rei D. Fernando. Um dos seus ascendentes, que recebera doações consideraveis d'aquelle rei, abraçou por sua morte a causa de Castella, combatendo por ella na batalha de Aljubarrota, que collocou definitivamente a corôa portugueza na cabeça do mestre de Aviz. Foram-lhe sequestrados todos os bens, restando-lhe apenas, ao que parece, algumas terras no Alemtejo que passaram aos seus descendentes. Os paes de Camões nada possuiam já dos haveres dos seus maiores. Comtudo Luiz de Camões foi recebido na corte de D. João III, onde o seu genio

jovial e cavalheiresco, a vivacidade do seu espirito e os dons de um talento poetico privilegiado lhe conquistaram muitos amigos entre os mais nobres senhores. A este tempo era o joven poeta dotado de todas as qualidades inherentes a uma poderosa virilidade e de todos os impulsos de um caracter fogoso, ardente e apaixonado.

A corte de D. João III não possuia já a fé sincera e os costumes austeros da de D. João I; mas não havia chegado ainda a attingir o esplendor faustoso mas falso, os costumes alambicados e preciosos, e a dissolução beata da de D. Sebastião. Não podia dizer-se d'ella o que se lê no *Leal Conselheiro* de D. Duarte, a respeito da corte de el-rei seu pae — não ha uma só dama nesta corte a quem a calumnia possa manchar. — É que D. João I não duvidou mandar queimar na Praça do Rocio, sem processo, um fidalgo que entrara no Paço a horas vedadas, depois de ter sido admoestado uma vez.

Naquelles tempos cavalheirosos era um ponto essencial de distincta educação bem servir e honrar as damas.

Os mais nobres senhores esmeravam-se em lhes render o culto e a homenagem dos seus affectos em composições lyricas. E nas damas do paço nem escasseiavam esplendidas formosuras, nem o mais fino talento ou os dotes mais invejaveis do coração. A rainha D. Catharina queria que as damas que a serviam fossem um modelo de virtudes e de illustração. Eram ellas que premiavam com a coroa de louros ao melhor poeta. Muitas dedicavam-se tambem á poesia e ao estudo da lingua latina. A princeza D. Maria sabia o latim, e reunia em volta de si como que uma Academia de senhoras lettradas.

O poeta, neste meio encantador, tido no conceito que naturalmente lhe conquistara o seu grande talento, seguiu os costumes do tempo. E galanteou uma dama por nome D. Catharina. Foi D. Catharina de Athayde, filha de D. Antonio de Lima? Affirma-o o sr. visconde de Juromenha. Foi D. Catharina de Athayde, filha de Alvaro de Sousa? Affirma-o o sr. Camillo Castello-Branco.

Morreram ambas moças: esta ultima depois de ter casado com Ruy Pereira de Miranda Borges, senhor de Carvalhaes; aquella solteira (1556).

Cito este facto porque a elle, segundo as velhas noticias, ou antes segundo a lenda, se attribuem toda a serie de aventuras que trouxeram ao poeta uma velhice e morte prematuras. A lenda compõe-lhe a physionomia romantisando estes amores e romantisando o homem. A mim parece-me diversa a nobre e grandiosa physionomia do poeta.

Camões, por causas que se referem a este facto, mas que não são determinadamente conhecidas, foi desterrado para uma villa na margem do Tejo, que se julga ser a villa de Constancia. Que o poeta, no verdor dos annos, audacioso e vivo, commettesse uma imprudencia, ou lh'a provocassem, é possivel. Que a intriga ou a inveja o desacreditassem, é natural. Que Camões descesse á condição de um valdevinos piegas e dissoluto, não o creio.—Um caracter nobre não é uma convenção: é um facto original na constituição de um individuo. Mais facilmente se podem renegar aos cincoenta annos as qualidades nobres dos vinte, do que não as possuir nesta edade para as adquirir depois. O typo d'este homem na edade madura é uma garantia de que deveria ser o seu caracter na mocidade.

De resto as grandes cousas e os nobres commettimentos só cabem em grandes corações. Dae a um homem faculdades de intelligencia, mas negae-lhe as do coração: a sua vida será apenas um mixto indefinido de acções contradictorias. Este homem não passará de um egoista. E se este vicio foi, e é infelizmente muito commum, justamente por ser o que mais lisongeia e satisfaz a vaidade de quem o possue—é certo tambem que elle transfigura miserandamente a razão do egoista. Elle pretende illudir o mundo com mesquinhas espertezas, suppõe-se o mais sagaz dos homens, o mais fino conhecedor da vida practica, o mais positivo apreciador das conveniencias. Sorridente e communicativo, falsamente modesto, ostentando nas suas acções os mais nobres intuitos, hypo-

critamente obsequioso e lhano — embacia-se-lhe a luz da razão a ponto de não presentir que a hypocrisia lhe vislumbra no rosto.

O caracter de Camões era outro. Era nobre, recto, altivo e independente. Soube resistir aos mais crueis infortunios. Estremeceu tanto a patria, que foi este o sentimento que morreu com elle. Expirou no momento exacto em que o paiz agonisava, exclamando: «ao menos morro com a patria», como quem se julga feliz, na sua hora extrema, de não presenciar a escravidão miseravel em que ella ia debater-se.

Muitas passagens dos seus escriptos attestam esta altiva nobreza de caracter. Lê-se numas oitavas dedicadas a D. Antonio de Noronha sobre os desconcertos do mundo, a seguinte:

«Aquelle deixo a quem do somno esperta
«o grão favor do rei que serve e adora,
«e se mantem d'esta aura falsa e incerta
«que de corações tantos é senhora;
«deixo aquelles que estão de bocca aberta
«por se encher de thesouros de hora em hora
«— doentes d'esta falsa hydropisia,
«que quanto mais alcança, mais queria.—

Não tinha um espirito mesquinho, capaz de baixas transacções quem fallava assim a nobres e senhores; e coherentemente se induz que não deveria por isso mesmo alcançar fortuna muito prospera numa corte do seculo XVI.

***

Terminado o desterro regressou a Lisboa, d'onde se diz que fôra novamente desterrado para Ceuta, em Africa. Foi alli, ou num combate com os corsarios que então infestavam o Mediterraneo, que elle perdeu o olho direito.

Nada prova que a sua ida para a Africa fosse ainda um desterro, entrelaçado na origem do anterior. Se com os nomes de Dante, Petrarcha e Tasso haviam de perpetuar-se os de Beatriz, Laura e Leonor, a lenda forçosamente havia de engrinaldar com uma Natercia a memoria de Camões, attribuindo ao *amor infeliz* todas as suas desditas, ou verdadeiras ou imaginarias. Reconstituamos *humanamente* o grande vulto do epico portuguez, e dispamol-o dos atavios romanescos do ideal lyrico. Cessemos de examinar o homem através do poeta. Elle queixa-se, é verdade, do seu desterro na Africa; mas isto é sem duvida uma ficção poetica.

Os seculos XVII e XVIII foram testemunhas de muita phantasia romanesca, creada sem duvida pelo prisma falso de sociedades dissolutas. Por fim esta espiritualisação mentirosa dos sentimentos passou dos costumes do tempo para as creações da arte. Não se suspiravam paixões romanticas, mas escreviam-se.

Nem o frio e orgulhoso Goëthe nem o principesco e vaidoso Lamartine deixaram memoria de idyllicas allucinações. E comtudo o primeiro escreveu *Werther;* o segundo *Raphael* e *Graziella*. *Werther* será talvez uma lição, mas desvairou muitas imaginações. Proudhon falla de *Raphael* como da mais dissolvente droga propinada á moral commum.

Camões cantou muitas vezes a formosura e o amor, é certo, porque isso estava no gosto da epocha em que viveu. Mas este robusto e alto espirito não podia descer ás condições somenos de um lacrymoso versejador.

Diz com muita razão o sr. Pinheiro Chagas que Camões não podia almoçar canções, jantar elegias e ceiar sonetos. Naquelle tempo ir para a Africa não era um degredo. Tudo o que havia de mais nobre no paiz alli ia receber o seu baptismo de sangue, robustecer o seu valor, e apprender o mister da guerra. A Africa era a nossa eschola militar, d'onde sahiam os capitães e os soldados para a India. A esta circumstancia se devem plausivelmente attribuir as heroicas façanhas que os portuguezes lá commettiam: eram espadas já experimentadas as que rechassavam nos mares

e portos do Oriente as poderosas colligações e os manhosos ardis, que se armavam contra a dominação portugueza. Camões era pobre, abraçou a nobre carreira das armas, e partiu para a Africa, como muitos, tanto mais que elle não tinha o estofo de um cortezão.

***

Em 1549 voltou da Africa a Lisboa nas disposições de se alistar para a India, o que com effeito fez no anno seguinte. Mas não partiu neste anno, e sim tres annos mais tarde, como disse. Que motivos o retiveram na capital? É inteiramente obscura e desprovida de noticias esta epocha da vida do Poeta. Sabe-se apenas que fôra encarcerado por ter dado uma estocada num certo Gonçalo Borges, creado do paço, na Praça do Rocio, em maio de 1552, no dia da procissão de Corpus-Christi. Sahiu da prisão no anno seguinte, e alistou-se para a India na humilde posição de simples soldado, em substituição de outro. Dias depois partiu.

Quereria Camões castigar em Gonçalo Borges, o irmão bastardo de Ruy Borges, que se diz fôra seu competidor á mão da filha de Alvaro de Sousa, a decepção das suas esperanças? Talvez. Tambem é possivel que o seu ardor cavalheiresco e emproado lhe proporcionasse accidentalmente esta contenda. O Poeta era valente, e tinha, como muitos, as prosapias de espadachim. Era vicio commum da educação d'esse tempo. Elle proprio se gabava de ter visto muitas vezes as solas dos sapatos dos seus adversarios, mas de nunca lhes ter voltado as costas.—Mas a filha de Alvaro de Sousa havia casado durante a sua estada em Africa com Ruy Borges, e vivia nas proximidades de Aveiro, na casa do esposo. Isto não explica a demora do Poeta na capital.

A filha de D. Antonio de Lima avaliára porventura com extremo desfavor para o desventurado Poeta, o defeito que havia deixado no seu rosto o golpe despedido pelo corsario infiel. E elle

não se apercebeu d'isso immediatamente, nem se resignou logo e sem reluctancia; o que é proprio de um sentimento elevado. Isto é uma supposição minha. É tão natural, quanto plausivel. Livre-me Deus de lançar sobre a memoria da joven e formosa senhora uma leve suspeita de traição. As leviandades desculpam-se em verdes annos, mesmo as que ferem. De mais, o nome d'esta senhora apparece-nos hoje como que sanctificado pelo infortunio da sua morte prematura. Se a minha supposição é verdadeira, cedo expiou ella a sua falta.

Seja como for, a verdade é que o proprio Camões dizia que as damas lhe chamavam cara sem olhos. Mais tarde escreve da India estas palavras numa carta dirigida a um amigo: — «depois que «d'essa terra parti como quem o fazia para o outro mundo, mandei «enforcar a quantas esperanças dera de comer até então, com «pregão publico por falsificadoras de moeda. E desenganei estes «pensamentos, que por casa trazia, porque em mim não ficasse «pedra sobre pedra.—»

Eis aqui a confissão de uma grande alma, que não se compadece com a lacrymosa figura que alguns nos pintam, nem com o estouvamento ribaldeiro que outros nos descrevem. Os mancebos d'aquella epocha viviam em rixas, ceias e banquetes. Se Camões se encontra algumas vezes em companhia ruidosa — não o extranhemos. Affirmar o contrario para lhe compor um caracter extraordinario, bem alinhavado e grave, é que seria de todo inverosimil.

E de mais, quem sabe se a este enforcamento das suas esperanças é que nós devemos hoje o seu sublime poema? Não me atrevo a affirmal-o, nem a negal-o.

***

Não seguirei o Poeta na sua carreira aventurosa durante os dezesete annos que se seguem até 1570, em que voltou ao reino.

Percorreu pelejando toda a vastidão do Oceano Indico e soffreu, sempre pobre, as mais duras privações. E porque isto não bastasse a uma vida tão fadigosa, naufragou, ao regressar de Macau, —colonia nascente onde o governador Francisco Barreto lhe havia dado o logar de provedor dos defunctos e ausentes—, naufragou na costa de Cambodja, no mar da Cochinchina, onde perdeu o parco cabedal que em dois annos de repouso havia adquirido, conseguindo salvar como unica fortuna o manuscripto dos Lusiadas.

Isto póde certamente parecer a muitas pessoas um facto providencial. Se Camões tivesse fallecido naquelle naufragio, não possuiria hoje Portugal o seu poema incomparavel; e o proprio nome de Camões teria permanecido na obscuridade em que immergiram os de innumeras victimas e martyres das nossas façanhas asiaticas. Até já ouvi affirmar que o proprio genio do poeta não passa de uma revelação manifesta da bondade divina, que illuminou a intelligencia d'este homem para ser o arauto inspirado das nossas conquistas.

Bem hajas tu, ó Providencia, que não só te dignaste permittir que a tantas gerações de heroes succedesse um, que fosse o vidente e o apostolo das suas grandes acções, mas que tambem escolheste segunda vez um pequeno povo da terra para d'elle fazeres o cofre das tuas graças, insufflando-lhe a intelligencia perscrutadora, o valor indomavel, e abrindo-lhe as portas de um mundo inteiro de riquezas e preciosidades!

Bem hajas tu, que déste ao conde D. Henrique o valor e a pertinacia; que dirigiste por tua mão as naus ousadas de Bartholomeu Dias e Vasco da Gama; que déste a Affonso d'Albuquerque o genio das conquistas, e a D. João de Castro a coragem e a impolluta integridade; — e a D. João de Mascarenhas o defensor de Diu; a D. Francisco d'Almeida, o machabeu portuguez; a Antonio da Silveira, o heroe que Francisco I quiz ver retratado entre os seus grandes homens; a Duarte Pacheco, o Achilles lusitano; a Antonio Galvão, que recusou a coroa de Ternate; a Salvador Ribeiro, rei

do Pegu; e a tantos outros emfim, concedeste as mais brilhantes virtudes civicas e moraes!

Como é doce repousar no seio de uma providencia amiga, á sombra de uns louros que ella nos deu pela sua infinita bondade, quando a opulencia e o respeito nos cercam, quando uma satisfação intima nos enche a alma de alegria, confiando nella como mãe e protectora! E como é, sobretudo, consolador aos olhos da fraca razão humana ver nella a causa de todo o bem, descortinar na sua essencia um principio e uma philosophia, que nos satisfaz a razão porque nos enche os seios d'alma de um balsamo sagrado e de aspirações ineffaveis!

E, comtudo, os teus designios são insondaveis! Tu és incomprehensivel. Tu, que inspiraste a Camões os Lusiadas numa hora de amor e piedade, consentiste que o teu escolhido fosse arremessado ás enxovias de Goa, soffresse as miserias e as oppressões, estivesse captivo em Moçambique, arrastasse em Lisboa uma velhice prematura e indigente, e morresse miseravelmente e na obscuridade! Consentiste que os terramotos esphacelassem a ossada do teu Portugal, que as pestes dizimassem as populações, que a escravidão emfim algemasse os pulsos dos teus eleitos que agonisavam na miseria e na ignominia! Tu viste desapparecer em quarenta annos tantas gerações heroicas, viste immerger subitamente um paiz inteiro do maior auge de grandeza e poderio na mais profunda fraqueza e indigencia — facto singular e unico na historia das nações; e não te dignaste estender o teu braço protector, para o amparar nesta quéda desastrosa e inexplicavel! Assim como um suicida se arroja a um alto rochedo, e d'ahi se atira vertiginosamente no mar tranquillo e immenso — assim tambem Portugal desappareceu subitamente num pelago profundo de desgraças; e se d'esta immensa catastrophe apenas restou um surdo rumor de gemidos, da mesma fórma sobre o cadaver que desappareceu apenas ficou a branda agitação das aguas!

Serás tu como o sol, que sorri diariamente com egual indifferença para o bem e para o mal? Ou serás apenas a deidade

peculiar da opulencia, da felicidade e do genio, dos grandes feitos e das grandes cousas? Onde te escondes tu, ó visão apocalyptica, quando as inundações mergulham com o seu manto mortifero os montes e os valles, quando o sangue corre a jorros sobre a terra, quando os afflictos se contorcem na dor e na desesperação e te imploram em vão em altos gritos, ou o desgraçado abatido por terra geme nas vascas da agonia pronunciando o teu nome? Tu involves-te num manto mysterioso e impenetravel, e escondes-te no fundo azul dos céos!

Realmente tu és incomprehensivel, ó Providencia do bem, ó philosophia dos bemaventurados, ó mysterio do mal!

A historia tambem é uma alta razão que domina os fastos da humanidade, e por isso lhe chamam o espelho da verdade e a mestra da vida. Interrogae-a, e perguntae-lhe quem absorveu em quarenta annos as forças vitaes do paiz inteiro; quem o prostrou na ignorancia; quem o explorou em seu proveito; quem vendeu as nossas possessões de Angola aos hollandezes, mais tarde rehavidas; quem monopolisou o commercio; quem se declarava o senhor da terra; quem deturpou a fé; quem desmoralisou os costumes; quem perseguiu os valentes; quem desprezou os homens de merecimento; quem, emfim, nos vendeu á Hespanha? Interrogae-a imperiosamente, e ella vos responderá: não serei eu. E vereis o que significa esse mysterio incomprehensivel, esse facto tão singular e extraordinario da nossa decadencia quasi instantanea!

Se a não acreditardes, então permitti-me apenas uma lembrança. As desgraças succedem aos povos como succedem aos homens, e, não que venham sem causa, surprehendem muitas vezes os incautos, os corruptos, os imbecis e os egoistas! Quando uma nação tocou esta desastrada meta, de ver no numero dos seus cidadãos crescer em demasia estas quatro classes de viboras, succedem-lhe sempre as grandes desventuras sem que ninguem as previna ou as supponha.

Não affirmarei que o nosso paiz chegou a este estado. Mas se por qualquer d'estes acontecimentos politicos, similhantes a outros

que no nosso seculo se têm dado, e cuja lição tão proxima nos não deve esquecer, como a absorpção da Polonia ou o desmembramento da Alsacia e da Lorena; se por um facto similhante um exercito inimigo despontar nas fronteiras de Portugal, e invadir as nossas cidades, e talar os nossos campos — então, não arranqueis das vossas espadas, impios! não lanceis mão das vossas espingardas, loucos! mas cingi-vos de cilicios, vesti-vos de sacco, e ide na postura dos humildes e dos indigentes, entoando sanctamente cantos piedosos, e erguendo na dextra a philosophia de S. Thomaz de Aquino — esse balsamo que a infallibilidade papal receitou aos males da humanidade — e ficae tranquillas, ó almas catholicas, que tudo serão sorrisos e venturas para vós, porque essa occulta Providencia vos abençoa dos céos, ao passo que na amplidão do azul echoará longamente um hymno sublime de archanjos e cherubins... sim, mas sobre a enorme redondeza da terra estalará tambem desapiedada e energica uma immensa gargalhada de escarneo!

* * *

O sr. visconde de Juromenha pinta-nos o poeta prostrado sobre a pedra tumular que se fechava sobre os encantos de Natercia, aniquilado pelo desconforto, chorando porventura as ultimas lagrimas de uma dor incomportavel!

Esta ficção é impropria da edade e do espirito do grande Poeta. Foi architectada sobre o pensamento de um admiravel soneto, provavelmente escripto nos ultimos annos da sua vida, que termina com esta sentida exclamação:

«Roga a Deus, que teus annos encurtou,
«que tão cedo de cá me leve a ver-te,
«quão cedo de meus olhos te levou.»

É ainda o Poeta que falla, não é o homem. Nós podemos mais plausivelmente imaginar que a sua grande alma se sentiu agitada pela derradeira vibração de generosidade, ao recordar quão rapidos passam os dias da juventude — e a sua era d'isso um exemplo bem expressivo.

Estes phenomenos extraordinarios das organisações privilegiadas não podem medir-se pelo estalão vulgar. Não é ao desabar da vida que se suspiram amores ideaes; mas ha factos, que, sendo inexplicaveis na interpretação falsa do velho e gasto sentimentalismo, apresentam comtudo o cunho de uma sublime realidade.

Miguel Angelo, o portentoso artista do *Juizo final,* passou toda a sua vida no mais austero celibato. No declinar da edade conhecera Vittoria Colonna, uma bella, rica e virtuosa dama, cuja mão havia sido sollicitada, depois de uma viuvez prematura, por tudo o que a Italia tinha de mais nobre e opulento. Em sonetos extaticos e discursos sobre a arte se cifraram as suas relações. Vittoria morre; e Miguel Angelo, na ancia de uma dor intensissima, beija respeitosamente a mão d'aquella mulher virtuosa, arrefecida pela morte. Contava setenta e tres annos, e durante os dezeseis que lhe sobreviveu lastimou-se amargamente de não ter tido a coragem de lhe beijar a fronte.

Taes phenomenos ultrapassam o alcance da psychologia ordinaria e banal.

***

Eis, a largos e incorrectos traços, como se nos desenha a grandiosa physionomia de Camões, que o sentimentalismo romanesco havia desfigurado. Foi um espirito sublime, um coração generoso e altivo. Bravo e independente, nunca poz a sua lyra ao serviço da lisonja. Dotado de uma força moral extraordinaria, foi tão valoroso do corpo como da alma. Nunca o cegaram pompas e

riquezas. Superior ás adulações servis, foi sempre altivo com os grandes, implacavel com os vis, desprezador de cobardes.

Quando, nos ultimos annos da vida, atravessava as ruas de Lisboa, tendo trocado a espada valorosa por uma pobre muleta, o povo reunia-se e parava para o contemplar: elle não o via. Morreu na mais deploravel miseria e deram-lhe por esmola o lençol em que o amortalharam. Foi enterrado obscuramente na egreja de Sanct'Anna. Só dezeseis annos depois é que D. Gonçalo Coutinho lhe mandou collocar na sepultura uma lapide com um simples epitaphio. O terramoto de 1755 veio collaborar nesta desgraça, arrazando a egreja e dispersando impiedosamente as suas cinzas. Involveu-as por fim o manto do esquecimento. Ignorou-se por muito tempo a verdadeira data da sua morte.

Não é, porém, a morte do grande homem que vimos aqui celebrar. Quando Camões descia a esconder-se em uma sepultura anonyma, abriam-se-lhe de par em par as portas rutilantes da immortalidade.

Nós vimos consagrar-lhe essa immortalidade, e rehabilitar a memoria do genio que vinculou a sua gloria á gloria da patria. Vimos apontar como exemplo o poeta, o homem, o cidadão.

As paginas brilhantes da nossa historia ha muito que foram calcadas e vilipendiadas por extrangeiros e nacionaes. Tudo esqueceu! De tanta gloria e de tanta opulencia só nos resta um nome — o de Camões, e um monumento — os Lusiadas.

Mas se o amor da patria se não extinguiu de todo em peitos portuguezes, se independencia e liberdade não são duas palavras inteiramente vazias de sentido — portuguezes! amparae o presente; cidadãos! preparae o futuro.

CONGRATULATION [1]

Le Portugal vient de célébrer, avec un enthousiasme touchant, avec un élan patriotique plein de foi et d'ardeur, et possédé de la plus haute compréhension de ses devoirs les plus sacrés, le troisième centenaire de Camoëns, l'immortel chanteur des *Lusiades!*

A l'appel que fit la presse, tout ce qu'il y avait de forces vives dans la nation, tout ce qui sentait, pensait, vivait, répondit généreusement et d'une seule voix, comme s'il s'agissait de l'honneur de la patrie, de sa liberté, de son indépendance. L'âme portugaise tout entière, le noble et vaillant cœur lusitanien, le ressouvenir de ses hauts faits, de ses glorieuses conquêtes, de son grand rôle dans la civilisation, tout ce qui était l'histoire glorieuse du Portugal et menaçait de tomber en légende mythologique (tant l'oubli en était grand !) s'ébranla tout à coup en une émotion indéfinissable, sous l'effluve lumineux de ce nom CAMOENS!, qui résume en lui l'impérissable épopée du génie portugais.

A cet appel, l'ombre des grands héros, de ceux qui avaient aimé la patrie de toute leur âme, et lui avaient tout sacrifié «fors l'honneur», sans d'autre ambition que sa grandeur, sans l'espoir

---

[1] La veille du centenaire, la Direction de l'Institut invita M. Eduardo Burnay à faire, dans sa séance commémorative, la lecture de la poésie de M. Henri Faure, *L'appel à la postérité,* en la précédant de quelques mots de congratulation en honneur des sympathiques adresses qui nous arrivaient de l'étranger.

Cette partie du programme n'ayant pu se réaliser, nous nous faisons toutefois un devoir de consacrer ici les hommages de notre reconnaissance, par ces quelques mots, équivalant à ceux dont notre confrère aurait alors interprété nos sentiments.

d'autre récompense que la consolation de «bien faire», se réveille soudainement dans le cœur de ce peuple, que l'oubli de ce qu'il devait à son nom et sa tradition avait aussi presque plongé dans le juste oubli du monde entier.

Un nouveau souffle passa sur son front, une nouvelle haleine envahit ses poumons, un nouveau sang rajeunit son cœur, et après trois siècles d'exil, le nom de Camoëns reconquiert l'âme portugaise, dont il avait été la plus parfaite et la plus majestueuse incarnation.

Le Portugal paie sa dette d'honneur! La nation entière, représentée par des délégués de tous les points du pays et de toutes les classes de la société, défile le 10 juin en un cortége solennel, empreint d'une grandeur antique, devant la statue de celui qui lui avait conquis, aux accords de sa lyre inspirée, l'inaliénable immortalité, et que trois siècles auparavant elle avait laissé mourir sur un pauvre grabat, entre sa mère mourante aussi et son esclave désolé.

Quel grand spectacle que cette réparation nationale! La belle apothéose que cette glorification du génie par tout un peuple! Ó sublime fête de l'esprit humain!

Car, disons-le, la célébration du centenaire de Camoëns n'a point été une simple consécration littéraire, ou une pure préoccupation de sensiblerie patriotique.

Non, ce fut une fête vraiment nationale et humaine, une affirmation expressive de nos droits de nationalité par devant la civilisation moderne, et qui est destinée à laisser une trace indélébile dans la vie de la société portugaise et à y exercer la plus salutaire des influences.

Quand un petit pays comme le nôtre, relégué à l'extrême occident de l'Europe, pauvre de territoire, déchu de ses anciennes grandeurs, sans influence politique, sans importance militaire, entièrement à la merci des complots de la grande diplomatie, tient

à maintenir son nom et son indépendance, il n'a pour cela qu'un titre, un seul droit... le droit de l'histoire.

Mais ce droit, ce titre, il faut le faire valoir.

Il faut montrer que l'on n'a point oublié les pages glorieuses de l'histoire portugaise, qu'elles sont gravées comme sur l'airain dans le cœur de tout portugais. Il faut rappeler fièrement que les hauts faits de la nation, le courage déployé et le sang répandu pour la conquête du sol et la défense de la patrie, ses découvertes maritimes, faites de science et d'audace, avec toutes leurs conséquences civilisatrices, le génie de nos grands hommes, notre vieil esprit de liberté et d'honneur, sont autant de titres à la sympathie, à la reconnaissance et au respect du monde et de la civilisation; et que d'un coup de plume, pas plus que d'un coup de sabre, nul ne peut ni détruire une épopée, ni briser l'âme d'un peuple.

C'est notre rôle passé qui nous légitime au présent le titre de nation; mais, pour que la garantie en soit effective, il faut que la souvenance en soit toujours vive au fond du cœur. Car, si nous l'oublions, nous, de quel droit oserions-nous prétendre que d'autres en conservassent la mémoire?

C'est ce que le peuple portugais a très-bien compris à l'occasion de la célébration du centenaire de Camoëns; sentant que ses intérêts les plus chers étaient liés à la manière dont il honorerait ce génie synthétique de la nation, ce fut avec un enthousiasme empreint de foi et de dévotion, que par tout le Portugal on célébra la gloire du poëte et celle de la patrie.

Honneur donc au Portugal renaissant!

Ce n'est pas nous qui te saluons, c'est l'Europe entière qui t'applaudit.

De toutes parts les salutations arrivent, en prose, en vers. Paris célèbre le centenaire et Madrid aussi. L'Allemagne, la Suède en font de même, l'Amérique imite l'Europe, et la France, ce cœur frémissant généreusement à toutes les émotions de la vie, cette âme ouverte à toutes les fêtes de l'esprit, nous accable sous les charmes de sa galanterie traditionelle. Ses poëtes nous chantent,

et un vaisseau de guerre vient alègrement pavoisé saluer le Portugal au nom de la France.

Touchants hommages dont la valeur et la portée ne doivent point être méconnues!

Ils signifient qu'au moment où Camoëns renaît pour nous, nous aussi, nous renaissons devant le monde qui allait peut-être nous oublier.

Ils signifient que, tant que nous saurons maintenir l'honneur du nom portugais par le culte de sa gloire, les autres aussi sauront le respecter.

Ils signifient, enfin, que les Lusiades de Camoëns sont pour nous un titre à l'immortalité.

Que demain la politique nous sacrifie, que les finances nous épuisent, qu'un nouveau César nous ôte la liberté, et c'en est fait de la nation portugaise. Il se peut alors que nous perdions tout: la pureté de notre sang, le charme de nos traditions, la poésie de nos moeurs, la langue de nos pères, la religion de nos mères.

Mais quand cette terre de Portugal ne sera plus qu'une vaste sépulture, le cimetière immense d'une nationalité éteinte, par-dessus toutes les ruines, par-dessus tous les décombres, par-dessus tout ce qui fut et n'est plus, les vifs caractères des Lusiades, écrits du sang et du génie portugais, planeront comme en une phosphorescence resplendissante, inextinguible, — *hic-jacet* lumineux, que nulle main ne pourra effacer. Et le dernier jour de la vieille Lusitanie ne sera que son premier moment compté dans l'immortalité!

Voilà ce que signifient les hommages des nations étrangères, voilà ce qu'a très-bien dit notre dévoué confrère M. Henri Faure, dans la poésie qu'il nous consacre:

« Sois fier, ó Camoëns! Le Tage peut tarir,
Lisbonne peut sombrer dans l'océan des âges,
La nef du Portugal ne craint point les naufrages:
A l'immortalité tu l'as fait atterrir!»

A tous ceux, donc, qui ont si bien compris la portée de notre commémoration, et de si loin se sont empressés de nous envoyer le consolant hommage de leur sympathique adhésion, à tous ces esprits d'élite, hommes ou nations, qui savent reconnaître des droits en dehors de la géographie et des arsenaux, un mot de congratulation et de reconnaissance: honneur à vous et merci.

DISCURSO DO SOCIO EFFECTIVO MANUEL EMYGDIO GARCIA [1]

Nobres damas, illustre reitor, sabios professores d'esta Universidade, estudiosos mancebos, numerosa e respeitavel assemblêa:

I

Concedei a vossa permissão e a vossa benevolencia a quem se atreve a sahir da sua modesta obscuridade, para usar da palavra nesta grande solemnidade commemorativa, que, sendo propria e digna de um povo inteiro, podendo e devendo sel-o para toda a humanidade, é principalmente obrigatoria para esta Academia.

Pertence-lhe por direito de primogenitura entre todas as academias e instituições scientificas e litterarias de Portugal; pertence-lhe, porque se tracta de celebrar um grandioso genio, que levantou aqui os seus primeiros vôos, e aqui recebeu tambem as suas primeiras inspirações; pertence-lhe, porque se tracta de prestar homenagem de admiração e applaudir uma sublime e formosissima creação scientifica e litteraria, a qual, transmittindo

---

[1] Até aqui se publicam as peças litterarias relativas ao sarau do Instituto. Accrescentamos outras que nos foram offerecidas directa ou indirectamente por seus auctores, embora algumas apparecessem publicadas tambem noutros jornaes e livros, proprios da occasião.

Publicamos agora a parte do discurso do sr. dr. M. E. Garcia que foi recitada na manhã do dia 10 de junho na sala dos Capellos, e nos proximos numeros publicaremos a infra parte, sem duvida a mais extensa, e scientificamente a mais importante.

á posteridade os alterosos feitos civilisadores de heroicos portuguezes, personifica, e perpetúa na historia uma das mais productoras e brilhantes phases da vida humana, a pagina mais gloriosa, e sem duvida immortal, da existencia de uma nacionalidade benemerita, no auge do seu rapido e maravilhoso desenvolvimento, na mais completa e energica vitalidade da sua funcção characteristica.

A indole e os elevados fins d'este venerando Instituto scientifico, a sublimidade do assumpto e a austera gravidade do logar e da occasião, impõem-me o rigoroso dever official de ser tambem grave na materia, austero na fórma; e só lamento que os meus exiguos recursos e apoucados meritos não permittam que o meu discurso seja em uma e outra, por egual, sublime e alevantado.

Na qualidade de instituição fundamentalmente scientifica tem a Universidade de Coimbra a impreterivel necessidade organica e o dever moral indeclinavel de imprimir o seu elevado character e communicar o seu nobre e generoso espirito a todos os seus actos, a todas as suas manifestações, assim nas refregas do estudo, como nas pompas e nos esplendores das suas maiores solemnidades festivas.

Consenti, por isso, que eu peça tambem inspirações unicamente á sciencia; e do seio purissimo d'esta nossa mãe commum, origem de toda a luz, fonte de todo o bem, possam nascer, sem dores nem violencias, sem reservas e sem artificios, o corpo e a vida do meu breve e despretencioso discurso.

II

Tem sido Luiz de Camões considerado sob multiplos aspectos; tantos quantos são aquelles a que se presta a grandeza e facundia do seu portentoso genio; tantos quantos alcança e domina sobranceiro o seu extraordinario ingenho; tantos quantos preenche a sua vasta e complexa erudição, manifestada nas primorosas obras

e valiosos escriptos que transmittiu á posteridade, e com os quaes enriqueceu o patrimonio intellectual da civilisação hodierna, onde avultam e resplendecem entre as joias de mais subido preço e singular predilecção.

Litterato, poeta, geographo, astronomo, naturalista, tudo aquillo, emfim, para onde o sentimento e a intelligencia podem levar o homem de genio, tudo elle foi, tudo parece haver sido.

Nós consideral-o-hemos como *sabio historiador*.

É este o ponto de vista culminante, verdadeiramente humanitario, ao qual se prendem, ao qual se referem, ao qual se subordinam e sob o qual se relacionam e coordenam, em uma synthese admiravel e universal, todos os conhecimentos humanos.

Permitti, Senhores, que neste logar eminente, no seio d'esta academia, perante a sabia corporação docente da Universidade, e tendo de me dirigir principalmente á mocidade academica, a quem devem servir de ensinamento e incentivo os nossos actos, permitti, Senhores, que eu engeite os falsos europeis da eloquencia convencional, e afaste do meu discurso os variegados coloridos da rhetorica banal, já envelhecidos e gastos nos panegyricos encommendados, officiaes e officiosos.

A verdade para se apresentar em publico não precisa dos artificios da palavra: os tropos e as figuras, a parabola e as allegorias não podem ser hoje a linguagem da moral e do direito, e muito menos servir de meio transmissor ás affirmações scientificas.

Não é só o vulto majestoso do grande Luiz de Camões, por tanto tempo esquecido, e levantado agora nos braços da posteridade, que se ergue deante de nós, para pedir-nos a reparação de uma repugnante injustiça, a emenda, embora tardia, de uma enorme ingratidão; se bem que a responsabilidade de tão nefando esquecimento não pesa sobre a geração liberal, que apenas vive neste paiz ha meio seculo; mas sim vai inteira ao absolutismo, que tão mal paga a quem o serve, se não é que de ordinario agrilhoa o braço que o defende, corta as mãos que o protegem, e sacrifica as vidas d'aquelles que tiveram a fraqueza ou a loucura de se lhe enfeudar.

*

Não é sómente o immortal poema dos LUSIADAS que nos reune aqui, para mais uma vez admirar e applaudir as maravilhosas producções do genio, em sua mysteriosa alliança da sciencia com a arte, do sentimento com a intelligencia.

Tambem não é a vaidade e o orgulho nacional, que, estimulados pelo egoismo patriotico, recorrendo ao passado por não terem de que valer-se no presente e talvez sem esperanças no futuro, nos impellem e determinam a fazer esta solemne commemoração, que ao mesmo tempo deveria significar e traduzir uma saudade e uma esperança, um protesto energico e uma affirmação irrespondivel; mas que talvez não passe de um remorso pungentissimo e de uma expiação inevitavel.

Seja como for. Aqui é principalmente o grande livro da historia, que se abre para nos mostrar aquella pagina gloriosa, onde a poderosa e invencivel mão do destino, ou antes a lei evolutiva da humanidade que relaciona e coordena os factos da vida social, do mesmo modo que relaciona e coordena os phenomenos em toda a natureza, traçou a phase mais brilhante e fecunda da existencia de um povo illustre, que, soltando-se das cadeias do feudalismo, ao declinar da edade media, surge desde logo animado do espirito de liberdade e independencia, cheio de nobre coragem e sublime de abnegação, para se lançar intrepido no caminho dos mais aventurosos e uteis commettimentos e das mais alterosas empresas civilisadoras, que preparam e inauguram auspiciosamente os modernos tempos.

Não é a epopêa nacional no sentido sentimental e poetico da palavra; é a historia real e positiva de um povo, que, tendo nascido pequeno e humilde no extremo occidente da peninsula Iberica, em um momento cresce e se altea, e desenvolve e alarga por cima de todos os mares por diversas e afastadas regiões em vastos continentes, mares nunca d'antes navegados, e alguns inteiramente desconhecidos. É a historia de um pequeno povo, que se distingue notavelmente e sobresahe na lucta civilisadora por entre as grandes potencias e afamadas nações da Europa, que, tendo-o visto infante

no berço sendo ellas já adultas, chegaram, poucos annos depois, não diremos a temel-o, mas sem duvida a respeital-o como gigante no esforço e na ousadia lutador indomavel.

III

A renascença, como phase da evolução progressiva da humanidade, talvez a mais fecunda e a mais brilhante, não foi a restauração do passado: consideral-a tal seria mais do que amesquinhal-a, seria desconhecel-a. Foi uma nova creação intellectual e artistica, um novo *fiat lux* pronunciado não pelos deuses, mas por alguns homens de genio, que, penetrando no seio da natureza, produziram um novo mundo, o mundo da intelligencia e do trabalho, o mundo da sciencia e da industria, estes dois grandes e poderosos factores da civilisação.

Os creadores d'este novo mundo, no qual não ha peccado original a expiar nem castigo eterno a redimir, foram Guttemberg, Galileu, Colombo, Vasco da Gama e outros «em quem poder não teve a morte.»

As felizes descobertas d'estes bemfeitores da humanidade, d'estes creadores da moderna civilisação, têm tido, ha tres seculos, uma influencia decisiva no progressivo desenvolvimento da navegação, das industrias, das sciencias, das artes, do commercio, das relações e da prosperidade do genero humano, e, por isso, no destino dos povos.

É ao periodo inicial d'este grande movimento, d'esta profunda e enormissima revolução social, que se referem — os LUSIADAS, ao qual indissoluvel e perpetuamente persistirá ligado o nome glorioso do immortal CAMÕES.

D'aqui facilmente poderemos concluir quanto elle vale e quanto elle merece em respeito e gratidão á posteridade.

A critica litteraria e a noticia bibliographica das obras do poeta,

assumpto este que mais se approxima dos estudos que nos propomos fazer aqui, bem poderia ser escolhido para argumento do nosso discurso. Não lhe faltaria interesse para a curiosidade dos eruditos, e seria materia por egual instructiva e aprazivel, principalmente relacionando-a com o estado mental do XVI seculo e com a litteratura contemporanea de LUIZ DE CAMÕES.

Poderiamos tambem estudar a sociedade portugueza do seu tempo; os seus elementos organicos, as suas energias e influencias creadoras, a sua physionomia politica e character moral, a sua feição artistica, o seu ideal esthetico, avultando bem em relevo no centro d'este quadro a figura majestosa e radiante do immortal poeta, para dardejar luz e derramar coloridos onde as sombras fossem pesadamente carregadas e os traços excessivamente escuros, relacionando os factos da sua vida particular com as condições e circumstancias do meio em que ella se produziu e manifestou, e partindo d'ahi para as complexas e variadissimas investigações historicas e apreciações criticas dos phenomenos que traduzem as condições, das quaes depende o estado normal e pathologico de uma sociedade em certa e determinada epocha da sua existencia.

Tambem poderiamos fazer a exposição e o exame das circumstancias, ainda hoje mal definidas ou antes em parte ignoradas e em parte pervertidas, do seu nascimento, da sua educação e character moral, dos seus feitos militares e das suas aventuras amorosas, das varias situações, emfim, nas quaes se nos apresenta — homem, poeta, soldado, funccionario publico, as suas virtudes e os seus defeitos, as suas alegrias e as suas dores, os dias de prosperidade e os annos de desventura, que formam o variegado tecido da vida de um homem, que por haver sido um talento peregrino e um genio privilegiado, não deixa de ser um homem, sujeito ás contradictorias e mais ou menos caprichosas influencias, a que, por natureza, está sujeita a fragil individualidade humana.

Tudo isto, em que muito se tem phantasiado, em que abundam os exaggeros e os equivocos, as hypotheses gratuitas, os anachro-

nismos inexplicaveis, onde não faltam a lisonja para mentir e a calumnia para deturpar, tudo isto daria margem a importantissimas averiguações e preciosas descobertas.

E digam o que disserem aquelles que vão esquadrinhar baldas e defeitos na vida particular do poeta, mesmo na quadra em que a vida é, por seu natural pendor, descuidosa, folgazã, falha de escrupulos, despreoccupada de responsabilidades, — LUIZ DE CAMÕES, na qualidade de homem, sabio e poeta, foi muito superior ao seu tempo; destaca, eleva-se entre os seus contemporaneos em superioridades de merito e virtude, raras ainda hoje, rarissimas e quasi inconceviveis então.

No seu tempo bem poucos teriam o sentimento e a idêa de merito e virtude, nem de taes predicados se fazia apreço; e se, por ventura, alguem ousava manifestar meritos e virtudes singulares, o meio fanatico e devasso d'aquelle tempo não o tolerava, repellia-o, e o mundo official, pelo menos, engeitava-o como leproso, quando o não perseguia e atormentava como dissidente e rebelde. Na côrte de D. João III e de D. Sebastião ser virtuoso era ser beato; para ter merito bastava ser hypocrita e adulador; por isso mesmo que a perversão do sentimento religioso, o servilismo hypocrita e a adulação astuciosa eram as mais recommendaveis e recommendadas virtudes theologaes, com que, em nome de Jesus, uma poderosa influencia occulta aspergia as consciencias do povo, dominava o poder absoluto do rei, e dirigia a auctoridade indiscutivel do seu governo, mettia em Portugal a Inquisição, e agrilhoava a imprensa ao Index expurgatorio.

E agora se nos apresenta um novo ponto de vista, que, se não é o mais vulgar e o mais agradavel, por certo que seria o mais justo e moralisador.

Não basta que Portugal se recline vaidoso á sombra dos laureis immarcessiveis das suas passadas glorias. Se tem muito de que possa com razão orgulhar-se, tambem lhe não falta muito de que deva arrepender-se; se teve muitas virtudes que o ennobrecem, tambem teve e tem muitos vicios e crimes que o deshonram; se

lhe não escasseiam exemplos para imitar, tambem lhe sobejam erros para corrigir, enormissimas faltas que reparar.

É preciso, para occupar dignamente um logar honroso na historia, que este povo, cuja origem genealogica foi grande e nobre, d'essa nobreza que vem do trabalho productor, cuja continuidade historica é das melhor definidas e nobremente aparentadas, cuja transmissão hereditaria é das mais opulentas, reassuma a sua funcção characteristica interrompida ha perto de tres seculos, e entre de novo como factor energico na evolução progressiva da humanidade, e se aliste nas legiões da ordem e do progresso, não como reserva ou veterano aposentado, mas como soldado activo e de primeira linha nas famosas campanhas da civilisação, ao grito de liberdade levantado pela sciencia e pela industria do nosso seculo, sob a sua direcção e debaixo do seu commando.

Ora, se confrontarmos o alevantado posto e o esplendor a que nos sublimaram as navegações e as descobertas dos seculos XV e XVI com a decadencia e humilde posição, para não dizer quasi total ruina, em que nos debatemos hoje, tremenda deverá ser a liquidação das responsabilidades, que não faltam na historia e abundam no presente auctores e cumplices de tão horrendo crime, não direi para ser severamente punidos mas imparcialmente julgados.

Facil, porém, seria, me parece, convencer-vos de que nenhum d'estes assumptos poderia servir de argumento ao meu discurso, feito neste logar e em nome da Universidade a que pertenço.

A orbita d'esta academia assenta nos dominios da sciencia; sahir ou afastar-se do que lhe é proprio e congruente valeria o mesmo que reduzir a sua força moral e amesquinhar e enfraquecer a sua auctoridade scientifica.

É esta a principal razão por que escolhemos para thema do nosso discurso o seguinte argumento: *Camões historiador. Os Lusiadas e a moderna sciencia historica.*

IV

A continuidade historica e a transmissão hereditaria dos conhecimentos adquiridos por umas e outras gerações são, scientificamente, os dois characteres, os dois attributos qualificativos das sociedades humanas, e o mais rico e valioso thesouro da humanidade.

O ensino, em seus variados processos, é o meio; a poesia uma das suas mais antigas e sublimes fórmas.

A poesia ensina sob a fórma do bello; e o bello, no dizer de Platão, «é o esplendor da verdade.»

Servem de orgãos transmissores ao ensino a palavra e a escriptura, da qual a imprensa é, de quantos se conhecem, o mais completo e aperfeiçoado apparelho.

Os elementos, os factores de toda a civilisação foram e hão de ser sempre a *sciencia* que investiga, descobre e formúla as leis da natureza, e a *industria,* que, segundo essas leis, utilisa, transforma e modifica, e, em alguns casos, provoca, combina e altera os productos e os phenomenos naturaes; e ambas, não raras vezes, conseguem dirigir, neste ou naquelle sentido, com mais energica ou frouxa actividade, o seu fatal movimento evolutivo, subordinando-o aquella ás suas concepções especulativas, e esta aos seus esforços e applicações practicas; uma prevê as futuras necessidades, a outra provê a sua satisfação.

Nos dominios da sciencia tem um elevado pedestal a poesia, e quando esta se transforma em arte, não lhe é extranho o vasto campo das industrias.

As descobertas das sciencias, as conquistas da industria sobre a natureza, que formam a materia do ensino do genero humano, e reunem os conhecimentos que devem ser transmittidos através dos seculos de geração a geração indefinidamente, segundo a lei

da continuidade historica, são tambem o objecto mais digno e mais elevado da poesia.

Cantando em todos os tons, tomando todas as fórmas, subindo ou descendo na variadissima escala de todos os accentos, ella corre do espirito graciosa, nobre, terrivel: á maneira do brando regato, do rio caudaloso ou da torrente devastadora, leva ao seio das populações, segundo o seu character, a fertilidade, a abundancia, a alegria, ou a desolação e a morte. É a *egloga* do Cysne de Mantua fazendo amar os campos e honrando a agricultura; é a *Iliada* alevantando a alma pelos altos feitos dos heroes; é a *Marselhesa* inspirando aos povos o enthusiastico e fervido amor da liberdade, amor irresistivel, tentador, que nos fascina e arrasta e por fim ha de levar para as serenas e encantadoras regiões da democracia, onde a egualdade habita, e a fraternidade rege as consciencias e domina os corações.

E assim como ha entre todos os sons e harmonias, que formam o concerto da natureza, uma voz, uma harmonia, que se eleva acima de todas — a voz humana, o som das grandes almas — a poesia —, ha tambem entre todos os generos de poesia um que sobreleva — é o poema epico, é o canto da historia.

O poema epico é o producto d'essa arte maravilhosa, que se não limita a expor friamente os grandes acontecimentos do passado, mas que os pinta com suas vivas e seductoras cores, que nos seus magicos e attrahentes quadros não só conta, mas tambem inventa e cria com tanta independencia, com tanta liberdade, que o desconhecido não é barreira que as suas impetuosas aspirações não transponham, o impossivel cadeia que os seus vulcanicos impulsos não despedacem, o infinito montanha que os seus titanicos esforços não levantem e façam desabar.

A poesia, que é a primeira manifestação do espirito humano, é tambem a primeira fonte da historia. Não é anterior ao homem, mas sem duvida nasceu com a humanidade.

Os poetas foram tambem os primeiros orgãos do pensamento humano.

Todos os povos vão buscar noticias da sua origem a esses cantos heroicos, a esses hymnos religiosos, a esses idyllios de amor, sobre os quaes a sciencia tem assentado as suas bases provisorias, os primeiros lineamentos das suas construcções hypotheticas.

Todas as edades, todas as civilisações, todas as raças e todos os povos tiveram o seu cantor, o pregoeiro immortal dos seus heroicos feitos, das suas glorias, das suas maiores alegrias e das suas mais pungentes dores.

Teve a Grecia o grande Homero; ou elle fosse uma individualidade real ou uma creação legendaria, a Odyssea, unico monumento que nos resta da sua existencia, é uma realidade historica. É a epopêa nacional da civilisação hellenica, erguendo-se, como eloquente brado, como tuba clamorosa por entre as pequenas republicas e as florescentes cidades artisticas e militares d'esta pequena parte, na extrema ponta meridional da Europa.

Roma teve o seu Virgilio, o qual, relacionando os grandiosos factos e os poderosos elementos civilisadores da Grecia antiga com os primordios e progressivo desenvolvimento da civilisação romana, traça o quadro quasi completo da civilisação greco-latina; e convidando os povos da Italia a depôr as armas, já embotadas em tantas guerras e conquistas, e a deitar mão da charrua, canta os trabalhos, as doces e brandas alegrias da vida campestre e os beneficios da agricultura; e, cantando, ensina as sciencias e as artes agronomicas.

A civilisação catholico-feudal, e, podemos dizer, em geral, a edade media teve os seus bardos e trovadores, e como que se vê representada em Dante, que sem duvida foi a sua mais completa e brilhante personificação.

Como perfumes e irradiações variegadas que se desprendem do calix de uma flor que desabrocha com os primeiros beijos da aurora, como influencias suavissimas e inebriantes, como producto da sensibilidade esthetica e da intelligencia renovadas ao calor dos grandes sentimentos e á luz das novas concepções, despontam, erguem-se, elevam-se do seio da renascença, genios peregrinos taes como

Ariosto e Petrarca; e é tambem trazido nesta onda e involvido nestas promettedoras alvoradas que desponta, e cresce, e abre, e fecunda, e produz o extraordinario ingenho do nosso immortal CAMÕES.

V

Todos os grandes genios poeticos da antiguidade e dos modernos tempos, diz A. Comte, se mostram intimamente familiarisados com as mais eminentes concepções contemporaneas e ao nivel geral dos conhecimentos humanos correspondentes; todos revelam em suas producções que o seu espirito se temperou e imbuíu nas sciencias e na philosophia do seu tempo.

CAMÕES não só se mostra versado nas sciencias, na litteratura e na philosophia do seu tempo, mas parece haver tido a intuição dos progressos ulteriores, e como que haver presentido o que a sciencia historica havia de vir a ser nos nossos dias.

CAMÕES, poeta de primeira plana, é sobre tudo um sabio historiador, e os LUSIADAS uma soberba construcção historica, levantada sobre as melhores bases scientificas, e architectada não segundo os mais aperfeiçoados processos usados no seu tempo, mas, o que mais deve admirar-nos, segundo os processos mais aperfeiçoados em nossos dias.

Se do poeta se deve, com as palavras do poeta, dizer que elle foi

«... um novo ingenho ardente;»

do livro se póde bem affirmar que é

«... a historia de um povo
«cantada n'um canto novo
«qual ninguem cantou assim.»

D'esse povo, que é o povo portuguez, diremos sem orgulho nem vaidade:

Um povo, uma nação que produz e educa no seu seio individualidades poderosas como Vasco da Gama e Luiz de Camões, Garrett e Alexandre Herculano, que possue um poema epico, que não só rivalisa com os melhores modelos da antiguidade e dos modernos tempos, mas sem duvida os excede no valor scientifico e talvez em bellezas e primores de arte, a nação a quem ennobrecem tantos e tão gloriosos e humanitarios feitos civilisadores, tal e tão poderosa nação não póde nem deve morrer.

A violencia da conquista ou a astucia deplomatica poderá riscal-a temporariamente do quadro politico do mundo, mas não poderão ambas, mesmo reunidas, arrancal-a ao coração da humanidade, a quem apaixonadamente amou e por vezes honradamente e desinteressadamente serviu, nem derribar-lhe o elevado pedestal que de direito lhe pertence na Historia, que a justiça e a gratidão lhe ergueram e sublimaram, feito do ouro da gloria fundido ao calor da liberdade.

.....

.....

Seguia-se agora naturalmente apresentar-vos a parte comprovativa das minhas affirmações, como que a sua verificação experimental, a sua sancção positiva; mas este trabalho, por sua indole concreto e analytico, demanda algumas horas, e, além de ser extenso, é em grande parte fastidioso. Ainda que eu lograsse merecer a vossa benevolencia, receio todavia fatigar a vossa attenção; e, por isso, suspendo aqui a leitura do meu discurso, do qual opportunamente e pela imprensa vos darei cabal conhecimento.

Permitti, porém, Senhores, que eu não desça d'esta elevada tribuna, tão elevada, que a não conheço mais nobre, mais livre, mais independente, d'esta tribuna sagrada não pelo poder do papa em nome de Deus, mas pelo genio do homem em nome da sciencia,

permitti-me, Senhores, que eu não desça d'esta tribuna, sem que repita, neste logar eminente e nesta occasião solemnissima, o que em 20 de setembro de 1877 affirmava, quando um grupo numeroso de cidadãos, em nome da imprensa, prestavamos, na egreja dos Congregados da cidade do Porto, homenagem de saudade e gratidão á memoria do sabio e benemerito cidadão Alexandre Herculano.

Depois de haver feito plena justiça aos meritos e ás virtudes do mais illustre portuguez contemporaneo, concluí dizendo: «Se nos «movimentos da Europa convulsa alguem se lembrar de absorver «a nossa nacionalidade, levantemos nas nossas fronteiras, como «fortaleza inexpugnavel, os *Lusiadas* de LUIZ DE CAMÕES e a «*Historia de Portugal* de ALEXANDRE HERCULANO, titulos incon- «troversos e gloriosos para fazer valer, ante as grandes potencias «do mundo, a legitimidade da nossa independencia e o inconcusso «direito á nossa autonomia.»

E agora, mocidade academica, e agora, povo portuguez, para que esse terrivel e angustioso lance não chegue, para conjurar a tempestade que de todos os lados se annuncía, protestemos caminhar, guiados pelo astro fulgurante da sciencia, levando no coração os intimos affectos da patria e o amor da liberdade, na consciencia o dever, e no braço a divisa honrosa dos que trabalham; e trabalhemos.

Corramos, assim armados, á lucta da civilisação contra o obscurantismo. Corramos a essa lucta, onde se não usam as armas que matam, mas sim as armas que vivificam, onde não ha o esforço que destroe, mas a actividade que produz; onde se não ouve o tinir da espada e o estrondo atroador da artilheria, mas o compassado gemer da charrua que fertilisa os campos, o rumor solemne, o bulicio attrahente dos congressos scientificos, a agitação nervosa das officinas e o arfar sibilante das machinas da industria.

Vamos, levemos na nossa frente a locomotiva triumphadora do tempo e do espaço, o telegrapho electrico, que em poucos minutos percorre todos os parallelos e todos os meridianos do globo,

o telephone, que dá ás ondulações sonoras da palavra humana a extensão de dois hemispherios, o diametro da terra.

Tomemos por inimigos, não os homens que todos somos irmãos, mas a ignorancia, que em nós destroe as prerogativas da humanidade; derribemos com os dardos penetrantes da sciencia este novo Adamastor da reacção, que, em nome da fé e de mysteriosas crenças, não desiste do proposito de nos fazer ignorantes para nos manter na escravidão.

Disse.

A LUIZ DE CAMÕES

Tu, que do Povo heroe, do Lusitano,
Altas acções cantaste sonoroso;
D'Ignez o caso triste e lacrimoso,
Dom Pedro vingativo, e o Pae tyranno:

Tu, que as íras crueis do grão Thebano,
E o Adamastor cantaste pavoroso;
De Venus linda o reino deleitoso,
E aos Nautas do porvir rasgado o arcano:

Tu, que no extremo arranco amargurado,
Da patria, patria ingrata, gemebundo,
Carpiste a sujeição, choraste o fado:

Camões, grande Camões, genio profundo,
Nobre cantor do Gama sublimado,
És de Lysia o brazão, pasmo do mundo.

FRANCISCO DE CASTRO FREIRE.

A LEITURA DOS LUSIADAS

Do moço rei defronte, esbelto e cavalleiro
Camões recita, a côrte attenta e silenciosa
Ante a rubra explosão do cantico guerreiro
Admira essa Epopêa enorme e prodigiosa.

«... Ruge a electrica voz do Adamastor furiosa,
«Nas amuradas canta o alegre marinheiro,
«Do Oceano á flor scintilla a esteira luminosa
«Dos pesados galeões do Gama aventureiro.

«Terra! grita o gageiro; á praia melindana
«Desce douda e febril a gente lusitana,
«Desfraldam-se os pendões ao claro céo do Oriente...»

Da gloria ante o esplendor o olhar de el-rei fulgura...
O Camara no emtanto — alma sombria e escura —
Da sala a um canto escuta, e ri felinamente.

GONÇALVES CRESPO.

UM VERSO DE CAMÕES

Juncto ao berço de vida palpitante
Ha pouco ainda, e inanimado agora,
Pobre Mãe! pobre martyr, ella chora
O deserto do ninho murmurante.

A sua ingenua e immaculada aurora
Durou, como a das rosas, — um instante,
E, sorrindo, evolou-se, bem distante,
Aos paizes da Luz consoladora.

Os raios virginaes da lua nova
Cingem-lhe a humilde e pequenina cova
Da sua doce auréola mais triste,

Emquanto a Mãe, as lagrimas chorando
D'uma dor infinita, vai scismando:
Alma minha gentil que te partiste...

Lisboa, 1880, maio.

JOAQUIM D'ARAUJO.

CAMÕES

Camões, comparado
Aos mais escriptores,
Nem entre os maiores
Foi nunca igualado.

Qual d'elles deu brado
Com tantos primores,
Taes fructos e flores
D'um genio inspirado?

Com graças tão finas?
Sciencia tamanha?
(Estrophes divinas!)

Qual d'elles lhe ganha?
— Os mais — são collinas
Elle — é a montanha!

Lisboa, maio, 79. JOÃO DE DEUS.

ÉPITRE [1]

I

O mon bon Teixeira, ta bienveillante Épître,
A ton fidèle ami si chère à plus d'un titre,
M'invite à célébrer par de modestes vers
L'Homère portugais qui remplit l'univers
De ses chants immortels, dont le rare génie
Dispute encor la palme au chantre d'Ausonie.
Pauvre vieillard, courbé sous le lourd poids des ans,
Oserai-je essayer de mes doigts froids, tremblants,
De tirer quelques sons de ma poudreuse lyre,
De me laisser bercer par un charmant délire?
La Muse qui jadis visitait mon sommeil,
M'offrait ses rêves d'or jusques à mon réveil,
Me couvrait de baisers, me cachait sous son aile,
M'a quitté pour toujours; l'ingrate, l'infidèle!
Mais mes vers dussent-ils t'inspirer la pitié,
N'importe, j'obéis aux vœux de l'amitié.
Car mon cœur est ardent, et, malgré la vieillesse,
J'y sens se rallumer le feu de la jeunesse.
Je veux, je veux encor chanter comme autrefois,
A vos joyeux concerts mêler ma faible voix;
Ton désir est un ordre; et c'est ma seule excuse.
Ton nom, qui m'est si cher, me tiendra lieu de Muse;
Et de votre Institut, critiques indulgents,
Peut-être tes amis souriront à mes chants.

---

1 Épitre à mon excellent ami Mr. Antonio de Assis Teixeira de Magalhães, Professeur de Droit à l'Université de Coïmbre, à l'occasion du troisième centenaire de la mort de Camoëns.

II

J'aime d'un tendre amour, belle Lusitanie,
Tes lettrés, tes savants, tes hommes de génie;
J'aime ton ciel d'azur où le brillant soleil
Lance ses flèches d'or à l'horizon vermeil;
J'aime ta langue douce et pleine d'harmonie,
Et de mots usités dans mon Occitanie,
Le lieu de mon berceau; j'aime à voir sur les mers
Tes fiers navigateurs, fendant les flots amers,
Intrépides, doublant l'affreux Cap des Tempêtes,
Au-devant des périls courant comme à des fêtes;
Au fond de l'Orient, au pays de Brama,
Ton sublime héros, le valeureux Gama
Au sceptre portugais soumettant des empires,
Sillonnant l'Océan de tes nombreux navires,
Des Maures dispersant les épais bataillons,
Et plantant en tous lieux tes hardis pavillons;
Mais pour moi ses hauts faits brillent de plus de gloire,
Rehaussent à mes yeux le prix de la victoire,
Quand je vois par la main de l'illustre vainqueur
Planter au sol conquis la croix du Rédempteur.

III

Aux heures de loisir, dans mon cher presbytère,
Du désert de ma vie oasis solitaire,
Je feuillette joyeux, de leurs beautés épris,
Des poëtes aimés les immortels écrits;

Tantôt c'est l'Énéide, et tantôt l'Iliade:
Souvent, ó Camoëns, je prends ta Lusiade,
Et je parcours, ravi, tous les lieux enchanteurs
Que ton pinceau revêt de si riches couleurs.
Je relis tes beaux vers, si doux, si pleins de charmes;
L'affreuse mort d'Inez remplit mes yeux de larmes;
J'admire Adamastor, j'admire tes guerriers
Sur un sol inconnu moissonnant des lauriers.
Oui, tout en toi me plait, augmente mon estime,
Tes vers, ton caractère et ton cœur magnanime.
Je t'admire et luttant et disputant aux flots
Ton poëme, le fruit de vingt ans de travaux.
Je pleure quand je pense à ton malheureux sort,
Aux tourments de ta vie, aux horreurs de ta mort.
Toi, digne rejeton d'une si noble race,
Exilé par l'envie, en proie à la disgrâce,
Dans ton propre pays, privé de tout secours,
Sur un pauvre grabat tu finis tes vieux jours:
Le destin te refuse, ó comble de misère!
Pour tes restes mortels l'aumône d'un suaire.
Un seul ami te reste, enfant de l'Orient,
Allant de porte en porte, et la nuit mendiant
Quelques morceaux de pain, seul soutien de la vie
Du plus grand des enfants de la Lusitanie.
Mais la haine et la faim, les rigueurs de l'exil,
Non, rien ne peut briser ton courage viril,
T'avilir, t'abaisser, éteindre dans ton âme
Des nobles sentiments la généreuse flamme:
L'aquilon dont le souffle incline le roseau
N'ébranle point le chêne et le robuste ormeau...
Quittons ces souvenirs si remplis de tristesse;
Que ton ombre aujourd'hui tressaille d'allégresse,
Poëte infortuné; vois tous ces Portugais
Accourir radieux dans le riche palais

Pour couronner ton front, par des hymnes de gloire
Exalter ton génie et chanter ta victoire.
En dépit de l'envie, en dépit du destin
Ton nom reste gravé sur le marbre et l'airain...

IV

Ami, tu l'as voulu; pour ne pas te déplaire,
De ma lyre muette essuyant la poussière,
J'ai tiré quelques sons: s'ils sont trop discordants,
Teixeira, pour toi seul garde ces humbles chants.
Oh! qu'il m'eût été doux d'assister à vos fêtes,
D'entendre les beaux vers de vos charmants poëtes!
Le ciel n'a pas voulu m'accorder ce bonheur;
Mais je suis avec vous et d'esprit et de cœur.

Domazan, le 1.er juin 1880.

L'ABBÉ TH. BLANC.

Curé de Domazan, Membre Titulaire de l'Académie de Nimes
et Associé Correspondant de l'Institut de Coimbre.

STANZAS TO A LADY

WITH THE POEMS OF CAMÕES

This votive pledge of fond esteem
Perhaps, dear girl! for me thou 'lt prize
It sings of Love's enchanting dream,
A theme we never can despise.

Who blames it but the envious fool,
The old and disappointed maid;
Or pupil of the prudish school
In single sorrow doomed to fade?

Then read, dear girl! with feeling read,
For thou wilt ne'er be one of those;
To thee in vain I shall not plead
In pity for the poet's woes.

He was in sooth a genuine bard;
His was no faint, fictitious flame:
Like his, may love be thy reward,
But not thy hapless fate the same.

(HOURS OF IDLENESS) BYRON.

A UMA SENHORA

POR OCCASIÃO DE LHE OFFERECER AS OBRAS DE CAMÕES

Este penhor de uma affeição perenne
Das minhas mãos acceitarás talvez;
Merece-o, ó bella! canta o amor, bem vês...
Quem ha no mundo que o amor condemne?

Só se a donzella que ficou p'ra tia,
Ou algum tolo máo que a inveja moe,
Ou beata que em rezas leva o dia
E a quem a solidão consume e roe.

Lê, pois, meu doce bem! lê commovida,
Que tu nunca serás quaes elles são!
E por Camões, por sua triste vida,
Dó... piedade... não te peço em vão!

Foi poeta da inspiração mais pura
E foi seu premio cá na terra o amor...
Ah! sê, como elle, amada, linda flor!
Mas não egual a elle em desventura.

(HORAS VAGAS) ALBERTO TELLES.

L'HOMME DANS CAMOENS

En ce moment, le nom de Camoëns retentit dans l'univers entier: le monde des lettres est en fête, et chacun se réjouit des honneurs rendus à ce génie sublime, en qui s'est le mieux incarnée la gloire du peuple privilégié qui porta si fièrement, à l'avant-garde de l'Europe, la bannière de la civilisation.

Cependant, malgré cet enthousiasme, si légitime, si universel, Camoëns, il faut bien le reconnaître, n'est encore, surtout à l'étranger, qu'imparfaitement connu.

Beaucoup, en effet, le nomment, avec raison, l'Homère et le Virgile du Portugal; beaucoup saluent en lui l'un des premiers parmi les créateurs de l'épopée moderne; beaucoup applaudissent aux vers mélodieux du chantre de Gama, de Inez, d'Adamastor; mais, par une injustice criante, que fera cesser l'éclatante réparation des jours actuels, bien peu savent que dans l'auteur des *Lusiades* il y a un homme, et dans cet homme un noble caractère, une belle âme et un grand cœur.

S'il est vrai, comme le dit Vauvenargues, que «les grandes pensées viennent du cœur», on ne saurait s'étonner des «grandes pensées» de Camoëns, car nul homme au monde n'eut plus que lui un cœur sensible et bon, un cœur haut placé, un cœur noblement généreux.

Ce grand cœur fut l'asile inviolable de l'amour: ce mot «aimer» résume toute l'existence de Camoëns. Dans la jeunesse, il aima le beau sous toutes ses formes, surtout sous les traits enchanteurs de ces beautés parfaites, filles du Portugal, filles aussi de la Grèce, si nous croyons ce que raconte la légende sur l'arrivée lointaine d'Ulysse aux bords heureux du Tage, de cette Grèce, chérie des dieux, qui sut trouver dans son sein les types célestes de

Vénus, de Diane et de Junon ; dans l'âge mûr, il aima la gloire, cette gloire, noble et virile, qui guide l'épée du soldat sur le champ de bataille, le pinceau de l'artiste dans l'atelier solitaire, la plume du poète dans le palais des rois, comme dans l'humble mansarde ouverte par la charité ; toute la vie, enfin, il aima sa patrie, son cher Portugal, dont il a immortalisé le nom, les hauts-faits, les héros.

Que si l'on nous demande de prouver ce que nous avançons, combien les preuves ne seront-elles pas faciles à trouver ! Il n'est pas besoin, pour cela, de longues dissertations ; il suffit d'ouvrir au hazard les différents recueils des œuvres de Camoëns. Parcourez ses odes, ses sonnets, ses élégies, partout, dans les *Rimas* comme dans les *Lusiades,* vous verrez apparaître, en traits ineffaçables, à côté du poète inspiré, l'homme aimant, le patriote sincère, l'adversaire impitoyable du mal triomphant, l'amant passionné de la véritable gloire.

Écoutez ce chant d'amour, et dites si Pétrarque, en ses plus beaux sonnets, a rien fait qui surpasse ce chef-d'œuvre de grâce et d'exquise sensibilité :

Près d'un nid babillard qu'abrite un vert rameau,
La voix claire et l'œil vif, chante un petit oiseau.
Un chasseur, qui l'entend, s'en approche en silence ;
Sur le nerf de son arc met un trait et le lance.
Le trait part, l'oiseau tombe et, sanglant sur le seuil,
Meurt en tournant les yeux vers son doux nid en deuil.
Mon cœur, comme l'oiseau sur sa branche élevée,
Chantait ses rêves d'or, poétique couvée,
Quand vous l'avez atteint... Eh bien ! il vous bénit !
Prenez pitié, madame, et du cœur et du nid !

Quels accents, à la fois enthousiastes et émus, pour chanter les attraits de la Laure anonyme, Natercie ou toute autre, qui

prête le voile de son nom supposé à la beauté que Camoëns chérit, mais qu'il ne veut pas nommer:

Combien, pour la louer, les mots semblent vulgaires!
En disant «joli, beau», je ne dépeindrais guères
Cet éclat surhumain qui n'a d'égal qu'aux cieux.
Elle est parfum, lumière; elle éblouit les yeux,
Elle enivre le cœur, elle charme, elle entraîne...
Ah! combien il est doux de porter cette chaîne!

Comme il sait poétiser celle qu'il aime! Ce n'est point une femme, mais une divinité:

Sous une forme humaine en elle resplendit
Une beauté céleste, et tout bas on se dit,
En la voyant passer, rêveuse et solitaire,
Que les anges parfois ont visité la terre!

C'est en vain qu'un sombre pressentiment l'avertit qu'il doit souffrir par l'amour; il s'abandonne, les yeux fermés, à cette destinée qui, si elle a ses douleurs, a bien aussi ses charmes:

Le sort qui me poursuit dès le sein de ma mère,
Voulut que par l'Amour j'eusse une vie amère!
Sur ses piéges dorés et sur ses traits méchants
Ma nourrice savait de lamentables chants,
Et dans mon tendre esprit se gravaient, par ces strophes,
Des victimes du dieu les grandes catastrophes.
Aussi, quand au jeune-homme a fait place l'enfant,
Quand l'Amour m'a touché de son arc triomphant,
N'ai-je point fait effort pour fuir ma destinée!...

Cependant Camoëns avance dans la vie. Il ne dit point adieu à l'amour, car il ne pourrait vivre sans aimer. Il aime donc tou-

jours, mais son culte s'épure et s'élève : c'est maintenant l'amour de la gloire qui fait battre son cœur.

La gloire, cette inspiratrice des grandes actions, dont la main divine tresse des couronnes pour les grandes œuvres de l'intelligence et tend la palme du triomphe aux grandes vertus sorties victorieuses de la lutte, qui l'a mieux comprise que Camoëns? Qui l'a mieux fait briller, ce phare lumineux, aux regards des mortels résolus à braver les plus rudes épreuves, les obstacles les plus ardus, pour prendre place un jour au Temple de Mémoire! «Oui, tu es belle, s'écrie-t-il,

Mais, avant de saisir la palme que tu tends,
Ó Gloire, que de maux, de labeurs et de temps!
Ce n'est point sur le lit doré de l'opulence,
Où s'étire en bâillant la superbe indolence,
Ó Gloire, qu'on te voit prodiguer tes faveurs :
A d'autres le sommeil, les parfums et les fleurs!
Tu veux que tes amants bravent les longues veilles ;
Que, l'épée à la main, ils fassent des merveilles ;
Qu'ils soient, dans le danger, impassibles et forts ;
Que contre eux la tempête épuise ses efforts ;
Qu'ils aillent, en vainqueurs, de l'équateur au pôle ;
Qu'ils portent, comme Atlas, le ciel sur leur épaule ;
Qu'ils méprisent l'argent, et qu'un morceau de pain,
Un peu d'eau satisfasse et leur soif et leur faim!
Ó Gloire, tes héros verront d'un œil tranquille
S'agiter et l'intrigue et l'ambition vile ;
Et libres, le front haut, fiers de leur pauvreté,
D'un pas sûr ils iront à l'immortalité!

Dans les belles âmes, l'amour de la gloire est inséparable de l'amour de la patrie. Camoëns voudrait que la sienne fût heureuse, prospère, illustre entre toutes ; il voit avec désespoir la nef du

Portugal devenir le jouet des tempêtes, et le noble pavillon des saintes *Quinas,* si longtemps promené, en signe de royauté, sur les océans des deux hémisphères, réduit à s'enfermer dans les replis du Tage. Ah! comme il maudit les fils indignes de cette chère patrie, qui ont élevé sur ses ruines la coupable splendeur de leur maison! Mais c'est en vain que ces fils dénaturés espéreraient, au sein d'un repas honteux, jouir tranquillement de leurs biens mal acquis; lui, le pauvre poëte, sans fortune et sans crédit, sans appui à la cour, n'ayant d'autres armes que sa plume vengeresse, il ne craindra pas de démasquer les pervers, fussent-ils assis sur les marches du trône!

Des courtisans, gagés par d'ambitieux voisins, poussent-ils le Portugal à s'armer sans motifs suffisants, c'est-à-dire à courir à sa perte? La voix de Camoëns s'élève; en termes énergiques il défend la paix, mère de tant de biens, et condamne la guerre, source de tant de maux:

Le prince dans la paix ne peut-il être grand?
Funeste ambition qui fais le conquérant,
Bruit vain, trompeur, que l'homme appelle Renommée,
Gloire, chère aux guerriers, vous n'êtes que fumée!
Vous faites se dresser les périls sous nos pas:
Faire égorger nos fils, c'est jouer aux soldats;
Ravager la campagne, incendier les villes,
C'est d'un honteux repos, des actions serviles,
Des labeurs roturiers affecter le dédain!
Mais de pareils labeurs nous font manger du pain,
Tandis que ces «héros» qui dépeuplent la terre,
Ces «coupeurs de lauriers», ces «astres de la guerre»,
Ne sauraient faire naître un seul épi doré.
Allez! Le soc vaut mieux que le glaive acéré:
Par l'un la plaine est riche, et par l'autre elle est nue.
La guerre, en l'âge d'or, était-elle connue?

Quel prince, s'il ne veut avoir le sort d'Actéon, pourra, après avoir lu les vers qui suivent, s'abandonner à d'indignes favoris?

Le chasseur Actéon d'un cerf prend la figure:
C'est à qui de ses chiens lui fera sa blessure;
Il expire au milieu de leurs horribles cris.
Ó rois, vos chiens, à vous, s'appellent favoris!
A leur meute vorace et de sang altérée
C'est tous les jours qu'il faut la royale curée;
Vous les faites chasser pour vous; mais, un beau jour,
C'est vous qui devenez leur proie à votre tour!

Certes, le poëte ne se dissimule point quelles conséquences terribles doit entraîner pour lui cette lutte inégale contre le mal social. Un cœur moins vaillant en serait ébranlé, mais Camoëns est de ceux que peint Horace sous les traits de Caton: dût l'univers crouler, il ne pactisera point avec les méchants. Ah! s'écrie-t-il,

Ah! si j'avais voulu, dans mes vers complaisants,
Flatter les passions d'indignes courtisans,
Mettre un masque à l'orgueil, donner à la bassesse
Le langage et les traits de l'austère sagesse,
Célébrer l'égoïsme et les cœurs frelatés,
Je me verrais comblé d'or et de dignités;
On louerait mon esprit, mes talents, ma science...
Moi! Pour un prix pareil, forcer ma conscience
A trahir la vertu, la justice et l'honneur!
Vanter les scélérats qui cherchent leur bonheur
Dans le malheur public et, pour nourrir leurs vices,
D'ambitieux voisins se faisant les complices,
A beaux deniers comptants, nouveaux Judas, vendraient,
Sans rougir, leur pays à ceux qui les paieraient!
Non, jamais! Plutôt voir ma droite desséchée,
Mon corps à la torture et ma langue arrachée!

D'ailleurs, la Providence, en bonne et tendre mère, permet que le poëte trouve, dès cette vie, un asile sûr, contre les misères d'ici-bas, dans un monde meilleur qu'il crée, qu'il peuple et qu'il habite, loin, bien loin de la rage impuissante des méchants:

En nous s'agite un dieu qui nous prête sa flamme,
Et sur ses ailes d'or au ciel ravit notre âme.
Là l'espace et le temps déroulent à nos yeux
De leurs replis cachés les secrets merveilleux;
Là notre oreille s'ouvre au chant divin des sphères
Qui de l'Eternité racontent les mystères;
Là nous oublions l'homme et ses vils appétits:
Grands de la terre, alors, que vous êtes petits!

Puis le poëte n'est pas aussi désarmé qu'on pourrait le croire dans sa lutte contre les apôtres du mal; il peut, il doit combattre; et lors même qu'il succombe, il n'a pas soutenu un combat sans honneur, car, avant d'expirer, il a la joie de voir le monstre, qui s'acharne à sa perte, mortellement atteint. Luttons donc contre le mal, luttons jusqu'au dernier soupir; le prix sera proportionné à l'effort:

La palme est-elle acquise à qui se laisse abattre?
Il faut pour la vertu jusqu'à la mort combattre.
Ceux dont l'antiquité pieuse fit des dieux
Avaient de ses rayons ceint leur front radieux:
Ils allaient, égorgeant les monstres redoutables,
Nettoyant d'Augias les infectes étables;
De Procris, de Synnis nobles justiciers,
Ils livraient Diomède à ses propres coursiers.
Muse, poursuis cette œuvre: en ta main se balance
Un trait plus redouté que l'épée et la lance,
Le vers ailé, qui vole et va percer le cœur!
Vole donc, vers terrible, et du mal sois vainqueur!

Que conclure de ce qui précède? Que le rôle du poëte est élevé, autant qu'il est utile. Ils méritent donc l'admiration des peuples ces hommes de génie qui chantent les vertus et les belles actions; ils méritent la sympathie des héros, dont la gloire, sans eux, serait fragile et précaire; ils méritent la faveur des princes, dont ils rendent le règne à jamais mémorable:

Qu'il est doux d'obliger l'univers à l'estime,
A celui des héros d'unir son nom sublime,
De laisser dans l'Histoire un vivant souvenir,
A l'admiration de forcer l'avenir!
C'est aux nobles accents de la Muse héroïque
Que l'amour de la gloire aux cœurs se communique;
C'est elle sur l'airain qui grave les exploits;
C'est pour être chanté par sa divine voix
Qu'Achille immole Hector aux mânes de Patrocle!
Miltiade troublait les nuits de Thémistocle:
Thémistocle, jaloux d'atteindre à ce renom,
Fut grand, et Salamine égala Marathon!
Poëtes, le héros vit par votre génie:
Qui de nous connaîtrait l'époux de Lavinie
Sans Virgile et ses vers par Apollon dictés?
Les Scipions, César, ces guerriers redoutés,
Ouvraient aux doctes sœurs un cœur soumis et tendre;
Homère accompagnait en tous lieux Alexandre;
Quand par un feu vengeur Thèbes fut dévorée,
L'humble toit de Pindare au vainqueur fut sacré.
Aussi combien leur gloire est-elle jeune encore!
Ó mon pays, veux-tu sur ton sol voir éclore
Des princes, des guerriers, dignes de ces héros?
Souviens-toi d'honorer les Homères nouveaux!

Mais si les Homères ne sont pas honorés, si leurs contemporains, aveugles volontaires, refusent de voir l'auréole qui brille à leur

front; si, dans ce monde où le Juste est en butte à l'envie, à la calomnie, à la bassesse, ils ont une existence tourmentée, une vieillesse solitaire et triste; s'ils meurent dans un grenier ou dans une salle d'hôpital, ils ont le droit d'en appeler du présent à l'avenir, des préventions de leur temps au jugement de l'impartiale postérité.

C'est ce que fera Camoëns, dont la Muse relève ainsi le courage abattu: «Fouille, lui dit-elle,

Fouille des temps passés les brillantes annales;
Chante des Portugais les œuvres martiales,
Dieu guidant sur les flots les Dias, les Gama,
Et la croix surmontant les temples de Brahma;
Elève un monument digne de notre histoire;
Des enfants de Lusus éternise la gloire;
Souffle dans de beaux vers l'amour de la vertu;
Dis qu'on n'est point vainqueur sans avoir combattu!
Qu'au récit des exploits de nos aïeux, la honte
Au visage flétri de nos faux héros monte!
Et si, pour ce labeur, tu ne dois recevoir
Que dégoûts et mépris, il te reste l'espoir
Qu'un âge, en l'avenir, plus juste que cet âge,
Saura rendre à ton œuvre un éclatant hommage.
Va, ce n'est pas en vain que, meurtri, rebuté,
Le génie en appelle à la postérité!

Non, ce n'est pas en vain que Camoëns, expirant sur son Calvaire, en a appelé au jugement de l'avenir! J'en atteste son image d'airain qui, depuis quinze ans, se dresse, fière et majestueuse, sur une place de Lisbonne, la ville qu'il aima le plus après Coïmbre, sa patrie intellectuelle; j'en atteste ses œuvres qui out fait de lui le fils adoptif de tous les pays civilisés; j'en atteste cette fête pieuse, ce glorieux centenaire qui réunit tous les cœurs dans un même élan d'admiration pour cet immortel génie! Puisse à cette

grande ombre, à qui sont enfin rendus des honneurs dignes d'elle et de la nation portugaise, être donnée cette consolation suprême de voir bientôt renaître, sous les auspices d'un autre Emmanuel, cet âge d'or du Portugal, ce siècle fortuné, où les navigateurs s'appelaient Vasco da Gama, les capitaines João de Castro, les artistes Vasco Fernandes et les poëtes Luiz de Camoëns !

H. FAURE.

---

*

UM RETRATO DE CAMÕES AINDA NÃO DESCRIPTO

Têm concorrido as artes, nas suas manifestações diversas, para immortalisar o Cantor dos LUSIADAS; á gravura, porém, se deve o conhecimento particular das venerandas feições do poeta, vulgarisadas em milhares de effigies, com singular esplendor de sua gloria.

Conhecemos varios retratos, e alguns havemos colligido; um, todavia, nos contenta mais do que todos os outros, pela gratissima surpreza, que nos causou, ao encontral-o em obra extrangeira bem reputada.

Adquirimos um exemplar da *Histoire des météores et des grands phénomènes de la nature, par J. Rambosson, ancien rédacteur en chef de la* SCIENCE POUR TOUS, *ancien président de la classe des sciences de la societé des arts, sciences et belles-lettres de París.*

É não só um excellente e formoso livro, de grande merecimento intrinseco, mas um primoroso *specimen* da typographia dos irmãos Didot, filhos e companhia, de París, illustrado com noventa gravuras, e duas estampas chromolithographicas.

Tracta-se no capitulo XIII dos *Tufões,* comprehendendo-se no summario:

Tufões no mar das Indias. O genio das tempestades. Descripção scientifica dos Tufões. Logares onde se originam. Seu começo e fim. Sua extensão e violencia. Modificações que podem soffrer pelos obstaculos que encontram. Altura que podem attingir. Estações dos Tufões. Preciosas indicações dadas pelo barometro.

«É sobremaneira difficil, diz *J. Rambosson,* dobrar o Cabo da Boa Esperança, sem experimentar o poder terrivel dos Tufões; e á conta de tal difficuldade é que o denominaram os primeiros navegantes Cabo das Tormentas, e Camões consagrou este pro-

montorio elevado a Adamastor em sua allegoria soberba, de que é obrigado a recordar-se todo o viajante intelligente, ao chegar a estas paragens.»

Transcreve, traduzidas em prosa, as estancias do memoravel episodio do Canto v dos Lusiadas, e apresenta em frente o retrato do immortal Epico.

Mede este retrato $0^m,12$ de altura, e $0^m,09$ de largura, representando o poeta laureado, em trajo militar, na mão direita uma penna, e um livro na esquerda, apparecendo na parte superior da gravura, a um lado, o brasão de familia. Assigna-o

ASSON GUILLAUMIN ET CIE PARIS

E tem a seguinte inscripção:

CAMÖENS

D'après une gravure de son temps.

Já havia prestado o celebre Humboldt respeitosa homenagem ao grande poeta, como admiravel pintor da natureza, principalmente dos phenomenos maritimos.

Repetiu a homenagem J. Rambosson, illustrando a sua obra com a preciosa gravura, que descrevemos, e o conhecido episodio da famosa epopêa.

Dilata-se-nos suavemente o peito, sentimos um prazer intimo, ineffavel, ao vermos tributar estes solemnes testemunhos de veneração a tão peregrino engenho; folgamos de todo o coração ao vel-o celebrado e applaudido pelos mais conspicuos varões do mundo scientifico e litterario.

Associamo-nos, quanto somos e podemos, a este harmonioso concerto de louvores, ajudando com os debeis accentos de nossa voz o cantico universal.

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

O RETRATO DO JAU POR BALZAC

A sciencia muitas vezes, de entretida com a resolução dos grandes problemas, não explica phenomenos que a litteratura explora e descreve pela observação dos factos. Está neste caso o fanatismo da animalidade, em toda a sua bruteza, pelo ser intelligente e superior. É uma adoração, é um culto. E não se esclarece pelo enthusiasmo da admiração mais fervente, porque aquelle homem, aquelle animal que adora, não entende, não comprehende, não relaciona, não póde alcançar o que ha de sublime naquelle individuo que lhe é o Deus, que lhe é a vida, para quem são todos os seus cuidados, todos os momentos, todas as privações de ser obediente e de ser passivo, menos escravo pela lei do que pelo coração.

É o *Antonio,* é o *Jau* de Camões; aquelle que trabalhava, e soffria, e se humilhava e pedia para o *seu senhor,* havendo nesta phrase um reconhecimento de superioridade. O homem da natureza suppria as faltas da sociedade em posse de toda a civilisação. Esta, com as suas rivalidades, com as intrigas e com os despeitos, com o preconceito das classes e com a desegualdade dos direitos, com a facção das escholas e com o prestigio das mediocridades, commettia a injustiça, abandonava conscientemente, e alluía-se, desconjunctava-se, sem a noção de patria, esquecida da noção de liberdade e de independencia. O *Jau* era o protesto, sem poder para se impôr, sem força para se fazer ouvir, e até sem o instincto de que um futuro longe lhe escutaria a voz.

A falta de documentos historicos póde consentir largas á phantasia na characterisação do escravo e amigo do poeta. Póde a imaginação caprichar na amontoação de supposições, não se unificando uma idêa, não se reconstruindo um typo. Mas elle é e será o exem-

plar mais correcto da submissão inconsciente ao ser superior, do homem que não entende com a intelligencia mas comprehende pelo sentimento.

Balzac, que anatomisou toda a sociedade, desde a organisação caprichosa da duqueza de Langeais ao cynismo de Vautrin e á abnegação martyrisada de Goriot, viu na grande turba mundana a figura do *Jau,* em toda a sua personalidade, em toda a sua realidade. É a bondade bruta, incorruptivel, impolluta por entre as mil torpezas e os milhares de vicios. É o avernhez, o Bourgeat, o aguadeiro que desejaria que a noite não existisse para elle trabalhar sempre, incansavelmente, sem uma queixa, sem um abatimento, para que não faltassem regalos a Desplein, o estudante de medicina, o sabio em preparação.

O Jau vê-se na descripção de Balzac:

«Esse homem comprehendeu que eu tinha uma missão, e que as necessidades da minha intelligencia estavam adeante das suas. Occupava-se de mim..., e ás vezes vinha de mansinho ver-me trabalhar; tomou precauções maternaes para que eu substituisse o máo alimento, a que estava condemnado, por uma comida sã e abundante... O pobre homem volveu para mim todas as affeições; acolheu-me como um ser solitario e soffredor; tornou-se-me a mais desvelada mãe, o bemfeitor mais delicado, o ideal d'essa virtude que se compraz com a sua obra. Quando o encontrava na rua, lançava-me um olhar cheio de nobreza inconceptivel; fingia então que caminhava como se não levasse carreto, e parecia feliz por me ver de saude e bem enroupado. Era a dedicação do povo, o amor de uma costureira transportado para uma esphera elevada [1].»

É o retrato perfeito. — A dedicação do lebreu no homem por civilisar. É talvez uma phase de humanisação do espirito religioso. O ser insciente encontra na terra onde pôr os olhos da sua adoração.

SERGIO DE CASTRO.

---

[1] *A missa do atheu,* por H. Balzac.